GERALD L. POSNER e JOHN WARE

Com uma nova introdução de MICHAEL BERENBAUM



Mengele

A HISTÓRIA COMPLETA DO ANJO DA MORTE DE AUSCHWITZ

Cultrix

MENGELE

Gerald L. Posner e John Ware

MENGELE

A História Completa do Anjo da Morte de Auschwitz

Introdução de
Michael Berenbaum

Tradução
Mário Molina

Editora Cultrix
SÃO PAULO

Título do original: *Mengele – The Complete Story*.

Copyright © 1986 Gerald L. Posner e John Ware.

Publicado mediante acordo com Lorella Belli Literary Agency em conjunto com a coagente Villas-Boas & Moss Agência Literária.

Copyright da edição brasileira © 2019 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2019.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Assistente de produção editorial:
Editoração Eletrônica: Join Bureau
Revisão: Luciana Soares da Silva
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Posner, Gerald L.
Mengele: a história completa do anjo da morte de Auschwitz / Gerald L. Posner e John Ware; introdução de Michael Berenbaum; tradução Mario Molina. – São Paulo: Cultrix, 2019.

Título original: Mengele: the complete story.
ISBN 978-85-316-1494-1

1. Criminosos de guerra – Alemanha – Biografia 2. História 3. Medicos – Alemanha – Biografia 4. Mengele, Josef, 1911-1979 5. Nazismo. I. Ware, John. II. Berenbaum, Michael. III. Título.

19-24261 CDD-364.1 380924

Índices para catálogo sistemático:
1. Criminosos de guerra: Biografia 364.1 380924
Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

1ª Edição Digital 2019
eISBN: 978-85-316-1507-8

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade

pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000
http://www.editoracultrix.com.br
E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br
Foi feito o depósito legal.

Este livro é dedicado a todas as vítimas de Josef Mengele.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Agradecimentos

Prefácio

Capítulo 1. Os Anos de Formação

Capítulo 2. Auschwitz: Maio de 1943 – Janeiro de 1945

Capítulo 3. Detido e Solto

Capítulo 4. Fuga da Europa

Capítulo 5. Argentina: Calmaria Antes da Tempestade

Capítulo 6. Fuga para o Paraguai

Capítulo 7. Operação Mengele

Capítulo 8. Um Passo à Frente

Capítulo 9. O Homem na Torre de Vigia

Capítulo 10. “Nós Poderíamos Tê-lo Capturado”

Capítulo 11. Caçando Sombras

Capítulo 12. “Eu Vi Mengele”

Capítulo 13. “Ele Era um Homem Insuportável”

Capítulo 14. Cumprimentos de Longe

Capítulo 15. “Não Sabemos Onde Mengele Está”

Capítulo 16. “Pedro”, o Vizinho

Capítulo 17. “Agora Posso Morrer em Paz”

Capítulo 18. “Minha Vida Está no Fim”

Capítulo 19. “Mantenham Tudo em Segredo”

Capítulo 20. “Do Pó ao Pó”

Bibliografia

Caderno de fotos

Notas

INTRODUÇÃO

Quando, em 1985, chegou à imprensa americana a notícia de que o dr. Josef Mengele, “o anjo da morte de Auschwitz”, tinha morrido afogado em São Paulo, Brasil, em 1978, houve um grande sentimento de inquietação. Quem alguns meses atrás havia afirmado ter visto Mengele no Paraguai e na Argentina parecia ter perseguido apenas sombras. Os que haviam esperado outro julgamento como o de Eichmann ou um novo julgamento de Nuremberg com médicos nazistas sentiram que a chance de levar mais um culpado à justiça lhes escapara. Uma oportunidade de compreender o crime dos médicos, os médicos facilitadores do assassinato em massa, fora perdida. Muita gente comum experimentou na boca do estômago a sensação angustiante de que a justiça não tinha sido feita. Mengele viveu até o fim de seus dias, escapando de seus pretensos captores. Lembro-me de ter achado que, se Mengele morresse fora da prisão, seria mais justo que fosse de um câncer – prolongado, doloroso, vagaroso. Onde estava Deus? Por que uma morte tão rápida, por que tão indolor?

Mengele – A História Completa do Anjo da Morte de Auschwitz, de Gerald L. Posner e John Ware, é um acréscimo oportuno aos estudos sobre o Holocausto. Apresenta em grande detalhe a biografia de Josef Mengele, do nascimento à morte, e justapõe Mengele, o mito, a Mengele, o homem. Este livro nos traz uma visão de um dos mais infames colaboradores do Holocausto, uma figura de inesgotável fascínio para caçadores de nazistas e para o público em geral interessado em estudos sobre a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e a Alemanha Nazista.

Sem dúvida, Mengele não poderia ter estado em toda parte e feito tudo que lhe é atribuído. Mengele se tornou a personificação do oficial médico que presidia as *selektions*, processo de seleção que decidia quem devia morrer e quem devia

viver, com um aceno da mão, com um sacudir do cassetete. Rudolf Vrba, um dos pouquíssimos internos que conseguiram escapar de Auschwitz, descreveu essas *selektions* iniciais em Birkenau. Seu testemunho tem poesia, uma poesia brutal. Falando a Claude Lanzmann, ele disse:

> Havia um lugar chamado a rampa
> onde os trens com judeus iam chegando.
> Iam chegando dia e noite; às vezes
> um por dia, às vezes cinco por dia
> dos mais variados pontos do mundo.
> Trabalhei ali de 18 de agosto de 1942 a 7 de junho de 1943.
> Vi aqueles comboios rodando um após o outro
> e vi pelo menos 200 deles nessa situação.
> Vi tantas vezes que a coisa se tornou rotina.
> O desaparecimento de pessoas do centro da Europa era contínuo,
> e elas estavam chegando ao mesmo lugar com a mesma ignorância
> do transporte anterior.
> E as pessoas nessa massa…
> Eu sabia, é claro, que, daí a duas horas depois de terem chegado ali,
> 90% delas seriam mortas pelo gás…

Essas rampas eram administradas por médicos que podiam resolver de imediato uma questão de extrema importância: quem devia viver e quem devia morrer. Com um gesto – solene ou patético – o idoso e o deficiente, os muito jovens e as mulheres com crianças eram enviados para as câmaras de gás. Quando havia necessidade de trabalho escravo, os jovens e os fisicamente capazes eram admitidos no campo. Depois de terem os bens confiscados, eram marcados e tinham seus cabelos totalmente cortados, seus braços eram tatuados com números de série, o cabelo das mulheres era raspado. Enfrentariam novas *selektions*, a periódica e mortal depuração da força de trabalho dos incapazes de continuar. Embora o aviso na tabuleta de entrada em Auschwitz I dissesse *Arbeit Macht Frei* (o trabalho liberta), a realidade do campo de trabalho escravo em Auschwitz, Buna Monowitz ou Auschwitz III era que os prisioneiros

trabalhariam até esgotarem todas as suas forças. Os internos dos campos tinham uma palavra para esses parceiros de cativeiro. Chamavam-nos *musselmanner*, "muçulmanos" que estavam prostrados. Haviam cedido ao desespero, e os outros internos os evitavam, pois esse desespero era contagioso. O cheiro da morte, tão difuso nos campos de extermínio, poderia despojar os poucos que permaneciam vivos apenas pela vontade de viver. *Musselmen*[1] eram enviados para morrer nas câmaras de gás, e o que ainda tinha valor em seus corpos era reciclado na economia de guerra. Dentes de ouro eram removidos de suas bocas e mandados para o Reichsbank, de onde seguiam para a Suíça para financiar a guerra. "A Guerra contra os Judeus", como Lucy Dawidowicz rotulou "a solução final para a questão judaica na Europa", tornou-se um meio cada vez mais importante de financiar a Segunda Guerra Mundial. Os médicos administrariam tais *selektions*, aparentemente se sentindo à vontade para tomar essas decisões de vida e morte.

Mengele – A História Completa do Anjo da Morte de Auschwitz acrescenta um detalhe muito importante. Mengele conseguia cumprir essa tarefa sóbrio. Não tinha necessidade de entorpecer seus sentidos ou vencer suas reservas. Assumiu a responsabilidade da tarefa desagradável como um ato de dever. Poucos de seus colegas médicos conseguiram isso. A cena era demasiado brutal, demasiado incômoda, o papel que desempenhavam os comprometia demais. Mas Mengele era diferente. Enquanto outros tinham de silenciar a própria consciência ou passar por cima do seu papel de médico, Mengele desempenhava a tarefa com a disciplina que se esperaria de um oficial da SS.

O mal está nos detalhes, nos detalhes muito pequenos. A história geral é conhecida mas, na intimidade de um gesto ou de uma ação, o caráter de um homem é revelado. Assim, lemos que, ao abandonar Auschwitz às pressas com outros oficiais alemães, Mengele salvou os registros de seus experimentos médicos, os resultados cuidadosamente relatados de seu trabalho em Auschwitz. Acreditou que tais experimentos seriam o elemento-chave para sua fama e proeminência no mundo lá fora. Conservou os registros ainda que tivesse de escondê-los, numa época em que a revelação dos mesmos o teriam levado a julgamento e a uma quase certa sentença de morte. Quando mais temeu ser capturado, confiou por um breve período esse material a uma enfermeira com

quem tivera um caso, mas não deixou de recuperá-lo antes de sua partida para a América Latina, ainda que as anotações pudessem denunciá-lo.

Ele se imaginou até o último momento como um cientista, cujos estudos de eugenia seriam ciência legítima, adequada à profissão médica, e continuou a acreditar na supremacia racial alemã e nos princípios de sua ciência. Seu sonho era grandioso: o melhoramento da espécie humana, a predominância de uma raça superior, habilmente aprimorada pela biologia aplicada. O nazismo atraiu tais homens, cultivou e promoveu cientistas desse tipo, sem escrúpulos e sem respeito à vida. Deu-lhes a oportunidade de praticar esse tipo de medicina, não limitada pelas restrições normais da prática médica aceita. Na formação de Josef Mengele, doutor em medicina, houvera um desses mestres, o dr. Otmar Freiherr von Verschuer, grande admirador de Adolf Hitler, considerado por ele o primeiro estadista a reconhecer a importância real da higiene biológica e racial hereditária. Von Verschuer ganhou o cargo de chefe do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia (atualmente: Instituto Otto Suhr da Universidade Livre), em Berlim. Ele foi um mentor para o jovem médico, trazendo-o da frente russa a Berlim para aprofundar sua pesquisa e enviando-o de Berlim a Auschwitz, pois as oportunidades de pesquisa eram maiores lá. A "ciência" praticada em Auschwitz não estava restrita aos campos; Auschwitz e Berlim estavam associados de modo tangível, direto. Ao contrário de muitos outros médicos que aceitavam a designação para Auschwitz para escapar dos riscos da linha de frente russa, Mengele estivera na frente russa; sua opção era científica, a oportunidade de conduzir a pesquisa de um modo novo, livre das restrições habituais.

Psicólogos como Robert Jay Lifton têm procurado entender os médicos nazistas, investigar o que no papel do médico poderia levá-los a tais práticas. Historiadores da ciência, como meu ex-colega Robert Proctor, têm investigado o *éthos* científico desse mundo, indagado como grandes efetivos de cientistas puderam ser cooptados para tal sistema. O regime nazista acabou criando 33 universidades e instituições de pesquisa, 18 cátedras universitárias e quatro divisões de pesquisa dentro do Ministério da Saúde do Reich dedicadas à higiene racial. As cátedras foram concedidas a pesquisadores que ensinavam estudantes ambiciosos e disciplinados, que viam nessa linha de pesquisa um futuro

promissor para si próprios. Mengele queria ser não apenas médico, mas professor universitário. Auschwitz era seu campo de trabalho em antropologia e genética. Como tal, o que havia lá de desagradável podia ser tolerado.

O que Lifton e Proctor compreenderam bem é que a corrupção da ciência alemã e da medicina nazista começou muito cedo e não ficou confinada à Alemanha, mas podia ser encontrada na ciência norte-americana, inclusive em nossas leis raciais como as praticadas no sul. Esse tipo de ciência alcançou seu apogeu nos campos de extermínio nazistas, mas começou muito mais cedo. A transformação levou tempo e exigiu um verniz de justificação científica. Já em 1895, um livro didático alemão de medicina amplamente utilizado reivindicava "o direito à morte". Em 1920, um médico e um jurista proeminente afirmaram que destruir "a vida indigna de ser vivida" era um tratamento terapêutico e um ato de compaixão plenamente coerente com a ética médica. Ainda hoje, mesmo em universidades tão notáveis quanto Princeton, professores argumentam que deveria ser dado aos pais o direito de "submeter a eutanásia", de tirar a vida, no primeiro mês de vida, de crianças portadoras de deficiência severa.

Nos primeiros meses da guerra, Hitler ordenou o assassinato de deficientes. Sua ordem foi expedida em 1º de setembro de 1939, dia do início da guerra, para que parecesse uma medida de guerra. As instruções traziam sua assinatura:

> Ao *Reichsleiter* [líder do Reich] Philip Bouhler e ao dr. Brandt é atribuída a responsabilidade de ampliar a competência de médicos, a serem designados pelo nome, para que possa ser concedida a pacientes considerados incuráveis, segundo o melhor julgamento humano disponível de seu estado de saúde, uma morte misericordiosa.

Em poucos meses, o programa Aktion T4, um programa de eutanásia (nome tirado da Chancelaria Tiergarten 4, em Berlim, que o dirigia), envolveu praticamente toda a comunidade psiquiátrica alemã. Uma nova burocracia, encabeçada por médicos, foi estabelecida com a atribuição de "tomar medidas administrativas contra aqueles definidos como 'vida indigna de ser vivida'". Câmaras de gás foram desenvolvidas nos centros de extermínio para os considerados possuidores de uma "vida indigna de ser vivida", assim como crematórios. Justificativas econômicas eram apresentadas para comprovar essa política, mas para os geneticistas o engodo era o sonho científico de aperfeiçoar

a espécie humana. Os centros de extermínio tornaram-se um protótipo do que viria a ocorrer durante o Holocausto, como centros fixos de morte supervisionados por médicos, nos quais o extermínio poderia ocorrer de modo eficiente, com a utilização mínima de recursos, longe dos olhos curiosos do público. E os médicos que ali recebiam treinamento constituiriam a equipe de outros centros de extermínio, passando de locais onde eram mortos dezenas de milhares para campos de extermínio onde eram mortos centenas de milhares e para Auschwitz, onde mais de um milhão poderiam ser mortos.

A trajetória de Mengele para a matança foi um tanto diferente. Ele começou num cenário de rigor científico. Não era apenas médico, mas um cientista dedicado à pesquisa, um doutor em medicina e assim, mesmo em Auschwitz, comportou-se de acordo. Para aperfeiçoar a raça superior, estudou sobre gêmeos, gêmeos ciganos e gêmeos judeus, para saber se a procriação do povo alemão poderia ser melhorada e se uma gravidez poderia gerar membros da raça superior. Estudou anões e outras anomalias – em seu modo de ver – para proteger o povo alemão e melhorar a espécie. E, enquanto conduzia seus experimentos, podia ser gentil e generoso com aqueles que eram espécimes para seu laboratório. Mas de uma hora para a outra podia virar-se contra eles, matá-los e torturá-los se assim o desejasse. Sonhava com o destaque acadêmico. Conseguiu notoriedade, ainda que como desonra. O nome Mengele é conhecido. Será lembrado.

Mengele trabalhava com uma “equipe científica” recrutada entre médicos que ao chegar enfrentavam a escolha entre a *selektion* ou trabalhar com ele. Vários desses médicos residentes escreveram memórias que estão entre as mais importantes recordações da vida dentro de Auschwitz. Às vezes, Mengele podia ser amável, mas em geral não por muito tempo. Era imprevisível e, assim, todos que o cercavam viviam em estado constante de medo. A dra. Olga Lengyel revelou que Mengele supervisionou o nascimento de uma criança com meticuloso cuidado. Dentro de uma hora mãe e filho foram mandados para a câmara de gás. A dra. Gisella Perl, uma ginecologista judia húngara, descreveu o que se seguiu a um assassinato brutal cometido por Mengele: “Ele tirou da maleta um sabonete perfumado e, assobiando num tom alegre, com um sorriso de profunda satisfação no rosto, começou a lavar as mãos”. Vera Alexander

descreveu um brutal experimento “científico” em que internos foram costurados costas com costas, punho com punho. E o dr. Miklos Nyiszli descreve o assassinato de 14 gêmeos numa única noite. A CANDLES (Children of Auschwitz Nazi Deadly Lab Experiments Survivors [Crianças Sobreviventes dos Experimentos de Laboratório Nazistas de Auschwitz]) é uma organização criada por gêmeos que sobreviveram a Mengele. Cada uma dessas vítimas especiais poderia ter servido de testemunha em seu julgamento.

Para os que acham que a justiça não foi feita porque Mengele escapou da captura e teve uma morte rápida, a pesquisa de Posner e Ware não deixa de proporcionar algum consolo. Ele foi um homem solitário que viveu seus últimos anos isolado e introvertido, com medo de ser capturado. Suas duas esposas haviam pedido o divórcio. Mengele tornou-se um fardo para sua família e era tratado com desdém pelo filho, que o descreveu como um homem arrasado, uma criatura assustada.

É verdade que ele foi ajudado pela família Mengele, que prosperou na Alemanha do pós-guerra. O nome Mengele é estampado com orgulho em equipamento agrícola. É um símbolo de qualidade na Alemanha e em outros lugares. No decorrer dos anos, a família Mengele transferiu para Josef dinheiro o bastante para permitir sua sobrevivência, o bastante para que ele se esquivasse da captura, mas não de todo suficiente para lhe proporcionar uma situação confortável. Mengele foi forçado a se mudar da Argentina para o Paraguai e mais tarde para o Brasil, onde viveu seus últimos anos em reclusão, talvez mesmo em solidão. Encontrou seu único filho biológico, Rolf Mengele, em duas ocasiões após a guerra, uma quando foi apresentado como “tio Fritz” e, uma segunda vez, quando o filho o procurou para tentar entender seus atos e chegar a uma conclusão sobre suas motivações. Rolf rejeitara o pai e sua política. Posner e Ware sem dúvida obtiveram a cooperação desse filho e talvez o livro reflita em parte um esforço empreendido por ele para enfrentar o pai postumamente. É terrível para um filho ter um pai como esse. E como deve ser desconfortável para um pai entrar em confronto com um filho como ele.

Mengele estava divorciado da primeira esposa, Irene. Cada um seguiu seu caminho com a separação do pós-guerra. Quando ela o visitava em Auschwitz, marido e esposa adotavam a atitude do “não pergunte, não conte”, e Irene

procurou a felicidade em outra parte durante os anos em que ele se manteve escondido. Algumas mulheres alemãs reagiam com alegria e afeto à volta de seus homens. Na intimidade, as histórias da guerra podem ter vindo à tona durante os anos de guerra ou mais tarde. Algumas recebiam seus homens de volta sem perguntas. O silêncio era o melhor meio de continuar aparentemente como antes. E algumas mulheres – não sabemos quantas – não foram capazes de continuar vivendo com tais homens. O silêncio entre Mengele e Irene apressou o fim do casamento. É impossível saber o que teria acontecido caso Mengele não fosse obrigado a se esconder devido à natureza de seu crime e sua proeminência.

Contudo, após o divórcio ele se casou com sua bela ex-cunhada Martha Mengele, esposa do seu falecido irmão Karl, no que parecia ser, além de um casamento, uma aliança para proteger os bens da família. E ele criou o sobrinho Karl Heinz, filho do irmão, como seu enteado, como filho substituto, estabelecendo com o sobrinho uma relação que não conseguiu estabelecer com sua própria prole. Rolf pode ter rejeitado o pai, mas não deixou de sentir ciúmes do relacionamento do pai com Karl Heinz.

Ficamos, no entanto, com uma sensação de mal-estar. Tão grande foi seu crime. Tão mundanos – banais, me atrevo a dizer – foram os últimos 35 anos de sua vida. Nunca concordei com a descrição feita por Hannah Arendt da banalidade do mal. O mal foi qualquer coisa, menos banal; foi um mal demoníaco, um mal absoluto. Mas e quanto ao executor do mal? Despojado de sua estatura e posição, forçado a fugir, o agente do mal foi banal, lutando pela sobrevivência, um fardo inclusive para seus simpatizantes, amigos e família.

Por que a sensação de mal-estar? Talvez isso aponte para a natureza essencial do próprio Holocausto. Quando terminei de ler este livro, peguei um ótimo ensaio de Roger Rosenblatt, jornalista da revista *Time*, que escreveu:

> Lawrence Langer expõe muito bem essa questão em seu novo livro, *Preempting the Holocaust*: “Aqui prevalece a injustiça”. A injustiça vence. Daí a sensação geral de vazio, de ausência de castigo no julgamento e na execução de Adolf Eichmann em Israel, em 1962, e mesmo nos julgamentos de Nuremberg [...]. Poderíamos ter enforcado Himmler, Goebbels, Goering, o próprio Hitler – deixando-os pendurados numa fileira, com os cadáveres apodrecendo à vista do público – e, ainda assim, continuaríamos sentindo a falta implacável de alguma coisa.

> Todo pensamento moral está baseado na possibilidade de correção. Aqui, no entanto, há algo errado que nunca poderá ser corrigido e deixa as pessoas procurando algo para reparar o irreparável.

Ao final deste livro revelador, Posner e Ware nos deixam sem uma resposta definitiva sobre os crimes do mais notório dos carrascos nazistas. Não é culpa deles, pois a resposta está enraizada na verdade que narram de forma brilhante, por meio de sua escrita ágil, direta, cinematográfica, até que servirá de base para pesquisas futuras sobre este que foi um dos maiores criminosos da história.

Michael Berenbaum,
erudito norte-americano, professor, rabino, escritor e cineasta,
especializado em estudos sobre o Holocausto.

AGRADECIMENTOS

Escrever sobre um homem que passou mais da metade da sua vida como fugitivo, determinado a escapar do reconhecimento e da punição, foi uma tarefa excepcionalmente difícil. Este livro é o resultado de cinco anos de pesquisa. Durante esse tempo, reunimos um dos maiores arquivos documentais sobre Josef Mengele, algo em torno de 25 mil páginas de documentos publicados e não pulicados. Passamos meses na América do Sul, muitos dias pesquisando nos arquivos de diferentes países e gravamos mais de noventa horas de entrevistas com pessoas envolvidas na vida de Mengele. Estamos satisfeitos por ter conduzido uma investigação cuidadosa, minuciosa, e assumimos total responsabilidade pela veracidade dos fatos e pela validade dos julgamentos apresentados. Grande parte de nossa pesquisa não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas e organizações em mais de uma dezena de países, em quatro continentes.

Na coleta da documentação fomos ajudados pelo dr. Robert Wolfe, pelo dr. John Mendelsohn e por John Taylor do Arquivo Nacional e Serviço de Registro, em Washington, D.C.; por Daniel Simon, diretor do Centro de Documentação de Berlim, na Berlim Ocidental; pelo dr. Y. Arad, diretor do Yad Vashem, em Jerusalém; pela dra. Graciella Swiderski, diretora do Arquivo Nacional da Argentina, em Buenos Aires; pela dra. Celina Moreira Franco, diretora do Arquivo Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro; pelo dr. Alfredo Viloa, diretor dos Arquivos Documentais Nacionais do Paraguai, em Asunción; por Charles Palm, arquivista da Instituição Hoover, da Universidade Stanford, na Califórnia; e pelo dr. Howard B. Gotlieb, diretor, e por Charles Niles, arquivista das Coleções Especiais da Universidade de Boston, em Massachusetts.

Agradecemos também a extensa e rápida pesquisa, superando os mandatos estatutários da Lei de Liberdade de Informação, executada por James K. Hall, do Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos (FBI, Federal Bureau of Investigation), em Washington, D.C.; a Thomas F. Conley, do Comando de Informações e Segurança do Exército dos Estados Unidos, em Fort Meade, Maryland; e Larry Strawderman, da Agência Central de Inteligência (CIA, Central Intelligence Agency), em Washington, D.C.

Registramos com gratidão a ajuda construtiva proporcionada por missões diplomáticas americanas na América do Sul, especialmente os esforços de Robert Minutillo e Larry Estes, funcionários de relações públicas das embaixadas americanas respectivamente em Asunción e Buenos Aires. Seu extenso conhecimento dos países onde estão servindo e sua generosa assistência abriram muitas portas que, de outra maneira, poderiam ter se mantido fechadas.

Ajudando-nos em meio a um grande número de dificuldades na América do Sul, somando-se a muitos que não quiseram ter sua colaboração publicamente reconhecida, estiveram Evandro Carlos de Andrade, editor-chefe de *O Globo*, Rio de Janeiro; Zevi Ghivelder, diretor-executivo da revista *Manchete*, Rio de Janeiro; Roberto Guareschi, editor político, *El Clarín*, Buenos Aires; Roberto Forchiniti, diretor de arquivo, *Abril*, Buenos Aires; Enrique Jara, diretor latino-americano da Reuters, Buenos Aires; Cesar Sanchez Bonitato, diretor de arquivo, *La Nación*, Buenos Aires; e Donillo Manzini, editor político, *Tiempo Argentino*, Buenos Aires. Esses indivíduos não só forneceram acesso irrestrito a títulos confidenciais de suas publicações, como nos levaram a inesperadas e úteis fontes de informação.

Também na América do Sul, agradecemos em especial aos inúmeros funcionários do governo que, coletivamente, nos deram acesso a uma volumosa e até então reservada documentação sobre Josef Mengele: dr. Adolfo Barreyro, secretário particular do ministro do interior, Buenos Aires; dr. Carlos Castro, assessor de imprensa do palácio presidencial, Buenos Aires; dr. Carlos Alberto Flores, diretor da Polícia Federal, Buenos Aires; dr. Albino Gomez, assessor de imprensa do Ministério das Relações Exteriores, Buenos Aires; dr. Emilio Gibaja, secretário de informação pública, Ministério do Interior, Buenos Aires; e

dr. Jaime Malamud, assessor de direitos humanos da Presidência da República, Buenos Aires.

A dois jornalistas que nos ajudaram a descobrir novas informações e fontes sobre o caso Mengele: Ralph Blumenthal, do *The New York Times*, e John Martin, da ABC Television. Agradecemos especialmente também a Elliot Welles, da Liga Antidifamação em Nova York, cujo compromisso com a tarefa de levar criminosos nazistas aos tribunais foi uma constante inspiração para nós.

Alguns pesquisadores nos deram assistência muito além das obrigações ou dos apelos da amizade. Gostaríamos de fazer uma menção particular a Alexandra Wiessler, arquivista da Biblioteca Wiener, em Londres, para quem nenhuma tarefa era demasiado grande; a competência de seu conselho e a atenção cuidadosa à veracidade prevaleceram em inúmeras ocasiões. Agradecemos também a Tony Wells, da Biblioteca Wiener, e à própria Biblioteca Wiener; ao major aposentado Robert Hodges, da Força Aérea americana, que deu o máximo de si; e Annette Mills, que não poupou esforços para ajudar em seu tempo livre.

O dr. Günther Deschner, historiador de Munique, prestou ajuda inestimável ao decifrar as passagens mais enigmáticas das 5 mil páginas de prosa de Mengele.

Um agradecimento muito especial, por certo, é devido aos sobreviventes dos experimentos de Mengele, sobretudo a Eva Kor, a Marc Berkowitz e à sua organização mundial CANDLES (Children of Auschwitz Nazi Deadly Lab Experiment Survivors [Crianças Sobreviventes dos Experimentos de Laboratório Nazistas de Auschwitz]). Muitos membros do grupo passaram horas angustiantes relatando suas terríveis experiências quando na verdade preferiam tê-las esquecido. Não podemos nos esquecer de dizer que a memória fotográfica de Marc Berkowitz, usado por Mengele como mensageiro no campo, foi a verdadeira inspiração para este livro.

Gostaríamos de agradecer a vários e antigos membros anônimos do Instituto de Inteligência e Operações Especiais de Israel que nos ajudaram a compilar o que sabemos ser o mais detalhado relato do papel do Mossad na caçada a Josef Mengele.

Agradecimentos especiais são certamente devidos a Brian Moser, produtor/diretor para a Central TV, da Inglaterra, do documentário “Mengele”, por sua generosa contribuição; e a Ray Fitzwalter, editor do *World in Action*, da

Granada Television, da Inglaterra, que percebeu quando os eventos estavam em seu ponto mais crítico. A visão de Andrew Stephen e o otimismo inato de Paul Greengrass também foram recursos de valor inestimável.

Desculpando-nos com quem possamos ter inadvertidamente omitido, listamos abaixo os nomes das pessoas que foram mais ativas e decisivas para tornar este projeto realidade:

Zvi Aharoni, Londres/ Wilfried Ahrens, Argnt, Alemanha Ocidental/ dr. Pedro Alvarez, Encarnación, Paraguai/ Koby Behar, porta-voz da polícia, Jerusalém/ Lutz Bergmann, editor-chefe, *Bunte*, Munique/ Lawrence Birns, diretor, The Council on Hemispheric Affairs, Washington, D.C./ Jonathan Bush, consultoria-geral, Conselho Memorial do Holocausto, Washington, D.C./ dr. Francisco Camargo, *O Estado do Paraná*, Curitiba, Brasil/ Aaron Citinblum, arquivista, *El Clarín*, Buenos Aires/ Cynthia Cohen, Buenos Aires;

Martin A. Crowe, agente especial, FBI, Nova York/ dr. David Crown, Fairfax, Virgínia/ comodoro Juan Carlos Cuadrado, Buenos Aires/ Elena S. Danielson, arquivista, Instituição Hoover, Universidade Stanford, Califórnia/ Denny Debbaudt, Detroit/ delegado Priamo Amaral, Santa Catarina, Brasil/ Delegação de Associações Israelenses, Buenos Aires/ William G. Dolde, advogado, FBI, Miami/ Joel Filartiga, Asunción/ Francisco Cunha Pereira Filho, editor, *Gazeta do Povo*, Curitiba, Brasil;

Dr. Carlos F. Valerio Fo, dentista forense, São Paulo/ Francis Grant, Associação Interamericana para a Democracia e a Liberdade, Nova York/ Paul D. Gray, diretor-assistente dos Registros Militares dos Estados Unidos, St. Louis, Missouri/ Art Harris, *The Washington Post*, Atlanta, Geórgia/ dr. Stanley Hilton, Universidade do Estado da Luisiana, Baton Rouge/ tenente-coronel Barry Hussey, Buenos Aires/ Jaime Jariton, Asunción/ Barbara Jentzch, Rádio Estatal Alemã, Washington, D.C./ Congresso Mundial Judaico, Buenos Aires;

Peter Jones, arquivista, Biblioteca Britânica, Londres/ Simon Jones, Londres/ William B. Jones, Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Washington, D.C./ Mattis Kalir, Tel Aviv/ Gregory Katz, *Gannett*, Washington, D.C./ Ottmar Katz, Munique/ Beate e Serge Klarsfeld, Paris/ dr. P. Kossack, Universidade Humboldt, Berlim Oriental/ Felix Kuballa, jornalista, Colônia/ Hermann Langbein, Viena;

Carlos A. van Lerberghe, Buenos Aires/ Augusto Juan Lertora, cônsul geral interino da Argentina, Nova York/ Malcolm Levene, Londres/ M. J. Levin, Agência de Segurança Nacional, Washington, D.C./ Robert A. Liff, Miami/ dr. Carlos Perez Llanas, assessor do ministro do interior, Buenos Aires/ John Loftus, Boston/ Bill Lowthar, Washington, D.C./ juiz federal (aposentado) Jorge Luque, Buenos Aires/ Eduard R. Malayan, primeiro secretário de assuntos bilaterais e culturais, embaixada da União Soviética, Washington, D.C./ Angelo Marfisi, Nova York;

Mac Margolis, *Newsweek*, Rio de Janeiro/ Chaim Margolit, Tel Aviv/ David Marwell, historiador, Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Washington, D.C./ Sally Millwood, Nova York/ Jorge Mirkin, Buenos Aires/ tenente-coronel aposentado William Orbello, Austin, Texas/ V. Orechovsky, assistente do adido militar, embaixada da União Soviética, Washington, D.C./ Jorge Ortiz, Nova York/ Christina Patel, Londres/ Russel A. Powell, Serviço de Imigração e Naturalização, Washington, D.C./ Martina Puzyna, Londres/ Thomas E. Quigley, Escritório de Justiça e Paz Internacionais, Washington, D.C.;

Kirn Rattan, Londres/ Philip Reed, arquivista, Museu Imperial da Guerra, Londres/ dr. Klaus Richter, Nova York/ Ricardo Rivas, Buenos Aires/ L. Jeffrey Ross, Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Washington, D.C./ dr. Cesar Augusto Sanabria, Asunción/ Juergen J. Schillinger, Frankfurt/ Amy K. Schmidt, Históricos da Ramificação da Moderna Área Militar, Washington, D.C./ Richard A. Schussler, advogado, FBI, Los Angeles/ Gavin Scott, *Time*, Rio de Janeiro;

Gad Shimron, Tel Aviv/ Paul Silveira, Miami/ dr. Benjamin Socolosky, Asunción/ dr. Norman Stone, Universidade de Oxford/ Eric Stover, Fundo Nacional para o Progresso da Ciência, Washington, D.C./ Patrick Swaffer, Londres/ Hans-Hermann Tiedge, editor-chefe, *Bunte*, Munique/ Jacobo Timmerman, Buenos Aires/ David e Enriqueta Trachter, Buenos Aires/ dr. Horacio Luis Tulian, Buenos Aires/ embaixador (aposentado) Benjamin Varon, Boston/ dr. Alfredo Viamoso, Foz do Iguaçu, Brasil/ Esa Webb, Londres/ Rona Weitz, Anistia Internacional, Nova York/ Albert Zarca, Paris/ dr. Zdenek Zofka, historiador, Munique.

No que diz respeito à realização do projeto, um agradecimento especial a Joan Eckerman pela firme receptividade ao conceito original de uma biografia sobre

Josef Mengele. Seu entusiasmo e seu trabalho ajudaram a tornar este livro realidade. A Katherine Ness, cuja lúcida copidescagem livrou-nos repetidas vezes de erros sérios. A Susan Mayer, pelo generoso apoio e pela dedicação ao projeto. A Tom Quinn, nosso editor, pelas valiosas críticas relacionadas aos primeiros manuscritos do livro. Ele proporcionou tranquilidade e encorajamento no momento mais difícil, e seu julgamento foi sempre impecável. Pam Bernstein, agente literária do projeto, contribuiu com um profissionalismo e uma energia que nos auxiliou em todas as etapas.

Este livro não teria sido possível sem a contínua ajuda prática e o otimismo invencível de Joseph Ferrara, advogado. Suas qualificações, amizade e incrível paciência nos fizeram ultrapassar obstáculos que pareciam intransponíveis.

Por fim, e muitíssimo importante, agradecemos a nossas esposas, Trisha Posner e Helena Ware, que conviveram por cinco anos com Josef Mengele e cujos apoio e atitudes positivas contribuíram e fazem parte de cada aspecto deste livro. Foram elas que mantiveram o rumo, em especial durante o frenético verão de 1985. São elas que merecem o crédito decisivo por este livro ter sido escrito.

PREFÁCIO

Josef Mengele tornou-se o símbolo da perversão da medicina no Terceiro Reich em busca de teorias científicas racistas. O sorriso zombeteiro e brando, mas mortal, rendeu-lhe o título “o Anjo da Morte”. A barbaridade de seu crime não está em dúvida. O que ainda se debate é como ele escapou da justiça.

Como fugitivo, Mengele foi alvo de variados rumores de estar envolvido em experimentos com tribos indígenas na América do Sul, de ser tido em alta conta pelos ditadores e de ter tido vários encontros com a morte. Foi retratado como um homem influente e impiedoso que podia recorrer aos serviços de guardas armados e cães assassinos e que se movia entre uma série de fortalezas impenetráveis escondidas na selva. Segundo essa lenda, a única pista para seu paradeiro era uma trilha de agentes israelenses e caçadores independentes de nazistas mortos, cujos cadáveres eram lançados nas margens do rio Paraná.

Esses poderes de evasão, que pareciam sobre-humanos, estavam baseados em mitos sobre a vida de Mengele após a guerra e são refutados por mais de 5 mil páginas de diários e cartas que ele escreveu. Tivemos um único e irrestrito acesso a eles bem como a fotografias até então não publicadas, algumas das quais aparecem neste livro. Os papéis de Mengele incluem um diário que ele manteve de maio de 1960 até semanas antes de sua morte. Há também muitos extratos de uma autobiografia que Mengele começou a escrever na década de 1960, mas que omite qualquer discussão tanto de Auschwitz quanto de um período de dez anos na Argentina, entre 1949 e 1959. Acreditamos que Mengele nunca escreveu sobre Auschwitz temendo que qualquer registro a esse respeito pudesse ajudar a identificá-lo. Não temos como apresentar uma explicação racional para a ausência de qualquer relato dos anos 1950. Seu filho, Rolf, nunca viu um escrito do pai sobre esse período e acredita que não exista nenhum.

Temos também várias centenas de páginas de cartas que Mengele enviou à família e a amigos na Alemanha de 1973 em diante, bem como suas respostas (cartas escritas antes de 1973 foram destruídas pela família Mengele).

Nosso estudo detalhado dos pensamentos do próprio Mengele e os relatos exclusivos que nos deram membros de sua família e amigos deixam transparecer um orgulho perverso do que ele fez em Auschwitz. É a evidência de sua incondicional falta de remorso que é tão impressionante. Isto não é, contudo, apenas um estudo sobre a banalidade do mal de Mengele. Concentramo-nos na fascinante escapada de Mengele dos Aliados e em como ele continuou tendo êxito em sua fuga durante 35 anos.

O livro é uma tentativa de separar a fantasia da realidade. É uma crônica franca da vida de Josef Mengele, da infância vinda de berço de ouro na Baviera ao túmulo de indigente no Brasil 68 anos mais tarde. Examinamos os esforços, e a ausência deles, para levá-lo a julgamento. Acreditamos que fornecemos muitas respostas ao que encaramos como a mais importante questão de todas: por que ele nunca foi capturado?

Esse esforço é resultado de uma iniciativa conjunta. John Ware, um produtor de televisão, acabou se envolvendo no caso Mengele em 1977, quando preparava um documentário para o *World in Action*, um programa da Televisão Granada, da Inglaterra. Gerald Posner, advogado, foi atraído para o caso em 1981, durante sua iniciativa legal *pro bono* visando obter indenização para os gêmeos que foram submetidos aos experimentos realizados por Mengele e sobreviveram. Ware e Posner uniram forças em 1984, uma parceria que deu frutos apesar da separação transatlântica.

Nossa conclusão é simples, escrita antes com desespero que com raiva. O problema não reside apenas no fato de Mengele não ter sido punido por seus crimes. Ele inclusive cumpriu uma sentença menor, completando seu tempo numa sucessão de deprimentes esconderijos sul-americanos – um homem velho e sórdido consumido de autopiedade, solitário, ressentido com sua família que o protegeu de maneira tão efetiva. Nem se trata apenas de ter sido perdida uma chance de enfrentar a poderosa família Mengele, vivendo em dinástico isolamento do resto do mundo civilizado. A verdadeira paródia é que, pelo fracasso em seguir o rastro de Mengele quando ele estava vivo, os governos da

Alemanha Ocidental, de Israel e dos Estados Unidos – assim como os da Argentina, do Paraguai e do Brasil – despojaram o mundo da oportunidade de investigar a mente de um homem que foi a própria personificação do mal.

CAPÍTULO 1

Os Anos de Formação

14 de outubro de 1977, São Paulo: Estava quente para a primavera. Ao meio-dia a temperatura havia subido para vinte e tantos graus. O filho de Josef Mengele, Rolf, estava coberto de suor. Meses de planejamento para a missão secreta de visitar o pai fugitivo haviam abalado seus nervos. Agora estava prestes a entrar na etapa final, a mais tensa de todas.

A visão política de Rolf Mengele tinha há muito se estabilizado em um ponto "diametralmente oposto à de meu pai, na marca à esquerda do centro". Tendo acabado de completar 33 anos, produto dos anos 1960, uma era de inquietação universitária e atitudes anti-*establishment,* Rolf, graduado em direito, emergira como a ovelha negra de uma formidável dinastia familiar. A riqueza e o poder de seus primos, tias e tios, cuja indústria mecânica havia dominado a pequena cidade de Günzburg desde a Primeira Guerra Mundial, nunca exercera grande apelo sobre Rolf. Para ele, os Mengele de Günzburg personificavam a face inaceitável do capitalismo: eram abastados, mas eram burgueses, mesquinhos e medíocres; gozavam de apoio local e confiavam em seu poder. A suspeita e a desconfiança eram mútuas. Os günzburger, como Rolf os chamava, chegaram a considerá-lo um radical de esquerda.

Política à parte, Rolf e o restante do clã Mengele compartilhavam um indestrutível laço comum: todos eram parentes consanguíneos do mais odiado e procurado homem do mundo. Rolf era seu único filho; os günzburger eram seus

sobrinhos e sobrinhas. Nada poderia jamais alterar esse fato. A esse respeito, as duas facções Mengele faziam causa comum. Rolf repudiava o que o pai havia feito, mas nunca se dispôs a trair sua própria carne e sangue: “No final das contas, ele era meu pai”. Os günzburger eram um pouco mais ambivalentes sobre o histórico de guerra de Mengele. Eram, e continuam sendo até hoje, céticos com relação a muitas das acusações contra ele.

Desde que as acusações vieram pela primeira vez à tona quarenta anos atrás, um impenetrável muro de silêncio tinha cercado os movimentos de Josef Mengele. Nem mesmo Rolf era informado de todos eles. Mas agora, naquele dia quente de outubro, Rolf queria saber de tudo. E queria ouvir diretamente do próprio pai. “Estava farto dos argumentos escritos. Queria confrontá-lo.”

Vinte e um anos haviam se passado desde que Rolf havia se encontrado pela primeira vez, nos Alpes Suíços, com o pai. Então com 12 anos, o menino fora apresentado ao “tio Fritz”, que andara muito tempo sumido mas agora viera da América do Sul para visitar a família. O pequeno Rolf ficou fascinado quando o tio o presenteou com histórias sobre arrojados feitos de guerra. Quatro anos depois, Rolf ficou sabendo quem era de fato o “tio Fritz”.

Josef Mengele tinha se tornado o símbolo vivo da “Solução Final”, de Hitler, a encarnação de sua monstruosidade – frio, reservado e sempre imaculadamente preparado para os demorados rituais de morte, as seleções infernais de que o jovem médico da SS participou com tanta regularidade durante seus 21 meses no campo de concentração de Auschwitz.

A memória desse homem de compleição frágil, dificilmente com um fio de cabelo fora de lugar, a túnica verde-escura muito bem passada, o rosto bem barbeado, o quepe com a caveira com ossos cruzados, o símbolo da *SS Totenkopf* inclinado de maneira informal para o lado, continua nítida para os que sobreviveram a seu escrutínio quando chegaram ao final dos trilhos em Auschwitz. Com as botas engraxadas pouco afastadas uma da outra, o polegar descansando no cinturão da pistola, examinava a presa com aqueles olhos inertes e penetrantes. Morte para a esquerda, vida para a direita. Conta-se que 400 mil almas – bebês, crianças pequenas, jovens garotas, mães, pais e avós – foram mandadas com descaso para o lado esquerdo com um movimento rápido do bastão agarrado pela mão enluvada. Mengele foi o principal provedor das

câmaras de gás e seus crematórios. “Tinha um olhar que dizia: ‘Eu sou a autoridade’”, comentou um sobrevivente. Na época, Mengele tinha apenas 32 anos.

Havia momentos em que sua máscara mortuária dava lugar a uma expressão mais viva; Mengele se animava. Havia entusiasmo em seus olhos, um tato meigo nas mãos. Eram os momentos em que Josef Mengele, o geneticista, encontrava um par de gêmeos.

Sob o estrito acompanhamento de Mengele, os gêmeos eram instalados em alojamentos especiais, recebiam afagos e eram tratados como objetos de valor inestimável. Eram preciosos para ele. Dentro de seus corpos se encontrava um segredo que Mengele tinha decidido que Auschwitz revelaria. Ele iria distinguir os traços replicados de cada par de gêmeos daqueles que mostravam alguma variação. Presumia que os traços que fossem idênticos eram herdados; os restantes, adquiridos e desenvolvidos pelo tempo e o ambiente. Assim, ponderava ele, a população da Europa poderia ser controlada e levada à perfeição pela engenharia genética. Perfeição ariana, claro. No seu laboratório em Auschwitz, Mengele conduziu alguns dos experimentos mais hediondos da guerra. Crianças, amarradas a placas de mármore, tinham as colunas, os olhos e órgãos internos investigados, perfurados por injeções e cortados, muitas vezes com o emprego de substâncias químicas desconhecidas e sem anestésico.

Para algumas crianças Mengele dava conforto e doces. Contam que nesses momentos teria sido gentil e tranquilizador, contrariando seus métodos e não provocando dor. Mas com frequência a máscara caía. Havia acessos de raiva, execuções sumárias, quando um estrito código disciplinar era violado. A vida na corte dantesca do dr. Mengele podia ser ameaçada por um capricho.

Esse comportamento desafia uma explicação racional, e Mengele adquiriu a reputação de ser uma espécie de demônio. Para seu filho, Rolf, no entanto, o monstro era seu pai, o homem que sem dúvida poderia ter sido um médico de bairro. Mas poderia ele realmente ter sido isso? Oculta ali, nos mais escuros calabouços de sua mente, não poderia ter havido uma severa desordem psicológica? Era esse o mistério que mais torturava Rolf. Por um lado, a família tinha falado do gênio do pai antes da guerra, de sua ambição de se tornar um grande cientista. Admiravam seu formidável intelecto, os modos joviais. Era um

cavalheiro, erudito e polido, cuja mente podia ter sido temporariamente corrompida por um sistema político. Por outro lado, o horror dos crimes do pai ultrapassava em muito tudo sobre o que Rolf tinha lido antes.

Quando a Kombi desengonçada que transportava Rolf Mengele entrou na rua esburacada e poeirenta onde o pai morava, algo se tornou extremamente claro. Por mais onipotente que Josef Mengele pudesse um dia ter sido, seus últimos dias estavam sendo vividos entre os pobres e humildes. A Kombi parou perto de uma construção de estuque, amarela e descascada, mais uma choupana que uma casa. Um redemoinho de poeira se aquietou revelando um homem idoso, o cabelo grisalho penteado com cuidado; um homem curvado pela idade, destruído por metade de uma vida em fuga. Nesse momento, Rolf Mengele resolveu investigar cada estágio da ascensão e da queda de seu pai, Josef.

Josef Mengele nasceu em 16 de março de 1911, o mais velho de três filhos de Karl e Walburga Mengele, cujo primeiro filho havia nascido morto. A família morava em Günzburg, uma cidade pequena e pitoresca que lembrava uma aldeia do século XV, aninhada nas margens do rio Danúbio. Josef foi criado em um lar devotamente católico que acumulou considerável riqueza num curto espaço de tempo. Quando Josef nasceu, seu pai, um engenheiro, acabara de se tornar o único proprietário de uma fundição que fabricava equipamento agrícola para moagem de grãos, serragem de madeira e corte de feno. Em 1907, ele fizera sociedade com um mecânico chamado Andreas Eisenlauer para o reparo de maquinaria agrícola. Nesse ano a fundição pegou fogo, o primeiro de vários incêndios que, nas próximas décadas, destruíram as instalações. Com o pagamento do seguro, Karl comprou um lote de terra nos arredores da cidade, onde reconstruiu o negócio do zero. Dois anos depois, Eisenlauer se retirou da sociedade devido a problemas de saúde e deixou o comando da empresa nas mãos de Karl, com sete homens na folha de pagamento.A empresa, “Karl Mengele”, prosperou. Na época em que Josef nasceu, Karl pôde se dar ao luxo de comprar seu primeiro automóvel Mercedes Benz. Ele não demorou a adquirir a reputação de um patrão em mangas de camisa, disposto a trabalhar longas horas na oficina da fundição e vender os produtos dirigindo de fazenda em

fazenda em seu brilhante carro novo. Quando a guerra irrompeu em 1914, a força de trabalho era de 30 homens.

Quando criança, Josef Mengele tinha pouco contato com o pai e um contato não muito maior com a mãe. Enquanto Karl lutava na guerra, Walburga Mengele ficou encarregada de conduzir o negócio. Foi bem-sucedida se colocando como uma temível disciplinadora, em contraste com o estilo menos formal do marido. Sob o comando de Walburga, a empresa obteve um contrato lucrativo com o Kaiser para produzir um veículo especial para o exército chamado *Fouragewagen*.

No fim da guerra, a "Karl Mengele" retornou à produção do tempo de paz de maquinaria agrícola. Na década de 1920, havia se tornado a terceira maior companhia de produção de debulhadoras na Alemanha, tendo Karl tirado máxima vantagem do programa de recuperação pós-guerra do país. Desde então, o nome Mengele dominou Günzburg como o maior empregador da cidade e sua família mais poderosa. O prefeito tem sido invariavelmente o tabelião da família. Günzburg, como disse certa vez um juiz alemão, é a família Mengele.[2]

Essa predominância sobrevive hoje, com o nome "Mengele" exibido com destaque nas letras de três metros na frente da fábrica. A Karl Mengele Strasse é uma das principais vias. Um enorme memorial de pedra em honra de Karl, Walburga e seus dois filhos mais novos, Alois e Karl Jr., é adornado a cada dia com flores recém-colhidas. Há uma pré-escola batizada em homenagem a Ruth, esposa de Alois. Um sobrinho de Josef, Dieter Mengele, que possui mais de 3 milhões de ações na empresa agora chamada Karl Mengele & Sons, tem a casa mais suntuosa da cidade. Em todo esse favoritismo, há apenas um nome que chama atenção pela ausência: "Josef".

Com tamanha opulência e poder por trás dele, havia plena expectativa de que o jovem Josef fizesse sua parte para perpetuar a dinastia da família Mengele. Como filho mais velho, estava destinado a suceder o pai. Mas os horizontes de Josef estendiam-se para muito além da política de poder local de Günzburg e de um assento na sala da diretoria da fábrica. Desde muito novo parecia possuído por uma violenta ambição. Como recordou Julius Diesbach, um colega de escola:

> Josef era um rapaz muito ambicioso, com uma grande necessidade de ser bem-sucedido. Queria alcançar sua própria fama de modo independente, desligada daquela já alcançada pela família. Não queria apenas ser bem-sucedido, mas destacar-se da multidão. Era assim sua paixão pela fama. Certa vez me disse que um dia eu leria seu nome na enciclopédia. [3]

Em especial, Josef se preocupava em se sobressair dos dois irmãos, Karl e Alois – sobretudo Karl, por quem admite ter nutrido um traço de ciúmes. Eles haviam nascido com apenas 16 meses de diferença e a rivalidade prosperou numa casa que não se destacava pelo aconchego ou pelo afeto familiar. "Respeito em vez de afeto parece ter dominado a família", disse Norman Stone, historiador e professor de Oxford que examinou os documentos pessoais de Mengele depois que sua morte foi divulgada em junho de 1985. [4]

O relacionamento entre seus pais não abrandava a austeridade emocional da casa dos Mengele. Eles eram conhecidos como um casal briguento. Josef escreveu amargamente que o pai era "uma figura fria" e a mãe "não muito melhor em termos amorosos", embora passasse a admirar sua energia e seu temperamento decidido. Nos primeiros anos de sua vida, uma babá chamada Monika desempenhou a maior parte do papel materno, persuadindo e às vezes intimidando Josef a se agarrar com firmeza à fé católica. Ao menos por esse legado dos pais, Mengele estava grato. Em sua autobiografia ele escreveu:

> Podemos nos sentir lisonjeados por a tradição de família, que remonta a gerações, ter sido continuada com o nome do Pai de Cristo, "Josef". [5]

A despeito da rivalidade fraterna que Josef sentia por Karl, os três garotos Mengele foram aos poucos se aproximando. Josef é lembrado como uma "criança risonha e brincalhona". Sua diversão favorita era uma cavalgada acompanhando o retorno dos transportes da companhia dos ramais ferroviários perto de Günzburg, onde eram entregues vagões militares recém-fabricados destinados ao *front*. Sua autobiografia, porém, revela que esse temperamento jovial pode ter mascarado um profundo "sofrimento interior", uma insatisfação com a vida, embora ele não revele a causa. [6]

Entre a família e amigos íntimos, o jovem Josef era conhecido como “Beppo”[7] – uma criança dotada, mais brilhante que os dois irmãos mais novos, sempre perto do primeiro lugar de sua turma na escola, mas nunca de fato em primeiro lugar. Josef desenvolveu um grande interesse pela música e pela arte; quando adolescente escreveu uma peça teatral chamada “Viagens para Lichtenstein”, uma história infantil que foi apresentada em benefício de um lar de crianças. Mas foi um professor da escola secundária, Uri, que, escreveu ele, “criou em mim um entusiasmo pelas ciências naturais”. Suas matérias favoritas eram biologia, zoologia, física e filosofia natural. No entanto, a mais “empolgante de todas para mim”, ele registrou, era a “antropologia”.

A rigidez da formação católica produziu no adolescente Josef um desprezo cínico pela igreja e suas festas religiosas, que encarava como mera oportunidade de encher-lhe os cofres. Ainda assim, ele demonstrou um espírito comunitário ativo juntando-se à Cruz Vermelha e ao *Grossdeutscher Jugendbund*, um grupo patriótico jovem.

Quando criança, também teve sua cota de escapadas por um triz de doenças e acidentes. Aos 6 anos, quando brincava, caiu em um fundo tonel com água da chuva e quase se afogou. Certa vez também passou por um mau episódio de intoxicação do sangue. Em 1926, o médico da família diagnosticou osteomielite, uma inflamação da medula óssea. A doença, em casos severos, pode aleijar, mas não houve incapacidade significativa, como demonstrado pelo fato de Mengele acabar se tornando um bom esquiador.[8][9]

Em abril de 1930, ele passou em seu *Abitur*, os exames da escola secundária, com uma nota promissora, mas não excepcional. O pai o aconselhara dizendo que o que contava era “o que a pessoa realiza, não o que se dispõe a realizar”. De início, Josef pensou em se tornar dentista, pois estava convencido de que isso seria muito rentável, visto que “não havia nem mesmo um dentista em minha cidade natal”. Mas, após discussões com o colega de escola Julius Diesbach, o jovem Mengele concluiu que a odontologia era algo demasiado especializado. Optou, então, por medicina, com ênfase em “antropologia e genética humana; assim eu poderia estudar medicina em toda a sua extensão”. Desse modo Josef perseguia seu desejo de reconhecimento pelas enciclopédias do mundo. “Minha família vai ficar muito impressionada quando eu me tornar o primeiro Mengele

cientista", gabou-se para o amigo Diesbach com o vigor de um orgulho adolescente. Nesse mesmo ano seu irmão mais novo, Alois, então com 16 anos, juntou-se à empresa da família. O irmão do meio, Karl, como Josef uma personalidade mais voltada para os livros, passou a estudar direito.

Em outubro de 1930, como um rapaz confiante e ambicioso que não dava nenhum sinal de interesse pelas conjunturas políticas em rápida mudança na Alemanha, Josef Mengele deixou a casa da família e viajou para o leste, para a capital bávara de Munique. A cidade estava ficando rapidamente intoxicada com as doutrinas racistas do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, de Adolf Hitler. Foi em Munique, com suas enfumaçadas cervejarias, que Hitler encontrou gente para louvá-lo quando censurava os "corruptos" políticos judeus de Berlim por terem aceito, em Versalhes, a humilhante rendição da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Ele atiçava as chamas do ultranacionalismo, evocava o sonho de um vasto e novo império alemão e implorava que o Partido Nazista lidasse com a "praga judia" "exterminando-a, raiz e tronco". Foi nesse viveiro de nazismo, na cidade que deu à luz a demoníaca ambição do Führer por uma super-raça alemã, que o jovem Josef Mengele deu os primeiros passos na busca pseudocientífica desse objetivo. Ele se matriculou como estudante nas faculdades de filosofia e medicina da Universidade de Munique.

Na época em que Mengele se juntou ao efetivo estudantil da universidade, os nazistas tinham se tornado o segundo maior partido no parlamento alemão. Como muitos rapazes, logo ele achou difícil "ficar de braços cruzados naqueles tempos politicamente agitados". Em sua autobiografia, Mengele recorda suas impressões do movimento nazista e a forte atração exercida sobre ele:

> Os estudantes da universidade, aqueles que já tinham alcançado a idade de votar, haviam contribuído para esse sucesso [nazista]. Eu ainda não tinha idade suficiente para votar. Minhas inclinações políticas, eu acho, se deviam a razões de tradição de família, ao conservadorismo nacional […]. Não tinha entrado em qualquer organização política. Embora sem dúvida me sentisse fortemente atraído pelo programa e toda a organização dos nacional-socialistas. Mas na época continuei sendo uma pessoa não organizada em termos políticos. A longo prazo, no entanto, foi impossível ficar de braços cruzados naqueles tempos politicamente agitados, quando eu esperava que nossa pátria não sucumbisse ao ataque marxista-bolchevique. Esse conceito político simples acabou se tornando o fator decisivo em minha vida.

Em março de 1931, o impressionável Mengele havia ingressado na ala jovem da *Der Stahlhelm* (Stahlhelm, Bund der Frontsoldaten, ou Capacete de Aço, Liga de Soldados do Fronte), uma organização de ex-soldados cujos membros marchavam em uniformes de campanha em eventos públicos. O jovem Josef admirava a pompa e a atmosfera de seu estilo paramilitar. Mesmo que ardentemente nacionalista e direitista, a *Der Stahlhelm* ainda não era filiada ao Partido Nazista, pelo qual Mengele mostrava crescente admiração.

Embora Josef ainda fosse demorar seis anos para ingressar no Partido Nazista, seu pai concluíra, em 1931, que a filiação ao partido seria uma atitude proveitosa. Com um olho no futuro, o sr. Karl Mengele fora durante algum tempo parceiro de bar de Georg Deisenhofer, o *Kreisleiter*, ou chefe regional do partido, um virulento antissemita que se lamentava, depois que os 300 judeus de Günzburg foram expulsos da cidade, de não haver "sobrado nenhum que eu possa insultar".[10] Logo depois de Hitler ter sido alçado ao poder, Karl pagou a Deisenhofer uma soma em dinheiro em troca de um assento no conselho municipal de Günzburg. Karl havia preparado o caminho no ano anterior recepcionando o próprio Hitler quando ele fez um discurso sobre agricultura na fábrica Mengele.[11] Sua corrupção trouxe lucros: em 1936, a fábrica teve uma receita anual de mais de 1 milhão de *reichsmarks* e havia 350 pessoas na folha de pagamento.[12]

Enquanto isso, em Munique, Josef estava fazendo cursos de antropologia e paleontologia, assim como de medicina. Logo ele se mostrou mais interessado nas origens culturais e no desenvolvimento do homem que em curar suas enfermidades. De uma maneira ou de outra, o estudo de medicina nas universidades alemãs foi antes complementar ao verdadeiro interesse de Mengele pela evolução, que era ensinada de acordo com os parâmetros das teorias do darwinismo social que Hitler e um número crescente de acadêmicos alemães achavam tão atraentes.

É difícil determinar com precisão o que corrompeu a mente ávida e jovem de Mengele. Provavelmente foi uma combinação do clima político e do fato de seu real interesse por genética e evolução ter coincidido com o conceito em desenvolvimento de que alguns seres humanos afetados por distúrbios eram inadequados para se reproduzirem, até mesmo para viver. Talvez o verdadeiro

catalisador nessa infusão letal tenha sido o fato de Mengele haver estudado, primeiro em Munique e depois em Frankfurt, sob a orientação dos principais expoentes dessa teoria da "vida indigna". A plenitude de sua ambição ia florescer naquele novo e glamoroso campo de pesquisa evolucionária. A noção de que algumas vidas são indignas de ser vividas, que logo se torna academicamente respeitável, pode explicar por que, dez anos mais tarde, Mengele fez experimentos em internos de um campo de concentração como se eles fossem ratos de laboratório. O que nenhuma dessas influências explica é como Mengele se tornou capaz de atos pessoais de selvageria inteiramente sem paralelo, pelos quais mais tarde não mostrou qualquer remorso. "Não havia nada em sua personalidade para sugerir que faria o que fez", disse o professor Hans Grebe, um contemporâneo de Mengele na década de 1930.[13]

Uma das primeiras influências sobre o futuro médico foi o dr. Ernst Rudin, cujas aulas Mengele assistia regularmente. Em conjunto com alguns dos principais membros da profissão médica, como o dr. Alfred Hioche e o dr. Karl Bindong, Rudin foi um dos principais defensores da teoria de que os médicos deviam destruir "a vida desprovida de valor". O próprio Rudin foi um dos arquitetos das leis de esterilização compulsória de Hitler, que foram promulgadas em julho de 1933, sete meses após sua chegada ao poder.

A Lei de Proteção da Saúde Hereditária definia as condições mentais e físicas que qualificavam para a esterilização compulsória: debilidade mental, esquizofrenia, depressão maníaca, epilepsia, cegueira hereditária, surdez, deformidades físicas, doença de Huntington e alcoolismo. Rudin e outros tinham elaborado suas medidas para melhorar a "qualidade" da raça alemã.[14] Na verdade, elas foram o início de uma série de programas genocidas cada vez mais amplos: primeiro, a eutanásia ou morte "piedosa" para o incuravelmente insano; depois os assassinatos em massa de pessoas que os nazistas julgavam biologicamente inferiores, como ciganos, eslavos e judeus; por fim, *Die Endlösung*, a Solução Final, o nome com que Hitler disfarçava seu plano de exterminar todos os judeus da Europa.

No início de 1934, o tempo de Mengele estava cada vez mais consumido pelos estudos. Os outros estudantes nunca viram nele um intelecto excepcional. Mengele se distinguia antes pelo trabalho árduo que por qualquer outra coisa.

“Era, em essência, mais aplicado e ambicioso que os outros”, disse um colega estudante e amigo, dr. Kurt Lambertz. “Quanto mais se envolvia com o estudo de antropologia, genética, hereditariedade e coisas semelhantes, mais seus interesses aumentavam.”

A ardente ambição de Mengele o levara a trabalhar por um doutorado em antropologia, enquanto se esforçava para qualificar-se como doutor em medicina. Em outubro daquele ano, suas atividades paramilitares nas horas vagas chegaram ao fim quando uma doença renal forçou-o a deixar o *SA* (*Sturmabteilung*), os Camisas Pardas, malfeitores cuja tarefa era “proteger” concentrações nazistas. Mengele tinha sido automaticamente transferido para os Camisas Pardas em janeiro de 1934, depois que Hitler ordenou-lhes absorver a *Der Stahlhelm*.[15] A doença deixou-o fraco, e ele decidiu dedicar toda sua energia ao estudo.

O homem que deu a Mengele o primeiro apoio real na escada acadêmica foi o professor T. Mollinson, da Universidade de Munique. A experiência no campo da hereditariedade e da “higiene racial” levou Mollinson a declarar que poderia dizer se uma pessoa tinha antepassados judeus olhando-a apenas numa fotografia. Em 1935, Mollinson concedeu a Mengele um título de doutor pela tese intitulada “Análise Morfológica da Parte Anterior do Maxilar Inferior em Quatro Grupos Raciais”. Era uma dissertação seca, mas meticulosamente ilustrada, e concluía que era possível detectar diferentes grupos raciais estudando o maxilar. Ao contrário das afirmações não científicas de Mollinson, o estudo de Mengele tinha argumentos convincentes e não continha implicações antissemitas ou racistas. No verão de 1936, Mengele fez o exame médico do Estado em Munique. Foi aprovado e logo estava trabalhando no seu primeiro emprego remunerado, em Leipzig, na clínica médica da universidade.[16]

Durante quatro meses foi um dos médicos pós-graduandos residentes, um período compulsório de trabalho hospitalar requerido para o nível pleno do exercício da medicina. O trabalho foi árduo e sua estada, rotineira, com a notável exceção de que foi em Leipzig que ele conheceu a filha de um professor da universidade, Irene Schoenbein, que se tornou sua primeira esposa.

Irene foi o primeiro e único amor verdadeiro de Mengele. Tinha apenas 19 anos e dividia seu tempo entre o jovem acadêmico e bonitão e o estudo de

história da arte em Florença. Mengele ficou tão apaixonado que logo deixou de lado uma garota norueguesa chamada Almuth. Como Mengele contou mais tarde ao filho Rolf, Irene foi tão dedicada a ele que mesmo o pensamento de que o homem que a pedira em casamento ter tido um romance anterior a deixava irritada, “embora ela é quem tinha conquistado meu coração”. [17]

Eles formavam um casal elegante e jovem – Irene alta, loura e formosa, Mengele bem apessoado num estilo mediterrâneo, bem vestido, com uma paixão por carros velozes. Gabava-se de conseguir dirigir de Günzburg a Frankfurt em três horas em seu Opel 1936, um modelo especialmente produzido para comemorar as Olimpíadas de Berlim.

Longe da vida dos bem-nascidos, o encanto de Mengele como um jovem médico hospitalar, com horas exaustivas e rondas intermináveis pelas enfermarias, parece não ter combinado com ele. Estava ansioso para retornar aos estudos de genética. Em 1º de janeiro de 1937, após uma recomendação do professor Mollinson, Mengele foi nomeado assistente de pesquisa do prestigiado Instituto de Hereditariedade, Biologia e Pureza Racial do Terceiro Reich, na Universidade de Frankfurt. A nomeação mudaria a vida de Mengele. Ele se uniu à equipe de um dos mais importantes geneticistas da Europa, o professor Otmar Freiherr von Verschuer, que estava dedicando grande parte de seu tempo à pesquisa de gêmeos.

Von Verschuer era um francoadmirador de Adolf Hitler, elogiando-o publicamente por “ser o primeiro estadista a reconhecer a biologia hereditária e a higiene racial”. Dois anos antes, Von Verschuer definira o papel do Instituto como entidade “responsável por assegurar que a atenção a genes e raça, que a Alemanha está liderando a nível mundial, tenha uma base tão sólida que resista a quaisquer ataques do exterior”. [18]

Mengele tornou-se o aluno favorito do professor; um grande respeito mútuo nasceu entre os dois. Von Verschuer quase certamente influenciou a subsequente nomeação de Mengele para Auschwitz e mais tarde, como diretor no período da guerra do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia, em Berlim, assegurou fundos para os experimentos de Mengele em Auschwitz (era para esse instituto que Mengele enviava os resultados de sua pesquisa bárbara e basicamente inútil).

Mengele estava agora no epicentro do pensamento filosófico e científico nazista, que sustentava ser possível selecionar, projetar, refinar e, em última análise, “purificar” a raça. Desse conceito à política de genocídio de Hitler foi um passo curto, mas trágico.

Para Mengele, doutrinado pelas teorias raciais nazistas, a filiação ao Partido Nazista era agora uma simples formalidade. Em maio de 1937, ele entrou com seu requerimento e foi devidamente emitida a inscrição número 5574974.[19] Como membro pleno do partido, e com o apoio do barão Von Verschuer, uma rápida ascensão na hierarquia acadêmica nazista estava agora assegurada.

Não demorou muito para Mengele e Von Verschuer estarem trabalhando juntos, redigindo relatórios judiciais para tribunais especialmente convocados que promoviam julgamentos de judeus surpreendidos em coabitação com arianos alemães. Sob as Leis Raciais de Nuremberg, aprovadas em setembro de 1935, era crime os alemães desposarem judeus, sendo o objetivo da lei impedir o cruzamento racial. Casos provados de intercurso sexual num *Rassenschande*, ou processo de corrupção racial, levavam a uma sentença de prisão. Foi buscado conselho tanto de Von Verschuer quanto de Mengele em um caso no qual um homem cujo pai era judeu foi acusado de ter um romance com uma mulher alemã. O advogado de defesa tentou convencer a corte de que, embora a mãe do acusado fosse casada com um judeu, ele nascera de uma ligação que ela tivera com um cristão e, portanto, o homem não tinha sangue judeu. Fornecendo evidências ao gabinete do promotor, Mengele e Von Verschuer, tendo examinado a história familiar, orelhas, nariz e outros traços faciais do desventurado réu, declararam que o pai dele era judeu. A corte não concordou e os dois antropólogos apresentaram uma queixa contra o veredito, afirmando que sua experiência havia sido desconsiderada.[20]

Foi contra esse pano de fundo no Instituto de Frankfurt que Mengele abraçou pela primeira vez a ideia de que, por meio de seleção apropriada, a herança de uma raça poderia ser “melhorada”. Não demorou muito para o conceito ser aplicado de um modo muito mais severo nas rampas de Auschwitz, nas quais médicos da SS, em especial Mengele, selecionavam internos saudáveis para o trabalho e os mais fracos para a morte. Mengele não revelou qualquer escrúpulo por ter sido arrastado ainda para mais longe naquele lodaçal pseudocienfíco.

Helmut von Verschuer, filho do mentor de Mengele em Frankfurt, recordou que o jovem discípulo do pai era “um homem de temperamento alegre, conhecido pelas secretárias no gabinete de meu pai como ‘Pai Mengele’, porque gostava das moças”. Por certo o professor Von Verschuer tinha Mengele em alta consideração; logo o nomeou como um de seus médicos assistentes. Essa nomeação efetivamente o qualificava como médico, embora ele ainda não tivesse recebido o diploma.[21] Von Verschuer escreveu mais tarde sobre seu protegido:

> Ele tinha um ávido interesse pela pesquisa médica e a cirurgia. Era também inteligente e culto. Lembro-me que gostava muito de música, incluindo Bach, Verdi e, naturalmente, Strauss e Wagner.[22]

Na época em que chegou a Auschwitz, Mengele também desenvolvera um amor por Puccini, como sobreviventes – que o ouviram assobiando casualmente alguns compassos enquanto realizava seleções para as câmaras de gás – recordam de modo sombrio.

Mengele tinha apenas 27 anos, mas fizera vigorosos contatos com alguns dos principais médicos e ideólogos do Terceiro Reich. Era inevitável, portanto, que se candidatasse para ingressar numa organização vista como guardiã da pureza racial da nação: a SS ou *Schutzstaffel*. Nessa época ele também ingressou na NS *Arztebund*, a associação dos médicos, um imperativo para qualquer aspirante a médico nazista. Em maio de 1938, após a investigação ritual por quatro gerações para assegurar que a família Mengele estava livre de sangue judeu ou outro sangue não ariano, ele foi admitido na SS.[23] A vaidade, no entanto, impediu-o de ter seu grupo sanguíneo tatuado na pele, como todos os novos recrutas da SS eram obrigados a ter.

A filiação a uma elite parece ter sido importante para Mengele: escolheu uma carreira acadêmica em vez da prática médica convencional, ingressou no Instituto do Terceiro Reich e mais tarde no Instituto Kaiser Wilhelm, ambos líderes no campo seleto da eugenia, e ainda ingressaria na *Waffen-SS*, uma elite dentro da própria elite da SS.

Em julho de 1938, a Universidade de Frankfurt concedeu a Mengele seu diploma médico. Ele se tornou assim um profissional autorizado da medicina.

Como as nuvens da guerra se agrupavam sobre a Europa, Mengele estava ansioso para não ser deixado fora do que imaginava que seria uma inevitável mas gloriosa batalha. Determinado a ser aceito por uma unidade da SS, começou naquele outubro três meses de treinamento básico com a *Wehrmacht*, o exército regular alemão, um pré-requisito para ingressar na força de combate de elite. Para sua alegria, a primeira operação, na montanha Snalfedon-Tirol, envolveu suas habilidades no esqui. Quando o treinamento acabou, Mengele retornou ao Instituto de Frankfurt para continuar a pesquisa orientada pelo professor Von Verschuer. Exceto por um breve período no Hospital Universitário, em Bonn, onde também frequentou classes de doutrinação para a SS em seu tempo de folga, Mengele permaneceu no Instituto até junho de 1940, quando se juntou ao exército. [24]

Durante sua estada em Frankfurt, Mengele publicou um artigo de pesquisa sobre a herança das fístulas das orelhas, as minúsculas pregas na orelha para as quais ele afirmava ter encontrado um elo hereditário com indentações do queixo. Peritos que leram o artigo julgaram-no "monótono, mas científico" e, como seu estudo anterior sobre a identificação racial da mandíbula inferior, desprovido de alusões racistas. Contudo, várias resenhas que Mengele escreveu em Frankfurt acerca de livros acadêmicos sobre raça e hereditariedade contam uma história diferente. Seus comentários, em 1940, sobre um livro intitulado *Fundamentals in Genetics and Race Care* [Fundamentos de Genética e Cuidado Racial], enfatizam sua total convicção da supremacia da raça alemã.

> O último capítulo explica […] os perigos biológicos que ameaçam o povo alemão […] mas sua discussão das raças teria sido mais interessante se uma análise mais clara dos méritos e traços desfavoráveis de todas as raças europeias tivesse sido feita. Também senti falta de uma descrição adequada da relação entre as principais raças que hão de ser encontradas na Alemanha e as realizações culturais do povo alemão. Também poderia ter havido mais sentido em explicar os conteúdos em vez dos aspectos regimentais das leis para prevenção da descendência com enfermidade hereditária e proteção da saúde hereditária da nação alemã. [25]

Outra resenha de um livro que discutia a herança de defeitos congênitos do coração e sua detecção por raios X é um sinistro indício de coisas que

aconteceriam em Auschwitz: “Infelizmente o autor não usa sujeitos nos quais o diagnóstico pudesse ser verificado por uma autópsia”. [26]

Agora Mengele já se identificara totalmente com a influência do Nacional-Socialismo sobre a genética humana como era ensinado na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930. As doutrinas raciais nazistas e as ideias mais antigas do darwinismo social tinham se fundido num conceito homogêneo que foi adotado por Mengele pelo resto de sua vida. “Ele estava convencido de que servia a uma grande causa, a uma tentativa feita por Hitler de impedir que a humanidade se autodestruísse”, disse o professor Andreas Hillgruber, o historiador alemão ocidental que leu os escritos autobiográficos de Mengele sobre raça. “Ele se tornou a encarnação do nazismo em seu ponto mais extremo.” [27]

Em julho de 1939, Mengele se casou com Irene, então com quase 22 anos, em Oberstdorf. O casamento ocorreu após um contratempo que, a certa altura, ameaçou prejudicar sua carreira. Depois da arguição de Mengele ao *Rasse-und Siedlungshauptampt*, o Escritório Central de Raça e Reassentamento, para garantir à SS que não havia traço de sangue judeu na família de Irene, foram levantadas dúvidas sobre o avô dela, cuja ilegitimidade foi considerada. Uma exaustiva checagem de seus ancestrais começou depois que documentos relativos ao bisavô Harry Lyons Dumler, um diplomata americano, não puderam ser encontrados. Na ausência de prova de que Dumler fosse o pai do filho da mulher com quem se casara, permaneceu a suspeita de que o verdadeiro pai pudesse ser judeu. Assim Irene poderia ter herdado sangue judeu. Uma busca feita pelo cônsul alemão nos Estados Unidos não pôde resolver a crise. Mas fotos de Irene e seus ancestrais, além de elogiosos testemunhos de amigos sobre seus “modos bastante nórdicos” finalmente lograram se impor, e o casamento foi autorizado. Contudo, como foi incapaz de fornecer uma prova decisiva de que Irene tinha “puro sangue ariano”, Mengele não conseguiu, para sua grande decepção, qualificar-se para a suprema galeria de pureza racial – um lugar no sagrado *Sippenbuch*, ou Livro do Parentesco, para aqueles que eram capazes de provar, em termos textuais, que seus ancestrais eram arianos puros pelo menos desde 1750. Assim, foi o próprio arquidiscípulo da “higiene” racial privado de um certificado de que sua esposa e seus futuros filhos seriam racialmente “limpos”. Ironia e ignomínia à parte, houve também a perda dos cobiçados

mementos *Sippenbuch* – espadas e colheres de prata dadas pelo próprio Himmler no nascimento de cada criança "pura".

Cinco semanas após o casamento, a guerra estourou. Segundo Rolf, o filho de Mengele, o pai ficou "satisfeito com isso. Não podia esperar a hora de ser convocado". Para Mengele, como ele mais tarde escreveu, a guerra representava a "última luta desesperada da nação alemã por sua existência ameaçada". Mas um problema no rim obrigou-o a esperar até o verão de 1940 por sua primeira missão – como oficial médico numa unidade do exército regular em Kassel. Ela só durou um mês. Em agosto, no posto de *Untersturmführer*, subtenente, juntou-se à *Waffen-SS*, que desfrutava da reputação de ser a mais fanática tropa de combate de Hitler. Não obstante, Mengele não fez parte dos cenários de batalha antes de junho de 1941, quando foi designado para a Ucrânia, onde alguns dias depois foi condecorado com a Cruz de Ferro de Segunda Classe. Sua esposa escreveu a uma amiga:

> Por fim, ele teve agora a convocação que queria. Está estacionado na Ucrânia, presumo que na área de combate. Recebeu a EK2 [Cruz de Ferro de Segunda Classe] já nos primeiros dias. O estresse deve ser tremendo. Mas o entusiasmo deles ainda não chegou ao fim, agora que estão finalmente em batalha e […] enfrentando o "arqui-inimigo". Cumprimentos e *Heil Hitler* […]. [28]

Os meses que antecederam a operação na Ucrânia transcorreram na Polônia ocupada com a supervisão do Gabinete da Seção Genealógica de Raça e Reassentamento. Sob ordens diretas de Himmler, equipes de médicos da SS foram designadas para examinar a adequação racial dos que habitariam os territórios recentemente conquistados. O programa de quatro pontos de Himmler, em que Mengele desempenhou um papel ativo, dizia o seguinte:

> l) Os territórios anexados deviam ser completamente limpos de não alemães; 2) pessoas afirmando possuir algum sangue alemão seriam classificadas, em primeiro lugar, segundo a evidência documental e, na falta dessa, por exame racial; os que se encontrassem em categorias duvidosas, assim como alemães "renegados" [antinazistas ou de "mentalidade polonesa"], seriam segregados e submetidos a condições especiais para assegurar "reeducação e bom comportamento"; 3) pessoas exibindo traços germânicos também passariam por exames raciais para determinar se seus ancestrais haviam sido "polonizados"; casos positivos seriam removidos da Polônia para uma melhor regermanização no centro do Reich; 4)

procedimentos similares seriam cumpridos com relação a órfãos de orfanatos poloneses e crianças postas sob cuidado público. [29]

Em janeiro de 1942, Mengele ingressou no corpo médico da divisão Viking da *Waffen-SS* (*Panzergrenadier SS Wiking*). Ela acabou penetrando mais em território soviético que qualquer outra unidade alemã mobilizada após a ofensiva russa lançada em junho do ano anterior. A maior parte do tempo de Mengele foi passada atrás da linha do *front* numa posição defensiva, talvez combatendo *partisans*. Em julho, a divisão Viking moveu-se para o *front* para participar da batalha por Rostov e Bataisk, uma batalha que durou cinco dias sangrentos. Foi durante esse período que Mengele ganhou a Cruz de Ferro de Primeira Classe. Irene recorda: “Ele ganhou sua Cruz de Ferro porque resgatou dois soldados feridos de um tanque em chamas, sob fogo inimigo, no campo de batalha e prestou a eles os primeiros socorros médicos”. Um oficial veterano escreveu mais tarde que Mengele “provou ser magnânimo diante do inimigo”, e o oficial médico da divisão Viking escreveu na época que ele era “um oficial médico particularmente talentoso”. Foi também concedido a Mengele o Distintivo Negro pelos Feridos e a Medalha pelo Cuidado do Povo Alemão. [30] [31]

Em fins de 1942, Mengele foi outra vez designado para o Escritório Central de Raça e Reassentamento, dessa vez para a sede em Berlim. O fato de Mengele ter trabalhado sob a égide da SS e do Gabinete do Médico de Polícia, que teve um papel de supervisão médica nos campos de extermínio, sugere que lhe foi confiado, num estágio bastante precoce, o segredo da Solução Final. Embora Hitler tivesse decidido no verão de 1941 levar adiante a Solução Final, a decisão de adotá-la como política oficial só fora tomada em janeiro de 1942 por 15 burocratas de posto elevado, antes de se sentarem para almoçar num conclave secreto no subúrbio berlinense de Wannsee. É possível que, como resultado de ter descoberto a vasta quantidade de “material humano” disponível para experimentos em Auschwitz, Mengele, uma vez em Berlim, tenha feito o possível para garantir uma designação para lá. Parece igualmente provável que tenha procurado esse trabalho em colaboração com seu antigo tutor, o professor Von Verschuer, cuja mão orientadora esteve com certeza por trás de sua transferência do *front* russo para Berlim.

No verão de 1942, Von Verschuer era diretor do Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, supervisionando programas de pesquisa sobre pureza racial. Em junho de 1942, enquanto Mengele ainda estava servindo na divisão Viking do *front* russo, Von Verschuer contou a um colega que planejava "levar os que trabalham comigo, inicialmente Schade e Grebe, mais tarde Mengele e Fromme".[32] Em janeiro de 1943, Von Verschuer escreveu para outro colega que "meu assistente Mengele foi transferido para um posto em Berlim, de modo que em seu tempo livre pode trabalhar no Instituto".[33]

O dr. Benno Müller-Hill, da Universidade de Colônia, que teve acesso aos documentos privados de Von Verschuer, tem pouca dúvida de que Von Verschuer acabou persuadindo Mengele a dar outro passo, um passo desastroso em sua vida. "Eu quase apostaria que foi Von Verschuer quem o convenceu a ir para Auschwitz", disse Müller-Hill. "Ele teria dito: 'Há uma grande oportunidade para a ciência lá. Há muitas raças, muita gente. Por que não vai? É no interesse da ciência'".

Após a transferência para Berlim, Mengele foi promovido ao posto de *Haupsturmführer*, capitão. Em maio de 1943, veio a nomeação. No final do mês, ele chegou a uma vasta área cercada de arame farpado, num vale pantanoso, a uma hora de Cracóvia, no sul da Polônia. Era Auschwitz ou, para os alemães, que adoram abreviar tudo, "o KZ", abreviatura de *Konzentrationslager*, campo de concentração.

CAPÍTULO 2

Auschwitz:
Maio de 1943 – Janeiro de 1945

A visão que se apresentou a Josef Mengele quando seu trem se aproximou de Auschwitz foi fantástica. Um ponto de referência, em especial, deve ter atraído seu olhar, como fez com um parceiro médico, Miklos Nyiszli, quando ele chegou lá pela primeira vez:

> […] uma imensa chaminé quadrada construída de tijolos vermelhos se afunilando para o topo. Fiquei especialmente impressionado pelas enormes línguas de fogo se erguendo entre os para-raios […]. Tentei imaginar que diabólica cozinha iria requerer um fogo tão tremendo […]. Um vento fraco trouxe a fumaça na minha direção. O nariz e depois a garganta ficaram cheios do odor nauseante de carne queimada e cabelo incinerado. [34]

No auge do verão o sol incinera a terra, e o ar parado, pesado, sem brisa permeia os quatro cantos do campo com o fedor de carne queimada. No inverno, Auschwitz era assolado por tempestades de neve que se precipitavam velozes ao longo do rio Vístula. A maioria dos poloneses considerava aquele canto remoto do país demasiado inóspito para viver lá. Himmler considerou-o o lugar perfeito para o maior centro de extermínio do programa genocida do Terceiro Reich, e seu comandante, Rudolf Höss, conjeturou acerca da visita do *Reichsführer SS*,

em março de 1941, quando ele ordenou um vasto e novo programa de expansão: [35]

> Os números previstos eram nessa época algo completamente novo na história dos campos de concentração. Na época um campo que contivesse 10 mil pessoas era considerado demasiado grande. A insistência do *Reichsführer* da SS de que o trabalho de construção devia ser tocado a despeito de todas as dificuldades presentes ou futuras, muitas das quais eram e seriam quase insuperáveis, deu-me muito o que pensar desde então. [36]

Na época em que Mengele chegou, em maio de 1943, Auschwitz estava repleto, com quase 140 mil prisioneiros, e se estendia por quilômetros em todas as direções. O dr. Nyiszli, um judeu húngaro que serviu como um interno patologista sob a supervisão de Mengele, ficou abalado quando descobriu como o campo era grande:

> Retornei ao galpão número 12 bem a tempo de ver o dr. Mengele chegar. O carro se aproximou e […] ele mandou me chamar e me pediu que entrasse no carro […] [e] tomamos de novo a estrada esburacada. Por cerca de 12 minutos, dirigimos pelo labirinto de arame farpado e ultrapassamos portões bem guardados, passando assim de uma seção para outra. Só então percebi como o KZ era vasto. Poucas pessoas tiveram a possibilidade de verificar isso porque a maioria morreu no mesmo lugar para onde foi mandada ao chegar. Mais tarde, fiquei sabendo que KZ Auschwitz tinha em certos períodos mantido mais de 100 mil pessoas dentro de sua área de arame farpado eletrificado. [37]

Esse campo enorme, cercado por arame farpado e patrulhado por cães de guarda da SS, continha cinco crematórios e câmaras de gás. Num dia claro, as chamas e a fumaça preta podiam ser vistas num raio de 50 quilômetros, lançadas das chaminés dos crematórios que quebravam a linha rasa do horizonte do pântano ao redor de Auschwitz. Segundo o comandante Höss, o total mais elevado de judeus mortos pelo gás em 24 horas foi de 9 mil:

> Essa cifra foi atingida no verão de 1944, durante a ação contra a Hungria, usando todas as instalações, exceto a número três. Nesse dia, devido a atrasos na linha, chegaram cinco trens em vez de três, como era esperado, e, para completar, os vagões estavam mais lotados que de hábito. [38]

Embora, como disse Höss, Himmler ordenasse “após cada grande ação” que fossem batidos recordes de pessoas incineradas, sabe-se agora que o número total de judeus gaseados em Auschwitz está entre 1,1 e 1,3 milhão. Segundo Höss, um montante de 2,5 milhões lhe foi fornecido por Adolf Eichmann[39] pouco antes de Berlim estar cercada:

> Eichmann e seu representante permanente, Gunther, eram os únicos que possuíam a informação necessária para calcular os números totais de exterminados.[40]

O extermínio em massa era, então, o objetivo principal em Auschwitz, mas essa não era de modo algum sua única função importante. Auschwitz era também um campo de trabalho escravo, fornecendo uma reserva de trabalhadores para empresas alemãs que contribuíam com o esforço de guerra. Os mais fortes dos novos prisioneiros só eram selecionados para viver porque podiam ser obrigados a trabalhar até que caíssem mortos. Os que desfaleciam eram às vezes chutados e espancados para determinar se ainda estavam vivos. Trinta e quatro companhias – muitas delas ainda hoje nomes familiares, como Krupp, AEG Telefunken, Siemens, Bayer e IG Farben – fizeram fortunas com o torturado trabalho de judeus, russos, poloneses, alguns prisioneiros de guerra dos Aliados e prisioneiros de consciência alemães. A maior fábrica da IG Farben ficava em Monowitz, um subcampo de Auschwitz que fabricava borracha sintética. Como retorno por fornecer trabalho escravo, a Farben pagava à SS uma taxa diária de 4 *reichsmarks* por um trabalhador especializado, 3 *reichsmarks* por um trabalhador não especializado e 1,5 *reichsmark* por uma criança. Em sua acusação contra os diretores da Farben[41] nos julgamentos de industriais alemães no pós-guerra, Benjamin B. Ferencz, um advogado americano, disse à corte que a Farben apinhava 400 prisioneiros num bloco destinado a 162. Cada catre de madeira, forrado apenas com uma fina camada de palha suja, era compartilhado por três prisioneiros. Disenteria e diarreia aumentavam sua miséria:

> Os internos eram literalmente obrigados a trabalhar até a morte. Eram forçados a correr enquanto descarregavam sacos de cimento pesando mais de 45 quilos. A água de beber era contaminada, a roupa

era escassa e a alimentação totalmente inadequada. Muitos morriam de frio ou de fome. As condições de todos os trabalhadores forçados eram terríveis. Mas as dos judeus eram, de longe, as piores. [42]

Em agudo contraste com as condições degradantes dos internos, a vida para os escalões subalternos da SS que tomavam conta do campo – participando dos gaseamentos conhecidos, num eufemismo, como "ações especiais", das execuções e da convocação de trabalho escravo – era toleravelmente confortável. Qualquer trabalho de "ação especial" atraía rações extras: um dia com dez cigarros, um quinto de um litro de vodca e pouco mais de 100 gramas de salsicha alemã. Mas para oficiais da SS, como Mengele, as recompensas eram ainda mais generosas. Um dos colegas de Mengele em Auschwitz, o dr. Johann Kremer, manteve um diário. Embora dedicasse apenas algumas frases a seu papel nas "ações especiais", recordava em detalhe como saboreava a boa vida, especialmente a comida servida por *chefs* no clube da *Waffen-SS*. Cinco dias de setembro foram particularmente memoráveis:

6 de set.: hoje, um excelente jantar de domingo: sopa de tomate, metade de um frango com batatas e repolho roxo, um magnífico sorvete de baunilha […]. Saí às oito da noite para participar de outra ação especial. [43] 9 de set.: esta manhã recebi notícias muito bem-vindas do meu advogado […] eu estava divorciado de minha mulher desde o dia 1º deste mês. Mais tarde estive presente como médico no açoitamento de oito internos do campo e numa execução feita com um revólver de pequeno calibre. Arranjei sabão em pó e duas barras de sabão […] 17 de set.: pedi um paletó esporte a Berlim. 20 de set.: nesta tarde de domingo ouvi das 15 às 18 horas um concerto da banda de prisioneiros sob um maravilhoso sol; o chefe da banda era maestro da ópera estatal em Varsóvia. Oitenta músicos. Porco assado no jantar […] 23 de set.: essa noite estive presente na 6ª e na 7ª ações especiais. [44] Às oito da noite, jantar na casa do *Grupenführer* Pohl, uma refeição verdadeiramente festiva. Tivemos peixe assado, para comermos à vontade, café de verdade, excelente cerveja e sanduíches. [45]

Outros ornamentos de uma vida confortável foram preservados pelo comandante do campo, Höss, que morava com a mulher e cinco filhos numa casa branca de estuque rodeada por uma cerca branca feita de estacas. O jardim que circundava a casa estava cheio de sebes vermelhas e begônias em floreiras azuis. Era, como Höss recordou, um cenário idílico para sua casa de campo:

> Cada desejo que minha mulher ou meus filhos manifestavam lhes era concedido. As crianças podiam levar uma vida livre e sem restrições. O jardim de minha mulher era um paraíso de flores […]. As crianças gostavam […] particularmente dos [prisioneiros] que trabalhavam no jardim.
>
> Toda a minha família revelava um amor intenso pela agricultura e, em especial, por todo tipo de animal. A cada domingo eu tinha de passear com eles pelos pastos, visitar os estábulos e talvez nunca tenhamos deixado de ir aos canis onde os cachorros eram mantidos. Nossos dois cavalos e o potro eram especialmente amados.
>
> As crianças sempre mantinham animais no jardim, criaturas que os prisioneiros estavam incessantemente trazendo para elas. Tartarugas, martas, gatos, lagartos: havia sempre alguma coisa nova e interessante a ser vista lá. No verão, elas se jogavam na piscina infantil do jardim ou no Sola [rio]. Mas sua maior alegria era quando o papai entrava na água com elas. Ele, contudo, tinha muito pouco tempo para todos esses prazeres infantis. [46]

Era essa tentativa de manter uma vida normal em meio a uma extraordinária crueldade e desumanidade que fez de Auschwitz um lugar saído do Inferno de Dante. Às vezes Auschwitz se assemelhava ao teatro do absurdo. Havia até mesmo regras de tráfego no campo, com sinais de trânsito ficando vermelhos e verdes. As infrações provocavam uma investigação do tribunal de tráfego da SS, como o próprio Mengele descobriu um mês após sua chegada, ao bater num caminhão de armamentos da SS quando corria em sua moto para Birkenau. [47] Mengele ficou "ferido [48] e partes do seu uniforme, assim como a motocicleta, sofreram danos", mas a corte achou que "a culpa do SS *Hauptsturmführer* [capitão da SS] não podia ser estabelecida". [49]

Havia muitos outros aspectos dantescos da vida em Auschwitz. O campo tinha seu próprio estádio de futebol, biblioteca, laboratório fotográfico, teatro, piscina da SS e orquestra sinfônica. Havia inclusive um bordel chamado "The Puff", usado por homens da SS e alguns prisioneiros favorecidos.

Quando entrou no mundo de pesadelo de Auschwitz, Mengele se distanciou de imediato dos outros médicos da SS. Era o único médico do campo a ter servido no *front* oriental e a ter sido agraciado com a Cruz de Ferro e outras condecorações. O dr. Hans Münch, um médico da SS que serviu num laboratório bacteriológico num subcampo de Auschwitz e que se tornou amigo íntimo de Mengele, relembra que Mengele tinha muito orgulho de suas medalhas e as usava expostas com grande destaque no uniforme. Mengele se referia com frequência à sua experiência de combate e desenvolveu com rapidez uma aura

especial no campo por ter estado na linha de frente, o que contrastava agudamente com as carreiras burocráticas dos outros médicos do campo.

Mengele unia o *status* de combatente a uma dedicação fanática a seus deveres. Enquanto outros médicos de Auschwitz não faziam mais do que era requerido deles, Mengele estava sempre assumindo novos projetos e responsabilidades. Floresceu em Auschwitz – a tal ponto que, ainda hoje, alguns sobreviventes continuam se referindo equivocadamente a ele como médico-chefe do campo, um posto na realidade ocupado pelo dr. Eduard Wirths, que nomeou Mengele médico sênior do campo de mulheres em Birkenau.

Alguns dias depois da sua chegada, enquanto Auschwitz estava no meio de uma de suas muitas epidemias de tifo, Mengele criou uma reputação de radical e implacável eficiência. O pântano nas proximidades tornava difícil a obtenção de água potável e trazia a constante ameaça dos mosquitos.[50] Outros médicos da SS tinham fracassado nos esforços para controlar o tifo nas exíguas acomodações dos barracões do campo. A solução que Mengele deu à epidemia foi exposta numa das 78 acusações elaboradas em 1981 pelo gabinete do procurador alemão ocidental, quando as autoridades julgavam que ele ainda estava vivo. No que diz respeito ao detalhamento de provas, esse mandado de captura é o documento mais condenatório e completo que jamais foi compilado contra ele. Segundo o mandado, em 25 de maio de 1943, “Mengele enviou 507 ciganos e 528 ciganas suspeitos de estar com tifo para a câmara de gás”. Também é denunciado que em “25 ou 26 de maio poupou os ciganos que eram alemães enquanto mandava aproximadamente 600 outros para serem gaseados”.[51]

Tal desprezo por essas vidas é explicado pela visão de Mengele de que os ciganos eram uma subespécie. A ironia era que o próprio Mengele às vezes chamava atenção por fazer comentários sobre sua própria aparência, nitidamente não ariana, que lembrava com mais rigor a de um cigano que a de um perfeito espécime nórdico. Na verdade, a própria classificação racial de Mengele pela SS o colocara na categoria *Dynarisch-Ostisch*, o que significava que seus traços predominantes eram de origem “oriental”.[52] Desde a infância ele tivera consciência da pele ligeiramente morena, dos penetrantes olhos castanhos-esverdeados e do cabelo castanho-escuro. Na escola, suportara insultos sem

gravidadede dos colegas de turma sobre a aparência cigana. E na Baviera, onde Mengele foi criado, a palavra para “cigano” tinha um sentido pejorativo, indicando uma pessoa instável e mal-ajustada. Em especial sua cidade natal de Günzburg estava repleta de histórias folclóricas sobre ciganos que vinham sequestrar crianças que se comportavam mal.

No final de 1943, uma severa epidemia de tifo atingiu o campo de mulheres em Birkenau, que estava então sob controle de Mengele. De cerca de 20 mil mulheres semimortas de fome, por volta de 7 mil estavam gravemente doentes. Segundo a dra. Ella Lingens, uma médica austríaca enviada para Auschwitz por tentar ajudar alguns amigos judeus a fugir de Viena, Mengele propôs outra de suas soluções radicais:

> Mandou todo um bloco judeu de 600 mulheres para a câmara de gás e limpou o bloco. Depois fez com que o desinfetassem de cima a baixo. Em seguida colocou banheiras entre esse bloco e o seguinte, e as mulheres do bloco seguinte saíram para serem desinfetadas e depois transferidas para o bloco limpo. Lá receberam uma camisola de dormir limpa e nova. O próximo bloco foi limpo da mesma maneira e assim por diante até que todos os blocos foram desinfetados. Fim do tifo! O episódio terrível foi que ele não pôde colocar aquelas primeiras 600 em parte alguma. [53]

As técnicas de Mengele para erradicar o tifo foram muito admiradas pelo médico da guarnição, o dr. Wirths. Em fevereiro de 1944, Wirths citou-as como uma das várias razões pelas quais Mengele deveria ser agraciado com a *Kreigsverdienstkreuz*, ou Medalha de Serviços de Guerra, observando que “ao combater uma severa epidemia tifoide […] ele próprio foi infectado por um tifo muito forte”. [54] [55]

As medidas que Mengele tomou contra o tifo foram apenas amostras do cínico desrespeito pela vida que ele tão rapidamente desenvolveu em Auschwitz. Perto do fim de 1944, houve uma escassez de comida. Ela não era suficiente sequer para sustentar a magra dieta de 700 calorias por dia para as 40 mil mulheres do Campo C, Birkenau. Mengele foi informado de que deveria dizer aos colegas da SS que não poderia mais alimentar as debilitadas prisioneiras. Teria, portanto, de liquidá-las. Durante as dez noites seguintes, comboios de caminhões carregaram as mulheres, 4 mil por dia, para a câmara de gás – “uma visão horrível essa caravana de caminhões, os faróis varando a escuridão, cada qual transportando

uma carga humana de 80 mulheres que enchiam o ar com seus gritos ou permaneciam mudas, paralisadas de medo”. [56]

Mas foi nas seleções no fim dos trilhos, quando os recém-chegados desciam dos degradantes vagões de carga para encontrar seu destino, que Mengele firmou sua reputação, mesmo entre os colegas médicos da SS, como um cínico cruel. Segundo uma médica prisioneira, Olga Lengyel, Mengele era “de longe o provedor principal da câmara de gás e dos fornos crematórios”. [57] Dois médicos da SS eram designados para examinar, no final da linha, cada novo transporte. Seus poderes excêntricos de vida e morte à medida que os prisioneiros, obedientes, passavam em fila foram descritos, de maneira muito nítida, pelo dr. Miklos Nyiszli, que se tornou patologista de Mengele:

> Qualquer pessoa que tivesse ultrapassado os portões do KZ era uma candidata a morrer. Aquele cujo destino dirigira para a coluna da esquerda era transformado, dentro de uma hora, num cadáver pela câmara de gás. Menos afortunado era aquele que a adversidade tinha sido selecionado para a coluna da direita. Ele ainda era candidato à morte, mas com uma diferença – durante três meses, ou pelo tempo que pudesse suportar, devia se submeter a todos os horrores que o KZ tinha a oferecer, até cair por absoluta exaustão. [58]

A maioria dos médicos da SS consideravam as seleções a mais estressante de todas as suas obrigações no campo. Disse a dra. Ella Lingens:

> Alguns como Werner Rhode, que odiava seu trabalho, e Hans König, que estava profundamente enojado com suas tarefas, tinham de ficar bêbados antes de aparecerem na rampa. Só dois médicos executavam as seleções sem estimulantes de qualquer espécie: o dr. Josef Mengele e o dr. Fritz Klein. O dr. Mengele era particularmente frio e cínico. [59]

A abordagem impassível de Klein se devia ao fato de ele ser um virulento antissemita. Tinha odiado todos os judeus desde que um deles seduzira sua noiva quando eram estudantes universitários e um dia, por acaso, o ouviram dizer que até “gostava do cheiro dos crematórios”. Na visão de Mengele, a maior ameaça à superioridade da raça alemã era representada pelos judeus. “Ele uma vez me falou que existiam apenas dois povos dotados no mundo, alemães e judeus, e o

problema era quem seria superior", disse a dra. Lingens. "Então ele decidiu que os judeus tinham de ser destruídos." [60]

Para dezenas de milhares de internos, Mengele era uma das primeiras pessoas que viam em Auschwitz. Muitos atestaram sua aparência imaculada, as mãos muito bem cuidadas quando ele exercia o poder de vida e morte. Algumas mulheres, que ele não hesitava em humilhar fazendo-as desfilar nuas enquanto realizava suas seleções, julgavam-no um homem bem-apessoado, embora uma fenda entre dois dentes superiores da frente comprometesse um pouco o efeito. Sobreviventes comentaram a impressão deixada pelo uniforme de talhe justo da SS, com botas pretas brilhantes, luvas brancas e bastão polido, quando ele examinava suas possíveis cobaias com olho firme, sorrindo às vezes e assobiando uma ária operística. "Como odiávamos esse charlatão", disse a dra. Lengyel. "Ele profanava a própria palavra 'ciência'. Como desprezávamos seu ar distante, arrogante, o assobio contínuo, as ordens absurdas, a crueldade glacial." [61]

> Dia após dia ele estava em seu posto, observando a deplorável multidão de homens, mulheres e crianças que avançava com dificuldade, todos nos últimos estágios de exaustão devido à jornada desumana em vagões de gado. Ia apontar o bastão para cada pessoa e dirigi-la com uma palavra: "direita" ou "esquerda" [...]. Parecia sentir prazer com a aterradora tarefa. [62]

As seleções de Mengele na enfermaria também eram célebres ao jogar de modo perverso com as emoções de médicos da prisão e suas tentativas de salvar, por quaisquer meios possíveis, seus pacientes da câmara de gás. A dra. Lingens disse:

> O cínico dr. Mengele tornava as coisas fáceis para si mesmo. Mandava que nós, médicos da prisão, fizéssemos listas meticulosas de nossos pacientes, incluindo diagnósticos e prognósticos. Deveríamos declarar uma data aproximada em que o paciente estaria em condições de deixar o hospital e reassumir o trabalho.
>
> Era difícil nos recusarmos a fazer essa lista, visto que nada nos era dito sobre seu objetivo, embora imaginássemos perfeitamente bem qual seria ele. Se colocássemos que um paciente tinha de permanecer no hospital por mais de três ou quatro semanas, ele estava condenado. Se estabelecêssemos um prazo mais curto, o dr. Mengele mandaria liberar o paciente e gritaria conosco: "O quê? Você diz que é médico e pretende tirar essa criatura miserável, semimorta, do hospital em menos de quatro semanas?". Isso fazia

parecer que estávamos cruelmente iludindo os pacientes acerca do devido tempo de sua recuperação. Se aceitava o prognóstico de curto prazo, o dr. Mengele insistiria na alta do paciente na data declarada; no caso daquelas mulheres enfraquecidas, uma alta às vezes se aproximava muito de um assassinato. Era com frequência impossível encontrar uma saída. [63]

Longe dos olhares de colegas arianos como a dra. Lingens que, ao contrário de médicos judeus, podia se arriscar a desafiar seus excessos, Mengele recorria a uma variedade de métodos cruéis de execução. A denúncia alemã ocidental expõe um catálogo monstruoso:

Josef Mengele é acusado de ter ativa e decididamente tomado parte em seleções, em blocos de prisioneiros doentes, daqueles prisioneiros que, devido a fome, privação, exaustão, enfermidade, infecção, maus-tratos ou outras razões estavam incapazes para o trabalho no campo e dos quais não se esperava uma recuperação rápida; e também daqueles que tinham doenças contagiosas ou singularmente desagradáveis, como uma erupção de pele.

Os selecionados eram mortos por meio de injeções, pelotões de fuzilamento ou pelo doloroso sufocamento até a morte por ácido prússico nas câmaras de gás, de modo a abrir espaço no campo para os prisioneiros "aptos", selecionados por ele ou outros médicos da SS do modo já mencionado. As injeções letais eram compostas de fenol, gasolina, Evipal, clorofórmio ou ar na circulação sanguínea, em especial na câmara cardíaca, sendo aplicadas pelo próprio Mengele ou, a seu mando, pelo agente sanitário da SS enquanto ele observava. Ele também é acusado de ter supervisionado, em seleções em acampamentos e em hospitais, agentes sanitários da SS que atiravam grânulos de ácido prússico do Zyklon B nos tubos de entrada de ar dos quartos com pessoas condenadas a morrer tossindo juntas – ou ele próprio os atirava. [64]

No final de agosto de 1943, a mulher de Mengele, Irene, viajou de Freiburg, na Alemanha, onde havia preferido passar a guerra, para visitá-lo em Auschwitz. Restrições de quarentena por causa do tifo não deixariam de fazer com que ela se demorasse mais tempo lá do que havia planejado. "O que é esse mau cheiro?", relatam que Irene perguntou ao marido erguendo os olhos para uma chaminé e as nuvens de fumaça além dela. "Não me faça perguntas a respeito disso", Mengele teria respondido num tom casual. Segundo o filho de Mengele, Rolf, a mãe lhe disse mais tarde que aquele foi o momento em que ela começou a ter suas dúvidas, quando o casamento estremeceu pela primeira vez antes de acabar por fim seis anos mais tarde. "Em virtude da guerra eles nunca tiveram um casamento de verdade", disse Rolf. "Minha mãe era alegre, animada, cheia de

vida, uma pessoa vibrante.” [65] Os colegas de Mengele na SS que chegaram a conhecê-lo bem comentam que ele nunca discutia sua vida pessoal. Não se lembram sequer que tenha mencionado o nascimento do filho em 1944. [66]

Havia momentos, no entanto, quando ele ficava agitado e ansioso, em que sua compostura glacial escapulia. Essas ocasiões geralmente ocorriam quando ele estava esperando que saíssem gêmeos de vagões ferroviários que haviam acabado de chegar. “‘*Zwillinge, Zwillinge, Zwilling*, gêmeos, gêmeos, gêmeos’ era o que ele gritava”, disse Horst von Glasenapp, o juiz alemão ocidental que tomou inúmeros depoimentos, durante os anos 1970, de vítimas sobreviventes de Mengele. Uma delas, Irene Slotkin, que tinha 5 anos quando foi para Auschwitz, recordou:

> Lembro-me da primeira vez que o vi: ele estava com uma roupa verde, verde-escura. E lembro-me das botas; esse era provavelmente o nível dos meus olhos. Botas pretas que brilhavam.
> Ele estava procurando por *“Zwillinge, Zwillinge”*. Parecia irritado. Não sei se compreendi que aquilo se aplicava a mim. Sabíamos que, não importa o que tínhamos de fazer, era bom fazer rápido e bem feito. [67]

Seu irmão, René, lembrava-se de ter sido salvo por Mengele porque era um gêmeo:

> A certa altura, perto do final da guerra, fui escalado para ir para as câmaras. Sabia que ia perder minha vida. Estávamos sendo embarcados em caminhões quando um carro se aproximou. Um conversível. Foi quando vi Mengele. Fomos retirados do caminhão. Ele parou todo o cortejo porque iam matar seus gêmeos. [68]

Outra testemunha, a dra. Martina Puzyna, que Mengele empregou como antropóloga para medir os traços exteriores dos gêmeos, um dia o viu “berrando num tom muito alto: *‘Gêmeos, aqui, gêmeos, aqui’”* enquanto corria ao longo de um cortejo de judeus húngaros que fluíam para fora do trem: “Havia mulheres andando com as crianças, se afastando, e ele estava dando ordens para que esperassem ali, que alguém ia cuidar deles”. [69]

Outras vezes Mengele adotaria cinicamente um tom mais tranquilizador, como disse essa testemunha anônima num depoimento para o exército americano:

> Reparamos várias vezes no modo hipócrita como o horrível dr. Mengele tratava mulheres e crianças que desembarcavam do trem. “Madame, tome cuidado, seu filho vai se resfriar… Madame, a senhora está enferma e cansada após uma longa viagem; dê seu filho para esta senhora e poderá pegá-lo mais tarde na creche.” Nesses dias ele estava de bom humor, tratando de modo amigável as pessoas que mandava para a morte e que, com muita frequência, estariam reduzidas a fumaça cinco ou seis horas após sua chegada. [70]

Mas não importa qual fosse sua conduta, era de Mengele, mais que de todos os outros, que os sobreviventes que acompanharam as seleções se recordam com maior nitidez. No julgamento de 1964 de 22 réus de Auschwitz, uma testemunha, Arie Fuks, disse que, enquanto trabalhou perto das rampas de chegada, viu que era sempre Mengele quem fazia as seleções. “Mas como pode Mengele ter estado o tempo todo lá?”, perguntou o incrédulo juiz. “Em minha opinião, sempre esteve lá”, respondeu Fuks. “Dia e noite.” [71]

Mais de trinta anos depois do final da guerra, Mengele defendeu as seleções do campo em discussões de uma noite inteira com o filho, durante o encontro dos dois no Brasil. Rolf recorda a “defesa” do pai:

> Ele me disse que não “inventou” Auschwitz e que não era pessoalmente responsável pelos incidentes que ocorriam lá. Auschwitz já existia. Queria ajudar, mas as possibilidades eram muito limitadas. Não podia ajudar a todos. Por exemplo, ele me perguntou o que podia fazer nas plataformas quando chegavam as pessoas semimortas e infectadas? Estava além da imaginação de qualquer um descrever as circunstâncias ali. Disse que seu trabalho era definir apenas “apto para o trabalho” e “inapto para o trabalho”. Tentava classificar as pessoas como “aptas para o trabalho” com a maior frequência possível. Acha que dessa maneira salvou a vida de vários milhares de pessoas. Não ordenava o extermínio e não era responsável.
>
> Disse que os gêmeos deviam suas vidas a ele. Disse que nunca feriu ninguém pessoalmente e nessa altura ficou muito exaltado. Perguntou se eu – seu filho – acreditava nas mentiras dos jornais. [72]

Mas a “defesa” de Mengele não é respaldada por dezenas de depoimentos, sob juramento, de internos assim como de parceiros médicos e homens da SS. Mengele não classificava as pessoas como “aptas para o trabalho” por razões humanitárias, mas porque encarava Auschwitz como o supremo laboratório humano, com um suprimento ilimitado de material para tocar sua pesquisa, que a guerra tinha, de maneira inconveniente, interrompido. Estava tão obcecado em

encontrar um grande número de gêmeos que comparecia a seleções no fim dos trilhos mesmo quando não estava em seu turno; podia ser visto barganhando com os médicos da SS de serviço para que separassem os gêmeos para ele.

A afirmação de Mengele de que “nunca feriu” ninguém também é contestada pelas volumosas provas de seus experimentos com gêmeos. A pesquisa de Mengele ganhou força na primavera de 1944, quando os transportes conduzindo judeus-húngaros começaram a chegar. A denúncia alemã ocidental contra Mengele relaciona testemunhos para pelo menos 39 seleções distintas que ele é acusado de ter praticado entre abril e agosto, envolvendo dezenas de milhares de judeus. A cifra real é provavelmente duas vezes essa, já que em muitas ocasiões nenhuma testemunha teria sobrevivido.

Embora muitos experimentos de Mengele cobrissem uma variedade de estudos, de bacteriologia a transplantes de medula óssea, o objetivo principal parece ter sido desvendar o segredo de criar nascimentos múltiplos com traços arianos produzidos por engenharia genética. Como observou a denúncia alemã ocidental:

> A pesquisa com gêmeos ocupou uma grande parte dos pseudoexperimentos do acusado, segundo as investigações preliminares da corte. Isso era particularmente interessante para o regime nazista, em especial com relação ao desejado aumento na taxa de nascimentos por meio do aumento medicamente manipulado no número de nascimentos de gêmeos. [73]

Mas o desafio não era apenas melhorar a fertilidade das mulheres alemãs, embora Mengele tenha mostrado um breve interesse por isso com uma série de estranhos experimentos sexuais. Tratava-se na verdade de aperfeiçoar e preservar os melhores traços de sua mítica super-raça ariana, incluindo os olhos azuis, o cabelo louro, os corpos fortes e saudáveis. A qualidade não podia ser sacrificada em proveito da quantidade. Não poderia haver enfraquecimento da linhagem ariana.

Vários outros experimentos, em particular a esterilização, já estavam em curso em Auschwitz quando Mengele chegou. O propósito desses experimentos era encontrar um meio fácil e eficiente de esterilização em massa para as recém-conquistadas “raças inferiores”. Além disso, o coronel Victor Brack, chefe

administrativo na chancelaria do Reich, havia sugerido a Himmler que, para o esforço de guerra, poderia ser mais produtivo em vez de liquidar judeus colocar alguns deles para trabalhar, desde que um método rápido e eficiente de controle da natalidade pudesse ser encontrado. O dr. Horst Schumann e sua equipe deram então início a uma série de esterilizações sexuais experimentais por raios X, que se revelaram extremamente dolorosas para as vítimas. Um registro que sobreviveu mostra que Schumann e seus médicos executavam 90 esterilizações num dia.[74]

As mulheres também eram sujeitas a doses maciças de radiação, e seus ovários eram depois removidos para estabelecer a dosagem exata requerida para esterilização. A ambição de Mengele ia muito além de encontrar apenas um método de conter a capacidade reprodutiva da raça judia. Ele estava mais preocupado em garantir a pureza racial das futuras gerações de alemães, um programa de pesquisa calculado para seduzir a imaginação da hierarquia nazista e promover sua carreira. Mengele já havia deixado claro que pretendia seguir uma carreira acadêmica após a guerra, embora a dra. Lingens tivesse dúvidas sobre sua capacidade. “Eu diria que era moderadamente talentoso”, disse ela. “Vi duas de suas publicações antes da guerra e certamente nada havia de brilhante nelas. Mas achei que, em cerca de vinte anos, ele poderia se converter num professor universitário”. O dr. Hans Münch, que trabalhou no Instituto de Higiene do Exército da SS em Rajsko, um subcampo de Auschwitz, e ficou conhecendo bem Mengele, não tinha dúvidas sobre sua motivação:

> Eu o via como um nacional-socialista convicto que nunca questionou como a Solução Final era administrada no campo. Era um oportunista. Durante esse período, a ideologia tinha uma grande influência. Himmler era um dos grandes místicos nazistas e é possível conceber que fossem realizadas pesquisas pseudocientíficas com o objetivo de agradar Himmler. Certamente, o principal objetivo de Mengele era se tornar professor universitário após a guerra.[75]

A teoria de que Mengele era guiado por uma ambição cega, que a pesquisa era tão importante para ele que qualquer desumanidade se tornava insignificante, é reforçada pelas descobertas da denúncia alemã ocidental:

> É imputada a Josef Mengele a acusação de ter realizado experimentos médicos em prisioneiros vivos para publicação científica, visando servir a sua ambição e seu progresso na carreira pessoal. Pretendia realmente que as vítimas morressem de acordo com a regra do experimento e fazia uma avaliação muito barata de suas vidas. Muitas vezes eles morriam apenas para refinar seu conhecimento médico e sua formação acadêmica. [76]

Os fundos para essa pesquisa genética em Auschwitz tinham sido autorizados pelo *Deutsche Forschungsgemeinschaft*, o Conselho Alemão de Pesquisa, em agosto de 1943. Parece que o professor Von Verschuer, então diretor do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia, de fato conseguiu o financiamento do Conselho. Num relatório de progresso para o Conselho, Von Verschuer escreveu:

> Meu copesquisador nesse estudo é meu assistente, o antropólogo e médico Mengele. Está servindo como *Hauptsturmführer* e médico militar no campo de concentração de Auschwitz. Com permissão do *Reichsführer SS* [Himmler], uma pesquisa antropológica está sendo empreendida com os vários grupos raciais no campo de concentração e amostras de sangue serão enviadas para exame em meu laboratório. [77]

O dinheiro foi usado para construir um laboratório especial de patologia que Mengele tinha planejado para o Crematório 2, em Birkenau, onde vítimas há pouco gaseadas poderiam ser dissecadas. Foi equipado com o mais moderno equipamento disponível, e uma mesa de dissecação de mármore polido com várias pias, uma delas instalada com torneiras de níquel, dominava o piso de concreto vermelho. O patologista que ele escolheu para se encarregar da tarefa foi o médico judeu húngaro Miklos Nyiszli, que chegou a Auschwitz em 29 de maio de 1944. Nesse dia Mengele foi direto para o fim dos trilhos e ordenou que todos os médicos ficassem de um lado. Foi reunido um grupo de 50. Mengele mandou que aqueles que haviam estudado em universidades alemãs, que tinham um conhecimento sólido de patologia e tinham praticado medicina forense dessem um passo à frente. “Tenham cuidado”, ele os advertiu, “vocês devem estar à altura da tarefa”. O dr. Nyiszli comentou:

> Sua atitude ameaçadora deixava pouco à imaginação. Olhei de relance para meus companheiros. Talvez estivessem intimidados. Pouco importava! Minha decisão já estava tomada. Saí da fileira e me

> apresentei. O dr. Mengele me interrogou demoradamente, perguntando onde eu havia estudado, o nome dos meus professores de patologia, como havia adquirido um conhecimento de medicina forense, durante quanto tempo eu a praticara etc. Ao que parece minhas respostas foram satisfatórias, pois ele de imediato me separou dos outros e ordenou que meus colegas voltassem a seus lugares. Por ora, estavam poupados. [78]

A primeira tarefa do dr. Nyiszli foi passar num exame de dissecação. Vários cadáveres lhe foram trazidos para exame na presença de médicos da SS e da prisão:

> Extraí todos os órgãos, anotei tudo que era anormal e respondi sem hesitação às inúmeras perguntas que eles me atiraram. Os rostos mostraram que sua curiosidade tinha sido satisfeita e, pelos acenos de aprovação e olhares, concluí que fora aprovado no exame. [79]

Mengele já havia dado um início bizarro à sua tentativa de aperfeiçoar o espécime alemão ideal ao testar se poderia mudar a pigmentação dos olhos injetando diferentes corantes coloridos. Trinta e seis crianças de um galpão em Birkenau foram usadas para os testes dos olhos, que resultou em dolorosas infecções e às vezes cegueira. Depois dos testes, as crianças não tinham mais utilidade e foram gaseadas. Os resultados dessa pesquisa, que começou no verão de 1943 e foi suplementada com fundos do Conselho Alemão de Pesquisa em setembro desse ano, foram testemunhados por um médico judeu prisioneiro, Vexler Jancu:

> Em junho de 1943 fui para o campo cigano em Birkenau. Vi uma mesa de madeira. Sobre ela havia amostras de olhos. Cada uma tinha um número e uma letra. Os olhos iam do amarelo muito leve ao azul, verde e violeta brilhantes. [80]

Outra testemunha, Vera Kriegel, disse que viu uma parede coberta com olhos num dos laboratórios de Mengele. “Estavam espetados como borboletas”, disse ela. “Achei que já tinha morrido e estava morando no inferno.” [81]

Os olhos eram despachados para o instituto do professor Von Verschuer em Berlim. Ao se deparar com um relatório sobre pigmentação dos olhos sendo preparado por um pesquisador do instituto perto do final da guerra, o coeditor de

uma publicação médica observou que um conjunto de cobaias – “avós, pais e filhos – haviam morrido ao mesmo tempo. Pode-se presumir que foram mortos no campo de concentração”. [82]

Para aperfeiçoar um método de produzir em massa pessoas adequadas para povoar os novos territórios alemães e substituir as esvaziadas fileiras do exército, Mengele decidiu definir que atributos e deficiências eram herdados geneticamente, não sendo adquiridos pelo estilo de vida e o ambiente. A melhor maneira de conseguir fazê-lo era pelo estudo comparativo de gêmeos, com uma criança em cada par usada como parâmetro. Mas esse tipo de comparação só é válido quando uma detalhada história de vida está disponível. Em Auschwitz, isso geralmente não era possível. Por isso Mengele usou um sistema que era necessariamente aleatório e de valor científico duvidoso. Isso não deixa de contestar a avaliação de alguns estudantes do fenômeno Mengele que, apesar da corruptora influência da época, ele pode ter sido um líder no campo da genética e antropologia.

Gêmeos destinados aos experimentos de Mengele eram alojados no galpão 14 do campo F, em Birkenau, apelidado “o Zoo”. Ali, sob as ordens de Mengele, recebiam boa comida, camas confortáveis e condições de vida higiênicas a fim de ficarem saudáveis para a parte mais importante do processo experimental, o estudo comparativo de sua anatomia e suas funções corporais.

A finalidade de deixá-los mais fortes era impedir que infecções interferissem nos resultados do estudo, excluindo doenças como tifo, que eram deliberadamente induzidas para que seus efeitos fossem monitorados. Muitas crianças adoravam Mengele, “tio Pepi”, como o chamavam. Em certos dias ele trazia doces, como Vera Alexander, uma sobrevivente, explicou:

> Ele levou chocolate para elas, as roupas mais bonitas, calças brancas, até mesmo aventais, e as meninas tiveram fitas no cabelo. Um dia gritou comigo porque uma menina tinha uma fita mais baixa que a outra. Ele me disse: “Como fez isso? Não estão como eu gosto”. [83]

Em seguida a essa fase preliminar de preparação da saúde, os gêmeos eram transferidos para o hospital no campo B2F, para o estágio *in vivo*. Ele incluía experimentos executados enquanto as crianças estavam vivas. Os registros do

campo mostram que as transferências de crianças judias, juntamente com crianças gêmeas, adultos gêmeos, anões e deficientes físicos dos transportes para o hospital começaram em julho de 1944. É impossível pôr uma cifra no número de gêmeos com quem Mengele fez experimentos, embora seja dada uma ideia de escala na denúncia alemã ocidental: “É às vezes afirmado que 200 pares apenas de meninos gêmeos eram mantidos de prontidão para os experimentos do acusado Josef Mengele”. [84]

Na primeira fase do estágio *in vivo* eram tiradas medidas precisas dos crânios, orelhas, narizes e outros traços externos. Para esse processo, Mengele recorria aos serviços da dra. Martina Puzyna, ex-assistente do professor de antropologia polonês Jan Czekanowski na Universidade de Lvov. Czekanowski tinha aperfeiçoado um método de medir estatisticamente diferentes traços externos ligados a grupos raciais. Como participante do movimento clandestino polonês, a dra. Puzyna foi enviada para Auschwitz, onde logo contraiu tifo. Como a dra. Puzyna explicou, foi enquanto estava no hospital que Mengele descobriu quem era ela e a recrutou:

> Mengele passou por mim e ouvi o médico polonês dizer a ele que eu tinha sido assistente do professor Czekanowski antes da guerra. Mengele ficou muito entusiasmado com isso e disse ao médico que eu devia me apresentar a ele no dia seguinte.
>
> Eu estava tão fraca que tive de ser carregada. Quando o vi pela primeira vez, sentado ali na sua mesa, espantou-me como parecia jovem. E limpo. Estava sempre limpo e elegante. Mengele estava sentado com o dr. König. Mengele me perguntou que trabalho eu andara fazendo no campo e eu contei: “Carregava pedras”. Por alguma razão ele riu e disse: “Bem, é melhor vir trabalhar comigo”. Minha impressão foi de que ele era completamente indiferente ao que estava acontecendo à sua volta. [85]

Deram à dra. Puzyna uma cama própria numa ala especial do hospital e sua ração de comida foi dobrada para apressar a recuperação. Depois que ela recobrou as forças, Mengele levou-a para um escritório que lhe atribuíra para o trabalho. Ela foi abastecida com os últimos e precisos instrumentos de medida suíços e começou a trabalhar depois que chegaram os judeus húngaros, começando em abril de 1944. “Não nos cabia ver as seleções dos gêmeos”, disse ela, “mas minha sala ficava muito perto da linha férrea e me lembro de vê-lo

andar de um lado para o outro nas seleções, gritando. Às vezes parecia completamente louco".

Durante os seis meses seguintes, quase até Auschwitz ser libertado pelo Exército Vermelho em janeiro de 1945, a dra. Puzyna mediu 250 pares de gêmeos, anotando cuidadosamente cada detalhe – a distância do nariz à orelha, a distância entre as orelhas, a circunferência da cabeça e assim por diante. De vez em quando Mengele vinha verificar o trabalho. "Não era muito conversador. Costumava apenas dar uma olhada nas fichas que tinham sido completadas", disse ela. "Nunca me contou em que estava aplicando aqueles resultados, mas eu fazia uma ideia. Queria cada detalhe, especialmente qualquer diferença nos gêmeos, e queria saber de seus olhos." [86]

Depois de medidos os gêmeos eram levados para o hospital dos homens, bloco 15 do campo B2F. Ali Mengele fazia com que as crianças fossem despidas e as examinava durante horas nos menores detalhes. Nenhuma parte da anatomia escapava à sua atenção. Quando esse exame terminava, começava a verdadeira tortura.

Cirurgias brutais e outros testes dolorosos eram executados, muitas vezes sem anestésicos. Eram amputações desnecessárias, punções lombares, injeções de tifo e feridas deliberadamente infeccionadas para comparar como cada gêmeo reagia. Na visão da denúncia alemã ocidental, nenhum desses procedimentos foi acompanhado de "qualquer conhecimento reconhecível obtido a partir deles". Um grande número das cobaias de Mengele morria nesse estágio, muitas de um experimento particularmente bizarro em que os suprimentos de sangue de diferentes pares de gêmeos eram trocados. Os resultados de um desses experimentos foram cruamente descritos por uma testemunha, Vera Alexander:

> Um dia Mengele trouxe chocolate e roupas especiais. No dia seguinte, vieram homens da SS e levaram duas crianças. Eram dois dos meus favoritos, Tito e Nino. Um deles era corcunda. Dois ou três dias depois, um homem da SS os trouxe de volta num estado lamentável. Tinham sido cortados. O corcunda foi costurado na outra criança, costas com costas, os pulsos também, pela parte de trás. Havia um terrível cheiro de gangrena. Os cortes estavam contaminados, e as crianças choraram toda noite. [87]

Uma sobrevivente submetida a esse tipo de experimento com a irmã e um grupo de várias outras mulheres gêmeas recordou:

> Foi feita em cada mulher uma transfusão de sangue de outro conjunto de gêmeos para que Mengele pudesse observar a reação. Nós duas recebemos cada uma 350 ml de sangue de um par de gêmeos do sexo masculino, que provocaram uma reação de dor de cabeça severa e febre alta. [88]

Mengele também obrigou as duas irmãs a fazer sexo com outros gêmeos, ao que parece para descobrir se gêmeos reproduziriam gêmeos:

> Por essa razão ele não nos liberava para trabalhar e tentava encontrar parceiros adequados para nós. Quando objetamos que tal experimento era inadmissível, ele nos disse que éramos prisioneiras e não tínhamos direito a opinar sobre o assunto. [89]

Irene Slotkin e o irmão gêmeo, René, sobreviveram a esse estágio *in vivo* do trabalho de Mengele. Ela disse que "em algum lugar na minha cabeça eu tive uma boa impressão […] você sabe, um médico é um médico, e por isso não vai me machucar. Mas naturalmente ele o fez".

Esses testes *in vivo* só forneciam a Mengele uma informação superficial e incompleta. Em sua paixão de aprender tudo sobre as similaridades e diferenças em gêmeos, o próximo e último estágio de seus experimentos era o mais importante: a dissecação dos corpos para que os órgãos e o desenvolvimento geral pudessem ser comparados. Para essa avaliação simultânea de anomalias, os gêmeos de Mengele, seus espécimes mais valiosos, que ele havia acarinhado e alimentado, tinham de morrer ao mesmo tempo. O dr. Miklos Nyiszli, que executou as dissecações para Mengele, estendeu-se sobre o tema:

> Onde, sob condições normais, podemos encontrar gêmeos que morram no mesmo lugar e ao mesmo tempo? Pois assim como todo mundo os gêmeos estão separados por variadas circunstâncias de vida. Um pode morrer aos 10 anos, outro aos 50. No campo de Auschwitz, porém, havia várias centenas de gêmeos e, portanto, igual número de possibilidades de dissecação. [90]

Uma explicação para o comportamento de Mengele – demonstrar afeto sincero por crianças pequenas que ele planejava matar e dissecar – foi sugerida pelo professor Yehuda Bauer, da Universidade Hebraica de Jerusalém:

> Pessoas que conduzem experimentos com camundongos, ratazanas ou macacos podem fazê-lo porque não se identificam com os objetos de seus experimentos. Se você faz experimentos com ratos brancos, no entanto, você sabe, ratos brancos podem ser muito simpáticos. Então alguns desses médicos estabelecem um relacionamento: esse é um animal simpático, eu tenho de matá-lo, mas enquanto ele ainda está vivo, temos algum tipo de relacionamento. Esse é o tipo de relacionamento que é estabelecido entre os assassinos e suas vítimas. [91]

Entre as primeiras crianças-cobaias que Mengele entregou ao dr. Nyiszli, que estava esperando para realizar as autópsias em seu laboratório recentemente construído, havia um par de gêmeos com 2 anos de idade:

> Abri o arquivo e dei uma olhada. Exames clínicos muito detalhados acompanhados de raios X, descrições e desenhos de artistas indicavam, do ponto de vista científico, os diferentes aspectos da qualidade gêmea desses dois pequenos seres. Só estava faltando o relatório da patologia. Era minha tarefa fornecê-lo. Os gêmeos tinham morrido ao mesmo tempo e estavam agora deitados um ao lado do outro na grande mesa de dissecação. Eram eles que tinham – ou cujos pequenos corpos tinham – de resolver o segredo da reprodução da raça. [92]

Entre as 40 páginas da denúncia alemã ocidental há nove alegações separadas envolvendo as mortes de 153 crianças que Mengele é acusado de ter assassinado “para empreender dissecações”. Uma acusação afirma que Mengele mandou 100 crianças serem baleadas na nuca para suas autópsias. Também é dito que ele teria induzido algumas crianças menos cooperativas a passar do bloco experimental ao crematório oferecendo-lhes doces e baleando-as no caminho. Um dos métodos mais comuns de assegurar morte simultânea era injetar clorofórmio em seus corações, coagulando o sangue e provocando parada cardíaca. Segundo um depoimento do dr. Nyiszli, Mengele um dia matou ele próprio 14 gêmeos ciganos do seguinte modo:

> Na sala ao lado da sala de dissecação, 14 gêmeos ciganos estavam esperando e chorando amargamente. O dr. Mengele não nos disse uma só palavra e preparou uma seringa com 10 mg e outra com 5 mg. Tirou de uma caixa Evipal e de outra tirou clorofórmio, que estava em recipientes de vidro de 20 mg, colocando-os na mesa de operações. Depois disso foi trazido o primeiro gêmeo […] uma menina de 14 anos. O dr. Mengele me mandou despir a menina e pôr sua cabeça na mesa de dissecação. Então, por via intravenosa, injetou Evipal no seu braço direito. Depois que a criança adormeceu, ele tateou pelo ventrículo esquerdo do coração e injetou 10 mg de clorofórmio. Após uma pequena contração a criança

> estava morta, depois disso o dr. Mengele fez com que a levassem para a câmara dos cadáveres. Desse modo todos os 14 gêmeos foram mortos durante a noite. [93]

Esse método foi observado pela primeira vez pelo dr. Nyiszli num conjunto de quatro pares de gêmeos, todos com menos de 10 anos de idade, que tinham atraído a atenção de Mengele porque em três pares cada par tinha olhos de diferentes cores. Os olhos e outros órgãos foram removidos e despachados para o professor Von Verschuer no Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, com a etiqueta "Materiais de Guerra – Urgente". O dr. Nyiszli, sabendo que as crianças tinham sido assassinadas por injeções de clorofórmio, deixou em branco a seção "causa da morte" de seu relatório de dissecação. Como experimentos médicos possuíam uma classificação de alta segurança, a fachada de que todas as cobaias de Mengele tinham morrido de "causas naturais" precisava ser mantida, e ele mandou que o dr. Nyiszli preenchesse a seção:

> A escolha das causas foi deixada a meu critério e minha discrição. A única exigência era que cada causa fosse diferente. [94]

Uma das técnicas comuns de Mengele era infectar gêmeos para comparar como a doença os afetava, primeiro enquanto estavam vivos, depois, para resultados mais sólidos, quando já estavam mortos. Um médico interno, Johann Cespiva, disse:

> Durante meu trabalho no campo cigano me deparei com Mengele e prestei atenção a suas atividades. Eu pessoalmente o vi infectar gêmeos ciganos com tifo, para observar se eles reagiam de modo diferente ou da mesma forma. Pouco depois de terem sido infectados, foram gaseados. [95]

Essa técnica comparativa se tornou lugar-comum; se um gêmeo morresse de causas naturais, "os outros gêmeos eram mortos para comparação". Se fosse identificada a mais leve diferença numa aptidão, era provável que gêmeos até então saudáveis fossem permanentemente incapacitados para atender à curiosidade de Mengele. Em certa ocasião, os Reichenberg, dois irmãos muito parecidos, foram equivocadamente selecionados como gêmeos por um dos colegas de Mengele. Eles não fizeram objeções quando foram colocados na

coluna direita da rampa, inconscientes de que Mengele e o bloco experimental os aguardava. Ephraim Reichenberg disse que o irmão tinha “uma bela voz e uma vez cantou para os alemães”. Mas sua própria voz era muito pobre, e Mengele quis saber por que um “gêmeo” tinha uma voz melodiosa enquanto o outro não. Ele realizou uma cirurgia rude nas cordas vocais de ambas as crianças que prejudicou a fala das duas. Ephraim acabou perdendo toda a capacidade de usar as cordas vocais. Só no final de 1984 a voz retornou depois que um microfone especial foi instalado em seu pescoço, logo abaixo do maxilar, fazendo a voz soar como se saísse de um computador. “Antes de comprar esse maravilhoso aparelho não podia falar nada”, disse ele. “Isso também foi inventado pelos alemães – o que é uma pena.”

Mengele exibia um extraordinário fascínio por qualquer coisa relacionada a raça. Depois de encontrar um pai corcunda parado ao lado do filho de 15 anos que tinha um pé direito deformado, ficou ansioso para saber se haveria outras anormalidades comuns. Selecionou-os na rampa e deu-lhes uma última refeição, que comeram vorazmente, sem saber que logo iriam morrer. O dr. Nyiszli recebeu instruções para examiná-los “com métodos clínicos exatos antes que morressem” e depois executar as dissecações. Nyiszli sentiu-se “de repente girando perto da orla da loucura”. Meia hora depois, Mengele os apresentou baleados e mandou que os esqueletos fossem preparados fervendo-se os corpos em água para que a carne pudesse ser facilmente tirada dos ossos. Depois os esqueletos foram imersos numa banheira com gasolina para deixá-los secos, sem cheiro e brancos. Disse o dr. Nyiszli:

> O dr. Mengele estava muito satisfeito. Trouxera consigo vários colegas oficiais. Eles examinaram com ar imponente partes dos esqueletos e desandaram a usar termos científicos bastante sonoros, falando como se as duas vítimas representassem um fenômeno médico extremamente raro. Abandonaram-se por completo à sua pseudociência. [96]

Os esqueletos foram embrulhados num papel resistente e de novo encaminhados para o professor Von Verschuer no Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim. Após a guerra, Von Verschuer afirmou que não estava ciente das atividades de Mengele e a certa altura chegou a negar que Mengele tivesse sido

seu assistente. É provável que nunca seja provado exatamente até que ponto ele tinha conhecimento dos experimentos de Mengele, pois destruiu toda a correspondência entre os dois. Sabe-se, no entanto, que Mengele visitou Von Verschuer em Berlim pelo menos uma vez enquanto estava em Auschwitz, e parece inconcebível que os dois não discutissem a natureza e os resultados dos experimentos. Segundo a esposa de Von Verschuer, Mengele confidenciou num jantar em uma de suas visitas a Berlim que lhe fora muito difícil realizar o trabalho em Auschwitz. “É horrível”, ela afirma ter ouvido dele, “não posso falar sobre isso”. A filha de Von Verschuer recorda que o pai achava que Mengele estava deprimido, em termos clínicos, e possivelmente com tendências suicidas.[97] Deprimido ele pode ter estado, mas seu entusiasmo pelo trabalho nunca esmoreceu. Muitos médicos internos recordam Mengele como um homem que tinha tanta compaixão e sentimentos pelos prisioneiros em Auschwitz quanto um cientista pesquisador tem por ratos de laboratório. “Era onde ele passava todo o seu tempo livre”, disse o dr. Nyiszli sobre o laboratório de dissecação feito por encomenda de Mengele, “aqui neste inferno feito pelo homem […]. Dentro destas paredes manchadas de sangue, o dr. Mengele sentava-se curvado horas a fio olhando atentamente pelo microscópio”.[98]

Para os colegas, Mengele surgia como um homem amistoso, mas obsessivo. O dr. Hans Münch passou a conhecer Mengele depois que ele procurou seu conselho sobre a melhor maneira de preservar espécimes para despachá-los para o Instituto Kaiser Wilhelm. O dr. Münch foi o único médico de Auschwitz absolvido pelo Supremo Tribunal Nacional em Cracóvia, em dezembro de 1947, num julgamento de homens da SS, e afirma que não sabia nada dos detalhes dos experimentos de Mengele. Em sua opinião, a combinação da loucura de Auschwitz com a ambição que impulsionava Mengele para o reconhecimento acadêmico é que explicava seu comportamento:

> Quando comparado com os outros médicos do campo, ele se destacava. Não se ajustava ao padrão normal dos homens da SS e dos colegas, que ele achava que bebiam demais.
>
> Em minha opinião era um cientista talentoso, mas uma combinação do conhecimento científico, do oportunismo e da ambição que tinha Mengele pode levar a qualquer coisa.[99]

Obsessivo Mengele certamente era. Seu apetite por experimentos era insaciável. Tinha o hábito de aparecer de repente num galpão se estivesse com falta de "material humano". Olga Lengyel, uma interna médica, disse que ele vinha a "qualquer hora, de dia ou de noite. Durante a inspeção, todas as saídas do galpão eram fechadas. Ele chegava quando menos o esperávamos. Às vezes entrava assobiando árias de óperas".[100] Eva Kor, uma gêmea, lembra do imenso terror que tomou conta do galpão depois da chamada matinal:

> Não que sua fisionomia fosse aterrorizante. Ela podia parecer muito agradável. Mas a atmosfera no galpão antes de ele chegar e todos os preparativos dos supervisores iam criando essa atmosfera de terror e horror de que Mengele estava vindo. Todos então tinham de ficar imóveis. Ele, por exemplo, ia notar que num dos beliches havia um gêmeo morto. Ia gritar, berrar: "O que aconteceu? Como é possível que esse gêmeo tenha morrido?". Mas, é claro, hoje eu compreendo. Um experimento havia sido desperdiçado.[101]

Existem aqueles como o dr. Münch que, baseados no fato de conhecerem o homem como cientista, acreditam que, embora Mengele não se preocupasse com o sofrimento de suas vítimas ou em justificar seus experimentos, "pode ter havido resultados válidos a curto prazo que podem ser verificados". Sejam quais forem os méritos desse argumento em termos puramente científicos, o objetivo principal de Mengele, como interpretado pela dra. Puzyna, a interna antropóloga, nada tinha de científico:

> Achei Mengele a imagem do que só pode ser descrito como um louco. Ele virou a verdade de cabeça para baixo. Acreditava que se podia criar uma nova super-raça como se estivéssemos criando cavalos. Achava que era possível adquirir controle absoluto sobre toda uma raça. O homem é tão infinitamente complexo que esse tipo de estrito controle sobre uma população tão vasta jamais poderia existir. Ele foi um racista e um nazista. Foi ambicioso a ponto de ser completamente desumano. Foi apaixonado pela engenharia genética. Acredito que achava que, quando tivesse acabado com a raça judia, passaria para os poloneses e, quando acabasse com eles, passaria para mais alguém. Acima de tudo, acredito que estava fazendo isso por si mesmo, por sua carreira. Acredito, em suma, que teria assassinado a própria mãe se isso o tivesse ajudado.[102]

Além dos experimentos com os gêmeos, Mengele se envolveu numa grande variedade de outros experimentos. Ernest Michel trabalhou como assistente na

enfermaria de Auschwitz e se recordou de ter levado oito mulheres para uma sala de experimentos:

> Vi Mengele parado lá, vestindo seu uniforme, cercado por três ou quatro homens. Havia uma maquinaria elétrica de um tipo que eu nunca tinha visto. Um oficial imobilizava por correias cada moça que fazíamos entrar. Saímos depressa porque não queríamos ficar muito tempo perto de Mengele. Algum tempo depois, a gritaria lá dentro parou. Quando retiramos as mulheres de lá, duas das oito estavam mortas, cinco estavam em coma, uma estava presa na maca. Mengele estava ali parado, discutindo num tom descontraído. A única palavra que pude ouvir foi experimento. [103]

Segundo a denúncia alemã ocidental, o objetivo desses experimentos elétricos, conduzidos tanto em Birkenau quanto no campo de trabalho escravo em Monowitz, era testar a resistência do paciente:

> Um número considerável de prisioneiros de Birkenau morreu nesses experimentos […]. Na primavera de 1944, o acusado realizou tais experimentos com um total de 70 a 80 prisioneiros, 20 a 30 dos quais teriam morrido [em Monowitz] em consequência deles. [104]

A denúncia disse que Mengele teve um suprimento permanente “no verão de 1944 [de] cerca de 50 jovens, mantidas de prontidão para ele no bloco de prisioneiras doentes do campo de mulheres em Birkenau”. Muitas morreram de “transfusões e extrações” de sangue; ele é acusado de ter submetido um grupo de freiras polonesas “a uma extrema aplicação de raios X para finalidades de pesquisa, com a qual elas sofreram severas queimaduras”; é acusado de ter realizado transplantes de medula óssea, com uma vítima tendo de amputar a perna direita do joelho para baixo, porque ela havia infeccionado. Ela só foi poupada da câmara de gás “devido à proximidade do Exército Vermelho e iminente evacuação do campo”; ele é acusado de ter operado os órgãos sexuais de homens prisioneiros “supostamente para castrá-los ou esterilizá-los”; afirmam que ele fez “uma série de mulheres prisioneiras […] serem levadas para o ‘Muro Negro’ entre os blocos 10 e 11 do campo principal e baleadas. Os seios foram cortados e os músculos da coxa mantidos como material de cultivo para experimentos no laboratório higienista de Mengele”; afirmam que ele forçou uma mãe, Ruth Eliaz, a cobrir os seios com fita adesiva “para ver por quanto

tempo o bebê poderia viver sem alimento". Quando a criança ficou mais fraca, ela a submeteu a eutanásia depois que uma enfermeira compadecida lhe deu um pouco de morfina e uma seringa. Afirmam que ele ficou de pé em estômagos de mulheres grávidas até os fetos serem expelidos; afirmam inclusive que dissecou uma criança de um ano enquanto ela ainda estava viva.

Em tais ocasiões podia parecer que Mengele era motivado por puro sadismo, embora a maioria das testemunhas tenha comentado não sobre seu prazer de assistir ou infligir sofrimento, mas sua total indiferença com relação a ele. Gravado na memória da dra. Puzyna está um momento em que ela viu Mengele paralisado pela música que uma orquestra estava tocando enquanto, enfileirada, passava uma turma de trabalhadores carregando os mortos do dia. Disse ela:

> Todos os dias pessoas morriam no trabalho por estarem muito fracas. Mengele estava ali parado, sem dizer nada, a cabeça encostada na mão, os olhos baixos, apenas ouvindo. Achava-se totalmente petrificado naquele lugar, alheio por completo àquela marcha de mortos bem à sua frente. Havia corpos e havia Mengele, extasiado pela música. Lembro-me de que isso também aconteceu no hospital. A orquestra, uma orquestra muito boa de judeus húngaros, começou a tocar, e havia pessoas terrivelmente doentes em toda a nossa volta, meros esqueletos. Mengele nem olhou para elas. [105]

O dr. Tobias Brocher, um psicanalista da Fundação Menninger que clinicou perto de Günzburg, cidade natal de Mengele, e estudou seu comportamento, disse que a conduta dele exibia "o componente narcisista do sadismo", mas não o sadismo em si:

> Ele não encontrava prazer infligindo a dor, mas no poder que exercia por ser o homem que tinha de decidir entre vida e morte nos limites da ideologia de um médico de campo de concentração. Mengele tinha o padrão narcisista do profissional. Na subcultura da medicina como um todo, há uma separação entre o que você tem de fazer e qualquer emoção que possa ter; entre doutores que aplicam uma abordagem estritamente científica e o médico que se importa com os pacientes. Na Alemanha, essa separação era evidente no programa de eutanásia para pacientes mentais, que precedeu os campos de concentração. Médicos do programa de eutanásia racionalizavam que as pessoas que condenaram à morte estavam "em melhor situação agora" ou que elas "de qualquer modo morreriam". [106]

Os atos pessoais de crueldade de Mengele, cujos exemplos são abundantes na denúncia alemã ocidental, eram geralmente provocados por acessos de um

temperamento selvagem e incontrolável. Afirmam que ele “tirou a criança recém-nascida de uma mulher russa, agarrou-a pela cabeça e [atirou-a] numa pilha de cadáveres”; afirmam que ficou “tão furioso numa seleção de campo com o *Kapo* de uma unidade de trabalho que permitiu que os prisioneiros já selecionados para morrer voltassem para junto dos aptos ao trabalho que o matou com sua própria pistola”; há o caso de um homem idoso “selecionado para a câmara de gás que quis acompanhar o filho, que estava no grupo de trabalho, mas Mengele atingiu-o na cabeça com uma barra de ferro fazendo o crânio se abrir e ele cair morto no chão”; afirmam que ele “atirou um menino recém-nascido numa estufa, irritado com a gravidez da mãe que os médicos da seleção não tinham conseguido detectar e que normalmente a teria qualificado para a câmara de gás”; afirmam que ele “alvejou com sua pistola da SS pelo menos um prisioneiro de nacionalidade desconhecida porque ele parou na rua sem autorização”; afirmam que baleou uma moça de 16 anos “que tinha escapulido para um telhado devido a um medo mortal da câmara de gás”.

Talvez a acusação mais macabra seja a de que Mengele havia queimado 300 crianças vivas numa fogueira ao ar livre, um evento testemunhado por vários internos, incluindo um russo chamado Annani Silovich Pet’ko:

> Depois de algum tempo, um grande grupo [de oficiais da SS] chegou em motocicletas, Mengele entre eles. Entraram no pátio e saltaram das motos. Assim que chegaram, deram uma volta em torno das chamas; a fogueira queimava horizontalmente. Ficamos atentos para ver o que ia acontecer. Algum tempo depois chegaram caminhões, caminhões basculantes, trazendo crianças. Havia cerca de dez caminhões. Depois que entraram no pátio um oficial deu uma ordem, os caminhões deram ré em direção à fogueira e começaram a atirar as crianças diretamente no fogo, na cova com o fogo. As crianças começaram a gritar; algumas conseguiram rastejar para fora da cova em chamas; um oficial começou a rodear a fogueira com varas e empurrava de volta aquelas que conseguiam sair. Höss e Mengele estavam presentes e dando ordens.
>
> O primeiro grupo de crianças era de Dnepropetrovsk. Fui informado pelos comandantes da área que era difícil envenenar as crianças nas câmaras de gás, por isso elas eram queimadas na cova. Todas tinham menos de 5 anos de idade. Ouvi dizer que tinham trazido um jardim de infância inteiro ou um orfanato de Dnepropetrovsk. Mais tarde fui informado que algumas dessas crianças que foram trazidas e queimadas tinham sido na verdade tiradas das mães. [107]

Embora alguns internos que conheceram Mengele tenham testemunhado que nunca o viram cometer um ato de violência, há testemunhas para corroborar cada uma dessas impressionantes acusações relacionadas na denúncia alemã ocidental. Em vista do fato de Mengele nunca ter sido levado a julgamento, essas declarações nunca serão verificadas sob interrogatório minucioso e rigoroso. Mas não teriam sido incluídas na denúncia se não considerassem que elas tinham uma boa possibilidade de sobreviver ao escrutínio da corte. A dra. Gisella Perl, que trabalhou sob a direção de Mengele como médica da prisão em Birkenau, recordou dois exemplos de seu temperamento explosivo. No primeiro, uma prisioneira chamada Ibi foi encontrada por Mengele depois de ter escapado seis vezes das seleções para a câmara de gás. De alguma maneira ela conseguira a cada vez reunir energia suficiente para pular do caminhão que levava as vítimas para a morte. Mengele estava furioso:

> "Você ainda está aqui?" O dr. Mengele deixou a frente da coluna e, com algumas passadas fáceis, emparelhou-se com ela. Agarrou-a pelo pescoço e passou a bater em sua cabeça até transformá-la numa pasta sangrenta. Ele a socava, lhe dava tapas, dava bordoadas, sempre na cabeça – gritando com ela com toda a força de sua voz. "Quer escapar, não quer? Agora não pode escapar. Isso não é um caminhão, você não pode pular. Vai queimar como os outros, vai esticar as canelas sua judia suja." E continuou golpeando a pobre e desprotegida cabeça. Fiquei assistindo aquilo e vi os dois olhos bonitos, inteligentes, desaparecerem sob uma camada de sangue. As orelhas não estavam mais lá, talvez ele as tivesse arrancado. E em alguns segundos, o nariz reto, pontudo, era uma massa achatada, quebrada, sangrenta. Fechei os olhos, incapaz de suportar mais tempo aquela visão e, quando tornei a abri-los, o dr. Mengele havia parado de golpeá-la. Mas em vez de uma cabeça humana, o corpo alto, magro de Ibi carregava um objeto redondo, vermelho de sangue nos ombros ossudos, um objeto irreconhecível, horrível demais para olhar; ele a empurrou de volta para a fila. Meia hora depois, o dr. Mengele retornou ao hospital. Tirou da maleta um sabonete perfumado e, assobiando num tom alegre, com um sorriso de profunda satisfação no rosto, começou a lavar as mãos. [108]

O relato da dra. Perl de um segundo incidente em que Mengele perdeu violentamente o controle mostra um homem altamente instável, imprevisível – e onipotente como médico sênior no campo de mulheres. Aconteceu quando Mengele fez uma visita inesperada ao hospital de mulheres, onde encontrou a dra. Perl e suas colegas alimentando um fogo para cozinhar algumas batatas que haviam roubado:

> O silêncio só durou um segundo; a tempestade, quando caiu, foi ainda mais terrível. Ele correu ao redor como um animal selvagem, golpeando tudo em seu caminho. Chutou o fogão, pisou em nossas batatas, derrubou a mesa de cirurgia, gritando, vociferando sem parar: “Sim, isto é como eu imaginei um hospital judeu. Suas putas imundas, abomináveis porcas judias”. De repente concebi um plano desesperado. Levantei do chão, fui até a prateleira, peguei um frasco que continha um feto e me aproximei do dr. Mengele. “*Herr Hauptsturmführer* pode estar interessado nesse espécime”, gaguejei. “Só raramente é possível conseguir um desses inteiro.” Ele parou de delirar e puxou o frasco da minha mão. Seu rosto, que um momento antes tinha lembrado o rosto de um louco em delírio, ganhou um sorriso cruel, satisfeito. “Bom, bonito, leve-o para o crematório número 2 amanhã. Estamos enviando para Berlim.” E como se tivesse esquecido o que aconteceu, deu meia-volta e saiu do hospital. [109]

Essas exibições de violenta mudança de humor e uma falta tão completa de arrependimento sugerem um homem nas garras de uma complexa desordem psicopática da personalidade. Por alguma razão, o lado ético da personalidade profissional de Mengele nunca se desenvolveu. Talvez porque o horror do *front* russo e de Auschwitz tenham vindo assim que ele se formou como médico. Seja como for, há pouca dúvida de que Mengele nunca tenha experimentado sensações de culpa em qualquer etapa de sua vida após Auschwitz: “Não há juízes, só pessoas que buscam vingança”, disse ao filho quando eles se encontraram em São Paulo, em 1977, dois anos antes de sua morte. Rolf disse que o pai não tinha o menor arrependimento e não sentia vergonha. Só raramente Mengele revelava seus sentimentos pessoais. Uma dessas vezes ocorreu quando a dra. Lingens confrontou-o ao comparar os prisioneiros de Auschwitz à família dele na Baviera. Desafiou Mengele a imaginar que uma mulher de um grupo de prisioneiras moribundas que ele estava se recusando a tratar poderia, como sua própria mãe, ter um filho que ela quisesse ver de novo. Apanhado desprevenido, Mengele respondeu num tom brando: “Não sei se tornarei a ver minha mãe de novo”.

Tal sensibilidade esteve notavelmente ausente numa das mais conhecidas decisões de Mengele: enviar centenas de famílias inteiras para a câmara de gás. Por insistência de Mengele, todo o campo de famílias ciganas foi liquidado entre 31 de julho e 2 de agosto de 1944. Um total de 2.987 ciganos foram despachados para o crematório, os restantes 1.408 mandados para Buchenwald. Quando ele estava fazendo as seleções, uma menina de 4 anos suplicou a Mengele para não

ser mandada embora, chamando-o “tio Doutor”. Com um “aceno da mão”, Mengele é acusado de ter feito sinal para que um *kapo* alemão cuidasse dela. A denúncia alemã ocidental diz que o *kapo* “arremessou-a contra a roda de um caminhão para que o crânio fosse estilhaçado”. Durante a chamada, dois garotos se esconderam e a conta, portanto, não fechava. Quando foram descobertos, Mengele os teria “levado para o crematório em seu carro”.

Há vários exemplos de Mengele se mostrando gentil com as crianças, só para fazê-las morrer.[110] Essa confusa dualidade de afeto e crueldade é um processo que Robert Jay Lifton, o eminente professor de psiquiatria e psicologia da Universidade da Cidade de Nova York (CUNY), chama “duplicidade”. Lifton diz que havia duas partes no Mengele operando em Auschwitz – o eu de Auschwitz e o eu anterior:

> Com o eu de Auschwitz, o potencial de Mengele para o mal se tornou real, mesmo se ele conservasse elementos de seu eu anterior que incluíssem afeto pelas crianças. Nesse processo, cada parte do eu se comportava como um todo eficaz: o eu de Auschwitz capacitando-o a funcionar naquele ambiente assassino e a explorar seus recursos humanos com considerável eficiência; o eu anterior capacitando-o a manter um senso de decência. Seu vigoroso compromisso com a ideologia nazista servia como ponte, uma conexão necessária entre os dois.[111]

Um bom exemplo da “duplicidade” de Mengele envolveu um grupo de crianças judias que estava sofrendo de úlceras na boca, muito dolorosas, uma condição conhecida como “noma”, que provoca uma forma extrema de infecção oral. Mengele deu início a uma série de curas experimentais, acalmando as crianças, ansioso para aliviar sua dor. Esse era o modo de operar do eu anterior. Foi só depois de ele ter conseguido encontrar uma cura que o eu de Auschwitz se impôs. Depois que algumas crianças tinham se recuperado ele as mandou para as câmaras de gás. Para Mengele, a única importância do exercício era ele ter sido bem-sucedido, não ter aliviado o sofrimento das crianças. Uma vez curadas, as crianças, assim como os ciganos, representavam uma ameaça para a pureza da raça ariana, e a ideologia dele exigia que fossem destruídas.

Outro exemplo de “duplicidade” foi testemunhado pela dra. Olga Lengyel. Ela se lembrava de Mengele supervisionando um nascimento, aderindo rigorosamente a cada precaução e procedimento médicos para a mãe judia e o

bebê. Uma hora depois já havia enviado os dois para a câmara de gás. Exibia a mesma dualidade perversa quando acalmava crianças ansiosas condenadas a morrer. Mengele transformava o último passeio delas num jogo que chamava "no caminho da chaminé". Depois esperava em grande expectativa o relatório do patologista. Crianças cobaias sobreviventes, que tiveram a saúde restabelecida para o estágio *in vivo* de seus experimentos, lembram de Mengele lhes dando doces. Ele inclusive costumava brincar com elas num jardim de infância que construíra. Mas era sempre o ato calculado de um homem cujo interesse decisivo era tirar o máximo de seu "material".

Crianças que para Mengele não tinham utilidade – porque não eram gêmeas, nem incomuns, nem possuíam qualquer outra coisa de interesse – viviam com medo dele. Uma testemunha chamada Kleinmann disse no julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, em 1961, que nunca esqueceria o dia em que Mengele chegou a um pátio onde 2 mil rapazes tinham recebido ordens de se reunir. Era véspera do Yom Kippur:

> De repente um tremor passou pelo pátio como uma corrente elétrica. O dr. Mengele apareceu em sua bicicleta. Ele pôs as mãos atrás das costas; os lábios, como de hábito, estavam bem cerrados. Foi até o centro do pátio, ergueu a cabeça para poder observar toda a cena e então seus olhos pousaram num rapazinho que teria por volta de 15 anos, talvez 14. Lembro-me muito bem do rosto dele. Era louro, muito magro e muito bronzeado. O rosto tinha sardas. Estava parado na primeira fileira quando Mengele se aproximou e perguntou: "Quantos anos você tem?". O rapaz estremeceu e disse: "Tenho 18 anos". Vi de imediato que o dr. Mengele ficou furioso e começou a gritar: "Vamos ver isso. Me deem um martelo, uns pregos e uma tábua". Um silêncio mortal tomou conta do pátio […]. Mengele se aproximou de um rapaz alto […] na primeira fileira. Pôs o rapaz perto da trave de um gol e mandou que prendessem a tábua sobre a cabeça dele de modo que ela ficasse como a letra "L", só que ao contrário. Então mandou que o primeiro grupo passasse sob a tábua. O primeiro grupo de rapazes começou a entrar em fila indiana […]. Nada nos era explicado. Percebemos que os menores, os que não atingissem a tábua, os que não tivessem altura suficiente, seriam levados para morrer.
>
> *Procurador-geral:* ele disse o que aconteceria a você depois de passar pela medição?
>
> *Kleinmann:* não, mas o sentido daquilo não poderia ser outro. Ficou 100% claro para todos qual era o objetivo do jogo. Todos nós começamos a nos esticar. Todos queriam conseguir mais um centímetro. Também me estiquei o máximo que pude, mas perdi a esperança. Vi que mesmo rapazes mais altos que eu não atingiam a altura necessária […]. Pensei, é o fim da minha vida, e de repente meu irmão me sussurrou: "Você quer viver? Faça alguma coisa…". Então vi umas pedras perto de mim […]. Abaixei sem ninguém dar conta, peguei algumas pedrinhas, abri os cadarços dos sapatos e comecei a forrar os

sapatos com as pedras. Enchi-os de pedra sob os calcanhares, o que acrescentou mais de dois centímetros à minha altura.

Juiz presidindo: vamos ouvir como passou nesse teste.

Kleinmann: fiquei por cerca de 10 minutos com os sapatos cheios de pedras e farrapos […]. Então, após esses 10 minutos, todos os rapazes já estavam passando debaixo da tábua. Dois conseguiriam e dois não. Continuei parado e meu irmão, que continuou me olhando, disse: "Não. Temos de fazer mais alguma coisa" […]. Comecei a procurar outra saída: escapulir e me esconder entre todos aqueles rapazes altos que já tinham passado embaixo da tábua e sido aprovados na seleção. Tentei me infiltrar nos grupos dos rapazes grandes (que tinham passado no teste). Mas então outro rapaz tentou se infiltrar, o dr. Mengele percebeu e começou a gritar para os guardas e *kapos*: "O que vocês estão fazendo? Isso é sabotagem". E mandou que o grupo inteiro fosse barrado e passasse de novo embaixo da tábua. [112]

Na segunda vez, Kleinmann escapou de novo para um grupo de rapazes altos, mas eles ainda não tinham passado sob a tábua de Mengele. Na terceira vez escapou para um grupo que tinha passado no teste. No entanto mil rapazes não atingiram a marca e dois dias depois foram gaseados.

Alguns pesquisadores atribuem muita importância ao fato de que, após a guerra, Mengele nunca tenha se destacado por denegrir a raça judaica para seus anfitriões sul-americanos. Há também uma visão, entre alguns psicólogos que tentaram estudar sua imensa disponibilidade para a barbárie, de que seu intelecto era aguçado demais para ele acreditar, como outros nazistas, que os judeus fossem de fato uma raça inferior. Essa visão, no entanto, não é compartilhada por aqueles que elaboraram a denúncia alemã ocidental contra ele. A denúncia se refere ao "desprezo" de Mengele pelos judeus, que "se manifestava em particular quando fazia seleções em suas festas religiosas, o que era especialmente doloroso para eles". A acusação continua:

Assim é alegado que ele selecionou crianças judias na sexta-feira antes da comemoração, em 1944, do Ano Novo judaico da seção B2D do campo em Birkenau; que mandou 328 crianças para a morte nas câmaras de gás na comemoração do Ano Novo judaico, em 1944, da seção B2D do campo em Birkenau; que no Yom Kippur judaico, em 1944, na seção B2E em Birkenau, pendurou uma tábua entre as traves de um campo de futebol e as cerca de mil crianças que não tinham a estatura requerida foram mandadas para a câmara de gás. [113]

A combinação feita por Mengele de antissemitismo e sadismo é provavelmente a explicação para a profanação de festas judaicas com seus jogos mortais. O

filho de Mengele se lembra que, no encontro de 1977 com o pai, Mengele tentou convencê-lo de que algumas raças, incluindo os judeus, eram diferentes ou inferiores quando comparadas com os arianos. Rolf recorda:

> Ele alegava que tinha evidência de que os judeus eram diferentes ou anormais. Mas não pôde fornecer nenhuma prova convincente disso. A maior parte de seus argumentos eram sociológicos, históricos ou políticos. [114]

Ninguém, no entanto, precisava ser judeu para temer a chegada de Mengele ao campo. Para aqueles familiarizados com a reputação que tinha Mengele de ser um médico que apreciava as seleções como um jogo de roleta-russa, o primeiro indício de sua presença trazia um momento de congelar a espinha. Um interno, dr. Alfred Fiederkiewicz, fez o seguinte relato a respeito do trauma sofrido por um grupo de pacientes à espera de seu destino:

> Quando os pacientes, tendo tirado as camisas, já formavam duas filas, ele [o dr. Thilo, outro médico da SS] começou a examiná-los e a procurar detalhes. Não tinha inspecionado mais que uns poucos pacientes quando chegou o *SS Hauptsturmführer*, dr. Mengele. Ficamos assustados porque ele era um oficial de patente mais alta que Thilo. Sabíamos que Mengele era o maior matador do campo, que tinha feito experimentos em crianças e prisioneiros adultos que não há muito tempo enviara para a morte nas câmaras de gás. E, alguns dias atrás, havia ordenado que todo o campo cigano fosse aniquilado. Era um homem de constituição física forte, estatura mediana, cabelo louro – falando com Thilo mostrava um sorriso dissimulado e observava com olhar penetrante as fileiras dos meus pacientes. Em certo momento ouvi a pergunta: “De que doença estão sofrendo esses esqueletos?”. Quando Thilo respondeu que era tuberculose, Mengele piscou o olho e, com um movimento de cabeça, apontou para as chaminés dos crematórios. A piscadela sinistra foi presenciada não só por mim, mas também pelos pacientes. [115]

Dezesseis meses após a chegada de Mengele a Auschwitz seu trabalho foi avaliado pela Central Médica. Em 19 de agosto de 1944, o comandante de sua guarnição elaborou um relatório no qual o estado mental de Mengele era descrito como “excelente”. O documento também se referia em termos elogiosos a seu registro do envio de pessoas para a câmara de gás e aos experimentos com gêmeos. O relatório foi escrito na linguagem codificada que a SS recatadamente reservava para os atos mais bestiais. Assim, foi aplaudida a decisão tomada por Mengele de exterminar milhares de ciganos e mulheres sofrendo de tifo:

> Durante seu emprego como médico no campo de concentração de Auschwitz, Mengele pôs em prática seu conhecimento e sua teoria ao enfrentar sérias epidemias. Com prudência, perseverança e energia, cumpriu todas as tarefas que lhe deram, muitas vezes em condições muito difíceis, para a completa satisfação dos superiores, e se mostrou capaz de lidar com todas as situações.

A mesma linguagem codificada enaltecia o trabalho "científico" para a Pátria:

> Além disso, como antropólogo, usou com extremo zelo seu pouco tempo de folga para instruir-se mais e, utilizando o material científico à sua disposição devido à posição oficial que ocupava, deu uma valiosa contribuição em seu trabalho à ciência antropológica. Seu desempenho, portanto, pode ser chamado de notável.

O relatório continuava com pródigos elogios às qualidades de liderança de Mengele:

> Na atitude para com os superiores, mostra a conduta impecável de um oficial da SS: realmente os melhores tato, postura e reserva militares. O caráter o torna um favorito entre seus camaradas. Para os subordinados, sabe como fazer valer sua vontade com absoluta justiça e o requerido rigor, mas é ao mesmo tempo popular e respeitado. [116]

Esse retrato de um homem severo, mas justo, está por certo em desacordo com a reputação de Mengele entre suboficiais da SS. Segundo o dr. Nyiszli, eles tremiam com a simples menção do nome de Mengele, como ele descobriu quando foi interpelado por um soldado da SS por estar no campo F, longe de sua zona:

> Respondi-lhe em voz baixa: "Estou aqui porque o dr. Mengele me mandou". O nome "Mengele" funcionou como mágica. O cabo-sargento ficou dócil em menos tempo do que levei para explicar. De um modo quase afável perguntou quanto tempo eu pretendia permanecer no interior do campo. [117]

O relatório do comandante da guarnição recomendava Mengele para promoção, dizendo que ele havia demonstrado "a todos uma absoluta firmeza e aptidão para o trabalho". Ainda em referência ao trabalho experimental, o relatório dizia:

> Além de seu conhecimento médico, o dr. Mengele é, em especial, versado em antropologia. Parece inteiramente adequado para muitos outros trabalhos, inclusive para trabalhos na próxima patente mais elevada. [118]

Como era necessária a autorização de Himmler para experimentos médicos em campos de concentração, e como ele revelou um forte interesse pessoal pela pesquisa racial, é bem provável que a ambição de Mengele de merecer a atenção do *Reichsführer* da SS tenha sido realizada. Para assegurar que assim fosse, Mengele montou uma mostra paralela de sua extremamente valiosa coleção de anões, todos os sete, diante de uma audiência com um burocrata sênior visitante e 2 mil homens da SS. Os anões pertenciam a uma família de circo de judeus romenos, os Moskowitze. Quando Mengele pôs pela primeira vez os olhos em dois deles, um par de gêmeas chamadas Elizabeth e Perla, exclamou deliciado que tinha "trabalho para vinte anos". Mengele trouxe a família nua e, com ar triunfante, exibiu-a no palco ao lado de uma árvore genealógica para ilustrar seu argumento de que eles eram a prole de "degenerados" antepassados judeus. Os VIPs nazistas assistiram à *performance* da primeira fila, fascinados, capturando-a com suas câmeras cinematográficas portáteis. [119]

Esperanças de promoção e de uma brilhante carreira acadêmica após a guerra se dissiparam quando o outono chegou a Auschwitz em 1944. A dra. Lingens disse que Mengele avaliou mais cedo que a maioria que Auschwitz seria libertado pelo Exército Vermelho, o qual avançava, e que os alemães perderiam a guerra. "Lembro-me de, em setembro, ele dizer ser uma pena que todo o seu trabalho fosse cair nas mãos dos russos", comentou ela. "Sabia que a guerra estava chegando ao fim, embora a maioria dos outros ainda achassem que Hitler ia vencer."

Nos últimos meses de 1944, Mengele ficou sombrio e desanimado. A esposa, Irene, se lembra que sua correspondência tornou-se cada vez mais melancólica. Ela decidiu fazer uma segunda viagem a Auschwitz durante o outono de 1944, com a intenção de animá-lo. A viagem de Irene e suas impressões estão registradas com nitidez no diário que ela escreveu nessa época. Deixou Rolf, então com cinco meses de vida, com os cunhados e partiu de Freiburg em 8 de

agosto de 1944. Viajou de trem, via Katowice, na Polônia, e chegou em 10 de agosto a Auschwitz, onde se instalou no quartel da SS situado nos arredores do campo principal, um local que descreveu como "uma área lúgubre, desolada, com acomodações que são primitivas".

Segundo o diário, as primeiras três semanas de Irene com Josef foram idílicas. Tinham criados na casa que ocuparam – "Testemunhas de Jeová em trajes listrados da prisão" – e passavam os dias banhando-se no rio Sola e colhendo amoras, com as quais ela fazia geleia. Embora o diário mostre que estava ciente das seleções ("os trens que chegavam eram claramente visíveis"), ela não dá indicações de saber sobre os terríveis experimentos e as condições dentro do campo. Apenas imagina Auschwitz como um grande campo para prisioneiros políticos e de guerra. No diário, observa que toda a área estava cercada por arame farpado, que havia muitos guardas, que se movimentar sem os devidos cartões de identidade era proibido e que o "fedor adocicado" que encontrou na primeira viagem no verão de 1943 ainda estava por toda parte. Parece impensável que Josef não tivesse lhe dado uma explicação para o cheiro e a alegação de ignorância por parte de Irene talvez deva ser julgada sob essa luz.

Em 1º de setembro de 1944, o diário de Irene descreve uma conferência científica em Auschwitz para comemorar a abertura de um novo hospital militar. O principal orador foi Josef Mengele, e o tema era "Exemplos do Trabalho com Biologia Antropológica e Hereditária no Campo de Concentração". As palavras de Irene refletem apenas orgulho pelo trabalho do marido e por seu papel de liderança na conferência.

Contudo, embora tenha apreciado a estada em Auschwitz, ela anotou em numerosas entradas diárias que o marido parecia deprimido. Quando tentava falar com ele sobre seu trabalho, Mengele recusava. Disse a ela: "Muitas vezes me pergunto quem é responsável por tudo isso". Segundo seu relato, tudo que Mengele lhe disse era que servir em Auschwitz era equivalente a servir no *front* e, portanto, ele encarava o trabalho como seu "dever, a ser praticado com a obediência de um soldado". Irene recorda:

> Eu o amava muito. Ele foi meu primeiro grande amor. Era sempre charmoso, divertido, muito comunicativo – vaidoso também, e preocupado porque em sua opinião era baixo demais. Mas em

Auschwitz eu sabia que estava desanimado e deprimido, embora não deixasse isso transparecer. [120]

Irene acreditava que Mengele estava deprimido porque era um homem encurralado entre as ordens que lhe davam e a insatisfação interior com seu trabalho. Irene conclui: “Sua ruína foi que era demasiado consciente de seu dever, demasiado obediente e tinha em excesso o espírito do subordinado”. Contudo, aqueles que trabalharam com Mengele dão uma versão diferente. O dr. Hans Münch acredita que a depressão de Mengele resultava não de seus deveres em Auschwitz, mas do medo de que os nazistas estivessem perdendo a guerra e de que seus dias como um homem livre estivessem contados. Seja como for, ele nunca revelou a Irene a causa de sua crescente ansiedade no outono de 1944.

Em 11 de setembro, após a estada de um mês, Irene estava pronta para deixar Auschwitz. Pouco antes de sua partida, no entanto, contraiu difteria e dias depois desenvolveu uma miocardite, ou seja, uma inflamação do músculo cardíaco. Ficou internada mais de um mês no hospital do campo, em grande parte do tempo delirando com febre alta. Mengele a visitava três vezes por dia, lendo para ela *Le Diamant*, de Balzac. Nas semanas seguintes, Irene foi transferida de hospital a hospital à medida que soavam os alertas de ataque aéreo. Em 13 de setembro de 1944, Irene ouviu as sirenes de ataque aéreo do campo pela primeira vez: ela foi arrastada da cama para um abrigo antiaéreo, mas nenhuma bomba atingiu o campo. Em 17 de setembro, foi transferida para um hospital menor, que era considerado mais seguro na eventualidade de novos bombardeios. Em 7 de outubro, as sirenes gritaram de novo pelo campo e, dessa vez, houve resposta da artilharia antiaérea. Em 13 de outubro outro enxame de aviões Aliados passou por perto e uma ou duas bombas extraviadas caíram no próprio campo. [121]

Embora os bombardeios aliados não tivessem efeito considerável sobre Auschwitz, havia um efeito psicológico: lembravam a todos que a guerra estava indo mal para a Alemanha e logo poderia acabar. Irene decidiu tirar o máximo proveito daqueles agitados e últimos dias com o marido. Quando teve alta do hospital em 18 de outubro, mudou-se para um novo apartamento no bloco dos médicos, equipado com uma cozinha e um banheiro. Comentou no diário que se sentia “mais uma vez como recém-casada”. Enquanto Auschwitz enchia as câmaras de gás com números cada vez maiores de pessoas saídas dos trens

húngaros, Irene e Josef Mengele desfrutavam uma segunda lua de mel. Em 30 de outubro, deixaram Auschwitz juntos, tendo Mengele obtido permissão especial para uma licença. Chegaram a Günzburg em 1º de novembro. Mengele fez uma visita de apenas um dia aos pais, e os dois seguiram para a vizinha Freiburg, onde viu Rolf, o bebê de quase oito meses, pela primeira vez. Ele ficou quase uma semana em Freiburg e depois, em 6 de novembro, viajou de volta para Auschwitz.

A guerra que Irene tinha vivenciado em primeira mão em Auschwitz seguiu-a na volta a Freiburg. Pesados bombardeios aliados forçaram-na a se mudar com Rolf, em 23 de novembro, para a casa dos pais de Mengele, em Günzburg. Bombas aliadas acabariam caindo no jardim da casa de Mengele, mas os membros da família se mantiveram incólumes. Quanto a Josef Mengele, desde seu retorno a Auschwitz ele foi ficando cada vez mais deprimido e ansioso acerca da posição, que se deteriorava, dos nazistas na batalha. Perto do fim de 1944, às vezes era visto andando de um lado para o outro no gabinete dos médicos da SS, silencioso, taciturno, a cabeça entre as mãos, embora tenha continuado com sua pesquisa quase até o fim. Há registro de que levou 16 mulheres anãs do hospital para o campo de mulheres em 5 de dezembro e "fez experimentos com elas" três dias depois. Cinco sobreviveram, mas foi admitido que as 11 restantes morreram como "resultado direto dos experimentos administrados pelo dr. Mengele da SS".[122] Mengele, enquanto isso, tratou rapidamente de ocultar o fato de que os experimentos tinham ocorrido porque elas ainda eram classificadas como "assunto secreto do Reich", embora fossem conhecidas por um grande número de internos. Ele entrou nos alojamentos dos médicos judeus pela última vez para anunciar que Auschwitz seria destruído e ordenar que tudo que pudesse ser retirado de lá fosse empacotado. Mesmo sua mesa de dissecação de mármore foi removida e substituída por lajes de concreto.

Um dos últimos internos a ver Mengele foi Marc Berkowitz, um menino de 12 anos que Mengele tinha escolhido como seu mensageiro especial porque estava intrigado com sua aparência ariana. Berkowitz disse que "cuidava de suas necessidades pessoais, como de suas refeições, de limpar sua cozinha especial e as botas. Eu escolhia suas couves-de-bruxelas […]". Naquela Véspera de Natal, caía uma neve leve e Berkowitz estava num banheiro quando Mengele passou.

Parando na porta, ele mandou que Berkowitz saísse. “Mengele usava um casaco de couro com um boné”, disse Berkowitz. “O rosto estava vermelho, os olhos pareciam cansados, como se ele estivesse triste. Pôs a mão na minha cabeça e disse: ‘Adeus. Você foi um bom garoto’. E depois foi embora”.

Na noite de 17 de janeiro, Mengele partiu de Auschwitz, salvando o máximo possível dos registros de seus experimentos com gêmeos, deficientes físicos e anões. A SS já tinha ordens para destruir fichas médicas, tabelas de temperatura e todas as outras provas de experimentos e genocídio, explodindo os crematórios e baleando pacientes fracos demais para caminhar. Mengele fez ainda uma última visita à sua antropóloga, a dra. Puzyna, indo à sala dela, onde os gêmeos haviam sido medidos antes de sucumbir à sua faca. “Entrou na minha sala sem dizer uma palavra”, contou ela. “Pegou todos os meus papéis, colocou-os em duas caixas e fez com que os levassem para um carro à espera do lado de fora.”

Com o som da artilharia do Exército Vermelho ecoando cada vez mais perto nos seus ouvidos, Josef Mengele abandonou a loucura de Auschwitz. Dessa noite em diante, ele nunca mais parou de fugir.

CAPÍTULO 3

Detido e Solto

Josef Mengele tinha dez dias de vantagem sobre o Exército Vermelho quando se juntou ao crescente êxodo de soldados alemães rumando para o oeste. No momento em que os primeiros batedores russos ultrapassaram os portões de Auschwitz e Birkenau, às três da manhã do dia 27 de janeiro – e descobriram os cadáveres dos 650 prisioneiros mortos por saquear homens da SS –, Mengele havia chegado a outro campo de concentração, 320 quilômetros a noroeste. Era Gross Rosen, na Silésia, onde experimentos de guerra bacteriológica em prisioneiros soviéticos foram conduzidos desde o início de 1942. [123] [124] Mas a estada de Mengele teve vida curta. Em 18 de fevereiro ele estava novamente fugindo para escapar dos russos que avançavam e que libertaram o campo oito dias depois.

Quando Mengele abandonou Gross Rosen, o homem que tinha assegurado sua nomeação para Auschwitz tomava rapidamente a iniciativa de ocultar o próprio rastro. O professor Von Verschuer removeu dois caminhões cheios de documentos de seu instituto de pesquisa em Berlim, certificando-se de destruir toda a correspondência com o médico de Auschwitz. [125]

Nesse meio-tempo, Mengele fugiu para o oeste, onde se juntou a uma unidade em retirada de soldados da *Wehrmacht*. Permaneceu com eles pelos dois meses seguintes, trocando o uniforme da SS pelo de um oficial da *Wehrmacht*.

Mengele e sua nova unidade se mantiveram na Tchecoslováquia central, esperando que a maré pudesse voltar-se contra a ofensiva russa.

Mas o Exército Vermelho estava incontrolável. Avançava num ritmo tal que de novo Mengele e sua unidade começaram a se mover mais para o oeste. Em 2 de maio, Mengele tinha avançado para Saaz, nos Sudetos, onde encontrou um hospital de campanha alemão motorizado, *Kriegslazarett* 2/591. Para sua surpresa, Mengele descobriu que um dos principais oficiais médicos ligados ao *Kriegslazarett* era um amigo de antes da guerra, o dr. Hans Otto Kahler.

No período anterior à guerra, Kahler estivera envolvido numa pesquisa legítima de gêmeos no instituto do professor Von Verschuer, em Frankfurt. Kahler, que tinha um bisavô judeu, não era membro do Partido Nazista. Mas Von Verschuer respeitava a tal ponto sua obra que resistiu à considerável pressão da hierarquia nazista para removê-lo da equipe. Foi no instituto de Verschuer que Mengele e Kahler desenvolveram uma grande amizade, que agora se tornava elemento essencial para a fuga de Mengele dos Aliados.

Embora Kahler tivesse reconhecido Mengele de imediato e soubesse que ele estava na SS, não fez comentários sobre seu novo uniforme de oficial da *Wehrmacht*. Kahler situa a chegada de Mengele no hospital de campanha no mesmo dia em que o suicídio de Hitler foi anunciado no rádio: 2 de maio de 1945. Recorda claramente o evento porque “Mengele entrou em grande alvoroço, recusando-se a acreditar na notícia de que Hitler estava morto”. Naquela noite, Mengele abordou Kahler e perguntou se poderia ingressar no hospital de campanha, sustentando que poderia ser útil na especialidade da unidade, medicina interna. Kahler procurou o oficial comandante da unidade, deu referências do amigo e, como resultado desses esforços, permitiram que Mengele ficasse.

Enquanto estava estacionado com sua nova unidade, Mengele iniciou um relacionamento íntimo com uma jovem enfermeira alemã. Seu nome não é conhecido e Mengele não o fornece na autobiografia. Confiava tanto nela que, quando a unidade começou a se deslocar mais uma vez para o oeste e Mengele temeu ser capturado pelos Aliados, deixou sob sua guarda as preciosas notas de pesquisa de Auschwitz. As notas, que sua antropóloga de Auschwitz, a dra. Puzyna, o vira juntar na véspera da partida do campo, iriam denunciá-lo

imediatamente como médico de um campo de concentração. Dar as notas à enfermeira foi prudente por várias razões. Em primeiro lugar, enfermeiras eram registradas e soltas quase de imediato quando capturadas por forças dos Aliados. Em segundo lugar, mesmo que seus eventuais captores pudessem ter tempo para traduzir um conjunto de notas rabiscadas, ela sempre poderia alegar que pertenciam a outra pessoa, sem identificar Mengele como dono. Nesse caso, Mengele perderia apenas as anotações, não a vida perante um tribunal dos Aliados.

Após vários dias, a unidade começou a se mover mais para o norte, via Carlsbad, de modo a se manter à frente do avanço russo. Na noite de 8 de maio de 1945, data em que o marechal de campo Keitel assinou a rendição incondicional, Mengele cruzou a fronteira da Tchecoslováquia para a Saxônia, no que é agora a Alemanha Oriental, [126] como recordou em sua autobiografia:

> Na noite do armistício, os americanos detiveram nosso avanço, mas os russos ainda nos perseguiam. Desse modo estávamos numa espécie de terra de ninguém. Como tínhamos provisões, éramos torturados apenas pela incerteza com relação a quem a área seria destinada. [127]

Mengele e sua unidade tinham se instalado na estreita faixa da Europa Central onde americanos e russos concordaram informalmente em não entrar – menos de 40 quilômetros separavam as duas forças aliadas. Na pinça russa e americana, cerca de 15 mil soldados alemães tinham sido encurralados. Na confusão do deslocamento da Tchecoslováquia para a terra de ninguém, a unidade do hospital motorizado de Mengele se dividiu em várias seções. Quando por fim se viu instalado na floresta ao redor, Mengele percebeu que se separara de seu amigo, o dr. Kahler. Numa nova seção, sem o apoio de Kahler, Mengele teve medo que sua identidade da SS fosse descoberta. Um médico veterano da unidade, o coronel Fritz Ulmann, suspeitou que Mengele fosse um homem da SS disfarçado. Ulmann, que mais tarde se tornaria fator decisivo para a liberdade pós-guerra de Mengele, achou que seu comportamento na terra de ninguém era quase cômico. Recorda que a cada dia Mengele dava um nome diferente na chamada: “Ele, sem dúvida, não conseguia se lembrar do nome que tinha dado

no dia anterior, por isso deve ter usado quatro ou cinco nomes adicionais. Era dissimulado e eu sabia que tinha de ser da SS".

De alguma maneira Mengele conseguiu manter o enigma durante seis semanas, enquanto a unidade estava retida na floresta. Em 15 de junho, forças americanas entraram na área e fizeram 10 mil prisioneiros alemães. Mengele não estava entre eles; junto com sua unidade, fugiu em busca da liberdade e, por algum tempo, isso deu certo. Mengele recordou a fuga em sua autobiografia:

> No fim havia cada vez menos comida e os rumores de que os russos ocupariam a área se tornaram mais numerosos. Então decidimos agir. Com vários veículos e uma unidade de saúde formamos uma coluna e, com algumas artimanhas, conseguimos passar pelos americanos. Contornamos seus bloqueios subsequentes e chegamos a território bávaro. [128]

A liberdade não durou muito. As forças americanas eram muito numerosas no terreno e, segundo o próprio relato de Mengele, dias depois sua unidade foi capturada:

> Na vizinhança da primeira grande cidade, Weiden, fomos detidos e levados para um campo americano de prisioneiros. De certo modo tínhamos atingido nosso objetivo, exatamente quando o estoque de gasolina havia terminado. Os americanos então nos levaram de um campo para outro em que as rações muito pequenas se tornaram ainda menores e nossa desesperança aumentou. [129]

No primeiro campo americano, Mengele voltou a se juntar a Hans Kahler, que fora capturado na mesma vizinhança no mesmo dia. E, como Mengele havia esperado, a amiga enfermeira havia sido libertada poucas horas depois de sua captura e as notas de pesquisa de Auschwitz continuaram seguras sob sua guarda. Nesse ponto, o dr. Kahler e o dr. Ulmann têm lembranças diferentes do nome que Mengele usou para se registrar no campo. O dr. Ulmann diz que foi registrado com seu verdadeiro nome. O dr. Kahler diz que foi registrado como "Memling", nome de um famoso artista bávaro. Kahler, no entanto, afirma ter dito a Mengele que era desonroso usar um nome falso e, por essa razão, Mengele deu mais tarde às autoridades do campo americano seu verdadeiro nome. O que é indiscutível é que, alguns dias depois da chegada de Mengele, os americanos o tinham sob custódia, cadastrado com seu nome verdadeiro.

Embora, no entanto, soubessem seu nome, não sabiam que era membro da SS, um detalhe que o teria feito ser submetido a um interrogatório mais rigoroso e levaria a uma checagem do nome em listas de criminosos nazistas procurados. Mengele tinha de agradecer à sua vaidade por isso. Foi a decisão de Mengele de não ter seu grupo sanguíneo tatuado no peito ou no braço quando se uniu à SS em 1938 que conquistou sua liberdade. Conseguira convencer a SS de que a tatuagem era desnecessária e que qualquer cirurgião competente faria uma prova cruzada de tipos sanguíneos e não ia confiar só na tatuagem antes de realizar uma transfusão. Segundo Irene, a verdadeira razão tinha mais relação com o culto que Mengele fazia a si próprio. Ele tinha o hábito de parar diante de um espelho de corpo inteiro e se alisar, admirando a suavidade da pele. E foi a pele que ele não quisera marcar.[130]

O fato de não ter a tatuagem do tipo sanguíneo significava que os americanos não tiveram meios de saber que Mengele era membro da SS. Embora requeressem que os prisioneiros preenchessem questionários e mostrassem os contracheques, que relacionavam à unidade de serviço, as autoridades americanas nunca souberam de seu serviço para a SS. Além de mentir no questionário, Mengele não apresentou nenhum documento que identificasse sua filiação à SS.

Na época, Mengele não imaginou a sorte que teve. Em abril de 1945, dois meses antes de os americanos o prenderem, Josef Mengele tinha sido identificado como um importante criminoso de guerra.[131] Quem foi afortunado o bastante para sobreviver à sua faca sangrenta tinha começado a prestar depoimentos aos poloneses, franceses, iugoslavos, britânicos e tchecos. Em maio, o “dr. Joseph Mengele, Lagerartz, Oswiecim KL” já estava na lista da Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas, procurado por “assassinato em massa e outros crimes”. Seu nome também tinha sido acrescentado ao primeiro Registro Central de Criminosos de Guerra e Suspeitos de Ameaça à Segurança (CROWCASS na sigla em inglês), lista compilada pelo Alto Comando Aliado em Paris para circulação em campos de detenção por toda a Europa. Por fim, o Gabinete do Procurador-Geral dos Estados Unidos havia reunido, de modo independente, evidência contra ele. Apesar do nítido perfil de criminoso de guerra procurado, uma combinação de fatores ajudaram Mengele,

entre eles a ineficácia e a falta de coordenação entre as várias ramificações das forças de ocupação dos Estados Unidos, a quase impossibilidade de identificar criminosos de guerra entre milhões de detidos e, acima de tudo, sua própria vaidade acerca da tatuagem.

Durante os dias que se seguiram à guerra, a administração aliada estava tão caótica que algumas listas de "procurados" não chegaram aos campos de detenção durante todo o verão de 1945. A grande dúvida, então, é se as listas de procurados da ONU ou do CROWCASS estiveram algum dia nas mãos dos responsáveis pelo campo em que Mengele estava detido. Podemos nunca saber da resposta. O Departamento de Investigações Especiais dos Estados Unidos foi incapaz de encontrá-la a despeito de uma investigação muito detalhada em 1985. Se tiveram de fato as listas, os responsáveis foram claramente negligentes. Mas há uma forte possibilidade de que as listas nunca tenham chegado. Além disso, Mengele teve a sorte de os americanos terem adotado uma política de processar os prisioneiros o mais depressa possível, devido aos enormes efetivos que inundavam os campos de detenção, bem como de um desejo de ter o máximo de pessoas fisicamente aptas nas cidades e campos para reconstruir a Alemanha. Embora não haja indícios de conluio entre as autoridades americanas e Mengele, mantém-se o fato de esse notório criminoso de guerra ser detido por dois meses e nunca ter sido identificado como o "principal criminoso de guerra" da lista de "procurados".

Mengele, contudo, estava convencido de que era apenas uma questão de tempo para que o desmascarassem como o médico de Auschwitz. Estava tão preocupado que ficou clinicamente deprimido. O amigo dr. Kahler pediu ao dr. Ulmann, um neurologista, para examinar Mengele e tratar de sua depressão. Ulmann consentiu, e Mengele logo lhe confidenciou a fonte da ansiedade: a possível descoberta de seu trabalho em Auschwitz. Ulmann não só manteve o segredo de Mengele, mas ajudou a obter uma segunda identidade para ele, percebendo que o médico de Auschwitz precisaria provavelmente de um nome falso para sobreviver na Alemanha do pós-guerra. Ulmann mantinha uma posição privilegiada para ajudar Mengele. Os americanos o haviam indicado para a equipe de prisioneiros do principal centro administrativo do campo, onde as ordens de soltura eram processadas. Quando finalmente foi libertado do

campo, Ulmann conseguiu obter um segundo conjunto de papéis de soltura em seu nome. Deu um conjunto para Mengele. O plano era Mengele deixar o campo usando os papéis emitidos com o nome de Ulmann. Uma vez lá fora, onde corria o risco de ser a qualquer momento interrogado por tropas aliadas, Mengele poderia passar a usar o nome de Fritz Ulmann mostrando seus papéis falsos.

Ulmann e Mengele deveriam ser libertados depois de seis semanas, perto do fim de julho de 1945. Mas houve um problema de última hora. Os americanos transportavam prisioneiros por caminhão para suas casas do pós-guerra, mas antes que os caminhões que rumariam à região da Baviera de Mengele saíssem, o campo foi fechado e demolido. Como resultado, Mengele foi transferido para um segundo campo americano a vários quilômetros de distância e de novo registrado sob seu nome verdadeiro. Esperou lá por mais de dois meses, até o início de setembro. Por fim, foi libertado e transportado para a cidade bávara de Ingolstadt.

De alguma maneira a sorte de Mengele continuou se manifestando.[132] Assim que foi solto, por cortesia do exército americano, Mengele decidiu caminhar para a cidade vizinha de Donauwörth, na esperança de encontrar abrigo na casa de um amigo de escola do pré-guerra, o veterinário Albert Miller. Quando seguia para Donauwörth, deparou-se com um agricultor empurrando duas bicicletas ao longo da estrada. Entabularam uma conversa e o agricultor, que ia passar em Donauwörth, perguntou se Mengele não queria ir numa das bicicletas. Mengele aceitou de imediato. Contudo, teve medo de ser parado por uma patrulha americana e não queria ser encontrado com dois conjuntos conflitantes de papéis de identificação, um em seu nome e outro no nome de seu amigo, Fritz Ulmann. Escondeu, então, os papéis com o nome Mengele dentro do guidão oco da bicicleta e colocou os papéis de Ulmann no bolso da camisa. Quando chegou a Donauwörth, Mengele agradeceu ao agricultor, que partiu com as duas bicicletas. Só mais tarde ele percebeu que havia esquecido os papéis de soltura com o nome Mengele no guidão da bicicleta. Não tinha ideia de como encontrar o agricultor. Desse momento em diante, Josef Mengele não teve outra opção a não ser viver como Fritz Ulmann.[133]

Mengele foi direto para a casa do amigo, dr. Miller. A esposa de Miller lembra do dia em que ele bateu à sua porta:

> Fui atender e vi um soldado parado na minha frente. Ele disse: “Bom dia, meu nome é Mengele”. Mais tarde meu marido veio para casa e jantamos. Lembro-me de Mengele dizendo: “Não acredite em tudo que ouvir sobre mim. Não é verdade”. [134]

Mengele pediu que o dr. Miller entrasse em contato com sua família em Günzburg e com a esposa em Autenreid para lhes dizer que estava em segurança. Embora afirmasse sua inocência, Mengele disse ao dr. Miller que não podia correr o risco de ser capturado por forças aliadas. Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Miller foi detido por tropas americanas na mesma noite em que Mengele chegara à sua casa. Enquanto Miller era levado para ser interrogado sobre seu papel no Partido Nazista no tempo da guerra, Mengele se escondia num quarto nos fundos da casa.

A prisão de Miller assustou Mengele. Ele deixou Donauwörth no meio da noite, determinado a cumprir a perigosa jornada até a zona russa para localizar sua amiga enfermeira que estava guardando suas pesquisas e notas de Auschwitz. O trabalho no campo de concentração era tão importante para ele que estava disposto a se arriscar a ser capturado pelos russos, de quem não podia esperar misericórdia. Como Mengele escreveu mais tarde: “Fui um louco me atrevendo a cruzar a fronteira guardada. Parece uma jornada inacreditável…”.

A viagem para Gera, agora na Alemanha Oriental, custou mais de três semanas a Mengele. Nesse meio-tempo, a sra. Miller entrou em contato com Karl Mengele Jr., em Günzburg, para dizer que o médico estava em segurança. Karl, então, contou à Irene e ao resto da família.

Mengele teve a sorte de ter escolhido os Miller como primeiro contato na área de Günzburg. Além de informarem a família de que estava seguro, também mantiveram seu retorno longe dos ouvidos das autoridades americanas. A disposição dos Miller para ajudar refletia uma atitude frequente na área de Günzburg. Havia uma ampla disposição para acreditar que as alegações contra Mengele eram falsas. A cidade tinha expulsado seus 309 residentes judeus depois que os nazistas chegaram ao poder. E transmissões radiofônicas por toda a Alemanhas pelo serviço internacional da BBC, afirmando que a SS se envolvera em monstruosos atos de carnificina, eram encaradas como propaganda

vitoriosa dos Aliados. A família Mengele era mais hostil para com os Aliados que a maioria dos residentes locais, pois sua fábrica sofrera danos com um ataque aéreo americano, em janeiro de 1945. Fora um ataque voltado para instalações industriais vizinhas, suspeitas de produzir componentes da proa do novo bombardeiro a jato Messerschmitt 262. [135]

Para Irene Mengele, a boa notícia dos Miller interrompeu meses de espera ansiosa. Irene estava sem ter notícias do marido desde o início do ano e presumiu que ele fosse “um dos milhões que agora se moviam como prisioneiros ou dos mortos”. E se ela de fato não soubesse o que ele estava fazendo em Auschwitz quando o visitou duas vezes ali, por certo sabia agora. Irene anotou em seu diário que, em 3 de maio de 1945, relatos de rádio dos Aliados listaram as acusações de crimes de guerra contra seu marido. Um mês depois, em 11 de junho, três policiais militares americanos bateram à sua porta em Autenreid para perguntar onde ele podia ser encontrado. Nesse momento, ironicamente, Mengele estava definhando numa terra de ninguém na Saxônia, apanhado entre tropas americanas e soviéticas. Irene disse aos americanos que achava que o marido estivesse morto.

Quanto ao resto da família Mengele, as autoridades americanas não fizeram pressão do início ao fim de 1945, embora o pai e o irmão de Josef estivessem sujeitos a interrogatório dentro dos procedimentos de desnazificação. Durante o resto do ano, os americanos aceitaram a suposição de Irene como uma resposta satisfatória em sua caçada de um importante criminoso de guerra.

Enquanto os americanos se debatiam na busca por Mengele, ele estava retornando da zona russa, tendo recuperado suas valiosas notas de pesquisa de Auschwitz. Dessa vez foi para Munique, para o apartamento de um casal confiável. O homem, farmacêutico, era um alemão étnico da Romênia que tinha servido com Mengele em 1942 na divisão Viking do *front* oriental. Esse casal ainda está vivo, são amigos de Irene Mengele e passaram ao filho dela, Rolf, a história que se segue, sob a condição de não serem publicamente identificados. [136]

No final de setembro de 1945, o farmacêutico atendeu a uma batida na porta e viu na sua frente, curvado, esgotado, Josef Mengele. Durante as quatro semanas seguintes, o farmacêutico e sua esposa cuidaram de Mengele, restauraram sua

energia e o aconselharam sobre o melhor rumo para continuar em segurança. O casal lembra de Mengele se defendendo com vigor:

> Não tenho nada a esconder. Aconteceram coisas terríveis em Auschwitz e fiz o melhor para ajudar. Uma pessoa não podia fazer tudo. Houve desastres terríveis ali. Só pude salvar alguns. Nunca matei ninguém nem feri ninguém. Posso provar que sou inocente do que podem dizer contra mim. Estou preparando os fatos para minha defesa. Quero me entregar e ser absolvido num tribunal. [137]

O farmacêutico e a mulher acharam que Mengele não estava sendo racional. Eles eram também amigos do dr. Victor Capesius, o farmacêutico-chefe em Auschwitz e, por intermédio de Capesius, sabiam o que havia acontecido no campo. [138]† O farmacêutico disse a Mengele:

> Você está louco. Isso é impossível. Nunca vai conseguir um julgamento justo. Se você se entregar, será baleado no ato ou julgado e depois enforcado. Esqueça esse absurdo sobre provar sua inocência. Deve encontrar um lugar para se esconder. [139]

Durante as semanas que se seguiram, enquanto Mengele se recuperava na segurança da casa dos amigos de Munique, a oportunidade de um porto seguro veio sob a forma do cunhado do dr. Fritz Ulmann, que por acaso era também amigo do farmacêutico. Em sua autobiografia, Mengele atribui ao cunhado de Ulmann o codinome “Vieland” e à esposa o codinome “Annalise”. Ambos eram doutores em medicina e moravam na pequena cidade bávara de Riedering. Vieland e Annalise encontraram Mengele pela primeira vez durante uma visita ao farmacêutico em Munique. Simpatizaram-se de imediato por ele e ofereceram ajuda para escondê-lo. O plano era simples. As áreas agrícolas da Alemanha precisavam desesperadamente de trabalhadores rurais, pois muitas famílias haviam perdido homens jovens durante a guerra. Vieland se propôs a acompanhar Mengele a uma dessas áreas, ao sul da cidade de Rosenheim, e ajudá-lo a encontrar trabalho como peão agrícola numa fazenda isolada, com uma família tranquila e simples. Vieland convenceu Mengele de que as tropas americanas jamais empreenderiam uma busca fazenda por fazenda em toda a Alemanha para encontrá-lo e que a família do fazendeiro não precisava conhecer

sua verdadeira identidade, já que ele tinha um passe de boa conduta fornecido pelos americanos em nome de Fritz Ulmann. Mengele concordou de imediato.

Contudo, Mengele decidiu tomar uma precaução extra. Fez uma cópia dos papéis de soltura e alterou cuidadosamente o nome para “Fritz Hollmann”, trocando o “U” por um “H”, espremendo um “o” entre o “U” e o “l” e colocando outro “l” entre o “l” e o “m”. Mengele sabia que, uma vez instalado numa nova área, teria de registrar seu cartão de soltura americano com as autoridades locais alemãs. Não queria fazer o registro com o nome “Ulmann”, pois um dia as autoridades americanas poderiam investigar os nomes dos prisioneiros que tinham sido mantidos em custódia com ele. As autoridades jamais associariam “Hollmann” a Mengele.

A decisão de esconder Mengele sob um nome falso foi sábia. Era claro que a reabilitação para a vida pós-guerra ia ser impossível. O professsor Von Verschuer, mentor de Mengele, foi exonerado do Instituto Kaiser Wilhelm em junho de 1945. Não houve descanso no fluxo de acusações de genocídio e, em agosto de 1945, o Acordo de Londres entre Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e União Soviética anunciou que seriam feitas denúncias contra 24 líderes nazistas perante um tribunal militar internacional em Nuremberg. A despeito da solidariedade que os cidadãos da Alemanha, como Vieland, tivessem a oferecer a Mengele, ao menos por ora o mundo exterior não ia lhe permitir enterrar o passado.

Vieland tornou-se a chave da liberdade de Mengele no início do pós-guerra. Em sua autobiografia, Mengele recordou:

> Quando o encontrei pela primeira vez, Vieland não hesitou um momento sequer em levar-me com ele para Riedering, de onde me mandou procurar um trabalho e um meio de vida. Vieland me levou para a área de Rosenheim. Esse amigo [Vieland] me fez superar todas as dificuldades aqui.

Vieland se tornou o principal contato e o protetor de Mengele para seus poucos anos na Alemanha. Agiu como a fonte principal de informação de Mengele sobre o mundo exterior. Em sua autobiografia, a única discussão de Mengele relativa aos campos de concentração ocorreu na forma de conversas ficcionais e

retóricas com Vieland. Só dessa maneira disfarçada Mengele é capaz de discutir os campos de morte em seus escritos.

É curioso que Vieland não fosse nazista. Mengele descreveu-o em sua autobiografia como:

> …[um] homem honesto a quem não faltava coragem cívica. Não foi membro do Partido Nazista e tinha uma ficha política limpa. Foi por essa razão que lhe deram o cargo de clínico geral em Riedering. As autoridades do pós-guerra tinham proibido o médico anterior de continuar seu trabalho, pois ele fora identificado como membro do Partido Nazista e foi obrigado a executar um simples trabalho manual.[140]

Vieland era representante de muita gente na Alemanha do pós-guerra que, embora não simpática aos nazistas, ainda se recusava a acreditar no horror das histórias de crimes de guerra e as encarava como propaganda aliada. Embora politicamente oposto à filosofia dele, ainda assim Vieland se tornou a figura central no início da existência de Mengele como fugitivo.

A primeira tarefa de Vieland foi encontrar um trabalho para Mengele. Juntos, procuraram várias fazendas na área ao redor de Mangolding, uma comunidade rural dentro do condado de Riedering. É uma das luxuriantes áreas agrícolas do sul da Alemanha, aninhada ao pé dos Alpes, dotada de belos lagos pantanosos.

As duas primeiras fazendas que Mengele procurou não precisavam de ajudantes, mas a terceira, uma propriedade de Georg e Maria Fischer,[141] precisava de outro trabalhador. Em 30 de outubro de 1945, “Fritz Hollmann” empregou-se na fazenda Fischer por 19 marcos por semana. A fazenda, chamada de *Lechnerhof* em homenagem ao primeiro dono, Lechner, tinha mais de oito hectares. Os Fischer cultivavam batatas e trigo e povoavam a fazenda com uma dezena de vacas produtoras de leite. Era uma típica fazenda bávara, estilo alpino, muito bem cuidada e belamente adornada com canteiros de flores cheios de gerânios. Mengele dormia num quarto espartano, três metros por quatro e meio, mobiliado apenas com um armário e uma cama. Georg Fischer morreu de câncer no estômago em 1959, mas a esposa, Maria, agora com 76 anos e o irmão de Georg, Alois, com 79, que às vezes compartilhava um quarto com Mengele, se lembram do homem jovem e da decisão de contratá-lo.

Maria Fischer se lembra que quando Mengele, ou “Fritz Hollmann”, como o conheciam, chegou pela primeira vez, disse a eles que era um soldado refugiado de Görlitz e que a esposa ainda estava na zona russa. Alois Fischer nunca esqueceu o dia em que Mengele juntou-se pela primeira vez à família numa refeição para conversarem sobre o trabalho que faria para eles:

> Hollmann tinha um tremendo apetite. Comia tudo posto na mesa sem sequer comentar se gostava ou não. Tomava leite diariamente pela garrafa. Nunca tinha visto um homem que tomasse tanto leite. Da primeira vez que se juntou a nós para uma refeição comeu como se não tivesse tido muita coisa para comer durante a guerra. Não disse uma palavra – limitou-se a devorar uma enorme quantidade de comida. Meu irmão disse a ele: “Se trabalhar tanto quanto come, é o homem certo. Vou fazer um teste com você”. [142]

É provável que Mengele tenha trabalhado mais durante os anos que passou com os Fischer do que em qualquer outra época de sua vida. Maria Fischer se lembra da rotina:

> Ele tinha de se levantar às 6h30 da manhã. A primeira coisa a fazer era limpar o estábulo. Às 7 horas sempre tomávamos juntos o café da manhã. Era muito forte e habilidoso. Só não sabia ordenhar. Não tratava de nenhum animal, de quem o fazendeiro sempre cuidaria. Fritz também trabalhava bastante nos campos; arrancava as batatas, as separava, as carregava para o pátio e trabalhava nas nossas florestas, plantando e cortando as árvores, limpando os troncos. Também cortava e carregava feno – de fato fazia tudo. Era muito amável, nunca começava uma briga e estava sempre de bom humor. [143]

Às vezes, após o jantar às 19 horas, ficava para um jogo de cartas chamado “Schafkopfen”. Mas geralmente estava tão cansado que apenas subia para dormir em seu quarto.

Os Fischer podem ter sido gente simples do campo, mas logo acharam que seu hóspede tinha um passado a esconder. Nada disfarçaria o educado sotaque bávaro, as mãos macias, totalmente inabituadas ao trabalho duro. Alois Fischer achava que ele era um nazista procurado:

> Estava apenas querendo um lugar para se esconder após a guerra. É evidente que tinha de se esconder. Tinha sujeira a esconder. Deve ter sido um nazista e achamos que deve ter sido gente graúda. [Quando] chegou tinha apenas o terno de flanela cinza que usava, não de má qualidade, mas não dos melhores. Fora isso não tinha nada.

> Nem mesmo coisas para se lavar. Quando chegou tinha mãos muito finas. Nunca tinha trabalhado antes, certamente não numa fazenda. Não sabia como ordenhar uma vaca […]. Mas nunca falava muito. Sobre si mesmo, seu passado ou a guerra, não dizia absolutamente nada. Também não queria que lhe fizéssemos perguntas a esse respeito – isso era muito claro para todos. Não era nem amigável nem hostil, mas sempre muito controlado e disciplinado.
>
> Hollmann parecia muito forte, com a disposição de um gato macho. Era também inteligente. Falava com um leve sotaque bávaro, sempre de maneira muito calma e breve. Vinha, é evidente, de uma família da classe alta. Nunca tinha visitas e não saía de casa, principalmente no começo. [144]

Mas o passado de "Fritz" não interessava aos Fischer. Depois de apenas duas semanas na fazenda, quando teve certeza de que Hollmann era um bom empregado, Georg Fischer disse a ele: "Vamos registrar seus documentos de guerra com o *Bürgermeister*. Estou satisfeito com você e seu trabalho". Fischer levou Mengele para uma fazenda vizinha, propriedade do juiz local, a quem Mengele apresentou seu documento forjado com o nome "Hollmann". Devidamente impressionado o *Bürgermeister* registrou Mengele, que reparou com desprezo quanto respeito os funcionários alemães tinham "por um pedaço de papel escrito em inglês com um carimbo do exército americano". [145] Mengele conservava seus papéis originais em nome de "Ulmann", que havia usado para forjar a cópia "Hollmann", escondidos em seu quarto na fazenda Fischer.

A suspeita de que Mengele fosse um nazista não impediu que os Fischer gostassem cada vez mais dele. Estavam realmente dispostos a ajudar um alemão jovem que ganhava seu pão. E à medida em que passou a confiar mais neles, Mengele se tornou menos sigiloso. Maria Fischer recorda:

> Ele começou a falar e a rir bastante lá em casa. Uma vez, no Dia de São Nicolau, fez o papel de Papai Noel. Arranjara uma barba e o gorro do Papai Noel e veio brincar conosco; depois ralhou conosco, que nessa época éramos sete. Foi muito engraçado e rimos até ficar com lágrimas nos olhos. [146]

Alois Fischer disse que "sentia pena do homem jovem que lutara pela Alemanha". Na verdade, os Fischer eram um grupo extremamente conciliatório. Enquanto Mengele estava lá, deram abrigo a dois outros alemães, uma mulher com um passado dúbio, que estava ansiosa temendo cair em mãos dos Aliados, e um soldado do leste que tinha perdido a família – e por quem Mengele mostrou

abertamente uma compaixão que jamais tivera por internos não menos enlutados em Auschwitz: “Ele perdeu tudo, a esposa foi evacuada para o centro da Alemanha e ele a tem procurado, mas não consegue encontrá-la”. [147]

Embora os Fischer estivessem dispostos a ignorar o passado de Mengele, que desconheciam, pois estavam satisfeitos com seu trabalho, ele detestava esse trabalho. Achou essa primeira fase de sua vida de fugitivo muito difícil. Por fora, Mengele pode ter parecido mais relaxado, mas por dentro era um homem profundamente infeliz. A confirmação disso está na autobiografia que escreveu quando se encontrava na América do Sul. Mengele disse que sentia “pena de si mesmo, mas não de todo mundo”, que o trabalho na fazenda era “uma boa lição” e que estava “inclusive se acostumando à colheita de batatas”. Ele se conservava mentalmente alerta “falando [consigo] mesmo”. São as palavras de um homem amargurado pelos acasos da guerra, de um nazista impenitente que tem ainda de chegar a um acordo com o fato de estar do lado perdedor. “É provavelmente o ódio que seca [minhas] lágrimas”, escreveu desconsiderando Auschwitz com uma desculpa adquirida em quase trinta anos escondido pela América do Sul – um episódio ao qual “nada existe a ser acrescentado. É natural e compreensível que os campos fossem sofrer de fomes intensas após todos os problemas e, portanto, o que eu vi estava dentro do previsível”.

Mengele se ressentia também do fato de que enquanto ele, um médico, era obrigado a trabalhar numa fazenda colhendo batatas, as tropas de ocupação americanas “pilhavam” a Alemanha. “Os Cruzados”, como ele os chamava, “tinham uma incrível falta de consciência”.

Enquanto Mengele trabalhava na fazenda Fischer, sua amargura estava sempre em ponto de ebulição. Alois Fischer recorda um incidente em que a frustração de Mengele chegou à superfície:

> Houve apenas uma vez uma pequena briga. Ele, que devia trabalhar como um peão, me deu uma ordem dizendo que eu devia tirar o feno do forcado. Eu disse que ele é quem devia fazer o trabalho. Então ele ficou muito irritado, por um momento breve, mas ficou mesmo muito irritado. Olhou-me com muita raiva. Achei de verdade que ele ia me atacar. Mas então recuperou por completo o controle e aquilo nunca mais voltou a acontecer. [148]

Mengele tirava assuntos da mente praticando jogos mentais. Num eco ameaçador do passado, revelou em sua autobiografia como costumava realizar "seleção científica" na colheita de batatas:

> Era preciso adotar uma abordagem científica para separar batatas comestíveis, forragem e brotos. A frequência dos vários tamanhos seguia a distribuição binomial segundo o Diagrama de Gauss. Os tamanhos médios, portanto, são os mais abundantes, sendo os muito pequenos e os muito grandes bem menos frequentes. Mas como eles [os Fischer] queriam mais batatas de tamanho médio, desloquei a fronteira da seleção para as batatas para consumo e desse modo obtive mais batatas para consumo que de hábito. Dessa maneira minha mente se mantinha ativa. [149]

O "grande selecionador" de Auschwitz fora reduzido à seleção de batatas. Embora degradante para o orgulhoso Mengele, esse baixo perfil ajudou-o a continuar livre. Seu papel como mão de obra rural impedia que atraísse atenção. Durante todo esse período, o ânimo de Mengele era mantido por visitas ao amigo médico, Vieland, que morava na vizinha Riedering. Em seu dia de folga, Mengele levava flores silvestres para a mulher de Vieland e recebia do próprio Vieland qualquer tratamento médico de que precisasse. E a família Mengele, convencida da inocência dele, fazia viagens a Rosenheim para reforçar seu moral. Maria Fischer não se lembra de quaisquer visitas à fazenda, mas se lembra de que Mengele fazia pequenas caminhadas, com uma frequência cada vez maior no decorrer dos anos, para "visitar a namorada".

Irene percebia que as idas a Rosenheim estavam repletas de perigos – como Mengele era um fugitivo procurado ela poderia ser espionada –, mas pesou os riscos e decidiu a favor das visitas. Concluiu que o ânimo do marido poderia ficar muito baixo se Mengele tivesse acesso a algum dos jornais locais e visse o que era impresso a respeito dele. Por exemplo, na entrada de seu diário em 7 de outubro de 1945, ela escreveu:

> No jornal local aparece o nome dele e a notícia diz: "Com uma volúpia animal ele via as pessoas morrerem". É de dar vontade de rir […]. O que ele há de pensar se vir essas coisas escritas. [150]

As primeiras visitas de Irene a Rosenheim foram cheias de peripécias. Fez a primeira viagem no verão de 1946, mas só depois de Karl Jr. ter feito um teste

para garantir que as autoridades americanas não estavam seguindo membros da família Mengele. Assim que Karl disse a Irene que a viagem poderia ser feita em segurança, ela deixou Rolf com os pais de Mengele em Günzburg e tomou o trem para Rosenheim. Mengele, informado por Vieland da hora em que ela ia chegar, caminhou para a estação ferroviária enquanto ela caminhava para Mangolding. Encontraram-se perto de um popular balneário bávaro, o Lago Sinssee. Passaram um pelo outro sem um único aceno e continuaram andando por várias centenas de metros para terem certeza de que não estavam sendo seguidos. Assim que se convenceram de que não havia risco de serem apanhados, os dois se encontraram e passaram o tempo numa pousada local.

No fim de 1946, Mengele estava convencido de que os americanos tinham se esquecido dele e se tornou tão afoito que fez duas viagens, de uma semana cada, a Autenreid para visitar Rolf e Irene. Vieland ficou furioso por Mengele ter usado o cartão de identidade "Fritz Ulmann" nas duas idas a Autenreid. Achou que foi um risco grande demais. Vieland repreendeu Mengele: "Você está se arriscando muito com a identificação do meu cunhado". Mengele teve uma explosão de raiva. Puxou os papéis em nome de "Ulmann" do bolso e rasgou-os na frente de Vieland. "Está satisfeito agora? Não preciso deles", gritou. Mas o temperamento de Mengele ia lhe custar caro. Sem um conjunto de genuínos papéis de soltura, foi forçado a confiar no conjunto forjado pelo resto do período que passou na Alemanha. Isso aumentou o risco de uma situação já precária. Impediu as viagens que fazia a partir de Rosenheim e as visitas de Irene passaram a ser seu único contato com a família.

Embora Irene acreditasse que as viagens servissem de influência calmante sobre o marido, elas tinham quase o efeito oposto. As visitas serviam como um lembrete de que o casamento dos dois estava submetido a terrível pressão. Rolf acredita que o casamento tinha sido abalado já antes do fim da guerra:

> Meus pais na realidade nunca tiveram um casamento verdadeiro. Minha mãe era uma pessoa feliz, alegre, cheia de vida e muito sensível […]. Sua bela cabeça estava cheia de pensamentos que realmente não combinavam com uma vida na aldeia burguesa de Günzburg. [151]

Irene estava perdendo rapidamente a fé em seu casamento. Para compensar a ausência do marido, procurava companhias masculinas. Rolf diz: “Não eram casos amorosos, mas ela mantinha amizade com vários homens. Isso também era necessário, já que não havia homem na família e ela precisava de alguma proteção e ajuda”. Mas quando Mengele soube dessas amizades, ficou furioso. Segundo Rolf, seus encontros secretos degeneraram em brigas violentas.

> Meu pai tinha um ciúme insano. Durante aqueles breves encontros na floresta, fez cenas que a deixaram amargurada. Devia se separar de seus conhecidos, dizia ele, e não ver os amigos. Não devia sair de casa. Não avaliava o perigo a que ela se expunha cada vez que o visitava. [152]

Estava claro que, para Irene, o homem com quem havia se casado antes da guerra e o fugitivo que emergira depois eram duas pessoas diferentes:

> Conheci Josef Mengele como um homem absolutamente honrado, decente, consciencioso, muito charmoso, elegante e divertido, de outro modo não teria me casado com ele. Vim de uma família boa, rica e tive muitas oportunidades de me casar. Acho que a ambição dele finalmente se tornou sua ruína. [153]

Não obstante a tensão e a brecha entre os dois se abrindo cada vez mais, Irene visitava Mengele a cada quase dois meses. Mengele, enquanto isso, tinha reparado suas diferenças com Vieland e Annalise. Queixava-se cada vez mais com Vieland da crescente “histeria sobre crimes de guerra” e o foco em seu serviço em Auschwitz. Mas quaisquer esperanças que Mengele possa ter cultivado de a punição aos crimes de guerra ficar limitada aos 22 nazistas mais importantes em Nuremberg tiveram vida curta. Em dezembro de 1945, os Aliados anunciaram que outros criminosos de guerra também seriam levados a julgamento pelos governos dos países que Hitler tinha devastado. No início de 1946, Mengele pediu que Fischer assinasse o diário regional *Rosenheimer Anzeiger*. Com esse jornal local e as atualizações feitas por Vieland, Mengele se manteve informado dos julgamentos de crimes de guerra e do aumento dos indiciamentos com ávido interesse, mas um olho ansioso.

Em abril de 1946, Mengele ficou sabendo que fora publicamente nomeado pela primeira vez num julgamento.[154] Rudolf Höss, o comandante em

Auschwitz, fora chamado a Nuremberg para depor como principal testemunha na defesa de Ernst Kaltenbrunner, que, como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich, fora responsável pela administração dos campos de concentração e do programa para extermínio dos judeus. Como o próprio Höss, obediente, tinha cumprido em Auschwitz sua parte dessa política, sendo pessoalmente responsável pela morte de cerca de 2,5 milhões de judeus, ele parece uma estranha escolha para a defesa de Kaltenbrunner. Logo ficou claro que o objetivo era deslocar grande parte da responsabilidade para Höss, já que ele transformara em virtude sua compulsão de seguir ordens, tendo sido levado a acreditar que o antissemitismo era uma maneira de controle de peste.[155] Completado um terço do depoimento de Höss, o advogado de Kaltenbrunner, dr. Kauffmann, lhe perguntou:

> O que chegou ao seu conhecimento sobre os chamados experimentos médicos em internos vivos?
>
> *Höss*: Experimentos médicos eram realizados em vários campos. Em Auschwitz, por exemplo, houve experimentos de esterilização realizados pelo professor Klaubert e o dr. Schumann; também houve experimentos com gêmeos feitos por um oficial médico da SS, dr. Mengele.[156]

Enquanto isso, segundo Rolf, Mengele percebeu que um culto de silêncio tinha encoberto o envolvimento nacional-socialista em “pesquisa médica”. Seus principais arquitetos, como o professor Von Verschuer, tiveram de realizar algumas manobras razoavelmente espertas à medida que crescia o clamor, dos Aliados em geral e dos países ocupados em particular, para processar os envolvidos nesses crimes hediondos. O mundo acadêmico alemão se dividiu em dois campos: os que haviam sido maculados pelo nazismo, mas cuja desculpa era que o envolvimento fora puramente acadêmico, e os que não estavam arrependidos e caíam no ostracismo. Von Verschuer manobrou com habilidade para se situar no primeiro campo, advertindo um colega em 1946: “Vamos manter silêncio sobre o horror. Isso já ficou para trás”.[157] A reabilitação final de um homem que, de maneira tão entusiástica, garantiu fundos para o trabalho inútil de Mengele e que apreciou seus resultados absurdos veio em 1949, quando

uma comissão de professores, seus pares, julgou-o digno de retomar a carreira no ensino:

> Seria hipocrisia de nossa parte encararmos, em retrospectiva, incidentes isolados na vida de um homem honrado e valoroso, que teve uma vida difícil e muita vezes mostrou a nobreza de seu caráter, como uma imperdoável mancha moral. [158]

Com que profundidade esses homens cultos fizeram suas investigações é algo a se discutir, pois tentaram cobrir Mengele com um véu acadêmico dizendo que "com base nas evidências disponíveis não está claro quanto o próprio dr. Mengele sabia durante as épocas em questão". Jamais foi feita pelas autoridades da Alemanha Ocidental qualquer tentativa de processar Von Verschuer. [159]

Von Verschuer acabou se tornando um renomado professor de genética na Universidade de Münster, mas nunca mais discutiu seu envolvimento com experimentos, embora o filho Helmut tenha levantado a questão uma ou duas vezes:

> Tentei expor meu ponto de vista para ele, mas estava claro que politicamente éramos muito diferentes. Minha impressão é que só muito tarde meu pai tomou conhecimento do que estava acontecendo. Mas nunca respondeu quando declarações difamatórias foram feitas contra ele. [160]

Ao contrário de Von Verschuer, Mengele não podia contar com o *establishment* acadêmico para reescrever a história e reabilitá-lo. O mais alarmante para Mengele, enquanto ele se humilhava na fazenda bávara, era a série de julgamentos contra médicos nazistas levados a termo pelos americanos, britânicos, russos e poloneses. Na autobiografia, Mengele mostrou sua amargura acerca dos julgamentos numa conversa ficcional com Vieland. Nessa passagem, Mengele se refere a si mesmo como "Andreas", um pseudônimo que adotou para esconder a identidade no caso de seus papéis serem descobertos.

> *Vieland*: Você já ouviu a última nova história de Nuremberg?
>
> *Andreas*: No curso da reeducação, o alemão, que já é patético como resultado de tanta privação e fome, só ouve falar em crimes de guerra que supostamente cometeu, nos trabalhadores forçados, nos campos de concentração e assim por diante. Temos de compreender que essa ribalta só pretende fazer centenas de

milhares de alemães, incluindo mães de soldados alemães assim como mulheres sitiantes que perderam dois filhos para a fome num campo russo de prisioneiros, acusarem os “nazistas” desses supostos crimes.

Embora Mengele encarasse os julgamentos como nada mais que propaganda aliada, a despreocupada confiança inicial de que poderia convencer as cortes de sua inocência desapareceu com as notícias de sentenças de morte contra três colegas de Auschwitz: o dr. Fritz Klein, com quem compartilhou a distinção de ser o único médico capaz de realizar as horripilantes seleções no final dos trilhos sem uma bebida; o dr. Werner Rhode e o dr. Eduard Wirths, médico-chefe do campo. Wirths cometeu suicídio antes que o pudessem enforcar.

O futuro pareceu ainda mais sombrio quando, em dezembro de 1946, em Nuremberg, os americanos levaram 23 importantes médicos e cientistas da SS ao tribunal para o chamado Julgamento dos Médicos. O indiciamento especificava quatro acusações: conspiração, crimes de guerra, crimes contra a humanidade e filiação a organizações criminosas. Os réus foram acusados de terem sido responsáveis por experimentos em internos envolvendo exposição a altas altitudes e baixas temperaturas, além de ingestão de água do mar; experimentos com tifo e icterícia infecciosa; experimentos com drogas sulfa, enxertos ósseos e gás mostarda; experimentos envolvendo a coleção de crânios de judeus; experimentos com a eutanásia de grupos raciais indesejáveis e a esterilização em massa. [161]

Mengele seguiu os procedimentos com um interesse profundo, em especial quando as sete sentenças de morte e cinco de prisão perpétua foram pronunciadas. Entre os enforcados estava Karl Gebhardt, que dirigiu os experimentos com sulfa em mulheres no campo de concentração de Ravensbrück. Eram produzidas, de maneira deliberada, feridas nas vítimas, feridas que eram depois “recheadas” com farpas de madeira e tiras de gaze impregnadas de bactérias para simular as condições no campo de batalha; então a eficiência da sulfanilamida era estudada. Durante uma inspeção do médico da SS Ernst Grawitz, [162] perguntaram a Gebhardt quantas mortes tinham ocorrido como resultado dos experimentos com sulfa. Quando informado de que não ocorrera nenhuma morte, Grawitz disse que as condições não “correspondiam às condições no campo de batalha”. Uma nova série de experimentos foi então

realizada em 24 mulheres polonesas, em que a circulação do sangue através de seus músculos foi interrompida na área da infecção pela obstrução dos músculos em ambas as pontas. O resultado foram infecções muito sérias, e várias mulheres morreram sentindo dores terríveis.[163] Em maio de 1943, o Congresso de Médicos do Reich e a Sociedade Ortopédica Alemã tinham presenteado Gebhardt com sua mais alta distinção pelos grotescos experimentos em Ravensbrück (Gebhardt foi presidente da Cruz Vermelha alemã e médico de grande parte da elite social da Alemanha antes da guerra; seu pai foi médico pessoal de Himmler).

No banco dos réus com Gebhardt, estava o médico que de fato preparava as feridas, Fritz Fischer. Ele pegou apenas uma sentença de prisão perpétua. O dr. Karl Brandt, médico pessoal de Hitler, que também supervisionou o programa de eutanásia, foi sentenciado à morte. Em Nuremberg, ele tentou minimizar o uso de cobaias humanas:

> De modo inteiramente independente do que de fato nos aconteceu, o ser humano sempre foi usado de alguma maneira para objetivos experimentais […]. O salto de experimentos com animais para experimentos com seres humanos foi, por razões práticas, realmente necessário. [164]

A única mulher acusada, a dra. Herta Oberheuser, foi condenada a vinte anos de prisão por inocular prisioneiros com doses letais de tifo e icterícia.

O significado para Mengele dos vereditos contra Fischer, Oberheuser e Gebhardt era que ele também havia realizado experimentos com sulfa, tinha inoculado muitos gêmeos, na maioria crianças, com tifo, e concordava em termos absolutos com a visão de Brandt de que experimentos em seres humanos eram um artigo de fé. E não houve defensor mais vigoroso da eutanásia e do conceito de “vida indigna” que Josef Mengele, como mostra sua autobiografia pós-guerra. Um trecho justificando para Vieland a existência de campos de concentração é particularmente revelador:

> É necessário que cada país tenha uma instituição na qual, em caso de guerra, possa manter elementos que representem algum perigo para o país, estrangeiros que se presuma serem sabotadores, gente ordinária, inclinada a fazer espionagem, prostitutas, ciganos e pessoas que são criminosas por profissão.

Eles [os judeus] pertenciam ao grupo de possíveis inimigos do país, contra quem tínhamos de nos garantir […] devido a seu internacionalismo, sua organização mundial, sua conexão inclusive com países inimigos e seu serviço de inteligência […]. Só esse fato seria suficiente para que fosse tomada uma medida como o encarceramento em campos de concentração.

Quando os líderes supremos dessa organização internacional, o Congresso Mundial Judaico, declaram oficialmente guerra ao Reich Alemão, não há necessidade de discutir o direito de agrupar e manter os judeus em campos […]. Hitler advertiu os judeus em seu discurso de 1939 para que não instigassem as pessoas à guerra contra a Alemanha, porque isso poderia acabar mal para eles. [165]

Em outra de suas conversas autobiográficas ficcionais com Vieland, Mengele (como "Andreas") chega a defender as condições descobertas no campo de concentração no final da guerra:

Vieland: Recentemente vi um filme em Munique sobre os campos de concentração. Parece que as condições eram terríveis. Mesmo desconsiderando as cenas que não são autênticas e podem ter vindo de telejornais com os bombardeios em massa de cidades alemãs pelos Aliados, o filme ainda assim mostra, sem deixar qualquer dúvida, que as pessoas viviam e também morriam ali em condições catastróficas de desnutrição.

Andreas: Sim, esse foi provavelmente o caso. [Andreas na verdade não quer dizer mais nada sobre o assunto, mas acaba perguntando ao dr. Vieland:] Quando acha que esses filmes foram feitos?

Vieland: Presumo que após a ocupação dos campos pelos Aliados.

Andreas: Certamente não mais cedo. E assim só obtemos informação sobre as condições que existiam na época em que o filme foi feito ou talvez várias semanas ou meses antes disso, durante os quais os últimos estertores da guerra estavam se desenrolando. Cada pessoa que vivenciou essa catástrofe conhece as dificuldades insuperáveis para arranjar provisões que prevaleceram nos últimos meses da guerra. Os campos necessariamente sofreram, numa escala demasiado grande, sob o caos do desastre do colapso. E foi isso que levou às condições que foram mostradas nesse filme.

Embora Mengele tentasse justificar o aprisionamento de judeus e as condições nos campos, outros membros da família Mengele eram mais realistas e sabiam que a captura dele significaria execução certa. Defrontados com a perspectiva de Josef se juntar a colegas de Auschwitz no patíbulo, seu pai e sua mulher, entre outros, tentaram induzir as autoridades americanas a acreditar que Josef Mengele estava morto. Esses esforços, combinados com uma falta de iniciativa e

ineficiência generalizada por parte das forças de ocupação americanas, asseguraram a liberdade de Mengele na Alemanha do pós-guerra.

O pai de Mengele, Karl, tinha se mexido desde muito cedo para apagar os rastros do filho. Como antigo *Kreiswirtschaftsbrater* ou assessor econômico da seção regional do Partido Nazista cobrindo a área de Günzburg, Karl foi colocado sob custódia em março de 1946, à espera das audiências de desnazificação aliada. O objetivo da *Entnazifizierung* [desnazificação] era classificar os membros do partido em categorias para que pudesse ser tomada uma providência adequada, indo de acusações criminais a vigilância policial ou mesmo absolvição para aqueles que pudessem provar que tinham resistido à tirania de Hitler. Duas vezes o velho Karl disse aos americanos que o filho desaparecera em ação. Na terceira vez, disse que sabia que ele estava morto.

Enquanto Karl mantinha essa fachada em Günzburg, Irene fazia o mesmo na vizinha Autenreid. Quando a polícia militar visitou Irene em junho de 1945, ela disse que o marido estava desaparecido na zona russa, presumivelmente morto. Nessa época, era no que ela de fato acreditava. Mesmo, no entanto, depois de ter sabido que ele estava vivo e em segurança, Irene manteve o jogo com amigos e conhecidos em Autenreid e Günzburg. Temendo que um deles pudesse ser informante dos ocupantes americanos, repetia para todos que Mengele estava perdido e provavelmente morto. Cartas que na época Irene escreveu para os amigos declaram sua “firme crença de que nunca tornarei a ver meu marido vivo”. Ela chegou a aparecer na igreja católica local vestida de preto e pediu que o padre rezasse pelo repouso da alma do falecido marido.

Para uma importante seção da administração americana no pós-guerra, o Gabinete do Procurador-Geral para Crimes de Guerra, os esforços do sr. Karl e de Irene contribuíram para a aceitação da morte de Mengele. Isso certamente explica por que não foram feitas tentativas de expandir a investigação ou mesmo de seguir Irene ou outros membros da família para localizar o desaparecido médico do campo.

Uma pessoa que acreditava que Mengele ainda estivesse vivo e queria com desespero que ele fosse submetido a julgamento era a dra. Gisella Perl, uma interna ginecologista que havia trabalhado para Mengele em Auschwitz. Ela testemunhou, em primeira mão, alguns de seus piores excessos. Em janeiro de

1947, a dra. Perl escreveu às autoridades americanas oferecendo-se para apresentar provas contra Mengele depois de ter lido um artigo num jornal de Nova York afirmando que ele havia sido capturado. A notícia se revelou falsa, e a carta dela perdeu-se na burocracia e ficou sem resposta. Então, em outubro de 1947, ela tentou de novo ao escrever para a Seção de Crimes de Guerra da Divisão de Assuntos Civis em Washington, dizendo que Mengele era "o maior dos assassinos em massa" e que ela tinha "muitas coisas importantes a contar […] para despertar a consciência do mundo".[166] A resposta à dra. Perl é indicativa da confusão geral, da desorganização e da falta de cooperação entre os vários setores das forças de ocupação americana que procuravam levar nazistas à justiça. Agora, em vez de ignorar a dra. Perl, os americanos presumiram, de maneira equivocada, que Mengele estivesse entre os 40 homens da SS, incluindo alguns médicos, que estavam sendo julgados pelo Supremo Tribunal Nacional polonês em Cracóvia. Responderam à dra. Perl que haviam pedido ao general-brigadeiro Telford Taylor, chefe americano do Conselho para Crimes de Guerra em Nuremberg, que apurasse a situação do julgamento junto ao representante do governo polonês ali.[167] Enquanto isso, um oficial na Seção de Localização e Apreensão em Nurembeg se deparou com uma indicação num arquivo que corroborava que Mengele estava morto. Sem um cruzamento de informações com qualquer outra divisão do governo americano, a morte de Mengele foi assumida como certa. Em 19 de janeiro de 1948, Telford Taylor respondeu a Washington: "Quero advertir que nossos registros mostram que o dr. Mengerle [*sic*] está morto desde outubro de 1946".[168]

A resposta de Telford Taylor parece ter se baseado nos resultados da competência de Karl Mengele para convencer seus interrogadores de que o filho estava morto, assim como na impostura de Irene em Autenreid. O fato de Taylor ter respondido a Washington escrevendo de maneira errada o nome de Mengele é indicativo do caos do pós-guerra engolfando um órgão que investigava crimes de guerra com falta de pessoal, excesso de trabalho e que era incapaz de fazer o tipo de dupla checagem que seria razoável esperar no caso de um criminoso tão monstruoso quanto Mengele. Seja como for, em 12 de fevereiro de 1948, a dra. Perl foi informada da "morte do dr. Mengele" e agradeceram por sua oferta de

servir de testemunha.[169] O assunto ficou estacionado até os alemães ocidentais emitirem um mandado de prisão, quase doze anos depois.

Embora a equipe de Telford Taylor em Nuremberg acreditasse que Mengele estava morto, outra seção da administração americana na Europa achava que ele estava vivo.

Em 29 de abril de 1947, o agente especial Benjamin J. Gorby, da 970ª Unidade de Contrainteligência, recebeu informações de que Mengele havia sido detido. Sua fonte foi um dos muitos jornais que circulavam entre pessoas deslocadas nos campos de refugiados. Já em dezembro de 1946, reportagens indicavam que Mengele tinha sido capturado por forças aliadas. A fonte das primeiras reportagens foi um artigo que circulou entre prisioneiros políticos judeus.[170]

Gorby ouviu que a prisão fora noticiada por um jornal de Viena e presumiu que Mengele havia sido preso lá. Como o destacamento da 430ª Unidade de Contrainteligência era responsável pela área de Viena, Gorby mandou um telegrama para a 430ª CIC [sigla em inglês de Unidade de Contrainteligência] em Viena pedindo que interrogassem Mengele "com relação ao destino de um grupo de aproximadamente 20 crianças judias que se alegava terem sido removidas por ele do campo de Auschwitz, em novembro de 1944, e levadas para um local desconhecido". Gorby acrescentou:

> A remoção das crianças judias de Auschwitz pelo dr. Mengele foi confirmada a este escritório pelo pai de uma das crianças, que mora em [ilegível]. Outros pais de crianças do grupo ainda estão vivos e muito ansiosos para falar com elas ou ter notícias acerca delas.[171]

Não há evidência de que Mengele tenha sido detido em Viena, segundo um inquérito conduzido pelo Centro de Investigações Especiais (OSI, Office of Special Investigations) do departamento de justiça. É quase certo que Gorby estava agindo de boa-fé com base na notícia errada do jornal do *DP Camp* [campo de pessoas deslocadas], mas fez várias suposições sem verificar os fatos. Os diários de Mengele não mencionam prisão. Irene diz que o marido não tornou a ser preso após sua detenção inicial em meados de 1945. Não obstante, a divulgação pública do documento de Gorby, em janeiro de 1985, pelo Centro Simon Wiesenthal em Los Angeles teve um efeito explosivo, embora o

documento em si tenha estado disponível desde agosto de 1983.[172] O resultado foi uma série de audiências da comissão do Senado que levou a uma diretiva indicando a OSI como ponta de lança num esforço especial para encontrar Mengele. O exército foi também instado a averiguar se Mengele estivera alguma vez sob sua custódia após a guerra. Foi a maior investigação desse tipo jamais empreendida pelo governo dos Estados Unidos.[173]

O agente especial Gorby não foi a única pessoa que acreditou que Mengele havia sido capturado por forças americanas durante 1946 ou 1947. Documentos do governo francês, obtidos em outubro de 1985, declaram inequivocamente que Mengele fora capturado pelos americanos no final de 1946. Segundo os franceses, Mengele, conhecido como o "notório médico do campo em Auschwitz", foi detido e solto pelos americanos, sem explicações, em 29 de novembro de 1946. Os franceses afirmaram que autoridades americanas confirmaram a prisão e a soltura de Mengele em 20 de fevereiro de 1947. De novo, embora à primeira vista impressionantes, os documentos não são respaldados por nenhuma evidência em qualquer arquivo do governo. Os franceses afirmam que os americanos confirmaram uma prisão e uma soltura em 1946. Porém nenhum registro americano de prisão reflete esse evento. Não há contestação de que Mengele continuou a residir tranquilamente na fazenda em Mangolding até meados de 1948. Se tivesse sido capturado pelos americanos em fins de 1946, é improvável que retornasse à zona americana da Alemanha nos 18 meses seguintes. Embora a fonte dos documentos franceses não seja conhecida, eles estão equivocados.

A confusão americana foi um desafio para os franceses. Embora a Seção de Crimes de Guerra de Telford Taylor, em Nuremberg, acreditasse que Mengele estava morto, seu nome continuou a aparecer, na maior parte dos anos 1940 do pós-guerra, no Registro Central de Criminosos de Guerra e Suspeitos de Ameça à Segurança (CROWCASS), uma lista destinada a ser distribuída a cada trimestre para campos de detenção. Vemos de novo como isso revela a inépcia que caracterizou os esforços pós-guerra para encontrar nazistas desaparecidos. O sistema CROWCASS foi paralisado pela ineficiência. Desde maio de 1946, o CROWCASS foi pouco mais que um centro de correspondência em Berlim, tendo toda a operação sido transferida de sua sede em Paris, dirigida por

britânicos, após uma revolta dos funcionários americanos, ineptos arranjos logísticos e um boicote dos russos. Poucos nomes, se é que algum, foram acrescentados às listas enviadas após a mudança para Berlim. O fato de o nome de Mengele ter permanecido tanto tempo nelas após Telford Taylor acreditar que ele estivesse morto infelizmente é típico dos esforços do CROWCASS após a guerra.

Enquanto Mengele residia com tranquilidade em Mangolding, os esforços americanos para encontrá-lo foram desleixados e ineficientes. O vigoroso disfarce de Mengele como trabalhador rural pode muito bem ter sido desnecessário. É incontestável que, depois que libertaram equivocadamente Mengele da custódia em meados de 1945, as autoridades americanas nunca chegaram perto de encontrá-lo, embora ele tenha vivido mais quatro anos na zona de ocupação americana.

O mais perto que as autoridades chegaram de encontrar Mengele não foi resultado de esforços americanos, mas de uma inspeção casual de dois policiais alemães em 1946. Em sua autobiografia, Mengele recordou o momento em que teve o primeiro confronto cara a cara com autoridades desde sua soltura do campo de detenção americano:

> Dois policiais alemães chegaram à fazenda numa moto com *sidecar* (assento lateral) e pediram para falar com o prisioneiro de guerra libertado. Andreas [Mengele] disse: “O ex-prisioneiro sou eu”, e mandaram que ele apresentasse o cartão de soltura americano. Andreas foi buscar o cartão em seu quarto e entregou-o a um dos policiais do controle. Enquanto eles o examinavam, o temor de Andreas diminuiu. Depois de uma breve olhada, os policiais devolveram o cartão. Isso nos faz pensar de novo em como naquele tempo um funcionário alemão tinha o maior respeito por qualquer documento que estivesse escrito em inglês e carimbado pelo exército americano.

Com exceção dessa única intromissão da polícia alemã, a estada de Mengele na fazenda Fischer foi rotineira. A maior preocupação de Mengele não foi escapar de seus perseguidores, mas manter-se entretido.

CAPÍTULO 4

Fuga da Europa

Enquanto Josef Mengele estava residindo tranquilamente na fazenda Fischer, o velho Karl foi libertado da custódia depois de completado o processo de desnazificação. O negócio na fábrica Mengele em Günzburg estava em alta. Como Karl observou: “Havia muita reconstrução acontecendo, havia dinheiro a ser ganho com isso”. Os carrinhos de mão provaram ser uma das maiores fontes de renda. No final da década, carrinhos de mão estampando o nome *Mengele* podiam ser vistos em milhares de construções por toda a nova República Federal e traziam uma receita anual de 5,4 milhões de marcos alemães.[174] Ainda assim, Karl se queixava amargamente aos Aliados de que eles estavam impedindo seus planos de expansão por não terem permitido de imediato que seu filho, Karl, se juntasse a ele. Como o pai, Karl Jr. ingressara no Partido Nazista. Durante seu processo de desnazificação, os Aliados ficaram relutantes em liberá-lo para ter um papel ativo na empresa, argumentando que dois antigos membros ativos do Partido Nazista não deveriam ter posições influentes numa grande empresa tão perto do final da guerra. Foi só depois de Alois retornar para casa em 1949, após definhar num campo de prisioneiros na Iugoslávia, que o velho Karl teve ambos os filhos trabalhando com ele.

O rejuvenescimento da empresa Mengele favoreceu a Josef que, no outono de 1948, tinha concluído que não havia futuro para ele na Alemanha. A prosperidade do negócio da família permitiria a Mengele comprar seu caminho

para a liberdade, pagando por falsos documentos de viagem assim como por guias que o orientariam na travessia da Europa e no embarque num vapor fumegante para a América do Sul.

Mengele tomou a decisão de fugir porque tinha certeza de que seu destino estaria selado se fosse capturado na Alemanha e levado a julgamento. Era verdade que vários médicos tão incriminâveis quanto ele tinham, de alguma maneira, conseguido ganhar a liberdade. O dr. Renno, um dos dois médicos mais importantes do Instituto Hartheim de Eutanásia, foi dispensado de prestar contas em tribunal devido à saúde precária (a despeito de um falecimento que parecia iminente, Renno continuou a viver pacificamente na Floresta Negra por mais 35 anos). Também tinham ocorrido algumas absolvições notáveis. O dr. Adolf Pokorny, que havia escrito para Himmler dizendo: “O inimigo tem de ser não apenas conquistado, mas exterminado”, saiu do “Julgamento dos Médicos” como um homem livre, embora fosse o arquiteto dos planos do Terceiro Reich para esterilizar milhões de pessoas nos territórios ocupados.

Mas Mengele não tinha o otimismo de achar que contaria com a boa sorte de Pokorny, e com relutância a família concordou com ele. No outono de 1948, Mengele tomara a decisão de deixar a Alemanha e construir sua vida em outro lugar. A Argentina era a opção preferida de abrigo. Embora a empresa de Karl Mengele não tivesse filiais por lá, foram feitos vários contatos de negócios que, achava seu pai, poderiam ser tocados por Josef. E havia uma onda crescente de simpatia nazista na Argentina. Mas a fuga ainda era encarada como uma espécie de medida transitória, como Alois confidenciou mais tarde a Julius Diesbach, amigo de escola de Mengele: “A família estava convencida de que Josef só teria de ficar na Argentina até que a febre dos crimes de guerra tivesse acalmado na Europa”. [175]

A esperança do sr. Karl era que, quando a “histeria” dos crimes de guerra tivesse parado, Josef Mengele pudesse retornar a Günzburg e participar da administração dos negócios da família. Preparativos para os irmãos Mengele tomarem as rédeas foram feitos com o anúncio, em janeiro de 1949, de que a empresa passaria a se chamar “Karl Mengele & Sons”.

Segundo Rolf Mengele, seu pai retornou à área de Günzburg em agosto de 1948 e se escondeu nas florestas dos arredores até a primavera de 1949. Os

Fischer não ficaram surpresos quando Mengele de repente partiu. Alois recorda:

> Sempre achamos que ele só queria se esconder e que um dia iria sumir. E foi o que aconteceu – ele de repente sumiu. Levou apenas seu dinheiro e o terno que viera com ele. Absolutamente mais nada. Não ficamos surpresos. Achamos que deve ter encontrado um esconderijo melhor. Desde então nunca mais soubemos nada dele. [176]

Enquanto estava na região de Günzburg, Mengele disse a Irene que esperava que ela e Rolf o seguissem assim que ele tivesse se estabelecido em Buenos Aires. Mas Irene não pôde concordar em ir com ele. Rolf descreve o dilema em que a mãe se encontrou:

> Minha mãe não queria se esconder com ele. Gostava muito da Alemanha e da Europa, a cultura lhe era preciosa, pois tinha estudado história da arte e lá ela estava perto dos pais. Além disso, em 1948 conhecera Alfons Hackenjos, que mais tarde seria seu segundo marido. A decisão, porém, era muito difícil porque ela ainda tinha sentimentos por Josef. Mas fez um esforço consciente para apagar aquela imagem de sua mente e dar fim ao que sentia por ele. [177]

Desprezado pela esposa e procurado pelos Aliados, Mengele fugiu das brasas fumegantes da Alemanha nazista na primavera de 1949, sozinho e amargurado por sua luta para “salvar o país da destruição pelos judeus” ter sido assim recompensada. A fuga de Josef foi arranjada e paga por sua família por meio de antigos contatos da SS na área de Günsburg. A escapada pelos Alpes envolveu muita intriga e artifício, mas muito pouco da precisão de relógio que a mitologia tem atribuído à irmandade de tipo maçônico dos grupos de fuga nazistas do pós-guerra.

A jornada começou num trem para Innsbruck. No caminho, Mengele foi interrogado por funcionários da alfândega austríaca que lhe perguntaram de onde era. “De Brixen, na Alemanha”, respondeu ele, o que pareceu satisfazê-los. Não pediram que mostrasse seus papéis de identidade e não voltaram a interrogá-lo. De Innsbruck, ele viajou para uma pousada em Steinach, no sopé do Passo de Brenner, chegando no domingo de Páscoa, 17 de abril. Passou a noite lá, a menos de 400 metros da fronteira italiana, e encontrou o primeiro dos cinco homens misteriosos que o ajudaram em várias etapas da viagem e que Mengele

identifica em seu diário apenas pelos codinomes.[178] Este homem era "Xavier".

Na manhã seguinte, Mengele se levantou nas primeiras horas para ser levado por um guia pelo Passo de Brenner. Quarenta anos mais tarde a identidade do guia ainda é um segredo local, embora Jakob Strickner, sargento da SS no tempo da guerra, afirme conhecê-la. "Sou o único por aqui que sabe", se vangloria Strickner, "mas não vou dizer". A necessidade da travessia clandestina surgiu depois que a tentativa da família Mengele de obter um passaporte falso fracassou de modo desastroso. Sem experiência em lidar com o mercado clandestino, o sr. Karl pagou 7 mil marcos alemães por um passaporte,[179] mas sua confecção era tão amadorística que mesmo o guarda de fronteira mais simplório teria desconfiado.[180]

Mengele levou apenas uma hora para cruzar o Brenner. Em seu relato da viagem, ele diz que havia uma lua cheia e que via edelvais e a bacia do Passo de Brenner várias centenas de metros abaixo. Uma vez no lado italiano, foi para a estação ferroviária, esperou no único restaurante que havia lá e pegou o primeiro trem de trabalhadores para Vipiteno às 5h45 da manhã. Nessa etapa da jornada, ocorreu o primeiro dentre vários contratempos. Mengele saltou por engano em Brennerbad, achando que tinha chegado a Vipiteno. Antes de embarcar no próximo trem, esperou que se formasse uma multidão para que pudesse "andar atrás de gente alta até subir no trem". Quando finalmente chegou a Vipiteno, antes de se arriscar a descer, ficou parado dentro do vagão até que a plataforma tivesse se enchido de passageiros.

A rede que providenciava o serviço de fuga tinha feito uma reserva para Mengele na Pousada Golden Cross sob o nome impresso em seu conjunto falsificado de papéis americanos de soltura, "Fritz Hollmann". Lá foi abordado por um italiano chamado "Nino", que disse a palavra que servia de senha, "rosemary", e passou-lhe um cartão de identidade alemão depois que Mengele lhe deu uma foto tamanho passaporte. Na Golden Cross, Mengele encontrou um segundo homem que chamou de "Erwin" e que hoje seu filho Rolf presume que fosse Hans Sedlmeier, um colega de escola e gerente de vendas da empresa da família desde 1944. "Erwin" levou a Mengele cumprimentos do pai e dinheiro vivo em dólares para a longa jornada que ele tinha pela frente. Também lhe

passou “uma pequena mala cheia de espécimes científicos” de seus experimentos em Auschwitz, os mesmos que ele havia recuperado da namorada enfermeira atrás das linhas russas em 1945.[181][182]

Mengele ficou um mês na Golden Cross e pôde decorar o plano de viagem que “Erwin” lhe dera. De Vipiteno foi para Bosen, onde chegou de trem em meados de maio. Ali se encontrou com “Kurt”, encarregado da fase final de tirar Mengele da Europa. Em seu relato dessa etapa, Mengele falou de novo de si mesmo na terceira pessoa, como “Andreas”, e descreveu as impressões iniciais que teve de “Kurt”.

> Suas ações e afetação se adequavam a seu pequeno corpo redondo. Havia uma artificialidade afobada em seu andar assim como na fala. Talvez estivesse preocupado em concluir sua obrigação o mais rápido possível. Andreas não percebeu ansiedade, mas uma espécie de animosidade reprimida. Kurt era reservado, mas sempre cortês.[183]

“Kurt” disse a Mengele que a passagem para Buenos Aires fora reservada para ele no navio *North King*, que sairia de Gênova em duas semanas. O bilhete, de classe turística, custava 120 mil liras e havia pouco tempo a perder. Tinham um assunto pendente a tratar – um passaporte da Cruz Vermelha internacional, que “Kurt” disse confidencialmente que podia conseguir do cônsul suíço.[184] “Podemos resolver isso hoje”, disse ele. “Amanhã vamos cuidar das formalidades no consulado argentino.”[185]

Mengele não encontrou resistência no consulado suíço onde sua solicitação de entrevista foi processada por uma mulher que ele descreveu como “já em seus anos maduros”. “Kurt” apresentou o amigo como “Helmut Gregor”, um “técnico” que estava requerendo um passaporte para viajar à Argentina porque fora “um prisioneiro de guerra ou internado”. Como qualquer falsificação eficiente, a identidade que “Kurt” criou para “Helmut Gregor” tinha similaridades suficientes com o homem que parou diante da funcionária suíça para assegurar-lhe que os dois eram uma só e mesma pessoa, embora, como Mengele mais tarde comentou, a julgar pela falta de concentração, ela não parecesse se importar com isso.

“Gregor” nasceu em 6 de agosto de 1911, só cinco meses depois da verdadeira data de nascimento de Mengele; sua religião era a católica, como a de Mengele; era um cidadão alemão como Mengele, embora a nacionalidade original fosse italiana. A verdadeira falsidade, além do nome, era a declaração de que “Gregor” tinha nascido nas Dolomitas, em Alto Ádige, e que podia provar sua identidade com um cartão de identidade emitido em 4 de abril de 1948, em Teremeno, Alto Ádige, onde ele afirmava ter vivido desde 1944. Embora nos papéis de identidade de Mengele estivesse carimbado “autorização para desembarque na Argentina”, concedida já em setembro de 1948, Mengele ainda precisava de um carimbo atualizado do consulado em seu visto argentino. [186]

No dia seguinte, “Gregor” foi até o consulado argentino, onde fez a solicitação. Atendeu à exigência de um certificado de vacinação com validade de catorze dias com um certificado falso, pré-datado, fornecido por um médico croata. Então os argentinos levantaram uma objeção: o funcionário do consulado suíço tinha escrito a data de emissão do passaporte de Mengele no espaço reservado para a data de expiração. Ele estava, portanto, tecnicamente fora de validade. A mulher suíça, se desculpando, tornou a emitir o passaporte da Cruz Vermelha. Dessa vez os argentinos prometeram um visto a Mengele, desde que ele passasse num exame médico. “Kurt” levou apressadamente Mengele para o prédio de embarque do *North King*, onde ele foi examinado. Comentando sobre as condições anti-higiênicas, Mengele assinalou com repulsa:

> Estavam procurando casos de tracoma usando as mesmas varetas de vidro e as mesmas mãos não lavadas […]. Se a pessoa não tinha uma doença contagiosa, muito provavelmente a contraia depois do exame. [187]

Contudo, ainda era preciso superar mais um obstáculo. Mengele precisava de um visto de saída italiano, e o funcionário corrupto do departamento de imigração que costumava ajudar “Kurt” estava de férias. “Você vai ter de conseguir isso sozinho”, disse “Kurt” a Mengele, aconselhando-o a tentar subornar o funcionário responsável com uma nota de 20 mil liras enfiada entre seus papéis.

O *North King* devia zarpar em três dias, 25 de maio. Mengele estava ficando desesperado. Seguindo o conselho do guia, fez a abordagem do funcionário prendendo com um clipe a nota de 20 mil liras no interior da pasta que continha seus papéis forjados. O funcionário deu uma olhada dentro da pasta, tirou a nota com a ponta dos dedos, devolveu a pasta e, então, de modo ameaçador, trocou olhares com outro funcionário. A princípio Mengele achou que o dinheiro "simplesmente não era o bastante para um suborno". Então lhe mandaram subir três lances de escada, levaram-no para uma sala e o interrogatório começou. Um policial queria saber onde estava o visto italiano de Mengele, de onde ele vinha. Como Mengele escreveu mais tarde, "uma tempestade [caiu] sobre Andreas" quando ele tentou em vão persuadir seu interrogador de que era italiano de nascimento, do Alto Ádige. Mengele recordou: "O policial gritou num péssimo alemão: 'Não acredito nisso, vou investigá-lo'. Então ele recebe voz de prisão. A palavra golpeia Andreas". [188]

Mengele foi levado para uma cela e o mandaram esvaziar os bolsos. "Vinte e cinco dólares é a parte mais interessante do conteúdo para a polícia italiana", Mengele observou. Depois ele foi "trancado numa cela com barras de ferro no corredor". Como um "gato selvagem", andava de um lado para o outro. Os grafites obscenos que adornavam as paredes da cela pareciam incomodá-lo mais que quase qualquer outra coisa. Como Inge Byhan, que fez uma resenha do diário de Mengele para a revista alemã ocidental *Bunte*, observou: "Ele ficou muito transtornado com aquilo. Eu escrevi: 'O que é mais obsceno – essas coisinhas na parede da cela ou os montes de ossos em Auschwitz?'". [189]

Mengele sentiu desprezo pelos colegas de cela – "esses nojentos delinquentes rurais" –, em particular por um deficiente físico, músico de rua, que parecia um gnomo, e por um médico viciado em morfina, cujos sintomas de abstinência Mengele atribuiu à "inferioridade constitucional". A certa altura, o dependente teve uma reação muito violenta, quebrando de propósito uma janela para cortar o braço no vidro. Incapaz de ajudar ou intervir, Mengele observou cruelmente mais tarde: "O autor dessa ação dorme pacificamente no hospital da prisão sob a confortável coberta dos analgésicos que recebeu pelos ferimentos provocados por ele próprio; é o sono do dependente químico". Dos outros companheiros de cela, incluindo um inglês, só um comandante italiano de submarino, fascista

como ele, salvou o dia. “As palavras dele”, escreveu Mengele, “vieram realmente da alma de um nacional-socialista quando o homem se referiu com desprezo à ralé comunista como um esgoto das grandes cidades que agora controlava a Itália”. [190]

Depois de passar três semanas preso, Mengele perdeu toda a esperança de continuar a fuga. O departamento de imigração sabia que seus papéis eram falsos. Começaram a interrogá-lo sobre “Kurt”: quem era ele, onde podia ser encontrado e quanto Mengele pagara por sua ajuda? Uma chamada às quatro da manhã para o médico croata que dera a Mengele o certificado falso de vacinação pareceu selar seu destino: não havia mais nada que ele pudesse fazer. Insone, Mengele “mergulhou num estado de depressão e letargia”. O jogo, assim parecia, estava acabado. Então, como ia acontecer com tanta frequência nos próximos trinta anos, a sorte de Mengele mudou de maneira drástica. O oficial de imigração corrupto de Kurt retornou das férias e pôs as coisas em ordem. “De repente descobrem que erraram”, escreveu Mengele, “o policial fica amigável de uma hora para outra, pergunta se Andreas é judeu e faz mais algumas perguntas”. Por fim Mengele estava livre e lhe fora concedida a autorização de saída. E para seu grande alívio, o *North King* ainda estava no cais.

Em meados de julho de 1949, o *North King* finalmente zarpou para Buenos Aires. Mengele estava muito bem-humorado. O oficial de imigração que o resgatara da prisão conseguira que viajasse na segunda classe em vez da classe turística, sem nenhum custo extra. Vendo a costa italiana se afastar, Mengele fez a observação banal: “Ondas, tudo são ondas”. Então, pelo alto-falante, veio o anúncio de que o navio havia cruzado a zona das três milhas e estava fora das águas territoriais italianas. Finalmente convencido de sua liberdade, Josef Mengele retirou-se para a cabine. “Essa então é a sensação que se tem ao emigrar”, ele refletiu ao se acomodar para um demorado sono. [191]

CAPÍTULO 5

Argentina:
Calmaria Antes da Tempestade

O *North King* arrastou-se pelo Atlântico Sul para Buenos Aires a constantes oito nós, demorando mais de quatro semanas para cumprir a jornada. Quando o navio por fim atracou, em 26 de agosto de 1949, era primavera na capital argentina. Mas para Josef Mengele a promessa de dias melhores teve vida curta. Desde o momento em que “Helmut Gregor” pisou em terra firme, as coisas começaram a dar errado.

Mengele estava esperando que um conhecido fosse recebê-lo no cais, um médico com quem se encontrara em 1939 e a quem se referiu em seu diário como “Rolf Nuckert”. Mas o homem não foi visto em parte alguma. Quando Mengele passava pela alfândega, houve outro imprevisto. Um funcionário zeloso quis inspecionar uma das malas de Mengele, a que continha suas notas de pesquisa e espécimes. O agente da alfândega perguntou a Mengele o que havia na mala. Mengele respondeu de modo prosaico: “anotações biológicas”. Houve um momento incômodo quando o médico do porto foi chamado para examinar os documentos. Não compreendendo uma palavra de alemão, o doutor fitou os documentos, abanou os ombros e fez sinal para Mengele passar. [192]

Sem amigos e sem onde ficar, Mengele decidiu tomar um táxi para o centro da cidade e encontrar um lugar para dormir. Então percebeu que não tinha pesos argentinos, pois não conseguira trocar o dinheiro no porto. Praguejando entre os

dentes, voltou-se para dois italianos que havia conhecido durante a viagem. Eles o levaram para um hotel surrado chamado Palermo, de “terceira categoria”, como ele anotou, no qual compartilhou um quarto com seus dois companheiros e usou um banheiro e uma pia no corredor.

De posse do endereço de um engenheiro do ramo têxtil, a quem seu diário também dá um nome fictício, “Schott”, Mengele saiu em busca de trabalho. A caminho do escritório do engenheiro, passou pela *Casa Rosada*, o palácio presidencial do novo ditador da Argentina, Juan Perón. Admirando os soldados vestidos com elegância que seguravam as espadas e guardavam os portões do palácio, Mengele refletiu que a tradição, “sobretudo a tradição militar, é ainda uma das mais estabilizantes influências na política” e que eram só os alemães que estavam “se esforçando ao máximo para destruir a tradição em sua oferenda de culpa coletiva”. Infelizmente para Mengele, quando ele enfim chegou ao escritório descobriu que “Schott” não podia lhe dar um emprego em nível de gerência. Mas ofereceu-lhe um nas instalações da fábrica como cardador. Como incentivo, “Schott” disse a Mengele que ele estaria trabalhando ao lado do neto de um notável estadista argentino. Isso também não deixou Mengele impressionado, e ele decidiu procurar trabalho em outra parte. [193]

A experiência pode ter tido um efeito moderador, mesmo sobre a estimativa superdesenvolvida que Mengele fazia do próprio valor. Como trabalhador rural na Baviera meridional ele já experimentara uma boa descida da posição onipotente que ocupara em Auschwitz. Mas pelo menos não estava longe de Günzburg e de sua poderosa família. Agora, em decadência, explorava novas profundezas, sozinho, morando num quarto compartilhado de pensão, revirando a cidade em busca de um emprego subalterno. Por fim se decidiu por um emprego de carpinteiro porque a proposta incluía um quarto no bairro Vicente Lopez de Buenos Aires. O quarto não tinha janelas e ele continuava sem privacidade, pois devia compartilhá-lo com um engenheiro.

Esse companheiro de quarto, reparando que a bagagem de Mengele incluía instrumentos médicos como seringas, deduziu que ele fosse médico. A princípio Mengele negou, mas acabou admitindo depois que a filha do engenheiro ficou muito doente e este implorou que Mengele parasse de mentir sobre seu passado médico e tratasse a criança. Mengele a isolou em outro quarto da oficina, tratou-

a usando compressas frias para reduzir a febre e prescreveu uma dieta com chá de camomila e comprimidos de sulfonamida. Mengele também fez o engenheiro prometer guardar segredo com relação à sua verdadeira profissão.

A preocupação de Mengele de que seu passado médico se tornasse de conhecimento público foi apenas um dos pontos de tensão com que ele teve de conviver durante os primeiros meses em Buenos Aires. O trauma da vida de fugitivo numa cidade estranha, a quase 10 mil quilômetros de casa, deve ter sido severo. Desde a chegada à América do Sul, passara a manter um diário, refletindo em suas anotações as muitas crises que enfrentava. Mas, por alguma razão inexplicada, o diário se interrompe de forma abrupta no meio de uma frase. Numa carta ao filho Rolf, em 1975, Mengele informava à família que escreveu sobre o período na Argentina, mas a família afirma não saber do paradeiro dessa parte do diário. A família pode tê-la destruído, de maneira deliberada, para proteger as reputações do sr. Karl e de Alois que, ao contrário das negações indignadas da família, empregaram Mengele como vendedor por grande parte desse período. O diário só é retomado dez anos depois, em maio de 1960, data em que Adolf Eichmann foi sequestrado na Argentina. De modo significativo, talvez, foi também nesse momento que Mengele parou de trabalhar para a empresa de Günzburg.

Não obstante, muita coisa pode ser retirada das muitas cartas que Mengele escreveu para a família. Nas primeiras cartas, Mengele, embora incomodado pela existência de fugitivo, expressou surpresa pela facilidade com que estava se adaptando à vida de Buenos Aires.[194] Ao selecionar a Argentina como país sul-americano de exílio, Mengele havia inadvertidamente escolhido uma nação tão avançada que o choque cultural foi em grande parte reduzido. No final dos anos 1940, a Argentina havia assumido a liderança tecnológica na América do Sul, ostentando mais da metade dos telefones, televisões e estradas de ferro do continente. Possuía imensos recursos naturais, assim como a mais saudável e mais alfabetizada população do continente. E seja lá o que a Argentina fosse em 1949, Buenos Aires era um microcosmo. Era sem dúvida a cidade mais avançada em termos culturais e a mais sofisticada da América do Sul. Havia 18 grandes jornais diários, três deles em alemão. As artes estavam fortemente representadas: o teatro Colón, que Mengele frequentava, tivera por modelo a requintada Ópera

de Paris e apresentava alguns dos melhores músicos clássicos e intérpretes de ópera do mundo. Mengele mostrou ser um ávido frequentador de teatro. Para sua alegria, descobriu que a cidade tinha 47 teatros em funcionamento, mais do que Londres ou Nova York. Em termos acadêmicos também era florescente, com seis universidades formando mais advogados e médicos que todos os outros países sul-americanos juntos.

Buenos Aires fazia Mengele se lembrar de Paris – as praças ornadas com esculturas, os telhados muito cinzentos, o traçado diagonal de ruas que se cruzavam em ângulos agudos, as crianças impecavelmente vestidas, os tetos altos sobre janelas francesas e os inumeráveis cafés ao ar livre em estilo *art nouveau*. Mengele também descobriu uma atitude paroquial e elitista entre argentinos que fazia lembrar a sustentada pelos mais ardorosos nacional-socialistas alemães. Os "primitivos" do Paraguai e do Peru eram encarados com desprezo. Os argentinos diziam muitas vezes que estavam "viajando para a América do Sul" quando visitavam o Brasil ou o Chile. Mengele achou reconfortante a atitude argentina de superioridade, algo que por certo não lhe era estranho. [195]

Mas apesar do rápido progresso, em 1949 a Argentina era também um país atormentado por sérios problemas. Logo atrás das fachadas de estilo parisiense era possível ver as *villas miseria*, as favelas, apinhadas com meio milhão de pessoas que suportavam as condições de vida mais precárias e degradantes. O fosso entre ricos e pobres era imenso. Uma aristocracia de criadores de gado controlava a nação. Esses senhores da terra argentinos detinham posições comparáveis à aristocracia do império feudal austro-húngaro – eram uma oligarquia de umas 200 famílias intimamente entrelaçadas por laços matrimoninais, consolidada durante várias gerações de primazia social e tradição aristocrática. As condições econômicas estavam se deteriorando. O déficit público era enorme, o desemprego era substancial, os salários do governo estavam em atraso e a cobrança de impostos era feita de maneira irregular. O mercado clandestino funcionava de modo desenfreado; para fugitivos como Mengele, a oportunidade de subornos era ilimitada.

O clima religioso também era favorável a Mengele. Os argentinos não só eram apaixonadamente paroquiais, como também conservadores religiosos, beirando o

antissemitismo institucionalizado. A religião oficial do Estado, o catolicismo romano, era amplamente representada por uma hierarquia clerical inflexível e intolerante. A influência da igreja era tanta que conseguiu promover uma emenda constitucional que limitava a presidência da república a católicos romanos, e sua influência política indireta impediu que os judeus atingissem, até 1951, posições ao nível de gabinete.

A Argentina apresentava outras vantagens importantes como lugar de abrigo. Antes da guerra, uma grande e poderosa comunidade alemã havia se estabelecido com firmeza lá. Algumas escolas nos bairros mais elegantes de Buenos Aires usavam inclusive a língua alemã. Em quase tudo essas áreas faziam lembrar a Alemanha, e muitos residentes ocupavam posições de destaque na vida cívica e empresarial. Depois que Hitler se tornou chanceler em 1933, dois dos jornais alemães da cidade adotaram uma linha fortemente pró-nazista. Na época em que o exército alemão abrira à força seu caminho para a Polônia, a maioria dos alemães na Argentina apoiava Hitler. O sentimento nazista atingiu, de fato, um ponto tão alto que o governo argentino ordenou uma investigação sobre seu crescimento entre argentinos de origem alemã para determinar se representava uma ameaça séria. Em 28 de novembro de 1941, a Comissão de Investigação de Atividades Antiargentinas concluiu que milhares de imigrantes alemães eram “controlados pelo Reich alemão” e que muitos recebiam ajuda financeira da Alemanha nazista para “fomentar um Terceiro Reich na Argentina”. A comissão comentou as novas políticas raciais do Reich com relação aos judeus e disse que “o antissemitismo é um princípio fundamental dos novos imigrantes”. [196]

A comissão forneceu extensa evidência para dar suporte a suas denúncias: transferências bancárias de contas nazistas na Alemanha e na Suíça para organizações e negócios ligados ao *front* alemão na Argentina; gráficos organizacionais que mostravam a hierarquia nazista, os níveis de influência na Argentina e a conexão com a Europa; dezenas de panfletos e periódicos do Terceiro Reich defendendo que a Argentina fosse transformada num Estado nazista do hemisfério sul.

Na época, porém, em que a comissão emitiu seu relatório, o governo argentino era decididamente pró-Eixo. A contrainteligência nazista, *Abwehr*, estabelecera

uma ativa rede de agentes cobrindo todo o país. A proliferação de embaixadas aliadas e interesses comerciais aliados tornavam a Argentina, tecnicamente neutra, um dos mais atraentes postos de escuta fora da Europa. Durante o período de pico operacional, de 1942 a 1944, a *Abwehr* empregava mais de 1.500 agentes e informantes na Argentina. A maioria desses agentes retornaram a suas vidas normais após a guerra, mas constituíam um núcleo que permitia que os fugitivos nazistas se movessem livremente pelo país. Contatos fortes e confiáveis tinham sido forjados com a polícia e o serviço de inteligência argentinos. Eram contatos que iriam se mostrar indispensáveis para homens como Mengele.

Por trás desse labirinto administrativo de simpatizantes nazistas estava o novo presidente da Argentina, Juan Domingo Perón. Ele havia se apoderado do poder em 4 de junho de 1943, num golpe militar, tendo decidido que "a Argentina precisava salvar-se". Perón havia se apaixonado pelo fascismo quando servira como adido militar na Itália. O histrionismo de Mussolini e seu conceito de Estado corporativo fascista exerceram um fascínio sobre Perón. Uma vez no poder, Perón instituiu reformas radicais concebidas por ele próprio e fez mais pela classe operária que qualquer um de seus predecessores. Perón, assim, tornou-se um herói para os *descamisados*. Enquanto os fascistas europeus eram simbolizados por camisas negras e marrons, Perón, para não ficar à margem, disse que a Argentina "será representada pelos *descamisados*". [197]

Alarmados por sua ascensão ao poder e sua popularidade, líderes rivais da Argentina prenderam Perón em outubro de 1945. Depois de um curto exílio na ilha de Plata, ele foi libertado graças à capacidade de liderança de uma jovem e loura locutora de rádio, Eva Duarte. Apesar dos melhores esforços do embaixador americano Spruille Braden, que publicou um "livro azul" do departamento de Estado documentando as atividades pró-Eixo de Perón no tempo da guerra e seus laços pessoais de negócios com importantes nazistas, ele ganhou facilmente a eleição popular de junho de 1946 e foi restaurado ao poder.

Antes de seu breve exílio, Perón tinha reservado 10 mil passaportes argentinos e cartões de identidade em branco para serem usados por fugitivos nazistas de alto escalão. Também despachou um agente pessoal, Carlos Pineyro, para Copenhague, como membro da legação argentina. Ele devia ajudar a encaminhar

nazistas para rotas de fuga. Pineyro não foi bem-sucedido. Em 6 de dezembro de 1945, os dinamarqueses o expulsaram, afirmando que estava usando o *status* diplomático para "contrabandear nazistas da Dinamarca para a América do Sul". [198]

Embora continuasse a acreditar que uma Alemanha reconstruída retornaria dentro de uma década ao nazismo para cumprir o sonho do Reich de mil anos de Hitler, as razões de Péron para ajudar nazistas a escapar não eram só ideológicas. Havia também muito dinheiro a ser ganho. Havia uma forte suspeita de que Perón tivesse se beneficiado do espólio que a hierarquia nazista tinha contrabandeado da Europa, como reserva para o pós-guerra na eventualidade de uma derrota. De agosto de 1942 até 1944, engradados identificados como vindos de "Auschwitz" e "Treblinka" eram enviados diretamente para o Reichsbank, em Berlim. Um antigo funcionário do banco, Albert Thoms, comentou:

> A quantidade de dentes de ouro recebida crescia muito depressa, assim como outras coisas de valor. Certa vez recebemos 12 quilos de pérolas num único carregamento. Nunca vi tamanha massa de bugigangas brilhantes em toda a minha vida. [199]

Registros do Reichsbank mostram que mais de 100 quilos de platina, 15.600 quilos de ouro e 4.638 quilates de diamantes, assim como centenas de obras de arte, foram depois colocados em malas especiais, juntamente com milhões de marcos de ouro, libras esterlinas, dólares e francos suíços. O tesouro foi despachado por seis submarinos alemães numa operação com o codinome *Aktion Feuerland*, "Operação Terra do Fogo". [200] Cuidaram dele na chegada à Argentina quatro "depositários" alemães: Ludwig Freude, um bem conhecido banqueiro argentino de origem alemã que tinha laços íntimos com os nazistas; Ricardo Staudt, um proeminente empresário listado como o nazista número dois no "livro azul" do departamento de Estado (era também tenente na reserva naval argentina e embaixador alemão sem portfólio); dr. Heinrich Dorge, ex-assistente do dr. Hjalmar Schacht, o mago financeiro dos nazistas, que chegou à Argentina na década de 1930 como representante dos interesses financeiros alemães e, mais tarde, tornou-se assessor do Banco Central argentino; e Ricardo von Leute, funcionário do Banco Transatlântico Alemão.

Esses quatro representantes alemães transformaram o espólio recebido em moeda corrente e ouro, depositando-os nos cofres do Banco Germânico e do Banco Tourquist. Todos os depósitos foram feitos em nome da então amante e futura esposa de Perón, Eva Duarte.[201] Depois de se casarem em 21 de outubro de 1945, Péron e Eva consolidaram sua guarda do tesouro nazista e eliminaram qualquer possível interferência dos quatro depositários alemães. Primeiro, Freude foi "investigado" por uma variedade de acusações, incluindo espionagem e fraude. Então, tão de repente quanto havia começado, a investigação parou. Em 6 de setembro de 1946, foi anunciado que a "investigação de Ludwig Freude havia sido encerrada por decreto presidencial". Era Perón advertindo os quatro alemães de que estavam em seu país e sujeitos a seus caprichos. No decorrer dos sete anos seguintes, todos morreram de causas violentas. O corpo de Heinrich Dorge foi encontrado numa rua de Buenos Aires em 1949; Ricardo von Leute foi assassinado na cidade em dezembro de 1950; depois Ricardo Staudt foi morto por atropelamento seguido de fuga; por fim, Ludwig Freude foi encontrado caído sobre sua mesa do café da manhã em 1952. Tinha bebido café envenenado.

Foi então a esse país que Josef Mengele chegou em setembro de 1949; um viveiro de intriga nazista governado por um ditador que forrara os bolsos com o espólio de campos de morte. Não era um país que iria investigar a fundo o passado de qualquer alemão que tivesse um passaporte da Cruz Vermelha e afirmasse ser refugiado de guerra. Nem era provável que seu serviço de imigração se interessasse pelo endereço em Buenos Aires que o novo imigrante deixava no desembarque. Se tivesse havido interesse, teriam encontrado uma ampla casa em estilo colonial na Calle Arenales, 2.460, no elegante bairro Florida, a casa de um homem chamado Gerard Malbranc, que fora relacionado pela Comissão de Investigação de Atividades Antiargentinas como suspeito de ser simpatizante nazista. Mengele se mudou para lá depois de várias semanas penosas no surrado alojamento de um quarto que compartilhava com o engenheiro em Vicente Lopez.[202]

Na casa de Malbranc, Mengele ficou conhecido como um inquilino exemplar, não deixando indícios dos ataques de raiva e do comportamento autoritário a que ia submeter outros que o hospedariam nos anos vindouros. Entre os visitantes da

casa estavam sobreviventes do encouraçado *Graf Spee*, que afundou no Rio da Prata depois de ser atingido por três belonaves britânicas nos primeiros meses da guerra. Não demorou muito para Mengele estar associado a um círculo de argentinos proeminentes e nazistas que haviam ocupado postos importantes no Terceiro Reich. Todos, de diferentes maneiras, ajudariam Mengele durante a próxima década, encorajando-o a não perder o ânimo em seus mais sombrios momentos de desespero.

Um dos primeiros desses contatos foi um ex-oficial da *Abwehr*, Willem Sassen, cuja entrada na Argentina fora facilitada pelos remanescentes da rede de espionagem nazista que, com tanta eficiência, havia operado lá durante a guerra. Sassen nasceu na Holanda, mas tornou-se membro da SS. Seu trabalho de contrainteligência envolveu-o com a *Skorpion*, a unidade de desinformação da *Abwehr*. Desde que chegou à América do Sul em 1948, as atividades de Sassen tinham incluído agir como porta-voz de Adolf Eichmann. Mais tarde prestou assessoria de relações públicas a repulsivos ditadores sul-americanos, como Augusto Pinochet, do Chile, e Alfredo Stroessner, do Paraguai.

Entrevistado pela Televisão Granada da Grã-Bretanha em 1978, quando Mengele ainda estava vivo, Sassen, fumando sem parar, levantou a voz em defesa do amigo, que disse ter encontrado pela primeira vez em 1949. Descreveu Mengele como “um homem brilhante de um ponto de vista intelectual, um bom filósofo, historiador e um médico muito bom”. Sassen continuou:

> Mas se você pega o caso dele e vê as histórias horríveis que estão contando a seu respeito, que ele teria selecionado olhos e não sei mais o que, não há meio, não temos meios ao nosso dispor de provar o contrário. Se você admite o fato de que esse homem, que eu conheci de perto e de quem posso falar, e que me contou sobre os experimentos dele durante a guerra, fez experimentos, por exemplo, com voluntários, com pessoas aleijadas e outros sujeitos das forças armadas alemã para saber como um homem reage sob circunstâncias muito duras, como frio, calor ou água – experimentos que são hoje continuados pelos comandos americanos [e] britânicos –, então os experimentos foram feitos, é claro, nos corpos desses voluntários. Agora há outra questão: parece que esses experimentos foram feitos também com prisioneiros, mas é claro que não há prova disso. [203]

Em 1952, Sassen apresentou Mengele a Adolf Eichmann, que estava morando em Buenos Aires sob o codinome “Ricardo Klement”. Despido de seu uniforme

de coronel da SS, Eichmann se tornara uma figura patética que se arrastava por Buenos Aires em puídas roupas civis. Ao contrário de Mengele, Eichmann estava sendo ativamente caçado, com seu papel de organizador logístico da Solução Final tendo sido mencionado inúmeras vezes nos julgamentos de Nuremberg. Os dois se encontraram ocasionalmente no café ABC do centro da cidade, mas nunca se tornaram amigos íntimos. Mengele não gostava da opressiva aura de medo que cercava Eichmann, que ele encarava como um homem arrasado. Além disso, Eichmann estava praticamente sem um tostão, enquanto Mengele conseguia apoio da família em Günzburg, como Sassen explicou:

> Quero dizer, eles são dois tipos de pessoas completamente diferentes, Eichmann e Mengele. Além disso Mengele dispõe, poderia dispor, de seus próprios recursos, coisa que Eichmann nunca teve. Ele [Eichmann] foi uma figura trágica porque, na realidade, aquilo [a Solução Final] não foi obra sua. Ele teria preferido ter sido um soldado comum no *front*. Seu sonho era esse. [204]

Logo após a sua chegada, Mengele também conheceu o homem que mais tarde chamou de “meu querido amigo”, que “me deu ânimo quando entrei em desespero”. De todos os muitos mentores de Mengele durante esse período de sua vida de fugitivo, nenhum foi mais valioso que Frederico Haase, um renomado arquiteto que morava em Buenos Aires. Haase conhecia cada pessoa que podia ser importante para Mengele. Sua esposa era filha do homem que se tornou ministro das finanças do Paraguai quando o presidente Stroessner tomou o poder em 1954. Ela e o marido proporcionaram um acesso de valor inestimável aos cidadãos paraguaios influentes que facilitaram o caminho de Mengele para a cidadania paraguaia que ele obteve em 1959. Haase também apresentou Mengele a outro contato vital, o coronel Hans Ulrich Rudel, o ás da *Luftwaffe* mais condecorado por Hitler, cuja extensa rede política e comercial de amigos ajudaria Mengele de vários e importantes modos. [205]

Durante a guerra, Rudel afundou um cruzador e um encouraçado e foi baleado e capturado pelos russos. Escapou e foi baleado de novo, dessa vez perdendo uma perna. No total lhe foram creditadas 2.530 operações e 532 tanques destruídos. Seus feitos foram tão extraordinários que Hitler criou uma comenda

especial para ele: a Cruz de Cavaleiro com Folhas do Carvalho Dourado, Espadas e Diamantes. O nome de Rudel estava associado a escapadas de muitos nazistas procurados da Europa, organizadas por um grupo informalmente chamado de *Kameradenwerk*. Distante do papel clandestino que alguns caçadores de nazistas atribuíram a homens como Rudel, ele era de fato um imodesto relações públicas e, como Mengele, tinha um ego gigantesco. Foram publicados vários livros feitos com papel brilhante, de alta qualidade, apresentando centenas de fotos de suas arrojadas façanhas dos tempos de guerra, e ele ansiava particularmente por ser fotografado numa variedade de atividades de macho: salto de trampolim, velozes jogos de tênis, esquiagem na neve e na água. A inspiração da ilimitada energia de Rudel, apesar da desvantagem de uma perna artificial, era manter vivo o perdido espírito do Reich de heroísmo, coragem e disciplina alemães.

Quando Mengele encontrou Rudel pela primeira vez, ele estava num exílio autoimposto na Argentina e na folha de pagamento do governo de Perón como assessor do Instituto Nacional de Aeronáutica Civil, em Córdoba.[206] Rudel também estava colaborando com Sassen, prestando assessoria na ponta argentina do *Kameradenwerk* a fugitivos recém-chegados sobre onde obter documentos frios e resolver problemas semelhantes. Embora fosse um nazista impenitente, comparecendo a comícios neonazistas e visitando túmulos de agentes da SS até sua morte em 1982, seu íntimo relacionamento com os ditadores Juan Perón, Alfredo Stroessner e, mais tarde, Augusto Pinochet tornaram-no atraente para várias grandes empresas alemãs, entre elas a Siemens, como embaixador itinerante. Foi participando de uma das frequentes viagens de negócios de Rudel ao Paraguai, no início dos anos 1950, que Mengele fez a primeira de suas muitas viagens até lá para sondar as perspectivas de vendas para a empresa do pai em Günzburg.

A data de sua primeira visita ao Paraguai foi “por volta de 1951, segundo três relatos distintos”, registrou um memorando da CIA. “Ele trabalhou por algum tempo como vendedor [para uma] empresa de máquinas agrícolas da Alemanha Ocidental […]. Durante o tempo em que esteve no Paraguai, Mengele nunca tentou esconder [sua] identidade ou usar um nome falso, mesmo durante suas viagens à Argentina e ao Brasil.”[207] Conferido junto a amigos que

sobreviveram a Mengele e se lembram desse período, o relato parece uma das poucas peças de informações precisas que a CIA conseguiu reunir sobre ele. Até o dia de hoje, no entanto, a família Mengele nega qualquer sugestão de apoio financeiro da empresa de Günzburg. Dieter Mengele, sobrinho de Josef – que agora dirige a empresa junto com o enteado de Mengele, Karl Heinz –, foi entrevistado por John Martin, da ABC News, já em março de 1985:

> *Martin:* Um dos rumores citados com mais frequência é que seu avô [sr. Karl] e a empresa devem ter dado apoio a Josef Mengele durante todos esses anos. Essa deve ser a fonte de sua renda. Isso é verdade?
>
> *Dieter Mengele*: É claro que isso não é verdade. A empresa […] meu avô comprou a empresa em 1911. E, após a Segunda Guerra Mundial, pôs os dois filhos, Alois e Karl, na empresa. E quando os três morreram, eu e Karl Heinz assumimos o comando da empresa. É de todo falso que Josef Mengele tenha recebido dinheiro ou tenha quaisquer ações da empresa. Isso não é verdade de modo algum.
>
> *Martin:* Você faz alguma ideia de como ele se sustentou durante todos esses anos?
>
> *Dieter Mengele:* Não faço ideia […] Não faço ideia. Sei que tem uma pequena fábrica na Argentina onde fabrica parafusos. Mas é a única coisa que sei sobre como ele sobrevive. [208]

A lembrança de Dieter não condiz com os fatos. Uma das primeiras pessoas que Mengele encontrou nas primeiras viagens de negócios ao Paraguai foi um colega fascista, Werner Jung. Jung foi chefe de um grupo de jovens alemães que de fato constituía o Partido Nazista local durante a guerra.[209] Ele emigrara para o Paraguai em 1936 como executivo de uma empresa alemã, Ferretaria Alemania, que atuava como agente de várias empresas alemãs e vendia maquinário leve e ferramentas. Embora tenha sido Frederico Haase quem apresentou os Jung a Mengele, a esposa de Jung, Margaret, recordou: “Na época em que conheceu meu marido, o dr. Mengele estava representando sua empresa de Günzburg e era um conhecido do *Oberst* [coronel] Rudel”.

Foi Rudel quem persuadiu Mengele de que havia um mercado lucrativo de maquinaria agrícola à espera para ser desbravado no Paraguai, um país com praticamente o mesmo tamanho da Califórnia, em especial nos luxuriantes pastos bem irrigados do sudeste. O sr. Karl parece ter encarregado Josef de dar

um impulso às vendas sul-americanas da empresa da família após a bem-sucedida exportação de uma grande encomenda de maquinário agrícola para corte de madeira e moagem no início dos anos 1950.[210] Depois de Alois assumir o negócio em 1954, quando a saúde do velho Karl começou a declinar, os produtos Mengele foram vendidos por intermédio de uma empresa argentina chamada Caffetti. No decorrer dos anos seguintes, Josef Mengele viajou para o sudeste do Paraguai e para fazendas remotas do Chaco, a vasta região noroeste do país, uma planície desértica com árvores de cerrado com espinhos, pequenos arbustos, cactos enormes e árvores dispersas de madeira de lei.[211] Werner Jung disse: “Ele realmente começou a tocar o negócio da família de 1954 em diante. Lembro-me que mostrava um empenho especial ao tentar vender um aparelho para distribuir esterco e carretas para transportar terra e equipamentos”.

Foi durante uma viagem ao Paraguai, em 1954, que Mengele conheceu outro contato-chave, Alejandro von Eckstein. Na época, capitão do exército paraguaio e, associado a Jung, apadrinhou a tentativa feita por Mengele, em 1959, de obter a cidadania paraguaia. Rudel estava numa visita rápida ao Paraguai (ele havia retornado à Alemanha para desempenhar um papel ativo na política neonazista como membro do *Deutsche Reichspartei*) quando ocorreu esse primeiro encontro, como descreveu Von Eckstein:

> O dr. Mengele era amigo de Rudel e de Jung, e Rudel e Jung eram amigos meus. E acabamos sendo apresentados um ao outro. Foi dessa época em diante que passamos a nos encontrar numa espécie de base regular. Ele chegou aqui por intermédio de Rudel. Rudel o conheceu na Argentina e disse a Mengele que estava de fato se saindo bem nos negócios aqui. Foi por isso que Mengele veio para cá, para fazer negócios.[212]

Alfredo Stroessner havia acabado de assumir o controle sobre o Paraguai, governando com o poder absoluto derivado do Artigo 52 da Constituição de 1940.[213] O Artigo 52 lhe permitia declarar estado de emergência e suspender os *habeas corpus* (essa situação existe até hoje, tendo Stroessner se declarado “presidente vitalício”).[214] Von Eckstein e o ditador de 44 anos eram amigos íntimos, sendo ambos de descendência alemã e tendo lutado lado a lado na guerra do Chaco contra os bolivianos nos anos 1930. Tanto Stroessner quanto

Von Eckstein foram condecorados como heróis de guerra, e o presidente ainda gostava de lembrar os visitantes disso, quando aparecia em ocasiões protocolares resplandecente de galardões dourados, metade do peito coberto de fitas e medalhas.

Segundo Von Eckstein, foi numa das visitas de Mengele, pouco depois de terem se conhecido, que Mengele foi apresentado ao presidente Stroessner numa recepção com várias pessoas presentes. “O presidente não sabia quem era ele e tudo que fizeram foi trocar um aperto de mão”, disse Von Eckstein. “Mas me lembro de Rudel dizendo a Mengele que o Paraguai no governo de Stroessner era um amigo tão valioso para alemães expatriados quanto a Argentina no governo de Perón.” [215]

Tanto Jung quanto Von Eckstein acharam Mengele relutante em falar sobre a guerra, mesmo com seus recém-descobertos amigos nazistas. Jung disse:

> Sabíamos que era médico porque ele próprio se apresentou dessa maneira. Não achei estranho que fosse um médico envolvido em transações comerciais. Não falávamos sobre a guerra. Talvez se os alemães tivessem ganho, teria havido uma discussão, como sempre parece ter acontecido no caso dos britânicos e americanos, assim como a pergunta inevitável: “O que você fez durante a guerra?”
>
> Mas para os alemães é melhor deixar as coisas não ditas, a não ser que a outra pessoa traga o assunto à baila. Mengele nunca tocou no assunto. Todos sabiam que os alemães que tinham vindo para a América do Sul haviam começado uma nova vida, e não havia nada mais que precisássemos saber. Estavam lá porque não queriam lidar com o passado. [216]

Mengele tornou-se uma figura popular com suas muitas visitas aos Jung. A casa imponente que tinham na Calle General MacArthur, na capital paraguaia de Asunción, era um centro de atividade social. “Nós o tínhamos realmente em alta conta”, disse a sra. Jung. “Como *Oberst* Rudel, ele era abstêmio por razões de saúde. Adorava música clássica, gostava de ler bons poetas alemães e elogiava nosso bom e natural modo de vida. Era muito bom com as crianças e ajudou meu segundo filho a passar nos exames de biologia.” [217]

De volta à Argentina no início de 1953, Mengele se mudara para um apartamento no centro da cidade, no segundo andar da rua Tacuari, 431, depois de deixar a hospedagem dos Malbranc. [218] Nessa época, Mengele havia investido alguns fundos de família num pequeno negócio de carpintaria na

esquina da Avenida Constituyente com a Avenida San Martín, no bairro Florida de Buenos Aires. Elsa Haverich, secretária na indústria farmacêutica Fadro Farm, da qual Mengele mais tarde se tornou um dos principais donos, se recorda da oficina de carpintaria:

> Por volta de 1953, conheci-o como dr. Gregor, no Laboratório Wander [uma indústria farmacêutica em Buenos Aires]. Ele costumava visitar toda tarde o dr. Timmermann [um amigo médico alemão que, mais tarde, se tornou um dos dois parceiros de Mengele no negócio da Fadro Farm] e conversávamos, bem, sobre nada de importante, o senhor sabe como é. E nessa época ele tinha uma carpintaria ou uma fábrica de brinquedos. Não me lembro ao certo se era uma carpintaria que fazia móveis ou uma fábrica de brinquedos, mas era o que ele estava fazendo naquele momento. A fábrica tinha alguns guindastes e havia umas coisas redondas que poderiam ter sido brinquedos para crianças; eram feitas de madeira e pareciam pequenos trens. [219]

Haverich recorda o dr. Gregor como “muito gentil, era muito simpático. Costumava chegar sempre muito contente e estava sempre brincando. Era calmo, muito calmo”.

Os lucros da pequena oficina de Mengele lhe permitiram comprar um carro Borgward, modelo “Isabella”, em 1954. Seu requerimento por uma licença foi atendido depois que dois amigos, um antigo senhorio, Gerard Malbranc, e um conhecido recente, José Stroher, em resposta a uma pergunta da polícia sobre a “condição moral do requerente”, atestaram que Mengele era um membro íntegro e honrado da comunidade. Stroher se manifestou em termos não menos elogiosos um ano mais tarde, quando Mengele precisou de um passaporte. Hoje Stroher fica nervoso ao ser interrogado sobre a base de seu julgamento sobre a moralidade do médico de Auschwitz. “É tudo mentira”, ele grita, “não sei de nada disso”. [220]

Nesse meio-tempo, longe da vida de solteiro de Mengele, sua distante esposa, Irene, estava se preparando para se casar com outro homem, Alfons Hackenjos, que era dono de uma loja de calçados em Freiburg. Ela tinha conhecido Hackenjos em 1948, pouco depois de ele ter sido libertado pelos americanos após ser capturado enquanto servia com Rommel no Afrika Corps. Na época Mengele ainda estava na Alemanha, escondendo-se na fazenda Fischer. O velho Karl informou o filho, por carta, que Irene queria o divórcio, e Mengele não se

opôs. Assinou e registrou uma procuração em Buenos Aires para que um advogado de Günzburg pudesse representá-lo e levar adiante o divórcio como seu representante. Em 25 de março de 1954, a petição foi aprovada por uma corte em Düsseldorf. Mengele não ficou, particularmente, de coração partido, nem a família Mengele lamentou perder Irene. Tinham acompanhado com desaprovação como ela havia se distanciado de Josef durante os quatro anos em que ele estivera se escondendo na fazenda em Mangolding. O tiro de misericórdia de Irene com relação à família foi dizer com orgulho que não queria um tostão deles.[221]

Naquele inverno, em 1954, Mengele tornou a se mudar, dessa vez para uma casa estilo espanhol de tamanho médio no número 1875 da Calle Sarmiento, no elegante bairro de Olivos, que era predominantemente alemão. Sublocou metade da casa, mas foi lembrado pela neta do proprietário como um inquilino modelo. Para um fugitivo, que caíra numa situação bastante precária, sua nova vida havia agora se tornado tolerável e agradável. Mengele tinha adquirido um círculo leal de amigos que compartilhavam sua visão de mundo: amargura pela derrota na guerra, irritação com a capitulação da Alemanha aos Aliados concordando em apoiar julgamentos por “crimes de guerra”, racismo básico com relação a seus anfitriões sul-americanos nativos – “uma tagarelice mentalmente de baixo nível”, ele um dia descreveu a conversa deles. E recebia visitas regulares de casa. O pai o visitou um dia, um velho amigo dos tempos de escola, Hans Sedlmeier, mão direita de Alois, estava com frequência na cidade, e o próprio Alois fez visitas ocasionais, uma delas com a esposa, Ruth. Mengele também havia se tornado um empreendedor cada vez mais bem-sucedido. Sua oficina tinha agora meia dúzia de empregados e se expandira, passando a fabricar peças de máquinas para o ramo têxtil. Embora a oficina fosse autossuficiente, Mengele injetava somas de dinheiro adicionais graças às comissões recebidas pela venda dos produtos da Karl Mengele & Sons de Günzburg.[222] À medida que sua fortuna aumentava, ele se tornava uma figura conhecida nos principais restaurantes alemães da capital argentina.

Mais ou menos nessa época, Mengele iniciou um extraordinário relacionamento com um refugiado judeu-alemão, que nos pediu para não mencionar seu nome, temendo que o relacionamento pudesse ser mal

compreendido. O homem está agora na faixa dos 70 anos e administra um próspero negócio têxtil em Buenos Aires. Chegou lá antes da guerra, escapando da perseguição de Hitler aos judeus. No início da década de 1950, conheceu uma garota alemã que fora enfermeira no período da guerra. Como tantos jovens alemães, ela participara do Movimento da Juventude Hitlerista. Ainda assim, o empresário ficou muito atraído por ela. Ela viera para Buenos Aires com os pais, que por acaso conheciam Mengele.

Numa das visitas do empresário à casa da garota, Mengele estava lá e ela os apresentou. Mengele disse se chamar "José Gregori". Nem a garota nem o empresário tinham ideia de sua verdadeira identidade. Os dois homens logo perceberam que estavam competindo pelos encantos da garota, uma disputa que "Gregori" acabou vencendo. A garota, no entanto, não era o único interesse que "Gregori" compartilhava com o empresário judeu: "Gregori" queria entrar em sociedade com ele. Tiveram várias conversas sobre a possibilidade de uma *joint venture*, mas nada resultou daí. No decorrer dessa amizade improvável, Mengele descobriu que seu sócio em potencial era judeu, mas nem uma só vez proferiu um comentário antissemita. Isso talvez não seja tão significativo quanto parece. Havia bastante evidência da cínica exploração que Mengele fazia em Auschwitz de pessoas cujas habilidades, sabia ele, promoveriam sua carreira. E, no empresário judeu, ele reconheceu alguém com maiores aptidões empreendedoras que as dele. "Gregori parecia já ser um homem bem rico", disse o empresário, "e me lembro de ter ficado curioso sobre a origem do seu dinheiro. Mais tarde a garota me disse que ele havia contado ao seu pai que obtinha ajuda financeira do pai dele. [223]

O velho Karl havia ajudado de outras maneiras também. Ele queria que Josef se casasse de novo. A garota que tinha em mente era Martha Mengele, viúva de seu filho mais novo, Karl, que morrera com apenas 37 anos, em dezembro de 1949. Martha era uma mulher bonita, "na verdade muito bela", como Rolf descreveu a tia. Apaixonara-se por Karl Jr. enquanto ainda estava casada com um empresário chamado William Ensmann. Em 1944, nasceu o filho, Karl Heinz, cuja paternidade foi disputada nos tribunais locais depois que Martha se divorciou de Ensmann em 1948. Depois de examinar todos os indícios

minuciosamente, a corte regional de Memmingen decidiu que o menino era de fato filho de Karl Jr. [224]

Segundo Rolf, o sr. Karl organizou um encontro entre Martha e Josef nos Alpes Suíços, sabotando deliberadamente um romance que ela estava mantendo com outro homem de Günzburg. Rolf, então com 12 anos, também seria levado para conhecer o "tio Fritz", há muito sumido, com quem havia passeado pelas florestas bávaras muitos anos antes. Por trás dos arranjos de casamento do sr. Karl havia um plano calculado para deixar o controle da empresa de Günzburg totalmente nas mãos da família Mengele. Karl temia que, se Martha se casasse com alguém fora da família, seus direitos de voto, herdados de Karl Jr., fossem influenciados pelo forasteiro. Se ela se casasse com Josef, todas as decisões importantes seriam tomadas com segurança dentro da família. Mas havia outra razão prática para o casamento arranjado. Sob a lei alemã, ativos da empresa no montante da herança de Josef poderiam ser confiscados se um mandado de prisão fosse emitido contra ele. O sr. Karl, portanto, persuadiu Josef a renunciar à sua herança por acordo legal secreto, afastando assim a possibilidade de a empresa ser financeiramente paralisada. Mas isso foi apenas um movimento superficial. Na prática, assim que se casasse com Martha, Josef se beneficiaria da parte dela na empresa e, embora tivesse perdido seu poder de voto, ela estaria diretamente sob sua influência. [225]

Os planos de viagem para a reunião de Mengele com Martha foram preparados com meses de antecipação. Em abril de 1955, ele requereu à Polícia Federal argentina um passaporte especial para cidadãos não argentinos. Mas primeiro tinha de certificar à polícia que fora um residente de "boa conduta". De novo o amigo José Stroher o socorreu, testemunhando em favor de sua integridade. Em 1º de setembro, a polícia concedeu a Mengele um passe de "boa conduta", que lhe permitia solicitar às cortes a concessão do passaporte. Infelizmente para Mengele esses trâmites foram interrompidos por um golpe bem-sucedido contra o presidente Juan Perón.

Embora já tivesse havido três tentativas anteriores de derrubar Perón, ele parecia estar bastante firme no poder. Mas, em 16 de setembro de 1955, o almirante Isaac Rojas colocou toda a marinha argentina em rebelião. Rojas fez o *Phoenix*, um venerável cruzador que fora da marinha americana, mais tarde

batizado como *General Belgrano*,[226] navegar para o porto de Buenos Aires e apontou os canhões de oito polegadas para o palácio presidencial. Perón cedeu: “Maldição, esse maluco do Rojas é o tipo de homem que pode perfeitamente atirar”. Ele buscou refúgio na embaixada paraguaia e mais tarde embarcou numa canhoneira paraguaia que o levou para o exílio. Ao subir na prancha de embarque, Perón escorregou de maneira vergonhosa, caiu na água rasa e quase se afogou antes de ser puxado por marinheiros paraguaios.

O golpe levou o governo a um momento de indecisão e assustou alguns nazistas que tinham confiado em Perón para continuar em segurança. Logo, porém, lhes foi assegurado que o novo regime, composto pelos chefes militares Rojas e Lonardi, pretendia manter o mesmo tipo de relação com os nazistas. Quando Lonardi e Rojas foram depostos naquele novembro por um segundo golpe de outro militar reacionário de estilo prussiano, o general Arambary, a comunidade nazista foi ainda mais tranquilizada.

No meio de todo esse rearranjo governamental, a Corte de Primeira Instância da Argentina finalmente emitiu para Mengele um passaporte válido por 120 dias. Em março de 1956, Mengele voou para a Suíça com uma escala de duas horas em Nova York. Para recebê-lo no aeroporto de Genebra estava o sempre leal Hans Sedlmeier, que o levou de carro para Engelberg, onde ele se registrou no Hotel Engel, o melhor da cidade. No hotel, esperando a sua chegada, estavam Martha, o filho dela, Karl Heinz, e o filho do próprio Mengele, Rolf, então com 12 anos.

Nos dez dias seguintes, “tio Fritz”, como ele foi apresentado aos dois garotos Mengele, regalou-os com histórias de aventuras com gaúchos sul-americanos e sobre suas supostas experiências combatendo *partisans* na Segunda Guerra Mundial. Rolf ficou impressionado com o tio elegante, que usava roupas formais para jantar, tinha histórias tão empolgantes para contar e lhe deu alguns trocados, a primeira mesada que recebeu. Rolf recorda:

> Tio Fritz era um homem muito interessante. Ele nos contava histórias sobre a guerra e nessa época nenhum adulto falava sobre a guerra. Eu gostei dele – como tio.[227]

Rolf também notou algo diferente na maneira como “tio Fritz” olhava para a tia Martha, embora na época tenha achado que era apenas um afeto comum de família. No fim da temporada no hotel, Mengele viajou para Günzburg para cuidar dos arranjos legais que o pai havia preparado. Mengele esteve com a família por quase uma semana. Foi sua primeira visita aberta a Günzburg desde que estivera lá de licença de Auschwitz, em novembro de 1944. Depois de ficar em Günzburg, partiu num carro alugado para Munique. Ia visitar o farmacêutico e a esposa dele, amigos que o haviam ajudado depois da guerra. Mengele mal chegara a Munique quando se envolveu num acidente de trânsito sem importância. Embora não tenha ficado ferido, o acidente atraiu a atenção da polícia local. Eles lhe fizeram perguntas com relação à identidade sul-americana e mandaram que ficasse em Munique até que ela fosse verificada. Com medo de que sua verdadeira identidade fosse descoberta, Mengele telefonou para a família em Günzburg e pediu que o ajudassem. O velho Karl foi de carro até Munique e resolveu o assunto com a polícia. Segundo Rolf, “meu avô deu algum dinheiro para que a polícia esquecesse o acidente”. Mengele deixou a Europa no dia seguinte. [228]

Animado com a perspectiva de tempos mais tranquilos com Martha, Mengele retornou a Buenos Aires para pôr em ordem o lado secreto de sua vida de fugitivo. Num momento de insegurança tinha se submetido a uma tentativa de cirurgia plástica em Buenos Aires, devido a uma observação feita pela primeira esposa, Irene. Ela previra que a testa saliente iria denunciá-lo. O próprio Mengele, no entanto, interrompeu a cirurgia quando ela estava pela metade; tomara um anestésico local e pôde acompanhar o que estava acontecendo. “Quando viu o que o cirurgião estava fazendo, percebeu que ele não era muito bom naquilo”, disse Wolfram Bossert, que abrigou Mengele no Brasil durante a última fase de sua vida. “Ficou com cicatrizes no alto da cabeça que mostravam o local em que a cirurgia havia sido feita. Ele passou a usar um chapéu o tempo todo devido ao que a esposa lhe dissera.” [229]

Mas Mengele não precisava ter recorrido a medidas tão drásticas porque, em 1956, ainda não havia indícios de um mandado sendo emitido para sua prisão. Ele se sentiu confiante o bastante para se reapresentar em público como Josef Mengele. De resto, a vida cotidiana se tornara complicada demais para um

homem vivendo sob um nome falso. Mengele tinha planos de conseguir o financiamento de uma casa para que ele e Martha pudessem desfrutar de uma adequada vida familiar. Estava de olho numa propriedade de estuque branco no número 970 da Virrey Vertiz, uma isolada rua sem saída, no bairro de Olivos, que se limitava com os fundos do que fora a suntuosa casa do presidente Perón. Mas para isso ele precisava comprovar a sua identidade para o banco. Além disso, o pai se prontificara a colocá-lo como sócio de uma indústria farmacêutica, para o que, novamente, seriam requeridas informações detalhadas de sua identidade.

Provar sua verdadeira identidade requereu uma papelada muito extensa e a autorização da embaixada da Alemanha Ocidental, a quem a polícia argentina requereu que certificasse que "Helmut Gregor" – o nome sob o qual estava registrado – e Josef Mengele eram a mesma pessoa. Por essa razão, Mengele teve de explicar à embaixada por que tinha vivido com um pseudônimo nos últimos sete anos. Deu a eles o nome correto, data de nascimento, data do divórcio de Irene e endereços em Buenos Aires e Günzburg. Em 11 de setembro de 1956, após uma confirmação com Bonn, a embaixada emitiu para Mengele um certificado declarando que seu verdadeiro nome era Josef Mengele e que ele era natural de Günzburg.[230] Não parece ter ocorrido a ninguém na embaixada se questionar: "Espere um minuto, vemos aqui um homem que, não resta a menor dúvida, tem um passado a esconder, vamos verificar", disse Serge Klarsfeld, o caçador de nazistas baseado em Paris. "Ninguém naquela embaixada parece ter consultado as listas de criminosos de guerra. Se o tivessem feito, teriam encontrado o nome Mengele em várias delas."[231]

De posse do certificado de identidade da embaixada e a certidão de nascimento, Mengele compareceu diante da corte nacional em Buenos Aires para jurar que ele e "Gregor" eram a mesma pessoa. A corte então emitiu uma certidão judicial que Mengele apresentou à Polícia Federal argentina. Eles registraram que toda a informação que Mengele dera sobre sua chegada à Argentina em setembro de 1949 era falsa, mas quaisquer perguntas que a polícia possa ter feito sobre essa irregularidade devem ter sido superficiais. Em novembro, emitiram para Mengele uma nova carteira de identidade com o número 3.940.484. Expunha seu nome como Josef Mengele, indicava que era

divorciado e industrial por profissão e dava um endereço correto em Buenos Aires. Tendo obtido, graças à embaixada da Alemanha Ocidental, a nova carteira de identidade, Mengele retornou para lhes pedir um passaporte, mera formalidade agora que o problema da identidade fora resolvido. Ele mesmo providenciou uma fotografia, tamanho passaporte, em que usava um bigode, e ele próprio preencheu os seguintes dados pessoais: “Altura – 1,74 m; constituição – normal; forma do rosto – oval; cor dos olhos – castanho-esverdeados”. A nada curiosa embaixada emitiu devidamente para ele um passaporte alemão ocidental número 3.415.574.

Uma explicação para a omissão da embaixada talvez se encontre no fato de que, na época, o embaixador alemão ocidental, Werner Junkers, fora ele próprio membro ativo do Partido Nazista e um importante assistente do ministro do exterior de Hitler, Joachim von Ribbentrop (que foi enforcado em Nuremberg, em outubro de 1946, por crimes de guerra). De 1944 a 1945, Junkers foi um dos enviados especiais de Ribbentrop à Iugoslávia, onde as forças *ustashas* chegavam a superar a SS em barbaridade quando lidavam com os *partisans* de Tito. Interrogado sobre o lapso da embaixada, Junkers disse: “Pergunte ao homem que cuida da seção consular. Eu não sabia quem era Mengele”. [232]

O homem encarregado da seção consular em 1956 era Werner Schattman. Desde julho de 1985, ele foi o embaixador da Alemanha Ocidental em Praga. Schattman insistiu: “Eu não sabia nada sobre Mengele”. [233]

Em outubro de 1956, Martha e seu filho mudaram-se para a Argentina, juntando-se a Mengele. Durante os quatro anos seguintes, Mengele foi efetivamente o pai de Karl Heinz, um laço que ia formar a base de um relacionamento mais firme que aquele que tinha com o próprio filho, Rolf, a quem só tinha visto duas vezes desde quando ele era bebê. Mengele estava seguro em sua vida com Martha. Conseguiu uma hipoteca sobre a nova casa em Virrey Vertiz e registrou a escritura e a hipoteca em nome da empresa de Günzburg, Karl Mengele & Sons. Mais uma evidência de como se sentia seguro foi o fato de ter permitido que Martha fosse incluída na lista telefônica com o sobrenome dele, Mengele. [234]

Nesse meio-tempo, usando um passaporte novo, Mengele fez uma viagem de negócios a Santiago do Chile em fevereiro de 1957. Segundo Alejandro von

Eckstein, Hans Rudel acompanhou Mengele na viagem e os dois se encontraram com Walter Rauff, o coronel da SS que desenvolvera as vans com câmaras móveis de gás que mataram 97 mil judeus, *partisans* e russos (Rauff distinguiu-se mais tarde na guerra com a alcunha "o Assassino de Milão", que adquiriu pela tortura e pela execução de *partisans* italianos). Rauff vivia no Equador em 1957, mas estava fazendo uma de suas viagens exploratórias ao Chile, que mais tarde se tornou um lar permanente até sua morte em maio de 1984. Rudel, Rauff e Mengele passaram uma semana no Chile recordando os velhos tempos. Como Mengele, Rauff era um intransigente antissemita. Pouco antes de morrer, escreveu a um amigo renunciando à fé católica e dizendo: "Himmler era meu Deus. A SS era a minha religião. Por que as pessoas não conseguem entender que todo grande negócio na América é dirigido por judeus?". [235]

Logo depois do retorno de Mengele a Buenos Aires, ele e Martha decidiram que havia chegado a hora de se casarem. Em julho de 1958, voaram para Montevidéu, no Uruguai, para uma cerimônia civil seguida por uma lua de mel de três semanas. Mais uma vez Mengele registrou-se com seu nome verdadeiro, dando como ocupação profissional a função de "empresário" e fornecendo os nomes dos pais e o endereço na Alemanha. Em meados de agosto, os dois retonaram à casa em Virrey Vertiz para retomar uma vida que, sob todos os aspectos, parecia a de um casal que achava que nada tinha a esconder.

Os esforços de Mengele para se reabilitar publicamente deram ainda outro passo crucial. Com a aprovação do pai, ele vendeu a oficina no bairro Florida e, com o lucro, comprou a participação numa indústria farmacêutica. No total, Mengele bancou a metade do capital de risco de um milhão de pesos argentinos (cerca de 200 mil dólares) necessário para expandir a empresa, ainda novata, chamada Fadro Farm KGSA. A Fadro Farm manufaturava medicamentos e produtos médicos especializados. O "dr. Josef Mengele" foi registrado como um dos diretores-fundadores juntamente com dois argentinos, Heinz Truppel e Ernesto Timmermann. Truppel recorda:

> Vi Mengele pela primeira vez em 1958, por volta de meados de julho, porque a empresa Fadro Farm acabara de ter sido formada por duas pessoas, eu mesmo e o dr. Timmermann. Essa empresa começou com a manufatura de produtos para o tratamento de tuberculose e tivemos nossa primeira fábrica,

digamos nosso primeiro escritório, no número 1.551 da estrada Acquenga, na capital federal [Buenos Aires].

O dr. Timmermann apresentou o dr. Mengele, que tinha também outro nome, dr. Gregor. O dr. Mengele de fato contribuiu com algum capital para a empresa. Ele não dedicava muito tempo à nossa empresa. Mas seu aporte de capital nos permitiu expandir o departamento de produção […].

O dr. Mengele deixou a empresa em menos de um ano. Enquanto trabalhou aqui costumava fazer estudos sobre novos produtos para o tratamento da tuberculose. Costumava ler muitos livros médicos e científicos. Mas quero que todos saibam que ele não realizou quaisquer experimentos em seres humanos, como algumas pessoas podem pensar. [236]

A princípio, Mengele se apresentou a seus novos parceiros de negócios como "dr. Gregor". Então descobriu que Elsa Haverich, a secretária que havia encontrado três anos antes, mas não vira desde então, estava trabalhando para a Fadro Farm. Ela contou:

Uma tarde ele entrou no escritório e, nesse momento, eu o chamei de "dr. Gregor", porque para mim ele era o "dr. Gregor". Então ele me corrigiu e disse "não, é dr. Mengele". Brincando um pouco, perguntei por que tinha trocado de nome? Ele respondeu que por razões políticas; quando saiu da guerra, teve de fazê-lo com outro nome. [237]

A vida de Mengele havia agora se estabilizado na rotina confortável e segura de um homem de família que tinha um trabalho das nove às cinco com boas perspectivas. Depois de treze anos fugindo, ele sentia que o pior havia passado. Mas o pior ainda estava por vir. Não demorou muito e a sorte de Mengele começou a mudar. De alguma maneira, ele havia atraído a atenção da polícia de Buenos Aires sob a suspeita de que poderia ter atuado como médico sem licença. Não se sabe exatamente o que desencadeou esse interesse deles. Um homem que, nessa época, era um antigo detetive da cidade disse que Mengele estava cercado por vários outros médicos que, segundo a polícia, poderiam ter tido envolvimento com uma clínica clandestina de aborto na qual uma jovem morrera. O detetive admitiu ter aceitado um suborno de 500 dólares pela soltura de Mengele, que dividiu com outro agente. Fichas policiais confirmam que Mengele foi detido para interrogatório e libertado três dias depois. Ao mesmo tempo, na Alemanha, se iniciara um esforço decidido para levar Mengele a

julgamento. Já em agosto de 1958, a lua de mel de Josef Mengele não duraria mais de um mês.

CAPÍTULO 6

Fuga para o Paraguai

Sempre houve a intenção de perseguir homens como Josef Mengele até os confins da Terra, como o primeiro-ministro Winston Churchill e o presidente Franklin Roosevelt prometeram já em outubro de 1941:

> As atrocidades cometidas em Polônia, Iugoslávia, Noruega, Holanda, Bélgica e, em particular, atrás do *front* alemão na Rússia superaram tudo que tem sido conhecido desde as eras mais sombrias e mais bestiais da humanidade. A punição desses crimes deve agora ser incluída entre os principais objetivos da guerra. [238]

Mas, quando chegou o momento, esse compromisso não foi muito além do acordo que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha fizeram com a União Soviética em agosto de 1945 de colocar 22 líderes nazistas perante um tribunal militar aliado em Nuremberg e submeter uma pequena fração dos assassinos da SS a um número limitado de outros julgamentos. Houve apenas uma tentativa importante dos Aliados de levar a julgamento os médicos assassinos do Reich. Ela ocorreu em dezembro de 1946, quando 23 médicos e cientistas da SS compareceram perante um tribunal americano, também em Nuremberg, no chamado Julgamento dos Médicos. Um homem que achava que o dr. Josef Mengele devia ter estado entre os réus foi Hermann Langbein, um ativista político de esquerda de Viena que fora detido pela Gestapo e enviado para Auschwitz, onde foi posto para trabalhar como auxiliar no gabinete do médico-chefe.

Embora a oposição de Langbein à tirania nazista fosse bem conhecida, ele sobreviveu a Auschwitz e, no decorrer de seu aprisionamento, foi se familiarizando com as macabras atividades dos médicos da SS, tendo visto alguns dos documentos relacionados aos experimentos. Após a guerra ele reparou que o nome de Mengele veio à tona em vários julgamentos de pessoal da SS.[239] Também reparou, consternado, como a determinação dos julgamentos de Nuremberg perdeu parte de seu ímpeto depois que os Aliados passaram a responsabilidade pela instauração dos processos às autoridades alemãs e aos países em que as atrocidades haviam sido cometidas. O registro da recém-nascida República Federal da Alemanha revelou-se excepcionalmente pobre. Embora apontem com orgulho 6.215 condenações de criminosos nazistas, as autoridades judiciais alemãs deixam, não por acaso, de destacar que mais de 70% dessas condenações foram fruto de indiciamentos que ocorreram sob jurisdição aliada. Em todos os casos patrocinados por promotores alemães, só 403 réus foram condenados por assassinato premeditado. Ficou claro que a iniciativa de levar Mengele a julgamento jamais viria de Bonn e, assim, a tarefa foi deixada à incansável disposição de um só homem.

Langbein começou compilando um dossiê das evidências contra Mengele na esperança de que as autoridades judiciais se interessassem por ele. Atuando por conta própria (não consegue se lembrar exatamente como) descobriu que Mengele tinha se divorciado e que passara uma procuração a um advogado de Buenos Aires para que ele cuidasse das formalidades com um advogado de Frankfurt, Fritz Steinacker, que mais tarde defendeu inúmeros criminosos de guerra proeminentes. Langbein também encontrou muitos sobreviventes de Auschwitz e registrou suas declarações para montar um dossiê contra Mengele. Em setembro de 1958, seis semanas apenas depois de Josef e Martha Mengele terem se estabelecido como recém-casados, Langbein levou o dossiê ao Ministério da Justiça, em Bonn, numa tentativa de persuadi-los a emitir um mandado de prisão para Mengele. Mas sua visita à capital não foi muito encorajadora. Ele se deparou com o primeiro de muitos obstáculos burocráticos:

> Encontrei-me com um funcionário no gabinete do procurador-geral em Bonn. Ele me disse que seu gabinete não era responsável pelo caso Mengele. Disse que a responsabilidade cabia a um dos 11 estados

da Alemanha – aquele onde Mengele vivia. Então me perguntou em que estado Mengele vivia. Tive de dizer que não sabia. “Nesse caso”, disse o oficial, “não posso fazer nada até que descubra”. [240]

Irritado com a atitude de obstrução do funcionário, Langbein deixou o dossiê sobre a mesa, dizendo-lhe severamente que encarava Mengele como responsabilidade do governo alemão. Por coincidência, nesse mesmo setembro em Buenos Aires, Mengele assinava uma procuração para sua nova noiva, indicando que pretendia se ausentar e precisava de alguém, em quem pudesse confiar, para tomar decisões. Houve duas versões desse documento, a primeira em 13 de setembro de 1958, a definitiva, assinada em cartório na frente de seu advogado argentino, dr. Jorge H. Guerrico, em 29 de setembro. É relatado que três dias depois Mengele entrou no Paraguai com um visto especial para noventa dias. [241]

A princípio esses dois eventos sugerem que Mengele tinha de alguma maneira ficado a par do interesse de Langbein por suas atividades nos tempos de guerra, sobretudo porque Langbein estava ao mesmo tempo tentando convencer o gabinete do procurador-geral em Kiel a incluir Mengele numa investigação referente a seu colega de Auschwitz, o professor Carl Clauberg, que chefiava a pesquisa de esterilização no campo. A explicação provável, no entanto, é muito mais prosaica, como são a maioria das respostas ao mistério da impressionante desenvoltura de Mengele em termos de evasão. A escaramuça com a polícia argentina com relação à suposta prática ilegal de medicina por certo deve ter alarmado Mengele, fazendo-o, talvez, até mesmo ponderar se não haveria outro refúgio mais adequado. Mas é provável que a razão mais imediata de sua partida para uma extensa temporada no Paraguai tenha sido algo tão pouco dramático quanto a tentativa de vender um novo espalhador de esterco que a empresa de Günzburg acabara de lançar. Ele tinha batido todos os recordes de vendas na Europa. O amigo nazista de Mengele, Werner Jung, que morava em Asunción, recordou que foi por volta dessa época que Hans Sedlmeier e Alois Mengele visitaram o Paraguai e que Mengele se esforçou muito para vender a máquina – sem, no entanto, muito sucesso, segundo Jung, que atuava como agente de várias importantes empresas alemãs:

> Nunca acreditei que ele fosse ganhar muito dinheiro tentando vender esse tipo de máquina. Acredito que Sedlmeier e Alois chegaram ao mesmo tempo e estavam falando em expandir o negócio. O próprio Mengele muitas vezes tentou fazer com que eu me interessasse em me tornar o representante oficial de sua empresa. Disse que eu faria isso melhor do que ele e que me daria uma generosa porcentagem. Mas nessa época eu já estava pensando em fazer as malas e voltar para a Alemanha. Não queria assumir novas contas. [242]

As palavras de Jung são especialmente interessantes à luz da declaração, feita sob juramento, do diretor de compras da empresa de Günzburg, Hans Sedlmeier, às autoridades da Alemanha Ocidental em 1971, quando elas se empenhavam numa de suas tentativas periódicas, mas negligentes, de encontrar Mengele. Sedlmeier disse ao juiz investigador, Horst von Glasenapp:

> Nossa empresa tem mantido contatos de negócios com a América do Sul. Mas em todo tempo que estive ligado à empresa, durante os últimos 27 anos, não existiram quaisquer contatos de negócios com o Paraguai. O acusado de modo algum esteve associado aos assuntos da empresa. Acordos de negócios são organizados pelos agentes que nos representam e por essa razão não há espaço para empregar indivíduos numa base privada. [243]

Segundo os Jung, quando estava em Asunción Mengele ficava numa pousada chamada Astra, que era de um amigo comum, Peter Fast. Martha e Karl Heinz foram visitá-lo lá. “Era simpática, todos gostaram dela”, disse Margaret Jung a respeito de Martha. Ela também se lembrava que Mengele tinha uma preferência por boa comida alemã, em forte contraste com seus gostos brasileiros mais tardios. [244]

Nesse meio-tempo, de volta à Alemanha, Hermann Langbein fizera um grande avanço no esforço solitário para levar Mengele a julgamento. Embora tivesse deixado seu dossiê de provas com o empedernido burocrata em Bonn, Langbein insistira em identificar o gabinete do procurador-geral em cuja jurisdição o caso Mengele devia propriamente cair para que um mandado de prisão pudesse ser preparado. Pela folha de serviços de Mengele na guerra, Langbein descobriu que sua última visita registrada à Alemanha fora em novembro de 1944, quando esteve em Freiburg, de licença de Auschwitz, e ajudou Irene a se mudar para Günzburg pelo período restante da guerra. Langbein levou o caso ao procurador

de Freiburg, Freiherr von Schowingen. “Ele foi muito prestativo”, disse Langbein. “Não poderia ter feito mais.” [245]

Langbein também seguiu um indício de que talvez Mengele tivesse estudado medicina em Frankfurt. “Por pura sorte, o indício se revelou correto”, disse Langbein. “As autoridades universitárias não nos deixariam ver a ficha de Mengele, mas deram sua data de nascimento, a data da formatura e disseram que ele havia nascido em Günzburg.” [246]

Numa visita a Günzburg, Langbein descobriu a presença ubíqua da Karl Mengele & Sons. Ficou claro que os Mengele e Günzburg guardavam muitos segredos sobre o filho ausente e que Langbein não seria informado sobre eles. Tudo o que podia fazer era esperar que Von Schowingen preparasse o mandado de prisão e o entregasse ao ministro do exterior para os procedimentos de extradição. Embora não tivesse o endereço exato de Mengele na Argentina, Langbein sabia que ele morava lá pelo registro num cartório de Buenos Aires de seus papéis de divórcio.

Não se sabe que soma de notícias, ou se alguma notícia, sobre as iniciativas de Langbein chegaram à família Mengele e foram retransmitidas a Josef. Langbein repetia que cada movimento feito por ele fora conduzido sob o maior sigilo. Mas o fato é que, em março de 1959, Mengele havia decidido que ficaria mais seguro morando em caráter permanente no Paraguai.

A tensão de estar arrancando suas raízes argentinas justo quando sentira que elas haviam ganhado força logo transpareceu para os amigos de Mengele. Quando voltou à Argentina, vindo do Paraguai, no início de 1959, o pessoal do laboratório Fadro Farm notou que ele tinha ficado nervoso e que, muitas vezes, caía no sono no período da tarde. Um dos diretores, Heinz Truppel, disse:

> Suponho que ele devia ficar o tempo todo achando que seria encontrado a qualquer momento. É por isso que costumava dormir durante o dia e parecia tão cansado física e mentalmente.

Contudo, uma mudança definitiva para o Paraguai tinha suas compensações. Significava que Mengele poderia passar mais tempo trabalhando no negócio da família por lá. Ele também via a possibilidade de comprar terras nas áreas mais remotas do Paraguai, terras que, concordando com Jung, Mengele achava que

eram um “valioso investimento a longo prazo”. Talvez, ainda, ele receasse que o clima para homens como ele mudasse com a recente eleição na Argentina do presidente Arturo Frondizi. Arturo era um dos líderes mais liberais a chegar ao poder desde a Segunda Guerra Mundial e era reconhecidamente sensível aos primeiros rumores de inquietação internacional sobre a Argentina estar se tornando um refúgio nazista.

Quando retornou a Buenos Aires, vindo do Paraguai, para encerrar seus negócios na Argentina, a participação de 200 mil dólares que ele e o pai tinham investido na Fadro Farm foi comprada por um argentino chamado Ernesto Niebuhr.[247] A saída de Mengele da empresa foi algo repentino e surpreendeu a todos. “Ele simplesmente me chamou”, contou Heinz Truppel, “e disse que estava indo embora devido a problemas de diferença de ideologia. Disse que estava saindo do laboratório e do país”. Elsa Haverich se recordava com nitidez daquele momento. Mengele, disse ela, parecia um homem assustado:

> Perguntei: “Por quê? O que está acontecendo?” Achei que talvez fosse a família dele, uma doença ou mesmo um acidente. Então ele me disse, num tom muito triste, que não, era devido a razões políticas. Não insisti nas perguntas, porque ele parecia meio preocupado. No dia seguinte, dia em que tinha de partir, ele chegou mais tarde, ao meio-dia. Pareceu muito calmo nesse dia. Mas estava muito triste, muito preocupado. Por volta das cinco e meia, pegou alguns livros para devolver à biblioteca – estava sempre lendo livros sobre ciência e médicos – e entramos no carro. Ele me deu muitos conselhos sobre a empresa, sobre o que devíamos fazer, e eu disse: “Vou vê-lo de novo?”. Então ele me respondeu: “Elsa, nunca mais vamos nos encontrar”. [248]

Embora tenham ficado em Buenos Aires, Martha e Karl Heinz visitavam regularmente Mengele no Paraguai, aliviando o tédio de sua vida de vendedor, sempre viajando de uma fazenda para outra. Como refúgio, no entanto, o Paraguai possuía muitas atrações. Já se tornara mais popular entre criminosos de guerra que a Argentina, certa vez descrita pelo secretário de Hitler, Martin Bormann, como *unser grosser Gönner*, “nossa grande benfeitora”. Desde a queda de Juan Perón em 1955, a ramificação em Buenos Aires de uma das mais abertas organizações de fuga foi objeto de batidas da polícia argentina, e um estoque de passaportes falsos foi encontrado.

Os nazistas não temiam as vigorosas investigações policiais no Paraguai. Longe das rotas mais usadas, empobrecido e remoto, o Paraguai ainda é o país mais primitivo da América do Sul. Não é o lugar mais cativante para nenhum fugitivo terminar seus dias. A Organização Mundial de Saúde lista tuberculose, malária, tifo, disenteria e hepatite como endêmicas. A ancilostomose é a doença mais comum e existe muita doença venérea, bócio e lepra. É um país onde o dinheiro compra tudo. Sua indústria principal é o contrabando. Não há um sistema fiscal adequado. Cigarros americanos, aparelhos eletrônicos japoneses e uísque de todas as nacionalidades proporcionam uma renda substancial, encontrando grande parte dela caminho para os bolsos de funcionários do governo e oficiais militares paraguaios. Dezenas de lojas pequenas e surradas se enfileiram nas ruas estreitas, todas vendendo perfumes, câmeras, rádios transistores e roupas íntimas francesas contrabandeados. Relógios falsificados Cartier e Rolex são vendidos na maior parte das esquinas do centro de Asunción. Estimativas da renda ilegal gerada pelo contrabando alcançam 250 milhões de dólares por ano. Funcionários de médio escalão, ostentando sua participação justa, dirigem carros BMW e Mercedes zero quilômetro e vivem em extensas fazendas, embora tenham um pagamento básico de apenas 500 dólares por mês.

Há anos, oficiais militares veteranos vêm se envolvendo ativamente em contrabando de drogas, segundo uma acusação do departamento de Estado americano em janeiro de 1985 – uma afirmação que chocou de tal maneira funcionários paraguaios que, pela primeira vez na história, foi negada uma audiência do embaixador americano com o presidente Stroessner. Pouco depois da denúncia do departamento de Estado, a esposa do embaixador Arthur Davis morreu num misterioso acidente da Eastern Airlines durante um voo de Asunción a La Paz, Bolívia. Nenhuma evidência foi apresentada, mas há fartos rumores de que houve uma ligação.

Presidindo esse Estado caótico e corrupto está o governo de punho de ferro de Alfredo Stroessner. Apesar das provas irrefutáveis de tortura sistemática e prisão sem julgamento, ele rotula todas as denúncias de violações de direitos humanos como “de inspiração comunista”. Os que compartilham sua filosofia têm sido recebidos de braços abertos – desde que mantenham os pagamentos em dia. Supostamente o deposto ditador nicaraguense Anastasio Somoza não o fez e

assim, quando caminhava para seu carro, foi feito em pedaços por uma explosão. Ellio Massagrande e Gaetano Orlando, os dois italianos fascistas que explodiram bancos e trens em sua Itália nativa para a organização fascista *Ordine Nuovo*, conseguiram ter uma nova vida em Asunción. Tem havido uma torrente de salafrários se encaminhando para esse último refúgio no mundo. Cedo ou tarde, Josef Mengele estava fadado a se juntar a eles.

Em maio de 1959, Mengele estava instalado no Paraguai, ainda com seu nome verdadeiro, pronto para começar uma nova vida. Ele se mudara para o sudeste, para uma região conhecida como *Alto Paraná*, que faz fronteira com a Argentina. Talvez não fosse a Baviera, mas foi o melhor que encontrou. Conhecida localmente como *Nueva Bavaria*, "Nova Baviera", é povoada por colonos cuja visão de mundo ainda é colorida pelas noções de um dos porta-vozes do antissemitismo de fins do século XIX, o dr. Bernard Förster, um professor primário de Berlim. Em 1881, Förster organizou uma petição, que foi assinada por 267 mil alemães, propondo o registro compulsório de todos os judeus e sua exclusão da vida alemã convencional. Infelizmente para o dr. Förster, suas opiniões não coincidiram com as do Segundo Reich de Bismarck e ele foi de tal maneira relegado ao ostracismo que se mudou para o Paraguai. Lá estabeleceu uma colônia de fanáticos com a mesma mentalidade. O resultado, um século mais tarde, é que 60 mil colonos, em sua maioria louros, vivem em achatados chalés estilo bávaro instalados, de modo incongruente, entre densas palmeiras. Têm suas próprias igrejas, sociedades culturais e escolas, onde retratos do Führer e suásticas eram exibidos com destaque durante a guerra. De fato, o sentimento nazista era tão profundo no Paraguai que o país só declarou guerra à Alemanha em fevereiro de 1945, três meses antes da rendição alemã e, ainda assim, de modo relutante, como o ministro do exterior, Luis Maria Arganas, anunciou a um grupo de alemães paraguaios:

> As potências do Eixo hão de saber perfeitamente bem quais são os verdadeiros sentimentos do Paraguai e levarão isso em consideração quando por fim triunfarem. Mas por enquanto é imperativo que o Paraguai coopere com os Estados Unidos por razões urgentes de interesse nacional. [249]

Mengele se alojou na casa de um dos mais inflexíveis nacional-socialistas de *Nueva Bavaria*, o agricultor Alban Krug, que era também presidente da cooperativa local de agricultores. Os dois tinham sido apresentados por Hans Rudel. Pelos próximos quinze meses, a casa rural de Krug, no povoado de Hohenau, 60 quilômetros ao norte da cidade fronteiriça de Encarnación, tornou-se o lar de Mengele. A opressiva rotina de rondas de vendas era quebrada por visitas ocasionais de Martha e Karl Heinz e por finais de semana em que Mengele pegava um ônibus ou dirigia um jipe até Asunción, para relaxar na piscina do palacete de Werner Jung.[250]

A vida cotidiana nesses ambientes novos e austeros foi registrada no diário de Mengele, que recomeçou neste ponto, depois da misteriosa lacuna de dez anos. No diário, ele se referiu com afeto a seu anfitrião, o agricultor Krug, como um "administrador". Mas não foi tão generoso acerca da sofisticação ou inteligência da família Krug:

> Às vezes essas pessoas se levantavam no meio da noite – às cinco da manhã – para celebrar a cerimônia solene […] tomar o chimarrão (bebida feita com a erva-mate). Para sua saúde e produtividade seria naturalmente muito melhor se dormissem uma ou duas horas a mais, em vez de desperdiçar o tempo com uma tagarelice inútil e de baixo nível mental. É interessante que essas pessoas, como gente que acorda cedo, se considerem moralmente superiores a quem dorme mais.[251]

Mengele viajava bastante em busca de negócios, da colônia Menonita perto de Rosário, ao norte de Asunción, a Filadelfia, no coração do Chaco, cruzando o país para Pedro Juan Caballero, na fronteira oriental do Paraguai com o Brasil, e para San Bernardino e Villarrica, a sudeste da capital. "Estava procurando negócios", disse seu amigo capitão Von Eckstein. "Iria onde pudesse fazer uma venda e se demorava dois ou três dias de cada vez."[252] Houve também viagens turísticas com Von Eckstein a assentamentos indígenas embora, segundo os Jung, Mengele não achasse o excêntrico amigo do presidente Stroessner muito estimulante como parceiro de conversa. "Von Eckstein tinha algo de fanfarrão", disse Werner Jung. "Gostava sempre de parecer mais importante do que era. Costumava afirmar que tinha sangue real. Fazia pose de barão."

Um mês depois da chegada de Mengele ao Paraguai, os esforços de Hermann Langbein na Alemanha Ocidental para chamá-lo a prestar contas finalmente deram frutos. Em 5 de junho de 1959, um indiciamento condenatório de sua carnificina foi preparado pelo juiz Robert Müller, da Corte Número 22, em Freiburg. O parágrafo de abertura declarava que "Josef Mengele devia ser posto sob custódia […] sob a enfática suspeita de assassinato e tentativa de assassinato". O mandado de prisão especificava 17 acusações de assassinato premeditado praticado por um homem que fizera um juramento de curar, não matar. A plena extensão da crueldade de Mengele demoraria ainda mais de vinte anos para emergir. Mesmo assim, os resultados da investigação preliminar da corte já eram bem repulsivos:

> Assassinato de inúmeros prisioneiros com fenol, benzeno e/ou injeções de ar; assassinato de inúmeros prisioneiros nas câmaras de gás; assassinato de uma menina de 14 anos partindo-lhe a cabeça com seu punhal, morrendo a vítima de forma lenta, dolorosa; injeções de corantes nos olhos de mulheres e crianças, causando-lhe a morte; assassinato de vários gêmeos de pais ciganos com suas próprias mãos ou misturando veneno letal em seu alimento com o objetivo de realizar supostos estudos médicos nos corpos durante autópsias; ordens para que uma série de prisioneiros fossem baleados por se recusarem a escrever para suas famílias dizendo que estavam sendo bem tratados. [253]

O mandado foi distribuído para delegacias de polícia e passado para o Ministério do Exterior em Bonn, de modo a serem iniciados os procedimentos de extradição da Argentina, onde Langbein acreditava que Mengele ainda estivesse morando. Apesar do pedido de Langbein para que os trâmites fossem realizados no mais absoluto sigilo, um informante na polícia de Günzburg, segundo Rolf Mengele, avisou a família Mengele de que o mandado fora emitido. No momento, porém, em que a família conseguiu informar Mengele, por correspondência, das nuvens de tempestade que tornavam a se formar por lá, ele já havia encaminhado um pedido de cidadania paraguaia. Solicitara essa cidadania como "José Mengele". Podemos presumir que, se tivesse sido informado mais cedo dos procedimentos da corte de Freiburg, Mengele teria tomado providências para alterar sua identidade e adotar um dentre os vários nomes falsos que usou mais tarde quando fugiu para o Brasil. De qualquer modo, a cidadania paraguaia lhe proporcionava proteção adicional se os alemães

ocidentais procurassem obter uma extradição. Não existia um acordo formal de extradição entre os dois países e era ainda menos provável que o presidente Stroessner, mesmo contando com os alemães para investimentos substanciais, abrisse uma exceção se o pedido envolvesse um de seus cidadãos. Em virtude de sua autoestima, o presidente encarava a cidadania paraguaia como sacrossanta. A cidadania também ajudaria a viabilizar a propriedade da terra, e Mengele tinha mostrado interesse nisso. Segundo um relatório da CIA, Mengele estava "tentando adquirir terra [na] área do Alto Paraná, do outro lado da província argentina de Misiones". [254]

O advogado escolhido por Von Eckstein para tratar do pedido de cidadania de Mengele foi o dr. Caesar Augusto Sanabria. Segundo Jung, Sanabria "era um destacado advogado de Asunción com bons contatos no governo", um trunfo importante tendo em vista que o presidente Stroessner tinha o hábito de se interessar pessoalmente pelos novos cidadãos de seu país. Tanto Jung quanto Von Eckstein concordaram em agir como padrinhos de Mengele. O dr. Sanabria se recordou com clareza de quando lhe trouxeram o novo cliente:

> Lembro-me que alguns conhecidos alemães da capital trouxeram outro alemão e disseram que ele queria se naturalizar. Eu nunca tinha visto o homem antes, mas seus amigos atestaram por ele e disseram que estava morando perto da capital há quase seis anos. O homem era bem distinto, muito bem educado e parecia, sob todos os aspectos, muito correto. Preencher requerimentos para naturalização era algo que eu fazia como advogado e não havia nada fora do comum no pedido. Além disso, o homem estava sendo encaminhado por dois cidadãos de destaque [Von Eckstein e Jung]. [255]

Nesse meio-tempo, notícias de que o Ministério do Exterior da Alemanha Ocidental fizera as primeiras consultas sobre a extradição de Mengele da Argentina haviam vazado para a imprensa. No final de 1959, o Congresso Mundial Judaico estava apelando para que sobreviventes de Auschwitz se apresentassem para suplementar as provas já reunidas por Langbein e a corte de Freiburg.

Parece claro que Mengele já estava considerando a possibilidade de viver sem Martha e Karl Heinz. Como disse o dr. Sanabria: "O homem só procurava naturalização para si mesmo. Não tinha uma esposa ou um filho com ele e não mencionou que os tivesse". Quanto ao pedido de Mengele, o dr. Sanabria pode

não ter visto nada de “fora do comum”, mas Jung e Von Eckstein deviam ter sabido que a solicitação era ilegal. Nessa época, requerentes da cidadania paraguaia tinham de provar que haviam morado pelo menos cinco anos contínuos no país. Mengele sem dúvida havia feito muitas visitas ao Paraguai, mas não chegava nem perto de satisfazer o requisito de residência, embora Von Eckstein e Jung jurassem na corte que o fizesse. Talvez o dr. Sanabria também tenha sido alertado do problema, pois Mengele deu como endereço permanente no Paraguai o endereço do escritório dele, sugerindo assim que de fato não possuía uma residência no país. Descartando num tom negligente qualquer sugestão de que ele e Jung tivessem cometido perjúrio, Von Eckstein disse: “Ele falou a respeito da cidadania comigo e com Jung e me perguntou se seríamos suas testemunhas. Eu aceitei, assinei o requerimento, tornei-me testemunha e ele se tornou cidadão paraguaio”. [256]

Jung afirmou que não sabia que a lei especificava uma estada permanente de cinco anos:

> Isso seria tolice, porque como alguém poderia afirmar que um homem vivera durante cinco anos consecutivos no Paraguai a menos que tivesse vivido com ele. Mas se a declaração que assinei devia indicar que eu o tinha conhecido há cinco anos, então era verdadeira, pois eu tinha. Mengele só me perguntou se eu queria ser testemunha e eu aceitei. Foi simples assim. Achei que seria bom ter Mengele como cidadão paraguaio. [257]

Enquanto os papéis para a cidadania de Mengele estavam sendo preparados, ele foi envolvido num incidente que seria usado mais tarde por alguns pesquisadores e escritores como um importante elemento de prova de que Martin Bormann, secretário particular de Hitler e seu mais íntimo confidente na última metade da guerra, estava vivo e associado a Mengele. Uma torrente de avistamentos de Bormann foram noticiados desde então mas, num exame mais detido e para embaraço de um jornal, os suspeitos se revelaram inocentes sul-americanos com uma semelhança apenas superficial com Bormann. Nenhuma prova foi jamais fornecida para contrariar a conclusão de procuradores da Alemanha Ocidental, em 1973, de que um esqueleto desenterrado a 800 metros do local onde ficava o *bunker* de Hitler, entre a ponte Weidenhammer e a Lehrter Station em Berlim, era o do ex-*Reichsleiter*. Desde essa data, os tribunais

alemães ocidentais ordenaram que todos os mandados pendentes fossem anulados e que futuros avistamentos de Bormann fossem ignorados. Mas o incidente que incluiu Mengele foi apresentado pela primeira vez em 1966, numa produção televisiva da Time-Life intitulada “A Busca por Vingança”, e foi mais tarde adornado por Michael Bar-Zohar em seu livro de 1968, *The Avengers*. A narrativa foi ainda mais embelezada em 1973, por Ladislas Farago, em *Aftermath: Bormann and the Fourth Reich*. Tudo isso revivia a especulação de que Bormann tinha afinal escapado do exército russo que cercava Berlim no início de maio de 1945.

O documentário de TV e ambos os autores afirmavam que, na primavera de 1959, um médico de Asunción de nacionalidade austríaca, dr. Otto Biss, foi escoltado por uma mulher até a casa de Werner Jung depois que Mengele não conseguira diagnosticar o estado de um misterioso hóspede que estava gravemente doente. Bar-Zohar apresentou o dr. Biss dizendo:

> Examinei o doente e falei com ele em alemão, mas o homem não respondeu nessa língua nem em qualquer outra das línguas europeias que conheço. Insistiu em falar num péssimo espanhol. Assim, achei um tanto difícil conseguir alguma ajuda dele para determinar a natureza de sua enfermidade. O [outro] médico, percebendo isso, curvou-se sobre o doente e disse: “Pode falar em alemão”. E para minha grande surpresa os homens falaram então em alemão fluente.

O dr. Biss, que dizia que o paciente misterioso “tinha uma cicatriz na testa”, continuou:

> Alguns dias depois, um amigo meu veio me visitar em grande agitação. Ele me disse que encontrara a mulher que havia me procurado e que o homem que eu examinara profissionalmente era Martin Bormann. Sem demora consegui achar algumas fotos do homem que era mão direita de Hitler. Não havia dúvida possível. O homem que eu tinha visto era mais velho que o homem nas fotos, mas era sem dúvida a mesma pessoa. Era com certeza Martin Bormann. [258]

Ladislas Farago repetiu a entrevista de Bar-Zohar em seu livro, publicado seis anos depois, como um dos muitos incidentes, alguns baseados em documentos de origem suspeita, citados para provar que Bormann estava vivo. O episódio só é digno de ser trazido à memória porque é um dos muitos e interessantes exemplos das esperanças às vezes ilusórias engendradas por caçadores de

nazistas, como as que criaram uma aura tão esquiva em torno de Mengele. Entrevistado dez anos mais tarde, com 85 anos de idade, o dr. Biss ainda estava convencido de que seu paciente era Martin Bormann.[259] Se Jung tivesse sido entrevistado, uma interpretação muito mais plausível teria emergido:

> Não me lembro de Mengele tratando de alguém em minha casa. Mas eu mesmo estava doente e de fato me recordo de ser tratado em minha casa por Biss do mal-estar no estômago. Mengele pode ter estado lá nessa hora, não me lembro.[260]

Infelizmente para Werner Jung, fotos suas tiradas por volta de 1959 mostram uma notável semelhança com as fotos de Bormann dos tempos de guerra. E essas fotos convenceram o dr. Biss de que ele simplesmente havia tratado do mais procurado criminoso de guerra do mundo.

A realidade da vida de um fugitivo em Asunción nessa época era muito menos maquiavélica. Bormann quase certamente estava morto e, embora Mengele fosse agora procurado pelos alemães, sua solicitação de cidadania, em seu próprio nome, continuava tramitando sem sobressaltos. Como precaução, no entanto, Hans Rudel pediu ao ministro do interior, Edgar Ynsfran, para agilizar o caso. Mengele soube que tivera êxito quando, em 24 de outubro de 1959, lhe foi entregue um cartão de identidade como "José Mengele". Duas semanas depois a polícia de Asunción lhe deu uma certidão de "residência e boa conduta".[261] Seus papéis de cidadania foram encaminhados pelo prestativo dr. Sanabria; o requerimento foi apresentado ao juiz Luis Martínez Miltos.[262] Os procedimentos da corte mostram que a certidão de boa conduta da polícia foi suficiente para convencer o juiz Miltos de que não havia "pendência legal ou registros policiais que pudessem impedir a obtenção da cidadania paraguaia por meio da naturalização". O juiz ficou também convencido de que Mengele havia "residido em caráter permanente neste país por mais de cinco anos" e que "mostrara repetidas vezes sua intenção de abrir mão da antiga nacionalidade, como é confirmado pelas declarações das testemunhas Werner Jung e Alejandro von Eckstein". Por lei, Mengele teve de depositar a soma de 5 mil guaranis, equivalente a 41 dólares em 1959. Para completar o processo, faltava apenas o

carimbo de aprovação da Suprema Corte, onde os papéis foram devidamente protocolados.

Quase no momento em que a aprovação da Suprema Corte era esperada, Mengele recebeu, em Asunción, a notícia da morte do pai. Quaisquer pensamentos que Mengele possa ter cultivado de ir a Günzburg para o funeral foram eliminados quando ele leu a advertência da família. Tinham sido notificados por informantes da polícia local que dois agentes secretos do LKA (o FBI alemão) compareceriam ao funeral na esperança de encontrar o médico fugitivo. Mengele, no entanto, tomou providências para que fosse entregue no túmulo uma coroa trazendo apenas uma grande faixa com a inscrição "Cumprimentos de Longe". [263]

Dias depois de Mengele ser informado da morte do pai, a embaixada alemã ocidental em Asunción descobriu que Josef Mengele estava de fato vivendo bem sob seus narizes no Paraguai. Em 13 de novembro, quatro dias antes da morte do pai de Mengele, o cônsul alemão ocidental, Winfried Engemann, perguntou ao ministro paraguaio do interior se poderia examinar por um breve momento o dossiê de Mengele. O pedido, por sua vez, instigou o chefe das investigações policiais em Asunción a fazer novas consultas junto à Polícia Federal argentina relativas ao passado de "José Mengele". [264] Contudo, antes de autorizar Engemann a inspecionar o dossiê de Mengele, os paraguaios removeram qualquer informação relevante, e Engemann considerou o arquivo inútil.

Ao mesmo tempo em que os alemães ocidentais estavam inspecionando o dossiê em Asunción, a sede da Interpol em Paris pediu que a seção de naturalização do Ministério do Interior paraguaio enviasse uma cópia da pasta de Mengele para seus escritórios em Buenos Aires e Paris. [265] Mas Mengele tinha pouco a temer dessa organização privada, por mais impressionante que pudesse ser a lista de seus membros, que cobria mais de 100 países. A contribuição da Interpol para a caçada de Mengele foi incongruente. Pastas nas seções brasileira e paraguaia da Interpol contêm sobretudo informação de segunda mão. Esse continuou a ser o padrão na abordagem da Interpol.

Caçar criminosos de guerra nunca foi uma das prioridades da Interpol. Ela afirma que sua declaração de princípios proíbe isso sob o argumento de que

crimes nazistas eram de “natureza política”, ao contrário de crimes contra a “lei comum”. Sua hierarquia tem também uma história pouco saudável de íntimas conexões com o nacional-socialismo. Em 1939, Reinhard Heydrich, chefe da Gestapo, foi eleito presidente da Interpol. Em dezembro de 1941, a Interpol transferiu sua sede para o elegante bairro berlinense de Wannsee, onde compartilhou uma mansão com a Gestapo. Heydrich inclusive tornou a Interpol uma divisão dentro do SD, a Polícia de Segurança. Quando Heydrich foi assassinado em junho de 1942, Himmler escolheu o sucessor de Heydrich na Gestapo, Ernst Kaltenbrunner, para substituí-lo como presidente da Interpol. Depois que Kaltenbrunner foi enforcado em Nuremberg, em outubro de 1946, um membro belga do comitê executivo da Interpol, Florent E. Louwage, tornou-se presidente. Ele foi sucedido em 1956 por Jean Nepote, que havia cooperado, no período de guerra, com o governo de Vichy na França. Em 1968, a Interpol elegeu Paul Dickopf como presidente. Descobriram que ele fora oficial da SS durante a guerra, tendo trabalhado na própria mansão na qual a Interpol tinha então sua sede. Ainda assim, continuou como presidente até 1972. [266]

Em meados de novembro de 1959, tanto a seção de naturalização do Ministério do Interior paraguaio quanto a polícia paraguaia sabiam que um pedido de extradição de Josef Mengele por crimes de guerra estava a caminho. Alejandro von Eckstein, amigo do presidente Stroessner, também admite ter recebido informações sobre o assunto dos alemães ocidentais e da Interpol. Mas ninguém achava que as circunstâncias justificavam um adiamento do pedido de cidadania de Mengele. Nem existe qualquer evidência de que esses respeitáveis órgãos governamentais paraguaios submetessem essas novas informações à atenção da Suprema Corte. Se o fizeram, a corte os ignorou. Em 27 de novembro, foi emitida a certidão de naturalização de “José Mengele” sob o número 809. [267]

Enquanto isso, do outro lado do mundo, outro governo havia adquirido um interesse pelo caso de Josef Mengele. Ao contrário dos alemães ocidentais, os israelenses tinham pouca fé nas lentas, pesadas, burocráticas maquinações de pedidos de extradição à América do Sul. O ceticismo deles era plenamente justificado. Em 27 de outubro, o Ministério do Exterior argentino alertou, em caráter informal, a embaixada alemã ocidental em Buenos Aires de que eles

deviam esperar que seu pedido de extradição fosse recusado com base no argumento de que as acusações contra Mengele eram de “natureza política”. Por algum tempo, a visão de Israel fora que, enquanto Bonn se prendesse às estritas fronteiras do direito internacional, era improvável que conseguissem trazer fugitivos nazistas para julgamento na Alemanha Ocidental. Os israelenses preferiam agir dentro dos conceitos mais amplos de justiça internacional, como o próprio Mengele logo descobriu.

CAPÍTULO 7

Operação Mengele

A decisão de alocar os limitados recursos do Mossad para capturar criminosos nazistas representou um grande desvio de seu papel como serviço de coleta de informações e de missões especiais de Israel no exterior. Até o final dos anos 1950, eventos responsáveis pela crise de Suez e, cada vez mais, a influência da União Soviética tinham sido a principal preocupação do Mossad, que contava com um chefe engenhoso, Isser Harel. Um dos feitos mais espetaculares de espionagem do serviço recém-implantado de Harel foi o sucesso de seu residente em Moscou em "passar a perna" nos americanos e nos britânicos obtendo o texto completo da explosiva denúncia de Stalin feita pelo premiê Nikita Khrushchev em fevereiro de 1956. Nas mãos de Harel encontrava-se uma das mais poderosas armas de propaganda do Ocidente: Khrushchev, num discurso de três horas, havia exposto a selvageria totalitária de seu predecessor numa sessão secreta do congresso do Partido Comunista da União Soviética.

A estatura do diminuto Harel, com pouco mais de um metro e meio de altura, foi elevada da noite para o dia quando ele encaminhou sua conquista a Washington para negociar um acordo. Publicamente, a CIA ficou com o crédito quando agências de notícias transmitiram para o mundo o texto vazado. A adesão aos Partidos Comunistas do Ocidente foi dizimada quase da noite para o dia. Numa iniciativa pessoal, Harel conseguira um novo acordo de

compartilhamento de inteligência com os americanos. Com isso, nasceu a hoje lendária aura de intriga do Mossad.

No final de 1957, Harel recebeu uma chamada telefônica que logo ia dar à reputação do Mossad uma face pública. Walter Eytan, diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores, estava na linha, de Jerusalém, solicitando um encontro urgente. Não era um assunto que pudesse ser discutido ao telefone. Naquela noite os dois se encontraram num café em Ramat Gan, onde Eytan, abalado, contou a Harel que o Ministério do Exterior recebera informação da Alemanha Ocidental de que Adolf Eichmann estava vivo e que seu endereço na Argentina era conhecido. Mais tarde, em seu próprio relato da "Operação Eichmann", Harel escreveu que pode ter sido o "instinto" que lhe disse que daquela vez a informação era precisa. Durante a maior parte dos anos 1950, pistas sobre Eichmann tinham se mostrado falsas; os israelenses não tinham sequer uma prova irrefutável de que Eichmann estivesse vivo.

De volta a Tel Aviv, Harel passou a maior parte da noite lendo o arquivo de Eichmann. Ele revelava como o burocrata da SS tinha administrado de maneira tão zelosa a destruição dos judeus europeus. De manhã, Harel havia resolvido que "mesmo que o inferno se abrisse" Eichmann seria capturado:

> Nenhuma agência no mundo inteiro, nenhum governo, nenhuma polícia estava procurando fazê-lo responder pelos crimes. As pessoas estavam cansadas de histórias de atrocidades; seu único desejo era expelir esses acontecimentos abomináveis de suas mentes; sustentavam que, de qualquer maneira, não havia punição na Terra que se ajustasse a barbaridades de tal magnitude e estavam conformadas com a transgressão da lei e a perversão da justiça. [268]

Harel não teve dificuldade em persuadir o primeiro-ministro David Ben-Gurion de que capturar Eichmann era uma tarefa adequada para o Mossad. Uma profunda relação de confiança havia se desenvolvido entre os dois nos primeiros e precários meses do novo Estado de Israel, quando o país estava sob a ameaça externa dos árabes e a ameaça interna do direitista Irgun Zvai Leumi [Organização Militar Nacional], de Menachem Begin. Então encarregado do Departamento de Assuntos Internos, equivalente israelense do FBI, Harel havia neutralizado as facções propensas à guerra civil, tanto o grupo de Begin quanto os remanescentes do grupo terrorista clandestino Stern [Lutadores para a

Liberdade de Israel], que se opunham aos termos do cessar-fogo da ONU na primeira guerra árabe-israelense logo depois da independência.[269] Fez isso enquadrando os líderes do Irgun e do Stern e eliminando seus depósitos de armas. Típica de Harel, a operação foi realizada com zelo e determinação, mas não como retaliação. Os rebeldes foram informados, alguns pessoalmente por Harel, de que o novo Estado de Israel não podia e não ia tolerar exércitos privados.

O pré-Estado de Israel, então, e seus primeiros traumas estavam entranhados em Harel. Ele não era um sobrevivente do Holocausto, mas sem a menor dúvida era um pioneiro do Estado, um guardião paternalista da consciência do Estado. E daí se segue que, para Harel e os homens sob seu comando, capturar Eichmann fosse "uma missão nacional e humana". Israel, disse ele, era o único país no mundo "determinado a esgotar todos os recursos legais" e, pelas regras de "direito, lógica e justiça histórica, era o Estado mais competente para proferir um julgamento".[270]

Mas localizar Eichmann com precisão, provar sua identidade, sequestrá-lo e levá-lo em segredo de um país a milhares de quilômetros de distância envolvia enormes problemas logísticos para o Mossad. E embora Harel tivesse conseguido persuadir Ben-Gurion a destinar uma verba generosa ao Mossad, a Operação Eichmann prometia devorar uma substancial parte dela, como o próprio Harel explicou em seu relato autobiográfico do assunto.[271]

> De fato quando Nahum Amir,[272] nosso "agente de viagens" na Europa, me informou que pelos seus cálculos custaria uma fortuna mandar um avião especial para levar Eichmann para Israel, eu disse: "Para fazer o investimento valer a pena vamos tentar também trazer Mengele".[273]

Capturar Mengele não foi exatamente a tardia reflexão orçamentária sugerida por essa citação do relato de Harel. Como ele disse mais tarde: "Eu achava importante que Israel tivesse um julgamento sobre o Holocausto e queria muito que Mengele também estivesse lá. Um julgamento teria permitido que o mundo investigasse uma mente que era de fato má".[274] Embora a inteligência do Mossad sobre Mengele não fosse tão precisa quanto no caso de Eichmann, os poucos fragmentos que eles tinham deixavam claro que o médico de Auschwitz

estava desfrutando um estilo de vida completamente diferente do de seu colega assassino. Mengele vivia com o nome verdadeiro (Eichmann usava um pseudônimo); a esposa de Mengele, Martha, estava no catálogo telefônico (embora num endereço antigo); os israelenses ficaram até mesmo a par de alguns detalhes das atividades de negócios de Mengele. Uma complicação, no entanto, ameaçou sabotar ambas as operações. Em fins de 1959 começaram a aparecer nos jornais reportagens sobre Eichmann e Mengele. Perguntaram a Ben-Gurion no parlamento israelense que passos estavam sendo dados para levar Eichmann a julgamento. Temendo que a publicidade pudesse alertar os dois homens, que se conheciam, Harel encorajou uma falsa especulação da imprensa de que Eichmann tinha sido visto no Kuwait.

Um dos poucos homens fora de Israel que conhecia a verdade era o dr. Fritz Bauer, promotor público do Estado de Hesse, na Alemanha Ocidental. Em setembro de 1957, ele havia comunicado aos israelenses que Eichmann fora localizado.[275] A mensagem para Jerusalém fora despachada no mais estrito sigilo. Só ele e o primeiro-ministro de Hesse, August Zinn, estavam a par da informação. Harel concordou com Bauer que era extremamente improvável que o governo de Bonn cuidasse de Eichmann. “Bauer me disse que ninguém mais sabia”, disse Harel. “Disse que não confiava no Ministério do Exterior [alemão] e não confiava em sua embaixada em Buenos Aires. Disse que éramos as únicas pessoas em quem podia confiar que fariam alguma coisa com a informação.”[276]

Fora o fato de que o embaixador alemão ocidental em Buenos Aires era Werner Junkers, um funcionário nazista do Ministério do Exterior nos tempos de guerra, Bauer tinha outra razão para nutrir uma desconfiança profunda de seus compatriotas: ele fora preso duas vezes pelos nazistas, tanto antes quanto durante a guerra, por ser judeu. Duas vezes conseguira fugir, da segunda vez para a Suécia e, ao voltar, jurou que faria tudo que estivesse a seu alcance para levar homens como Mengele e Eichmann a julgamento.

A fonte da informação de Bauer sobre Eichmann foi uma série de cartas de um judeu alemão chamado Lothar Hermann, que morava na remota cidade argentina de Coronel Suárez. Harel mandou agentes se encontrarem com Hermann e, a princípio, ele não os convenceu de que fosse uma testemunha digna de

confiança. Para começar, era cego, uma condição que não parecia ajudar a seguir o rastro de nazistas. Mas após um interrogatório meticuloso, os israelenses ficaram sabendo que a atraente filha de 18 anos de Hermann, por uma extraordinária coincidência, fora assediada por um jovem alemão de Buenos Aires que se chamava Nicholas Eichmann. [277]

À medida que o relacionamento deles se desenvolveu, o jovem Eichmann se gabou para a moça de que o pai havia ocupado um posto importante durante a guerra e lamentou que os nazistas não tivessem conseguido eliminar todos os judeus. Hermann concluiu de fato que a filha estava namorando o filho de Adolf Eichmann, cujo nome tinha sido mencionado com frequência na imprensa argentina. Os israelenses empregaram Hermann para ajudá-los na investigação e, dentro de alguns meses, Hermann informou que havia descoberto onde Eichmann morava: rua Chacabuco, nº 4.261, no bairro de Olivos, em Buenos Aires. Hermann estava convencido de que o proprietário registrado como austríaco, Francisco Schmidt, era de fato Eichmann. Em seu primeiro informe a Tel Aviv, Hermann "presumia com certeza" que Schmidt e Eichmann fossem a mesma pessoa. Os israelenses assumiram a investigação, esquadrinharam os antecedentes de Schmidt e o puseram sob vigilância. Não demorou muito para um agente israelense determinar que Schmidt não podia ser Eichmann. Com base nessa descoberta e nos pedidos às vezes dúbios de Hermann para reembolso de despesas, Harel começou a perder a fé que tinha nele. Harel era bastante coerente: correto quase a um nível puritano na vida particular, esperava que seus homens tivessem os mesmos padrões elevados, mesmo que estivessem contratados como *freelancers*. Seja como for, a caçada de Adolf Eichmann perdeu temporariamente o ímpeto como Harel explicou:

> Esses desdobramentos comprometeram de modo irreparável a credibilidade de Hermann […]. Em agosto de 1958, foram dadas instruções para encerrarmos nosso contato com Hermann aos poucos. [278]

No entanto, Harel e seu agente de campo haviam cometido um sério erro de julgamento. Hermann havia de fato acertado desde o início ao identificar o endereço de Eichmann; seu erro fora presumir que o proprietário austríaco, Schmidt, fosse Eichmann. O próprio relato feito por Harel da Operação

Eichmann deixa claro que nem mesmo os israelenses se preocuparam nesse estágio em verificar as identidades de todos os ocupantes da casa. Se o tivessem feito, teriam descoberto que havia pelo menos dois inquilinos sob aquele mesmo teto. Hermann havia informado a Tel Aviv, já em maio de 1958, que o número 4.261 da rua Chacabuco estava dividido em duas unidades, com dois medidores de energia elétrica registrados em dois nomes: “Dagoto” e “Klement” ou “Klements”. Harel censurou implicitamente Hermann pelo descuido porque, disse Harel, ele “nem sequer mencionou a possibilidade de que um dos inquilinos da casa – Dagoto ou Klement – pudesse ser Eichmann”. Na realidade, uma investigação mais completa por parte dos israelenses poderia ter posto Adolf Eichmann em suas mãos em fins de 1958. E Josef Mengele, então residindo abertamente em Buenos Aires com seu nome verdadeiro, poderia muito bem ter feito parte da *blitz*. O fato é que, ao não confiar na informação de Hermann e esgotar todas as possibilidades, os israelenses provocaram um atraso de dezoito meses; na época, Mengele já estava passando a maior parte do tempo no Paraguai.

Segundo um agente veterano de inteligência, o caso Eichmann foi encerrado. “Harel basicamente não acreditou na informação de que Eichmann estivesse usando o nome Klement”, disse ele. O caso foi reaberto pelo determinado trabalho de *lobby* do dr. Fritz Bauer, que voou para Jerusalém em dezembro de 1959. Furioso, Bauer se queixou ao procurador-geral de Israel, Chaim Cohen, de que Jerusalém não fez nada com base na informação que tinha sido confiada a eles em fins de 1957. Bauer disse que havia acabado de receber a confirmação, de um informante da SS, que Eichmann estava vivendo com o nome de Ricardo Klement e que tinha fugido da Europa em 1950 usando esse pseudônimo. [279]

O procurador-geral pediu que Harel reabrisse o caso Eichmann. Harel reagiu “tomando emprestado” Zvi Aharoni, então interrogador-chefe do Shin Bet, o FBI israelense. Harel despachou-o para Buenos Aires com o objetivo de investigar, pela terceira vez, o endereço da rua Chacabuco. Por meio de uma série de métodos engenhosos, incluindo seguir a moto de um dos filhos de Eichmann e conversar com vizinhos sem despertar a menor suspeita, Aharoni, com a assistência de agentes locais do Mossad, descobriu que Eichmann tinha de fato morado no número 4.261 da rua Chacabuco e há pouco tempo se mudara

para uma sombria casa de estuque, uma construção térrea na rua Garibaldi. Correndo algum risco, a equipe de Aharoni tirou várias fotografias de Eichmann com uma câmera oculta numa maleta enquanto conversavam com ele. Houve também outro bônus. Aharoni descobriu que sua presa era um homem com um trabalho regular e analisou seus hábitos. A rotina regular, Aharoni reportou dando um retorno a Tel Aviv, era um bom presságio para um sequestro bem-sucedido.

Mengele, ao contrário, não era uma criatura de hábitos regulares. Sem o conhecimento dos israelenses, em algum momento no final de março ou início de abril de 1960, Mengele retornou do Paraguai a Buenos Aires para uma de suas reuniões periódicas com a esposa e o enteado. Alarmados com notícias do mandado alemão de prisão contra ele, Martha e Karl Heinz tinham se mudado para uma pensão no distrito Vicente Lopez da cidade.

Por coincidência, logo após o retorno de Mengele a Buenos Aires, Harel decidiu dar o empurrão final na Operação Eichmann e Mengele foi também escolhido como alvo do Mossad. Em abril de 1960, pouco antes de partir para Buenos Aires para se encarregar pessoalmente da operação – uma iniciativa sem precedentes para um chefe da inteligência –, Harel desenterrou o arquivo de Mengele e anotou todas as informações importantes num código que apenas ele conhecia. Foi uma sábia precaução para a eventualidade de o chefe da inteligência de Israel ser descoberto pelas autoridades argentinas. Embora Harel tivesse resolvido se dar por vencido se isso acontecesse, já teria muito trabalho tentando justificar uma violação da soberania argentina, imagine duas.

O plano de Harel era ir atrás de Mengele assim que Eichmann fosse capturado e levado para uma das sete casas seguras que os israelenses tinham em Buenos Aires, enquanto esperavam a partida de um avião especial da El Al, um Britannia que levaria os prisioneiros para Israel. O sequestro foi marcado para o dia 11 de maio. Harel tinha conseguido que a empresa aérea nacional concordasse em reservar um de seus aviões para trazer uma delegação de autoridades israelenses, lideradas pelo representante da ONU, Abba Eban, para assistir a comemoração dos 150 anos de independência da Argentina. Mas a aeronave não poderia chegar antes do dia 19 de maio porque os argentinos não poderiam receber a delegação israelense antes das duas da tarde daquele dia.

Harel queria tirar Eichmann do país o mais breve possível – dentro de 36 horas teria sido o ideal. Isso, no entanto, seria cedo demais para a planejada partida da delegação israelense. Foi pelo menos decidido que a delegação teria de retornar num voo regular de outra companhia. Mas havia uma complicação. Eban tinha dito que desejava voltar no avião da El Al. Como a missão de Eichmann era tão secreta que nenhum dos delegados, incluindo Eban, conheciam a verdadeira razão da ida do avião até Buenos Aires, Harel decidiu que Eban e seus colegas teriam de "continuar no escuro". Eban foi então informado de que a razão pela qual ele e os outros diplomatas teriam de retornar em outra empresa aérea era que as taxas cobradas pelo aeroporto para manter por vários dias o avião da El Al em Buenos Aires eram demasiado altas. Como o avião da El Al partiria de Buenos Aires em 20 de maio, Harel teria apenas nove preciosos dias para capturar Mengele.

Em 11 de maio de 1960, Adolf Eichmann terminou seu turno de trabalho às 19h10 na fábrica da Mercedes Benz, onde era encarregado de uma linha de montagem, e embarcou no ônibus para sua casa na rua Garibaldi. Saltou do ônibus no ponto habitual, sem prestar atenção num carro parado com o capô erguido. Dois homens estavam curvados sobre o motor, sem dúvida se deparando com problemas mecânicos. Também não ficou muito preocupado com a presença de outro carro com três homens dentro dele, estacionado a quase 30 metros da parada de ônibus. Quando Eichmann passava pelo carro enguiçado, as portas traseiras de repente se abriram, quatro homens saltaram sobre ele e o puxaram para dentro. O sequestro durou menos de um minuto. Eichmann não ofereceu muita resistência. Falou apenas seis palavras antes de ser amarrado e amordaçado. "Estou conformado com o meu destino", respondeu a Aharoni, que estava ao volante e o advertira para não resistir. Os olhos de Eichmann foram cobertos com óculos de motociclista cujas lentes tinham sido revestidas com fita gomada preta e ele foi jogado no banco de trás do carro. Uma hora depois, os israelenses chegaram a uma casa segura apelidada "Tira", no distrito Florencio Varela de Buenos Aires. Com Eichmann seguro em mãos israelenses, Harel voltou sua atenção para Mengele:

> Durante esse período sem façanhas – embora de modo algum inativo – que precedia a chegada do avião, com todos os preparativos para transportar Eichmann num estágio avançado, decidi fazer alguma coisa em relação a Mengele […]. Tudo que sabíamos sobre o homem estava escrito em minha agenda num código pessoal que só eu conseguia decifrar (e até mesmo eu tive alguma dificuldade). [280]

A tarefa de interrogar Eichmann foi entregue a Aharoni. Ele falava alemão fluente e tinha passado os últimos dois anos da guerra interrogando soldados alemães capturados nos QGs do Oitavo Exército Britânico no Egito, na Itália e na Áustria. Em 1949, ingressara na Shin Bet (Agência de Segurança de Israel), onde se tornou seu principal interrogador.

Segundo Harel, Mengele foi o único assunto de que Eichmann se recusou a falar durante o interrogatório:

> Pedi que Kenet [codinome de Aharoni usado por Harel] interrogasse Eichmann sobre Mengele. Mandei que não perguntasse se ele conhecia Mengele ou sabia onde estava escondido, mas que dissesse que nós sabíamos que o homem estava em Buenos Aires e que ele devia nos dar o endereço exato.
>
> A resposta de Eichmann não foi muito encorajadora. Ele não negou que conhecesse Mengele, mas disse que não sabia onde ele estava e nunca soubera se estava na Argentina ou em alguma outra parte da América do Sul. Eichmann simplesmente se recusou a falar mais que isso e, para justificar a recusa, disse a Kenet que não queria trair os amigos. Encarei essa resposta como uma confirmação de duas coisas: que Mengele não estava longe e que ele e Eichmann tinham estado em contato.
>
> Quando Kenet continuou a pressioná-lo, Eichmann mencionou outro argumento para dar suporte à sua recusa: tinha medo, disse, do que pudesse acontecer com a esposa e os filhos […]. Mandei que Kenet prometesse a Eichmann que nós nos encarregaríamos de dar proteção à sua família se ele nos desse o endereço de Mengele. Mas nenhuma de nossas pressões e promessas surtiu efeito.
>
> Minha impressão é que ele entrou em pânico quando insistimos para que nos dissesse onde Mengele estava e acho que sua obstinação não se derivava de qualquer sentimento de lealdade, mas de puro medo. [281]

Finalmente, porém, Eichmann acabou revelando durante o interrogatório que Mengele poderia ser encontrado numa pensão que servira de refúgio para vários nazistas. Era administrada por uma mulher alemã chamada Jurmann. Na verdade, Harel tinha conhecimento da casa, mas estava ansioso para ouvir uma confirmação de Eichmann. “Fiquei um tanto espantado ao ver como essa informação estava bem estabelecida”, disse ele. [282] Era um casarão isolado, situado numa ruela estreita, cercado por uma cerca branca de estacas. Para

consternação de Aharoni e de vários outros veteranos da força-tarefa de Eichmann, Harel decidiu montar uma vigilância sobre a casa. Aharoni explicou:

> Acho que nem mesmo eu sabia quem era Mengele naquele estágio. Seu nome não viera à tona nos jornais e tenho de admitir que só estava interessado em levar Eichmann para Israel. Harel ainda não tinha nos dito nada a respeito daquilo. Quando o fez, alguns de nós achamos que o projeto era ambicioso demais e colocaria em risco o êxito da Operação Eichmann. Assim que Eichmann admitiu que aquele era seu nome, eu pessoalmente quis voltar para casa. Fiquei muito aliviado por a operação ter tido êxito até aquele momento e não queria que acontecesse algo que pudesse pôr em risco o próximo estágio, tirá-lo da Argentina. Achei que sempre poderíamos julgar Mengele em outra ocasião. [283]

Mas Harel não seria dissuadido de fazer uma tentativa de capturar Mengele. Seu problema era uma carência de agentes. “Dos membros da força-tarefa, só Menashe talvez fosse capaz de me ceder parte de seu tempo”, ele escreveu, “… e quando ficou sabendo da nova tarefa, Shalom Dani insistiu para que eu o deixasse participar dela. Mas esses dois não eram o bastante – eu precisava de mais, sobretudo de gente que falasse espanhol”. [284]

Harel requereu a ajuda de um terceiro agente, Meir Lavi, que havia atuado como contato na noite do sequestro de Eichmann. Lavi e sua mulher tinham emigrado para a Argentina, e Harel pensou na possibilidade de fazê-los alugar um quarto na pensão da sra. Jurmann. Mas abandonou o plano depois de se encontrar com Lavi, pois Lavi não falava espanhol bem o bastante para convencer alguém de que fosse argentino. Lavi, no entanto, apresentou Harel a outro casal israelense, Ada e Binyamin Efrat, que moravam em Buenos Aires e tinham as qualificações. Harel ficou impressionado:

> Na manhã seguinte, Binyamin Efrat estava sentado na minha frente no café que eu tomava “em serviço”. Uma olhada foi o bastante para me dizer que ele era o homem certo para a missão. Falava espanhol fluente e tinha a aparência exata de um argentino médio. Ouvira falar de Mengele, mas não sabia muita coisa a seu respeito. Disse a ele que tínhamos a informação de que aquele sádico estava em Buenos Aires e estávamos tentando localizá-lo. Ele disse que estava pronto – sem quaisquer reservas – para assumir qualquer tarefa de que o encarregassem acerca de Mengele. [285]

Nessa noite os Efrat descobriram, ao conversar com residentes das casas vizinhas, que os hóspedes da pensão eram norte-americanos. Na manhã seguinte,

Dani foi encarregado de vigiar a casa para averiguar se algum dos hóspedes parecia alemão ou americano. “Para emprestar um ar de verossimilhança”, disse Harel, ele ordenou que Dani fosse com uma mulher e escolheu Ada Efrat. Eles não viram ninguém que se assemelhasse a Mengele. No dia seguinte, a vigilância ficou a cargo de Lavi e do marido de Ada, Binyamin. Lavi tinha uma maleta com câmera e Harel mandou que fotografasse todos que chegassem e saíssem da casa. Mas tudo que viram foram crianças. E embora Lavi tenha usado a câmera, as fotos não saíram nítidas. Portanto foi impossível saber se o enteado de Mengele, Karl Heinz, estava entre elas. Na manhã seguinte, Binyamin perguntou ao carteiro se ele sabia o endereço de seu “tio”, um “dr. Menelle”. Contou que o carteiro sabia que o “dr. Menelle” morava na área, mas não tinha o endereço exato. O carteiro disse a Binyamin que um homem com aquele nome havia morado na pensão Jurmann, “até algumas semanas atrás […] talvez um mês”. Mas o carteiro não tinha o novo endereço e a agência de correio mais próxima também não. Cartas que haviam chegado para Mengele tinham sido endereçadas com seu verdadeiro nome, mas o gerente dos correios disse a Efrat que não tinha o novo endereço dele e que todas as suas cartas estavam sendo carimbadas para “retornar ao remetente”. [286]

Não querendo admitir a derrota, Harel decidiu seguir uma nova pista. Os israelenses tinham sido informados da pequena fábrica que Mengele montara numa garagem, onde havia empregado um punhado de pessoas para fabricar peças de máquinas usadas na área têxtil, assim como mobília e brinquedos de crianças. Sabiam que Mengele tinha usado em certo período o nome “Gregor”. “Havia sempre a esperança de que Mengele não tivesse cortado suas conexões com a garagem quando mudou de casa um mês atrás”, disse Harel. Ele instruiu Binyamin para inspecionar a garagem contando a história de que representava uma grande fábrica e precisava de uma grande quantidade de parafusos sextavados, não tendo conseguido encontrar nenhum à venda nas lojas. Na garagem, Binyamin disse à secretária que os tornos mecânicos do “sr. Gregor” lhe haviam sido recomendados e pediu para vê-los. Harel descreveu o encontro:

> A secretária pediu para que ele se sentasse e deixou o aposento. Binyamin ouviu-a falar com alguém do lado de fora, embora não conseguisse captar o teor da conversa. Ela voltou, inspecionou-o sem dizer uma

> palavra e saiu de novo. Alguns minutos depois, ela apareceu e disse a ele que não havia ali ninguém chamado Gregor e que não trabalhavam com tornos mecânicos. [287]

Harel achou que o comportamento da secretária indicava que ela obviamente conhecia um "sr. Gregor", do contrário teria dito de imediato que não conhecia o nome. Harel, então, deduziu que Mengele ainda mantinha algum contato com a oficina. Na realidade Mengele havia cortado todos os laços com a oficina há dois anos, embora os funcionários sem dúvida tivessem sido instruídos a não responder perguntas de estranhos sobre o "dr. Gregor". Seja como for, a ignorância de Harel era acadêmica. Ele desistiu de tentar encontrar Mengele por intermédio da oficina porque, como admitiu, os únicos agentes da Operação Eichmann que podia utilizar não tinham experiência em atividades secretas.

> […] se tivéssemos uma equipe de profissionais como a força-tarefa ocupada com Eichmann – que pudesse investir o tempo, a paciência e a habilidade necessários. Mas eu tinha à minha disposição – e só por alguns dias – um punhado de gente sem experiência em atividades secretas. Não tive opção a não ser desistir de tentar encontrar Mengele dessa maneira. [288]

Na realidade, Harel traçou um plano final para capturar Mengele antes de 20 de maio, a data-limite em que a aeronave Britannia da El Al tinha de partir de Buenos Aires com Eichmann a bordo. Ele passou com urgência um telegrama para Tel Aviv, instruindo-os a mandar no Britannia da El Al um grupo de seus homens treinados como comandos. O plano era invadir a pensão poucas horas antes do momento em que o Britannia devia retornar a Israel com Eichmann a bordo:

> Eu estava pensando numa operação de invasão à casa com o objetivo de verificar a identidade de todos os hóspedes e se Mengele estivesse lá simplesmente levá-lo pela força. O que eu tinha em mente era levar Mengele para o avião pouco antes da decolagem, depois que Eichmann estivesse em segurança a bordo; colocá-lo lá no último minuto. [289]

Harel enviou dois homens para fazer uma checagem final na pensão de Vicente Lopez. Binyamin Efrat se apresentaria como um reparador do aquecedor de água, enquanto Meir Lavi fingiria estar entregando uma encomenda. O

“reparador” conseguiu ter acesso e descobriu, como os vizinhos haviam dito, que havia americanos morando na casa – e que não havia sinal de Mengele. O “entregador” não conseguiu encontrar um pretexto plausível para ir até a casa. Na realidade só telefonou para a gerente americana e a interrogou sobre inquilinos anteriores. Harel ficou furioso com essa violação da segurança. A falha em cumprir as instruções poderia ter advertido Mengele, se ele tivesse estado na casa. Os resultados de Efrat e Lavi foram, disse Harel, uma amarga decepção:

> Embora eu soubesse que as possibilidades de encontrar Mengele nesse velho endereço fossem muito remotas, ainda assim esperei que a sorte pudesse estar do nosso lado. Foi difícil me conformar com o fato de termos perdido a oportunidade de capturar o médico assassino por não mais que algumas semanas.[290]

Harel ainda hoje acredita que apenas algumas semanas antes Mengele estivera na pensão. De fato Mengele havia passado a maior parte de seu tempo, desde maio de 1959, no Paraguai, embora fizesse visitas ocasionais a Buenos Aires para se encontrar com Martha e Karl Heinz. Pode muito bem ter sido como resultado de uma dessas visitas que os agentes de Harel encontraram pistas de sua presença.

De um modo ou de outro, a principal tarefa da equipe do Mossad ainda tinha de ser concluída. Às 21h30, os israelenses fizeram um Adolf Eichmann drogado passar com êxito pelos guardas de segurança no aeroporto internacional de Ezeiza e o colocaram a bordo do avião fretado da El Al.

Foi feita desde então uma tentativa grosseira de macular o prestígio dessa clássica e ousada operação com um conjunto de documentos preparados pelo SIDE, a organização de inteligência que se reporta diretamente ao presidente da República Argentina, na época Arturo Frondizi. Embora os documentos em si pareçam autênticos, o que eles relatam deve ser posto em dúvida.[291] O SIDE afirma que cada etapa do sequestro de Eichmann, da primeira à última, foi acompanhada pelos serviços de inteligência da Argentina, que souberam que agentes do Mossad estavam operando em Buenos Aires logo depois que eles

chegaram. Afirma inclusive que um funcionário da inteligência testemunhou todo o sequestro.

Os relatórios do SIDE estão parcialmente baseados num relatório do Departamento de Controle Externo da Coordenação Federal, a CIA da Argentina, que afirma ter "detectado a presença de comandos israelenses na República da Argentina desde dezembro de 1959". Diz-se que o comandante Jorge Messina, chefe do serviço de inteligência da Argentina, seguindo instruções diretas do presidente Frondizi, ordenou que todos os serviços de segurança da Argentina se abstivessem de interferir em ações israelenses e se limitassem a monitorar a conduta deles. O relatório afirma que a maior contribuição ao sucesso do sequestro de Eichmann ocorreu no aeroporto de Ezeiza, quando os israelenses tentavam fazer passar o drogado Eichmann como um membro doente da tripulação do avião. Diz-se que o inspetor Hector Rodriguez Morgado, da Polícia Estrangeira, substituiu o pessoal regular da imigração por seus próprios agentes e os instruiu a deixar os israelenses passarem sem incidentes.

Essas incríveis afirmações devem ser julgadas à luz do que deve ter sido o extremo embaraço dos serviços de inteligência da Argentina quando, às 16 horas de 23 de maio, o primeiro-ministro David Ben-Gurion fez um dos mais importantes pronunciamentos na curta história do parlamento de Israel, o Knesset:

> Tenho de anunciar […] que, há pouco tempo, um dos maiores criminosos de guerra nazistas foi encontrado pelos serviços de segurança israelenses: Adolf Eichmann, que foi responsável, juntamente com os líderes nazistas, pelo que chamaram a "Solução Final da Questão Judaica" – isto é, o extermínio de 6 milhões de judeus da Europa. Adolf Eichmann já está preso em Israel e em breve será levado a julgamento em Israel sob a Lei dos Nazistas e de Colaboradores do Nazismo de 1950. [292]

Se de fato o presidente Frondizi chegou ao limite absurdo de ordenar pessoalmente que seus serviços de inteligência ficassem no aguardo enquanto a soberania da Argentina era violada – dando inclusive assistência no aeroporto – porque não queria que os israelenses fossem entravados em sua tarefa, ele sem dúvida permitiu que uma elaborada cortina de fumaça fosse apresentada nas Nações Unidas. Em 5 de junho, a Argentina solicitou e obteve uma reunião

urgente do Conselho de Segurança que votou, por unanimidade, por condenar Israel pela “violação dos direitos soberanos da República Argentina”, resultante da “transferência ilícita e clandestina” de Eichmann para Israel. Mesmo países amistosos com Israel foram veementes em suas críticas. A ideia de que um presidente argentino tivesse maior responsabilidade com o Estado de Israel que com a soberania de seu próprio país é por certo fantasiosa. A explicação mais plausível é que os serviços de inteligência da Argentina foram surpreendidos de forma tão completa que tentaram acobertar a negligência falsificando seus relatórios após o sequestro.

O sequestro provocou uma torrente de retórica diplomática sobre a santidade da soberania e assemelhados. Sem dúvida havia sido uma violação de soberania. Contudo, o tumulto que afligiu a burocracia argentina quando, apenas algumas semanas mais tarde, a Alemanha Ocidental requereu a extradição de Mengele mostrou que a desconfiança de Israel era desde o início justificada. Alimentado pelo espasmo de justa indignação da Argentina, o sequestro de Eichmann desencadeou uma onda de antissemitismo que se espalhou pela América do Sul como fogo numa floresta. Diante do furor da ONU, não havia muita coisa que Israel pudesse fazer. Nesse meio-tempo, cemitérios judeus eram profanados, escolas hebraicas incendiadas, diversos restaurantes judeus metralhados e sinagogas sofriam atentados a bomba. Na Colômbia, os nazistas realizaram um serviço fúnebre para os criminosos de guerra executados em Nuremberg. Grupos de jovens fascistas fizeram comícios em quase toda capital sul-americana. A casa do embaixador israelense em Montevidéu sofreu um atentado a bomba. Uma jovem mulher judia, Graciella Sirota, que acreditavam ser filha do proprietário da casa segura onde Eichmann tinha sido mantido pelos israelenses, foi sequestrada, sexualmente violentada e torturada com uma suástica em brasa marcada no seio. Outra jovem judia, Merta Penjerek, suspeita de ter levado comida para a casa segura durante a detenção de Eichmann, foi sequestrada e assassinada. O destacado estudioso judeu Maximo Handel foi atacado por um grupo de bandidos nazistas que o espancaram até deixá-lo inconsciente e cortaram suásticas em seu corpo.[293] A despeito das explosões de antissemitismo, Harel insistiu em sua tentativa de localizar Josef Mengele. “Mengele”, disse ele, “queimava como um fogo nos meus ossos”.

De volta a Tel Aviv, Harel montou uma unidade especial para localizar importantes criminosos nazistas, com Mengele encabeçando a lista. O quartel-general dessa operação foi a base europeia do Mossad em Paris. O homem no comando foi o formidável interrogador de Eichmann, Zvi Aharoni, que tinha feito os levantamentos finais em Buenos Aires antes que a equipe de sequestro se movesse. Harel havia garantido a transferência permanente de Aharoni do Shin Bet para o Mossad.

Da primavera de 1961 ao final de 1962, vários agentes da equipe da Operação Eichmann foram mandados para a Europa e a América do Sul. Na Europa, a missão era tentar penetrar no círculo da família de Mengele e seguir seu mentor, o ás da Luftwaffe Hans Rudel. Na América do Sul, a tarefa era infiltrar-se entre os amigos nazistas de Mengele. Harel afirmava que a tentativa de capturar Mengele exigia mais dinheiro e pessoal que a Operação Eichmann. Mas o próprio Harel ia pagar um alto preço. Embora desfrutasse da lealdade e do respeito da maioria de sua equipe, existiam aqueles fora do Mossad que acreditavam que os polpudos recursos da agência deveriam ter sido usados, de maneira mais produtiva, em outros lugares. Embora na época Harel não soubesse disso, sua decisão de se concentrar em encontrar nazistas à custa de outras tarefas prementes marcou o início do fim de uma carreira notável – e o fim da caçada a Mengele.

CAPÍTULO 8

Um Passo à Frente

Lembranças do aconchego de Günzburg e do esplendor do ondulante pasto bávaro eram agora apenas pontadas de dor nostálgica para Josef Mengele. A América do Sul seria uma sentença de morte após o sequestro de Eichmann, isso estava claro. Um período de perturbadora ansiedade se seguiu enquanto Mengele e outros fugitivos esperavam notícias do destino final de Eichmann depois de ter se espalhado a notícia de que ele estava desaparecido, possivelmente sequestrado e em mãos israelenses. “Um dos amigos do meu pai, também membro da SS, organizou uma rede de checagens nos portos e aeroportos”, disse o filho mais velho de Eichmann, Nicholas. “Não havia porto, estação ferroviária, aeroporto ou interseção importante em que não houvesse um ou quatro homens estacionados [na esperança de interceptar Eichmann quando seus sequestradores tentassem levá-lo para fora do país]. Foi assim que os ‘peixes pequenos’ se adiantaram para ajudar, enquanto o ‘peixe grande’ simplesmente fugia”. [294]

Escondendo-se na fazenda de Alban Krug no sul do Paraguai, um “peixe grande” estava tremendo como água-viva. O antigo herói da Cruz de Ferro foi tomado pelo pânico ao ver seus piores medos confirmados pelo anúncio de Ben-Gurion no parlamento israelense. Alguns dias depois, Mengele escreveu que a “situação [havia] se tornado incontrolável”. Sua decisão de se mudar em caráter permanente para o Paraguai um ano antes havia sem a menor dúvida entristecido

a esposa, Martha, que argumentava que ele ainda estaria seguro em Buenos Aires. Mas Mengele não tinha intenção de voltar para lá:

> Parece-me que as coisas estão chegando a um ponto crítico e podem trazer uma solução drástica. Finalmente todos vão reconhecer como era correta uma conduta anterior e como, nessa época, o conselho deles era absurdo. Isso é agora incontestável. Mas ninguém deve culpar os outros. Só eu sabia e devia saber o que devia e não devia fazer. Espero que os que me são próximos reajam agora de maneira sensata e razoável para não colocar outra vez em risco o novo começo. O que é, não obstante, deprimente é como toda a situação se tornou incontrolável. Apesar disso, estou de algum modo num bom estado de espírito e otimista. [295]

Para Mengele a situação se tornara "incontrolável" porque, ao contrário da mitologia popular, ele não tinha uma rede de guardas armados e a proteção do presidente Stroessner. Na verdade, o ministro do interior paraguaio, Edgar Ynsfran, era o único membro importante do governo que tinha alguma ideia sobre os antecedentes de Mengele nos tempos de guerra. Isso fora explicado por Hans Rudel, em caráter confidencial, quando ele solicitou que o pedido de cidadania de Mengele fosse atendido o mais rápido possível devido a "problemas no país dele". A dura verdade era que a única proteção com que Mengele podia contar era a de Alban Krug. Krug pode ter sido um homem musculoso, mas seu arsenal consistia exatamente em uma pistola. O que lhe faltava em poder de fogo, no entanto, Krug compensava pela lealdade ao hóspede fugitivo. Seu irmão, Ewald, explicou:

> Como é possível que um homem sozinho [Mengele] tenha matado tanta gente? Na verdade ele salvou várias vidas em Auschwitz […]. Mengele fez coisas diferentes do que dizem. Estava lá para selecionar aqueles que iam viver e os que iam morrer. Você não acha que na realidade ele fazia isso para salvar vidas? Por que Rudolph Hess ainda está na prisão? Ele é um homem muito velho. Olhe o que os judeus fizeram com Eichmann – foi terrível. Essas pessoas só querem envergonhar os alemães.
>
> A culpa é toda dos Estados Unidos, que se deixam controlar pelos judeus. Os verdadeiros criminosos de guerra, por terem destruído a Alemanha, estão nos Estados Unidos. A Alemanha foi a última esperança do mundo para conter o comunismo. Mas não acredite que a Alemanha está destruída. Os Estados Unidos não ganharam a guerra e há pessoas que estão prontas para nos ajudar aqui na América do Sul. [296]

Enquanto Mengele estava temendo por sua vida no Paraguai, em Buenos Aires o trâmite burocrático envolvendo o pedido de extradição da Alemanha Ocidental progredia a um ritmo lento. Como Martha continuava residindo em Buenos Aires, os alemães ocidentais acreditaram que Mengele voltaria para lá. Mas o mandado de prisão demorou tanto tempo para ser processado que, no momento em que ganhou *status* legal na Argentina, Mengele já estava se escondendo na casa de fazenda de Alban Krug no Paraguai.

O processo de extradição tinha começado com toda a devida urgência e sigilo. Em 7 de junho de 1959, dois dias após o mandado de prisão ter sido emitido, o Ministério do Exterior em Bonn mandou um telegrama para a embaixada alemã ocidental em Buenos Aires mandando-a fazer consultas sobre as perspectivas de extradição. Mas então começaram as delongas. Sua Excelência, o embaixador, o ex-nazista Werner Junkers, estava no comando (havia sido ele o plenipotenciário especial de Ribbentrop nos tempos de guerra para a região sudeste da Iugoslávia). Junkers afirma agora não se lembrar de nada relacionado ao caso Mengele enquanto sua embaixada estava lidando com a extradição, embora na época o caso tenha atraído um enorme interesse dos jornais europeus e sul-americanos. Vale a pena registrar na íntegra uma entrevista feita em 1985 pela televisão alemã com o ex-embaixador:

Entrevistador: O senhor se defrontou com o caso Mengele em seu período como embaixador?

Junkers: Não consigo me lembrar.

Entrevistador: Em 1959, durante seu período como embaixador, foi emitido o primeiro mandado internacional de prisão. O senhor sabe alguma coisa a respeito disso?

Junkers: Não, não sei nada a esse respeito.

Entrevistador: Em 1959 ou 1960, um mandado de extradição foi enviado para as autoridades argentinas. O senhor sabe de alguma coisa a esse respeito?

Junkers: Não, também não sei nada a esse respeito.

Entrevistador: Quando era embaixador, ouviu alguma vez o nome “Josef Mengele” ser mencionado?

Junkers: Não que eu me lembre. [297]

Amnésia de Junkers à parte, a primeira de muitas etapas num complexo pedido de extradição se prolongou por uma extraordinária extensão de tempo. Por razões nunca explicadas de modo satisfatório, o cônsul-geral da Argentina em Munique, Alberto A. Maddonni, só recebeu o mandado em 11 de março de 1960, num total de nove meses após sua emissão. Outros dois meses se passaram antes que Maddonni autenticasse e assinasse o mandado em reconhecimento da corte alemã ocidental e o enviasse para seu governo em Buenos Aires. [298] Uma vez em Buenos Aires, o documento teve de passar pela embaixada da Alemanha Ocidental para chegar ao Ministério do Exterior e assuntos religiosos da Argentina, que então o entregou ao presidente do Senado, José Maria Guido. Guido remeteu-o ao procurador-geral, que por sua vez o transferiu ao juiz Raul Centeno, da Corte Federal Número Um. Por fim, em 30 de junho de 1960, um ano e 23 dias depois de terem começado os procedimentos de extradição, o caso foi designado ao juiz Jorge Luque, da Corte Distrital Número Três. Só então a polícia pôde dar início à sua busca por Mengele. Mas a questão da extradição, se Mengele fosse capaturado, seria decidida pela corte. [299]

Notícias sobre o pedido de extradição da Alemanha Ocidental foram divulgadas na última semana de junho, quando o presidente argentino Arturo Frondizi fazia uma visita de Estado a Bonn. Disse Frondizi, numa conferência de imprensa, que seu país “não tinha intenção de proteger criminosos da justiça que eles merecem”. Mas, continuou ele, os alemães ocidentais teriam de fornecer provas dos crimes de Mengele antes que ele fosse enviado de volta para julgamento. Aludindo ao sequestro de Eichmann apenas dois meses antes, o presidente disse: “Algum tipo de reparação seria buscado junto ao governo israelense”. [300] Em contrapartida, uma carta enviada ao *Herald Tribune*, em Paris, nesse mesmo dia, expressava uma visão compartilhada por muita gente ao redor do mundo:

> Em vez de levantar a questão da “punição” dos “voluntários” israelenses pelo sequestro de Eichmann, não seria melhor fazê-los voltar mais uma vez para recolher também Mengele para nós? [...]. Sem dúvida

> alguma coisa deu muito errado e ficamos um tanto distraídos das necessidades vitais da justiça quando começamos a discutir e achar que “direitos de soberania foram postos perigosamente em risco”. [301]

No Paraguai, nesse meio-tempo, os amigos de Mengele receberam com descrença as notícias de que ele era procurado por atrocidades em Auschwitz. O capitão Alejandro von Eckstein disse:

> Quando isso começou a vir à luz, ele nos disse que foi forçado a fazer alguns daqueles experimentos e que na realidade não realizou os experimentos sobre os quais tanto se escreveu. Ele comentou que tinha de fazer o que lhe era ordenado porque, caso não cumprisse as ordens, eles o jogariam na mesma área onde os outros estavam. Também disse que ajudou bastante gente que estava muito doente no campo, mas que nada de positivo foi relatado sobre seu trabalho. [302]

Outro patrocinador da cidadania de Mengele, Werner Jung, disse que estava “chocado, realmente chocado. Não tive a oportunidade de interrogá-lo sobre isso porque eu já tinha retornado à Alemanha quando o assunto veio à tona”. Mas a esposa de Jung, Margaret, estava convencida de que as acusações eram falsas. Chegou inclusive a afirmar que o patologista de Mengele em Auschwitz, Miklos Nyiszli, que fez a declaração mais detalhada sobre seus experimentos, “é o pseudônimo de alguém que nunca existiu”. [303]

Werner Schubius, um dos colegas de negócios de Jung, que ainda mora em Asunción, também acreditava que as acusações foram inventadas:

> Dissemos depois de nos encontrarmos com ele: “Não existe a possibilidade de que ele tenha feito essas coisas”. Estou convencido disso. Se fez alguma coisa foi apenas porque estava cumprindo ordens. Só posso imaginar Mengele como um ser humano e como ser humano ele tem minha simpatia. Era modesto e culto, muito mais culto que nós. [304]

Mas, na costa oeste da América, um ex-amigo de Mengele estava perplexo. Ao abrir o jornal matinal, o executivo têxtil judeu de Buenos Aires viu uma foto do homem com quem quase tinha entrado em sociedade alguns anos atrás. “Simplesmente não acreditei”, disse ele. “Telefonei de imediato para a moça que havia nos apresentado e disse a ela: ‘E pensar que ele tinha sido nosso amigo’.

Ela disse que haviam acabado de pegar o jornal e tudo que fizeram foi olhar para a foto sem acreditar.” [305]

Para Mengele, abrigado na casa de fazenda de Alban Krug, no sul do Paraguai, as coisas iam de mau a pior. No final de julho, o grande amigo de Mengele, Frederico Haase, o arquiteto argentino que o apresentara a tantos de seus importantes contatos paraguaios, caiu de uma escada num canteiro de obras em Asunción e morreu. Fica claro na lúgubre entrada do diário de Mengele, em 31 de julho, que os efeitos combinados do sequestro de Eichmann e do mandado argentino para sua prisão o fizeram pensar em suicídio:

> Como a chuva que cobriu a terra, a dor tomou conta de mim. Um grande, generoso e velho amigo deixou-me para sempre. Sua perda sem dúvida é insubstituível. Por ora, só posso me obrigar a acreditar que nunca poderei ver de novo esse amigo, que estava sempre otimista e disposto a ser brincalhão em qualquer tipo de situação. Ele ainda vive em mim.
>
> A prova de sua boa vontade, sua benevolência e sua camaradagem está muito viva para que eu possa conceber que há dois dias atrás ele me disse adeus para sempre. Mas foi isso mesmo que aconteceu. A notícia do rádio não deixou dúvida. Mas seu espírito e seu amor deixaram um impacto tão impossível de extinguir que esse amigo estará sempre presente ao nosso lado. Foi ele quem pediu que eu me mantivesse firme e me deu nova energia quando eu estava duvidando da futura razão de viver. “Você não deve desistir agora e perder a coragem! Isso é exatamente o que os outros querem com a caçada que fazem”, ele me disse e nos despedimos tarde da noite. Suas palavras, meu caro amigo, serão seu último legado e meu dever mais profundo. [306]

Mengele continuou durante vários dias nesse estado emocional após a morte de Haase e estava assustado demais para comparecer ao funeral. Em 5 de agosto, ele escreveu:

> Repetidas vezes meus pensamentos se voltam para o trágico destino do meu bom amigo. Agora ele já deve estar descansando sob a terra. Se ao menos eu pudesse ajudar a cuidar de sua esposa. Será que o filho já voltou da D [Deutschland – Alemanha]? De fato ele perde algo insubstituível com seu pai. A morte do pai é uma ruptura no curso de seu desenvolvimento, tanto mental quanto profissional.

Mengele não demorou a ter outra fonte de angústia. Em agosto, histórias detalhadas de seus crimes estavam aparecendo na imprensa alemã. Um lote de reportagens de revistas e jornais lhe foi entregue por um amigo que ele chamou “Don C” e que aterrissou num campo de pouso particular perto da fazendo dos

Krug. “De repente ouvi o barulho de um motor […]. Era ‘Don C’ que estava chegando”, Mengele escreveu em 15 de agosto. “Ele correra o risco de passar por aqui. Passamos uma boa tarde de domingo e conversamos sobre o doloroso acontecimento e sobre muitos assuntos pessoais.”

Naquela noite Mengele leu atentamente os relatos da imprensa, “que me fascinaram até de madrugada”. Ele foi para a cama profundamente perturbado. Os judeus, tinha certeza, estavam por trás das “mentiras” que manchavam seu nome:

> É inacreditável o que se permite que seja escrito de maneira difamatória nas revistas alemãs. As revistas são a prova ilustrada da falta de caráter e da falta de uma atitude adequada do atual governo alemão, que tolera tamanho aviltamento. A mentira política triunfa, e a época e a história têm sido vergadas, deformadas. Há um gotejar de “humanitarismo e cristianismo”, onde “Deus” é muitas vezes citado. Por trás de tudo isso existe apenas uma coisa: todo o ódio do Antigo Testamento com relação a tudo na consciência alemã, heroica e verdadeiramente superior.

Mais ou menos nessa época, uma datilógrafa da embaixada alemã ocidental em Asunción ficou frente a frente com Mengele quando visitava a colônia alemã em *Colonia Independencia*, onde deslocou o tornozelo. No retorno a Asunción, contou ao pessoal da embaixada que um médico alemão, chamado Mengele, havia posto seu tornozelo no lugar. Ela não sabia que ele era um nazista procurado e perguntou por que a embaixada não tinha registros de um médico alemão morando na área com aquele nome. O encarregado de negócios, Peter Bensch, foi ao sul do Paraguai: investigar:

> Fiz algumas perguntas e ficou claro para mim que Mengele estivera lá usando seu nome verdadeiro. Não estava clinicando como médico em tempo integral, mas numa base ocasional, eu pensei, porque dependia da boa vontade das pessoas locais. Não havia segredo acerca de seu nome. Mas eu pessoalmente nunca o encontrei. Conheci Alban Krug. Ele não admitiu que tivesse ajudado Mengele, embora fosse claro que tinha ajudado vários nazistas que cruzaram a fronteira vindo da Argentina. [307]

O incidente levanta questões importantes sobre o grau de coordenação e determinação da caçada alemã ocidental. Apesar da iniciativa de Bensch no Paraguai, seus colegas na embaixada de Buenos Aires, a 1.600 quilômetros de distância, processavam com muita tranquilidade o pedido de extradição aos

argentinos. Parece não ter havido tentativa do Ministério do Exterior em Bonn de esclarecer as pistas conflitantes sobre a exata localização de Mengele pondo seus próprios agentes no terreno. Os alemães ocidentais estavam caçando Mengele com pedaços de papel, a partir de embaixadas, confiando em palpites, mas nunca atuando na área. O que tornava a conduta de Bonn ainda mais questionável era seu conhecimento de que era improvável, apesar das palavras otimistas do presidente Frondizi, que o pedido de extradição fosse aceito.

Em primeiro lugar, não havia tratado de extradição com a Argentina. Em virtude disso, o caso tinha de ser submetido ao procurador-geral argentino para um parecer de acordo com o artigo 652 do código penal argentino. Se o parecer fosse apresentado, o Ministério do Exterior tinha de decidir se a extradição servia "aos melhores interesses da Argentina", fosse lá o que isso pudesse significar. Se o Ministério do Exterior concluísse que servia ao melhor interesse, o caso ficaria sob a responsabilidade de uma corte argentina. Mas, como Bonn fora advertida informalmente, era provável que o procurador-geral argentino fizesse objeções, já que o caso era um "assunto político, ocasiões em que ele costuma recusar a extradição". [308]

Não obstante, os alemães ocidentais estipularam uma recompensa de 20 mil marcos pela cabeça de Mengele numa tentativa de despertar algum interesse entre os argentinos. Era a primeira vez que a Alemanha oferecia dinheiro vivo por informações que levassem à captura de um nazista procurado por crimes de guerra. A recompensa foi amplamente divulgada pela imprensa sul-americana na esperança de estimular um informante confiável. Não apareceu ninguém.

A busca foi deixada a cargo do temível juiz Jorge Luque, a quem o caso fora confiado pelo Ministério do Exterior argentino. Embora tenha se lançado com vigor à sua tarefa, ele não sabia que Mengele há muito havia fugido em caráter permanente da Argentina. Luque estava orgulhoso em pegar o caso. Sentia que algumas velhas marcas patrióticas precisavam ser atingidas após o caso Eichmann:

> Era um caso de grande destaque e me oferecia a oportunidade de realizar algo pela Argentina. Eu queria desesperadamente capturar Mengele para mostrar ao mundo, sobretudo aos israelenses, que a Argentina

era um membro cumpridor da lei na comunidade legal internacional. Queria mostrar aos israelenses que o emprego de métodos ilegais para capturar Eichmann tinha sido desnecessário. [309]

Era uma aspiração nobre, mas um tanto ingênua em vista do complicado processo legal em que os argentinos estavam insistindo – legalidades particularmente inexplicáveis, já que Mengele não era um cidadão argentino e tinha violado as leis de imigração prestando declarações falsas quando chegou ao país em 1949. Nem era Luque ajudado pelo fato de o primeiro conjunto de papéis de extradição ter sido redigido em alemão, quando a lei requeria que fossem entregues em espanhol. Mas o que de fato expunha a frágil abordagem dos alemães ocidentais era a informação desatualizada que a embaixada havia fornecido sobre os diversos refúgios de Mengele. Alguns endereços eram apenas nomes de rua, sem menção do bairro. Como a província de Buenos Aires é mais ou menos do tamanho da Itália, a tarefa de localizar as ruas era quase impossível. Por exemplo, um endereço dado pelos alemães era Calle Sarmiento, 1.875. Isso significava que a polícia tinha de inspecionar cinco locais diferentes, separados por muitos quilômetros uns dos outros, antes de poder se certificar de ter coberto todas as possibilidades. A incapacidade dos alemães de fornecer endereços precisos criava atrasos adicionais num caso que já tinha sido muito prolongado.

Alguns dos endereços fornecidos pelos alemães estavam errados. O primeiro endereço que sugeriam que fosse checado era Calle Vertiz, 968. Ele na verdade não existia. Depois de dois dias de uma busca sem resultados, a polícia concentrou o foco na Calle Virrey Vertiz, a ruela sem saída que dava para os fundos do antigo palácio de Juan Perón na rua Campo Grande, no bairro de Olivos, em Buenos Aires. O número da casa de Mengele era na verdade 970. Embora vizinhos informassem que o conheciam, todos disseram que há vários meses não o viam. A polícia comunicou a Luque que ele não deixara nenhum vestígio. Mas Luque era desconfiado:

Eu tinha certeza de que a polícia havia obtido informações adicionais sobre o paradeiro de Mengele, mas que me estavam sendo sonegadas. Nunca consegui provar isso, mas pode ter havido um suborno da família de Mengele. [310]

Outro destacamento policial seguiu o rastro de Mengele até uma pensão no número 1.074 da Calle 5 de Julio, em Vicente Lopez. Desconhecidas deles, eram as mesmas instalações que os israelenses haviam inspecionado em maio. Ao contrário dos agentes do Mossad, a polícia encontrou Bergilda Jurmann, a proprietária alemã que, segundo Eichmann dissera a seus interrogadores, estava protegendo Mengele. Mas não havia sinal do casal americano que os israelenses tinham encontrado gerenciando a pensão. Talvez Frau Jurmann, por coincidência, tivesse alugado a casa quando os israelenses estavam investigando. Questionada pela polícia, ela admitiu que conhecia a esposa de Mengele, Martha, e o enteado, Karl Heinz, que ela chamava de "Carlos Enrique". Mas Jurmann afirmou que ela mesma nunca encontrara Mengele.[311]

A polícia, nesse meio-tempo, estava ficando frustrada por correr de um endereço errado para outro. Luis Acerbo, chefiando a caçada no Distrito Policial Número Três, perguntou a Luque se não podia ser retirado do caso. "Embora andemos motivados e muito atentos para encontrar e deter Josef Mengele", escreveu ele, "nenhuma das pistas se mostraram positivas, em parte porque a informação fornecida sobre as localizações das casas em Olivos e Vicente Lopez foi incorreta".

Tendo sido mal-sucedido na província de Buenos Aires, o juiz Luque pediu que a polícia argentina mobilizasse seus recursos para uma busca nacional. A princípio Luque não teve êxito. Seu pedido não foi aceito pelo chefe da Polícia Federal, o almirante Ezequiel Niceto Vega.[312] "Ele me disse que não ia desperdiçar o tempo da força da policial procurando um estrangeiro que não tinha cometido nenhum tipo de crime na Argentina", Luque declarou. Duas semanas depois, Vega cedeu. Em 19 de julho foi telegrafada para todas as delegacias de polícia a seguinte mensagem:

> Todas as delegacias devem se empenhar na captura de José ou Josef Mengele, identidade número 3.940.848, filho de Karl e Walburger [*sic*] Hupfauer, nascido em 16 de março de 1911, em Günzburg, província da Baviera, Alemanha Ocidental; ele é casado com sua segunda esposa, Marta [*sic*] Maria Will; tem estado com frequência na Calle 5 de Julio, 1.074, em San Isidro, província de Buenos Aires, e morou em Virrey Vertiz, 790 [*sic*], em Vicente Lopez, província de Buenos Aires. O processo número 575 da República Federal da Alemanha requereu a extradição de Josef Mengele, distribuído aos gabinetes 674 e 704 do juiz federal de San Martin, província de Buenos Aires, dr. Jorge Luque.[313]

O caos que cercava a caçada argentina não proporcionou grande conforto a Mengele. Notícias de buscas casuais foram levadas a ele por Martha e Karl Heinz, que ainda conseguiam fazer alguma visita ocasional a seu esconderijo paraguaio na fazenda de Krug. Mas não eram os argentinos ou os alemães ocidentais que Mengele temia – eram os israelenses, como mostra seu diário. “Estou sendo protegido da melhor maneira possível pelo ‘Administrador’ e seu filho”, escreveu sobre Alban e Oscar Krug em 24 de agosto de 1960. O que ele então não sabia era que os israelenses tinham uma força-tarefa de agentes já em operação, alguns residindo em caráter permanente na América do Sul. Ela incluía a vigilância das viagens de Martha partindo de Buenos Aires, assim como de Alban Krug e sua família. A estratégia do Mossad era de longo prazo. Eles não tinham ilusões sobre a dificuldade de encontrar e capturar o esquivo Mengele.

Em setembro de 1960, Mengele concluiu que a captura pelos israelenses seria inevitável se ele continuasse na fazenda Krug. Resolveu, então, sair do Paraguai e começar vida nova em outro lugar. A escolha foi o Brasil. “A forte mudança no meu entorno ficará por certo refletida no que escrevo”, anotou ele. Durante seis semanas não houve entradas em seu diário. “Aconteceu muita coisa nesse período”, Mengele explicou mais tarde. “Por certos motivos que não posso explicar, não posso escrever sobre isso.”[314] No final de outubro, Mengele tinha deixado a fazenda de Krug e cruzado a fronteira do Brasil. Ao se despedirem dele, Alban Krug e Hans Rudel apertaram sua mão, e Krug o advertiu: “Para você a guerra ainda não acabou – tenha cuidado”. Em 24 de outubro, Mengele já estava em seu novo destino. Ele anotou que acabara de encontrar um “colega de pensão” que era versado em “astronomia e astrofísica […]. Eu sempre quis encontrar alguém que entendesse mais dessas coisas que os habituais compêndios sobre o assunto. Para minha surpresa, esse desejo foi atendido no meu novo ambiente”.

Esse “novo ambiente” era sem dúvida uma cidade, muito provavelmente São Paulo. Em 27 de outubro o diário fala de uma nova vida numa grande cidade:

> O horizonte espiritual do meu novo entorno é tão diferente quanto o verdadeiro horizonte. Até agora a paisagem vasta e plana era a principal característica do país, mas agora são os “montes”. A 10 metros de minha janela, o único abrigo do tráfego é minha cerca viva. O tráfego do subúrbio com carros, ônibus e caminhões está pulsando, sobretudo nas primeiras horas da manhã e da noite, quando a cidade expele suas massas. À medida que o tempo passa, a pessoa se habitua a esses barulhos da civilização, com os quais hoje em dia milhões de pessoas conseguem conviver com tranquilidade.

O significado da partida apressada de Mengele do Paraguai, a meses do sequestro de Eichmann, é que ele não achava que pudesse confiar numa proteção completa do governo paraguaio. Todas as imagens criadas por alguns caçadores de nazistas e jornais – de um fugitivo esquivo cercado de guardas armados – se dissolviam. Segundo um alemão intimamente conectado ao governo paraguaio, o nome de Mengele só atraiu a atenção de Stroessner no final de 1960, quando um jornal informou que ele poderia ter se escondido no Paraguai. Stroessner telefonou para o ministro do interior, Edgar Ynsfran, e perguntou quem era Mengele. “Ynsfran lhe disse para perguntar a Rudel”, contou o alemão, “o que ele fez. Rudel disse que Mengele era apenas um perito de laboratório que havia trabalhado numa fábrica química durante a guerra e que não fez nada do que diziam os jornais. Isso bastou para Stroessner.” [315]

O homem que deu a Mengele sua “tábua de salvação” para o Brasil foi um nazista de 36 anos e ex-chefe da Juventude Hitlerista na Áustria, Wolfgang Gerhard. Ele chegara ao Brasil em 1948, deixando a Europa porque não podia mais tolerar “a opressiva ocupação aliada”, embora não gostasse do Brasil, que estava cheio de “pessoas meio simiescas, de uma raça doente e secundária”. Ele se tornou editor de um jornaleco antissemita e fascista chamado *Der Reichsbrief*, o “Jornal do Reich”. Gerhard é descrito, mesmo por amigos íntimos, como “um nazista fanático, fervoroso”. O elo de ligação entre Mengele e Gerhard fora um colega nazista que conhecia os dois – Hans Rudel. Rudel e Gerhard eram amigos e ambos conheciam a família que Gerhard selecionara para Mengele no Brasil.

Mengele apelidou Gerhard, de 1,83 metro, de “o Homem Alto”, ou *Lange* em alemão. Gerhard ajudou Mengele a encerrar seus assuntos financeiros no Paraguai vendendo algumas terras por declarados 20 mil dólares. Em 23 de novembro de 1960, Mengele estava confiante de que os arranjos que Gerhard tinha feito garantiriam sua sobrevivência. “Espero o melhor e considero o

problema resolvido", escreveu ele. Seu filho, Rolf, disse que achava que o pai tinha reunido uma pequena fortuna, "pelos padrões de vida sul-americanos", com a venda de suas terras paraguaias.

Desse ponto em diante, a vida de Mengele mudou de maneira decisiva. Ser esposa de um fugitivo não era vida para Martha ou seu filho de 16 anos. Ela e Mengele concordaram em se separar. Mengele desenvolvera um grande afeto por Karl Heinz, e o tatava mais como filho que seu próprio garoto, Rolf. Pouco antes de Martha e Karl Heinz voarem para a Alemanha, Mengele escreveu:

> Não preciso me preocupar com minha família, pelo menos não do ponto de vista financeiro. Karl Heinz tem se esforçado na escola e já conquistou boas notas. Essas coisas não são muito importantes, mas quero anotá-las porque me dão alegria. Como me sinto infeliz por não poder cuidar da educação do meu próprio filho. Eu mesmo adoraria ter iniciado a instrução de Rolf, até onde isso é possível por meio de correspondência. Quanto a Karl Heinz, não tenho quaisquer preocupações sobre sua filosofia de vida, apesar de ele ter vivido num ambiente tão estranho. [316]

Mas Rolf, então com 16 anos, estava lutando com dificuldade para chegar a uma conclusão sobre quem era de fato seu pai. A mãe, Irene, havia recentemente permitido que seu padrasto, Alfons Hackenjos, lhe revelasse a identidade do homem que ele havia chamado de "tio Fritz" nas férias em que esquiaram nos Alpes suíços, em 1956. Rolf se lembrava do acontecimento e de como ele o afetou na época:

> Sempre me disseram que meu pai havia desaparecido na Rússia. Meu pai sempre fora o dr. Mengele, que falava grego e latim e tinha sido tão corajoso.
>
> Foi por volta de 1960 que Hacki (Alfons Hackenjos) me disse que o tio Fritz era meu pai. Aquilo foi muito desagradável e embaraçoso para mim. Agora eu entendia porque um dia, alguns anos antes, quando mostrei a Hacki uma foto do meu pai de uniforme, ele ficou desconcertado e não gostou.
>
> Agora que me disseram a verdade, eu teria preferido outro pai.

Os jornais estavam cheios de histórias sobre os crimes de seu pai. O jovem Rolf estava confuso. Estava também um tanto enciumado. Quando Karl Heinz e Martha retornaram a Günzburg, Rolf se sentiu como um forasteiro. "Karl Heinz tinha morado com meu pai e pensei: 'Aquele não é o pai dele, é o meu pai'", disse Rolf. Na escola os professores se queixavam de que Rolf era preguiçoso.

Atribuíam isso a um “trauma paterno”; era de se esperar com um pai como o dele, diziam. [317]

O Natal de 1960 foi um momento sombrio e deplorável para Mengele. A família já tinha partido para a Europa, e o presente de Martha não chegou. Em 28 de dezembro ele escreveu:

> De novo o Natal se foi. Um dos mais desagradáveis que já passei em minha vida. Os detalhes são tão tristes que nem quero falar sobre isso. Mas me lembrarei dele pelo resto dos meus dias.

Quinze anos depois de Auschwitz, e aos 49 anos de idade, Josef Mengele tinha por fim começado, de um modo bem limitado, a sofrer pelos seus crimes.

CAPÍTULO 9

O Homem na Torre de Vigia

O salvador de Mengele no Brasil, Wolfgang Gerhard, era um nazista dos mais fanáticos. Todo Natal, enfeitava sua árvore com uma suástica. “Sempre temos de cuidar das suásticas”, costumava dizer. Comentava com amigos que sonhava em “prender um cabo de aço na perna de Simon Wiesenthal (o caçador de nazistas baseado em Viena) e arrastá-lo até a morte puxado pelo meu carro”. A esposa, Ruth, nascida no Brasil, não era menos perturbada. Certa vez, deu à sua senhoria duas barras de sabão, nas embalagens originais de 1943, feitas dos cadáveres dos internos de Auschwitz. [318]

Depois de servir nos tempos de guerra como líder da Juventude Hitlerista em Graz, na Áustria, Gerhard continuou sendo fascista pelo resto de sua vida. Chegou inclusive a batizar o filho de “Adolf”. “Wolfgang não fazia mistério de ser 150% nazista”, recordou um ex-colega de trabalho. No Brasil, as informações sobre o que fazia eram vagas, indo da posse de uma pequena oficina de estamparia em tecidos ao trabalho numa agência de publicidade ou como soldador. Mas o que tornou Gerhard útil para Mengele foi que ele lidava com imóveis.

Pequeno proprietário, Gerhard conhecia pessoas com sítios e chácaras que ficavam afastados das estradas principais, ideais para um homem como Mengele, procurando agora, com desespero, um abrigo no Brasil. Gerhard fora apresentado a Mengele no Paraguai por Hans Rudel, o ás da Luftwaffe. Rudel

pediu que Gerhard ajudasse seu amigo a encontrar um novo refúgio no Brasil, e Gerhard não perdeu a oportunidade. Jovem demais para ter desempenhado um papel importante durante a guerra, Gerhard apreciou a chance de proteger um dos mais notórios criminosos de guerra do Terceiro Reich. Inicialmente, deixou Mengele ficar no seu sítio em Itapecerica, a cerca de 70 quilômetros do centro de São Paulo. Depois de alguns meses, Gerhard apresentou Mengele à família que tinha escolhido para atuar como seus novos protetores. Tinham o sobrenome Stammer e eram um casal húngaro, que se mudara para o Brasil em 1948 para escapar da Cortina de Ferro que se fechava na Europa. Mengele passaria os próximos treze anos com eles.

Gerhard havia conhecido Geza Stammer e sua esposa, Gitta, em 1959, numa noitada especial para expatriados austro-húngaros. “Poderíamos dizer que éramos firmes anticomunistas”, disse Gitta, “mas não éramos nazistas”. Mesmo assim, os Stammer compartilhavam com Gerhard algumas visões revisionistas nada palatáveis. “Acho que algumas coisas sobre o Holocausto podem ter sido inventadas”, disse Gitta. “É difícil as pessoas acreditarem que todas essas coisas são mesmo verdade.” [319]

Segundo os Stammer, Gerhard apresentou Mengele a eles – com o nome de “Peter Hochbichler”, um suíço – como um administrador adequado para uma fazenda de 15 hectares em que estavam planejando investir. A fazenda produzia café, arroz, frutas e gado de leite numa remota comunidade alemã perto de Nova Europa, 320 quilômetros a noroeste de São Paulo. “Gerhard disse que tinha um amigo, um conhecido, um homem sozinho que gostava da vida no campo, longe das cidades”, disse Gitta Stammer. “Disse que ele poderia ser de grande ajuda para nós.” [320] Gerhard disse aos Stammer que “Hochbichler” não era apenas um experiente criador de gado, mas que também havia herdado há pouco tempo algum dinheiro, que queria investir num imóvel no Brasil. Para os Stammer, era uma proposta atraente, sobretudo porque um par adicional de mãos preencheria a lacuna deixada por Geza Stammer quando seu trabalho como agrimensor o fizesse se ausentar por várias semanas seguidas.

Num final de semana, Gerhard levou Mengele para se encontrar com os Stammer, como Gitta Stammer explicou:

> A primeira impressão que ele me passou foi que era um homem simples, limpo e arrumado, mas sem nada de excepcional. Suas mãos mostravam que estava acostumado ao trabalho duro, pois eram cheias de calos. [321]

Para Mengele, os preparativos para a mudança tomaram um tempo de uma demora enervante. Mas como ocorreria com tanta frequência em anos vindouros, foi Gerhard quem facilitou as coisas. Desse período em diante, Wolfgang Gerhard estava sempre lá, aconselhando, protegendo, encorajando. Embora às vezes mal conseguisse alimentar os filhos, Gerhard de alguma maneira sempre encontrava tempo e dinheiro para ajudar Mengele quando era preciso.

Enquanto esperava ansioso que o plano de Gerhard se concretizasse, Mengele se ocupou com um trabalho temporário em São Paulo. Seu diário sugere que estava ajudando Gerhard no negócio têxtil:

> Eu tive uma semana muito atarefada. O trabalho não é muito agradável e é pouco mais que colar sacos de papel. Mas é importante para meu anfitrião porque lhe rende uma fortuna. [322]

A rotina opressiva do trabalho e a ansiedade sobre um futuro incerto tinham começado a esgotar Mengele:

> Minha vida aqui é difícil, não só por causa de todo o trabalho (já tive às vezes de enfrentar trabalhos bem mais árduos), mas devido a toda a situação: locais apertados, monotonia, primitivismo, barulho e improvisação que no final, a despeito de todas essas coisas negativas, não me garante qualquer tipo segurança. Tenho apenas um objetivo, que é mudar isso, mas infelizmente ainda não encontramos uma boa ideia. A “pessoa” também não fica com muita pressa porque há outros problemas que nunca se resolvem. Então vou perseverar e continuar a acreditar em minha boa sorte. [323]

Contribuindo bastante para sua irritação, Mengele também ficou a par de que novas acusações – que tinha dissecado prisioneiros no campo de extermínio Auschwitz-Birkenau – haviam aparecido na imprensa:

> Como vocês podem ver, meu humor atual é bastante ruim, sobretudo porque tive de lidar nessas últimas semanas com este absurdo sobre tentar dissecar corpos em B […]. Com um tal humor não se encontra alegria mesmo num radiante dia de sol. A pessoa é reduzida a uma criatura miserável, sem amor pela vida ou significado. [324]

Por fim, o acordo com os Stammer foi alcançado, e “Peter” se mudou com eles para administrar a fazenda em Nova Europa. Mas recusou qualquer pagamento. Segundo Gitta Stammer, Mengele chegou à fazenda magro e pálido:

> […] parecia estar doente […]. Gerhard disse que ele sofria de uma certa doença e sua estada conosco o ajudaria a se recuperar. Ele nos mostrou um documento, um simples papel sem foto que lhe permitira cruzar a fronteira da Áustria para a Itália. Foi o único documento de identificação que vi com esse nome. Mas não estávamos desconfiados dele. Parecia muito simples, só querendo sua comida e roupa lavada. [325]

Na tentativa de convencer os céticos de que eles foram apenas pessoas inocentes enganadas, os Stammer insistem que, a princípio, nada havia de suspeito em torno de “Peter Hochbichler” ou em sua recusa de receber um salário. Nem os pacotes de cartas e jornais da Alemanha lhes pareceram estranhos. Mas os peões que de repente se viram a cargo de Mengele perceberam que havia algo errado. Notaram que “Peter” lia filosofia e história e gostava muito de música clássica, em especial Mozart. Também descobriram que o novo patrão tinha um temperamento violento que explodia quando ele lutava para tornar suas ordens compreensíveis em português, uma língua estrangeira. “Eu não gostava dele, mas não podia fazer nada”, disse Francisco de Souza, que estava trabalhando para os Stammer quando Mengele chegou. “Ele adorava dar ordens e não parava de dizer que devíamos trabalhar mais e com mais persistência. O pior de tudo era que ele não parecia entender muita coisa de agricultura ou trabalho pesado.” [326]

Apesar de tentar, Mengele não conseguiu ganhar o respeito dos trabalhadores. Eles acharam divertido quando um de seus experimentos com equipamentos agrícolas fracassou totalmente:

> Ele estava determinado a construir uma máquina para lidar com o problema do verme da ancilotomíase e de cupins espalhados por toda a fazenda. Mandou que eu prendesse um gancho numa carreta. Na ponta do gancho suspendeu um peso de 80 quilos e com essa máquina louca me acompanhou ao redor da fazenda para destruir os enormes cupinzeiros, alguns chegando a um metro de altura. Ele ficava olhando enquanto eu suspendia o peso e soltava a corda. O peso esmagava o monte, mas daí a algumas horas os

cupins estavam fazendo uma nova casa. Achamos que aquilo foi uma ideia louca; demorou horas e horas para preparar. [327]

Mengele, no entanto, tinha uma habilidade que impressionava os peões. Operou um bezerro que sofria de uma hérnia. “Ele reuniu alguns instrumentos”, disse Souza, que segurou o animal, “e abriu sua barriga com bastante perícia. Corrigiu a hérnia e costurou o corte. Disse que podia garantir que o bezerro ficaria melhor e foi o que aconteceu. Reparei que fez tudo com muita competência”. [328]

Embora os peões não simpatizassem com “Peter”, Gitta Stammer gostava dele. Segundo os trabalhadores em Nova Europa, desde o momento em que “Peter” chegou, ele e Gitta Stammer se deram bem. Conversavam em alemão, e a mulher gostava de ter um homem na propriedade, já que o marido ficava muitas vezes ausente. Mas agora Gitta Stammer tenta sugerir uma distância entre ela e Mengele. Afirma que, em geral, ela se sentia inquieta. “Não quero sequer me lembrar daqueles treze anos em que ele morou conosco”, disse. “Tentava nos dar ordens […]. Era muito autoritário. Uma vez quase bateu em mim.” [329]

Sem que os Stammer e os trabalhadores soubessem disso, Mengele de início foi uma pessoa difícil porque não gostava da fazenda ou do trabalho. Nessa primeira fase do exílio brasileiro, Mengele achou difícil se conformar com seu novo e humilde *status*. E apesar de sua maior segurança na remota Nova Europa, o medo de ser capturado pelos israelenses o atormentava. Reviveu a insegurança com a testa proeminente, que quase chegara a alterar por uma cirurgia plástica na Argentina. Quando fazia seu trabalho na fazenda, Mengele sempre usava um chapéu, mesmo no calor do verão. “Sempre que eu chegava perto dele, abaixava o chapéu sobre o rosto e enfiava as mãos nos bolsos”, disse Enércio de Oliveira, que colheu milho com Mengele. Zaire Chile, uma empregada doméstica, disse que Mengele costumava usar uma camisa abotoada no colarinho e uma capa de chuva. “Nunca vi ninguém vestido assim numa fazenda”, disse ela. [330]

O medo que Mengele tinha de um ataque israelense era bem fundamentado. Desde o início de 1961, logo depois da fracassada tentativa de sequestro em Buenos Aires, uma formidável força-tarefa de agentes do Mossad fora reunida

para localizá-lo. Na verdade, muitos membros da nova força-tarefa para capturar Mengele também haviam participado da Operação Eichmann.

A equipe era encabeçada por Zvi Aharoni, o agente que fornecera a confirmação essencial de que Eichmann estava morando em Buenos Aires sob o nome Klement, que tinha localizado sua casa e o interrogara após o sequestro. O quartel-general da operação de Aharoni era em Paris. Uma parte da equipe se concentrava nos amigos e na família de Mengele na Europa, a outra se voltava para a América do Sul.

O ponto de partida do Mossad foi o Paraguai e a estratégia deles era tentar estabelecer elos com quem conhecia bem Mengele, de modo que houvesse pronto acesso a informação confiável sobre sua localização num determinado momento. Só quando isso fosse cumprido os israelenses poderiam pensar seriamente em sequestrar de fato Mengele. “Em nenhuma etapa, nossa intenção foi matá-lo”, disse Isser Harel, chefe do Mossad na época. “Isso teria frustrado todo o sentido da iniciativa. Queríamos levá-lo a um julgamento público em Israel. Era isso o mais importante de tudo.”

Segundo Harel e outro agente veterano do Mossad, Rafi Eitan,[331] que tinha o codinome “Gabi” na Operação Eichmann, Mengele se sentia tão em risco que, vez por outra, viajava para outra fazenda perto de São Paulo e cruzava a fronteira para o Paraguai. Gitta Stammer disse que, quando veio morar com eles, “Mengele nunca se arriscava a sair”. Mas Eitan insistiu que Mengele se escondeu em várias ocasiões, em 1961 e 1962, na casa de fazenda de Alban Krug, em Hohenau.

Para a ramificação paraguaia de sua operação, os israelenses recorreram a um estratagema para penetrar na família Krug e seu círculo de amigos neonazistas. Pediram que um inglês que trabalhava para o Mossad iniciasse um romance com uma das filhas de Krug. Ele não foi muito bem-sucedido. Mas Eitan, que não falava alemão nem espanhol, afirmou que um dia chegou perto o bastante de Krug para avistar Mengele. “Eu o vi com meus próprios olhos”, disse ele. Um colega do Mossad foi cético sobre a afirmação de Eitan. “Fiquei surpreso que Rafi dissesse isso”, comentou o homem do Mossad. “Não sei como conseguiu chegar assim tão perto. Não consegue sequer dizer *gracias* em espanhol.” [332]

Zvi Aharoni, coordenando de Paris a caçada a Mengele, disse que tinha certeza que nenhum agente do Mossad jamais vira Mengele no Paraguai. “Fiz várias viagens ao Paraguai em 1961”, disse ele. “Posso garantir que não conseguimos coisa alguma do Paraguai, nada”. Mas não que não tenham tentado. A equipe de Aharoni adotou uma série de disfarces no país. Um agente era consultor financeiro; outro, um historiador escrevendo um livro sobre a SS. Este chegou tão longe que se encontrou com o ex-*Gauleiter* do Partido Nazista no Paraguai. “Estava claro que o homem não sabia nada sobre Mengele”, disse Aharoni.

Até os dias de hoje, os agentes do Mossad discordam sobre exatamente quão perto chegaram de Mengele no Paraguai e sobre o grau de proteção que ele tinha. Harel disse que seus homens se convenceram, em 1961, de que Mengele estava no Paraguai e que estava recebendo abrigo de Alban Krug. “No final do ano, soubemos que estava se deslocando entre Paraguai e Brasil”, disse Harel. “Estava toalmente em pânico pelo sequestro de Eichmann.” Harel também afirmou que Mengele esteve protegido por guardas armados e cães na fazenda de Krug, embora seus agentes na área digam que não viram armas nem cães. Harel admitiu, no entanto, que nenhum de seus agentes de fato viu ou fotografou Mengele no Paraguai.

As declarações conflitantes sobre os movimentos de Mengele no início dos anos 1960 refletem as tentativas de autocrítica no interior da comunidade de inteligência de Israel, que viriam à tona depois da revelação da morte de Mengele. A descoberta, em junho de 1985, de que Mengele tinha vivido no Brasil a maior parte de sua vida de fugitivo levantava questões sobre por que os israelenses nunca o tinham encontrado, muito menos prendido.

As dificuldades que o Mossad teve de enfrentar eram com certeza desalentadoras. No final de 1961, a Operação Mengele era uma grande e dispendiosa empreitada, mais cara inclusive que a captura de Eichmann. Mas segundo Zvi Aharoni, apesar do imenso esforço, seus homens pouco tinham avançado no final de 1961. Tentativas de seguir Hans Rudel até a América do Sul para ver se ele estava se encontrando com Mengele haviam fracassado. Rudel escreveu para o amigo Wolfgang Gerhard, em fevereiro de 1961, que tinha tomado consciência de que estava sendo vigiado.[333] Provou-se impossível ficar de olho nele assim que ele chegou ao Paraguai. Agentes na

Europa não tinham se saído melhor em seus esforços para interceptar as correspondências que iam para a esposa divorciada de Mengele, Martha, que estava morando em Merano, no norte da Itália. Outro grande problema para o Mossad era como contrabandear Mengele de uma região cercada por terra, como o Paraguai ou o interior do Brasil. Harel explicou:

> Existiam várias e grandes dificuldades com Mengele que tornavam a tarefa de capturá-lo muito mais difícil que no caso de Eichmann. Em primeiro lugar, tínhamos de estar exatamente certos de onde ele se encontrava, e essa informação estava se provando difícil de obter. Achávamos que sabíamos, mas como ninguém de fato o vira, não poderíamos planejar uma operação de ataque. Tínhamos de estar 100% seguros antes que esse estágio pudesse ser examinado com seriedade. E mesmo depois que tudo isso tivesse sido realizado, ainda seria preciso tirá-lo do país. Baleá-lo estava fora de cogitação. A prioridade sempre foi levá-lo para um julgamento em Israel. [334]

Enquanto isso, a caçada alemã ocidental, mais sedentária, estava progredindo em três frentes. Em fevereiro de 1961, Bonn estendeu seu pedido de extradição da Argentina ao Brasil. Fritz Bauer, promotor do Estado de Hesse, tivera notícias de que Mengele poderia ter fugido para o Brasil. Mas a informação de Bauer era antes um palpite que algo com bases sólidas, talvez nada mais tangível do que aquilo que, na época, estava disponível para a base da CIA em Asunción. A CIA relatava que "havia rumores de que Mengele tinha ido para o Mato Grosso, no Brasil". [335] Em Asunción, Peter Bensch, o encarregado de negócios na embaixada alemã ocidental, também continuava a fazer investigações. Conseguira obter uma cópia do documento de cidadania de Mengele. Mas as tentativas da embaixada de conseguir depoimentos de paraguaios que pudessem ter visto Mengele logo encontraram problemas. "Disseram que não tínhamos direito de montar o que, segundo eles, era um inquérito semijudicial", disse o dr. Bensch. As consultas de Bensch à Suprema Corte sobre as perspectivas de extradição também não foram muito encorajadoras:

> Minha visão era que, nessa época, Mengele estava se deslocando entre o Paraguai e o Brasil, mas não tínhamos informação precisa sobre ele. A Suprema Corte me disse que, se Mengele fosse encontrado no Paraguai, não seria possível extraditar um cidadão paraguaio. Eu pessoalmente não conversei com o presidente Stroessner sobre o assunto, mas informamos a Bonn que, como Mengele era cidadão paraguaio, provavelmente a extradição do Paraguai seria impossível. [336]

Na Argentina, enquanto isso, uma lenda estava nascendo. Mengele, ao que parecia, tinha quase poderes sobre-humanos de escapar. Era rico; tinha um exército de agentes; estava um passo à frente do serviço secreto de Israel; estava armado e era extremamente perigoso. A prova disso jazia no sopé das montanhas dos Andes, perto da estância turística argentina de Bariloche, onde, de modo misterioso, uma mulher israelense havia caído e morrido. Jornais argentinos se perguntaram se ela não poderia ter sido uma agente do Mossad enviada para seduzir Mengele e matá-lo, mas, em vez disso, acabou sendo morta por Mengele.

Toda a ficção estava baseada em nada mais que um acidente de alpinismo que, de fato, envolvera uma turista que já tinha morado na Palestina. Chamava-se Norit Eldad e era uma mulher atraente, loura, de meia-idade, nascida em Frankfurt. Seu desaparecimento foi noticiado em março de 1960, dois meses apenas antes do sequestro de Eichmann. Ela saíra para caminhar na trilha de Cerro Catedral, a montanha mais alta da região. O líder do grupo de busca, professor Esquerra, presidente do clube local de esqui, foi citado dizendo que, quando o corpo foi por fim encontrado, ele "achou de imediato que era um lugar estranho para um excursionista sofrer um acidente fatal. Se fosse uma morte natural, o destino fizera um excelente trabalho tirando o corpo de vista". O corpo estava no fundo de uma fenda, resultado da queda acidental num precipício. Ou será que o "Anjo da Morte" havia mostrado sua mão? Um simples erro de ortografia no registro do hotel grafara Norit Eldad como "Eldoc". Os investigadores viram no erro o pseudônimo de uma agente israelense. A teoria sem dúvida agradou a Victor Gatica, inspetor da polícia local, que disse:

> O motivo mais óbvio é que ela estivesse atrás de Josef Mengele, o médico nazista. Agora se considera que o dr. Mengele pode ter estado em Bariloche. [337]

Ninguém provou que Mengele tinha estado lá. Mas também não puderam provar que não esteve. Então, relataram que Mengele estava acompanhando Norit Eldad quando ela sofreu a queda fatal. De acordo com a história, tinham se tornado amantes, ela com o objetivo de atraí-lo para uma emboscada armada por uma equipe de comandos israelenses à espera num hotel das proximidades. Uma

maleta de fundo falso, no entanto, fora encontrada por guarda-costas de Mengele enquanto o casal estava ausente: eles tinham corrido para avisar Mengele; ela foi empurrada para um precipício e Mengele fugira da cidade. Agora tudo se encaixava. Os jornais sul-americanos publicaram em manchetes essa notícia do confronto de Mengele, no topo de uma montanha, com uma assassina israelense.

Em 21 de março de 1961, a embaixada israelense em Buenos Aires tentou, sem êxito, convencer os jornais de que Norit Eldad não era uma agente do Mossad, dizendo que ela era conhecida como uma "pessoa tímida e nervosa. Sem dúvida não é possível que fosse uma agente envolvida numa missão tão difícil quanto encontrar Mengele". Mas depois das peripécias do sequestro de Eichmann, ninguém acreditava nos israelenses. E quando Simon Wiesenthal publicou seu livro, *Os Assassinos entre Nós* (*The Murderers Among Us*), em 1967, afirmando que Miss Eldad estivera num campo de concentração, a história foi aceita como fato. Wiesenthal acrescentou inclusive mais um toque de drama: Miss Eldad fora esterilizada por Mengele, que a reconheceu quando ela estava hospedada no hotel. Ele identificara sua tatuagem do campo de concentração num jantar dançante do hotel e a matara porque temia que ela o traísse. Aqui estava a gênese de *Maratona da Morte* (*Marathon Man*) e de *Os Meninos do Brasil* (*The Boys from Brazil*).

A caçada real foi muito mais improvisada que isso. No início de março de 1961, a polícia argentina seguiu uma pista vinda da embaixada alemã ocidental, a carta de uma tal sra. Silvia Caballero da Costa. A carta afirmava que Mengele estava vivendo sob um nome falso e estava envolvido com uma jovem rica em Santiago del Estero, a capital provincial do norte da Argentina. Interrogada pela polícia, a sra. Costa provou ser analfabeta; de modo algum poderia ter sido a autora da misteriosa carta. Logo foi revelado que o autor era um comerciante rico, cuja única filha ficara noiva de um homem que ele estava convencido de que fosse Mengele pelo fato de o homem ter afirmado ser um médico alemão. Foi esclarecido que o noivo era um vigarista de Nova York, Willy Delaney, 25 anos mais velho que Mengele, sem a menor semelhança com ele e já condenado por assalto, suborno e prática ilegal da medicina.[338]

O caso Delaney foi seguido por numerosas notícias na imprensa de que o Mossad estava de novo no rastro de Mengele. A mais espetacular, no *Sunday*

Dispatch, de Londres, citava “fontes confiáveis” afirmando que os israelenses tinham recebido ordens para “liquidar Mengele antes do início do julgamento de Adolf Eichmann”, programado para começar em 11 de abril. Segundo essa história, um dos cinco agentes do Mossad, com o codinome “David”, estivera de modo incansável seguindo Mengele durante dois anos.

No mesmo dia outra notícia chegou retumbante pelos serviços de telex de Hamburgo, onde um empresário alemão, Peter Sosna, disse estar certo de que encontrara Mengele numa viagem recente ao Brasil. Sosna disse que, quando estava no Mato Grosso, na cidade de Corumbá, um grupo de alemães não identificados apresentou-o a um médico. Sosna relatou que o médico tinha guarda-costas indígenas e que o encontro foi cercado de grande segredo. Retornando a Hamburgo, Sosna foi direto ao gabinete do procurador alemão e, depois de lhe serem mostradas fotos de Mengele, ele o identificou positivamente como o homem que tinha visto. Muita credibilidade foi dada a esse encontro. Sosna trabalhava para um fabricante de suprimentos fornecidos à Marinha e parecia uma testemunha confiável. A ideia de Mengele estar vivendo numa vasta floresta tropical, praticamente inexplorada, uma floresta do tamanho do Texas, adicionava um toque de emoção à fama do homem que rapidamente ia se tornando o mais ardiloso fugitivo do mundo.

Em resposta ao relato de Sosna, a polícia brasileira lançou uma de suas maiores caçadas. Corumbá ficou abarrotada de policiais, que montaram barreiras em todos os pontos de travessia do rio Paraguai. Em 18 de março, a polícia recebeu a informação de que Mengele estava hospedado num hotel em Corumbá, onde havia se registrado com o nome de “Juan Lechin” – mais um na multidão de nomes falsos que então se dizia que ele estava usando. Com revólveres em punho, mais de 30 agentes invadiram o hotel, onde não encontraram ninguém parecido com Mengele, mas detiveram o infeliz proprietário. “Ele parecia suspeito”, disse o inspetor de polícia que comandou o ataque.

Em 23 de março, porém, a farsa se transformou em tragédia com a história de que Mengele fora por fim capturado. Dessa vez não havia dúvida, diziam as notícias. Ele estivera desde o começo escondido na província de Buenos Aires. Era um fato.

O homem preso pela polícia tinha vivido durante sete anos na cidade de Coronel Suárez, e três repórteres de jornal reivindicavam o crédito pela prisão. Eram Alfred Senadom, do *La Mañana*, Juan Vessey Camben e Geoffrey Thrusby, do *Daily Express*, de Londres. O nome do suspeito era Lothar Hermann. Por uma das mais estranhas reviravoltas do destino, era o mesmo homem que, três anos antes, informara aos israelenses que Eichmann estava vivendo em Buenos Aires. Hermann havia sofrido um violento colapso nervoso porque acreditava que os israelenses tinham ignorado sua contribuição para aquele caso. Ele tinha certa razão para a queixa. Isser Harel escreveu em seu relato da Operação Eichmann que permitiu que o contato do Mossad com Hermann declinasse devido às inconsistências nos relatos de Hermann a Tel Aviv. No final, é claro, ficou provado que Hermann estivera absolutamente certo.

Na delegacia de polícia de La Plata, Hermann foi quase incoerente. Quando perguntaram se era Mengele, ele disse que sim. O pobre homem estava num estado de tamanha angústia que não tinha noção do que estava dizendo. Mas é difícil entender como a polícia e os repórteres puderam de fato imaginar que tinham capturado o homem certo, já que ele era cego e não mostrava semelhança física com Mengele.

Para a sorte de Hermann, a polícia se deu ao trabalho de checar suas impressões digitais com um conjunto das impressões de Mengele, que tinham tomado quando emitiram um cartão de identidade para ele em 1956. Em 25 de março, um humilhado chefe de polícia provincial anunciou que tinham "determinado que Josef Mengele não é a pessoa que detivemos". Hermann foi libertado da custódia e pareceu bastante desequilibrado ao dar uma entrevista desconexa a um grupo de repórteres, ameaçando processar o *Daily Express*, que ele disse ter se envolvido com a "imprensa marrom".

A história de Hermann, no entanto, acabou ilustrando a pouca dedicação e a coordenação falha com que os alemães ocidentais estavam conduzindo a caçada a Mengele. Um ano depois de o mandado de prisão argentino ser emitido, os alemães ocidentais ainda não tinham uma cópia das impressões digitais de Mengele para distribuição a outras embaixadas alemãs na América do Sul. Em 24 de julho de 1961, a embaixada alemã ocidental escreveu ao Ministério do Exterior da Argentina:

> Segundo declarações na imprensa, estão em mãos da polícia as impressões digitais de Mengele, já que foi possível provar que as impressões digitais de Lothar Hermann não eram idênticas às de Josef Mengele. Como existe uma possibilidade de que Mengele possa estar em outro país, um registro de suas impressões é de singular importância para ajudar a viabilizar o prosseguimento da investigação pelas autoridades alemãs competentes. [339]

Durante quatro meses a polícia argentina simplesmente ignorou o pedido. Em 20 de novembro, os alemães ocidentais enviaram um lembrete ao Ministério do Exterior, pedindo “por favor deem atenção ao pedido, que é urgente devido ao caráter do caso”. Por fim, em dezembro, as impressões foram enviadas. [340]

Pouca coisa do caos e da indiferença em torno da caçada tornou-se conhecimento público. Ele era tratado com uma dieta quase semanal de novos avistamentos e das operações policiais que os acompanhavam. Precisamente por Mengele ter sido retratado como alguém que conseguia escapar de tais “redes de informações”, floresceu sua reputação de fugitivo cheio de ardis e com poderes sobre-humanos de evasão.

Enquanto isso, na fazenda em Nova Europa, Mengele permanecia inconsciente de grande parte dos mais imaginativos relatos dos jornais. Segundo Gitta Stammer, era muito raro eles receberem jornais. A ironia era que, embora não soubessem que Mengele estava em seu solo, as mais ativas caçadas policiais foram conduzidas pelos brasileiros.

Em 23 de janeiro de 1962, os jornais brasileiros estamparam a manchete de que Mengele fora capturado na pequena cidade de Poços de Caldas. O prisioneiro estava usando o nome “Solomon Schuller”. Era alemão e trabalhava para a Bayer, o conglomerado multinacional alemão. Disseram que era “definitivamente pró-nazista, discreto e misterioso”. O diretor da Interpol na área, Amoroso Neto, ordenou a detenção de Schuller e estava tão confiante de ter capturado Mengele que vazou a história antes que a verificação das impressões digitais estivesse completa. Dois dias depois, a polícia retirou a acusação. As impressões digitais mandadas pelos alemães mostravam que Schuller era de fato Hans Epfenger, um ex-membro da *Waffen-SS* que não era procurado por crimes de guerra, mas ainda assim usava um pseudônimo.

No mês seguinte, um gerente de hotel, Elias Cardoso, disse à polícia que um visitante estrangeiro suspeito tinha se registrado em seu hotel na cidade fronteiriça de Pouso Alto. Era alemão. Um dia, quando esse hóspede estava bêbado, Cardoso ouviu um amigo chamá-lo de “doutor”. Mais tarde, o misterioso hóspede, entorpecido pelo álcool, disse a Cardoso que era um antigo membro da Gestapo e não podia voltar para casa porque os alemães “cortariam minha garganta”. Cardoso disse à polícia que achava o hóspede parecido com Mengele. A polícia local chamou a Polícia Federal brasileira.

No amanhecer de 28 de fevereiro de 1962, 25 miliciados armados arrombaram o quarto onde o suspeito Mengele estava hospedado. O quarto estava vazio. O hóspede havia partido durante a noite sem pagar a conta. Foi o sexto alerta brasileiro em menos de um ano. Sem dúvida, disseram os jornais, foi quando mais perto chegaram de Mengele. [341]

Em meados de 1962, enquanto vários governos sul-americanos buscavam um fugitivo que parecia um fantasma, o verdadeiro Mengele se mudava com os Stammer para uma fazenda de gado e café com 45 hectares. Chamada “Santa Luzia”, a fazenda ficava em Serra Negra, 150 quilômetros ao norte de São Paulo. O calor seco em Nova Europa, disse Gitta Stammer, havia se tornado opressivo. “Queríamos um tempo mais fresco”, ela recorda. Serra Negra é reconhecida pelo solo rico, o clima fresco e as fontes termais entre montanhas de inclinação suave e bosques. Mais uma vez Mengele entrou com capital, metade do preço de compra da fazenda. [342]

Embora tivesse sido contra a mudança, assim que chegou a Serra Negra Mengele começou a relaxar pela primeira vez em dois anos. Estava envolvido com trabalhos de marcenaria e de reparos na casa-sede, trabalhos que, ele anotou no diário, eram “agradáveis”. Na primeira entrada do diário após a chegada a Serra Negra, Mengele escreveu com entusiasmo sobre a “bela paisagem”, as “esplêndidas florestas de eucaliptos” e o “alto platô que enche minha alma de reverência”. Um mês após sua chegada, em 19 de agosto de 1962, Mengele resumiu seus sentimentos sobre o novo refúgio:

> Já estou aqui há quatro semanas e me sinto esplendidamente em casa. Por mais que tenha me oposto à mudança, sinto-me agora confortável neste lugar. Não é por acaso – aqui tem tudo que é preciso para

fornecer abrigo e consolo a um homem sem paz. [343]

Mengele pode ter se sentido mais em casa em Serra Negra, mas não seus hospedeiros. Os Stammer se mostravam cada vez mais inquietos com o administrador da nova fazenda. Alguma coisa, disse Gitta Stammer, não estava "certa". Ele evitava se encontrar com pessoas, era propenso a discutir com os trabalhadores e os humilhava. "Seu comportamento", disse ela, "era muito desagradável. Estávamos acostumados a nos dar bem com os peões. Chamei a atenção dele para o fato de que estávamos vivendo no Brasil e não devíamos ser agressivos".

Extremamente cansativas eram as violentas mudanças de humor de Mengele. Num dia estava silencioso, pensativo; um homem solitário que passava horas caminhando. No dia seguinte era conversador, cordial, cativando os Stammer com um forte senso de humor. Para eles, era claro que o hóspede estava sob grande tensão. E começaram a se perguntar quem de fato era o homem que Wolfgang Gerhard havia trazido para suas vidas. Os pensamentos deles se concentravam nas inconsistências flagrantes em seus antecedentes. Em última análise, foi isso que realmente despertou as suspeitas. Quem quer que fosse "Peter", suas origens não eram, como ele tinha afirmado, as de um homem que passara a vida toda trabalhando em fazendas. Como Gitta Stammer explicou:

> Ele costumava dizer que era de uma família de lavradores mas, à medida que o tempo passava, começamos a perceber que era um homem inteligente e também instruído. Por exemplo, nós, nossa família, costumávamos ler bastante […]. Quando fazíamos certos comentários sobre livros ou programas de rádio, ele às vezes se distraía e dava uma opinião bem acima do nível de um lavrador. Isso já era um sinal de que havia alguma coisa errada, alguma coisa não era verdade.
>
> Começamos a perceber que ele tinha medo de todos. Quando alguém chegava à fazenda, ele sempre desaparecia. Às vezes tínhamos visitas de São Paulo, amigos ou conhecidos. Quando isso acontecia, ele parecia ficar muito transtornado e começava a fazer perguntas: "Quem são essas pessoas? São realmente amigos?"
>
> Você sabe, tudo isso era muito estranho e começamos a nos perguntar por que ele se comportava de um modo tão estranho. Percebemos que havia alguma coisa errada. [344]

Gitta logo descobriu o que estava errado. Ela afirma que foi em Serra Negra, numa das raras ocasiões em que havia um jornal na casa, que ficou sabendo da

verdadeira identidade de “Peter Hochbichler”:

> Um empresário que comprava nossa fruta foi até a fazenda e esqueceu um jornal. Havia um artigo com notícias sobre os executores nazistas, como diziam. Vi a foto lá; era de um homem jovem, por volta de 30 ou 33 anos. Então achei que aquele rosto me era muito familiar, inclusive o sorriso com a falha entre os dentes. Nessa época ele tinha esses dentes. Mostrei-lhe a fotografia e disse que o homem se parecia muito com ele.
>
> Eu disse: “Você é tão misterioso; mora aqui conosco, então por favor seja honesto e nos diga se é você ou não”. Ele ficou muito transtornado depois disso, mas não falou nada e saiu. À noite, depois do jantar, ficou muito calado. De repente disse: “Bem, você tem razão. Moro aqui com você e portanto você tem direito de saber que infelizmente sou essa pessoa”. [345]

Geza Stammer estava na fazenda no fim de semana em que Mengele admitiu sua verdadeira identidade. Ele afirma que ficou “muito nervoso, muito transtornado”, que quis fazer contato de imediato com Wolfgang Gerhard e providenciar a mudança de Mengele. Mas como não havia telefone em Serra Nega, Geza teve de esperar pela próxima ida a São Paulo, quase uma semana depois. Gitta recorda: “Não queríamos correr nenhum risco; não estávamos interessados em política; não queríamos confusões; queríamos viver nossa vida sem problemas”.

Em São Paulo, Geza Stammer disse a Gerhard que considerava “muito perigoso” esconder Mengele. “Meu marido disse a Gerhard que estávamos assustados, com medo de ficar com um homem caçado no mundo inteiro”, disse Gitta. “Gerhard tentou nos acalmar dizendo que ninguém descobriria. Disse que devíamos estar felizes porque antes de Mengele morar conosco não éramos nada. ‘Agora há algo importante em suas vidas’, ele nos disse.[346] Gerhard insistiu para que os Stammer fossem pacientes. Prometeu entrar em contato diretamente com a família Mengele, preparar a mudança dele e então dar retorno aos Stammer quando tudo estivesse resolvido.

O irmão mais novo de Mengele, Alois, que estava dirigindo a empresa da família em Günzburg, despachou seu velho colega de escola e confidente mais próximo, Hans Sedlmeier, para o Brasil, para agir como pacificador. Gitta recorda o que aconteceu em seguida: “Um mês depois, ele [Gerhard] foi nos visitar, de carro, acompanhado de um homem idoso. Esse homem nos foi

apresentado como sr. Hans, que viera direto da Alemanha. Gerhard disse que, quanto menos soubéssemos sobre ele, melhor seria".

Sedlmeier trouxe consigo 2 mil dólares, que Geza Stammer trocou por cruzeiros brasileiros. Ele passou dois dias com os Stammer em Serra Negra. Segundo Gitta, embora a princípio resistente, Hans por fim "prometeu fazer tudo para encontrar outro lugar para ele [Mengele]".

Sedlmeier, no entanto, não cumpriu a promessa. Mengele continuou com os Stammer e "os problemas ficaram piores". Gitta recorda da situação se deteriorando:

> Durante esse período, Peter ficou muito irritado, muito nervoso. Na realidade era muito difícil lidar com ele. Sempre que perguntávamos alguma coisa, ele nos dava uma resposta agressiva. Costumava dizer: "O que vocês acham? Isso não é um assunto simples. Há muitas coisas em jogo". Quase nos acusou de ser a causa de seu infortúnio. [347]

Mais uma vez os Stammer se voltaram para Gerhard procurando uma saída, dizendo agora que estavam considerando a possibilidade de denunciá-lo às autoridades. A resposta de Gerhard foi áspera, uma resposta que soou como ameaça para os Stammer. Gitta recorda:

> Gerhard disse: "Vocês realmente acham que talvez seja melhor assim? Devem ter muito cuidado, porque se fizerem algo contra ele terão de arcar com as consequências, pois ele mora aqui, com vocês. Devem pensar no futuro de seus filhos. Isso não é tão simples como imaginam. Há muitos obstáculos, muita dificuldade". [348]

O súbito declínio no relacionamento com os Stammer, provocado pela revelação de sua identidade, mergulhou Mengele numa ansiedade sobre o futuro:

> De novo, flores e árvores lá fora dão alegria a esse coração velho e cansado. Mas o vento frio uiva ao redor da casa e no meu coração também não há sol. [349]

Como consolo, Mengele mergulhou no estudo de flores e árvores, escrevendo o que chamou sua "obra infantil":

> Pode ser interessante mais tarde, quando olharem para trás, vendo como tudo passou a ser. Escrevo para meus filhos, R e K [Rolf e Karl Heinz], que saberão muito menos sobre o passado da família que D [Dieter]. [350] [351]

Ele ficou cada vez mais obcecado por si mesmo, dedicando não menos de 40 páginas dessa "obra infantil" a seu próprio nascimento, incluindo uma página e meia sobre a placenta, um fenômeno que fez o professor Norman Stone, historiador de Oxford, comentar que os diários de Mengele eram marcados por "isolamento, vaidade, narcisismo e sordidez". [352]

Contudo, apesar do confronto criado pela revelação da verdadeira identidade de Mengele, os Stammer permaneceram leais a ele. Apesar dos riscos que correram abrigando Mengele e dos insultos que suportaram, os Stammer se mantiveram leais pelo resto da vida dele. Nunca sussurraram uma palavra à polícia, mesmo depois de as relações, em 1975, se tornarem tão ruins entre o casal e Mengele a ponto de fazê-los seguir caminhos distintos. Nem pensaram em ir à polícia depois que Wolfgang Gerhard deixou o Brasil em 1971 e não era mais uma ameaça. Além disso, os Stammer ajudaram Mengele a negociar, até sua morte, o que era propriedade dele. [353]

A lealdade dos Stammer a princípio parece ilógica. Mas durante os anos em que conviveram com Mengele, ele nunca os ameaçou, nem a proteção que deram lhes foi paga diretamente pela família Mengele de Günzburg. "Se tivéssemos considerado isso necessário com G e G [Geza e Gitta Stammer], talvez vocês ainda estivessem juntos", escreveu Hans Sedlmeier anos mais tarde a Mengele, depois que ele e os Stammer romperam relações. [354] Mas o mistério de por que os Stammer nunca entregaram Mengele tem várias explicações. Em primeiro lugar, Mengele havia se tornado parceiro deles nos negócios. Forneceu um capital substancial que permitiu que os gananciosos Stammer comprassem fazendas maiores e melhores. Eles se tornaram financeiramente dependentes de Mengele. Em segundo lugar, embora sendo uma pessoa difícil, as opiniões de Mengele não eram muito diferentes das opiniões deles. A própria Gitta Stammer deixou escapar sua própria e brutal perspectiva histórica do Holocausto quando tentou racionalizar os crimes nazistas. "Os alemães achavam que os judeus estavam trabalhando contra a Alemanha, por isso tinham de se livrar deles",

disse ela. E Gitta aceitou a palavra de Mengele de que ele jamais realizara experimentos.

Por fim, e talvez mais importante, a inabalável lealdade de Gitta a Mengele parece ser resultado de um caso de amor entre os dois. José Osmar Siloto, que ajudava na colheita de café, disse que Mengele e ela estavam "sempre juntos. Iam juntos para todo lado e estavam sempre sentando e conversando um com o outro". Ferdinando Beletatti, que trabalhou na fazenda, disse:

> O sr. Stammer raramente vinha à fazenda. Os filhos deles uma vez me disseram que Peter e Gitta se trancavam no quarto para ficarem sozinhos, deixando claro que tinham um romance. [355]

Wolfram Bossert, que mais tarde deu abrigo a Mengele, diz que havia uma "relação erótica entre ele [Mengele] e Gitta". Indícios do relacionamento estão também espalhados por todos os diários de Mengele. Ele escreveu sobre a "bela" Gitta e dedicou-lhe poemas de amor:

> Amor Silencioso
> Só nos encontramos bem tarde,
> Quando ambos já tínhamos experimentado como a vida pode ser amarga.
> Seu amor nunca é ruidoso,
> E silenciosos são suas palavras e seus gestos,
> Um sorriso leve, nosso conhecimento secreto.

Gitta, no entanto, nega, chorosa, que tenha tido algum dia um caso com Mengele. Afirma que ele "satisfazia os desejos sexuais tendo casos breves com quase todas as trabalhadoras jovens que contratávamos". [356] Mas a afirmação de Gitta de que a única válvula de escape sexual de Mengele eram as moças locais da fazenda é contrariada por um episódio recordado por Wolfram Bossert:

> Numa de minhas visitas ao casarão, vi que algumas moças tinham sido convidadas para celebrar a colheita do café e uma delas era uma *morena* – isto é, uma moça negra – muito bonita. E Gerhard mais tarde brincou com ele [Mengele], dizendo que com certeza ele tivera uma aventura com a moça. Mengele ficou muito bravo e respondeu que, como cientista racial, jamais teria um caso com uma mulher negra. Você vê como ele era persistente e obstinado em perseguir seus objetivos. Depois que tomava uma decisão, perseguia a causa sem admitir acordos. [357]

Apesar das negativas de Gitta, tudo indica que Mengele e Gitta tiveram um caso, que durou até 1974, quando ela perdeu o interesse, segundo Bossert, durante a menopausa.

No entanto, por mais satisfatório que o lado carnal da vida possa ter sido, as perspectivas de Mengele de um estilo de vida mais gratificante pareciam sem a menor dúvida sombrias. Em 1º de junho de 1962, ele soube que o colega Adolf Eichmann fora enforcado na prisão Ramala, em Israel. A maior parte da crítica violenta de Mengele foi dirigida à Alemanha do pós-guerra, que ele encarava como a verdadeira vilã no destino de Eichmann:

> O evento de que fiquei sabendo dias mais tarde não me surpreendeu, mas me senti afetado de maneira profunda. Somos tentados a fazer comparações, mas logo desistimos impressionados pela realidade da trajetória da história nos últimos 2 mil anos. Seu povo o traiu de modo miserável. Em termos humanos, isso foi a parte mais difícil e inquietante. Aqui se encontra o núcleo do problema! Um dia o povo alemão sentirá grande vergonha de si mesmo! Ou nunca se envergonhará de nada. [358]

Determinado a não ter de enfrentar o mesmo destino de Eichmann, Mengele se tornou obcecado com a própria segurança. Sempre que saía para uma caminhada, levava um grande número de cachorros. “Tinha cerca de 15 vira-latas”, disse Ferdinando Beletatti, que fora peão, “mas nunca se afastava muito da fazenda”. Beletatti recebera ordens para construir uma torre de vigia de madeira, com 5,5 metros de altura. Quando perguntou a Gitta Stammer para que construir uma torre, ela disse que ela e o marido queriam a torre para observação de pássaros, mas Beletatti nunca viu a torre ser usada por eles. A construção foi supervisionada rigorosamente por Mengele. “Ele era muito rude”, disse Beletatti. “Só falava comigo quando estava me dando ordens sobre como construir a torre.”

Durante horas sem fim, da torre de vigia, Mengele esquadrinhava o terreno. Empoleirada no alto de uma colina, a fazenda lhe oferecia uma vista perfeita dos campos e das estradas de terra ao redor. Ele tinha ainda uma visão clara de Lindoia, a cidade mais próxima, a oito quilômetros de distância. Não havia armas, cachorros ou cercas eletrificadas, nem guarda pretoriana – apenas um homem de meia-idade com um par de binóculos, inspecionando com ansiedade a

cena. “Muita gente acha estranho que Mengele tenha conseguido sobreviver tanto tempo sem ajuda de uma organização ou de seguranças”, disse Wolfram Bossert, que se tornou um dos poucos amigos de Mengele. “Acho que conseguiu isso justamente por não ter um aparato de segurança.” [359]

A obsessão de Mengele com a segurança lhe pesava na mente e o atirava em depressões profundas. Nessas ocasiões, acreditava que sua captura era inevitável, como mostrava o diário: “Da bela construção que idealizamos com nossos planos, desaba uma pedra atrás da outra e o colapso final se aproxima cada vez mais”. Ele chegava a sonhar com a morte: “De vez em quando, sonho com uma guilhotina de lâmina dupla”.

Mengele, no entanto, não precisava ter se preocupado. Com certeza no verão de 1962 já havia enganado os alemães ocidentais, que achavam provável que ele ainda estivesse no Paraguai. Em 11 de agosto, o embaixador em Asunción, Eckart Briest, requereu formalmente a extradição de Mengele. Em novembro, o juiz Vicente Ricciardi do Quarto Tribunal Judicial paraguaio emitiu um mandado para a prisão de Mengele depois que a embaixada alemã ocidental disse que suas informações situavam “Josef Mengele ou visitando Asunción ou na região do Alto Paraná”. [360] Os paraguaios, no entanto, sabiam que o pássaro já tinha voado. O próprio Stroessner sem dúvida havia respondido de maneira bastante solícita a Briest. Segundo uma fonte confiável do Ministério do Interior, Stroessner disse ao embaixador: “Da extradição não sei, mas posso detê-lo”. Stroessner, então, telefonou para o ministro do interior, Edgar Ynsfran, e ordenou que Mengele fosse preso. Ynsfran, lembrando que expedira a cidadania de Mengele a pedido de Rudel, telefonou para o ex-ás da Luftwaffe, que disse: “Esqueça isso, ele foi para o Brasil”. Como precaução, o mandado foi assim mesmo emitido. [361]

O mandado pôs fim a qualquer ideia que Mengele possa ter tido de usar o Paraguai como refúgio se as coisas não corressem bem no Brasil. Mesmo seu amigo Alban Krug foi incapaz de ajudar. Embora homem influente, Krug não tinha uma porta aberta para o palácio de Stroessner; de fato, achava o presidente bastante intimidador. Certa vez, quando foi convidado a ir ao palácio para uma conversa amigável, cometeu o erro de julgar que a atmosfera tinha se relaxado a ponto de dizer ao presidente que muita gente no sul do Paraguai achava o

governo demasiado omisso. Também se arriscou a dizer que alguns dos ministros de Stroessner eram “idiotas”. Quando percebeu que fora longe demais, Krug começou a ficar nervoso e sugeriu que gostaria de se retirar. Mas Stroessner manteve-o ali durante horas. Por fim, quando se deu por satisfeito, o presidente acompanhou Krug até a porta, pôs a mão nos seus ombros largos e advertiu: “Se esses intrigantes um dia se revoltarem contra mim, vou resistir até que não reste uma pedra em Asunción”.

Já que Stroessner parecia preparado, ao menos por ora, para fazer com que prendessem Mengele, Krug não poderia se arriscar a lhe dar abrigo, sobretudo por não estar ciente de que o presidente havia descartado a extradição.

Quanto aos israelenses, no final de 1962 sua caçada a Mengele havia se reduzido a praticamente nada, vítima de prioridades que competiam entre si num mundo em rápida transformação. Mais uma vez, a sobrevivência de Israel estava ameaçada pelo presidente Gamal Nasser, do Egito. A ironia cruel é que a caçada chegou ao fim justo quando o Mossad conseguiu um avanço espetacular – que, visto em retrospecto, poderia muito bem ter levado à captura de Mengele.

CAPÍTULO 10

“Nós Poderíamos Tê-lo Capturado”

O avanço do Mossad na primavera de 1962 não foi rápido. Durante mais de um ano os esforços para penetrar no círculo do clã familiar de Mengele na Europa não tinham dado em nada. Mas, na América do Sul, a observação durante muitas semanas de um dos primeiros nazistas a fazer amizade com Mengele quando ele chegou em 1949 tinha começado a dar retorno. Em Willem Antonius Maria Sassen, um oficial da SS no tempo da guerra e membro da *Abwehr*, o Mossad detectou uma oportunidade a não ser desperdiçada.

Sassen era bem conhecido dos israelenses porque, pouco antes do sequestro, havia gravado um volumoso conjunto de entrevistas de Adolf Eichmann. Não informado dos segredos muito bem guardados da Solução Final, Sassen sempre duvidara que milhões de pessoas tivessem morrido nos campos de concentração. Como propagandista neonazista, acreditou que um relato em primeira mão de Eichmann corrigiria o informe. Quando finalmente conseguiu persuadir Eichmann a falar, Sassen não pôde acreditar em seus ouvidos. Assim que começou, Eichmann não conseguiu parar. Longe de descartar a chamada Mentira Judaica, estava muito orgulhoso do que havia feito. Na época em que foi capturado pelos israelenses, Eichmann, já havia gravado 67 fitas. Mesmo Sassen estremecia ante alguns dos feitos de que Eichmann de maneira descarada se vangloriava. “Devo dizer que não me arrependo de nada”, ele gravou numa das fitas. “É cedo demais para eu fingir que me transformei, de repente, de Saulo em

Paulo. Não, tenho de admitir, honestamente, que, se tivéssemos matado todos os 10 milhões de judeus que o estatístico de Himmler [dr. Richard Korherr] havia listado em 1933, eu diria: 'Bom, destruímos um inimigo'". [362]

Para o procurador-geral de Israel, Gideon Hausner, as fitas teriam servido para encerrar o processo contra Eichmann, que estava então esperando pelo julgamento em Jerusalém. Contudo, embora tivesse vendido à Time-Life os direitos para publicar em revista o material gravado, Sassen condicionou essa venda e a venda de outros direitos à proibição de o material original ser dado aos israelenses. Hausner foi então privado de uma arma vital em seu arsenal de provas contra Eichmann, que era o que Sassen tinha pretendido.

Contudo, estava claro que uma mudança fundamental nos pontos de vista de Sassen havia ocorrido. Surpreendido em suas defesas, ele fora confrontado com a terrível verdade sobre o Holocausto. Sassen a ouvira "direto da fonte". O Mossad decidiu fazer isso funcionar a seu favor no caso Mengele, apostando que Sassen estava agora vulnerável a outra dose da verdade. Seria errado sugerir que Sassen tivesse experimentado uma completa mudança de opinião. Embora sendo um homem complicado, continuava sendo um ideólogo nazista com relação a quase tudo e preservava uma fé absoluta na integridade e na honra da SS. Mas, como Sassen já havia encarado uma verdade histórica, o Mossad acreditava que era o momento certo de fazê-lo dar uma longa e boa olhada em outra.

Agentes do Mossad voaram para o Uruguai para se encontrarem com Sassen. Com paciência, eles o instruíram sobre os crimes horripilantes no passado de Mengele. Muitas horas depois, a abordagem parecia estar dando resultado. Zvi Aharoni voou de sua sede em Paris para encontrar-se com Sassen e fez uma das mais bizarras tentativas de recrutamento nos anais da espionagem. Sassen ficou abalado, convencido de que Mengele havia manchado a honra da SS, aquela turma de nobres combatentes. "Nós o levamos até um certo ponto", disse um agente, "então Aharoni entrou. Conversou 11 horas com ele. Mostrou-lhe alguns documentos. Depois disso, Sassen falou que tentaria nos ajudar". Embora tenha sido importante, o gesto persuasivo de Aharoni não foi o único fator. Os israelenses também se comprometeram a fazer um generoso pagamento a Sassen. Os honorários foram de 5 mil dólares por mês.

Sassen, agora cooperando com o Mossad, logo descobriu que Mengele tinha de fato fugido do Paraguai e estava vivendo perto de São Paulo, embora desconhecesse o endereço. Sassen também ficou sabendo o nome do homem que estava protegendo Mengele no Brasil. Era Wolfgang Gerhard. “Supúnhamos que Gerhard fosse o elo de Mengele com o mundo exterior”, disse Aharoni. “Em especial, o que me agradou nessa informação foi que ela batia com a que havíamos recebido de duas outras fontes.” [363]

Aharoni manteve Gerhard sob observação e o seguia sempre que ele se deslocava, e para onde quer que fosse. Um dia Gerhard saiu da cidade. A cerca de 40 quilômetros de São Paulo, a presa de Aharoni virou à direita, saindo da estrada para Curitiba e pegando uma estrada de terra. Aharoni explicou o que aconteceu depois:

> Eu não poderia de maneira alguma continuar a segui-lo naquela estrada e tive de continuar dirigindo. Fizemos tudo o que pudemos para tentar descobrir onde a estrada levava. Trouxemos também um rapaz de um *kibbutz*, que tinha a aparência de um cara local e falava um português fluente. Ele foi inclusive descalço para fazer o levantamento. Era uma área parcialmente coberta de bosques e acabamos descobrindo que levava a três ou quatro fazendas. Como não poderíamos passar o dia todo lá com binóculos, tivemos de pensar em outra coisa, mas nossas opções eram um tanto limitadas. Num domingo, decidimos fazer um piquenique na região, eu e dois de nossos rapazes locais. Eu estava determinado a fazer tudo que pudesse. Havíamos seguido muitas pistas e elas não tinham levado a parte alguma. Mas por fim talvez estivéssemos fazendo progressos. [364]

Enquanto estavam comendo os sanduíches, Aharoni e seus parceiros viram três homens se aproximarem a pé, seguindo na direção das fazendas. Um era europeu e a seu lado havia dois brasileiros. Antes que Aharoni tivesse tempo de pegar a câmera e tirar um instantâneo, o trio estava quase sobre eles. Aharoni recorda:

> Achei que o homem podia muito bem ser Mengele. Na verdade tive certeza de que era. Nossa informação era muito boa. Eu não dissse nada porque não queria falar, mas os outros dois caras encetaram a conversa. Ninguém falou nada de importante. O homem que eu achava ser Mengele não falou, mas não pareceu absolutamente preocupado conosco. Como ficaram uns cinco minutos conversando, dei uma boa olhada no rosto dele. Tinha um bigode e era da altura certa. Havia uma

> semelhança notável com as fotos que tínhamos. Os dois rapazes que o acompanhavam não estavam armados. Pareciam, bem, valentões. Valentões locais. [365]

Aharoni observou o trio se afastar e os viu entrar na fazenda mais próxima. O próximo estágio era tirar uma foto de confirmação e, se a checagem fosse positiva, traçar um plano de sequestro. “Eu pensei: ‘Certo, é isso, mas não posso agir sozinho’”, disse Aharoni, “então voltei à Europa para fazer uma consulta sobre os detalhes da operação”.

Aharoni chegou a sua sede em Paris em junho. “Estava muito empolgado e cheio de esperança. Naquele momento Mengele era minha única ambição”, disse ele. “Não sabia quem era Mengele quando pegamos Eichmann, mas li muita coisa desde então”. Uma surpresa, no entanto, esperava por Aharoni. Quando ele entrou na sede do Mossad em Paris, viu que Harel também estava lá – mergulhado por inteiro numa caçada humana de tipo completamente diferente:

> Entrei na sala de Isser e tentei explicar que achava que por fim tínhamos encontrado Mengele. Mas antes que pudesse ir mais longe, ele me interrompeu: “Não se preocupe com Mengele agora. Temos alguém chegando hoje à noite de Londres que quero que você interrogue”. Foi isso. Isser não disse mais nada. Era o fim do caso Mengele. Por ter sido um soldado, eu aprendera a cumprir ordens e, assim, fiz o que ele mandara. Isser não estava num estado de espírito que me deixasse argumentar. Estava num momento de tensão nervosa. [366]

O caso que absorvia a atenção de Harel envolvia um sequestro religioso. Durante dois anos a questão fora colocando Israel à beira de uma guerra civil sagrada.

Em 1960, Yosselle Schumacher, um menino de 8 anos, tinha desaparecido, e se imaginou que tivesse sido tirado clandestinamente de Israel. Um dos principais suspeitos era o próprio avô de Yosselle, que temia que os pais do menino, desiludidos com Israel, pudessem levá-lo de volta para sua Rússia nativa, onde ele não seria criado como judeu ortodoxo. O avô, Nahman Shtarkes, guardava um ódio profundo da União Soviética, tendo passado os anos da guerra no Gulag, onde perdera um olho e vira o filho mais novo ser assassinado por um bando de russos que agrediam judeus. Ele era também integrante da seita ultraortodoxa conhecida como “os Hassidim de Breslau”.

Toda a família – Nahman, a filha Ida, o marido dela, Alter, e os dois filhos, Zina e Yosselle – emigrara da Polônia para Israel em 1957. Mas Ida e Alter logo acharam difícil reorganizar a vida e deixaram Yosselle morando com o avô, enquanto procuravam melhorar sua sorte. Enquanto a família estava dividida, Nahman soube que a filha estava pensando em voltar para a Rússia. Nahman acreditou então que era seu dever sagrado salvar a alma do menino.

Quando os pais de Yosselle descobriram que o filho estava desaparecido, chamaram a polícia, que deteve Nahman. O rabino chefe de Jerusalém solicitou total apoio a Nahman. A Suprema Corte chamou-o de criminoso. Era o ortodoxo *versus* o não ortodoxo. Com uma década de sua frágil nova vida, o Estado de Israel estava sendo destroçado.

Nessa rixa efervescente entrou Isser Harel. Tomou por base a posição da Suprema Corte de que fora cometido um crime sério e que os direitos dos pais tinham sido violados de maneira afrontosa. O Mossad, disse ele, tinha o dever de encontrar o garoto, devolvê-lo aos pais e curar as feridas do país. O primeiro-ministro Ben-Gurion concordava. Harel já tinha agido antes como guardião da consciência do Estado. Mas dessa vez algumas pessoas acharam que ele tinha ido longe demais.

Vários membros da equipe sênior de Harel argumentaram que encontrar o menino era um assunto para a polícia. Harel não concordava. E para marcar sua posição empregou muito pessoal e dinheiro na caçada, que recebeu o codinome Operação Tigre. Era uma missão desafiadora – penetrar o sigilo de tipo mafioso da mais secreta das seitas ortodoxas. Como acontecera na busca de Eichmann, Harel abordou a tarefa com um zelo de cruzado e, como sucedeu com Eichmann, foi bem-sucedido, resgatando a criança em Nova York e exibindo suas magistrais habilidades de inteligência instintiva e planejamento operacional. [367]

Segundo Zvi Aharoni, contudo, Harel abandonou a caçada de Mengele depois que ficou obcecado com a Operação Tigre. Harel rejeita com veemência a acusação, afirmando que, em outubro de 1962 – três meses depois de Yosselle Schumacher ser encontrado –, enviou de novo agentes ao Brasil para trabalhar a pista de Aharoni de que Mengele estava escondido na fazenda a 40 quilômetros de São Paulo. Disse Harel:

> Havia sinais muito importantes de que ele havia estado ou costumava ficar lá. Mas não conseguimos confirmar que estivesse lá naquele momento. E por certo não havíamos tido êxito em identificá-lo com segurança. Depois de semanas de tentativas muito perigosas, chegamos à conclusão de que não havia sentido em insistir naquilo. [368]

Harel disse que havia uma razão primordial que justificava por que a fazenda nos arredores de São Paulo não poderia mais ser investigada: ela estava guardada por homens armados – exatamente o que ele tinha afirmado sobre a fazenda Krug no Paraguai.

> Não podemos pegá-lo à força, assim como não pudemos fazer isso no Paraguai. Havia guardas armados no local do Brasil e acho que também havia cachorros. [369]

A sugestão de Harel de proteção armada ou cães de guarda foi rejeitada por Zvi Aharoni e outros agentes da caçada:

> Sem dúvida não recordo de quaisquer informes da época sobre armas ou cães guardando a fazenda de Krug. Quando estivemos no Brasil, também nunca vimos guardas armados ou cachorros. Tudo que vimos lá foi uma dupla de jovens fortes que se aproximaram de nós com o homem que eu acredito que era Mengele. [370]

A guerra de palavras entre Harel e Aharoni, que já tinham sido muito amigos, transformou-os em grandes inimigos. Hoje eles não se falam mais.

Aharoni lamenta profundamente não ter usado sua posição de veterano para persuadir Harel a destinar mais recursos a essa pista brasileira:

> Em retrospecto, tenho a sensação de que, se os israelenses são dignos de censura por não terem se esforçado mais para levar Mengele a julgamento, eu sou tão digno de censura quanto qualquer um deles. Como chefe operacional do caso, estava numa posição de exigir um empenho maior e não agi dessa maneira. Quando Isser me tirou a operação, não questionei sua decisão. Acho que me comportei muito mais como um soldado obedecendo ordens. [371]

A fonte principal da raiva de Aharoni contra o ex-grande amigo é a análise histórica feita por Harel da caçada à Mengele:

> Isser diz que havia cães e armas e foi por isso que não pudemos pegá-lo. Digo que não havia cães nem armas e que poderíamos tê-lo capturado. Não tenho ideia de onde Isser tirou esses cães e essas armas. Mas ao falar e escrever sobre acontecimentos históricos tão importantes quanto este, ele deveria se ater aos fatos. E o fato nada palatável é que eu e Isser – nós dois – poderíamos ter ido atrás de Mengele com mais empenho. Na época, ele estava obcecado por Schumacher. Eu devia ter feito pressão para que desse a mesma importância a Mengele. [372]

Harel insiste que sua lembrança de relatórios sobre armas e cães é precisa e nega categoricamente ter algum dia relaxado a caçada a Mengele. Diz também que, depois de a equipe mandada por ele em outubro não conseguir confirmar a presença de Mengele na fazenda, decidiu retornar ao "agente nazista [Sassen] para que, sob nossa orientação e ajuda, ele nos abastecesse com mais informações de suas fontes". [373]

Não se pode negar que, no final de novembro de 1962, Harel tinha descartado uma operação de ataque num futuro previsível. É também verdade que, a essa altura, Harel estava lutando por sua sobrevivência como chefe do Mossad.

Dias depois da resolução do caso Schumacher, Harel foi envolvido numa segunda grande operação para conter o que parecia ser a maior ameaça à segurança de Israel desde sua criação: cientistas que haviam trabalhado com foguetes nazistas estavam desenvolvendo mísseis para um vizinho de Israel, o Egito. O que tornava as coisas piores era que esse novo projeto trazia com ele um desafio do general Meir Amit, chefe da inteligência militar, soldado valente com uma carreira notável, ao trabalho de Harel.

Alguns dias depois do retorno de Yosselle Schumacher a Tel Aviv, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, fazia um bem-sucedido teste de lançamento de quatro foguetes com alcance de quase 600 quilômetros. Ele se vangloriou de poder destruir qualquer alvo "ao sul de Beirute". As coisas saíram do controle depois que os foguetes desfilaram numa parada pelas ruas do Cairo e o primeiro-ministro Ben-Gurion ficou chocado ao descobrir que os arquivos do Mossad estavam vazios. Em seguida a esse espetáculo humilhante, Meir Amit desferiu um violento ataque verbal a Harel:

> Por que estávamos gastando nosso orçamento de inteligência se podemos obter nossa informação de um discurso público de Gamal Nasser? Só precisamos de um rádio comum. [374]

Harel ficou muito constrangido. Nunca tinha havido tamanho desafio à sua competência. Ele criou de imediato um novo departamento para reunir informações sobre o estado da pesquisa dos foguetes de Nasser. Mas Amit recomendou que o pessoal de sua própria inteligência militar fizesse uma avaliação em separado. Amit se queixou ao primeiro-ministro Ben-Gurion de que Harel havia negligenciado os foguetes em proveito de projetos menos importantes, mas que atraíam mais atenção, como a caçada a Adolf Eichmann e a Yosselle Schumacher. Amit acreditava que, como chefe da principal organização de coleta de inteligência no exterior, e com recursos limitados, Harel definira suas prioridades de um modo perigosamente errado.

Harel tinha agora dois importantes projetos em curso. Ambos envolviam nazistas, mas um era uma ameaça incontestável à própria existência do Estado. Foi esse dilema, segundo os que apoiam a versão dos acontecimentos defendida por Zvi Aharoni, que impediu Harel de reviver uma caçada em grande escala a Mengele. O ponto crucial da argumentação deles é que Harel nunca devia ter se deixado apanhar desprevenido pelos foguetes de Nasser, que sem dúvida criavam uma preocupação mais imediata que Mengele. Sustentam que ele devotou toda a sua energia para encontrar Yosselle Schumacher, quando devia ter ficado de olho nos cientistas alemães de Nasser sem deixar de dar suporte à caçada de Mengele. Enfrentando os desafios concorrentes de Mengele e Schumacher, Harel parecera incapaz de delegar autoridade. “O problema de Isser era que ele só conseguia se concentrar numa coisa de cada vez”, disse um agente veterano do Mossad que conhecia bem Harel. “Era muito bom em campo e todos o respeitavam. Mas era homem de um só desafio. Tinha uma visão estreita.” Na época em que o caso Schumacher foi encerrado, Harel pagou um alto preço por sua omissão no caso dos cientistas de foguetes. Talvez se tivesse havido uma inteligência mais precoce e mais confiável sobre os foguetes, mais dinheiro e pessoal pudessem ter sido liberados para a caça à Mengele. O argumento é persuasivo. Mas explicações beneficiadas por uma visão retrospectiva quase sempre são.

Sejam quais forem as deficiências administrativas que Harel possa ter tido, é apenas justo constatar que nenhum chefe do Mossad foi tão publicamente

apaixonado pela justiça, pelo propósito e pelo dever de Israel de levar assassinos em massa nazistas a julgamento. Talvez seja a essa luz que sua recusa em abandonar a caçada a Mengele deva ser julgada:

> Depois de nossa decepção [no Brasil], cheguei à conclusão de que tínhamos de alcançar Mengele por outros meios, mais sofisticados. Comecei a elaborar planos para aplicar esses meios e a criar a base para uma nova estratégia. Mas, em meio a todo esse processo, eu pedi demissão. [375]

Harel pediu demissão em abril de 1963, porque o laço de confiança entre ele e seu primeiro-ministro, David Ben-Gurion, fora rompido. A crise seguiu-se à Operação Dâmocles, uma campanha de cartas-bombas contra os cientistas de foguetes que não tinham levado em conta as cartas anônimas de Harel, aconselhando-os a voltar à Alemanha. Cartas-bombas foram também enviadas aos escritórios, em Munique, da principal agência de compras egípcia do programa de foguetes. Cinco pessoas foram mortas, uma foi gravemente ferida. Houve também várias tentativas fracassadas de assassinato.

As coisas se tornaram incontornáveis depois que um agente do Mossad foi detido pela polícia suíça sob suspeita de tentativa de assassinato. Furioso ao ver que os alemães procuravam conseguir a extradição de seu agente, Harel tentou reunir apoio do gabinete para pedir que o chanceler alemão Konrad Adenauer retirasse o pedido de extradição. Mas Ben-Gurion se recusou. Harel, acreditava ele, estava se comportando de modo irracional. Ben-Gurion achava que tal iniciativa prejudicaria o delicado e novo relacionamento de Israel com Bonn e ele sabia que o chanceler não poderia interferir no devido processo legal. [376]

Houve outro complicador. Uma avaliação atualizada da inteligência militar, feita sob o comando do general Amit, sugeria que Harel estava agora reagindo de maneira exagerada ao risco representado pelos foguetes nazistas. Segundo o ponderado julgamento de Amit, Nasser tinha um longo caminho pela frente até conseguir construir uma bomba atômica. E os foguetes eram muito menos sofisticados do que afirmara o primeiro e belicoso anúncio de Nasser. Os agentes de Amit descobriram que a pesquisa de um sistema teleguiado de foguetes estava ainda em sua infância.

O efeito da avaliação de Amit, agora subestimando a ameaça dos foguetes, foi colocar Harel na defensiva. Não era uma posição agradável para um homem que já contara com a completa confiança de seu primeiro-ministro. Harel, então, partiu para a ofensiva, acusando Amit de ser complacente com relação à segurança de Israel e sugerindo que Ben-Gurion estava sendo enganado pelos alemães em sua busca de uma *realpolitik*. Bonn de fato não queria reatar relações diplomáticas significativas, argumentou ele, ou teria sido feita mais pressão sobre os cientistas dos foguetes para que se desvinculassem do trabalho assassino com Nasser. "Se é nisso que acredita", Ben-Gurion disse a Harel, "só lhe digo que não confio na fonte de sua informação nem na informação em si". Essa falta de confiança significava que Harel não tinha opção a não ser se demitir. [377]

Os planos que Harel pudesse ter, não importa quais, para reviver a Operação Mengele morreram com sua demissão. "Muitas vezes me perguntaram", disse ele, "o que eu mais lamentei ao sair e sempre respondi que, mais do que qualquer coisa, lamentava não ter capaturado aquele homem abominável". [378]

O sucessor de Harel foi o general Meir Amit. Sua diretriz era muito clara: o Mossad devia dedicar praticamente todo o seu esforço para garantir o futuro de Israel. Confrontado com o poder reunido dos Estados árabes, o Mossad não tinha recursos para ressuscitar o passado. Criminosos nazistas só seriam perseguidos se evidências sólidas fossem apresentadas ao Mossad. Embora sob o comando do general Amit fosse mantida uma pequena vigilância sobre Mengele até o fim dos anos 1960, ele não era mais um alvo de alta prioridade. Considerando futuros eventos, isso não era uma norma que pudesse ser seriamente desafiada. Amit não sabia então, mas estava se preparando para a Guerra dos Seis Dias em 1967. Por certo ele nunca duvidou da sabedoria dessa mudança política fundamental:

> Eu não estava satisfeito com o fluxo de informações sobre assuntos que precisávamos saber. Cheguei à conclusão de que a informação não fluía porque a organização estava envolvida com outros assuntos. Acho que eu estava certo na época e acho que ainda estou certo hoje. [379]

A questão que nunca será resolvida de modo satisfatório é: até que ponto os israelenses estiveram perto de sequestrar Mengele na fazenda a 40 quilômetros de São Paulo? Não estavam, como disse Harel, assim tão perto? Ou Mengele, como afirmou Zvi Aharoni, estaria ao alcance deles?

Aharoni admitiu que não tinha prova conclusiva de que o homem que viu na estrada de terra perto de São Paulo, em 1962, fosse Josef Mengele. Mas três fatos vitais sugerem agora que Aharoni pode muito bem ter estado certo. No início de 1962, Mengele estava hospedado na casa de Wolfgang Gerhard enquanto este fazia os arranjos finais para Mengele ir morar com os Stammer em Nova Europa. O informante do Mossad, o homem da SS, Willem Sassen, estava também correto em identificar Wolfgang Gerhard como protetor de Mengele. Por fim, as fotos de Mengele tiradas durante os anos 1960 – divulgadas em 1985 – reforçaram a crença de Aharoni de que o homem que ele viu era de fato sua presa.

Um agente veterano do Mossad na caçada a Mengele recordou que foi Aharoni quem por fim obteve uma evidência conclusiva sobre o esconderijo de Adolf Eichmann em Buenos Aires. “Zvi teria finalmente encontrado Mengele”, disse o agente. “Era só uma questão de tempo. Se tivéssemos mais um ano, teríamos chegado a ele. Só mais um ano e o teríamos levado para Israel, onde teria sido enforcado.” [380]

CAPÍTULO 11

Caçando Sombras

Enfrentando a intimidação dos olhares fixos da polícia secreta do presidente Stroessner, a caçadora de nazistas Beate Klarsfeld estava testando os limites da livre expressão no Paraguai. “Presidente Stroessner, o senhor mente quando diz que não sabe onde está Mengele da SS”, proclamava sua faixa em maio de 1985. Isso se desenrolava nos degraus da Suprema Corte que concedera, há um quarto de século, cidadania paraguaia a Mengele. E, uma hora depois, a paciência da polícia se esgotou. A sra. Klarsfeld havia atraído um grupo pequeno, mas resoluto, de jovens opositores do repulsivo regime de Stroessner, e mandaram que ela saísse de lá. De volta ao Hotel Guarani, em Asunción, o gerente pediu que Beate Klarsfeld fizesse as malas. O desrespeito ao idoso ditador não é tolerado pelos acólitos bajuladores de seu partido Colorado.

Desde o início de sua visita, Beate Klarsfeld tinha sido desafiada por um indignado porta-voz presidencial, Anibal Fernandez, e pelo proprietário de uma emissora de TV a favor do governo, Simon Bo, a respaldar com provas as alegações sobre Mengele. Bo acusou-a de “transformar a caçada ao dr. Mengele num negócio”. Fernandez disse: “Ela fala que ele está aqui, mas então que nos diga onde está”. Beate Klarsfeld só pôde responder: “Se pensar em termos lógicos, não há nenhum outro lugar onde ele possa estar”. [381]

Duas semanas depois, numa luminosa tarde de outono, os ossos de Josef Mengele foram exumados de uma sepultura coberta pelo mato e o crânio erguido

bem alto, num gesto triunfal, para o mundo inteiro ver. O local era Embu das Artes, no Brasil, a 40 quilômetros de São Paulo, mais de 1.100 quilômetros a leste de Asunción.

Mas os Klarsfeld não foram as únicas vítimas da descoberta do túmulo em Embu. Simon Wiesenthal, que com frequência afirmava ter estado, esbaforido, poucos passos atrás de Mengele, também se encontrara "cem por cento seguro" de que ele estava se escondendo no Paraguai. Para aqueles que se espantaram com a promoção de Wiesenthal a uma espécie de Sherlock Holmes internacional, sua acusação foi muitas vezes absoluta. Para os Klarsfeld, cujos sucessos reais como autonomeados caçadores de nazistas não eram alarde ocioso, a certeza que demonstraram nesse caso foi um desagradável lapso. Mas como o Paraguai se manteve como parte do mito Mengele? Os Klarsfeld e Wiesenthal não podem ser responsabilizados sozinhos. Eles foram apenas parte de uma torrente de caçadores e jornalistas interessados, incluindo os autores, que tinham a certeza de que, em algum lugar dos recessos mais sombrios da selva paraguaia, se emboscava o "Anjo da Morte".

O próprio presidente Stroessner carrega uma parte da culpa por uma ferida na reputação de seu país que foi em grande parte autoinfligida. Como salientou Beate Klarsfeld: "Se Mengele partiu, a polícia tem de saber disso; tem de estar nos seus arquivos". Stroessner tentou convencer o mundo de que Mengele havia partido em 1961 ou 1962. Nem uma só vez ele ou sua polícia tentaram descobrir exatamente para onde Mengele tinha ido. Que seu governo poderia ter feito isso por meio de Hans Rudel ou Alban Krug está fora de dúvida. A verdadeira questão é entender por que ninguém acreditou na afirmação do Paraguai de que seu mais infame cidadão tinha escapado.

O mito estava baseado em fato. Josef Mengele *tinha* estado no Paraguai e, como o encarregado de negócios da Alemanha Ocidental, Peter Bensch, descobriu em 1961, ele se tornara cidadão. Daí em diante, cabia ao governo do Paraguai o ônus de provar que não estava mais lá. Foram em grande parte as escaramuças diplomáticas entre os alemães ocidentais e os paraguaios e o fracasso das duas partes em resolver o mistério do paradeiro de Mengele que permitiram que do fato se desenvolvesse a ficção.

Sem dúvida, na maior parte dos anos 1960 e em grande parte dos anos 1970, o governo da Alemanha Ocidental levou todo mundo a acreditar que Mengele provavelmente estivesse vivendo no Paraguai.[382] Já em 1963, o chanceler da Alemanha Ocidental Konrad Adenauer, numa de suas últimas decisões importantes no exercício do cargo, ofereceu ao presidente Stroessner 10 milhões de marcos alemães, cerca de 2,5 milhões de dólares, para extraditar Mengele. Eckart Briest, o embaixador alemão ocidental em Asunción, foi informado que a oferta de Adenauer não seria aceita. Mantinha-se, portanto, viva a suspeita não só de que Mengele estivesse no país, mas de que estivesse sendo ativamente protegido pelos altos escalões do governo.[383]

Em 7 de fevereiro de 1964, vários meses depois de a oferta de Adenauer ter sido recusada, o Ministério do Exterior em Bonn emitiu a seguinte nota:

> Podemos confirmar que Mengele é de fato um cidadão paraguaio. Obteve um cartão de identidade e cidadania no Paraguai. A Divisão Paraguaia de Investigações emitiu a ficha de Mengele 425.0066 em 1959. Essa ficha diz que Mengele visitou pela primeira vez o Paraguai em 1959. O documento de identificação dado a ele em 1959 tinha o número 293.348 e, em 27 de novembro de 1959, a cidadania número 809 foi emitida pela Suprema Corte e assinada por Werner Jung e Alejandro von Eckstein.
>
> Na primeira parte dos anos 1960, ele esteve com frequência no sul do país, na fronteira com a Argentina e o Brasil. Mais tarde chegou a Asunción e ficou na pensão “Astra”, registrado com o nome de “Peter Fast”.
>
> Nesse momento, ele está no triângulo de três países e pode inclusive estar no Brasil.[384]

A nota provocou uma refutação imediata do ministro do interior paraguaio Edgar Ynsfran. Ouvindo e respondendo perguntas com serenidade numa coletiva de imprensa, o advogado de formação britânica, sem se comprometer, admitiu apenas que Mengele “não estava no Paraguai naquele momento”.

Apesar de toda a ambiguidade na nota alemã, eles sem dúvida acreditavam que Mengele estava no Paraguai. No dia seguinte, o embaixador Briest se encontrou com o presidente Stroessner para fazer uma última tentativa de conseguir alguma assistência paraguaia na caçada a Mengele. Na nota de Bonn, os alemães haviam citado a própria ficha policial do governo paraguaio sobre Mengele dizendo que ele entrara no país em 1959. Isso estava errado, é claro, pois a primeira visita de Mengele fora em 1951. Mas Briest procurou usar esse erro factual como motivo

para Stroessner retirar a cidadania de Mengele. Briest baseou seu argumento na exigência paraguaia de que um requerente de cidadania tivesse residido no país durante cinco anos consecutivos antes de encaminhar o pedido. Briest disse a Stroessner que, como a ficha da polícia paraguaia indicava a entrada de Mengele em 1959, era impossível que ele tivesse satisfeito a exigência de uma residência de cinco anos para a cidadania concedida em novembro de 1959. Sua cidadania, portanto, poderia ser revogada porque fora concedida com base numa falsa declaração. Uma vez que a barreira da cidadania fosse tirada do caminho, Briest argumentou, Mengele poderia ser extraditado.

Dessa vez o presidente não se equivocou. Sem dúvida Bonn não acreditara nas numerosas negativas do governo de que Mengele ainda estivesse em solo paraguaio. Stroessner encarou esse persistente ceticismo como um ataque à sua integridade pessoal. Começou a dar socos na mesa e levantou a voz. “Uma vez paraguaio, sempre um paraguaio”, vociferou para Briest, que foi advertido de que, se insistisse no assunto, seria declarado *persona non grata*. [385]

O ataque de nervos do presidente teve apenas um efeito: intensificou a suspeita de que Mengele estava de fato no Paraguai com a aprovação tácita de Stroessner. O absurdo era que, para Stroessner, o problema tinha pouco a ver com a possibilidade de ele estar conivente com um dos homens mais maléficos do século XX, mas tinha grande relação com a santidade da cidadania paraguaia, que um aliado próximo havia ousado questionar. Baseado em tão estranhos axiomas governava o presidente.

Na sequência do tratamento humilhante dispensado ao embaixador Briest, as autoridades judiciárias alemãs ocidentais endureceram a abordagem. Em julho de 1964, Fritz Bauer, o incansável procurador-geral do Estado de Hesse, responsável pelo caso Mengele, elevou a recompensa por sua captura de 20 mil para 50 mil marcos alemães, o equivalente a 12.500 dólares. [386] Para grande consternação do Ministério do Exterior alemão ocidental, Bauer deu os primeiros passos no que se tornou uma guerra de palavras com o Paraguai. O acordo secreto de Bauer com os israelenses durante o caso Eichmann havia mostrado que ele não era o tipo de homem que fica em cima do muro. Dessa vez, a coisa se tornou pública.

Bauer denunciou que Mengele passou grande parte do tempo no Paraguai usando seu nome verdadeiro, visitou Asunción, teve muito dinheiro e amigos importantes, visitando livremente o sul do Paraguai e uma reserva indígena paraguaia, assim como o Brasil. Mas Bauer tinha reunido apenas fragmentos da verdade. Sua informação estava há muito desatualizada. Contudo, numa disputa pela verdade entre uma veterana e respeitada figura judicial como Fritz Bauer e o ministro do interior de um governo que lembrava uma versão barganhada e simplificada do regime de Benito Mussolini, Bauer sempre ia vencer. A resposta de Edgar Ynsfran dois dias depois – que Mengele "definitivamente não estava no Paraguai e sim no Brasil ou no Peru" – foi recebida com desprezo.

A tempestade que Ynsfran provocou irrompeu no meio do demorado julgamento em Frankfurt do pessoal da SS em Auschwitz. Vinte e um oficiais, médicos e guardas tinham estado no banco dos réus desde dezembro de 1963. Detalhes medonhos haviam emergido sobre como funcionários trabalhavam dia e noite, em turnos com sete datilógrafos, para completar relatórios das mortes de prisioneiros selecionados pelos médicos para morrer nas câmaras de gás. Um nome que continuava se destacando e se tornava mais notável pela ausência do homem era o de Josef Mengele. Retornavam os lembretes assustadores de seu olhar satânico na rampa no final da linha. "Tinha os polegares no cinturão do revólver", disse uma testemunha, dr. Ella Lingens. "Lembro-me também do dr. König e para seu crédito devo dizer que ele sempre se embebedava antes, assim como o dr. Rhode. Mengele não; ele não precisava, fazia aquilo sóbrio." [387]

O julgamento em si teve uma ampla cobertura da imprensa. Centenas de testemunhas foram chamadas e havia 20 promotores e 45 advogados de defesa envolvidos. Agora Bauer instruía seu promotor-chefe, Hans Kuegler, a continuar a ofensiva contra o governo paraguaio. A raiva de Bauer fora provocada pela afirmação paraguaia de que Mengele estava no Peru. Bauer encarava isso como uma mentira deliberada, baseada num fiasco de relações públicas cometido pelo governo de Lima ainda no mês anterior. O ministro de governo e polícia peruano, dr. Juan Languasco Dehabich, tinha dito numa coletiva de imprensa que Mengele fora capturado numa cabana de palha nas selvas peruanas. Seu comentário fez repórteres de jornais do mundo inteiro correrem para Lima. Com base nessa notícia, o próprio Bauer pedira que Bonn processasse de imediato um

pedido de extradição aos peruanos. No dia seguinte ao anúncio da “detenção” de Mengele, o governo peruano disse que o ministro havia cometido um erro. Uma declaração oficial afirmava que ele havia pensado que um repórter estava lhe perguntando sobre a prisão de um agitador comunista chamado David Livingstone Penn, não de Mengele, e que tudo não passara de um “momentâneo mal-entendido”.

O que havia deixado Bauer tão irritado foi acreditar que os paraguaios tinham provocado a confusão no Peru. Bauer estava convencido de que os paraguaios sabiam que Mengele não estava no Peru e que Ynsfran, o ministro do interior paraguaio, tinha feito uma declaração pública colocando-o nesse país na esperança de tirar o holofote do Paraguai. Unida à genuína gafe do governo peruano com relação à “detenção” de Mengele, fora um golpe baixo, mas eficiente dos paraguaios. Bauer não queria que se livrassem com tanta facilidade do embaraço. O procurador da corte de Frankfurt, Hans Kuegler, não mediu as palavras:

> O Paraguai está protegendo Mengele. Estamos convencidos de que a proteção vem das mais altas esferas do governo paraguaio. [388]

Os conflitos ficariam mais intensos. Nenhuma declaração poderia ter sido mais precisa, mais deliberada, mais provocadora. Três dias depois, Bauer levou adiante o assunto convocando uma coletiva de imprensa para fornecer provas da afirmação de Kuegler. [389] Anunciou que estava em posse de informação “absolutamente confiável” de que um paraguaio de descendência alemã, Werner Jung, fora copatrocinador da cidadania de Mengele em 1959. Também afirmou que os paraguaios haviam adotado uma nova tática:

> O Paraguai está dizendo agora que o cidadão paraguaio José Mengele não é Josef Mengele, o fugitivo procurado. Mas não parece que o Paraguai esteja de fato empenhado em fazer qualquer esforço para encontrar Mengele. Grupos interessados o estão protegendo. [390]

Dessa vez o governo paraguaio não respondeu. Ficou a cargo de Ezequiel Gonzalez Alsina, editor-chefe do jornal do partido Colorado, de Stroessner, o

Patria, dizer a um grupo de correspondentes estrangeiros que Bauer estava "falando besteira".[391] Bauer tinha sem dúvida entendido errado, mesmo que estivesse bem-intencionado. Mas a atitude de Ynsfran de não encarar os fatos, não apresentar provas, responder aos ataques com resmungos diplomáticos e difamar o Peru levou à derrota do Paraguai na batalha das relações públicas. Agora a maioria dos jornais acreditava de fato que Mengele estava sendo escondido no Paraguai porque era nisso que acreditava o procurador-geral alemão ocidental. No que o Ministério do Exterior alemão acreditava não está claro, embora estivesse numa situação privilegiada para descobrir a partir da embaixada em Asunción. Seu pessoal vez por outra encontrava grupos pouco convincentes de neonazistas em Asunción, que tinham escolhido o circuito festivo. Não teria sido difícil tirar alguma informação deles.

Castigada pelo ataque de Stroessner ao embaixador Briest, a embaixada estava de fato adotando uma postura muito rígida. Um artigo especulativo publicado na revista alemã *Der Spiegel*, em agosto de 1964, afirmava que Mengele fora visto recentemente no Paraguai. O artigo instigava a embaixada alemã a perguntar aos paraguaios se não era verdade. Em 23 de setembro, o governo paraguaio emitiu uma declaração dizendo que, além de não estar no Paraguai, Mengele "partiu quatro anos atrás". Embora a declaração fosse verdadeira, repetidas refutações irritadas e na defensiva, sem nenhum indício de que o país estivesse disposto a ajudar na busca de Mengele, haviam quase esgotado a credibilidade do Paraguai. O presidente Stroessner havia se tornado o pior inimigo dele próprio.[392]

O artigo da *Spiegel* também motivou uma carta irritada de Hans Rudel, que fora descrito como um dos maiores amigos de Mengele. O artigo afirmava que os dois haviam participado há pouco tempo de uma farra com bebida e que Rudel também conhecia Alban Krug. Mengele, Rudel e Krug eram de fato amigos, mas a farra com bebida era um evento improvável, já que Rudel era abstêmio. Sem dúvida Rudel negou conhecer Krug, a quem havia apresentado Mengele. De maior interesse foi o modo como ele renegou publicamente o amigo, dizendo que a sugestão de um tal relacionamento era "difamatória":[393]

> Tanto eu quanto Mengele moramos, em anos passados, na América do Sul e é de onde eu o conheço. Fazíamos parte da comunidade formada pela colônia alemã e participávamos de seus eventos. Desde

então não tive mais contato com Mengele. Não fui seu amigo, nem jamais participei de uma bebedeira com ele, muito menos há dois ou três meses. Minha última viagem de negócios à América do Sul foi em abril deste ano. Nem vi Mengele nem falei com ele. Não conheço nenhum fazendeiro que se chame Krug e nunca passei qualquer período em seu pavilhão de caça. Peço-lhes agora que publiquem essa correção e ficaria grato se me colocassem a par de suas fontes para essas histórias difamatórias a meu respeito. [394]

Seis dias depois do anúncio paraguaio de que Mengele não vivia no país desde 1960, o ministro da justiça alemão ocidental, Ewald Bucher, se perguntou em voz alta se a solução para a intransigência de Stroessner não poderia ser outro sequestro estilo Eichmann. Não poderia haver mensagem mais clara da crença de Bonn de que Mengele estava se escondendo com a bênção presidencial. Bucher disse ao Centro de Documentação dos Crimes Nazistas, em Haifa, que seu governo jamais poderia cogitar uma ação dessas, mas talvez isso fosse possível para os israelenses. Por trás do comentário de Bucher se encontrava uma verdade inegável. Mais uma vez, os fatos mostravam que a informação filtrada para Bonn estava desatualizada e resultara de uma pesquisa precária. Era uma deficiência que poderia ser remediada por uma equipe de agentes em tempo integral, como os israelenses tinham arregimentado no início dos anos 1960 e depois abandonado.

Mas os alemães não pensavam seriamente em métodos informais de levar Mengele à justiça. Trabalhavam o caso dentro dos confins de seu sistema legal. Num esforço para conseguir um avanço, os procuradores alemães ocidentais apelaram aos tribunais solicitando um mandado de busca para inspecionar a casa de Hans Sedlmeier, amigo de longa data de Mengele e executivo da empresa da família. Fritz Bauer estava convencido de que, se alguém na Alemanha mantinha contato com o médico fugitivo, esse alguém era Sedlmeier. Simon Wiesenthal também estava convencido de que Sedlmeier era uma figura-chave no caso Mengele e informou os procuradores alemães de sua suspeita numa carta de 1964. Seus palpites estavam certos. Sedlmeier era não apenas o mensageiro da família para visitas sul-americanas a Mengele, mas também a “agência de correio” para o recebimento de dezenas de cartas de Mengele. Contudo, quando irromperam na casa de Sedlmeier em meados de 1964, os agentes da polícia alemã ocidental não encontraram um só fragmento de evidência incriminadora. [

[395] Segundo Rolf Mengele, sem o conhecimento de Fritz Bauer e da Polícia Federal, Sedlmeier tinha um contato de alto nível na polícia local que o advertiu da batida iminente. Sedlmeier recebeu uma chamada telefônica de seu amigo da polícia e foi informado: “Vamos dar uma busca em sua casa, cuide para que não encontremos nada”. Sedlmeier teve tempo suficiente para se certificar de que todos os documentos relevantes tinham sido removidos. Se não tivesse havido conluio da polícia com Sedlmeier, o caso Mengele poderia muito bem ter sido resolvido em 1964, e Mengele teria se unido às fileiras de acusados no tribunal de Frankfurt.

A batida fracassada na casa de Sedlmeier não foi revelada ao público. Mas o caso Mengele continuou a manter um alto perfil na Alemanha Ocidental, com base em parte na profunda desconfiança das respostas públicas do Paraguai e em parte na publicidade em torno do julgamento de Auschwitz. Não era um clima muito favorável a simpatias pela esposa separada de Mengele, Martha, quando ela apelou contra a decisão tomada pelas universidades de Frankfurt e de Munique de despojar Mengele dos diplomas de medicina e antropologia. No início de 1964, a Universidade de Frankfurt havia convidado publicamente Mengele para que ele se defendesse das acusações de que tinha violado os princípios do juramento de Hipócrates, um convite que Mengele não aceitou. Martha, então, contratou o dr. Hans Laternser, um dos advogados de defesa no julgamento de Auschwitz, para agir em nome de Mengele. Laternser argumentou que o indiciamento de 1959 contra Mengele continha acusações não provadas e que alguns outros médicos dos tempos de guerra acusados de crimes de experimentação não tinham perdido seus diplomas. Mas os reitores de Frankfurt e Munique não se deixaram impressionar. Rescindiram os diplomas “devido a crimes que ele cometeu como médico no campo de concentração de Auschwitz”.

Como antecipação do que poderia acontecer se um dia Mengele fosse levado aos tribunais, o julgamento dos reitores não foi um bom presságio. Tendo lido as 75 páginas de declarações de testemunhas, julgaram os depoimentos dignos de crédito o bastante para declararem Mengele culpado.[396] Mais desagradável para ele, no entanto, deve ter sido o julgamento implícito de que, em termos acadêmicos, seu trabalho fora desprovido de qualquer mérito científico real. Mengele sempre tinha sido guiado pela ambição de alcançar um *status*

acadêmico. O título de “doutor” era importante para ele, como mostrou mais tarde ao escrever a Rolf insistindo para que reconsiderasse a decisão de não fazer um doutorado em direito:

> De todos os argumentos que você levantou relativos à sua intenção de não entrar nesse nível de doutorado, eu aceito aquele que diz que falta a você interesse, atenção e um verdadeiro empenho. Não consigo encontrar a palavra certa para me expressar… seja como for, isso me afetou bastante. Conseguir o doutorado foi de fato o único pedido que eu lhe fiz em toda a sua vida. [397]

Enquanto isso, em Asunción, a credibilidade paraguaia sofria um golpe mortal com a prisão de Detlev Sonnenberg, um ex-oficial da SS que morava em Sarzedo, Minas Gerais, no Brasil. Ele disse à polícia que tinha visto Mengele várias vezes, sendo a última no Paraguai em fins de 1965. Sonnenberg afirmou que Mengele estava então praticando medicina. Embora não houvesse dúvida de que a credibilidade de Sonnenberg era duvidosa – ele costumava se gabar de seus contatos com nazistas procurados –, a reação do ministro do interior paraguaio, Edgar Ynsfran, foi assombrosa. Depois de negar que Mengele estivesse no Paraguai, Ynsfran garantiu que ele não tinha sequer a cidadania paraguaia. [398]

Um dos poucos triunfos de que os alemães ocidentais podiam se vangloriar na caçada a Mengele era o fato de terem obtido uma cópia de seu documento de cidadania paraguaia. O comentário de Ynsfran era uma mentira descarada. Dava aos alemães ocidentais e à imprensa uma visão totalmente distorcida da conexão paraguaia com Mengele, mas uma visão que a dissimulação dos paraguaios os autorizava a sustentar.

Quando Hubert Krier sucedeu Eckart Briest como embaixador em 1965, Bonn já havia desistido de tentar exercer mais pressão sobre o Paraguai. Disse Krier:

> Antes de minha partida recebi instruções para não fazer nada com relação ao caso Mengele. Não me deram explicações para isso. Uma explicação para tais instruções me foi mais tarde fornecida no Paraguai pelo secretário de Estado. Numa visita, ele me disse que haviam chegado à conclusão de que pedir a extradição de um cidadão paraguaio seria grotesco e absurdo. Isso fazia sentido. Mengele era cidadão paraguaio e na opinião do governo e em minha opinião o pedido violava uma lei internacional não escrita, a saber, que um Estado forte não deveria exigir que um Estado mais fraco extraditasse um de seus cidadãos. [399]

Krier sem dúvida parece ter seguido esse conselho. Adotou uma atitude mais cavalheiresca quando fez uma consulta sobre Mengele numa recepção. Como Alejandro von Eckstein, que copatrocinou a cidadania paraguaia de Mengele, recordou:

> O embaixador se aproximou e me perguntou se eu me importaria de ter uma conversa com ele. Eu disse: "Claro que não, seria um prazer". Na época, eu já era capitão reformado. Eu o acompanhei e ele queria falar comigo sobre o dr. Mengele. Eu disse que o dr. Mengele tinha saído do país e que, desde sua partida, nunca mais soube nada a seu respeito. O embaixador me disse: "Desculpe, estou apenas cumprindo ordens de Bonn. Desculpe". Trocamos um aperto de mãos e isso foi tudo. [400]

A imagem decadente da Alemanha Ocidental como nação corrigindo o passado nazista sofreu outro revés em 30 de junho de 1968, com a morte prematura de Fritz Bauer, o único homem no judiciário do país que tinha, de maneira consistente, perseguido Mengele. A tendência de Bauer a exagerar na dureza de seus pronunciamentos públicos tinha instigado, de modo significativo, os paraguaios a defender, em excesso, a integridade do presidente. A verdade foi uma vítima que caiu em algum lugar no meio disso. Não obstante, como o *The New York Times* recordou em seu obituário, Bauer foi um homem que tinha "alcançado reconhecimento internacional pelo empenho em levar criminosos de guerra nazistas à justiça". [401]

No meio da confusão sobre onde exatamente Mengele estava, só um país saberia responder com certeza, e era Israel. Segundo um veterano do Mossad, eles tinham recebido informações de que Mengele estava no Brasil. Mas o Mossad guardava essa informação para si. A Guerra dos Seis Dias, em 1967, havia confirmado a visão do general Meir Amit, chefe do Mossad, de que os recursos tinham de estar concentrados na ameaça árabe. Não parecia haver justificativa para bancar uma força-tarefa especial para conferir as pistas trazidas por agentes de Harel no início dos anos 1960. Na esteira da guerra, Israel também sofreu uma importante mudança em política externa. Jerusalém decidiu abrir uma embaixada em Asunción. Teria sido uma base ideal a partir da qual poderiam levar adiante, de maneira clandestina, a caçada a Mengele. Mas Benjamin Weiser Varon, embaixador de 1968 a 1972, tinha uma missão muito

mais simples: “Fui mandado para lá para fazer amigos e influenciar pessoas”, disse ele.

A decisão de abrir uma embaixada em Asunción foi tomada logo depois do dia 1º de janeiro de 1968, quando o pequeno Paraguai assumiu um poder desproporcional no cenário diplomático mundial ao se tornar um dos dois países latino-americanos no Conselho de Segurança da ONU. Na opinião de Varon, o Conselho fora “durante um tempo demasiado longo um tribunal tendencioso contra Israel”. A principal tarefa de Varon era persuadir o Paraguai a “participar de uma pequena minoria que, vez por outra, ainda vota a favor de Israel”. Dificilmente se passava uma semana sem que Varon pedisse ao ministro do exterior paraguaio, dr. Raul Sapena Pastor, um voto a favor de Israel na ONU. Não era provável que levantar o problema de Mengele ajudasse nesse objetivo. Assim, em sua nomeação, Varon “não recebeu do Ministério do Exterior instruções de qualquer espécie sobre Mengele. O assunto não era sequer mencionado”. [402]

Nem foi Varon informado de que o Mossad tivera equipes no Paraguai e no Brasil de 1960 a 1962 ou que Harel havia considerado a possibilidade de ataque de um comando a uma fazenda paraguaia. Na verdade, Varon só ficou sabendo disso depois que deixou o cargo, quando a Televisão Granada exibiu um especial do programa *World in Action* sobre Mengele, pesquisado por John Ware, em novembro de 1978:

> Era estranho que eu tivesse ficado a par de tudo isso graças ao roteiro do programa que Granada me enviou depois que o docudrama [*sic*] foi exibido na Inglaterra. Isso provava que não fora considerado sensato me sobrecarregar com esse conhecimento quando me apresentei para a missão no Paraguai. Também provava que o serviço secreto de Israel atua com total independência do Ministério do Exterior. Por outro lado, as revelações de Harel coincidiam com as conclusões a que eu mesmo tinha chegado. [403]

Autocracia do Mossad à parte, Jerusalém tinha outra boa razão para não mencionar o problema a Varon: eles sabiam que Mengele estava vivendo no Brasil. Mas o efeito do furor diplomático entre Asunción e Bonn – em que uma proteção presidencial de Mengele havia se tornado parte da mitologia – logo fez sentir sua presença, segundo Varon:

> Eu estava com minha família no aeroporto de Buenos Aires a caminho do Paraguai. Conhecemos uma jovem judia e seu marido. Ela nos apresentou ao pai, que estava intrigado com o fato de o Paraguai, com uma minúscula comunidade judaica, merecer um embaixador israelense. De repente ele teve um *insight*: "Eu sei por que está indo para lá", disse piscando o olho e, como o encarei com um ar de surpresa, ele sussurrou no meu ouvido: "Dr. M". Por estranho que pareça, entendi de imediato. [404]

O próprio Varon tornou-se uma vítima da mitologia. "Estava Mengele realmente no Paraguai enquanto eu estava servindo lá?", ele escreveu mais tarde. "Eu não poderia ter a menor dúvida a esse respeito." [405] O que de fato o convenceu, disse Varon, foi a reação do governo ao grande número de afirmações dos jornais de que Mengele estava lá. O assunto foi abordado com Varon em diversas ocasiões pelo ministro do exterior, dr. Sapena Pastor, a pedido do presidente Stroessner. Mas Pastor sempre se detinha na hora de negar que Mengele estivesse no país, um sinal que Varon, com a noção da presença de Mengele agora profundamente incrustada no subconsciente, acreditava significar que "ele de fato tinha, nesse momento, um de seus abrigos no Paraguai". [406]

Um dia o ministro do exterior paraguaio perguntou a Varon sobre a fonte das histórias de Mengele e o que ele podia fazer a esse respeito. Muitas dessas histórias emanavam de Tuvia Friedman, que dirigia um centro de documentação de crimes nazistas em Haifa, Israel. Como Varon explicou, em teoria o ministro tinha direito a "abordar o quiproquó por causa do apoio do Paraguai na ONU". A tarefa de Varon, no entanto, foi convencê-lo de que não havia nada que ele pudesse fazer.

> Eu disse: "Espero que compreenda as desvantagens de um regime democrático. Está totalmente fora de questão que de governo para governo as relações entre nossos dois países não poderiam ser melhores. O senhor pode acreditar que o valente apoio do Paraguai nas Nações Unidas é muito apreciado. Mas nós temos uma imprensa livre; ela pode dizer o que quiser. Se amanhã um de nossos jornais dissesse que o sr. Eshkol [então primeiro-ministro de Israel] é um canalha e que a sra. [Golda] Meir é uma idiota, nada poderia ser feito a esse respeito. Agora em Israel há meio milhão de sobreviventes do Holocausto. Para o senhor, *Señor Canciller*, a existência do dr. Mengele pode ser um incômodo. Para esse meio milhão de sobreviventes é uma afronta, uma provocação, uma abominação. Não há em definitivo nenhum meio de silenciar o sr. Friedman." [407]

A crença de Varon de que Mengele estava no Paraguai foi ainda confirmada quando o dr. Pastor pareceu insinuar que não podia resolver a questão de Mengele sozinho e que talvez fosse melhor contar com comandos israelenses. Varon interpretou aquilo como uma confirmação de que Mengele estava escondido dentro das fronteiras do país, mas que o assunto estava fora do controle pessoal de Pastor:

> É possível que fossem os sentimentos de Sapena Pastor se insinuando – "levem-no daqui, tirem-no de nossas mãos". Mas ele não falava pelo presidente. E, no Paraguai, o presidente Stroessner dava a primeira e a última palavra. [408]

Embora não estivesse a par da política do general Amit para o Mossad, Varon teve uma experiência direta das razões pelas quais o Mossad havia colocado outras prioridades na frente da caçada aos nazistas. Em 2 de maio de 1970, "dois atiradores da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) entraram correndo em sua embaixada e começaram freneticamente a atirar. Quatro funcionários israelenses foram feridos e um foi morto. Quando por fim alcançaram o gabinete do embaixador, os terroristas chutaram, arrombaram a porta e apontaram para a cabeça de Varon. Por sorte, tudo que ele ouviu foi o clique do revólver. Ambos os atiradores haviam esgotado as balas. Antes que conseguissem recarregar, a polícia paraguaia chegou e os prendeu. Constrangido por uma missão diplomática ter sofrido um atentado em seu território, em especial uma missão estabelecida há tão pouco tempo, o Paraguai sentenciou os homens da OLP a 15 anos de trabalhos forçados.

Na ausência de uma "política sobre Mengele", Varon desenvolveu uma resposta-padrão aos palpites que chegavam à embaixada sobre seu último esconderijo: o governo israelense não estava procurando Mengele; a República Federal da Alemanha sim. Desse modo Varon dizia a cada informante que o destinatário adequado para a informação era a embaixada alemã ocidental. "Tenho de confessar que eu não estava assim tão ávido para encontrar Mengele", disse Varon. "Ele representava um dilema. Israel tinha reivindicado menos sua extradição que a Alemanha. Ele afinal era um cidadão alemão que havia

cometido seus crimes em nome do Terceiro Reich. Nenhuma das vítimas era israelense – Israel só passou a existir vários anos mais tarde.” [409]

O raciocínio de Varon parece herético em vista da busca séria, frenética por Mengele que começou quinze anos depois, em 1985, como última e desesperada tentativa feita pela Alemanha Ocidental e por Israel, a pedido dos Estados Unidos, de resgatar suas consciências coletivas. Como o mundo agora sabe, estavam com seis anos de atraso.

Mas nesse vácuo de quinze anos, criado pelo abandono da caçada por Israel e pela admissão, por parte da Alemanha Ocidental, de que não estavam conseguindo localizar nem extraditar Mengele, tomaram a frente os autonomeados caçadores de nazistas. A tragédia era que, por mais louvável que fossem as intenções, o julgamento deles ficava encoberto pela necessidade que tinham de publicidade. Ao trabalhar para sustentar o interesse em sua busca, eles mantiveram, de modo involuntário, o holofote sobre o país errado – o Paraguai.

CAPÍTULO 12

“Eu Vi Mengele”

Josef Mengele era um visitante habitual dos melhores restaurantes de Asunción, a capital paraguaia. Como é natural, ele também visitava o Clube Alemão – o Mercedes preto 280SL avançava suntuoso, e guardas armados saltavam, vistoriando com ansiedade o local. Certa noite, ele próprio deu um espetáculo ao bater com o revólver no balcão. [410]

Para a maioria das pessoas, a fonte dessa história interessante era confiável. Tratava-se de Simon Wiesenthal, o caçador de nazistas de Viena, figura familiar nas telas de TV. A evidência tinha vindo de sua rede de informantes que diziam estar espalhados ao redor do globo.

Wiesenthal afirmaria com frequência que seus informantes tinham “visto” Mengele. Às vezes, tinham “perdido por pouco” Mengele. Um desses escapes por um triz, segundo Wiesenthal, ocorrera no verão de 1960, quando Mengele estava buscando refúgio no Egito. Preocupado com sua imagem internacional, o presidente Nasser barrou a entrada de Mengele e o médico foi levado por um ex-*Obersturmführer* da SS, chamado Schrawz, num iate fretado, juntamente com a esposa, Martha, para a diminuta ilha grega de Kythnos. “Eu estava prestes a partir para Jerusalém, para assistir ao julgamento de Eichmann”, Wiesenthal escreveu num livro sobre suas façanhas investigativas: [411]

> Se eu notificasse as autoridades gregas por meio de canais internacionais, várias semanas seriam perdidas. Dessa vez, como fizera muitas vezes no passado, optei por uma abordagem fora da rotina.

> Liguei para o editor de uma grande revista ilustrada da Alemanha com quem eu já tinha cooperado. A revista queria a história. Eu queria o homem. [412]

Dois dias depois, disse Wiesenthal, um repórter da revista chegou de barco e foi informado pelo proprietário da única pousada da ilha que "um alemão partiu ontem com a esposa. Um iate branco entrou no porto. O alemão e a esposa subiram a bordo e o iate tornou a partir, no rumo oeste". [413] O repórter mostrou ao proprietário um punhado de fotos. "Sem hesitação, o dono da pousada pegou uma foto de Mengele. Dois monges, que por acaso estavam chegando, também concordaram que aquele homem ainda na véspera estivera lá."

"Tínhamos perdido outro *round*."

Wiesenthal de fato chamou o repórter de uma revista. Seu nome era Ottmar Katz. Mas, segundo Katz, o resto da história de Wiesenthal era ficção do início ao fim:

> Recebi o ok do meu editor depois que Wiesenthal nos pediu, por carta, para verificar. Não havia um só detalhe na carta que fosse correto. Passei quatro ou cinco dias em Kythnos. Mengele certamente não esteve lá. Não havia monastério. Passei dois dias falando com o juiz de paz local, que era um decidido antinazista, e inspecionamos o registro do único hotel. O único nome que achamos que valia a pena checar era de um professor primário de Munique. Expliquei a Wiesenthal que estava tudo errado e então, sete anos depois, li seu livro, onde ele disse que havíamos perdido Mengele por algumas horas. [414]

Em 1967, Wiesenthal afirmou ter rastreado movimentos de Mengele "com bastante exatidão". Em várias ocasiões ele se gabou de tê-lo seguido para o Peru, o Chile, o Brasil, para instalações militares no Paraguai, sempre se mantendo alguns passos atrás. Mengele era um "milionário", um "médico"; estava "cercado por confortos […] além disso, mora muito perto do local onde mora Martin Bormann". Em 1978, um típico boletim de Wiesenthal sobre sua caçada a Mengele diz:

> Mengele está vivendo no Paraguai, onde é protegido pela junta local, que é dominada por alemães étnicos. Mengele é o Número Um em nossa lista de procurados. Embora observá-lo no Paraguai e monitorar suas ocasionais viagens ao exterior tenha nos custado muito dinheiro, continuamos nossas atividades contra esse arquicriminoso durante 1977 e continuaremos a fazê-lo no futuro. [415]

O mais extraordinário é que o mito da caçada de Wiesenthal continuou intacto mesmo depois que o corpo de Mengele foi descoberto. Wiesenthal disse aos repórteres que foi ele quem informou os alemães ocidentais e os persuadiu a dar uma batida na casa de Hans Sedlmeier, em Günzburg, onde foram encontradas cartas em código dando o endereço brasileiro de Mengele. Na realidade, a descoberta resultou da informação de um professor universitário a quem Sedlmeier confidenciara seu relacionamento com Mengele. Os poucos – como Benjamin Varon, ex-embaixador israelense no Paraguai – que se atreveram a desafiar o papel de Wiesenthal como proeminente caçador mundial de nazistas foram atacados de maneira feroz pelos que lhe davam suporte no influente Simon Wiesenthal Center, em Los Angeles. Gerald Margolis e Martin Mendelsohn, advogados do Wiesenthal Center, reclamaram dessa declaração de Varon:

> Ele [Mengele] seria um grande troféu para qualquer caçador de nazistas. Mas nenhum se especializou em Mengele. Simon Wiesenthal faz declarações periódicas de que está à beira de pegá-lo talvez porque tenha de levantar fundos para suas atividades e o nome Mengele seja sempre bom para uma promoção. [416]

As observações de Varon atraíram uma desregrada explosão dos srs. Margolis e Mendelsohn:

> Denegrir os esforços de Wiesenthal, como faz Varon, é difamar um homem que levou com êxito 1.100 criminosos de guerra nazistas aos tribunais; um homem que iniciou sua missão sagrada em 1945, ao contrário de alguns recém-chegados, que começaram com muita paixão e fúria, mas poucos resultados, nos anos 1980. [417]

A resposta que Varon lhes deu tocou no centro mesmo da coisa: dinheiro.

> Às vezes, nos anos 1970, Wiesenthal me confidenciava em Boston que, em absoluto, não era fácil manter na ativa sua equipe em Viena. [Ainda não havia ninguém em Los Angeles.] Dizia que os rendimentos de suas palestras e as contribuições de aproximadamente 17 mil holandeses não judeus ajudavam. Relatei em meu artigo que Wiesenthal manteve durante vários anos um fluxo regular de declarações sobre avistamentos de Mengele em diferentes países. Em 1980, disse Wiesenthal: “Agora não posso dizer onde ele está, mas […] estou muito mais perto de pegá-lo que um ano atrás”. Em 1982, ofereceu 100 mil dólares de recompensa por informações que levassem à prisão de Mengele e afirmou que, graças à

recompensa, “até os guarda-costas de Mengele o entregariam”. Estamos em 1984 e nenhuma dessas previsões se concretizou. Wiesenthal deve estar plenamente ciente de que encontrar Mengele não é igual a “pegá-lo”. E será oportuno adverti-lo, a cada poucos meses, que ele está prestes a ser “capturado”? Por outro lado, uma recompensa de 100 mil dólares, que não corre o risco de um dia ter de ser paga, é um incentivo sutil a contribuições para o Centro Simon Wiesenthal: quem não gostaria de participar com algum dinheiro da chance de pegar um monstro genocida? [418]

Margolis e Mendelsohn acusaram Varon de “profanar o que é profundo e banalizar o Holocausto”; Varon respondeu que o Holocausto “não era propriedade privada de ninguém e não devia ser invocado em vão”. Era uma briga desconcertante, disseram eles, provocada por um homem que se furtava a seguir pistas de Mengele na América do Sul, embora estivesse colocado numa posição privilegiada para fazer isso como embaixador israelense. Mas Varon tinha levantado uma verdade essencial. Como sobrevivente de vários campos de concentração, a sinceridade de Wiesenthal nunca foi posta em dúvida. Foram as pressões financeiras e uma disposição de agradar à plateia que acabaram comprometendo sua credibilidade. A verdade é que, durante muitos anos, o dossiê de Mengele que Wiesenthal tinha em seu escritório de Viena fora um *pot-pourri* de informações que, como disse o *The Times*, de Londres, “só sustentava seus mitos de justificação pessoal e dava escassa satisfação aos que pareciam precisar de uma resposta definitiva sobre o destino de Mengele”. [419]

O que ninguém pode tirar de Wiesenthal é o zelo missionário, o êxito em assegurar que muita gente e alguns governos relutantes perseguissem nazistas que teriam preferido esquecer. Devemos perguntar: se não fosse Wiesenthal, quem mais teria desempenhado esse papel? Ele foi de fato a consciência pública do Holocausto quando poucos pareciam se importar. Foi em grande parte sobre a imagem que Wiesenthal criara de si mesmo como investigador incansável, obstinado, colocado contra o onipotente e sinistro poder de Mengele e de uma vasta rede nazista que foram feitos dois filmes de longa metragem em Hollywood. Ambos, *Maratona da Morte* e *Os Meninos do Brasil*, foram sucessos de bilheteria. Desempenharam um papel importante para manter Mengele em primeiro plano na mente do público, símbolo facilmente identificável da promessa não cumprida dos Aliados de perseguir nazistas para onde quer que fugissem. Esses filmes, contudo, também criaram um clima de

desespero: Mengele era simplesmente poderoso demais, esperto demais, era "biônico", nunca seria apanhado. E no entanto […] ele estava aqui, estava lá, estava por toda parte, dizia Wiesenthal. Tinha sido visto: podia de fato ser encontrado.

Às vezes a informação de Wiesenthal acertava bem no alvo, como quando ele identificou Hans Sedlmeier, já em 1964, como uma figura central na conspiração de Mengele. Mas muitas vezes os pronunciamentos de Wiesenthal só aumentavam as expectativas do público para frustrar, a cada vez, suas esperanças. Ele, no entanto, não estava sozinho. Beate e Serge Klarsfeld, em Paris, certa vez afirmaram que Mengele estava a seu alcance. Tuvia Friedman, em Haifa, disse que sua rede de informantes "forneceu informação definitiva e precisa para identificá-lo [Mengele]". [420] [421]

E há muitos outros, totalmente independentes dos caçadores de nazistas em tempo integral, que afirmaram ter visto Mengele. Eles parecem se encaixar em três categorias. A primeira consiste das pessoas que estavam sedentas do que o artista americano Andy Warhol uma vez chamou "os 15 minutos de fama a que todo mundo tem direito em suas vidas". A segunda categoria era constituída de fascistas que obtinham uma satisfação doentia ao disseminar informações falsas para desviar legítimos caçadores dos rastros que seguiam. Esse papel foi muito bem exemplificado por Wolfram Bossert, protetor de Mengele no Brasil durante os últimos quatro anos da vida dele. Quando escreveu ao clã de Günzburg para informá-los da morte de Mengele em 1979, Bossert sugeriu que ela não devia ser anunciada para que "o lado oposto perca tempo e dinheiro". A terceira categoria de "testemunhas" de Mengele foram os que relataram, em completa boa-fé, que tinham visto de relance o mais esquivo criminoso nazista do mundo.

Sonia Tauber, uma sobrevivente de Auschwitz-Birkenau, era uma testemunha cuja sinceridade não era questionada. Ela afirmou que viu Mengele em abril de 1965, quando ele entrou em sua joalheria na Casa Inolvidable, em Asunción. Disse que ficou paralisada quando percebeu que o cliente dando uma olhada no mostruário de diamantes era o homem que poupara sua vida com um balanço do polegar. O marido disse que ela correu para os fundos da loja, pálida, e gaguejou: "Mengele, era Mengele". [422]

Antes mesmo de a embaixada de Israel ter sido aberta em Asunción, o embaixador Varon foi sobrecarregado com os avistamentos de Mengele:

> Eu ainda não estava instalado em Asunción quando um paraguaio me pediu para ser recebido. Deixei-o subir à nossa suíte de hotel. Ele pareceu misterioso, baixou a voz e disse: “Eu sei onde o senhor pode encontrar o dr. Mengele”. Eu não sabia como reagir. Desconfiei que o homem tivesse motivos mercenários e não o encorajei a prosseguir. Ele me assegurou que não estava ali em busca de dinheiro, que só queria que a justiça fosse feita. Descreveu um cenário perto da fronteira brasileira, onde, atrás de uma cerca de arame cercando seu esconderijo, eu conseguiria ver o médico dar seu passeio diário. Agradeci a meu informante e anotei seu nome.
>
> Qualquer tentação de encarar com seriedade as indicações que recebi se dissipou assim que foram inauguradas as dependências da embaixada. Dificilmente se passava uma semana sem que alguém passasse por lá para me transmitir notícias do paradeiro de Mengele. Os visitantes eram velhos e jovens, simples e educados, idealistas e caçadores de recompensas. Contudo, por mais estranho que pareça, e não importa quanto muitos desses informantes fossem sinceros, não houve duas pistas que coincidissem com as informações que recebi durante todos esses anos. Mengele parecia ubíquo. Estava no norte, no leste e no oeste. Era um médico do exército, um fazendeiro, um sapateiro, um ocioso. [423]

Outra testemunha cuja sinceridade não era questionada foi William Orbello, um tenente-coronel do exército designado para a embaixada americana em Asunción. Orbello disse que, numa visita ao Hotel Guarani, em 1969, o oficial do exército paraguaio que o acompanhava apontou para Mengele:

> Meu colega paraguaio apontou para um homem de aparência distinta que usava um terno cinza escuro e um cabelo cortado rente. Ele me disse que era Mengele. Eu não tinha conhecimento das feições de Mengele, mas também não tinha razão para duvidar da palavra do meu colega. [424]

Visões como as reportadas por Tauber e Orbello vinham de testemunhas que achavam, com sinceridade, que tinham visto Mengele. Quase com certeza não tinham. Os diários, a autobiografia e cartas de Mengele para a família descrevem suas breves excursões durante as décadas de 1960 e 1970. A evidência irresistível é que Mengele nunca se arriscou a aventuras pelo Paraguai depois do final de 1960. Nenhum dos avistamentos de Mengele informados no decorrer dos anos coincide com um tempo e um lugar onde agora sabemos que Mengele esteve. Tais avistamentos, embora bem intencionados, serviram antes de mais nada para pôr em foco o Paraguai, o país errado, como refúgio de Mengele.

Ao contrário das testemunhas que achavam que tinham visto de fato Mengele, havia muitas outras cujos relatos serviam para perpetuar a fantasia de Wiesenthal de um fugitivo que estava armado, era perigoso e gozava de apoio presidencial. Um exemplo imaginativo foi seguido da morte violenta, em fevereiro de 1965, de outro nazista foragido na América do Sul, Herbert Cukurs. Cukurs tinha sido um oficial da SS notoriamente cruel, que supervisionou, a cavalo, massacres no campo de concentração de Riga. O corpo surrado foi encontrado numa casa abandonada em Montevidéu, Uruguai. Ele fora violentamente atacado a cacetadas até a morte por um grupo que afirmou ser formado de vingadores judeus, como anunciava o telegrama mandado de Bonn a um jornal de Montevidéu:

> Herbert Cukurs, o executor de milhares de judeus em Riga, foi assassinado dois dias atrás no Uruguai por QUEM NÃO PODE ESQUECER. Seu corpo se encontra num baú, numa casa abandonada na rua Colômbia, perto de Carrasco. [425]

A polícia brasileira se envolveu na investigação porque Cukurs, saindo de sua casa em São Paulo, tinha viajado para Montevidéu pouco antes de morrer. A princípio especularam que Cukurs poderia ter sido assassinado por um grupo de colegas fugitivos nazistas, que Cukurs, tendo problemas financeiros, estaria se preparando para entregar em troca de uma recompensa. Mas a polícia logo descartou essa hipótese quando veio à luz a evidência de envolvimento judeu. Anos mais tarde, porém, o colunista Jack Anderson, de Washington, que era publicado em toda a nação americana, ressuscitou a história da recompensa nazista. Anderson afirmou que o fugitivo Cukurs estava prestes a trair o próprio Mengele:

> Cukurs tentou fazer um acordo com a clandestinidade judaica depois que publiquei seu paradeiro. Em troca da própria segurança, mais 100 mil dólares em dinheiro vivo, ele se ofereceu para levá-los a Mengele […]. Mengele sem a menor dúvida era o trunfo maior.
>
> Cukurs informou aos agentes judeus que Mengele estava se escondendo no Paraguai, do outro lado do rio Paraná, defronte à pequena cidade argentina de Eldorado […]. Ele advertiu que seria impossível se aproximarem do esconderijo de Mengele sem serem localizados.
>
> Cukurs se ofereceu, sob um pagamento de 100 mil dólares, para levar os comandos judeus até a área de hidroavião. Poderiam pousar em segredo e se aproximar pela água do desavisado Mengele.

> Minhas fontes dizem que Mengele ficou sabendo da punhalada pelas costas de Cukurs. Não muito tempo depois, dois homens apareceram no Uruguai vindos de Düsseldorf, na Alemanha, num voo da Lufthansa.
>
> Minhas fontes acreditam que ele [Cukurs] foi massacrado pelo *underground* nazista, embora tivesse sido um de seus heróis.
>
> Será que Mengele, ficando a par da oferta de Cukurs para entregá-lo, ordenou seu assassinato? Minhas fontes acreditam que sim. [426]

Na realidade, Cukurs foi assassinado por uma equipe do Mossad israelense. [427] A história de Anderson era uma peça bem escrita de ficção, que ajudou a fazer crescer a lenda de Mengele. A imagem do bem armado demônio vingador foi complementada por outra, de Simon Wiesenthal, que retratava Mengele como um homem cujos poderes de evasão lembravam os de Houdini. Wiesenthal afirmou que uma dúzia de sobreviventes de Auschwitz, autodenominados "O Comitê dos Doze", perdera Mengele por minutos ao tentar sequestrá-lo no Hotel Tirol, na selva paraguaia, perto da fronteira da Argentina, em março de 1964. Escreveu ele:

> Era uma noite muito escura e quente […]. Alguns minutos antes da uma da manhã, os homens entraram no saguão do Hotel Tyrol [*sic*], subiram a escada e arrombaram a porta do quarto nº 26. Estava vazio. O proprietário do hotel informou a eles que "*Herr* dr. Fischer" havia saído apressado há 10 minutos, depois de receber um telefonema. Estava com tanta pressa que nem se preocupara em tirar o pijama. [428]

A história foi adornada por Michael Bar-Zohar em seu livro *The Avengers*, em que ele diz que um dos participantes do grupo vingador foi encontrado morto alguns dias mais tarde, com um tiro na cabeça. Segundo Bar-Zohar, Wiesenthal afirmou que o grupo primeiro foi falar com ele em Viena:

> Conheço esses homens […]. Vieram me ver, aqui no meu escritório. Estavam atrás de Mengele e me pediram informações sobre onde ele estava se escondendo. Esse "Comitê dos Doze" tinha bastante dinheiro. Planejava sequestrar Mengele, levá-lo para um iate e julgá-lo quando estivessem em alto mar. [429]

O problema dessa história é que não existia, no Hotel Tirol, um quarto 26 ou mesmo um segundo andar. Não havia telefone pelo qual Mengele pudesse ter

sido avisado. Por fim, o Paraguai é cercado por terra, tornando a possibilidade de uma fuga por iate para o alto mar um tanto ambiciosa. Ainda assim, a história prosperou e foi expandida em subsequentes reproduções.

Mesmo pessoas sóbrias foram infectadas pela febre da caçada mítica. Alejandro von Eckstein, o capitão do exército paraguaio que copatrocinou o pedido de cidadania paraguaia de Mengele, recordou que, em 1965, foi informado pelo chefe da polícia secreta paraguaia que agentes do Mossad estavam vasculhando Asunción à procura de Mengele. Na realidade, há vários anos não havia agentes israelenses no país. Mas Von Eckstein não sabia disso:

> Fui informado que cinco israelenses tinham vindo ao Paraguai para procurar Mengele. Disseram-me para tomar muito cuidado.
>
> Mandei então minha mulher para a casa da irmã. Pus travesseiros embaixo dos lençóis da minha cama para acharem que havia um homem dormindo lá. Então fui dormir ao lado da porta da frente, no chão, com um revólver do meu lado. Estava pronto para recebê-los se fossem até minha casa. [430]

O mito do Mengele "biônico" estava crescendo. A simples menção do nome Mengele parecia provocar um sentimento de choque e medo, como se qualquer um que seguisse sua trilha estivesse marcado para morrer. Pessoas racionais não agiram de modo racional. O velho revólver que Von Eckstein manteve de prontidão a seu lado para um tiroteio com o Mossad estava enferrujado e há vinte anos não dava um tiro. Até o momento em que a morte de Mengele foi revelada, havia repórteres esquadrinhando o Hotel Tirol, procurando lembranças deixadas pelo ficcional "Comitê dos Doze".

Um outro investigador estapafúrdio no rastro de Mengele também conseguiu enganar todo mundo até o dia em que os ossos de Mengele foram descobertos. Adolfo Cícero, um repórter de TV brasileiro, afirmou ter filmado um *clip* de três segundos de Mengele, em 1966. Esse hoje famoso filme mostra um homem de compleição magra, vestindo uma camisa esporte clara, com entradas no cabelo preto e bigode, meio voltado para a câmera. Um fotograma ampliado do filme foi usado para ilustrar toda grande reportagem sobre Mengele nos jornais, revistas e estações de TV pelo mundo afora. Durante certo tempo, mesmo sobreviventes dos campos, procuradores alemães ocidentais e a seção de crimes nazistas da polícia de Israel acreditaram que a foto era de Mengele. Ela também

foi impressa nos memorandos da Interpol. A forma do crânio, da mandíbula e das orelhas e os contornos do cabelo do homem na foto mostram realmente uma notável semelhança com fotos conhecidas de Mengele no pré e no pós-guerra. Com base nisso, o dr. Fritz Bauer, encarregado da investigação judicial na Alemanha Ocidental, disse acreditar que a foto era verdadeira.

O *clip* foi filmado por Cícero para um documentário sobre Mengele da televisão tchecoslovaca. Cícero afirmou que tinha pago pelas informações a um agente da inteligência argentina e que Mengele estava viajando, sob o nome de "dr. Engwald", de um esconderijo na selva do Paraguai para Eldorado, na Argentina. Estaria subindo o rio Paraná num barco chamado *Viking*, batizado em homenagem à sua divisão na *Waffen-SS*.

Cícero afirmou que esperou vários dias, tendo como único guia confiável para identificar sua presa fotografias de dez anos atrás. No momento em que estava perdendo a esperança, Cícero localizou um homem que achou que fosse o médico fugitivo. Usando uma câmera de 8 mm, imortalizou-o durante precisamente três segundos e meio:

> De repente eu o vi caminhando na minha frente. Foi simples assim. Então, ao perceber que estava sendo filmado, fugiu de imediato.

Talvez a parte seguinte da aventura de Cícero devesse ter sido examinada mais de perto por quem acreditava que ele tinha encontrado o homem:

> Fui informado naquela noite, por um policial local, que estava correndo um grande risco e brincando com a minha vida. Ele me disse que, nas semanas anteriores, dois corpos de vingadores judeus haviam sido encontrados no rio Paraná, um deles mutilado e disfarçado de padre. [431]

Como resultado da história de Cícero, todos estavam procurando pelo homem errado. Apesar da atenção mundial da mídia e da distribuição de cartazes de procurado (com o rosto errado), nem o homem da foto muito menos o verdadeiro médico de Auschwitz jamais foram encontrados. Mas a credibilidade inicial de Cícero acrescentava ao sentimento de que Mengele era ubíquo um sexto sentido para o perigo muito bem afiado. A doença do avistamento se espalhava.

“Gustav M.”, um imigrante alemão em Altos, na fronteira do Paraguai com Argentina e Brasil, disse a um jornalista argentino que Mengele morava numa grande fazenda em Altos com “uma bela mulher. Ele sem dúvida gostava de mulheres. E parecia ótimo para sua idade; parecia em forma e tinha a pele firme. E gostava de dançar e se relacionar com os outros”. [432]

Detlev Sonnenberg, o ex-homem da SS que a polícia brasileira se convencera de estar intimamente ligado a fugitivos nazistas de alto escalão, afirmou em 1967 ter conhecido “muito bem tanto Josef Mengele quanto Martin Bormann. Há pouco tempo, vi duas vezes Josef Mengele”. Disse que Mengele estava morando no Paraguai e, como Bormann, tinha feito cirurgia plástica. “Posso até mesmo dar a vocês as horas em que eles saem e os locais que frequentam em La Paz e Asunción”, Sonnenberg se gabava. [433]

João Alves, um piloto de pequenos aviões, afirmou que tinha transportado várias vezes Mengele, que usava o codinome de “dr. Fritz Fischer”, entre o sul do Brasil e um pequeno hotel no sul do Paraguai. “Era um homem pacífico que gostava de brincar com cães de guarda alemães”, disse Alves. “Outro médico o acompanhava, mas não me lembro do nome. Um dia, um ano atrás, os dois pararam de vir aqui. Não é divertido estar perto de um nazista, você sabe. Essas pessoas são meio malucas.” [434]

Na mesma época, um barqueiro chamado Osnelho Canilha afirmou ter atravessado muitas vezes com Mengele o rio Paraná, que separa o Paraguai do Brasil e da Argentina:

> Levei aquele homem barbado para Puerto Lopez. Ele se manteve calado, mas eu o reconheci mesmo com a barba. Ia de camisa esporte e não carregava nenhuma bagagem. Estava com muita pressa de chegar ao Paraguai. Viajamos sozinhos e não trocamos uma só palavra. Quando chegamos, ele sequer me agradeceu. [435]

Por mais fantasiosos que fossem esses avistamentos, eles faziam as autoridades sul-americanas parecerem ineptas e indiferentes, colocando-as na defensiva. A polícia brasileira, com louvável vigor, passou à ofensiva. Mas o resultado foi um fiasco. Em maio de 1966, eles anunciaram que tinham detido Mengele no posto fronteiriço de Cascavel, perto da fronteira paraguaia. Foi seu

sexto alarme falso em cinco anos. Comprovou-se que esse “Mengele” era um jovem andarilho alemão cujos pedidos, em alemão, de uma soltura imediata foram interpretados de maneira errada por seus captores brasileiros como uma confissão de que era ele o médico nazista.[436] Antes que o erro fosse descoberto, proeminentes jornais sul-americanos e serviços estrangeiros de telex tinham dado ampla cobertura à “prisão”.

Isso foi logo seguido por um relato dos mais extravagantes. O *Sunday Times*, de Londres, um jornal que não costuma se entregar a voos da fantasia, noticiou as afirmações de um ex-cabo nazista, Erich Karl Wiedwald, de que Mengele ingressara como médico no exército paraguaio com o posto de major, sendo designado para uma zona militar no nordeste do Paraguai. Wiedwald se vangloriou de que seu conhecimento privilegiado se derivava do tempo que passara como “guarda-costas de Martin Bormann”, que, disse ele, tinha se submetido a uma cirurgia plástica e estava morrendo de um câncer no estômago. O brinde final foi a afirmação de Wiedwald de que o *Gruppenführer* da SS Richard Glucks, o segundo inspetor dos campos de concentração, estava vivo no Chile. Na realidade, Glucks havia cometido suicídio quando estava sob custódia britânica na prisão de Flensburg, em 10 de maio de 1945. No entanto, a parte das afirmações de Wiedwald sobre Mengele foi de alguma maneira aceita.[437]

Houve, porém, uma testemunha cujo senso de aventura aplicado à caçada a Mengele superou o de todos os outros. Erich Erdstein, um ex-policial brasileiro, de fato afirmou ter baleado e matado o homem. Erdstein nasceu em Viena, mas mudou-se para a América do Sul, onde serviu, no Brasil, na divisão de investigação criminal do estado do Paraná. Como ex-policial, Erdstein conseguiu convencer alguns jornais de que estava prestes a sequestrar Mengele e vendeu antecipadamente os direitos europeus de sua história a um correspondente alemão, representante de um importante jornal diário. Também vendeu os direitos sul-americanos para o editor do jornal de maior circulação no Paraná. A figura de Erdstein, equipado de forma ridícula com óculos escuros de pontas curvas em todas as horas do dia ou da noite e carregando sempre seu “melhor amigo”, um revólver Taurus calibre 38, parece não ter alertado esses jornais da possibilidade de estarem lidando com um contador de lorotas.

Erdstein afirmou ter a aprovação da polícia brasileira para seu plano de sequestro. Disse que ia se apoderar de Mengele numa de suas frequentes viagens da Argentina ao Paraguai. Depois o entregaria à polícia de fronteira argentina. Eles, por sua vez, despachariam Mengele para o juiz Jorge Luque, em Buenos Aires, que ativaria o pedido de extradição, já de longa data, da Alemanha Ocidental.

Erdstein afirmava ter quatro agentes armados vasculhando o sul do Brasil atrás de Mengele. Disse que eles já haviam tido êxito em capturar Mengele, mas que ele fora solto pela polícia corrupta da capital do estado do Paraná, Curitiba. Mas logo chegou a Erdstein a notícia de que Mengele planejava cruzar o rio Paraná vindo de Porto Mendes, como ele explicou:

> Levei dois dos meus melhores agentes e meu filho a Porto Mendes e preparei uma armadilha para Mengele. Ele chegou com Walter Bernhardt, um ex-marinheiro do encouraçado *Graf Spee*, que ia fazê-lo atravessar para o Paraguai.

Essa ficção apareceu com destaque, como relato minucioso, em muitos e respeitáveis jornais e revistas europeus, bem como mais tarde no livro de Erdstein, *Renascimento da Suástica no Brasil* (*Inside the Fourth Reich*). Ela descreve ainda como Mengele foi carregado para uma lancha, que foi interceptada quando eles corriam para se encontrarem com um barco-patrulha argentino:

> Então uma antiquada canhoneira paraguaia saiu da escuridão e começou a atirar. Sem darmos conta, seis homens com submetralhadoras subiram a bordo de nossa lancha e tentaram levar Mengele. Saquei o revólver e meu filho puxou um rifle. Abrimos fogo ao mesmo tempo. Atingi Mengele duas vezes, no peito e no pescoço, e depois o vi cair de lado, com a cabeça e o tronco sob a água e os pés agarrados numas cordas.
>
> Tive certeza de que Mengele estava morto. Se as balas não o tivessem matado, ele teria se afogado, porque a cabeça ficou debaixo da água por vários minutos. [438]

A data que Erdstein apresentou para o êxito que teve onde o Mossad e todos os outros haviam fracassado foi setembro de 1968. Em outubro, Erdstein fugiu da América do Sul. “Depois de matar Mengele, não havia como ficar”, disse ele.

“Eu não teria vivido muito tempo.” [439] A verdadeira razão da partida apressada de Erdstein foi que ele era procurado pela polícia brasileira por passar cheques sem fundos. Hoje, aos 77 anos, Erdstein ainda se apega à sua história. Confrontado com a evidência de que Mengele morreu de um derrame enquanto nadava, o espirituoso Erdstein comentou: “Bem, então eu devo ter baleado um sósia”. [440]

O único consolo dos autores de todos esses relatos inventivos foi que a mais respeitada fonte de coleta de informações do mundo, a CIA, não se saiu muito melhor. Em 19 de novembro de 1970, a CIA considerou que a informação abaixo, dada por um informante, valia a pena ser registrada:

> Ele tinha ouvido de um amigo não identificado que o dr. José [*sic*] Mengele estava residindo [em] Villa Curuguaty numa data tão recente quanto 25 de outubro (Curuguaty ficava a nordeste de Asunción, a cerca de 24 km da fronteira brasileira, no departamento de Caaguazú). Mengele estava trabalhando como mecânico de automóveis. [441]

No dia seguinte, porém, informantes não identificados disseram à base da CIA em Asunción que, embora outros fossem céticos, eles “concordavam com os pronunciamentos do GOP [governo do Paraguai] para [o] efeito [de que] nenhuma informação veio à luz em anos recentes para indicar a presença de Mengele no Paraguai”. [442]

Passaram-se dez anos de rumores selvagens antes que esse primeiro vislumbre saudável de análise viesse à tona. Talvez Mengele não tenha sido mecânico, mas tivesse um estilo de vida comum. E, como dizia o relatório, não estava no Paraguai.

Pouca coisa de todo esse drama filtrou-se pelas roças brasileiras e chegou a “Pedro”, em sua fazenda em Serra Negra, isolado como estava das notícias diárias. Esconderijos na selva com guardas armados e cães assassinos, confrontos cara a cara com agentes secretos israelenses, escapadas no último segundo da rede mundial de investigadores de Wiesenthal, bala de Eric Erdstein na cabeça – ninguém teria ficado mais assombrado com sua imortalidade que o autoritário lavrador em Serra Negra.

CAPÍTULO 13

“Ele Era um Homem Insuportável”

Um tenso psicodrama – com as duas facções beligerantes sob o mesmo teto – havia se desenvolvido na fazenda em Serra Negra. Mengele e os Stammer estavam agora irremediavelmente unidos dentro das mesmas quatro paredes, cada um dependente do outro, e não havia como se isolar do conflito que se desenvolvia entre eles.

Mengele nunca havia morado sozinho na América do Sul e sentia que precisava da proteção dos Stammer. Estava disposto a pagar qualquer preço – e era por isso que os Stammer precisavam dele. Mengele comprou uma participação em metade da espartana fazenda de Serra Negra com o dinheiro que conseguiu de seus investimentos em negócios na Argentina e vendas de terras no Paraguai. Embora não tivessem eletricidade nem telefone, o padrão de vida tinha melhorado nitidamente graças a Mengele. Haviam comprado novas máquinas agrícolas, e a família Mengele em Günzburg tinha financiado um novo carro.[443]

Mas compartilhar de maneira tão íntima suas vidas com aquele intruso autoritário estava submetendo os Stammer a uma terrível pressão. Durante os treze anos em que permaneceu com eles, Mengele foi tentando cada vez mais ter o comando da casa. Interferia em quase cada detalhe de suas vidas diárias. Dizia como deviam gastar seu dinheiro e os criticava por não proporcionar aos filhos uma educação “clássica”. Interferia em sua vida de casados, muitas vezes

aconselhando Gitta sobre o que considerava “falhas de caráter” do marido. Mengele chegou até a proibir os Stammer de falar o húngaro nativo na casa ou na mesa de jantar. Ficou tão paranoico que achava que os dois estavam conspirando contra ele sempre que falavam húngaro. Gitta recorda: “‘Eu proíbo’, disse ele. ‘Na minha presença vocês têm de falar alemão’”.

Para piorar as coisas, Geza Stammer sentia prazer em provocar Mengele. Sendo um húngaro descontraído, que gostava de beber, cantar e aproveitar a vida, Geza se ressentia do autoritário e mal-humorado Mengele. Também podia ter suspeitado que a mulher e Mengele tinham mais que um relacionamento platônico. Geza achava bem divertido zombar de Mengele, ridicularizando suas teorias raciais: “Somos uma raça diferente. Somos húngaros. Mas somos sem dúvida exatamente tão bons quanto vocês, arianos”. Mengele ficava furioso. Havia discussões aos berros, às vezes durando dia e noite. “Estavam sempre brigando; de fato nunca foram amigos”, diz Gitta. Wolfram Bossert, o último protetor de Mengele, disse uma vez a Mengele que ele devia respeitar as opiniões dos Stammer, já que era apenas um hóspede na casa deles. Mengele gritou: “Sou dono da metade de tudo isso e farei o que achar melhor”.

Como Geza Stammer se recusava a ser intimidado por Mengele e os filhos dos Stammer, Miki e Roberto, procuravam ignorá-lo, só Gitta ficou a mercê das agressões de Mengele. No decorrer dos anos, Gitta foi se tornando um saco de pancadas intelectual para Mengele. Em geral era ela a única audiência para suas intermináveis conferências sobre evolução, filosofia, moralidade e orçamentos domésticos. A decadência e o declínio da Alemanha Ocidental eram temas favoritos: “O novo estrato de líderes na Alemanha é constituído na maior parte de traidores, separatistas, desertores, renegados e obscuros personagens clericais”, Mengele escreveu no seu diário. [444]

Mas eram os sermões sobre a criação dos filhos (advertindo os Stammer sobre a educação de seus dois filhos e insistindo para que fossem mais severos) que eles acharam mais difícil de aceitar. O filho mais velho dos Stammer, Roberto, passou a se ressentir de Mengele, porque ele tentava se comportar como pai quando Geza não estava. “Meu filho o detestava”, disse Gitta. “Peter estava sempre mandando que ele fizesse isso ou aquilo. Meu filho dizia: ‘Bem, por que devo fazer? Você não é meu pai’”.

Para os Stammer, Mengele estava se tornando um homem insuportável, agora frio, distante, bem como autoritário. “À medida que o tempo passava, começou a se comportar como se fosse um ser humano superior”, disse Gitta Stammer. Era uma situação que não parecia ter saída. “Estávamos distantes, isolados, sozinhos”, disse ela, “distantes de tudo e de todos. Esperávamos que as coisas ficassem mais complicadas porque todo mundo andava nervoso e tenso.” [445]

Como Rolf Mengele tomou conhecimento mais tarde, a tensão ficou intolerável:

> O relacionamento era terrível tanto para meu pai quanto para os Stammer. Ele era muito organizado e preciso e eles eram muito mais parecidos com os brasileiros locais. Isso costumava deixá-lo enlouquecido, mesmo nos pequenos detalhes. Por exemplo, ele colocava os lápis e canetas num determinado lugar. Eles os usavam e os deixavam espalhados por toda parte. Isso o deixava furioso. Eles eram pessoas muito diferentes. [446]

Em momentos de crise, Wolfgang Gerhard aparecia e tentava acalmar as coisas. Durante um período explosivo em 1969, Hans Rudel sugeriu a Gerhard que Klaus Barbie, o “Carniceiro de Lyon” ou “açougueiro de Lyon”, escondido na Bolívia, estava disposto a proporcionar abrigo a Mengele. Mas Mengele não aceitou a ideia. Não queria se mudar outra vez. Tinha se acostumado a uma vida solitária, mergulhando cada vez mais num estado de isolada introversão e procurando refúgio numa paixão recente por flores, Mozart, Haydn, existencialismo e filósofos alemães. “Repetidas vezes”, Mengele escreveu, “encontro consolo em Goethe, Weinheber, Mörike, Rilke, Novalis e todos os outros. Por causa deles, vale a pena ser alemão”. [447]

Para os trabalhadores, seu patrão, “Pedro”, continuava sendo um enigma completo – silencioso, rabugento, patrulhando a plantação de café e os pastos com uma comitiva de 15 ou mais vira-latas latindo. Como um trabalhador os descreveu, os cachorros eram “magros, esqueléticos, e permaneciam ao lado dele como palitos”. E sempre havia o chapéu com abas, puxado sobre a testa proeminente que ele temia que fosse seu calcanhar de Aquiles. Para “Pedro”, todas as visitas continuavam sendo profundamente suspeitas. Mengele

perguntava: “Quem são essas pessoas? De que lado elas estão? Qual é a posição política delas?”.

Como em Auschwitz, as ordens eram dadas por sinais, não pela voz – um dedo se movia em desaprovação, acompanhado de uma cara feia. Ele se queixava aos Stammer, de modo repetitivo, que os brasileiros eram indolentes. “Era difícil trabalhar para ele”, disse o lavrador Ferdinando Beletatti. “Nunca o vi sorrir.”[448] “Pedro” não tolerava erros. Gitta recorda um incidente em que um peão concluiu, de modo precário, um pequeno trabalho de construção: “Peter começou uma briga com o trabalhador. Quis inclusive esfaquear o homem, que já era idoso. Tentamos acalmá-lo porque tínhamos medo da polícia. Demos dinheiro ao homem (250 dólares) e o mandamos embora”.

O herói de Mengele, segundo outro lavrador, era Hitler. “Ele me disse que era alemão e que veio para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial”, disse José Siloto. “Perguntei o que achava de Hitler. Ele falou que Hitler era um grande homem, muito inteligente.”[449] Quando era feita menção a judeus, ele ficava apenas “frio de todo”, segundo Gitta Stammer. “Não falava muito sobre judeus, mas quando o fazia não se enfurecia. Dizia que era um povo que não tinha razão para estar na Alemanha.”[450]

Para evitar os conflitos cada vez maiores, Mengele passava mais tempo em ocupações solitárias. A carpintaria se tornou um passatempo favorito. Depois de cinco anos de trabalho manual, tinha começado a mostrar real habilidade como artesão. Remodelou e reconstruiu por completo a casa-sede. Substituiu as tábuas corridas e reconstruiu as janelas, as portas e os tetos. Mengele mostrava um curioso fascínio por arcos. Usou-os por toda parte em seu trabalho de construção: em estantes, mesas, até mesmo nas janelas e na torre de vigia.

No início de 1969, os Stammer se mudaram para um local que ficava a menos de 40 km de São Paulo, porque os dois filhos haviam concluído a escola e Geza queria estar mais perto da cidade por causa de seu trabalho. Compraram uma casa confortável, de quatro quartos, situada num terreno com mais de 8.000 m2, no alto de uma colina, no bairro Jardim Luciana, em Caieiras, cidade próxima a São Paulo. Mengele financiou metade da compra da nova casa com o que lhe coube na venda de Serra Negra, que ele ajudara a comprar em 1962.[451] Dessa

vez Mengele demorou vários meses para se juntar aos Stammer, fazendo isso só quando todos os arranjos estavam completos.

Em Caieiras, Mengele tentou passar mais tempo trabalhando no terreno e menos tempo discutindo com os Stammer. Construiu uma robusta cerca de toras em volta da casa com um portão de madeira branco e uma fechadura segura. Dedicou muita atenção ao plantio de limoeiros e cuidava com carinho de pequenos arbustos. Também desenvolveu uma afeição por um cavalo velho e se sentiu bastante seguro para ser fotografado ao alimentá-lo, as primeiras fotos que permitiu que os Stammer tirassem. Era uma figura excêntrica, agora com 58 anos, cabelos brancos, ainda usando chapéu, que rodava pelo terreno às vezes sem fazer a barba, com botas até os joelhos. “Era sem dúvida um homem instruído”, disse Luiz Carlos Luz, que foi amigo dos filhos dos Stammer. “Mas não falava português muito bem e às vezes eu tinha dificuldade em compreendê-lo.” [452] Laerte de Freitas, que mais tarde comprou a casa dos Stammer, achava que ele tinha “uma expressão inteligente e alegre. Quando eu ia à casa, Pedro me recebia no portão, iniciava a conversa e pegava alguma coisa para eu beber. Quando falava sobre uma planta ou árvore, mostrava que gostava mesmo daquilo”. [453]

Mas a mudança de ambiente em nada ajudou a aliviar a tensão entre os Stammer e Mengele. “A velha história acontecia de novo”, disse Gitta. “Ele havia se tornado um homem insuportável.” Wolfgang Gerhard, percebendo que as relações entre os dois lados estavam se aproximando do ponto de ruptura, jogou uma última carta. Concluiu que não havia opção a não ser integrar Mengele a outro conjunto de amigos na esperança de que eles acabassem por tirá-lo das mãos dos Stammer.

O casal que escolheu, Wolfram e Liselotte Bossert, eram austríacos como ele. Em termos políticos, os Bossert, como Gerhard disse mais tarde, eram “confiáveis”. Wolfram era um ex-cabo do exército alemão e falava com paixão da injustiça que a Alemanha tinha sofrido ao ser “posta de joelhos diante dos vencedores”. Em Bossert, Gerhard discernia uma qualidade que estava ausente nos Stammer. Wolfram era uma espécie de filósofo, conhecido em seu círculo neonazista como “Musikus”. Ele e Gerhard tinham com frequência discutido literatura, política e filosofia alemãs, embora Gerhard confessasse estar um tanto

desnorteado. Mengele seria, sob todos os aspectos, um parceiro mais adequado de conversa. Bossert queria ampliar seus horizontes. Gerhard calculava que ele seria o aluno e o destinatário ideal dos monólogos de Mengele.

Um dia, logo depois de Mengele e os Stammer terem se mudado para Caieiras, Gerhard apareceu com os Bossert. Wolfram Bossert lembra de quando foi apresentado a Mengele:

> Foi só quando me mudei para a vizinhança de São Paulo, para Caieiras, onde trabalhava como gerente de manutenção numa empresa fabricante de papel […] [que] Gerhard aproveitou a oportunidade para encontrar outro parceiro de discussão para Mengele, que estava levando uma vida muito isolada.
>
> Fui apresentado a Mengele – ele disse se chamar Peter Hochbichler. A família Stammer o conhecia apenas como Peter, enquanto as outras pessoas o chamavam de senhor Pedro. Depois disso, alguma forma de relacionamento mútuo se desenvolveu. [454]

Embora os Bossert não soubessem que "Peter" era um fugitivo nazista, é duvidoso que isso tivesse feito alguma diferença. "Quando descobri quem era, senti pena dele", disse Wolfram. "Era o homem mais caçado, mais perseguido do mundo." Liselotte Bossert compartilhou a simpatia do marido quando descobriu que ele era o médico de Auschwitz:

> Descobri um pouco mais tarde que Wolfram. Sei que fiquei chocada e que achei injusto que ele tivesse envolvido uma família com filhos pequenos. Mas, de alguma maneira, já tínhamos desenvolvido relações de amizade e, por razões humanitárias, e pelo amor cristão por nosso semelhante, apenas levamos a coisa à frente. Embora o homem estivesse sendo procurado, nós só o conhecíamos como um cavalheiro de extremo refinamento. E nos comportamos como se não soubéssemos de nada.
>
> Havia nisso uma espécie de psicose de dissimulação que simplesmente ignoramos. Pois sem dúvida era perigoso demais pensar no assunto, entender que aquele era o homem. E foi como deixamos a coisa passar. E, como nossos filhos eram ainda muito novos, ele foi apenas o Tio para nós e para nossos filhos. [455]

Como Gerhard previu, foi estabelecido um sólido relacionamento e logo Mengele se tornara uma visita regular na casa dos Bossert. Toda quarta-feira, Wolfram ia buscá-lo na fazenda Stammer e o levava para sua casa confortável, a menos de dois quilômetros de distância. Lá Mengele jantava, brincava com os dois filhos dos Bossert, conversava e ouvia música. Pouco antes da meia-noite, Bossert levava Mengele de volta para os Stammer.

Nos encontros semanais, Bossert e Mengele falavam com saudade dos "valores eternos" da vida alemã de antes da guerra. Diferenças de personalidade vinham à tona, mas em termos políticos, ideológicos e filosóficos pensavam da mesma maneira. Mengele começou a exercer uma poderosa influência sobre Bossert, que vinha de origens mais humildes, tendo acabado a guerra como cabo do exército. Em Mengele, Bossert encontrou um apoio espiritual para sua obsessão de restaurar "as virtudes de raça, credo, classe e parentesco". Admirava Mengele. Bossert recorda com afeto suas discussões:

> Como vivia num permanente estado de medo, medo de que alguém, em algum lugar, pudesse reconhecê-lo, ele andava cheio de ansiedade e tensão. Essa tensão era liberada nos bate-papos comigo. Às vezes ficava muito agitado nas discussões, muito autoritário, muito dominador.
>
> As conversas entre mim e Mengele eram sempre muito interessantes […]. Era difícil falarmos de assuntos políticos. A conversa era em geral sobre nossas visões do mundo, o futuro da humanidade, a evolução do homem, arqueologia e os problemas ecológicos, isto é, a destruição da natureza, e sobre o mal que o materialismo fazia.
>
> Esses eram talvez os tópicos principais de nossas discussões. E elas sempre transcorriam com um certo nível intelectual, pois Mengele fizera o doutorado em filosofia [*sic* – o ph.D. de Mengele era em antropologia], assim como em medicina. Eu tentava seguir seus pensamentos e contribuía, digamos assim, como um leigo interessado. Podia imaginar que, em dias passados, ele teria sido a vida e a alma do *café society* – um homem que gostava de parecer elegante e estar cercado de mulheres bonitas, um conversador espirituoso, sempre no centro das coisas, organizando festas. [456]

Bossert não só bajulava Mengele, mas compartilhava as mesmas opiniões acerca de importantes problemas ideológicos. Ambos sustentavam a elitista visão racial de que "é um fato que as camadas mais pobres da sociedade, as pessoas mais primitivas, as menos dotadas em termos intelectuais têm um grande número de filhos, enquanto os que são mais inteligentes e têm diplomas acadêmicos ou posses dificilmente têm filhos". Defendiam a esterilização forçada, "embora compreendêssemos que seria difícil colocá-la em prática", para reduzir o número de "nascimentos primitivos". Mengele e Bossert também compartilhavam o mesmo preconceito antissemita. Bossert recorda que os dois concordavam que os judeus haviam criado seus próprios problemas durante a guerra ao dominar a maioria das profissões e praticar, antes da guerra, "negócios desonrosos envolvendo dinheiro, como empréstimos e câmbio".

Em Bossert, Mengele tinha encontrado um verdadeiro ideólogo e uma alma gêmea. Mesmo hoje, muitos anos após a morte de Mengele e confrontado com a massa de provas dos crimes de guerra de Mengele, Bossert defende o antigo amigo: “Ele não era uma pessoa má. Sempre teve o maior respeito pela vida humana. Só acredito numa fração de todas as coisas de que é acusado”. Nem uma só vez Bossert pensou em entregar Mengele à polícia:

> Uma vez que você conheça bem uma pessoa e se torne seu amigo, uma pessoa que gosta de natureza, crianças, animais e está interessada em literatura e filosofia, é muito difícil acreditar que ela possa ter cometido crimes tão cruéis. É fácil dizer que, conhecendo um criminoso, todo cidadão tem obrigação de denunciá-lo. Mas se você conhece alguém intimamente, mesmo que ele seja um homem procurado […]. Bem, eu não poderia mesmo fazer isso. [457]

Logo depois de Mengele ter estabelecido sua amizade com os Bossert, Hans Sedlmeier voou da Alemanha, em nome do clã de Günzburg, para avaliar a crescente inimizade entre Mengele e os Stammer. Tentou pacificar os Stammer, prometendo que seriam feitos arranjos alternativos, mas, ao que parece, não oferecendo mais dinheiro. [458] Sedlmeier pediu que Bossert informasse sobre a situação de ambas as partes. Bossert, apesar da admiração por Mengele, não deixou mais tarde de fazer sua crítica: “Ele acha que todos deviam se dedicar a ele de um modo desinteressado, enquanto ele poderia usá-los para alcançar seus objetivos”. Em outra correspondência para Sedlmeier, Bossert descreveu as tensões produzidas pela complexa interdependência entre os Stammer e Mengele:

> De um lado – de maneira engenhosa – uma traiçoeira rede de fios humanos e financeiros está sendo tecida, da qual o outro lado está lutando para escapar de modo a se livrar dessa crise de nervos. [459]

Sem dúvida os Bossert fizeram o que puderam para amenizar a situação, oferecendo-se para levar Mengele com eles numa expedição turística na selva no outono de 1969. Mengele ficou muito satisfeito. Pela primeira vez, o diário revela como tinha se tornado infeliz com sua vida de fugitivo. Depois de anos de isolamento e rixa com os Stammer, uma simples excursão, a primeira de Mengele em uma década, era uma aventura fabulosa:

O sol tinha surgido e “cantava desde as antigas”, brancas faixas penduradas no céu que começavam a se empilhar em grandes formas numa direção meridional. Um vento nordeste, cheio de frescor matinal, mantinha esses navios de nuvens se movendo suaves e sussurrantes por entre as folhas dos eucaliptos vizinhos. O belo dia havia sido bem escolhido para o início das férias e prometia dar um bom começo à nossa jornada. Tudo que eu precisava era do meu companheiro de viagem e do Volkswagen que vinha com ele.

Eu tinha acabado de carregar minha bagagem para a varanda coberta da casa quando o bando de cães, com latidos nervosos, anunciou a entrada de um veículo na estradinha de acesso, que era oculta pelo bosque. Podemos sempre confiar no anúncio deles porque os vira-latas de nossa casa sabem distinguir entre um carro que chega e um carro que esteja passando em velocidade na estrada de asfalto.

Pouco depois Mu [460] parou na frente da casa com pontualidade para as férias combinadas. Como sempre, o sereno sorriso de bom-dia me agradou […].

Não obstante, estávamos ainda a mais de 400 km de distância, e do marco zero do campo-base de nossa expedição teríamos de carregar aqueles muitos quilos em nossos ombros masculinos. Mesmo essa proposta, no entanto, não conseguiria reduzir nosso prazer ante o belo dia de outono pelo qual seguimos […]. Nossos mapas nos fizeram passar por subúrbios industriais da capital e várias cidadezinhas, de cuja periferia só percebíamos a feiura poeirenta, enfumaçada e fedorenta porque nossos sentidos já estavam mergulhados nas expectativas e promessas dos dias na selva.

Zumbindo em alta velocidade na “autoestrada” de três pistas, que fora construída segundo as técnicas mais modernas de construção de rodovias, a pessoa tem antes a sensação de voar que estar ao volante de um carro […]. Belas fazendas caiadas e casas de campo nos saudavam, áreas verde-claras de canaviais interrompiam o verde monótono e exausto dos pastos […]. Quando uma pequena localidade ganhava forma, em geral o pontudo pináculo de uma igreja se destacava e, infelizmente, sim, infelizmente, também as horrendas antenas de TV.

Belas nuvens brancas num radiante céu azul continuaram sendo nossas fiéis companheiras durante toda a rápida jornada […]. Uma cadeia de montanhas, que aparecera no horizonte, informou-nos que estava próximo o fim de nossa viagem alada pela rodovia. [461]

Essas férias na virada da década foram um divisor de águas para Mengele. Marcaram o ponto em que, por fim, ele se sentiu capaz de ser mais arrojado, percebendo talvez que a caçada que lhe faziam tinha há muito tempo perdido o vigor. Por quase dez anos, Mengele havia passado seus dias num isolamento rural. A mudança para as proximidades dos subúrbios de São Paulo mudava tudo. “Até entender a língua, até penetrar na vida brasileira, ele estava com medo”, disse Gitta Stammer. “Mas quando moramos em Caieiras, sentiu-se mais

seguro. Pegava um ônibus, ia até a cidade, comprava alguma coisa, pegava o trem.” [462]

Os Bossert foram os elementos motivadores na passagem de Mengele do rigoroso isolamento para um estilo de vida mais aberto. Liselotte Bossert recorda a mudança gradual:

> Pouco antes de chegar a São Paulo, ele era incrivelmente tímido, tentando nem mesmo olhar quando alguém passava. Mas como nos comportávamos normalmente, nós o ajudamos a recuperar seu comportamento social usual, a se tornar de novo um animal social. Ele percebeu que nem todos estavam procurando encontrar nele alguém diferente de quem parecia ser.
>
> Lembro-me bem disso; em Caieiras, estava sempre assustado e queria fugir se encontrássemos alguém em nossas caminhadas. Acabamos, então, nos convencendo de que aquilo não poderia continuar ou a coisa toda se tornaria conhecida e logo as pessoas iam descobrir que ele não era quem dizia ser. [463]

Os Bossert resolveram ajudar Mengele a sair de sua concha de medo. Wolfram começou persuadindo Mengele a parar de usar o chapéu no meio do sufocante verão brasileiro. Ele o convenceu de que, pondo as mãos na frente do rosto quando as pessoas passavam perto dele, chamava atenção como alguém suspeito. Bossert fez os filhos andarem com Mengele no metrô para que ele pudesse aprender a usá-lo e a se deslocar pela cidade. Tirou muitas fotos de Mengele para que ele pudesse “se familiarizar e se sentir confortável com sua aparência”. Levou Mengele inclusive a áreas públicas muito concorridas para ele entender que as pessoas não o reconheciam como o médico de Auschwitz. Bossert recorda: “Um dia o levei ao supermercado. A tensão e a ansiedade a que ficou exposto naquele lugar o faziam transpirar. Achou que todas as pessoas estavam olhando para ele e para mais ninguém. Finalmente, porém, conseguiu ir à cidade sozinho. Ia ao médico, ao dentista e também ia passear sozinho”. Tinha começado a perder o sentimento de medo.

CAPÍTULO 14

Cumprimentos de Longe

O “novo”, confiante, Mengele tinha também se tornado proprietário, como dono de um apartamento de 7 mil dólares num arranha-céu no centro de São Paulo. Aceitou o imóvel como parte do pagamento do que lhe cabia na venda da fazenda em Serra Negra. Por uma questão de segurança, a escritura foi registrada no nome do filho dos Stammer, Miki. Mas o aluguel ia para Mengele.

Embora levasse uma vida simples na chácara dos Stammer em Caieiras, Mengele nunca teve excedente de dinheiro. Seus escritos pessoais refletem com frequência preocupações monetárias. De vez em quando, pedia dinheiro emprestado aos Stammer ou aos Bossert para se safar de períodos difíceis. “Estou ficando sem dinheiro, mas Mu [Bossert] emprestou-me 400 [não é mencionada a moeda] em nosso encontro da quarta-feira passada” – isso é típico de muitas entradas no diário. Em outras ocasiões, quando seu dinheiro acabava por completo, Hans Sedlmeier voava de Günzburg com maços de dólares. As passagens aéreas eram pagas pela empresa da família, o custo disfarçado como despesas gerais. As contribuições em dinheiro vivo, no entanto, vinham direto do bolso do sobrinho de Mengele, Karl Heinz. Mas Mengele estava esperançoso de que seu novo investimento num apartamento lhe proporcionasse uma renda constante e generosa. Quando mais tarde alugou o imóvel por 225 dólares por mês, ele anotou: “Vou tentar sobreviver com essa quantia e, acreditem, não é assim tão fácil”.

Quando Mengele tentava desenvolver alguma independência financeira, ocorreu, em 1971, um novo encorajamento à sua confiança: ele herdou um precioso cartão de identidade brasileiro. O cartão tinha pertencido a Wolfgang Gerhard, o homem que o ajudara a atravessar todas as grandes crises, dos dias mais sombrios após o sequestro de Eichmann até as explosivas desavenças com Gitta e Geza Stammer. A oportunidade de assumir a identidade de Gerhard surgiu quando este decidiu retornar à Áustria para lá buscar sua "sorte".

Com a ajuda de Wolfram Bossert, um competente fotógrafo amador, Mengele realizou uma falsificação tolerável. Bossert tirou dezenas de fotos tamanho passaporte de Mengele e depois selecionou a que melhor se ajustava à descrição de Gerhard. Uma beirada do cartão de identidade plastificado foi aberta, uma foto de Mengele com bigode e cabelo muito bem penteado foi colada sobre a fotografia do amigo nazista e o cartão foi replastificado. Todos os dados continuaram sendo os de Gerhard, incluindo a impressão digital do polegar e a data de nascimento, o que transformava Mengele, então com 60 anos, num homem muito mal conservado de 46, a idade indicada no cartão. Embora a ideia de ter de apresentar o cartão apavorasse Mengele, pelo menos ele teria, numa situação difícil, uma primeira linha de defesa.

Mengele logo descobriu que o presente de despedida de Gerhard lhe sairia caro. Depois que Gerhard voltou à Áustria, sua esposa, Ruth, enfrentou um câncer em estágio terminal. Em seguida descobriram também que seu filho, Adolf, tinha adquirido câncer. Com a esposa morrendo e o filho lutando pela vida, era agora Gehrard quem precisava de ajuda […] para pagar as enormes despesas médicas. Como poderia Mengele se recusar a ajudar. Devia a Gerhard sua liberdade e provavelmente a vida.

Em julho de 1972, o próprio Mengele caiu doente. O estado de tensão e ansiedade em que vivera durante anos a fio o fizera desenvolver o tique nervoso de morder a ponta do bigode, um bigode espesso. Acabou engolindo tantos fios que se transformaram em uma bola que bloqueou os intestinos. Seu estado se tornou tão doloroso e perigoso que ele enfrentou o risco de se internar num hospital em São Paulo. Pela primeira vez o novo cartão de identidade foi posto à prova e quase falhou. Intrigado, um médico que tratava de Mengele disse a Bossert que o paciente parecia fisicamente muito velho para um homem de 47

anos. Bossert explicou que a data de nascimento tinha sido colocada de modo incorreto no cartão de identidade e que o governo brasileiro havia prometido corrigi-la com um novo cartão. O médico aceitou a justificativa pouco convincente. Se tivesse tido um interesse maior pela discrepância física, o caso Mengele poderia ter acabado sete anos antes de sua morte. Mas Mengele acabou sendo tratado, pagou a conta em dinheiro e teve alta com o nome de Wolfgang Gerhard. Ele escreveu mais tarde que o maior problema foi ter de enfrentar a tentação contínua de discutir a enfermidade com "seus colegas" (para não deixar transparecer um extenso conhecimento médico e levantar a suspeita de que o paciente também fosse médico).

Esse primeiro período dos anos 1970, quando Mengele se integrou à vida moderna, também marcou o início de uma prolífica correspondência com a família, em particular com o filho, Rolf, e um amigo de infância, Hans Sedlemeier. Em geral com várias páginas, as cartas revelavam as emoções de Mengele. Como correspondência particular, estavam livres dos excessos literários que muitas vezes marcavam o diário pessoal e a autobiografia, pois Mengele nunca pretendeu que suas cartas, ao contrário do que mais escreveu, fossem lidas por outras pessoas além de sua família.[464] Talvez por isso é provável que sejam um guia mais preciso de sua verdadeira índole. Retratam um nazista amargurado, com uma saúde debilitada, insatisfeito com quase tudo, um homem velho que não tem arrependimentos, enfadonho e desumano, mas torturado pelo sentimento humano da angústia de estar separado de sua família.

Todos os indivíduos mencionados nas cartas de Mengele ganharam pseudônimos, embora uma criança pudesse decifrar o código. "Ro" era Rolf; "Kh", seu devotado sobrinho, Karl Heinz; "Ma" era Martha, a segunda e leal esposa, e assim por diante. As cartas eram mandadas inicialmente para Sedlmeier por meio de uma caixa postal na Suíça e Sedlmeier as distribuía para a família. Às vezes, as cartas eram enviadas a um conhecido confiável da família e amigo de infância de Mengele, o dr. Hermann Schweigert, em Augsburg, na Alemanha. Schweigert só desempenhava um papel passivo, limitando-se a passar as cartas a Sedlmeier. Para a Alemanha Ocidental e seu judiciário, a transmissão regular e não submetida a escrutínio dessas cartas causou embaraço. No decorrer de duas décadas, mais de 200 cartas foram trocadas. As autoridades

alegaram que interceptações de correspondência não eram possíveis devido aos estritos critérios da República Federal para justificar um mandado.

Cartas enviadas da família para Mengele eram de novo canalizadas por meio de Sedlmeier, que as despachava para uma caixa postal em nome dos Bossert. Cada carta confirmava meticulosamente o recebimento da anterior; Wolfram Bossert passava o original para Mengele e conservava uma cópia para si. Uma típica anotação de Sedlmeier desempenhando seu papel de mensageiro dizia:

> Sua carta datada de 8/7/77 (8 de julho de 1977) que recebi há apenas dois dias – é provável que o destinatário estivesse ausente. [A pequena carta de 18/7 que eu tinha mandado incluía o anexo de Ro, que você estava há tanto tempo esperando.] As duas cartas a Ma e Kh foram passadas, incluindo uma cópia da carta mencionada no início para Kh. [465]

A menor dificuldade ou o menor equívoco provocavam raiva e ansiedade, como revela esta carta de Mengele a Sedlmeier pedindo que ele repreendesse Rolf e sua segunda esposa, Almuth:

> Correspondência de Ma e Kh chegou em 14/12/77 [14 de dezembro de 1977], mas um pacote contendo cartas de Ro e Aim só foi recebido em 28/12. Eles confundiram o número da casa e escreveram 10 em vez de 7! [Rua Missouri, 7, era o endereço da casa dos Bossert.) Isso pode ser perigoso! Por favor, peça-lhes que observem com exatidão os detalhes postais. [466]

Segundo outra carta a Sedlmeier, os piores medos de Mengele se concretizaram quando uma carta foi de fato perdida no correio:

> Estou impressionado que você não tenha imaginado que uma de minhas cartas pudesse ter de alguma maneira “se extraviado”. Podemos com facilidade evocar toda uma série de meios possíveis pelos quais minha carta de 23/6 poderia ter se perdido. Era uma carta volumosa, com anexos para Ma, Kh e Ro, além da carta para você. Eu pessoalmente datilografei mais de 15 páginas à máquina e vi quando a moça do correio passou-a pela máquina de franquia. Isso não exclui o fato de que ela poderia ter colocado a máquina em 0, roubado o dinheiro (afinal eram 17 dólares) e destruído a carta. Isso ou a ação de um estúpido ladrão de cartas seria a explicação mais inofensiva para sua perda. Ela não está nem aqui nem lá.
>
> O que seria mais perturbador é se os conteúdos dos anexos para Kh e Ro caíssem em mãos erradas. Também não deve ser descartada a hipótese de o censor ter entrado em ação. Isso significaria atraso e outras consequências. Mu [Bossert] já tinha mandado xerocar minhas cópias para que eu pudesse enviá-

> las se vocês realmente não tivessem recebido essa carta de 23/6 e não soubessem me dizer de modo concreto o que havia acontecido. Teríamos de tirar a conclusão lógica se ocorreu essa segunda hipótese e encontrar outros meios de agir. [467]

A correspondência particular de Mengele enfatizava que ele estava muito mais próximo de Karl Heinz que do próprio filho, Rolf; que se correspondia regularmente com Karl Heinz e Martha desde que eles partiram da América do Sul em 1961. Tentava compensar essa situação fazendo propostas para seu filho Rolf, com quem não tinha relações dignas desse nome. Rolf tinha sido criado pela mãe, Irene, e o padrasto, Alfons Hackenjos, por quem tinha muito afeto. Desde 1960 quando, aos 16 anos, fora informado da identidade do pai verdadeiro, o emaranhado de lealdades e dúvidas de Rolf tinha se transformado num fardo pesado. Ele recorda:

> Meu pai sempre foi Josef Mengele, o herói de guerra que morreu na Frente Oriental. Era um homem instruído, versado em grego e latim. Agora era o médico de Auschwitz. Isso teve um impacto muito forte sobre mim. Já não era tão bom ser o filho de Josef Mengele. [468]

Sempre havia a pergunta feita por estranhos: “Rolf Mengele? Não é o filho de Josef Mengele?”. Constrangido, Rolf ironizava sua herança dizendo: “Oh, sim, e sou também sobrinho de Adolf Eichmann”.

Mengele tentou se aproximar de Rolf lhe escrevendo cartas com regularidade. Mas Rolf se mantinha distante, sabendo que o pai tinha seu primo, Karl Heinz, em mais alta estima. Já no Natal de 1960, Mengele havia escrito em seu diário que uma carta que recebeu de Karl Heinz era “boa, mas a de Rolf era demasiado factual”. O conhecimento de que o pai preferia Karl Heinz, que tinha compartilhado quatro anos da vida de Mengele, criou uma tensão e rivalidade entre os primos. Para Rolf, parecia que o pai queria que ele tivesse Karl Heinz como modelo. Rolf se rebelou opondo-se ao pai e à família em quase todas as questões. Saiu de seu caminho para provar aos outros que não apoiava as opiniões do pai:

> Eu não tinha em absoluto nada em comum com as opiniões de meu pai. Pelo contrário, meu modo de pensar era diametralmente oposto. Eu nem me preocupava em ouvi-lo ou pensar nas suas ideias.

> Simplesmente rejeitava tudo que ele propunha. Minha atitude pessoal com relação à política nacional e internacional nunca foi duvidosa. Minhas opiniões políticas liberais, em parte inclusive “de esquerda”, eram conhecidas. Como resultado de meus comentários críticos, chegavam às vezes a suspeitar que eu fosse comunista.

Quando Mengele tentou abrir um diálogo com o filho adulto no início dos anos 1970, a mal reprimida crítica a Rolf logo veio à tona. Em quase todas as cartas, o afeto fraterno oferecido ao filho numa frase era retirado com ofensiva repreensão na frase seguinte. Mengele tratava Rolf de modo frio e distante, exatamente como seu pai o havia tratado. Uma carta parabenizando Rolf na primeira vez em que ele se casou é um bom exemplo:

> Pelas fotos se pode deduzir que você está feliz. E como um rapaz de tão boa aparência e sua bela e adorável esposa não haveriam de estar? Acho que já mostrei demasiado orgulho fraterno pela filha recém-adquirida. Infelizmente eu mal a conheço ou antes só a conheço pelo que as poucas fotografias revelam. Mas será que conheço melhor o filho? […]. A descrição acompanhando as fotos […] você realmente poderia ter se empenhado um pouco mais. Eu mesmo teria compreendido que aqueles que o acompanharam ao cartório de registro civil eram seus amigos e não seus inimigos! [469]

A preocupação de Mengele com a felicidade do filho sempre ficava em segundo plano ante os relatos detalhados de sua própria e terrível situação. Ele manipulava com cinismo os sentimentos de culpa de Rolf por tê-lo ignorado durante tantos anos para fazê-lo sentir pena de sua sina:

> Suponho que vocês se conheçam bem e que a decisão que tomaram tenha sido boa e madura. Agora a responsabilidade é de vocês: ter um casamento apropriado, mesmo se ele foi sem véu, cartola e música de órgão. Não posso dar mais recomendações, em especial vendo que sou tão inadequado como conselheiro matrimonial quanto um cabeleireiro calvo vendendo produtos para a saúde capilar. Quero, não obstante, dar mais uma pequena contribuição a seu novo começo: esquecerei a dor e a amargura por não ter sido informado de nada durante anos. [470]

Na mesma carta, Mengele disse que estava ofendido por ter sabido por meio de Sedlmeier que o filho estava se casando, em vez de ter sido informado diretamente por Rolf. Mas, disse ele, estava aliviado em saber que Rolf tinha “inteirado Irmi de nossa situação. Não estou apenas satisfeito com o fato, vejo isso como seu dever. Como sua esposa ela tem o direito de ser plenamente

informada sobre a situação da família". Mengele não pôde, no entanto, resistir a uma indagação antropológica sobre a futura nora, mesmo com base numa foto:

> Da pequena fotografia pude deduzir alguns fatos "antropológicos" e fazer algumas deduções psicológicas. Ela pode ser classificada como uma daquelas belas, morenas, meigas, adoráveis e jovens senhoras de sua cidade natal, com certeza de bom gênio e esforçada. [471]

Como presente de casamento, Mengele prometeu seu apartamento no centro da cidade. Disse que tinha um valor em dinheiro de cerca de 7 mil dólares, embora não fosse um presente que pudesse liberar naquele momento, pois "preciso da renda do aluguel para meu sustento". Rolf e esposa tomariam posse dele, Mengele gracejou, "só depois de minha situação ter se alterado de modo efetivo".

Mengele então abordou um assunto sobre o qual já repreendera várias vezes Rolf. Estava obcecado com a ideia de que o filho devia fazer um doutorado em direito. Mas Mengele estava preocupado achando que talvez ele não fosse capaz:

> Em setembro e dezembro, você passou em seus exames de advogado e recebeu o conceito "satisfatório". Estou muito satisfeito com isso e muito orgulhoso de você, como um pai que em sua vida fez vários exames. O título não significa muita coisa para mim porque não estou familiarizado com esse sistema de conceitos escolares e não tenho nada com que possa compará-lo. Ainda assim, permita-me fazer uma comparação com Ha Jr. [filho de Sedlmeier], que estava no último trimestre e, no entanto, por uma margem de 10%, não conseguiu obter o doutorado [em Munique]. Os resultados de seu exame, avaliando com cuidado, obviamente não são um obstáculo para que você complete seu doutorado. Há alguma diferença regional? Agora tudo que está faltando é essa última barreira acadêmica e espero que, num curto espaço de tempo, eu seja informado por você de que ela foi superada.

Outro tema que Mengele levantava nessa carta e em muitas das que enviou depois era o estado de sua saúde. Em 1972, ele revelou que estava sofrendo de espondiloartrose, uma condição dolorosa em que os discos da coluna lombar degeneram, bem como de uma hipertrofia da próstata (o bloqueio intestinal mencionado acima foi removido no mesmo ano).

Para irritação de todos, incluindo seus novos amigos, os Bossert, Mengele nunca parou se se queixar de seus males. Wolfram Bossert disse a Sedlmeier:

> Ele pode realmente deixar alguém furioso […]. Passa semanas a fio só falando na enfermidade, repetindo tudo mais de cem vezes nos menores detalhes. E está sempre acusando as pessoas: “Ninguém se importa comigo. Agora é tarde demais. Minha saúde nunca foi o que parecia ser”.

Mergulhando em autopiedade e tiradas dramáticas, Mengele se queixava de que era pobre demais para pagar um médico: “Se dinheiro é um problema e minha família não paga o médico, não tenho opção a não ser terminar com tudo”.[472] Bossert disse que, quando finalmente Mengele procurava um médico, acabava sempre pondo em dúvida sua competência. Mas todas as preocupações de saúde de Mengele se reduziram à insignificância quando, pela primeira vez, Rolf sugeriu, para sondar o terreno, que poderia viajar secretamente ao Brasil para visitar o pai.

Por algum tempo, Rolf fora abertamente cético com relação às afirmações do pai de não ter praticado qualquer crime em Auschwitz. Havia, no entanto, um nítido conflito entre o que era levantado na imprensa e o desprezo com que essas acusações eram recebidas pelo resto do clã Mengele em Günzburg. Como filho do criminoso retratado nos jornais, Rolf sabia que teria de resolver esse conflito sozinho. Decidiu, então, confrontar cara a cara seu pai biológico. Desde o início, Mengele reagiu com entusiasmo à ideia de uma visita. Mas logo sentiu que o verdadeiro objetivo da visita era mais que apenas uma reunião de pai e filho:

> Você quer ter um diálogo comigo – no estilo: pergunta e resposta […]. É claro que uma discussão é sempre o melhor meio de trocar ideias, embora durante as discussões tendamos a defender certas posições por razões de prestígio, pois durante essas trocas a pessoa fica presa a um só tema. Quando temos uma discussão por carta, isso não costuma acontecer, o que é uma vantagem. Tenho certeza de que não preciso enfatizar quanto um encontro entre nós significaria para mim. Na falta de um meio melhor, sempre tentei ter um contato mais íntimo com você lhe escrevendo. Se agora fosse possível um encontro, nada me deixaria mais feliz. É bastante natural e compreensível que você queira me conhecer por meio do contato pessoal e que queira descobrir por si mesmo, independentemente de tudo o que tem ouvido e lido, como eu sou. Eu, afinal, sinto o mesmo com relação a você.

Mengele convidou Rolf a ir com a mente aberta, “livre de preconceitos, idealismo tendencioso, simplificação desprovida de senso crítico, ressentimento barato e arrogância complacente”. No entanto, deixou claro que a mente dele estava fechada sobre o assunto:

> Sem suficiente “maturidade”, grandeza e um senso de “proporção”, a pessoa devia deixar certos eventos históricos como eles estão […]. Seus medos me mostram quanto está desinformado a meu respeito e, por isso, quase não estou chateado pelo modo como formula as coisas! [473]

Logo ficou claro que Karl Heinz e Sedlmeier eram as forças em movimento por trás da ideia de um encontro. Segundo Mengele, Karl Heinz acreditava que Rolf “não tinha mostrado suficiente interesse pelos meus problemas”. Mengele esperava que a eterna divergência entre os primos – ambos encarados por ele como filhos – fosse sanada como resultado de suas discussões sobre o *tête-à-tête*:

> Nada me agradaria mais que meus “filhos” [474] chegassem, de modo fraterno, a um acordo. É óbvio que, em seu estado natural, vocês são diferentes um do outro como eu fui diferente de meu irmão [Karl Jr.], mas certamente há bastante reciprocidade, que só precisa ser desenterrada. O temperamento fechado de Kh poderia indicar que ela se encontra um pouco profunda, mas a vontade que ele tem de cultivar relações mais íntimas com você pode sem dúvida ser dada como certa. Talvez à medida que vocês dois se tornem mais maduros a preocupação a meu respeito fará com que se aproximem mais, ao contrário dos anos em que estavam crescendo. [475]

Apesar de todos os problemas que separavam pai e filho, ao assinar a carta Mengele sentia uma gratidão patética por Rolf ter ao menos se preocupado em escrever. “Suas palavras calorosas no final dessa carta extraordinariamente longa fizeram muito bem ao meu coração solitário”, ele escreveu. “Gostaria de agradecer por sua bela carta e espero receber outra em breve, que eu vou ler, mesmo que tenha de ser lida à luz de um lampião a querosene. Até lá, eu e meus amigos o saudamos e lhe damos um abraço e beijos fraternos.”

Várias cartas subsequentes giravam em torno das opiniões de Mengele sobre os males do comunismo, as virtudes da economia de livre mercado – “o livre jogo de forças tem a mesma função em todas as manifestações de vida em nosso planeta” – e queixas que ele tinha dos Stammer, com quem as relações continuavam a se deteriorar devido à interferência de Mengele em seus assuntos. Mesmo o irmão mais novo de Mengele, Alois, teve uma amostra de como ele podia ser importuno ao receber longas instruções sobre a administração da

empresa em Günzburg. Mengele aconselhava Alois a como criar os filhos e apresentou-lhe uma lista de famílias de Günzburg que tinham “uma reputação tão ruim” que Alois não devia permitir que os filhos se casassem com gente que fizesse parte delas. Alois ficou tão irritado que nem mandou cumprimentos a Mengele quando ele completou 60 anos. Mengele se queixou a Sedlmeier que foi “um dos dias mais tristes de minha vida, em que me lembrei o tempo inteiro das hostilidades de meu irmão”. [476]

Em fevereiro de 1974, Alois morreu. A despeito da rixa, Mengele homenageou a assistência prestada durante anos por Alois: “Devemos a ele sinceros agradecimentos por ‘um bom número de coisas’”, escreveu. Na mesma carta, de maneira sarcástica, Mengele censura Rolf por um idealismo juvenil de vida simples: “Você diz, eu sei, que tem apreço pela vida simples e condena todos que dirigem Mercedes Benz e os donos de piscinas. Você só fala da vida simples, mas eu a vivo. Espero que esteja preparado para as consequências de tais recomendações. Se não está, é por pura inveja, que considero humana e compreensível, mas improdutiva e produto de uma mente nada brilhante”. [477]

Era o segundo “filho” de Mengele, Karl Heinz, que continuava a ser a menina de seus olhos. Era raro que uma carta para Rolf não mencionasse o nome do primo e sempre nos termos mais meritórios. Logo depois da morte de Alois, Karl Heinz assumiu a empresa da família, um trabalho que o tinha feito “amadurecer com rapidez”, escreveu Mengele. De novo insistiu para que Rolf se aproximasse mais do primo. “Em sua carta fiquei procurando em vão algumas palavras sobre ele e a presença dele em seu aniversário.” [478]

Mengele estava sempre fazendo sermões a Rolf, comparando seus fracassos com os êxitos de Karl Heinz e provocando-o pela falta de ambição acadêmica. De alguma maneira Mengele sempre conseguia fazer com que Rolf se sentisse no segundo posto. Quando recebeu a notícia de que o primeiro casamento do filho tinha terminado depois de apenas um ano, o que preocupou Mengele foi a decisão de Rolf de não partir para um doutorado. Estava convencido de que a indolência de Rolf era a raiz do problema e castigava Rolf por não realizar o único pedido que “lhe fiz em toda a minha vida”. Continuava repreendendo Rolf:

> Duvido que ser um advogado me satisfizesse. Se comparo isso a ser um doutor em medicina ou ter algum tipo de ph.D., tenho de tirar uma conclusão negativa. [479]

Na mesma carta, Mengele só tem palavras ásperas para Rolf sobre o fracasso do casamento:

> O fato de ter realmente acabado não me surpreendeu, é claro. A rapidez com que você arruinou seu casamento só pode ser examinada numa luz favorável sob o aspecto de que pôr fim a um casamento sem filhos é muito menos complicado que o de um com filhos. Mas ao mesmo tempo se fica com a impressão de um círculo vicioso, pois pelo menos se poderia imaginar que o rompimento foi estimulado pelo fato de vocês não terem filhos […]. (O fato de eu ter demorado mais tempo do que o casamento durou para descobrir o nome completo de minha nora é uma piada duradoura em nossa família.) Perdi uma parceira de correspondência em Irmi, que me conectava indiretamente com você. Não era muita coisa, mas alguém que tem tão pouco se ressente de qualquer perda. [480]

O relacionamento dos dois piorou quando Rolf respondeu dizendo ao pai que não seria capaz de sustentá-lo financeiramente. Mengele replicou: “Posso aliviá-lo de suas preocupações a meu respeito. Vamos deixar as coisas como elas estão. Seja como for, até agora não tenho sido um fardo financeiro para você. Tenho certeza, no entanto, de que conseguirá uma ou duas cartas por ano”. [481] Embora Rolf já tivesse então se qualificado como advogado, Mengele continuava a lembrar ao filho que seu maior desejo era que ele fizesse um doutorado em direito. Rolf tinha acabado de perder o emprego como advogado de uma empresa de construção civil, que fora à falência. Mengele advertiu:

> Gostaria de expressar – fora qualquer lamento – a sugestão de que, ao procurar um novo trabalho, buscasse algo que pudesse utilizar de modo mais pronunciado como advogado – considerando que você já se atirou nos braços da jurisprudência. Suponho que isso seria muito apropriado para se tornar mais competente na matéria, sem excluir a possibilidade de que você também faça o seu doutorado! Cá entre nós, ele [o doutorado] também faz parte do prestígio da família.

Enquanto isso, Rolf se concentrava em definir a agenda para o encontro dos dois. Criticou o pai pelas opiniões racistas. A princípio Mengele disse que se sentia compelido a responder ao que chamava “explicações didáticas [de Rolf] sobre a inexistência de diferenças raciais entre as espécies humanas. Tinha

preparado uma longa exposição sobre o assunto para você". Mas Mengele mudou de ideia porque, disse ele, "me parece um tanto tolo que justamente eu devesse esclarecer meu filho sobre algo de que os judeus têm conhecimento há 4 mil anos".

Contudo, no início de 1974, os planos da visita foram interrompidos por um problema mais urgente. As relações entre Mengele e os Stammer tinham enfim, e de modo irreparável, se rompido. Qualquer centelha de atração que sobrasse entre Mengele e Gitta Stammer por fim se apagara. Mengele havia se intrometido a tal ponto na vida de Gitta e do marido que Geza estava passando fora um tempo cada vez maior. Geza se hospedara no Hotel Rosário, na zona de prostituição de São Paulo, prometendo não retornar até Mengele ter ido embora. "A situação", Bossert advertiu Hans Sedlmeier, "é explosiva". Gitta disse: "Concluímos que não podemos mais suportar a situação. Eu disse a Peter 'está tudo acabado, está tudo acabado'".[482] Uma tentativa de última hora de Sedlmeier, que veio às pressas de Günzburg, para promover a paz fracassou por completo. Ele chegou com 5 mil dólares para Mengele, que foram também sacudidos, de modo aliciante, diante dos Stammer. Mas três dias de esforços de Sedlmeier se revelaram de todo inúteis. Com o retorno à Europa de Wolfgang Gerhard, todos os caminhos tinham se fechado.

Quando percebeu que os Stammer e Mengele estavam prestes a se separar, Bossert tentou colocar Mengele numa nova casa com um novo protetor. Sua escolha foi Erich Lissmann, o dono da fábrica têxtil na qual Wolfgang Gerhard havia trabalhado quando morou no Brasil. Lissmann tinha emigrado da Alemanha depois da guerra, fora um bom amigo de Gerhard, mas só conhecia Mengele como "Peter". Bossert procurou Lissmann e lhe falou da verdadeira identidade de "Peter". Pelas duas semanas seguintes, Lissmann literalmente tremeu de medo. Tornou-se paranoico, achando que carros e pessoas o estavam seguindo por toda São Paulo. Certo dia, às quatro da manhã, bateu na porta da casa dos Bossert e implorou para que o deixassem dormir no *closet* do quarto deles, pois tinha certeza de que estava sendo seguido. Bossert descartou a possibilidade de colocar Mengele com Lissmann e Lissmann, por puro pavor, nunca falou a ninguém da verdadeira identidade de "Peter". Mesmo hoje ele nega ter sabido que "Peter" era Mengele.

Quando o relacionamento Stammer-Mengele desmoronou, Rolf se ofereceu para intervir. Mas o pai lhe disse para não se preocupar:

> Agradeço suas boas intenções de querer me ajudar, mas deve entender que não é possível. A informação que recebeu sobre minha situação não é exata o bastante para que possa fazer um julgamento adequado. Os fatos são os seguintes: minhas supostas tentativas de influenciar estão estritamente dentro dos limites do que é "adequado ao meu lugar" e necessário para a vida; meu comportamento se manteve inalterado durante todos esses muitos anos; e eu também me identifiquei, sob todos os aspectos, com a sorte da família. Apenas por razões lógicas alguém pode ficar convencido de meus incansáveis esforços para manter a atmosfera doméstica tão agradável quanto possível. Nem sempre isto é possível. A culpa não é só minha! [483]

Os Stammer decidiram pôr em prática o rompimento final com Mengele vendendo a chácara em Caieiras e mudando-se para São Paulo – não levaram Mengele com eles. Em novembro de 1974, os Stammer venderam a propriedade em Caieiras a Laerte de Freitas, um milionário brasileiro, e compraram um grande casarão de quase 1.000 m2 nos arredores de São Paulo. Mudaram-se para a nova casa em dezembro e Mengele permaneceu em Caieiras até fevereiro de 1975. Percebeu que os Stammer o haviam abandonado; queixou-se amargamente e mergulhou na autopiedade. Apesar da extensão dos problemas, Mengele, até o rompimento final, achava que ele e os Stammer tinham decidido comprar uma casa grande e morar juntos outra vez. "Mas seguiram sozinhos. É assim a esperteza maliciosa deles", escreveu no diário. "De novo o que magoa tanto não é bem o fato de ficar sozinho, mas de ser deixado de repente."

Mengele ficou ansioso sobre onde ia morar. "Agora é naturalmente muito mais difícil para mim encontrar uma moradia adequada", escreveu no diário. Não queria se mudar para o apartamento no centro da cidade porque precisava da renda mensal paga pelo inquilino. Não perguntou aos Bossert se poderia ir morar com eles porque eles e os dois filhos viviam numa pequena casa de dois quartos, que não tinha espaço para outro morador. Além disso, é duvidoso que os Bossert concordassem em deixar Mengele morar com eles. Haviam testemunhado em primeira mão a destruição da família Stammer pelo autoritário e dominador Mengele. Percebiam que seriam usados. Disse Wolfram Bossert: "Não éramos verdadeiros amigos, com quem ele tinha intimidade. Sabíamos que tinha uma

personalidade egoísta e que nos usava como uma ferramenta essencial. Embora houvesse um certo vínculo humano de sua parte, não havia um afeto real". Os Bossert eram diferentes do fanaticamente dedicado Gerhard. Wolfram Bossert recorda:

> Não cedíamos a todos os seus [dele, Mengele] desejos e caprichos porque tínhamos nossa própria vida. Essa era a diferença entre nós e Gerhard. Gerhard colocava o destino de Mengele acima do de sua família. Afastava-se da família, mesmo que eles não tivessem nada para comer – não se importava. Ficaria dias longe para fazer algo para Mengele se achasse que era preciso. Nós sempre dizíamos: "Primeiro vem nossa família, depois Mengele". Essa era a diferença, você entende. [484]

Antes, no entanto, de fins de janeiro de 1975, as preocupações de alojamento de Mengele estavam resolvidas. Os Stammer, que no Natal haviam prometido ajudá-lo, usaram 25 mil dólares do que foi obtido com a venda de Caieiras para comprar um pequeno bangalô, que depois decidiram passar a ele. Era pouco mais que um barraco, um bangalô de estuque amarelo com um quarto escuro, um banheiro antiquado e uma minúscula cozinha. Estava localizado numa das áreas mais pobres de São Paulo, na Estrada do Alvarenga, 5.773, no bairro suburbano de Eldorado, em Diadema, cidade do Grande ABC paulista, mas que, no entanto, ficava a poucos quilômetros dos Bossert, as únicas pessoas com quem ele podia contar para visitas regulares e apoio.

A escritura da casa estava registrada no nome de um dos filhos dos Stammer, Miki. Para a companhia de luz, o novo morador, idoso e solitário, era "Peter Stammer"; para as autoridades legais era "Wolfgang Gerhard"; e para os vizinhos e empregados da casa, ele ficou conhecido como "sr. Pedro".

Pela primeira vez desde que se tornara um fugitivo, Josef Mengele estava vivendo completamente sozinho. Sentia agora uma infelicidade profunda. A entrada do diário em 7 de abril de 1975 mostra a intensidade de sua depressão: "Isto tem um efeito extenuante sobre mim, ser deixado tão isolado, excluído e sozinho".

CAPÍTULO 15

“Não Sabemos Onde Mengele Está”

Em 9 de novembro de 1970, o presidente da Alemanha Ocidental, Gustav Heinemann, fez um importante pronunciamento sobre a caçada a Josef Mengele. Implicava, pela primeira vez, a derrota. O dr. Heinemann pediu pessoalmente ao presidente Stroessner, do Paraguai, ajuda para encontrar Mengele. Quando ninguém se mostrou disposto a colaborar, seu gabinete emitiu a seguinte nota:

> Não sabemos onde Mengele se encontra no Paraguai. Antes ele vivia no triângulo de fronteira formado por três países, perto das Cataratas do Iguaçu e, dependendo da situação política, deslocava-se entre Paraguai, Brasil e Argentina. Tem acesso a casas de amigos na região, onde há muitos alemães, e viaja facilmente pelo rio [Paraná]. É quase impossível atravessar a região.
>
> O Paraguai rejeitou um pedido anterior de extradição dizendo que Mengele já tinha obtido cidadania paraguaia. Mesmo presumindo que Mengele esteja no Paraguai, é impossível tentar quaisquer novas medidas oficiais. [485]

Para aplacar os alemães ocidentais, o juiz Antonio Perez Dominguez, da primeira seção da corte criminal em Asunción, lembrou à polícia que o mandado emitido em 1962 para a prisão de Mengele ainda estava em vigor. Notícias da diretiva logo vazaram. Mas, como já tantas vezes acontecera, o resultado foi um fiasco de relações públicas. A ação do juiz foi interpretada pela imprensa como admissão pelo Paraguai de que Mengele estava dentro de suas fronteiras. Na

verdade, foi um cínico exercício de relações públicas porque os paraguaios sabiam que Mengele há muito havia partido. Mas o embaixador do Paraguai em Bonn, Venceslao Benitez, foi sem dúvida apanhado de surpresa. Questionado por repórteres, se mostrou descontraído e franco:

> Não acredito nessas notícias, mas essa é apenas minha opinião e não recebi nenhuma comunicação de meu governo. Isso é uma conversa política que de fato só deveria ocorrer entre a embaixada paraguaia em Bonn e a embaixada alemã em Asunción.

Benitez, então, fez uma declaração extremamente reveladora. Mais pressionado, disse num tom de exasperação: “Vamos falar do Brasil”. Em retrospecto, ficamos nos perguntando se Benitez estava tentando sinalizar que seu governo sabia que Mengele estava no Brasil. Mas na época o embaixador não desenvolveu o tema, dizendo que não sabia nada de Mengele e: “Acho muito melhor para meu país não saber nada sobre ele”. [486]

Nas águas turvas desse mar de insinuações, meias verdades e especulações, pulou o incontrolável Tuvia Friedman, caçador de nazistas de Haifa. Seu Centro de Documentação de Crimes Nazistas oferecia uma recompensa de 50 mil dólares pela captura de Mengele e Friedman incitava os alemães ocidentais a combiná-la com uma recompensa de 10 milhões. [487] “Seria um dólar por cada um dos 10 milhões de mortos”, disse Friedman, acrescentando num tom confiante: “Ajudará a encontrá-lo. Não estamos interessados em matá-lo. Isso seria bom demais para ele”. [488]

Alguns dias depois da oferta, Friedman disse que tinha encontrado Mengele. Brandindo um cartão postal da América do Sul, afirmou: “Isto me diz onde Mengele esteve nos últimos dois meses e me fornece informação definitiva e precisa para identificá-lo”.

A oferta de recompensa por parte de Friedman foi a primeira envolvendo recursos privados e ganhou extensa cobertura na imprensa sul-americana. Simon Wiesenthal, para não ficar atrás, deixou cair uma bomba. Numa entrevista de televisão, da qual também participava o ex-primeiro ministro de Israel, David Ben-Gurion, Wiesenthal afirmou que tinha “novas informações de que o dr. Mengele está em Puerto San Vincente, no Paraguai. Espero que as autoridades

de Bonn entrem de imediato em ação". Disse que a área era uma zona militar localizada na região do Alto Paraná, onde a polícia civil não podia entrar. Os paraguaios responderam dizendo que sequer existia um local chamado Puerto San Vincente no Alto Paraná e estavam certos. O caso Mengele tinha começado a parecer um circo.

Essa foi a primeira declaração importante que Wiesenthal fazia sobre Mengele desde novembro de 1968, quando afirmara que seus "agentes" tinham batido fotos de Mengele nas ruas de Asunción. Também fora um erro e, para seu crédito, Wiesenthal havia se retratado 24 horas depois.

Os israelenses nada fizeram para amenizar o desconforto de Wiesenthal trazido por essa nova afirmação. Um porta-voz do governo disse que Jerusalém "não tinha evidência conclusiva de que Mengele estivesse no Paraguai". De fato, nessa época os israelenses não tinham informações atualizadas sobre Mengele. O Mossad não estava mais vigiando Mengele, já que sua captura deixara há muito de ser um alvo prioritário para o comando do general Meir Amit. Essa política foi continuada pelo sucessor de Amit, Zvi Zamir, que comandou o Mossad de 1969 a 1976. "Acho que não perdi mais que uns 10 minutos me ocupando com Mengele durante meu período como comandante", disse Zamir. "Era algo relacionado com impressões digitais ou coisa parecida. Fosse o que fosse, não deu em nada." [489]

Uma das poucas pessoas que de fato conheciam a localização exata de Mengele foi descoberta por um repórter argentino e um colega italiano em fevereiro de 1971. Eles persuadiram a esposa separada de Mengele, Martha, a responder brevemente a algumas perguntas da sacada de seu apartamento em Merano, no norte da Itália. Martha havia mantido contato regular com Mengele desde que ele passara a morar com os Stammer em 1961. Também recebera cartas dele. Mas, num ato convincente de completa ignorância, com ar descontraído, Martha mentiu:

> Há anos não tenho nenhuma notícia. Não tenho qualquer informação de Herr Doctor. Mas as histórias que publicam sobre ele […] não passam de histórias. Mentiras. Não, não; não são mesmo verdadeiras. Ele é um homem muito educado, muito gentil, muito carinhoso, um marido e um pai maravilhoso. [490]

No mês seguinte, Wiesenthal afirmou que deixara por um triz de capturar Mengele numa visita-relâmpago que fizera à Espanha. Mengele, disse ele, tinha sido visto dirigindo um carro. Mas quando Wiesenthal ficou a par da viagem já era tarde demais. Perdas por um triz tornaram-se um lamento familiar de Wiesenthal, mas o mundo não sabia que suas afirmações não tinham fundamento. Para Wiesenthal, o objetivo primordial dessas declarações era manter o público atento a Mengele, algo que conseguiu fazer com grande sucesso.

No final de 1971, o nome Mengele adquirira tamanha notoriedade que foi usado por um colega nazista, Frederick Schwend, como moeda de troca quando Schwend foi detido no Peru, acusado de assassinato. Schwend foi o principal charlatão do Terceiro Reich, um ex-major da SS que tentou persuadir Hitler a afundar a economia britânica espalhando notas falsas de libras por todo o mundo. Ele fugiu da Europa depois de ajudar a administrar uma organização de fuga trabalhando para a comunidade americana de contrainteligência e acabou no Peru.

Em 31 de dezembro de 1971, um dos homens mais ricos do Peru, Luis Branchero Rossi, foi encontrado morto a tiros em seu palacete nos arredores de Lima. Herbert John, um jornalista alemão ocidental, já tinha trabalhado para Rossi e continuava intrigado com o sombrio mundo de nazistas na América do Sul. John disse ao juiz responsável pela investigação, Santos Chichizola, que suspeitava que Rossi tivesse sido assassinado por um grupo neonazista do qual Schwend era o cabeça. Em meados de fevereiro, a polícia deteve Schwend, que entregou detalhes sobre o “envolvimento” de Mengele no caso em troca de imunidade. Os peruanos não perderam a oportunidade.

A vigorosa imaginação de Schwend não o abandonou na hora em que mais precisou dela. Ele teceu uma série completa de histórias sobre interesses de negócios de Mengele no império de Rossi e sobre um complô de Mengele para controlá-lo. A princípio os peruanos se deixaram enganar pela artimanha. Em 5 de março de 1972, o juiz Chichizola anunciou que Mengele era um suspeito no caso. A glamorosa secretária de Rossi, Eugenia Sessareyo de Smith, e Juan Vilka Carranza, o filho de 19 anos do jardineiro de um vizinho já estavam arrolados como suspeitos. A imprensa especulava que Mengele tinha sido o cabeça por trás

do assassinato, que ocorreu quando Rossi passou uma tarde fazendo sexo com Eugenia Sessareyo em sua casa.

Em 6 de março, a polícia peruana anunciou que tinha prova indiscutível de que Mengele visitara o Peru em 1971. As investigações sugeriam que ele tinha estado no país quando Rossi foi assassinado e partido pouco depois. No mesmo dia o juiz Chichizola disse que Schwend estava cooperando com a investigação do alegado envolvimento de Mengele. Dessa vez Simon Wiesenthal mostrou um nível de prudência incomum. Advertiu que Schwend estava enganando a polícia peruana e disse que Mengele "não era um suspeito apropriado no assassinato de Rossi em Lima. Isso é uma tática diversionista". Não muito depois, o juiz Chichizola concordou e disse o mesmo publicamente. Schwend foi libertado e o filho do jardineiro foi condenado pelo assassinato de Rossi, embora nem o motivo nem o envolvimento de Schwend tenham sido estabelecidos de maneira adequada.

Outra pessoa que caçava nazistas no Peru não foi tão contida. Entusiasmada com o êxito que tivera ao identificar Klaus Altmann como Klaus Barbie, o "Açougueiro de Lyon" Beate Klarsfeld anunciou que Mengele estava vivendo numa área de selva a 400 quilômetros de Lima. Disse que Martin Bormann também poderia estar lá. Logo depois, a sra. Klarsfeld lançou um segundo boletim sobre Mengele. Disse que um alemão bem informado havia lhe contado que Bormann, Mengele e outros 16 nazistas proeminentes viviam na América do Sul e mantinham laços comerciais numa organização chamada "Telerama". Ela acrescentou que o próprio Bormann costumava morar na Bolívia disfarçado de padre e que ela sabia da existência de uma foto de Bormann escondido numa fortaleza com Freddy Schwend. Nenhum traço de uma organização chamada "Telerama" foi jamais encontrado e a possibilidade de Bormann ter sobrevivido à guerra continuava muito duvidosa. Mas Beate Klarsfeld era nova no negócio da caça aos nazistas e essa foi uma lição salutar sobre os riscos de confiar nas histórias trazidas por informantes no obscuro negócio de rastrear fugitivos nazistas.

Em Bonn, a caçada do governo havia parado. Seguindo a admissão por escrito do presidente Heinemann de que nenhum progresso adicional poderia ser feito, tinha se tornado um beco sem saída. No que dizia respeito a Bonn, a caçada

começou e terminou no Paraguai, que o governo continuava a acreditar que era o mais provável esconderijo de Mengele. Como os paraguaios haviam deixado claro que, tendo a cidadania, Mengele não poderia ser extraditado se fosse encontrado, Bonn ficou convencido de que Mengele estava lá e protegido. Os alemães ocidentais, portanto, não fizeram um esforço sério de procurar em outra parte. Embora o presidente Stroessner tivesse condições de fornecer a informação que teria levado os alemães ocidentais ao Brasil, Bonn nunca jogou sua última carta – ameaçar suspender a ajuda estrangeira. Os conglomerados alemães ocidentais tinham muito a perder. Na realidade o judiciário havia se atolado num exercício de importância secundária para a caçada.

O juiz Schneider, da corte regional em Frankfurt, para quem Freiburg transferira o caso, ordenou uma revisão de toda a ação penal da promotoria. Um exaustivo programa foi iniciado, tomando depoimentos perante um juiz de todas as testemunhas que forneceram evidências para o mandado de prisão original em 1959. Isso era importante, pois garantia que depoimentos de testemunhas que porventura morressem antes da captura de Mengele poderiam ser apresentados ao tribunal. Mas como a caçada fora de fato abandonada, o procedimento era quase acadêmico. Chamado *Vorferschelung*, era o equivalente de uma investigação preliminar, visando não encontrar Mengele e prendê-lo, mas acrescentar evidências a um registro no qual já havia uma fartura de esclarecimentos.

A tarefa de reintroduzir o antigo mandado de prisão coube a Horst von Glasenapp, um juiz investigador que tinha concluído a guerra como primeiro-sargento numa bateria antiaérea em Berlim. Capturado pelos russos, Von Glasenapp ficou de maio a outubro de 1945 num campo soviético de prisioneiros de guerra na Sibéria. Ao contrário de inúmeros outros membros do judiciário alemão, os antecedentes de Von Glasenapp nos tempos de guerra não o vinculavam a atrocidades nazistas.

Von Glasenapp enfrentou a tarefa de coleta de provas com certo entusiasmo, não só porque queria desvendar o horror dos crimes de Mengele, mas também porque gostava de viajar. De 1969 a 1975, tornou-se um experiente *globe-trotter*, entrevistando 300 testemunhas e fazendo diversas visitas a Israel, Canadá, Estados Unidos, União Soviética, Polônia, França, Itália e Áustria. Reuniu uma

formidável documentação, arrolando 75 testemunhas que depuseram sobre a escala monumental da selvageria de Mengele.

Von Glasenapp não tinha autoridade para se envolver numa caçada a Mengele mas, em 9 de dezembro de 1971, entrevistou Hans Sedlmeier, que depôs perante ele, sob juramento, num tribunal em Ulm. Com base no parágrafo 57 do código penal, Sedlmeier foi advertido de que poderia ser processado se prestasse falso testemunho. Mas a lealdade a Mengele e à família em Günzburg levaram Sedlmeier a fazer exatamente isso. Ele disse a Von Glasenapp:

> Também não sei que ligações existem entre o acusado e seu irmão vivo [Alois] em Günzburg. Posso inclusive declarar, com uma certa soma de convicção, que Alois Mengele não sabe onde o acusado está residindo. O filho [Rolf] do acusado é agora advogado em Freiburg e o conheço desde sua infância. Sei que é muito chegado à família e vai com frequência a Günzburg. Nosso relacionamento pessoal é tão íntimo que posso declarar de maneira categórica que ele teria me contado se tivesse algum contato com seu pai, o acusado. [491]

Sedlmeier estava agindo como um centro de expedição de cartas de Mengele a Alois, Rolf e outros membros da família e despachava as respostas, de modo que o depoimento era claramente mentiroso. Mas Sedlmeier estava confiante de que sua atividade jamais poderia ser provada. Irrompeu um novo fluxo de mentiras:

> Eu gostaria de dizer o seguinte. O acusado esteve uma vez, na década de 1950, em Günzburg, depois do seu divórcio. Tive então oportunidade de falar com ele. Desde essa época não esteve mais aqui e, posso afirmar com segurança, nem em nenhuma outra parte da República Federal. Se tivesse estado aqui, eu teria sem a menor dúvida sido informado. Ele teria falado comigo. Eu também gostaria de dizer que visitei o acusado quando ele ainda estava residindo em Buenos Aires. Estive lá a negócios; gostaria de enfatizar que minhas viagens eram feitas por motivo de negócios. Visitei o acusado somente por razões de negócios. Se minha memória não falha, a última vez que vi o acusado foi em torno de dez anos atrás. Se não me engano foi no aeroporto de Buenos Aires. Também fiquei sabendo que, mais ou menos na época em que Eichmann foi capturado, o acusado foi morar no Paraguai. Desde então, todas as conexões entre Günzburg e o acusado foram cortadas e não houve mais correspondência. Eu pessoalmente não tenho condições de declarar onde o acusado está residindo hoje em dia […]. O acusado não tem estado de modo algum ligado a assuntos da empresa. [492]

Praticamente todo o depoimento era falso. Sedlmeier tinha se encontrado com Mengele no Brasil – depois do sequestro de Eichmann – quando visitou a

fazenda em Serra Negra. Mengele e Günzburg mantinham um contato regular e, como seu intermediário, Sedlmeier sabia exatamente onde Mengele estava. Von Glasenapp disse que sabia que Sedlmeier estava mentindo, mas afirmou que não estava habilitado a agir porque não poderia prová-lo:

> Tínhamos levado o sistema a seus limites. Não havia sentido em continuar com Sedlmeier. Como não poderíamos provar que estava mentindo, não poderíamos dar uma batida em sua casa ou conseguir mandados para interceptar sua correspondência ou ligações telefônicas. Fizemos tudo que estávamos legalmente autorizados a fazer. Para a concessão de um mandado, teria de haver motivos razoáveis de suspeita. Eu suspeitava, mas não tinha os motivos. [493]

Von Glasenapp já tinha sido informado por Fritz Steinacker, advogado de Mengele em Frankfurt, que ele estaria perdendo tempo falando com Sedlmeier e a família Mengele. Steinacker tinha representado Mengele em seu divórcio e dado assistência ao dr. Hans Laternser no fracassado recurso contra a decisão das universidades de Frankfurt e Munique de despojarem Mengele de todos os seus diplomas profissionais. “Eu conhecia Steinacker muito bem”, disse Von Glasenapp, “mas não havia muito sentido em pressioná-lo por informação devido à confidencialidade entre ele e o cliente. Ele me disse, no entanto, que recebera suas instruções por um intermediário suíço quando defendeu Mengele com relação ao divórcio e aos diplomas. Por essa razão não acredito que soubesse onde Mengele estava”.

Von Glasenapp decidiu não viajar para Günzburg, aceitando o conselho de Steinacker de que descobriria que a família e seus amigos íntimos “tinham perdido a memória”. Ele se voltou para Simon Wiesenthal, de quem Von Glasenapp tinha lido as inúmeras afirmações de ter conhecido os movimentos de Mengele:

> Encontrei-me várias vezes com Wiesenthal, mas nunca consegui grande coisa dele. Com certeza eu queria saber se ele tinha de fato algo de valor. Era difícil fazer uma avaliação com base nos vários artigos de jornal que eu tinha lido. [494]

Em certa ocasião, Von Glasenapp conseguiu obter um depoimento de Wiesenthal diante de um juiz em Viena:

Eu dirigia minhas perguntas ao juiz e ele, por sua vez, as fazia a Wiesenthal. A audiência fora especialmente convocada pelo próprio Wiesenthal. Eu tinha dito ao juiz que estava ansioso para conhecer os nomes e endereços de pessoas que pudessem ter informações precisas sobre o paradeiro de Mengele. Wiesenthal ficou muito irritado com o fato de eu ter lhe feito essas perguntas e se recusou a responder. Disse que estava impedido pela confidencialidade com seus informantes, o que compreendi.

Saí com a sensação de que ele estava disposto a deixar claro que liderava o campo nessa questão, que era o primeiro homem do *front*. Talvez por trás de sua recusa em responder às perguntas houvesse um sentimento de que as pessoas que tinha em mente não eram, afinal, tão confiáveis. Eu mesmo me mantinha um pouco cético e não voltei a tocar no assunto com ele. [495]

Para um homem com um nível saudável de ceticismo sobre as evidências de Wiesenthal, o relacionamento de Glasenapp com outro caçador de nazistas, que fazia afirmações ainda mais extravagantes, era estranho. Levantava sérias questões sobre sua integridade como antigo membro do judiciário alemão ocidental.

No final de 1972, Ladislas Farago, um autor americano de *best-sellers* e oficial da inteligência naval no tempo da guerra, afirmou ter localizado o esconderijo de Mengele. Farago estava errado e sua informação falsa pode ter custado a vida de um homem inocente.

As origens do relacionamento de Farago com Von Glasenapp podem remontar à extenuante guerra de circulação em que os jornais populares da Grã-Bretanha se envolvem periodicamente. No final da tarde de 26 de novembro de 1972, espalhou-se a notícia de que o *Daily Express* estava recebendo a encomenda de um pedido muito grande de papel de jornal para a edição daquela noite. O *Daily Express*, que gozava de uma invejável reputação por reportagens exclusivas, acreditou que tinha uma grande história. Estava confiante de que o aumento da circulação seria fabuloso.

Pouco antes da meia-noite, a primeira edição em papel saiu com a manchete de que repórteres tinham localizado o esquivo secretário pessoal de Hitler, Martin Bormann, e a notícia disparou ao redor do globo. A fonte do “furo” do *Daily Express* era Ladislas Farago, que disse ter armado uma emboscada para Bormann em Buenos Aires. A prova de Farago era um homem meio calvo que se parecia ligeiramente com Bormann. Foi, no entanto, esclarecido que se tratava

de um respeitável professor argentino do ensino fundamental chamado Nicholas Siri.

No artigo sobre Bormann, Farago também afirmava ter falado com Josef Mengele que, segundo ele, estava vivendo sob o nome falso de “dr. Nadich”. Farago disse que seguira Mengele até a cidade paraguaia fronteiriça de Pedro Juan Caballero. Os paraguaios, em tom de escárnio, convidaram os repórteres a ir à cidade para ver se conseguiriam encontrá-lo.

A descoberta de que a informação sobre Bormann era fabricada provocou uma amarga disputa entre Farago e o *Daily Express*. O editor, Ian McColl, exigiu que Farago restituísse um adiantamento de 5 mil dólares:

> No que diz respeito à denúncia de Martin Bormann, você declarou publicamente, na televisão e na imprensa, que sabia onde ele estava, como estava vivendo e prometeu apresentá-lo […]. Talvez você possa concordar que a atitude honrada nesse estágio seria devolver o adiantamento, como prometeu. [496]

Na mesma carta, McColl disse que tinha sido informado por seus repórteres de que os documentos fornecidos por Farago para dar suporte às alegações sobre Mengele também eram falsos:

> Se, como você admite, foi enganado acerca de um conjunto de documentos que se revelaram traduções para o espanhol de velhos artigos extraídos do *Der Spiegel*, isso implica uma série de perguntas suplementares. Os outros documentos também são falsos? Estivemos caçando um corpo que não existe? [497]

Farago estava envergonhado. Disse que seus documentos sul-americanos sobre Mengele e Bormann eram autênticos, mas que nunca afirmara que o retrato de Bormann fosse verdadeiro. Acusou o *Daily Express* de ter se precipitado:

> Gostaria de lembrá-lo que levei a cabo a redação da série sob pressão, num clima de falsa competição evocado por você. Não tive opção a não ser concordar com sua exigência de que a série fosse escrita naquele momento, quando você queria e precisava dela, em especial quando descobri que você já tinha preparado uma série própria, a ser assinada apenas por Mr. Steven [um escritor da equipe do *Daily Express*], embora baseada no meu material. Tenho comigo cópias de um artigo que é um triste e

lamentável lembrete de até onde o *Daily Express* estava disposto a ir para conseguir esse furo frustrado. [498]

A despeito da negação de que o ônus de "entregar Bormann […] numa bandeja de prata" coubesse a ele, Farago continuou a fazer afirmações assombrosas sobre ter encontrado Bormann num convento fustigado pelo vento no alto dos Andes. Essa revelação apareceu em 1974, entre mais uma avalanche de publicidade para seu livro *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich* [Na Sequência: Martin Bormann e o Quarto Reich].

Quando estive em contato com ele em fevereiro de 1973, ele acabara de se mudar do Chile para o sul da Bolívia. Homem muito doente, era cuidado por quatro freiras alemãs, enfermeiras da Ordem Redentorista, num convento perto de Tupiza, uma remota região da província de Potosi, nos Andes. [499]

Apesar das extraordinárias invenções sobre Bormann e Mengele, a leitura dos volumosos arquivos de Farago deixa claro que parte de sua informação era tentadoramente boa. Farago com certeza impressionou historiadores respeitados – como Lord Dacre, então Hugh Trevor-Roper, catedrático de História Moderna na Universidade de Oxford – mesmo depois de o *Daily Express* ter publicado a falsa história de Bormann. Quando o *The New York Times* pediu que Trevor-Roper comprovasse a palavra de Farago na tentativa de desvendar o mistério de saber se Bormann estava vivo ou morto, o historiador britânico foi bastante lisonjeiro, como contou mais tarde ao próprio Farago:

Disse a eles que você devia ser encarado com seriedade e que, embora tivesse algumas reservas sobre certas partes da história (reservas que poderiam muito bem se dissipar quando a apresentação de suas evidências chegasse ao fim), eu considerava que suas pesquisas eram valiosas e que você tinha dado uma importante contribuição à solução do problema. [500]

Mas depois que o livro de Farago foi publicado, Trevor-Roper já não estava tão certo:

Minha lembrança é que, quando nos encontramos em Londres, você me disse que a fotografia [de Bormann] não era autêntica e que tudo aconteceu antes que sua mentira fosse publicamente declarada.

> Deduzi, portanto, que a responsabilidade pela impressão daquela foto cabia não a você, mas ao *Daily Express* e que você tinha desaprovado sua publicação. Como você estava extremamente comprometido com o *Daily Express*, posso entender que teria sido difícil, naquela época, rejeitar publicamente a foto que eles haviam lançado. Contudo, o problema se mantém: como o *Daily Express* obteve a fotografia e a aceitou como verdadeira? No texto que me foi enviado, você não menciona o assunto; mas é uma pergunta que o leitor crítico não vai deixar de fazer, e eu estaria muito interessado em conhecer sua resposta. [501]

Farago nunca forneceu uma resposta satisfatória.

Por mais ansioso que o *Daily Express* pudesse estar para publicar uma reportagem sobre Bormann, Farago arcava com uma pesada parcela da responsabilidade por sua publicação. Farago fazia pagamentos substanciais a todas as suas fontes importantes e, ao fazê-los, atraía muitos informantes inescrupulosos que apresentavam uma documentação falsa para dar suporte a histórias fabricadas. Provavelmente ele se tornara tão comprometido em termos financeiros com os editores do livro, Simon e Schuster, que teve de seguir adiante. Mas, ao atirar tão longe sua rede, Farago também atraiu inúmeros funcionários públicos da América do Sul e da Alemanha Ocidental que estavam trabalhando em caráter oficial nos casos Bormann e Mengele.

Um dos principais informantes de Farago foi o juiz Horst von Glasenapp, que estava investigando as alegações contra Mengele e contra Bormann. Eles se tornaram bem íntimos durante as visitas de Von Glasenapp aos Estados Unidos e as viagens de pesquisa de Farago à Alemanha Ocidental. Em janeiro de 1973, Farago pagou a Von Glasenapp 500 dólares em dinheiro vivo, além de 1.000 dólares em cheque em troca de informação.[502] Von Glasenapp admitiu que recebeu os pagamentos, mas afirmou que foram perfeitamente adequados porque eram fruto de um “acordo privado”.[503] Contudo, Von Glasenapp estava usando conhecimento adquirido graças à uma posição oficial para auferir ganho privado durante o exercício de um mandato. Na maioria dos países isso poderia ser visto como corrupção.

Von Glasenapp, no entanto, esperava ganhar muito mais dinheiro com Farago. Em 9 de abril de 1973, o juiz lembrou ao escritor:

> Eu queria informá-lo de que ainda tenho uma das maiores coleções de documentos sobre eutanásia no Terceiro Reich. Antes que desapareça […] num arquivo, achei melhor pelo menos informá-lo de que tenho isso. [504]

Von Glasenapp e Farago tiveram várias discussões sobre as perspectivas de vender direitos para o cinema. Em 19 de agosto, Von Glasenapp escreveu de novo para Farago informando-o de sua agenda para a viagem que faria em breve aos Estados Unidos, acrescentando:

> Estou muito curioso para saber o que o pessoal de cinema tem a dizer. Minha situação é demasiado delicada neste momento e uma renda adicional me faria muito bem. [505]

É, portanto, evidente que Von Glasenapp estava dependendo de Farago para melhorar sua situação financeira e que Farago precisava das informações de Von Glasenapp. O relacionamento entre um juiz na ativa e um escritor comercial vendendo reportagens (não confirmadas de modo adequado) sobre nazistas era heterodoxo. E uma trágica e involuntária consequência disso pode ter sido a morte de um homem inocente.

Seguindo a informação de Farago, no *Daily Express* de Londres, de que ele havia rastreado Mengele até Pedro Juan Caballero, Simon Wiesenthal, em maio de 1973, declarou que também sabia que Mengele estava vivendo lá. Então chegou Tuvia Friedman, dizendo que a recompensa de 50 mil dólares tinha também levado à informação de que Mengele poderia estar se escondendo na mesma cidadezinha fronteiriça. Em 17 de outubro de 1973, a Comissão Polonesa de Crimes de Guerra disse que suas investigações também sugeriam que Mengele estava lá. Em 25 de outubro, oficiais de justiça alemães ocidentais em Bonn foram citados no *The New York Times* dizendo que Mengele havia de fato sido localizado em Pedro Juan Caballero. O mesmo informe citava o juiz Von Glasenapp, dizendo que não achava que Mengele seria capturado, mas que várias testemunhas que ele encarava como confiáveis haviam lhe dito que Mengele estava no Paraguai e estava disposto a falar sobre seu passado. Uma dessas testemunhas "confiáveis" que tinham falado com Von Glasenapp era Ladislas Farago, que escreveu num primeiro rascunho de seu livro:

> É fato real que o juiz Von Glasenapp garantiu que meu material sobre Mengele se mostrou muito útil para sua própria investigação. Ele me disse que a identificação feita por mim, um terceiro envolvido, do local de residência de Mengele deu às autoridades alemãs a oportunidade de abordar o problema com o presidente Stroessner, do Paraguai, durante a visita semioficial que este fez à Alemanha em 1973. [506]

Para um agricultor idoso de descendência alemã morando perto de Pedro Juan Caballero, o efeito cumulativo dessa especulação amadora, confirmada como pareceu acontecer por declarações oficiais dos poloneses e alemães ocidentais, teve o resultado mais desastroso.

No final de novembro de 1973, um grupo de homens irrompeu na casa do fazendeiro no meio da noite, espancou-o e o matou a tiros. Sua mulher, que tentou intervir, foi espancada e sofreu ferimentos internos. Os três filhos foram deixados ilesos. Segundo Adolfino Peralta, chefe da polícia local, o nome do homem morto era Albert Fredrichi. Tinha vivido dezenove anos nos arredores da cidade e era conhecido como um recluso com hábitos excêntricos. Nas águas da publicidade contínua, do início ao fim de 1973, sobre Pedro Juan Caballero como esconderijo de Mengele, a imprensa especulou que Fredrichi era o açougueiro de Auschwitz. A viúva do homem, Endentran, descreveu essas reportagens como “absurdas” enquanto fazia as malas disposta a partir para sempre. Disse que os assassinos não levaram nada de valor ou bens e que falavam uma língua que ela não entendia. Acreditava que ele tinha sido morto por um grupo de vingadores judeus.

Vasculhando o passado de Fredrichi, jornais afirmaram que ele estivera no exército alemão e tinha uma história de violência e de simpatias pelo nazismo. Segundo um relatório da CIA sobre o incidente, a suspeita da sra. Fredrichi de que os assassinos do marido fossem judeus podia estar correta:

> Ele [informante] disse que o ex-soldado alemão de nome Fredrichi fora espancado até a morte no ano passado por terroristas israelenses que acharam que ele fosse Mengele. A esposa de Fredrichi perdeu partes de uma das orelhas e teve o estômago perfurado como resultado de seu espancamento. Ela sobreviveu ao atentado e, ao que parece, escreveu uma carta ao embaixador alemão requerendo uma pensão em virtude de o marido ter sido um ex-soldado. [507]

Von Glasenapp disse que não conseguia lembrar se foi ele a fonte da reportagem do *The New York Times* que teria declarado que oficiais de justiça alemães ocidentais acreditavam que Mengele estava se escondendo em Pedro Juan Caballero. Apesar de ter recebido dinheiro de Farago e de estar discutindo um possível filme, Von Glasenapp negou que tivesse sido excessivamente influenciado por Farago. “Sei que Farago apresentou uma lista de rumores”, disse ele, “e me lembro de lhe dizer que eu não estava muito satisfeito com seu material. Havia, na época, um grande número do que chamo ‘corretores de informação’ na América do Sul”. [508]

Apesar do relacionamento questionável com Farago, Von Glasenapp fez uma importante tentativa para localizar Mengele. Quando Alois morreu, em fevereiro de 1974, Von Glasenapp autorizou grampos telefônicos nas casas da família Mengele em Günzburg. No dia do funeral, um evento grandioso e imponente, Von Glasenapp ordenou que a polícia se misturasse aos acompanhantes do féretro atenta à remota possibilidade de que Mengele tivesse retornado para apresentar suas condolências:

> Tínhamos o direito de controlar telefonemas, mas não tivemos qualquer êxito, nada aconteceu. Nada. Silêncio na frente ocidental. Tudo calmo na frente ocienta! [509]

Grampos nos telefones da família Mengele nunca mais voltaram a ser autorizados. Von Glasenapp havia ido atrás de um palpite e perdeu. Tivesse havido mais palpites como aqueles rastreados e os alemães ocidentais poderiam por fim ter sido bem-sucedidos.

CAPÍTULO 16

“Pedro”, o Vizinho

Sozinho num bairro pobre subtropical, Josef Mengele declinava com rapidez. Fez o que pôde para dar alento ao triste bangalô com seu piso de tábuas corridas rachadas e seu teto com goteiras. Pintou o quarto de verde-escuro e trocou uma carreira de telhas. Mas nada pôde compensar a solidão que agora o atormentava. “Minha jaula tornou-se mais confortável”, ele escreveu, “mas continua sendo uma jaula”.[510] O “sr. Pedro”, como era conhecido pelos vizinhos, procurava novos amigos com patética avidez. Duas mulheres francesas idosas se tornaram parceiras ocasionais de conversa. Mas ele ansiava por estímulo intelectual e elas não podiam satisfazer suas necessidades. Mesmo Wolfram Bossert nunca foi realmente encarado como um verdadeiro amigo. “É camaradagem”, Mengele escreveu a Hans Sedlmeier. “Ele [Bossert] parece nunca ter tido um amigo na vida.”[511] Com seu habitual cinismo, Mengele disse que estava “disposto a se acomodar a essa camaradagem” porque Bossert o tinha ajudado num momento de necessidade. Mas foi Bossert, disse Mengele, que teve a sorte de encontrar um intelecto como o dele, não o contrário.

As preocupações financeiras também haviam piorado. Depois de jantar fora, num restaurante caro, ele disse: “Não posso me dar ao luxo de ir lá mais que uma vez por ano”. A renda de seu apartamento alugado o deixava com 250 dólares por mês, não o bastante, ele se lamentava, para bancar a cota de pagamentos regulares a Wolfgang Gerhard, na Áustria, pelas despesas médicas.

“Mandei-lhe até agora, neste ano, 600 dólares, que é mais do que gasto comigo; não só devo deixar de fazer minha doação, mas estou pedindo que você faça o mesmo”, escreveu a Sedlmeier. Mengele desconfiava que Gerhard havia exagerado no custo do tratamento do câncer da esposa e do filho. Numa carta subsequente, pediu também que Karl Heinz parasse de mandar dinheiro para Gerhard até que este apresentasse uma prova dos custos reais:

> Ele deve informar com precisão exatamente que soluções tem em mente. Para começar, tomará conta da esposa doente. Seu novo intento, aliás, dependerá do curso da doença dela, cujo fim me parece duvidoso […]. A primeira coisa que lucrou com minha situação foi a possibilidade de utilizá-la em proveito próprio e conseguir algo de você […]. Não estava satisfeito com o que eu lhe mandava. Nunca pretendi comprar qualquer ajuda dele e temo que a solução para o “pateta” [falsa carteira de identidade] se torne cara. [512]

Mengele havia se tornado tão ansioso acerca de sua situação financeira que não tinha certeza se poderia bancar o toca-discos e toca-fitas que planejava comprar para amenizar o tédio. “Estou mais do que nunca dependente da ajuda de vocês”, escreveu para casa. Gitta Stammer achava que a família podia ter feito mais por Mengele. “Não eram muito generosos com ele”, disse Gitta.

Sua saúde também estava se deteriorando. A pressão andava alta demais, o problema na coluna causava muita dor e ele sofria de enxaquecas, alergias e insônia; era possível que tivesse de fazer uma cirurgia na próstata. Tinha reumatismo nas mãos e uma área, numa das pernas, estava sempre inchada, resultado da picada de um inseto tropical no Paraguai. O medo de ser sequestrado pelos israelenses também havia voltado, assim como a velha ansiedade sobre a possibilidade de a testa denunciá-lo. Um dia se aventurou a ir sozinho a uma salsicharia e achou que um freguês “o examinara com demasiada atenção”. Apavorado, jurou nunca mais voltar ao local. Vivendo agora ao alcance de jornais, lia com regularidade a cobertura do seu caso. “Quando havia um artigo a seu respeito, ele se sentava e pensava durante horas”, disse Wolfram Bossert. “Queria saber de onde as notícias tinham vindo e se eram de fato notícias ou uma armação policial”. [513] À noite dormia com uma antiga pistola Mauser ao lado da cama.

Como consolo, Mengele tinha a perspectiva de uma visita de Rolf, embora ainda não tivessem sido feitos planos definitivos. Em seu estado de extrema ansiedade, Mengele implorava que o filho não deixasse nada ao acaso. “Antes que eu comece a contar com esse encontro”, escreveu, “quero conhecer todos os detalhes acerca do planejamento”, Mengele disse a Rolf:

> Uma visita seria uma aventura que teria de ser planejada com muita antecedência. Um passaporte impecável, em um nome diferente, seria um pré-requisito. Se tivermos isso, não vamos precisar fazer grandes manobras. O trabalho preparatório seria fazer pesquisas exatas sobre todas as exigências de viagem (visto, registro etc.) e ter um álibi perfeito. Se todos esses requisitos forem atendidos, você terá então de planejar o empreendimento de maneira minuciosa, até o último detalhe e sem se deixar iludir. Não deve haver brechas no plano de operações, você deve ser capaz de ter uma visão de conjunto do começo ao fim e tudo tem de estar na sua cabeça. [514]

Em outra carta, Mengele disse a Rolf que o detalhe mais importante era o passaporte falso – um “pateta”, como o chamava:

> Se você não tem em seu poder um “pateta”, não precisamos mais perder tempo pensando no assunto. Se não entende o que pretendo dizer, peça para seu tio H [Sedlmeier] lhe explicar. É uma condição irrevogável, sem a qual qualquer iniciativa implica um desafio fútil, de consequências imprevisíveis e perigosas. [515]

Nessa mesma carta, Mengele revelava que Dieter, filho de seu falecido irmão Alois, agora administrando a empresa da família com Karl Heinz, tinha rejeitado todas as suas tentativas de estabelecer um diálogo. “Não conheço Dieter e não tenho informações sobre ele”, Mengele se lamentava. “Ele não respondeu aos meus cartões de condolências quando da morte do pai e da mãe. Quer evitar qualquer contato comigo.” De novo Mengele implorou que Rolf reatasse os laços com as pessoas de Günzburg, de cuja riqueza e poder o filho desconfiava. E de novo, para grande irritação de Rolf, elogiou Karl Heinz:

> Ele guiou seu barco nesses últimos dois anos e meio com cuidado, com lucidez e sem qualquer preocupação consigo mesmo. Usa bem a perícia de seus trabalhadores, usa a experiência dos assistentes, tem um bom relacionamento com operários e funcionários, é analítico, humilde, infatigável e sabe o que

quer. É como vejo as coisas daqui [...]. De fato lamento que você tenha abandonado voluntariamente o que se passa em Günzburg. [516]

Nos momentos mais intensos de desespero, Mengele recorria a irritados derramamentos de retórica fascista. Queixava-se de como "a seleção, a promoção e o desenvolvimento da inteligência acima da média" estavam sendo "mal interpretados, distorcidos e rejeitados" pelo que chamava "princípios supostamente democráticos". Atacava ferozmente um livro do ministro de armamentos de Hitler, Albert Speer, que confessou ter feito um pacto com o diabo sem se dar conta das implicações. Em *Por Dentro do III Reich* [*Inside the Third Reich*], que escreveu enquanto cumpria a sentença de vinte anos de prisão, Speer descreveu Hitler como megalomaníaco. "Caracterizá-lo como o arquiteto megalomaníaco da nação é uma iniciativa inútil e prova a incapacidade de Speer, o 'perito', de compreender as intenções da Ordem." Mengele continuou:

É uma pena que tão pouco da grandeza da época tenha ficado na memória de um homem que foi autorizado a participar do jogo numa posição tão privilegiada. Speer não ouviu agora, nem naqueles dias, o chamado da história. Mas sua tentativa de rever a história não pode diminuir a grandeza daquela época.

Na opinião de Mengele, a admissão feita por Speer de estar errado ao seguir Hitler foi apenas um exercício de autoflagelação pública:

Se as confissões de Speer são reais, ele tem de ser acusado de um severo uso indevido da amizade de seu Führer, a quem tem procurado comprometer. Faltou a Speer a bravura e todas as qualidades que possibilitam que uma grande personalidade seja capaz de tirar mais proveito da amizade de seu mais alto comandante.

[Ele] acusa a si próprio e assume a culpa por aquilo de que às vezes não é sequer acusado. E acredita, ou espera, que ela possa ser expiada por alguns anos na prisão, agora que sua cabeça foi tirada da forca […]. Talvez o pesadelo de ter de se manter na sombra do outro [Hitler] o tenha sempre torturado e tenha agora se transformado em vingança. [517]

Mais do que nunca, nos estágios finais de sua vida, Mengele ansiava pelo contato com a família na terra natal. Pediu que Sedlmeier alugasse outra caixa postal "para a aceleração do tráfego de correio". Mengele aconselhava Sedlmeier:

> As cartas poderiam ser retiradas por você, KH [Karl Heinz] ou quem mais for confiável. Para não ter apenas minha correspondência naquela caixa, você pode mandar para ela um envelope com um cartão postal de suas ocasionais viagens. Isso também pode ser feito por outras pessoas. Desse modo o destinatário permanece fora do jogo a não ser por cuidar da assinatura da caixa postal, um esforço simples que não me parece inaceitável. [518]

Dessa maneira, argumentava Mengele, mais cartas poderiam ser trocadas sem o risco de serem descobertas. Mengele sugeriu que assinar a caixa postal numa grande cidade seria mais seguro e não chamaria atenção, enquanto num vilarejo – presumivelmente Günzburg – "causaria uma comoção".

O único contato de Mengele fora de sua vizinhança era Wolfram Bossert, que lhe comprava fitas cassete de suas músicas clássicas favoritas. Às vezes ele saía para dar um passeio com os filhos de Bossert, Sabine e Andreas, de quem se tornara um "tio" preferido, que havia construído um pedalinho de madeira para eles. Seus laços com os Stammer eram agora estritamente comerciais. Gitta e Geza o visitavam apenas quando traziam o dinheiro do aluguel do apartamento e o dinheiro mandado de Günzburg. Mengele ficou ofendido ao saber, em 1975, que pela primeira vez em doze anos Geza Stammer não o convidara para sua festa de aniversário.

A principal companhia que teve no primeiro ano de sua nova vida solitária foi um vizinho jardineiro de 16 anos, Luís Rodrigues, que gostava de assistir *O Mundo Maravilhoso de Disney* e novelas na TV. Mengele vivia tão isolado que às vezes pedia que ele passasse a noite lá. Rodrigues recordou como Mengele gostava de música e como às vezes rodava desajeitadamente pela sala ao som de uma valsa. Rodrigues recordou suas primeiras impressões de Mengele:

> No início foi muito fechado comigo e só falávamos sobre o trabalho, trabalho na casa ou no jardim. Depois, após algum tempo, ele se tornou mais amistoso. Passou a me tratar muito bem e costumava conversar comigo sobre o que eu gostava, como estava vivendo, como era minha família. Certa vez me disse que um dia eu ficaria muito orgulhoso de ter trabalhado para ele e contaria a meus filhos que tinha trabalhado em sua casa. [519]

Quando se aproximou o final do ano, estimulado por Rodrigues, Mengele comprou, por 150 dólares, uma TV Telefunken de 24 polegadas, em preto e branco. Disse ao rapaz que queria a TV para ver as Olimpíadas de Inverno. Confidenciou a Hans Sedlmeier que achou que poderia persuadir "meu novo companheiro de casa a ficar".

Mas a televisão de Mengele pouco fez para aliviar a dor de sua solidão. Não persuadiu o rapaz a passar mais tempo lá. E Mengele relatou à família que, embora a TV "até certo ponto quebrasse a monotonia da minha vida", ele não conseguia se divertir porque "a imagem dos canais dificilmente estava boa e as repetidas interrupções pelos comerciais de fato me incomoda". De qualquer modo, grande parte do conteúdo da programação enfurecia Mengele. A televisão era como um "condutor elétrico para seus humores – dava-lhe uma oportunidade de ficar estimulado, ficar com raiva e dizer palavrões", escreveu Wolfram Bossert. [520]

Profundas depressão e ansiedade tinham agora se consolidado enquanto Mengele experimentava um período de isolamento na Estrada do Alvarenga, já que sua única tentativa de iniciar uma amizade tinha sido rejeitada. Terminou 1975 com uma carta a Sedlmeier, observando que "nada pode melhorar meu estado de ânimo". O entusiasmo e a saúde de Mengele estavam naufragando com rapidez. Ele falava em suicídio, dizendo que seria um abençoado alívio de suas dores e mágoas e de um mundo que não se importava nada com ele.

O início do fim veio mais cedo do que ele esperava. Em maio de 1976, Mengele passou um domingo com o filho mais velho dos Stammer, Miki, e um amigo, Norberto Glawe. Quando eles o deixaram no portão do bangalô, Mengele se sentiu muito enjoado e tonto. Dentro da casa, uma "dor repentina" o atingiu no lado direito da cabeça. Nas palavras do próprio Mengele, "visões trêmulas, vertigem, sensações de formigamento na metade esquerda do rosto e no meu braço esquerdo (como formigas correndo), dificuldades com a fala e dor cada vez maior na cabeça foram os sintomas principais. Depois, aquela dor bárbara na minha cabeça foi acompanhada de náusea".

Por ser médico, Mengele sabia pelos sintomas que havia sofrido um derrame. "Não conseguia usar nem meu braço esquerdo nem minha perna esquerda (estavam paralisando)", ele escreveu. Norberto Glawe foi a uma clínica próxima

para pedir uma orientação sobre “Seu Pedro” e lhe disseram para levá-lo de imediato ao hospital.[521]

Deitado acordado naquela noite, Mengele passou muitas horas ansiosas. “Pensei: meus amigos não vão saber ‘o que fazer com essa velha carcaça’”.[522] [523] No dia seguinte, de manhã cedo, Norberto Glawe e sua mãe chegaram para tomar conta de “Seu Pedro”. Depois vieram os Bossert para levá-lo para o Hospital Santa Marta, no subúrbio de Santo Amaro, em São Paulo, onde os médicos diagnosticaram uma leve hemorragia cerebral.[524] O que Mengele na época não soube foi que sua entrada no hospital colocou-o muito perto de ter seu disfarce desmascarado.

Mengele fora apresentado a Norberto Glawe e seus pais como “Seu Pedro” por Wolfgang Gerhard no início do ano. O pai de Norberto, Ernesto, era um industrial argentino de descendência alemã. Os Glawe tinham se mudado em 1959 para o Brasil, onde ficaram conhecendo os Bossert porque Liselotte Bossert dava aulas aos filhos dos Glawe. Os Bossert os apresentaram a Gerhard.

Gerhard impressionou de imediato Ernesto Glawe como alguém “desequilibrado”. Ele disse que Gerhard “tinha uma verdadeira adoração por Adolf Hitler, fez questão de se apresentar como um verdadeiro nazista e queria a volta do regime nazista”. Tanto Gerhard quanto os Bossert mostraram um especial empenho em perguntar se os Glawe não podiam ajudar a cuidar do amigo idoso, “Seu Pedro”, que estava precisando de “ajuda espiritual e social e de amigos”. Ernesto explicou:

> Achei aquilo um pouco estranho, pois não conhecia bem Gerhard. Mas também não vi nada errado naquilo. Uma vez por mês eu visitava aquele senhor, levava chocolate e ajudava a cuidar dele. Levamos comida para ele e o visitamos talvez umas oito ou dez vezes.[525]

Assim como não tinha confiado o segredo de Mengele aos Stammer quando ele foi pela primeira vez morar com eles, Gerhard manteve os Glawe na ignorância. Pediu que eles cuidassem do homem idoso porque ele tinha de retornar à Europa para cuidar do filho Adolf, atingido por um câncer nos ossos. A mulher de Gerhard havia morrido de câncer em 1975. Contudo, apesar dessa

crise familiar, Gerhard tinha se dado ao trabalho de visitar Mengele por uma razão muito especial.

Bancado por Mengele, Gerhard viera a São Paulo para renovar o cartão de identidade brasileira, que estava prestes a expirar, para que Mengele pudesse continuar usando a identidade falsa. O invólucro plástico laminado foi aberto e a foto de Mengele foi retirada, revelando, por baixo, a foto do próprio Gerhard. O documento foi então replastificado numa loja local para que Gerhard pudesse apresentá-lo para renovação no Departamento de Ordem Pública e Social. Depois que ele foi revalidado, a capa de plástico foi reaberta, a foto de Mengele colocada exatamente sobre a de Gerhard e o documento replastificado. Como o próprio Mengele comentou, o novo cartão – ou "pateta", como ele o chamava – estava longe de ser perfeito. As diferenças entre a idade de Gerhard (14 anos mais novo) e a altura (15 centímetros mais alto) eram gritantes:

> O "velho suíço" não está mais no posto, mas o novo "pateta" sem dúvida não é tão ideal como parecia à primeira vista. Notável é a diferença de estatura, para não mencionar a idade. Ainda assim, espero poder usá-lo sem problemas. [526]

Foram precisamente essas anomalias que alertaram alguém já desconfiado de que "Seu Pedro" estava escondendo um passado obscuro. Quando acompanhou "Seu Pedro" ao Hospital Santa Marta, em 17 de maio de 1976, o jovem Norberto Glawe reparou que ele estava usando o cartão de identidade de Wolfgang Gerhard, o nazista "desequilibrado" que apresentara os dois no início do ano. Também reparou que "Seu Pedro" pagou a taxa de internação com uma cintilante nota de 100 dólares.

O pai de Norberto, Ernesto, disse que já tinha começado a duvidar da verdadeira identidade de Mengele devido a seus relatos conflitantes do que tinha feito na guerra. A princípio "Seu Pedro" lhe disse que fora sargento no exército alemão. Mais tarde disse que havia servido como médico no *front*. "Eu nunca soube ao certo se ele se chamava Pedro ou não", disse Ernesto Glawe. [527]

Depois de duas semanas no hospital, "Seu Pedro" teve alta. Norberto Glawe concordou em ficar morando no bangalô da Estrada do Alvarenga enquanto ele

se restabelecia. Confinado com ele num espaço tão reduzido, “Seu Pedro” começou a irritar o rapaz, como o pai explicou:

> Meu filho passou duas semanas com ele. Enquanto Seu Pedro se recuperava, meu filho fez um churrasco e convidou vários amigos. Mas ao término dessas duas semanas, teve uma discussão ou um desacordo com Seu Pedro e foi embora. Ele era uma pessoa egocêntrica e violenta. Nunca mais o vimos. [528]

Já agora os Glawe tinham uma forte suspeita quanto à verdadeira identidade daquele senhor obstinado e presunçoso. “Encontrei um catálogo de uma companhia de maquinário agrícola”, disse Ernesto Glawe. “Havia nela o nome Mengele. Somei dois e dois.” [529] Por fim houve um arrombamento na casa e o revólver mauser de Mengele foi roubado. Para embaraço de Mengele, a arma, registrada em nome de Geza Stammer, fora roubada enquanto Norberto estava lá. A descoberta de um revólver na casa de Mengele confirmou aos Glawe que “Seu Pedro” não era apenas um cidadão comum idoso. [530]

Mas, como os Stammer, os Glawe nada fizeram com base em suas suspeitas, embora as evidências fossem bastante fortes. “Meu problema é que eu não tinha certeza e estava assustado”, disse Ernesto Glawe à polícia de São Paulo em junho de 1985, quando o relacionamento com Mengele foi descoberto. Também disse à polícia que não tiveram mais contato com “Seu Pedro” depois que o filho, Norberto Glawe, deixou o bangalô no verão de 1976.

Isso sem dúvida era falso. Em seu diário, Mengele atribuiu aos Glawe um codinome, como fez com todos os principais conspiradores que o ajudaram. Chamou-os de “Santiago” e fez inúmeras referências a encontros e trocas de presentes depois de 1976. Estava claro que não eram seus amigos mais íntimos, mas não eram inimigos. Por exemplo, em 14 de janeiro de 1977, Mengele escreveu para o amigo Hans Sedlmeier:

> Visitei os Santiago pouco antes do Natal e dei um espremedor de frutas à mulher, que também tomou conta de mim naqueles dias, um espremedor que ela pediu. Eles me trouxeram uma travessa grande e decorada, cheia de pequenos panetones. A coisa vai ficar nesse nível de contato e visitas ocasionais. Está bem assim. [531]

No Natal seguinte, 1977, Mengele disse a Sedlmeier que estivera de novo com os Santiago: “Mu [Bossert] e eu passamos a tarde de Natal na casa dos Santiago”. [532]

Quando o relacionamento dos Glawe com Mengele foi revelado, os primeiros tentaram colocar alguma distância entre eles. Em junho de 1985, Ernesto Glawe disse à ABC News:

> O fato é que, pessoalmente, nunca tive vontade de ser seu amigo íntimo. Nunca evitei ter amigos judeus e nunca fui nazista. Na verdade tenho dois empregados que são judeus. Considero essa ideia de neonazismo totalmente ultrapassada. Eu me sinto agora muito mal sobre isso [a assistência prestada a Mengele], porque ajudei alguém que de fato não merecia qualquer assistência. [533]

Mas nesse ato de penitência pública, Ernesto Glawe deixou uma importante omissão. Não mencionou que eles haviam recebido dinheiro de Mengele para ficarem calados. No verão de 1976, os Glawe sabiam exatamente quem era Mengele. O cartão de identidade falso, o catálogo “Mengele”, as histórias de guerra conflitantes – sem a menor dúvida confidenciaram as suspeitas aos Bossert, seus amigos, que acharam que poderiam compartilhar o segredo com os Glawe. Apesar da raiva que sentiu, Mengele se viu obrigado a pagar aos Glawe pelo seu silêncio, como revelava esta carta de Sedlmeier a Mengele:

> Com relação ao caso Santiago, você mencionou que achava repugnante a pessoa ter de pagar a amigos pelos seus serviços. Não fazemos o mesmo com o homem alto [Wolfgang Gerhard]? Se tivéssemos admitido essa necessidade no caso G + G [Gitta e Geza Stammer], talvez vocês ainda estivessem juntos. [534]

As despesas de Mengele com “o homem alto”, que tinham aumentado depois que ele ficou com o cartão de identidade dele, estavam levando a uma considerável drenagem de seus fundos pessoais. Marianne Huber, a senhoria dos Gerhard em Graz, na Áustria, contou que um dos filhos lhe disse que “Gerhard vendera seu cartão de identidade por 7 mil”. Em que moeda, ela não sabia. [535]

Para levantar o dinheiro extra, Mengele teve de vender o apartamento de São Paulo, que comprara em nome dos Stammer. “Ao vender o apartamento estou me livrando de muitos problemas e preocupações, embora tenha de perder

alguns cabelos", ele escreveu.[536] Mengele se queixou no diário de que não conseguiu grande coisa com a venda:

> Ge [Geza Stammer] chegou para me passar as contas do apartamento. Esse fechamento de contas revela a inimaginável miséria que tirei dessa propriedade, que me custara um trabalho tão árduo e tão enfadonho para administrar! Infelizmente isso faz parte do meu destino! Quando deduzo dos 9 mil dólares americanos recebidos as despesas dos últimos dois anos [em torno de 1.500], não me sobram mais que 7.500 dólares.[537]

Sem que Mengele soubesse, seu devotado sobrinho Karl Heinz andara pagando grande parte das despesas médicas de Gerhard.[538] Notícias do financiamento secreto de Karl Heinz só foram reveladas a Mengele depois que ele teve o derrame. Mas Mengele não gostou de ser inteirado disso:

> Não me agradou ler em sua carta que KH tem ajudado com frequência e que isso de fato pesa em seu bolso. Embora eu saiba que "a mão direita não deve saber o que faz a esquerda", seria útil me informarem de qualquer ação de suporte. Eu indicaria expressamente que esse tipo de doação não deve se tornar um hábito permanente. O doente Burli [Adolf] e o Natal criam ocasiões especiais e só essas ocasiões podem ser adequadas para isso. KH me escreveu de um modo positivo e eu gostaria de lhe agradecer por sua generosidade nesse assunto.[539]

Em outra carta para a família Mengele se queixava:

> A despeito de sua generosidade estar fora de dúvida, fico transtornado por ser um fardo financeiro para ele. Tudo vem de seus recursos particulares […]. Não se pode ignorar que esses montantes se transformaram, com o tempo, numa soma considerável e mesmo eles não foram suficientes […].[540]

Contudo, o embaraço de Mengele não o impediu de pedir mais dinheiro a Karl Heinz depois que Gerhard lhe disse que o custo do tratamento de seu filho Burli havia disparado, porque a criança precisava de uma nova cirurgia. Numa carta a Sedlmeier, Mengele disse:

> Depois de mais de um ano meu amigo por fim me escreveu e, sem dúvida, com notícias não muito boas […] sobre Burli [Adolf]. Burli tem de ser operado de novo para poder ser submetido a novos cuidados médicos pela oncologista, a médica que os neurologistas acham que está tendo algum êxito, e ele não tem recursos para o procedimento médico. Não diz nada sobre como pretende reunir esses recursos e

> deixa que minha inteligência imagine. Já imaginei – como naturalmente você teria feito. Assim ambos sabemos o que é provável que ele pense ou espere. O que quero dizer é o seguinte: assim que dizemos "pateta" [falso cartão de identidade], temos de assumir as consequências e as consequências nesse caso são o filho doente. Quanto, você quer saber? Da última vez foi entre 4 mil e 5 mil DMs [marcos alemães, aproximadamente 1.600 dólares]. Muito provavelmente agora não sai mais barato. Quero, portanto, que você explique esses fatos a Karl Heinz e lhe peça uma assistência em meu nome. Quando escrevi minha carta para ele, não me pareceu adequado mencionar o assunto. Ele vai compreender. Esse assunto não permite nenhum atraso. [541]

A preocupação de Mengele com suas finanças e sua saúde provocou outra grande crise. Embora tivesse recuperado o movimento dos membros nas 24 horas de tratamento hospitalar, o derrame o deixara num estado de extrema ansiedade. Bossert escreveu a Sedlmeier que "a inquietação se torna evidente em sua agitação física; não consegue ficar quieto, não para de bater com os dedos e passá-los nas unhas". Mengele ficara obcecado com sua saúde. As cartas que mandava para Günzburg eram marcadas por relatos minuciosamente detalhados da saúde declinante e do estado de ansiedade:

> Sofro de um fenômeno incomum que não melhora. Consiste de uma reação muito forte a um estímulo inesperado (por exemplo, o barulho do escapamento de um carro, não reparar que uma pessoa está do lado, ouvir inesperadamente a voz de alguém). Essa exagerada reação de choque me constrange na medida em que é percebida pelos outros; eles riem e não entendem o que está acontecendo. Não posso explicar minha "loucura" a todos, que me tomam por um doido ansioso. O tremor da mão direita durante um trabalho difícil (por exemplo, manejar uma chave de fenda) parece ter aumentado. Será que vocês pensam que isso são aspectos comuns do envelhecimento? [542]

Despojado da possibilidade de se dedicar ao passatempo favorito de fazer trabalho manual, Mengele estava reduzido a vagar a esmo pela casa. O relacionamento com os vizinhos não ultrapassava um estágio superficial. Eles viam apenas uma fachada sorridente, educada e contida. "Se você perguntava de que país tinha vindo, ele sempre respondia 'Europa'", disse Jaime dos Santos, um zelador local. "Eu gostava dele. Era simpático. Nunca ficava com raiva ou nervoso." Quando Santos estava com falta de dinheiro e lhe pediu um empréstimo, Mengele prontamente o atendeu.[543] Mas, sob esse verniz prestativo, a saúde precária e as preocupações financeiras haviam criado um

velho profundamente perturbado. Em seu diário, Mengele escreveu: “É como se eu tivesse perdido o ânimo. Tudo que faço parece sem nenhum sentido! Tudo é tão vazio”. Mengele também escreveu uma carta a Sedlmeier na qual revelava que estava de novo pensando em suicídio:

> O fato de mais uma vez ter de recorrer a você pedindo esse tipo de favor [dinheiro] me constrange, mas parece ser parte do jogo. Às vezes acho que eu devia desistir. A situação é irremediavelmente desesperançosa e solitária. Mas por outro lado esse tipo de desespero não me parece correto. Tudo na vida que tem um valor especial é dispendioso. Às vezes enfrentamos essas fases repentinas e passageiras. Não devemos deixar que nos façam perder o juízo. [544]

Quando as súplicas de Mengele por dinheiro para pagar Gerhard se tornaram mais desesperadas, Sedlmeier começou a suspeitar que Gerhard estava inflacionando as despesas médicas do filho em benefício próprio:

> Ainda não posso dizer como KH reagirá aos pedidos do homem alto [Gerhard]. Ele foi informado por uma cópia de uma de suas cartas para mim e deve decidir sozinho. Vou guardar comigo minha opinião sobre o comportamento do homem alto, mas tenho de dizer que receio que ele use o estado de Burli [Adolf] para melhorar suas finanças, pois as despesas médicas e com os remédios necessários serão em sua maior parte restituídas. Desde o último encontro que informei ter tido com o homem alto não voltei a vê-lo. Assim que tiver uma oportunidade de falar com KH vou informá-lo da decisão a que ele chegou a respeito do assunto. [545]

Mengele, por outro lado, lembrou a Sedlmeier como Gerhard fora valioso para ajudá-lo a escapar da captura:

> Ele me fez um favor que não tem preço […]. Uma conclusão favorável desse assunto é importante para mim. Ele realmente me ofereceu amizade e serviços que nenhuma quantia pode quitar. [546]

Mas a resposta de Sedlmeier não ajudou muito a levantar o ânimo de Mengele:

> Não tenho uma solução de KH sobre o assunto. Tenho lembrado a ele, mas ele deixou o assunto em suspenso. Quanto isso é importante para você fica evidente em sua última carta e na penúltima, das quais mandei cópias para ele. Espero falar com ele sobre isso nos próximos poucos dias e, se ele não me procurar, vou lembrá-lo do assunto. [547]

Foi durante esse período de crise que Mengele encontrou energia e esperança em um único pensamento – a possibilidade de que, depois de uma separação de 21 anos, pudesse por fim ver seu único filho, Rolf.

CAPÍTULO 17

“Agora Posso Morrer em Paz”

As instruções de Mengele para a visita secreta do filho lembravam um conjunto de regras militares. Desde o momento em que, pela primeira vez, sugeriu a ideia em 1973, Mengele insistiu para que Rolf viajasse com um passaporte falso e deixasse uma série de pistas falsas. “Não deve haver falhas no plano”, ele advertiu o filho. “Não devemos cometer o menor erro.”

Rolf levara quatro anos para decidir fazer a longa viagem até o Brasil – “uma odisseia”, como seu pai mais tarde a chamou. Pai e filho, unidos pelo sangue, separados pela história, tinham razões diferentes para querer essa reunião extraordinária. Rolf, atormentado por dúvidas sobre o monstruoso passado do pai, bem como pela lealdade a sua própria carne e seu sangue, não podia mais adiar o confronto. “Estava farto dos argumentos escritos”, disse ele. “Queria falar com meu pai, confrontá-lo pessoalmente.” Mengele esperava o momento com grande expectativa, movido mais por curiosidade que por verdadeiro afeto, preparado para enfrentar a única inquisição de sua vida. “Você quer ter um diálogo”, disse ele. “Muito bem…”

Contudo, um verdadeiro diálogo estava quase com certeza fora de cogitação. Estava claro para Rolf, pelo tom arrogante numa das cartas do pai, que ele não ia tolerar qualquer exame detido dos segredos sombrios de seu passado:

> Por um lado, eu não posso esperar sua compreensão e sua compaixão pelo curso de minha vida; por outro, não tenho o menor desejo interior de justificar ou mesmo me desculpar de quaisquer decisões,

> ações ou comportamentos referentes à minha vida […]. Quando se trata de indiscutíveis valores tradicionais, onde vejo risco para os que estão próximos de mim ou para a unidade de meu povo, minha tolerância tem seus limites. [548]

Mengele, não obstante, mais sozinho que nunca em toda a sua vida, esperava que a visita fosse demorada:

> Não vai ser fácil para mim expressar com que ansiedade aguardo esse encontro. Talvez com a confissão de que isso representa o próximo objetivo de minha vida. Portanto quero que você pense em não se limitar a uma estadia curta demais. [549]

A despeito desse sério apelo, Mengele não pôde resistir a uma ferroada provocando Rolf. Nunca deixaria Rolf esquecer que fora ignorado por ele durante a maior parte de sua vida. Num momento, agradecia a Rolf por lhe dar parabéns pelo aniversário de 66 anos; no próximo, Mengele implicava: "Tenho absoluta certeza de que se importará mais com o aniversário de sua mãe que com o meu". Na mesma carta, Mengele não pôde resistir a ir mais fundo. Irene tinha ficado muito ferida num acidente de carro. "Vamos falar da sua mãe e a falta de sorte que teve", Mengele escreveu. "Quando dois meses depois fiquei sabendo pelo tio Ha [Sedlmeier] do que tinha acontecido, além da profundidade dos sentimentos que experimentei, fiquei desapontado por não ter sido informado por você." [550]

Sem nada mais para fazer além de se queixar de seus problemas de saúde e financeiros, Mengele passou a se ocupar do planejamento da viagem nos menores detalhes. Em maio de 1977, escreveu a Sedlmeier implorando para ele garantir que Rolf usasse um passaporte falso, um "pateta", e desse instruções detalhadas sobre a chegada a São Paulo:

> O local do encontro final ainda não pode ser divulgado. Não deve ser dado diretamente, mas por um intermediário para que possa ser detectado um eventual rastreamento. Depois de passar com êxito pelos controles do aeroporto, ele deve primeiro ir para o hotel […] depois, de táxi, para a estação do Metrô Vila Mariana. De lá seguirá numa linha até a estação São Bento, que fica bem no centro. Se sentir que está sendo seguido nesses trajetos, a única solução será voltar para o hotel, rodar alguns dias pela cidade e depois voltar para casa. [551]

Dificilmente Mengele precisaria ter se preocupado, já que os alemães ocidentais não estavam atribuindo qualquer prioridade a seguir membros de sua família. Mas como ele não sabia disso, as elaboradas instruções a Rolf, com um eco do passado, continuaram. “Use o metrô de um modo discreto”, insistiu com o filho, aconselhando-o a se fundir com a multidão na plataforma, como ele tinha feito na fuga de trem pela Itália em 1949. Também ensinou Rolf a chegar à casa dos Bossert. De lá, Wolfram Bossert o levaria ao decrépito bangalô na Estrada do Alvarenga:

> A razão para toda essa viagem, fora a segurança, é que não há ninguém na casa de Mu [Bossert] entre seis da manhã e uma da tarde. Se a chegada não for entre essas horas, então, por razões de segurança, ainda é aconselhável fazer a viagem de metrô, mas voltar de São Bento para a Vila Mariana e de lá tomar um táxi para a casa de Mu. Se eu ficar sabendo do dia exato da chegada, incluindo a hora, posso preparar as coisas muito melhor. [552]

Ele também pediu que Rolf trouxesse presentes para os Bossert – “algumas gravuras de cidades, pequenos objetos de arte etc. Não será muita coisa”. Mengele criticou a família por não ter dado mais atenção aos que o ajudaram. “Um simples bilhete de agradecimento e uma lembrancinha seriam suficientes para deixar todos felizes”, ele se lamentou a Sedlmeier. “Não compreendo, depois do desastre com Ge + Gi [Stammer], que isso ainda não tenha ocorrido a você. Sua desatenção ao meu pedido para que enviasse algumas palavras gentis aos Mu [Bossert] é típica de sua atitude para com meus amigos.” [553]

Para si próprio, ele pediu que Rolf levasse um dicionário latim-inglês, peças de seu barbeador elétrico fabricado na Alemanha, algumas fitas cassete e exemplares de *Tristia* (*Elegias*) e *Epistulae ex Ponto* (*Cartas do Mar Negro*), de Ovídio. Pedia também que Sedlmeier comprasse para Rolf e Karl Heinz um livro escrito por seu amigo Hans Ulrich Rudel, em que o ás da Luftwaffe reafirmava sua fé em Hitler e apresentava fotos de suas façanhas aéreas do tempo da guerra. “Um dia isto terá valor histórico”, Mengele previa. Tinha havido uma grande controvérsia no parlamento alemão sobre a formação de uma guarda de honra especial da Luftwaffe para Rudel quando ele visitou uma base aérea para uma sessão de autógrafos. Mengele ficou indignado com a tempestade política. “Só leio referências apressadas ao caso de Uli”, comentou enfurecido. “Como é

natural, toda a multidão de gente subserviente e sem caráter que hoje tiraniza a Alemanha o ataca com violência.” Mengele disse que a suprema ironia era que Israel podia agora dar à Alemanha uma lição de orgulho nacional e capacidade militar.

Sedlmeier prometeu se esforçar ao máximo para comprar os presentes, mas conseguir uma cópia autografada do livro de Rudel era algo mais difícil. “A maioria das livrarias não tem o livro”, Sedlmeier escreveu. “Conseguir seu autógrafo pode ser ainda mais complicado. Desde o derrame ele mal consegue escrever com a mão esquerda. Se os jovens [Rolf e Karl Heinz] estiverem interessados no livro, vou deixar a compra a cargo deles.”

A pedido de Mengele, Sedlmeier ficou encarregado de verificar a segurança dos planos de viagem de Rolf. Em 27 de maio de 1977, ele escreveu a Mengele dizendo que Rolf pretendia viajar naquele setembro num voo *charter* de Luxemburgo ao Rio de Janeiro, que tinha obtido um passaporte falso e que ficaria por quatro semanas, três delas “à sua disposição”. Sedlmeier explicou:

> Estive com Rolf na segunda-feira […]. Repassamos o plano em detalhe […]. Ele não poderá alugar um carro por várias razões. Talvez Mu pudesse alugar um para ele, já que Rolf não tem uma carteira de habilitação que combine com o passaporte. Terá de mostrar sua carteira verdadeira se for parado, mas isso é algo que vocês devem decidir aí. Não preciso entrar em detalhes acerca do plano. Talvez seja bem mais fácil do que você imagina. Nós dois rimos com suas instruções […]. Assim que o voo estiver confirmado, vou informá-lo da data exata […]. Se vai fazer o trecho Rio-São Paulo em voo doméstico, trem ou ônibus, só ele decidirá no momento apropriado.
>
> Ele quer circular como um turista sem nenhum constrangimento e tomar suas decisões como e quando seu estado de espírito achar conveniente. Não se esqueça de que ele já viajou muito, fala inglês fluente e não tem medo de enfrentar contratempos. [554]

Mengele ficou furioso e alarmado por suas instruções não estarem sendo obedecidas ao pé da letra. Escreveu de novo a Sedlmeier e insistiu que, em nenhuma hipótese, Rolf devia se arriscar a dirigir um carro a não ser que tivesse uma carteira de habilitação internacional que combinasse com o passaporte falso. E exigia que lhe dessem mais detalhes sobre o passaporte em si.

> A primeira e irrevogável exigência é o assistente [passaporte falso] perfeito, sobre o qual nada fiquei sabendo em sua última carta. Informações recentes que recebi relativas a controles de entrada sugerem

> que pode haver problemas sérios. Se todas as minhas condições forem respeitadas, então, como você diz, "tudo será muito mais fácil" e eu não terei de "imaginar nada!" Não me proponho a sinalizar meu acordo até ficar sabendo de cada detalhe sobre o assistente. Também estou totalmente confuso sobre seu comentário relacionado a um "turista querendo circular livremente". Sempre pensei que ele vinha me ver! [555]

No meio dessas trocas irritadas de correspondência, Rolf adiou a viagem uma série de vezes. Sedlmeier começou a perder a paciência com Rolf assim como com seu pai. Em agosto, pediu que Rolf se decidisse. "Vocês deviam ter discutido as coisas com mais detalhes […]. Por enquanto, não vou anunciar sua nova data para não provocar confusão, em especial porque realmente não posso dar uma desculpa para essa nova alteração." [556]

Dois dias depois, Sedlmeier estava tão exasperado que escreveu a Mengele pedindo para ser liberado daquele papel de intermediário nos planos de viagem. Mengele o acusara de inventar razões para os contínuos adiamentos de Rolf. Sedlmeier tinha cansado das idiossincrasias e da paranoia de Mengele:

> Infelizmente, você interpretou mal minhas declarações sobre o negócio do turista e sobre [Rolf] não ter fixado datas para a viagem. Ele próprio devia lhe escrever sobre isso e penso que é muito justo que todos os detalhes adicionais relacionados com a viagem, as informações e toda a correspondência sejam deixados a cargo de Rolf. [557]

Mas Mengele e seu filho não foram capazes de resolver os detalhes finais, e o sempre fiel Sedlmeier entrou de novo como mediador. Finalmente a data da viagem foi marcada: 10 de outubro. Como bônus, Sedlmeier levantou a possibilidade de uma visita especial do velho amigo de Mengele, Hans Rudel, que estava se recuperando do tratamento de um derrame na Clínica Maio nos Estados Unidos:

> Uma semana atrás estive visitando Uli [Rudel] e passei algumas horas lá […]. Pedi-lhe que o visitasse se tivesse tempo; ele disse que ia ver se era possível. Depois de deixar os Estados Unidos, vai visitar La Paz, Paraguai e Brasil. [558]

Para preparar Rolf para o encontro e instruí-lo por completo sobre os antecedentes das circunstâncias enfrentadas pelo pai no Brasil, Sedlmeier

arranjou um encontro com Karl Heinz, que por meio de uma correspondência regular tinha mais intimidade com Mengele que seu próprio filho. O encontro ocorreu em agosto, no jardim de Sedlmeier, em Günzburg. O trio também estudou um esboço de plano de viagem e Karl Heinz deu a Rolf 5 mil dólares para entregar a Mengele. “Passamos muitas horas em meu jardim e tivemos oportunidade de discutir o empreendimento em todos os seus detalhes”, Sedlmeier informou a Mengele. Por fim Sedlmeier advertiu Mengele, que se encontrava preso numa distorção nazista do tempo. Rolf, ele ia descobrir, representava uma geração de jovens alemães cujos e valores e ideologia eram totalmente diferentes dos dele:

> O mundo, em especial entre nós aqui, mudou de maneira tremenda e você foi ultrapassado por essas mudanças […]. Você não tem vivido esses tempos conosco. Não tem direito a criticar de longe. As pré-condições que você toma por base para todas as ações e todos os pensamentos simplesmente não existem mais. Você ainda tem se apoiado nos conceitos dos velhos tempos, que infelizmente, sim, uso a palavra infelizmente, já não têm validade. [559]

Rolf partiu de Frankfurt para o Rio de Janeiro com uma passagem *charter* de 600 dólares, na Varig. Viajava com o passaporte que tinha roubado de um amigo, Wilfried Busse, quando os dois estavam de férias no início daquele ano. [560] Busse havia deixado o passaporte no carro quando parou para comprar algo numa loja. “Baixei os olhos e vi a foto de Wilfried”, disse Rolf. “Disse para mim mesmo: ‘Ele se parece bastante comigo’. Meu pai não parava de insistir num passaporte impecável. Então pensei: ‘Aqui está ele’.” [561]

Seguindo as instruções do pai, Rolf levou consigo presentes para os Bossert e, para o pai, um dicionário latim-inglês, uma peça para o barbeador elétrico e os 5 mil dólares em dinheiro de Karl Heinz. Com mais ou menos uma hora de voo, Rolf começou a ter dúvidas de último minuto. Ele disse: “Lembro-me de ter pensado, ‘eu devia mesmo estar indo? Isto não vai mudar nada’. Mas essas apreensões eram apenas os nervos. Eu sabia que não ia dar meia-volta quando chegasse ao Brasil. Era algo que eu tinha de fazer. Algo em que andara pensando há muito tempo”.

Rolf estava acompanhado por um segundo amigo, cujo nome ele não revelará, a única pessoa fora de seu círculo familiar em que tinha completa confiança de que guardaria o segredo. Esse amigo levava no bolso o passaporte verdadeiro de Rolf, a ser apresentado caso Rolf tivesse problemas com a imigração brasileira. O plano era simples: assim que tivesse entrado em segurança no Brasil, Rolf visitaria o pai em São Paulo, enquanto o amigo desfrutaria as praias no Rio. Rolf retornaria ao Rio e embarcaria, junto com seu amigo, no programado voo *charter* de volta à Alemanha.

"De nenhuma maneira eu estava nervoso por causa da entrada no Brasil", disse Rolf. "Eu e meu amigo já tínhamos viajado juntos quando trabalhamos no Oriente Médio e costumávamos brincar trocando os passaportes […] para ver se conseguíamos passar pela imigração. Dessa vez, os brasileiros nem me olharam duas vezes."

Rolf passou sua primeira noite no Brasil no mais elegante hotel do Rio de Janeiro, o Othon Palace, registrando-se como Wilfried Busse. No dia seguinte, tomou um avião da ponte aérea para São Paulo. Chegando lá, de modo a não deixar pistas e se assegurar de que não fora seguido, tomou três táxis numa rota tortuosa antes de chegar à casa dos Bossert, na rua Missouri, 7.

A etapa final da jornada foi cumprida na velha e desconjuntada Kombi Volkswagen de Bossert. Quando a Kombi entrou na Estrada do Alvarenga, uma rua poeirenta cheia de buracos, Rolf Mengele experimentou provavelmente a mais estranha coleção de emoções que um filho algum dia sentiu pelo pai. Estava prestes a encontrar o homem mais odiado do mundo.

A Kombi parou na frente da casa de Mengele. "Na realidade era antes uma choupana", disse Rolf. "Eu estava cansado e sofrendo um esgotamento nervoso."

Tinham se passado 21 anos desde que Rolf vira o pai pela última vez – nos Alpes Suíços, quando o conheceu como um tio há muito tempo ausente e que o deixara fascinado com histórias de arrojadas façanhas de guerra. Durante aqueles 21 anos o pai fora revelado como um monstro.

O homem agora parado no portão era uma sombra do herói de outrora. O orgulho se fora. Assim como a autoconfiança. Houve um olhar ansioso e patético de seu pai ao erguer os braços para um desajeitado abraço. "O homem que estava na minha frente", disse Rolf, "era um homem destruído, uma criatura assustada".

Josef Mengele estava tremendo de emoção. Havia de fato lágrimas em seus olhos. Rolf sentiu como se estivesse na presença de um estranho. “Foi quando fiz alguns gestos para superar a falta de familiaridade e o choque”, disse ele, que respondeu à oferta que o pai fazia de um abraço.

O bangalô em que o pai estava vivendo era pequeno e simples. Mengele dormiu no chão de lajotas. Rolf ficou com a cama.

E então o questionamento começou, a princípio cuidadoso, com Rolf simulando uma abordagem conciliatória, fazendo o pai declarar suas razões, induzindo-o a um falso sentimento de segurança para que Mengele pudesse pensar que o filho, afinal, compartilhava um ponto de vista solidário. Na realidade, Rolf havia adotado uma abordagem de advogado, calculando que, extraindo com paciência as palavras do pai, poderia localizar as fraquezas e falhas do caso, o que lhe permitiria se preparar para um interrogatório robusto e investigativo:

> Eu disse a meu pai que estava interessado em saber sobre o tempo que ele passou em Auschwitz. O que era Auschwitz segundo sua versão dos acontecimentos. O que ele fez lá? Teve algum papel nos crimes de que foi acusado? Por razões táticas e psicológicas toquei no assunto com muita cautela, tentando analisá-lo e isolar os argumentos mais obscuros e complexos que meu pai estava tentando injetar. [562]

Noite após noite a inquisição continuou. As respostas de Mengele estavam tão cheias de uma verborragia filosófica e pseudocientífica que Rolf começou a temer que “minha mente fosse invadida”. O pai continuava se desviando dos pontos essenciais, justificando suas opiniões racistas, recorrendo a certa altura a uma crítica detalhada da evolução pré-histórica. Quando Mengele tinha por fim esgotado seus argumentos, Rolf lançou uma contraofensiva. Por que, Rolf lhe perguntou, se ele se sentia tão seguro de suas razões, não tentava se justificar publicamente? “Meu pai respondeu: ‘Não há juízes, só vingadores’”, disse Rolf. Como poderia seu pai explicar que tanta gente aleijada e deformada tivesse mentes brilhantes? “Meu pai não conseguiu me dar uma resposta adequada a isso. Apenas tagarelou.” Quais eram exatamente as provas que tinha para afirmar que certas raças são superiores a outras? “Aqui a maior parte de seus argumentos foram sociológicos, históricos e políticos”, disse Rolf. “Eram bastante

anticientíficos.” De qualquer modo, essa tentativa de classificar raças não era imoral e profundamente desumana? “Meu pai sabia que era essa minha rota para Auschwitz e o que ele fez lá”, disse Rolf. “Viu minha abordagem e percebeu que eu não tinha aceitado o que ele havia dito.”

Nos catorze dias e noites que passou com o pai, Rolf aprendeu muita coisa sobre suas mudanças de humor, suas tendências suicidas, sua depressão, seu temperamento. Não ficou sabendo de nada que o pai fez na guerra. De um modo filosófico, Mengele tentou justificar o que tinha feito sem dizer exatamente o que fora. Mas em momento algum admitiu sua culpa:

> Opinei que, seja o que for que ele ou alguma outra pessoa tenham ou não tenham feito em Auschwitz, tudo me parece profundamente detestável, pois encaro Auschwitz como um dos mais horríveis exemplos de desumanidade e brutalidade. Ele disse que eu não compreendia. Ele estava lá, tinha de cumprir seu dever, cumprir ordens.
>
> Disse que todos tinham de agir assim para sobreviver, era o instinto básico de autopreservação. Disse que não parava para pensar. De seu ponto de vista, ele não era pessoalmente responsável pelos incidentes no campo. Disse que não “inventou” Auschwitz. Ele já existia.
>
> Disse que quisera ajudar pessoas no campo, mas que havia um limite ao que podia fazer. No que diz respeito às seleções, disse ele, a situação era análoga a um hospital de campanha durante o período de guerra. Se dez soldados feridos são trazidos para o hospital em condições críticas, o médico tem de tomar decisões quase instantâneas sobre quem operar primeiro. Ao escolher um, outro deve necessariamente morrer. Meu pai me perguntou: “Quando as pessoas chegavam ao fim da linha, o que esperavam que eu fizesse? As pessoas estavam chegando infectadas por doenças, semimortas”. Disse que estava além da imaginação de qualquer um descrever as circunstâncias que havia lá. Seu trabalho tinha sido apenas separar os “aptos para o trabalho” e os “inaptos para o trabalho”. Disse que tentava classificar o maior número possível de pessoas como “aptas para o trabalho”.
>
> O que meu pai estava tentando fazer era me persuadir de que, à sua maneira, havia salvo milhares de pessoas da morte certa. Disse que não ordenava e não era responsável por gaseamentos. E disse que os gêmeos do campo deviam suas vidas a ele. Disse que pessoalmente nunca tinha ferido ninguém em sua vida. [563]

Quanto mais pervertia a verdade, mais furioso Mengele parecia se tornar. Percebendo a incredulidade de Rolf, gritou com ele: “Não me diga que você, meu único filho, acredita no que escrevem sobre mim! Pela vida de minha mãe, eu nunca feri ninguém”. Foi nesse ponto que pai e filho concordaram que não serviria a qualquer propósito útil insistir no debate. Como Rolf explicou:

> Percebi que aquele homem, meu pai, era simplesmente rígido demais. Apesar de todo seu conhecimento e seu intelecto, não queria entender as bases e regras para que pudesse haver os mais elementares princípios de humanidade em Auschwitz. Não compreendia que sua mera presença lá o transformara num acessório dentro do mais profundo significado de desumanidade. Não havia sentido em continuar. Eu tinha de me conformar com aquele fato. Ele prometeu relatar tudo por escrito. Falou ainda que, se eu tivesse tempo para estudar o que ele dizia, poderia entender seu ponto de vista. Infelizmente ele nunca fez esse relato. [564]

Em última análise, disse Rolf, era impossível discutir os conceitos de mal ou culpa porque seu pai não se sentia culpado:

> Tentei. As alegações, os fatos me deixavam sem palavras; tentei dizer a ele que sua simples presença em Auschwitz era inaceitável para mim. Estava esperando que ele dissesse: "Tentei conseguir uma transferência para o *front.* Fiz isso, fiz aquilo". Mas não houve essa tentativa preliminar. Infelizmente, percebi que ele jamais manifestaria qualquer remorso ou sentimento de culpa na minha presença. [565]

O confronto entre pai e filho não era visível para os vizinhos e as raras visitas. Para os vizinhos, o rapaz que estava sendo visto com "Pedro" era seu "sobrinho". "Um rapaz de boa aparência", recordou a empregada doméstica de Mengele, Elsa de Oliveira.

A despeito da fenda intransponível, Rolf viu que o pai estava mentalmente alerta. Falava latim e grego e ainda tinha a mente vigorosa e inquisitiva. Caminharam juntos e fizeram compras juntos, adquirindo uma luminária de teto para animar o corredor sombrio. Rolf se lembra de que "todos lhe davam atenção e todos gostavam dele". Visitaram juntos os Bossert e viajaram para as antigas casas de Mengele em Serra Negra e Caieiras. Rolf recorda que os donos de ambas as propriedades ficaram satisfeitos com a visita e "nos mostraram, com orgulho, o cuidadoso trabalho artesanal feito pelo senhor Pedro".

Uma visita aos Stammer, contudo, foi mais tensa:

> Minha visita aos Stammer por um lado foi bem recebida porque eles estavam muito curiosos a meu respeito. Por outro lado, tinham uma consciência pesada, é claro, pelo modo como acabaram se livrando de meu pai. Tinham um medo terrível de que sua futura nora, que estava presente, ouvisse o nome "Mengele", o nome sob o qual me apresentei a eles. Por isso troquei-o rapidamente por "Wilfried Busse".

Os Stammer estavam construindo uma nova casa. Meu pai me disse que os Stammer se aproveitaram economicamente dele durante todos aqueles anos. Não pôde fazer nada, já que dependia deles. Pediam dinheiro "emprestado" e ficavam espantados, até mesmo com raiva, quando mais tarde ele queria tê-lo de volta. Ficaram muito felizes quando fomos embora.

Mas enquanto os Stammer deram a Rolf uma recepção fria, os Bossert foram "completamente diferentes […] muito corretos". Fizeram tudo o que puderam para tornar a estada de Rolf agradável. Sentiam, no entanto, que havia problemas entre pai e filho. Liselotte Bossert se lembra da situação:

Não acho que se dessem muito bem, mas havia uma espécie de respeito entre eles. Pois Rolf Mengele é parte da Alemanha dos dias de hoje e é provável que tenha os sentimentos de culpa que estava procurando no pai, mas sem encontrar. Pois o pai não se sentia culpado. Era um cientista e achava que tinha agido de maneira adequada – era seu ponto de vista – naqueles velhos tempos. [566]

Enquanto os Bossert analisavam Rolf e o relacionamento que ele tinha com o pai, Rolf estava tirando conclusões em primeira mão sobre as dependências e os apoios psicológicos que tinham se criado entre o pai e seus protetores, os Stammer e os Bossert. Rolf pôde entender por que o pai brigara com os primeiros e ficara amigo dos últimos:

Ele [Mengele] não percebia como incomodara os Stammer com sua inteligência penetrante, seus comentários mordazes, sua lógica e sua argumentação. Eles o devem ter encarado como um velho professor e por certo ficaram felizes e aliviados quando por fim se viram livres dele. Enfim podiam recuperar seu estilo de vida, levar de novo uma vida ilógica, indisciplinada, desleixada e que só buscava o prazer sem consciência pesada e sem precisarem desempenhar uma hipócrita encenação para ele.

Quanto aos Bossert, Mengele era o vínculo com o passado, uma justificativa para o próprio passado deles. Estimulava-os intelectualmente e lhes explicava muitas coisas, para que fossem capazes de compreender coisas novas.

Mas era, em particular, uma pessoa que precisava da ajuda deles e de sua dedicação. Um homem que era digno dessa dedicação. Um homem que tinha sido escorraçado, que não era compreendido. Os Bossert o ajudaram de uma maneira completamente desinteressada. E, ao contrário dos Stammer, quando ele mexia com seus nervos, apenas o deixavam falar ou se afastavam.

Como simpatizou com os Bossert, Rolf passou um bom tempo com eles durante sua viagem. Eles levaram o pai para Bertioga, a praia onde Mengele ia

morrer dezesseis meses depois. Por sugestão dos Bossert, Mengele levou Rolf a uma pequena joalheria em Eldorado, onde comprou, por 500 dólares, um anel de esmeralda para a noiva de Rolf, Almuth.

Como a visita de Rolf se estendeu pela segunda semana, os Bossert acharam que o relacionamento entre pai e filho estava melhorando. Contudo, Rolf sabia que a barreira que tinha encontrado acerca do tema do Holocausto jamais seria derrubada. Depois de apenas duas semanas, Rolf concluiu que estava na hora de partir.

A despedida no aeroporto de São Paulo foi um evento rápido e formal. Mengele estava envolvido demais pelo medo de que alguém pudesse estar vigiando para manifestar abertamente qualquer emoção. "'Muito em breve tentaremos nos encontrar de novo, todos nós', foram suas palavras finais." Mas Rolf sabia que nunca mais veria o pai.

Depois de se encontrar com seu amigo no Rio para alguns dias de passeio turístico, Rolf voou de volta para Frankfurt. Reingressou na Alemanha Ocidental usando o passaporte verdadeiro; não foram feitas perguntas sobre o fato de o filho de Josef Mengele ter acabado de voltar da América do Sul, presumido local de refúgio de seu pai. Os funcionários da alfândega alemã sequer repararam que o passaporte não tinha o necessário carimbo com o visto de entrada no Brasil.

Para Mengele, a viagem de Rolf para casa foi outro momento de ansiedade. "Fiquei muito tenso", Mengele lhe escreveu mais tarde. "Não sabia se você precisaria de ajuda, considerando os estritos controles nos pontos de entrada alemães. Como você não confirmou a chegada à Alemanha, eu já estava bastante nervoso no momento em que sua carta finalmente chegou às minhas mãos, quatro semanas depois." [567]

Na carta para Rolf, Mengele agradeceu ao filho pelos "dias tão amáveis e inesquecíveis" que passaram juntos, mas se queixando pela visita de Rolf ter sido tão curta. Não havia, porém, sobrado muita coisa para dizer, ele admitiu, "encarando o fato de que você não é sensível à minha influência". Não obstante as queixas, Rolf reconheceu que o pai tinha encontrado uma forma de respeito pelo filho:

Estava orgulhoso de seu filho, como se sente um soldado após uma patrulha de reconhecimento bem-sucedida. Afinal, ele era como o filho, ainda que com algumas diferenças: o filho era teimoso e fora mimado pela propaganda de uma situação de pós-guerra e pela casa e pela educação de um padrasto. Tudo agora vai se acalmar. Pelo menos o filho havia encontrado a esposa certa. Logo ele seria avô. A visita lhe trouxe um estímulo revigorado e uma nova esperança.

Um mês depois Mengele escreveu novamente a Rolf, dessa vez para parabenizá-lo, a ele e à segunda esposa, Almuth, pelo casamento. “Se eu tivesse sabido como você gostava de pedras preciosas, teria lhe mandado uma maior”, Mengele disse à nova nora. O fato de Rolf ter agora uma esposa, disse ele, poderia ajudá-lo a se aproximar mais do filho.[568] Depois expressava gratidão por Rolf ter se dado ao trabalho de visitá-lo depois de todos aqueles anos que passaram separados: “Agora posso morrer em paz”.

CAPÍTULO 18

“Minha Vida Está no Fim”

O encontro de Rolf Mengele com o pai por fim amenizava o conflito entre suas obrigações como advogado e os laços de sangue como filho. Ele não entregaria o pai às autoridades. “No final das contas, ele era meu pai”, disse Rolf. “Não poderia denunciá-lo à polícia.” [569]

Mas o medo de que pudesse ser descoberto ainda assediava vigorosamente a mente de Mengele. Mesmo no último e péssimo ano de sua vida, nem uma só vez ele baixou a guarda. Os Bossert sugeriram que se mudasse para um bairro mais alegre, mas para Mengele uma mudança de cenário implicava um risco inaceitável. “Qualquer ampliação do círculo de pessoas com quem você trava conhecimento traz em si perigos imprevisíveis”, dizia ele. “Eles têm de ser comparados com as vantagens a serem esperadas.” [570]

Mais do que nunca, no entanto, ele agora ansiava por amizade e companhia. Disse a Rolf que tinha esperanças de conhecer um casal austríaco que se mudara para perto. Mas suas maiores expectativas estavam fixadas em sua nova empregada doméstica, quase 40 anos mais nova que ele, uma mulher pequena, com traços muito marcados e cabelo louro oxigenado. Elsa Gulpian de Oliveira fora trabalhar para o homem idoso que conhecia apenas como “Seu Pedro” em resposta a um anúncio. Mengele passou a depender intensamente dela para companhia. Quando ela estava lá, ele era feliz. Quando partia, mergulhava no desânimo.

Elsa se afeiçoou ao patrão. “Era bem conservado e tinha boa aparência”, disse. “Eu admirava sua gentileza, coisas que uma mulher sempre admira.”[571] Enquanto ela limpava a casa e fazia a comida, Mengele escrevia em seu diário ou saía para longos passeios. Tentou iniciá-la em música clássica e nas artes. Quando a irmã dela se casou, Mengele convidou Elsa para dançar. Logo houve presentes caros – um bracelete de ouro, um anel, um xale branco de lã. Embora nem uma só vez tentasse beijá-la, Elsa se tornou o único objeto de sua carência emocional. Pela terceira vez na vida, Josef Mengele tinha se apaixonado. Elsa recorda como era possessivo:

> Nunca gostava que eu tivesse namorados. Sempre costumava dizer: “Esse não vai dar certo” ou “Esse não se importa realmente com você”. Começou a me perguntar por que eu me vestia tão bem para sair com rapazes, mas não quando saía com ele. Um dia convidou um de meus namorados para ir comigo até sua casa mas, quando descemos de mãos dadas os degraus do quintal, ele nos fulminou com o olhar. Mais tarde me disse que ficou enciumado de me ver de mãos dadas com o rapaz, confessou que me amava e me pediu para morar com ele.[572]

Elsa recusou o convite. “Eu disse que só moraria com ele se nos casássemos”, disse ela. “Disse que queria ser legalmente casada. Se tivesse me pedido, eu teria me casado com ele.” Mas Mengele ficou agoniado. “Começou a chorar e disse que não podia se casar comigo, mas não me diria por quê”, contou ela.[573]

Rejeitado tão tarde na vida, Mengele se comportava como um garoto perdido de amor. Importunou a mãe de Elsa, prometendo que daria à sua filha uma vida boa e caseira. Perdeu o controle diante dela e soluçou. “Eu e minha mãe ficamos muito nervosas”, disse Elsa. “Minha mãe disse: ‘Esse homem é maluco?’. Ele chegava a ficar andando de um lado para o outro diante de nossa casa, esperando por mim.”[574]

Elsa tinha trazido uma nova luz para a vida de Mengele. Mas, em outubro de 1978, ela partiu tão de repente como havia chegado quando anunciou que pretendia se casar. Mengele nunca se recuperou por completo do choque. “Chorou e disse que eu não devia me casar com meu marido porque ele de fato não se importava comigo”, contou Elsa. “Chorou e disse que ia morrer em breve.”

Daí em diante Mengele declinou com rapidez. “Passei por um mau momento nesses últimos dois meses”, ele escreveu a Sedlmeier, “com dores bárbaras, noites em claro e decepções”. Mais uma vez, pensamentos suicidas entraram em sua cabeça. “Dores dessa espécie e de tão longa duração fazem o sujeito ficar muito nervoso e farto da vida.” [575]

Mengele estava agora atormentado por alta pressão sanguínea, uma severa infecção no ouvido interno e um problema na próstata. A degeneração da coluna também era muito dolorosa. Até mesmo os poucos amigos que tinha haviam se cansado de seus lamentos. Ele se queixava de que Wolfram Bossert tinha lhe dito que era bom que ele morasse sozinho “por causa de todas as suas reclamações e queixas”, e completava: “Eu realmente não gostaria de sofrer na frente desse homem insensível”. [576] Mengele acusava a família de praticamente abandoná-lo. “Ninguém me contou sobre o nascimento do filho de Rolf”, escreveu a Sedlmeier. [577] Em particular, estava ofendido pelo silêncio de Rolf.

Entre as desventuras desses últimos meses veio um sinistro eco de seu passado. A esposa de Rolf, Almuth, tinha despertado o interesse de Mengele porque era uma gêmea. “A curiosidade desse velho investigador da herança familiar deveria ser compreensível”, ele escreveu. “Pela primeira vez, um de nós escolheu um parceiro do norte”, disse. “A chegada desses genes nórdicos deve ser valorizada e devemos esperar os melhores resultados dessa combinação”. [578] Mengele pediu a Almuth mais detalhes de seus antecedentes familiares. Mas não obteve resposta.

A vida na Estrada do Alvarega parecia agora vazia e desprovida de sentido. Mengele tentou preencher a enorme lacuna deixada em sua vida pela partida de Elsa. Inez Mehlich, uma moça que já tinha trabalhado para Mengele como diarista, concordou em morar com ele, dormindo numa improvisada cabana de madeira no quintal. Às vezes, disse ela, Mengele se comportava como uma criança pequena. “Vivia tão ansioso que um dia bateu com força na porta da minha cabana no meio da noite”, ela contou. “Abri a porta e ele disse: ‘Oh, desculpe […]. Eu só queria ter certeza de que estava aí. Ok, está tudo bem. Boa noite’”.

No Natal de 1978, Mengele havia perdido a vontade de viver. Caminhava de um lado para o outro num entorpecimento distraído, parecendo não se importar com o que pudesse lhe acontecer. Certa vez, quase caiu num poço que havia no quintal; de outra, foi quase morto quando se aventurou a sair. Os vizinhos, sobressaltados pelo barulho de freios, viram um ônibus tentando se reequilibrar na estrada e, entre o redemoinho de poeira, Mengele, arranhado, mas caminhando devagar e saindo de vista, como se inconsciente de seu encontro com a morte.

Foi com esse distraído estado de espírito que Mengele deixou, pela última vez, seu bangalô no número 5.555 da Estrada do Alvarenga. Parecia saber que talvez nunca mais voltasse. Depois de vários dias de angústia, finalmente aceitara um convite dos Bossert para passar alguns dias na casa de praia que eles tinham alugado em Bertioga, 40 quilômetros ao sul de São Paulo. Era fins de janeiro de 1979, apogeu de um tórrido verão brasileiro. “Ele não tinha certeza se aquilo o ajudaria a vencer o desânimo”, Inez recordou. “Disse que estava muito cansado, mas acabou concordando em fazer a viagem. ‘Vou para a praia porque minha vida está no fim’, ele me disse.” [579]

Sozinho, fez a viagem de duas horas de ônibus até Bertioga, chegando lá em 5 de fevereiro. Liselotte Bossert se lembra de que “ele começou de imediato a se queixar. Parecia estar muito irritado com alguma coisa”. Na maior parte dos dois dias seguintes, Mengele não saiu da minúscula casa de praia de dois quartos. As persianas ficaram fechadas, apesar do calor abrasador. “Lá dentro devia estar como numa sauna a vapor”, disse Arnaldo Santana, que morava atrás da casa de veraneio. “Estava trabalhando ali perto e podia ouvi-lo falar, sempre em alemão.”

Às 3 da tarde de 7 de fevereiro, Mengele por fim apareceu. “Pensamos que uma caminhada acalmaria sua mente, pois ele veria a natureza, a praia e a água”, disse Liselotte. Era outro dia quente, o sol queimando. Ele e Wolfram Bossert caminharam ao longo da praia e depois se sentaram algum tempo ao sol. Bossert recorda que Mengele estava melancólico, com uma profunda saudade da Alemanha:

> Estou convencido de que estava ansiando por voltar à Alemanha. Isso ficou evidente perto do fim; no último dia ele deixou claro. Não sei se sabia que a morte estava chegando, mas ficou sentado numa grande pedra junto do mar, sozinho, olhando para o leste através do mar. E disse: “Meu país está lá […]. Eu gostaria de passar meus últimos dias de vida na minha cidade natal, Günzburg, em algum lugar no alto de uma montanha, numa pequena casa, e escrever a história da minha cidade natal”. Era o que ele realmente queria […]. Na hora, não pensei em nada daquilo, mas sabendo agora o que aconteceu naquele dia, posso me lembrar de tudo com bastante clareza. [580]

Por volta das 4h30 da tarde, para se refrescar do sol escaldante, Mengele decidiu se aventurar nas ondas suaves do Atlântico. Dez minutos depois estava lutando pela vida.

O jovem Andreas Bossert o viu primeiro e gritou: “Tio, saia, a corrente está forte demais!”. Alertado pelo filho, Wolfram Bossert ergueu os olhos e viu um movimento de alguém se debatendo no mar. Ele gritou perguntando a Mengele se estava tudo bem. Uma careta de dor foi a única resposta. Mergulhando, Bossert nadou o mais depressa que pôde para resgatar o amigo. No momento em que o alcançou, praticamente já não havia nenhum movimento. A paralisia havia se apoderado do corpo dele. O jovem Andreas Bossert se lembra de um corpo inerte estendido e torto na água, balançando para cima e para baixo com o movimento do mar. Mengele tivera um segundo derrame. Bossert recorda os poucos momentos frenéticos:

> Tive de nadar com um braço e arrastá-lo com o outro, e o mar estava puxando nós dois. Lutei sem parar, tentando manter a cabeça sobre a água. Não sentindo qualquer terreno embaixo dos pés, sabia que não estávamos nos aproximando da praia. Cheguei a um ponto no qual achei que não podia aguentar mais. Mas então, em algum lugar no meu subconsciente, tive a lembrança de que devia usar a força das ondas. Então mergulhei, cravando os calcanhares na areia e segurando o corpo acima da cabeça – ele ainda estava vivo. [581]

De repente e de maneira inesperada, Mengele deu início a uma última e desesperada luta pela vida. Com os olhos agora fixados com avidez à frente, estava tentando nadar com um braço, os golpes ficando mais fortes. Por um momento, parecia que já tinha escapado do pior. Mas então seu rosto perdeu toda a determinação, o braço recuou e não houve mais movimento. Bossert se lembra do esforço para levar Mengele até a praia:

> Fui deixado com aquele peso morto […]. Subi à superfície e me deixei transportar pelas ondas, depois tornei a mergulhar, enfiei os calcanhares no chão e segurei-o acima de mim antes de tornar a subir. E foi assim que conseguimos chegar à praia.

Quando Bossert se aproximou da areia, um grupo de homens avançou ao encontro deles e agarrou Mengele pelas pernas e pelos braços, levando-o para a praia. Bossert estava completamente esgotado pela tentativa de resgate. Tinha lutado a ponto de quase se afogar e ele próprio teve de ir para o hospital.

Um punhado de gente havia se reunido quando a notícia da tragédia se espalhou e o corpo agora imóvel de Mengele estava deitado na areia. Um médico que tinha visto tudo massageou seu coração e administrou respiração boca a boca. Por alguns momentos, houve uma centelha de resposta, mas no final os esforços do médico se revelaram inúteis.

O corpo foi deixado na praia até tarde da noite. Após cada período de alguns minutos tinha de ser puxado mais para cima devido à subida da maré. “Quase comecei a gritar”, disse Liselotte Bossert. “Aquilo era tão pouco digno.” Então um policial, Expedito Dias Romão, veio para cuidar do corpo.

Não era raro haver acidentes no concorrido trecho de areia, mas Romão disse que sempre se lembraria daquele. A escuridão caíra quando ele chegou. Ajoelhada numa postura quase de reverência, Liselotte Bossert segurava uma vela próxima à cabeça do morto e chorava: “O tio morreu. O tio morreu”. [582]

CAPÍTULO 19

“Mantenham Tudo em Segredo”

A primeira reação de Rolf Mengele à notícia da morte do pai foi um grande alívio. “Eu tinha basicamente um conflito que nunca poderia ser resolvido”, disse ele. “Por um lado ele era meu pai; por outro, havia essas acusações, essas horripilantes descrições de Auschwitz. Senti um grande alívio por tudo ter se resolvido assim e não de outra maneira, como um julgamento, por mais importante que pudesse ter sido julgá-lo.” [583]

A notícia do falecimento do “tio” chegou à família Mengele por uma carta de Wolfram Bossert a Sedlmeier:

> É com profundo pesar que cumpro o doloroso dever de informar a você e aos parentes da morte de nosso amigo comum. Até seu último sopro de ar ele lutou heroicamente, como fizera durante uma vida cheia de tumulto. [584]

O funeral tinha sido um evento apressado e traumático. Em 24 horas estava tudo acabado. A imediata remoção do corpo foi requerida com urgência naquele calor subtropical, mas as formalidades tinham de ser concluídas. Liselotte Bossert teve de lidar sozinha com elas porque o marido estava se recuperando no hospital da tentativa de resgate. Estava tão exausto que o médico disse a Liselotte que ela teve sorte por não ter perdido também o marido.

Pouco antes de morrer, Mengele havia dito aos Bossert que desejava ser cremado. Em virtude do tempo e dos regulamentos, não fora possível conseguir

a cremação. “Neste país de predominância católica ainda existem regras estritas a seguir com relação a esse procedimento”, Bossert explicou a Sedlmeier. As autoridades brasileiras requeriam a assinatura de um parente próximo garantindo que todos os membros sobreviventes da família do morto concordavam com a cremação.

Prevendo esse problema e sem o conhecimento de Mengele, Wolfgang Gerhard havia providenciado um túmulo ao lado do de sua mãe no cemitério Nossa Senhora do Rosário, numa encosta de Embu, pouco mais de 19 quilômetros a oeste de São Paulo. Na breve visita que fez ao país em 1976, Gerhard se deu inclusive ao trabalho de preparar o diretor do cemitério, Gino Carita, para a chegada de um “parente idoso e doente”.

Mas ao ser posto em ação, o plano de Gerhard quase falhou. O cadáver fora posto num caixão num ambulatório e levado diretamente para o médico legista, dr. Jaime Edson Andrade Mendonça, que só espetou o corpo. Às duas da manhã não estava disposto a fazer um exame *post-mortem* completo. Liselotte Bossert ouviu o homem que tinha trazido o caixão dizer: “Bem, é óbvio, a pessoa se afogou”. Mendonça então emitiu um atestado de óbito em nome de Wolfgang Gerhard, de 53 anos.

Confrontado com um simples caixão branco e um atestado comprovando a morte do homem que, na realidade, tinha reservado o túmulo, Gino Carita ficou muito curioso. Então veio o momento mais embaraçoso de todos. Carita disse que queria abrir o caixão e ver o corpo. Liselotte Bossert recorda o que aconteceu:

> Quando viu o nome Wolfgang Gerhard, um nome bastante raro naquelas paragens, lembrou-se de imediato e disse: “Não é possível […]. Ele mencionou um tio velho e agora ele próprio está aqui!”. Disse que talvez fosse melhor darmos uma olhada. Logo percebi então que aquilo era a última coisa que eu devia fazer, ninguém devia descobrir que se tratava do corpo de Mengele – ninguém jamais devia saber –, e foi por isso que fiquei histérica e disse: “Não, não quero fazer isso, não posso! Meu marido está doente e não sei como ele está. Estou aqui completamente sozinha e quero ver tudo terminado o mais depressa possível”. O homem disse que respeitava a minha vontade, sobretudo porque um corpo retirado da água nunca é uma visão agradável […]. Assim, agiu conforme a minha vontade. [585]

Carita cedeu, não querendo ofender uma amiga enlutada do falecido, e o segredo de Mengele foi levado para o túmulo.

A ironia é que, se a opção de Mengele pela cremação tivesse sido cumprida, é provável que sua vida no Brasil tivesse se tornado um segredo eterno. Foi a exumação dos ossos seis anos depois que forneceu prova científica de sua identidade. Está fora de questão que qualquer outra coisa além da exumação dos ossos teria satisfeito seus caçadores, criados com uma dieta de fantasias da mídia sobre poderes sobre-humanos de evasão. Por certo nunca foi a intenção dos Bossert e da família Mengele divulgar a verdade.

Até certo ponto a decisão da família Mengele de não comunicar a morte de Josef parece surpreendente. Em termos estritamente comerciais, um comunicado da morte de Mengele só poderia ter beneficiado a empresa da família em Günzburg, vulnerável como estava às acusações de cumplicidade com sua contínua liberdade. Pelo menos é isso que todos presumiam. “Não há razão para a família não comunicar sua morte”, comentou um cético superintendente da polícia, Menachem Russek, chefe da seção de crimes nazistas da polícia de Israel, quando apareceram as primeiras notícias do túmulo de Mengele na encosta do morro. “É um blefe. Ele continua vivo.” De fato, a família havia calculado que os benefícios financeiros advindos do anúncio seriam de longe superados pela torrente de perguntas que isso despertaria sobre seus quarenta anos de colaboração. Como fizera no passado, a família Mengele tinha colocado os interesses financeiros como prioridade máxima, ignorando qualquer obrigação moral para com caçadores ou sobreviventes de Mengele de anunciar a morte e encerrar o caso. “Eles [a família Mengele] responderam numa carta que, sem dúvida, o caso era perigoso demais para ser revelado e que muita água teria de passar debaixo da ponte antes que isso pudesse acontecer”, disse Wolfram Bossert. Além do mais a palavra final continuava sendo do parente mais próximo de Mengele, seu filho Rolf. E Rolf decidiu que, “em consideração aos que tinham ajudado meu pai”, deviam deixar que o mundo continuasse a especular. Pelo menos durante algum tempo.

O sigilo era por certo o que desejavam os Bossert, embora por razões ainda mais impróprias. “Não apenas isso evita alguma inconveniência pessoal, mas

também mantém o lado oposto gastando dinheiro por algo que deixou de existir", Wolfram Bossert escreveu a Sedlmeier.[586]

Como Wolfgang Gerhard tinha morrido de uma hemorragia cerebral dois meses antes de Mengele, Bossert sugeriu que os filhos de Gerhard recebessem uma "contribuição assistencial", porque os günzburgers precisariam da colaboração deles para a papelada se decidissem transportar o corpo de Mengele para um funeral adequado na Alemanha. Os Mengele preferiram deixar as coisas como estavam.

Pela segunda vez em dois anos, Rolf voou para São Paulo, agora para recolher os pertences do pai e acertar suas pendências. Voou com nome e passaporte verdadeiros, partindo de Frankfurt num voo regular de uma empresa aérea. Passou o Natal com os Bossert, só retornando à Alemanha Ocidental em 3 de janeiro de 1980. Os Bossert foram generosamente recompensados por terem protegido seu pai. Rolf deu a eles a sobra de mil dólares dos 5 mil que levara para o pai na viagem de 1977. Rolf também deixou a casa no número 5.555 da Estrada do Alvarenga para ser dividida em partes iguais entre os Bossert e os Stammer. Ela podia estar decrépita, mas valia 25 mil dólares. Os Stammer acabaram vendendo sua parte aos Bossert, que ficaram com toda a propriedade. Os Bossert ficaram gratos a Rolf por sua generosidade e lhe agradeceram numa carta subsequente "por nos ter permitido realizar o sonho de toda uma vida".

Rolf levou o relógio de ouro do pai, as cartas, os diários e as fotos. "Do ponto de vista emocional, acho eu, como é provável que você também ache, é melhor queimar tudo", Bossert tinha escrito a Sedlmeier. "Por outro lado, o destino dele é bem fora do comum. Os descendentes de fato merecem uma herança intelectual, mesmo que a geração atual não a considere importante."[587] (Esses elevados ideais se dissiparam seis anos mais tarde, quando o cadáver de Mengele foi descoberto em Embu. Representantes da revista *Stern* se puseram a caminho da porta dos Bossert e lhes pagaram uma bela soma por algumas sobras sem importância dos papéis e fotos de Mengele, que tinham escondido de Rolf quando ele os visitou em 1979).

Depois de ter recolhido os objetos pessoais do pai, Rolf seguiu para o Rio e se instalou no elegante Othon Palace Hotel, onde estivera dois anos antes sob um nome falso. Isso provocou um dos momentos mais incômodos de sua vida. "Ah,

Mengele", disse um *concierge*. "Sabe que o senhor tem um nome muito famoso por aqui?" Rolf fingiu um riso divertido. Por dentro, estava tremendo como gelatina. Escondeu a bolsa de viagem numa parte rebaixada do teto de seu quarto no hotel. "Qualquer busca profissional teria encontrado o material em menos de um minuto", disse Rolf, "mas foi o melhor que pude fazer".

Por que o segredo do exílio brasileiro de Mengele e de sua morte demorou seis anos para vir à tona? Além de um pequeno círculo de nazistas impenitentes, como Hans Rudel, havia agora quase 40 amigos íntimos e membros da família que sabiam, mas nunca disseram uma palavra. Entre esses estava Rolf, sua primeira esposa, Irmi, e os pais dela; a segunda esposa, Almuth, e também os pais dela, os Jenckel; a primeira esposa de Mengele, Irene; o marido dela, Alfons Hackenjos; o filho dos dois, Jens, e a esposa dele, Sabine, que era secretária de Rolf; os sobrinhos de Mengele, Dieter e Karl Heinz e suas esposas; suas sobrinhas, Ute e Monika, e seus maridos; a segunda esposa de Mengele, Martha, e seu filho, Wolf Ensmann, do primeiro casamento; o amigo de Rolf e Almuth, Wilfried Busse; o farmacêutico e sua esposa em Munique, amigos de Mengele que tinham lhe fornecido abrigo seguro em 1945; os Stammer e seus dois filhos; os Bossert e seus dois filhos; os Glawe e o filho deles; e, é evidente, o sempre dissimulado Hans Sedlmeier, a esposa dele e os dois filhos, um médico e outro advogado. É extraordinário que essa lealdade para com um homem tão claramente perverso, e para com sua família, tenha ignorado qualquer consideração de mais elevada moralidade ou dever público – estranho ainda que de nenhum lugar nas fileiras supostamente esclarecidas dos Mengele mais novos tenha vazado uma palavra para as autoridades, mesmo após sua morte.

A verdade teve de ser arrancada dessa irmandade arcana e amoral, que estava dividida por amargas invejas em torno de dinheiro e poder, mas unida no objetivo comum de salvar seus pescoços e o pescoço de um dos homens mais sórdidos entre os que até hoje habitaram a Terra. Em última análise, foi a pressão pública que forçou as autoridades a partir para a ofensiva e trazer os fatos à tona.

Esse processo começou tarde, em 1977, com as próprias pessoas que tinham ajudado a criar o mito da invencibilidade de Mengele e de sua proteção de alto nível no Paraguai – os caçadores de nazistas e detetives amadores. A ideia do

Paraguai como lar permanente de Mengele estava há muito tempo entranhada na consciência do público. Foi a decepcionante falta de progresso na confirmação desse "fato" estabelecido que persuadiu os Estados Unidos e Israel a resolver de uma vez por todas o mistério de Mengele.

Em agosto de 1977, uma história duvidosa numa bem cuidada revista argentina relatava que Josef Mengele fora visto dirigindo um sedã preto nas ruas de Asunción. Simon Wiesenthal avançou mais um passo. Em setembro, disse à revista *Time* que Mengele tinha duas casas luxuosas e estava sempre cercado por guarda-costas armados com rádios PX. Mengele usava óculos escuros, disse ele, e era membro ativo de uma "rede sobrevivente de figurões nazistas conhecida como *Die Spinne* [A Aranha]". Segundo Wiesenthal, Mengele era um visitante frequente do Clube Alemão em Asunción, onde muitas vezes se tornava o centro das atenções ao pousar com força o revólver no balcão. [588]

A *Time* também reportou as declarações do professor Richard Arens, da faculdade de direito da Universidade Temple, na Filadélfia, que fizera uma visita recente ao Paraguai. Arens afirmou que funcionários da defesa paraguaia tinham lhe dito que Mengele estava no país como importante assessor do presidente Stroessner em técnicas de tortura e que andara fazendo experimentos com os indefesos índios aché do Chaco. Apesar dos melhores esforços da embaixada americana em Asunción para persuadir a *Time* de que a história provavelmente era fictícia, a revista foi em frente e publicou.

Por mais que fosse incorreto, o artigo da *Time* acendeu um pavio de queima lenta na caçada a Mengele, que durante três anos estivera curiosamente ausente das primeiras páginas. Esses primeiros anéis de fumaça apareceram com uma consulta ao Departamento de Estado feita pelo senador Alan Cranston Jr., em janeiro de 1978. O secretário-adjunto para relações com o Congresso, Douglas J. Bennett Jr., respondeu que, embora o Departamento de Estado não pudesse confirmar se Mengele estava no Paraguai, era "difícil para o governo dos Estados Unidos se envolver diretamente no caso […] porque Mengele não reside nos Estados Unidos e os crimes do qual é acusado não ocorreram em território americano". [589]

Apenas para se certificar, o Departamento enviou um telegrama à embaixada americana em Asunción requerendo qualquer "informação sólida sobre a

presença de Mengele (no passado ou agora) no Paraguai e suas atividades, ou pelo menos comentários sobre a referência a Mengele no artigo da *Time*”.[590] No dia seguinte, a embaixada telegrafou ao Departamento mandando a resposta do ministro do interior paraguaio Sabino Montonaro. Ele disse que Mengele “conseguiu a cidadania em 1959; morou no Paraguai cerca de dois anos ou até 1961-1962; Mengele não voltou a entrar no Paraguai desde essa época; se não acreditarem em mim, será um prazer mostrar o registro policial”[591]. O problema era que ninguém acreditava mais numa palavra do que os paraguaios diziam. As negações públicas, durante os anos 1960, da cidadania paraguaia de Mengele e a negativa em dar assistência ativa à caçada, unidas ao chocante histórico sobre direitos humanos, tinham comprometido de maneira irreparável sua credibilidade.

O Departamento de Estado, no entanto, detectara uma mudança na atitude do governo paraguaio desde a chegada do presidente Jimmy Carter ao poder em 1976. Agora o Paraguai estava lutando com um problema de imagem, criado pelo destaque dado pelo governo Carter a seu histórico de torturas e prisões sem julgamento. Com a revista *Time* tendo ressuscitado o espectro de Asunción como um porto seguro para o homem mais procurado do mundo, o governo enfrentava uma grande crise de relações públicas. O Paraguai era com certeza um refúgio para muitos homens procurados. Mas até mesmo Montonaro se conteve ante o que parecia ser uma repetição de todas as velhas acusações de que Mengele e Stroessner fossem amigos íntimos.

O assunto Mengele logo se tornou um tópico regular de conversa para o embaixador Robert White quando ele se aproximava dos paraguaios e os advertia de seu regime repressivo:

> Quando cheguei a Asunción, o governo paraguaio me disse: “O que podemos fazer para melhorar nossa imagem no exterior?”. Respondi que uma das coisas que podiam fazer era cancelar a cidadania de Mengele. Discutimos isso por um bom tempo.[592]

Em março de 1979, o programa *Sixty Minutes* da CBS exibiu a versão compacta de um documentário britânico sobre a caçada a Mengele. Com a assistência de um engenhoso médico alemão, John Ware e Mike Beckham, da

Televisão Granada, tinham obtido secretamente conversas filmadas com vários dos antigos amigos paraguaios de Mengele, incluindo Alban Krug, Armando Raeynarts, um hoteleiro que o havia conhecido, e Werner Schubius, que o conhecera em Asunción. Pela primeira vez havia uma evidência gravada de que Mengele estivera abrigado, ao menos por algum tempo, no Paraguai depois do sequestro de Eichmann.

No documentário, Krug fugia de perguntas sobre quando exatamente tinha abrigado Mengele e resmungava ameaças tipo "não aconselhamos ninguém a vir procurá-lo aqui". Granada também havia obtido pela primeira vez uma cópia do documento de cidadania paraguaia de Mengele. Quando o ex-embaixador de Israel em Asunción, Benjamin Varon, apareceu no filme dizendo que Mengele teve "uma de suas casas no Paraguai pelo menos até 1972", o efeito final do programa foi indicar que o governo do Paraguai ainda tinha algo a esconder.[593] Visto por 20 milhões de espectadores, o programa teve um impacto significativo. Os americanos ficaram ultrajados. Uma ação do Congresso foi reclamada por cartas e telefonemas exigindo que os Estados Unidos tomassem alguma iniciativa que pudesse pressionar o Paraguai.

Em resposta ao clamor público, em junho de 1979, o senador Jesse Helms submeteu ao Senado a resolução número 184:

> […] É o sentimento do Senado que o presidente dos Estados Unidos deva apelar de imediato para que o Paraguai detenha e extradite Josef Mengele para ser julgado na República Federal da Alemanha.[594]

No debate que se seguiu, o senador Helms referiu-se ao "trabalho de engenharia genética" de Mengele como o "projeto Frankenstein do século". Helms expressou uma opinião que pareceu tirar os Estados Unidos de sua apatia pós-guerra:

> O fato de que Josef Mengele permaneça hoje em liberdade e nunca tendo sido levado a julgamento faz dele um símbolo vivo do Holocausto que não podemos continuar a tolerar. Perdoar ou esquecer os crimes de Josef Mengele exigiria a amputação de nossa consciência e o desmembramento de nossa memória.

O Senado aprovou por unanimidade a resolução, instando o presidente a exigir que o Paraguai tomasse providências para prender e extraditar Mengele. Na Câmara dos Deputados, 57 congressistas assinaram uma petição que foi entregue ao embaixador paraguaio em Washington, Mario Lopez Escobar, exigindo a mesma ação.

Demonstrações inspiradas pelo governo paraguaio contra a rigorosa e nova abordagem dos direitos humanos pelo presidente Carter já haviam tensionado as relações entre Asunción e Washington. Mas nunca houve qualquer dúvida sobre quem segurava o chicote. A ajuda foi restringida e houve uma ameaça de cortes nos programas militares. Agora o embaixador White pressionava para que as demandas do Congresso sobre Mengele fossem atendidas: "Por fim os paraguaios responderam à minha sugestão de que a cidadania dele fosse revogada. Eles disseram: 'Que grande ideia'".[595]

Em 5 de agosto de 1979, o ministro do interior Montonaro convocou uma coletiva de imprensa e apresentou os fundamentos para a revogação da cidadania de Mengele. Negou que Mengele estivesse no país e disse, num tom sincero, que ele deixara o Paraguai "há muito tempo". Em 8 de agosto, Montonaro instruiu o procurador-geral paraguaio, Clotildo Gimenez Benitez, a pedir à Suprema Corte que revogasse a cidadania, o que ela fez no mesmo dia. A corte declarou que tinha chegado a essa decisão porque Mengele estivera "ausente do país desde 1960".

Quando a cidadania de Mengele foi revogada, o embaixador White presumiu que Mengele devia ter morrido. "Devo dizer que até esse momento eu sempre acreditei que ele estava de fato no Paraguai", disse White.[596] O embaixador estava certo, é claro, sobre a morte de Mengele, embora não soubesse o que tinha acontecido no Brasil. A pergunta é: o presidente Stroessner sabia?

Segundo o embaixador White, é inconcebível que Montonaro tivesse revogado a cidadania de Mengele sem autorização do presidente, já que ele encarava a nacionalidade paraguaia como sagrada. "Stroessner sem dúvida foi consultado", disse o embaixador White. Se ele está certo, isto sugere que Stroessner estava a par da morte de Mengele no Brasil, que tinha ocorrido seis meses antes, mas ainda assim permitiu que o mundo continuasse a especular por mais seis anos.

Não há dúvida de que esse é o tipo de jogo de que Stroessner teria gostado, nem que apenas para vingar as falsas acusações de que seu país dera abrigo a Mengele durante vinte anos. Mas quase certamente Stroessner não sabia que Mengele havia morrido.

Um amigo íntimo do presidente, Hans Rudel, estava ciente do segredo embora, segundo Rolf, não soubesse exatamente onde Mengele fora enterrado. E, assim como a família Mengele tinha feito um pacto com os Bossert de nunca revelarem a morte, Rudel também estava preso a essa promessa de silêncio. Tivesse Stroessner sabido da morte e conhecido exatamente os detalhes, talvez nenhuma soma de lealdade a Hans Rudel o impedisse de pôr para descansar de uma vez por todas o fantasma de Auschwitz que, por tanto tempo, assombrara seu país.

Os caçadores de nazistas tinham certeza de que Mengele ainda estava vivo e que a decisão de Stroessner de revogar sua cidadania era um plano desenvolvido para conceder-lhe uma proteção presidencial ainda maior. A primeira salva da artilharia destinada a denunciar esse movimento sinistro foi disparada por Simon Wiesenthal. Fazendo pouco caso de Montonaro e da decisão da Suprema Corte paraguaia, Wiesenthal disse que aquilo “nada significava” e ofereceu uma nova recompensa de 50 mil dólares pela captura de Mengele. Também insistiu para que o Paraguai emitisse outro mandado de prisão e se ofereceu para pagar 10 mil dólares à polícia pela captura.

O ceticismo de Wiesenthal sobre a ação paraguaia foi compartilhado por um grupo de empesários judeus de Nova York que, com a ajuda de um destacado porta-voz judeu local, montou um plano detalhado para sequestrar Mengele. O grupo, que incluía um sobrevivente de Auschwitz, recebera uma informação de que dois agentes da inteligência paraguaia estavam dispostos a trair Mengele por 500 mil dólares. Depois de várias semanas de negociações, os paraguaios concordaram em deter Mengele quando ele chegasse a um banco, em Asunción, onde se afirmava que ia com regularidade. Mengele seria então levado para uma cidade fronteiriça brasileira, Foz do Iguaçu. Quando sua identidade fosse confirmada, ele seria entregue às autoridades. Depois do recebimento de uma chamada telefônica de um dos empresários, 500 mil dólares seriam transferidos de um banco das Bahamas para uma conta especial dos paraguaios.

No início de novembro de 1979, foi feito o depósito dos 500 mil dólares no banco das Bahamas. Quando os paraguaios se certificaram de que o dinheiro estava lá, sinalizaram para os nova-iorquinos que estavam prontos para entrar em ação. Dois caçadores de recompensa americanos, um deles veterano do Vietnã, viajaram para Foz do Iguaçu, onde ficaram à espera de notícias da prisão. Em 22 de novembro, os americanos foram informados pelos paraguaios de que Mengele seria capturado no banco no dia seguinte. Em 23 de novembro não houve sinal de Mengele nem dos paraguaios.

Embora o dinheiro deles estivesse a salvo, os empresários americanos tinham sido vítimas de uma grosseira tentativa de extorsão feita por dois policiais paraguaios corruptos. O incidente mostrou com que seriedade eram encaradas as notícias de Mengele estar escondido no Paraguai, mesmo depois de sua cidadania ter sido revogada. Os empresários de Nova York não eram dados à ação precipitada.[597]

Enquanto isso, as afirmações de Wiesenthal tornavam-se mais extremas. Mengele estava se escondendo numa colônia nazista especial do Chile; fora para a Bolívia, mas a polícia não ia cooperar; não, estava no Uruguai; tinha problemas cardíacos e estava prestes a se entregar a uma embaixada alemã ocidental; fora visto "cinco vezes recentemente […] sua captura poderia acontecer nas próximas semanas".

Mesmo, no entanto, a fértil imaginação de Wiesenthal não pôde rivalizar com a melhor das histórias que afirmavam que Mengele ainda vivia. No início de 1981, a caçada se deslocou para um subúrbio rico nos Estados Unidos. Cartazes anunciando o *New York Post*, de Rupert Murdoch, proclamavam: "Anjo da Morte no Condado de Westchester". O jornal estava citando a afirmação da revista *Life* que, de 1978 a 1979, Mengele tinha morado numa casa particular perto da Yeshivá Ohel Shmuel, na rua Haines, em Bedford Hills, cerca de 50 quilômetros ao norte da cidade de Nova York. "É a primeira vez que ouço falar disso", foi a lacônica reação de Allan Ryan Jr., chefe da Divisão de Investigações Especiais do Departamento de Justiça.

Ele não era o único cético. Mas a história da *Life* continha inúmeros fatos autênticos sobre os interesses financeiros da família Mengele nos Estados Unidos, o que deixou os EUA mais perto de lançar uma caçada final. A *Life*

relatava que Dieter, sobrinho de Mengele, era um dos sócios de uma corporação americana, KMN International Farm Equipment, Inc., uma distribuidora de maquinário agrícola. Constituída em outubro de 1973, a companhia apresentava Dieter como seu representante legal. A KMN representava três parceiros equivalentes: o “K” indicava a Bernard Krona GmbH; o “M”, a Mengele & Sons; e o “N”, a H. Niemayer and Sons. Pesquisas subsequentes mostraram sucursais em Arkansas e Wisconsin. Embora Dieter dissesse que vendeu suas ações nessa empresa em 1982, investigações adicionais mostram que ele detinha uma participação acionária em outra empresa americana, a BSD Farm Corporation de Delaware, fundada em novembro de 1979. A família Mengele supostamente também comprou 162 hectares de área agrícola em Greencastle, Indiana, em dezembro de 1979, avaliada em 1,2 milhões de dólares. [598]

Em abril de 1984, parecia haver outro esqueleto de Mengele no armário da América. Havia um relato de que ele seria capturado pelo FBI quando fizesse uma visita relâmpago a Miami, em 1979, mas que fora alertado no último minuto. Dessa vez a fonte parecia ser confiável. Um assistente do procurador dos Estados Unidos em Miami, Jerry Sandford, afirmou que lhe fora confiada a tarefa secreta de prender Mengele no aeroporto após o FBI ter sido informado de que ele estaria vindo de Asunción a bordo do voo 974 da Braniff, que chegaria às 6h30 da manhã, em 29 de agosto de 1979.

Como em 1984 Sandford estava concorrendo a um mandato político local, parecia um momento oportuno para dizer ao eleitorado como estivera perto de capturar Mengele e como desde então persistia na caçada. Escolheu o *Jewish Floridian* para soltar a história:

> Numa tarde de sexta-feira, recebi um telefonema do Departamento de Justiça em Washington dizendo que eu fora selecionado para cuidar de um assunto extremamente delicado. Disseram que mais tarde eu teria os detalhes e mandaram que eu não falasse com ninguém, nem mesmo com meu chefe, sobre a tarefa. [599]

Às oito horas daquela noite, dois agentes do FBI chegaram à casa de Sandford para explicar a missão. Sandford continuou:

> Fiquei impressionado. De repente era como se eu tivesse vivido apenas em função daquela noite. Então, uma hora depois recebi uma chamada de Washington dizendo que Mengele tinha sem dúvida sido alertado e não ia chegar. Minha decepção foi amarga. [600]

De fato passaram uma informação ao FBI de que Mengele estava voando para Miami, mas tudo não passou de uma elaborada farsa. Membros dos partidos políticos de oposição do Paraguai tinham feito uma reserva com o nome "Josef Mengele" na esperança de que a imagem sempre retomada do "anjo da morte" comprometesse o governo Stroessner. Não conhecendo a fonte da reserva, os alemães ocidentais tinham coletado a informação e pedido ao FBI que checasse. [601]

Mais tarde Sandford se convenceu de que Mengele poderia estar vinculado a alguma trama do tráfico de drogas. Como ex-chefe da unidade em Miami de repressão ao tráfico de drogas do gabinete do procurador-geral dos Estados Unidos, Sandford preparou um gráfico do que chamou "elos possíveis entre grupos anticomunistas, terroristas, pessoal dos narcóticos e grupos pró-nazistas". Embora isso fosse apenas conjectura, sua suspeita foi compartilhada pela CIA. Já em 1972, relatórios da CIA sugeriam que Mengele estava usando o nome de dr. Henrique Wollman, morava perto de Encarnación e "que [ele] e outros [estão] fortemente envolvidos com o tráfico de narcóticos". [602] Em novembro de 1979, a CIA de novo especulou que Mengele poderia estar envolvido no negócio de drogas. Foi elaborado um memorando interno em colaboração com a Drug Enforcement Administration [Divisão de Combate às Drogas], mas que nunca se tornou público. Um funcionário da CIA, que coordenava a inteligência de entorpecentes no exterior, disse que o artigo, "embora seja uma peça provocativa, está baseado em indícios muito circunstanciais e pouco sólidos, o que não justifica sua publicação como inteligência concluída". [603]

Por mais especulativos que fossem esses relatórios, o efeito que tiveram quando foram revelados no início de 1985 contribuiu para intensificar a pressão do Congresso para que os Estados Unidos aplicassem seus formidáveis recursos na caça a Mengele. A CIA, disse o senador Alfonse d'Amato, tinha simplesmente levado "a informação até aí. Ninguém lhe deu continuidade".

Uma premissa nunca parecia ser posta em dúvida: Mengele estava vivo, disso todos tinham certeza. Em Frankfurt, Hans-Eberhard Klein, o promotor encarregado da investigação alemã ocidental, disse que não tinha motivos para achar que Mengele estivesse morto – mas, em vista da inação do governo de Bonn no correr dos anos, é difícil entender a base da afirmação de Klein. Os alemães ocidentais nunca inspiraram muita confiança em termos de determinação para investigar até o fim todas as pistas.

Seis meses antes da morte de Mengele ser descoberta, Serge Klarsfeld, o caçador de nazistas baseado em Paris, disse a Klein que acreditava que Rolf Mengele tivesse feito uma viagem secreta ao Brasil usando um passaporte falso. Fora dada uma busca no apartamento de Rolf, em Berlim, por alguém ligado a Klarsfeld, e o passaporte de Wilfried Busse foi encontrado.[604] Estava carimbado com um visto brasileiro. Como vimos, foi o passaporte que Rolf usou na primeira etapa de sua viagem ao Brasil, em outubro de 1977, para encontrar o pai. Mas, segundo Klarsfeld, o procurador Klein mostrou pouco interesse na pista. “Passamos toda a informação a Klein”, disse Klarsfeld. “Mas não podemos descobrir o que ele fez com ela porque Klein sempre nos disse que qualquer pista relacionada a Mengele era segredo oficial.”[605]

Os israelenses estavam com certeza convencidos de que Mengele estava vivo. Um respeitado membro da comunidade judaica de Nova York viajou para Jerusalém em fins de 1984 com informações sugerindo que Mengele possuía uma grande fazenda no Uruguai. Houve várias reuniões governamentais de alto nível sobre o que parecia ser uma pista nova e decisiva. O que nem o nova-iorquino nem o governo israelense sabiam era que os dois homens que eram a fonte da informação tinham um histórico de tentar vender histórias invariavelmente falsas sobre nazistas por grandes somas de dinheiro.

Esses dois corretores de histórias, Saul Stenzburg, um ex-policial argentino, e Herbert John, um jornalista alemão ocidental com contatos suspeitos no ramo de informações sobre nazistas, também persuadiram a revista *Paris-Match* e o jornal *New York Post* a gastarem mais de 50 mil dólares para investigar o homem idoso do Uruguai que eles diziam ser Mengele. O *New York Post* enviou um grupo exploratório de investigadores que retornou com fotos do suspeito numa grande *hacienda*, registrada no nome de “Branaa”. Para o *New York Post*, o traço

mais persuasivo da história era a evidência trazida por uma prostituta de que Stenzburg disse que visitava Branaa uma vez por mês. Por intermédio desse contato íntimo, a moça soubera que o "*señor* Branaa" era alemão e que os amigos o chamavam de "doutor".

Foi perguntado a uma equipe de peritos em fotoidentificação dos Estados Unidos se eles achavam que as fotografias eram de Mengele. Os peritos estavam entre os mais eminentes profissionais da área: o dr. Ellis R. Kerley, cientista forense que fora um assessor da Comissão Warren que investigava a morte do presidente John F. Kennedy (e seria membro da equipe americana de investigação forense enviada ao Brasil, em 1985, para determinar se os ossos de Embu eram de Mengele); Peggy C. Caldwell, antropóloga e assessora forense do instituto médico-legal da cidade de Nova York e professora do prestigiado Instituto Smithsoniano em Washington, D.C.; e o dr. Lawrence Angel, curador de antropologia física no Instituto Smithsoniano.

Todos os três peritos realizaram uma série de experimentos independentes com as fotografias, comparando-as com fotos atestadas de Mengele. Tomaram medidas precisas e avaliaram características como "aderência do pavilhão auricular ao crânio", "aparência lobular e forma da testa", "obliquidade da fenda palpebral". Foram feitas medidas e comparações do comprimento do nariz, do diâmetro da raiz do nariz, do comprimento da face, da "largura da entrada nasal", da base do nariz para o fechamento do lábio e de muitos outros traços.

Os resultados de todas as três amostras, testadas de modo independente, foram notavelmente similares. Fotografias falsas tinham sido postas de maneira deliberada em cada conjunto de fotos. Todos os peritos rejeitaram essas fotos. Cada um dos peritos também concluiu que as fotografias de Branaa e as fotos conhecidas de Mengele eram do mesmo homem. E não foram descuidados em suas respostas.

Disse o dr. Kerley: "As fotografias de 1937 [fotos da SS de Mengele] e as fotografias de 1985 são provavelmente do mesmo indivíduo. A conclusão está baseada na compatibilidade da maioria dos índices, como indicada pela análise da variância e na elevada probabilidade de 0,9505 [95%] de que sejam todos da mesma população". O dr. Angel disse que, na sua avaliação, a semelhança era "praticamente como ver um automóvel descendo a rua a cerca de 15 metros de

distância e dizer: ‘É um Mercedes’. É dessa ordem. Costumamos trabalhar com esse tipo de coisa. Para defender essa comparação eu estaria disposto, se fosse preciso, a comparecer ao tribunal”. Peggy Caldwell concluiu que as fotos de 1937 e 1985 eram “do mesmo indivíduo, independentemente da diferença em sua idade na época em que as fotos foram tiradas”. Ela disse que os “dados dentários” fecharam, a seu ver, o veredito. “Sim, eu sentenciaria um homem à cadeira elétrica com base nisso”, disse. [606]

Quando souberam desses vereditos, os israelenses mandaram seus homens ao Uruguai para conferir a história. Ao mesmo tempo, as redes de TV souberam da nova suspeita acerca de Mengele. Temendo um furo jornalístico da NBC, que gravara vários metros de videoteipe do velho homem lavando seu carro, a ABC abordou diretamente o señor Branaa e perguntou: “O senhor é o dr. Mengele?”. O pobre homem passou o resto do dia tentando convencer os repórteres de que não era o médico de Auschwitz. Depois de Branaa apresentá-los a parceiros de negócios e a velhos amigos, e depois de lhes mostrar registros escolares, a ABC se convenceu de que os cientistas forenses tinham cometido um enorme erro.

Não obstante, foi a opinião do procurador alemão ocidental Klein que prevaleceu: Mengele continuava vivo. E relatórios da Europa pareciam confirmar isso. Dois jovens psicólogos britânicos, Simon Jones e Kirn Rattan, pesquisando um perfil psicológico de Mengele, julgaram ter encontrado um novo modo de contatar o esquivo fugitivo. Fritz Steinacker, o advogado de Frankfurt que defendeu Mengele quando ele se divorciou e quando foi destituído de seus doutorados médico e antropológico, tinha concordado em encaminhar perguntas escritas a Mengele por meio de um intermediário não identificado. Steinacker prometeu que, em três meses, eles receberiam uma resposta diretamente do médico. Em retrospecto, isso parece um modo perverso encontrado por Steinacker para se divertir às custas de pesquisadores sérios de Mengele. “Poderíamos dizer que, baseados nisso, acreditamos que Mengele estava provavelmente vivo’, disse Jones. “Steinacker, afinal, era advogado de Mengele.”

O governo americano também acreditava que Mengele estivesse vivo. Deram algum crédito, em 1984, a relatórios da inteligência de que ele fora visto no Paraguai. De forma lenta, mas inexorável, o vigor do envolvimento americano

na caçada a Mengele estava acumulando forças. Em junho de 1984, no entanto, com um ânimo derrotista que não era característico dele, Simon Wiesenthal se queixou de que talvez o tempo da caçada a Mengele tivesse passado. “Afinal, quando se leva ao tribunal um homem velho, há uma simpatia natural por ele”, lamentou.

Mas a simpatia do Congresso por esse argumento tinha ainda alguma distância a percorrer. Dois eventos cruciais no início de 1985 persuadiram o Congresso de que o mistério de Josef Mengele tinha de ser esclarecido de uma vez por todas. Estivesse ele vivo ou morto.

CAPÍTULO 20

“Do Pó ao Pó”

O vento uivava pelas planícies geladas do sul da Polônia fazendo vibrar, num tom estranho, as fileiras de arame que cercavam Auschwitz antes de atingir os cinzentos blocos de pedra do campo. Amparando-se uns aos outros contra o frio penetrante, um vigoroso grupo de sobreviventes do campo, alguns desfigurados pela faca cruel de Josef Mengele, seguravam velas e refaziam os passos de exatos quarenta anos atrás. Era 27 de janeiro de 1985, o quadragésimo aniversário da libertação do campo pelas tropas soviéticas. Era também o início de uma campanha, levada a cabo pelos gêmeos sobreviventes dos experimentos de Mengele, para incitar a consciência dos governos a encontrar Mengele a qualquer custo.

Era um dia tão frio que Marc Berkowitz, antigo garoto de recados de Mengele, que perdera a conta de quantas injeções com substâncias desconhecidas lhe foram aplicadas, estava tremendo apesar de seus dois suéteres e do casaco grosso. “Não sei como ficávamos na lista de chamada durante horas a fio”, disse ele. “Mas ficávamos, com esse mesmo tempo, às vezes mais frio, eu acho, com apenas uma camisa esfarrapada e um par de calças finas.”

Berkowitz apontou para seu filho o crematório onde a avó que o garoto nunca conheceu fora gaseada. Dor Shielanski, membro do parlamento de Israel e sobrevivente de Auschwitz, disse: “Sabemos que Mengele continua vivo. Ele deve pagar pelo que fez”.

O evento foi noticiado por estações de TV ao redor do globo. Uma semana depois as equipes de TV estavam em Jerusalém, num dos mais macabros encontros de que se tem notícia. Um julgamento simulado de Josef Mengele ouviria o depoimento de suas cobaias sobreviventes diante de uma conceituada comissão de jurados presidida por Gideon Hausner, procurador-geral de Israel no julgamento de Adolf Eichmann; Telford Taylor, chefe da promotoria americana em Nuremberg; e Simon Wiesenthal.

Wiesenthal e alguns colegas israelenses tinham recorrido a esse bastante divulgado "julgamento" numa última e desesperada tentativa de chamar atenção para o fracasso dos governos em aplicar uma punição a Mengele. Tinha havido um desentendimento de último minuto entre Wiesenthal e os Klarsfeld, que quiseram estar lá. Segundo Serge Klarsfeld, Wiesenthal queria o palco da caça aos nazistas para si. "É um egomaníaco", disse um Klarsfeld insultado.[607]

O evento foi um enorme sucesso. Por quatro noites consecutivas, as telas de TV mostraram vítimas – anões, mulheres judias, gêmeos – contando as histórias mais abomináveis, todas testemunhando sobre os horríveis crimes de Mengele. No total, 106 sobreviventes conhecidos de sua grotesca pesquisa estavam prontos para depor em juízo.

As bases para esse novo e último empurrão tinham sido lançadas no mês anterior, quando o Centro Simon Wiesenthal baseado em Los Angeles, numa fanfarra de publicidade, liberou documentos desclassificados da inteligência do exército americano mostrando que Mengele podia ter estado em mãos americanas em abril de 1947.[608] De fato, os documentos tinham sido desclassificados dezoito meses antes, mas o ritmo da liberação, a peregrinação a Auschwitz e o julgamento simulado em Jerusalém foram um golpe de mestre no planejamento de relações públicas, em especial após o acúmulo, no verão anterior, de histórias especulativas sugerindo que Mengele podia ter tentado entrar nos Estados Unidos e indicando a extensão dos interesses comerciais que Dieter Mengele tinha lá. A pressão para que o governo americano agisse se tornou irresistível.

Em 6 de fevereiro de 1985, dia em que o "julgamento" de Jerusalém se aproximava do fim, o procurador-geral americano, general William French

Smith, direcionou o Departamento de Justiça para examinar todos os aspectos do caso Mengele – e para encontrá-lo. Como Smith disse aos repórteres nesse dia:

> As acusações, o interesse público e a notoriedade do indivíduo foram de tal monta que pareceu adequado abrir a investigação. Pretendemos ir até o fim. Também pretendemos ser rápidos. [609]

O objetivo da investigação foi mais tarde exposto em detalhe por Stephen Trott, procurador-chefe da divisão penal do Departamento de Justiça:

> É intencionalmente amplo e abrangente. Está destinado a nos permitir determinar se este governo teve contatos com Mengele depois do fim da guerra e que contatos foram esses; se ele algum dia entrou nos Estados Unidos e, se entrou, sob que circunstâncias; como Mengele deixou a Europa e tomou o rumo da América do Sul; e, por fim, a investigação quer localizá-lo e levá-lo ao tribunal. [610]

O departamento que ficaria encarregado de coordenar todo o projeto era a Divisão de Investigações Especiais (OSI, Office of Special Investigations), que fora criada pelo governo Carter para perseguir e deportar as centenas de criminosos nazistas que mentiram sobre seus crimes no período de guerra para conseguir entrar nos Estados Unidos e, desde o final da guerra, tinham se escondido lá. A tarefa de conduzir a busca de Mengele foi atribuída ao Serviço de Delegados dos Estados Unidos (U.S. Marshal’s Service). Tanto a OSI quanto o Marshals iam se valer de extensos serviços da CIA, do FBI, da Agência de Segurança Nacional e dos Departamentos de Defesa e de Estado. Seria, em suma, uma das maiores caçadas internacionais jamais empreendidas pelos Estados Unidos. [611]

Constrangido a agir, o governo israelense anunciou dois dias depois que seria feita uma nova tentativa de encontrar Mengele. O ministro da justiça israelense, Moshe Nissim, disse que uma comissão especial composta de polícia, Ministério do Exterior e funcionários do Ministério da Justiça seria instalada para coordenar o esforço. Era uma admissão tácita de que o arquivo do Mossad sobre Mengele era precário, apesar do pedido feito em 1977 pelo primeiro-ministro Menachem Begin para o Mossad dar à caçada aos nazistas uma prioridade maior que a que lhe fora concedida desde que Isser Harel se demitiu de sua chefia em 1963. Disse o ex-assessor de imprensa de Begin, Dan Patir:

> Lembro-me do primeiro-ministro dizendo que criminosos desse tipo deviam ser levados aos tribunais. Ele se referia em particular a Mengele e certamente queria o caso dele investigado. Sua visão era que os grandes criminosos como ele não só deveriam estar presos, como as gerações mais novas deviam ser educadas por julgamentos exemplares. [612]

De fato, um operador do Mossad não fizera mais que manter, desde 1980, memória atualizada do caso Mengele. Algumas investigações frustradas foram realizadas naquele ano em Günzburg, mas a atividade de inteligência israelense não passou disso. Um ex-agente sênior do Mossad, que conhece o operador do caso Mengele, disse: "É um bom rapaz, mas só fala hebraico. Sem alemão e espanhol, não se pode ir muito longe no caso Mengele. Ele não obteve nenhuma informação nova. Mengele foi tratado como 500 outros assuntos e só." [613]

O anúncio israelense foi seguido de ofertas sem precedente de recompensas por parte dos governos de Jerusalém e Bonn. A Alemanha Ocidental aumentou seu prêmio de 25 mil para 1 milhão de marcos (330 mil dólares); o governo israelense ofereceu um assombroso 1 milhão de dólares. Os caçadores de nazistas particulares acompanharam-nos numa escala não menos grandiosa. O Centro Simon Wiesenthal ofereceu 1 milhão de dólares de contribuidores anônimos, o *Washington Times*, cujo proprietário era o reverendo Sun Myung Moon, se emparelhou com 1 milhão; Tuvia Friedman, do Centro de Documentação de Crimes Nazistas em Haifa, ofereceu 100 mil dólares, e Serge e Beate Klarsfeld prometeram 25 mil dólares.

Os termos da recompensa de Sun Myung Moon eram tão rigorosos que fizeram-na parecer um truque publicitário. O requerente tinha de enviar uma carta criptografada num código de seis números cedendo a história, em primeira mão, ao jornal. E a informação teria de ser muito precisa, levando diretamente à captura de Mengele. Depois Mengele teria de ser julgado e condenado por um crime de guerra antes que qualquer dinheiro fosse pago. A recompensa do Centro Simon Wiesenthal só parecia ser de 1 milhão; quem tivesse êxito em indicar de maneira precisa o paradeiro de Mengele e desse a informação primeiro ao Centro receberia apenas 333 mil dólares, sendo os outros 666 mil divididos entre o próprio Centro e instituições de educação judaica. As ofertas

alemã e israelense eram restritas: Mengele só poderia ser julgado no país que estivesse oferecendo a recompensa. A oferta de Tuvia Friedman só era válida se ele recebesse a informação antes de qualquer outra pessoa. Ao que parece, só os Klarsfeld estavam oferecendo uma subvenção, não submetida a condições, pela captura do fugitivo vivo ou morto.

De repente a história de Mengele pareceu ganhar vida própria. Desde esse momento até muito depois de os ossos de Mengele serem encontrados, raramente se passava um dia sem que uma das três redes americanas de TV apresentassem um boletim sobre a caçada ao Anjo da Morte. As redes gastaram grandes somas de dinheiro enviando equipes ao Paraguai e à Europa. Revistas e jornais seguiam o rastro delas. O *The New York Times* escalou Ralph Blumenthal, um de seus mais respeitados jornalistas investigativos, para se dedicar em tempo integral à história. O talentoso John Martin, da ABC News, também conseguiu importantes furos noticiosos.

Embora no momento ele não pudesse saber disso, uma das contribuições mais significativas de Martin foi uma entrevista com Dieter, sobrinho de Mengele. Era a primeira vez que um membro da família Mengele concordava em ser entrevistado. Possuindo cerca de 3,5 milhões de dólares em ações da Mengele & Sons em Günzburg, Dieter era o mais rico de todo o clã. E embora ele e Karl Heinz comandassem a empresa juntos, Dieter tinha a palavra final em todas as decisões importantes porque controlava uma nítida maioria das ações com direito a voto.

Dieter tinha observado com alarme o novo surto de atividade em torno de Mengele colocar o segredo da família sob um risco de exposição maior do que nunca. Com somas tão grandes oferecidas, não era mais possível confiar que uma das dezenas de pessoas inteiradas do segredo em Günzburg e São Paulo não saísse da linha e tentasse reclamar algum dinheiro, mesmo que a informação sobre um morto não se encaixasse de maneira estrita dentro da maioria das condições das recompensas. Os negócios também estavam sofrendo pela associação ao nome. Dieter persuadiu Karl Heinz de que chegara o momento de vazar as notícias da morte do tio. A questão era: como?

Decidiram que as notícias teriam de ser passadas de um modo que não deixasse claro que a família tinha conhecimento do destino de Mengele. Ao

mesmo tempo elas precisavam ter autoridade suficiente para serem dignas de crédito. O vazamento teria de ser controlado. Os dados tinham de parecer informativos, mas especulativos. Os dois primos esperavam que o resultado encurtasse as pesquisas, com base no pressuposto de que Mengele estava de fato morto, e evitasse uma indagação detalhada sobre onde ele tinha vivido e quem exatamente o havia protegido. Desta vez, esperavam eles, a história se dissiparia para sempre.

Dos dois primos, Dieter era o sócio óbvio para dar a entrevista. Karl Heinz, que havia morado, quando adolescente, três anos em Buenos Aires com o tio fugitivo, estava sujeito a perguntas embaraçosas que podiam se desviar do objetivo de persuadir o mundo de que Mengele estava morto. Mas a estratégia dos primos era falha desde o início. Eles não conseguiam compreender que, para as vítimas de Mengele, assim como para a maioria das pessoas civilizadas, só a prova absoluta de sua morte seria satisfatória.

A entrevista foi realizada na sala da diretoria da empresa Mengele, diretamente sob os grandes retratos a óleo do decano Karl, de Alois e de Karl Jr. Quando John Martin perguntou se também poderia entrevistar Karl Heinz, Dieter respondeu:

> Bem, antes de qualquer coisa ele não está aqui hoje… Em segundo lugar, ele não fala inglês… E, terceiro, esse é o ponto principal, ele… como ele morou… alguns anos… com o homem… não sabe exatamente o que está sentindo. Ou seja, seus sentimentos básicos são os mesmos que os meus. Mas para Karl é muito difícil se manifestar sobre esse assunto específico. [614]

O vazamento “controlado” sobre a morte do tio emergiu da seguinte maneira:

> *Martin:* Você acha que ele sobreviveu?
>
> *Mengele:* Até pouco tempo. Acho que agora está morto.
>
> *Martin:* Você acha que ele está morto?
>
> *Mengele:* Está morto.
>
> *Martin:* Por que… pensa assim?
>
> *Mengele:* Em primeiro lugar, ele tem 74 anos.
>
> *Martin:* Fez 74 no sábado.

Mengele: Ok. E há muita gente à procura dele. Mas não acho que… Se é verdade o que estou lendo, que todos estão procurando por ele, já o teriam encontrado se ainda estivesse vivo. Meu avô… por exemplo, morreu aos 75. Meu tio morreu com 49. [615] E meu pai com 60. Então, como vê, em geral não somos de viver muito tempo.

Martin: Mas…

Mengele: Mas acho que isso não vem ao caso.

Martin: Ok. Vou tirar essa parte. Mas não acha que você saberia, que alguém lhe diria? Eles o conhecem. Conhecem a família. Não lhe diriam se achassem que ele está morto?

Mengele: Eu… bem… você entende, não temos vínculo. Não temos vínculo desde 1960 com ele. Não sabemos quem, com quem ele está em contato. [616]

Percebendo a descrença de Martin, Dieter tentou defender de novo a ideia:

Bem, vou repetir mais uma vez, eu acho que ele morreu. Queiram ou não as pessoas aceitar isso… Essa é a minha impressão.

Dieter adotou a dissimulação durante toda a entrevista. Negou que Mengele tivesse algum dia recebido assistência financeira ou de algum outro tipo da empresa da família. Mas a mentira mais descarada veio em resposta à pergunta sobre se ele ou Karl Heinz tinham alguma vez recebido cartas de Mengele. Mengele, é claro, havia mandado cartas a Karl Heinz e, numa carta que enviou a Rolf em 1974, ele se queixava de que Dieter não tinha "respondido aos meus cartões de condolências sobre a morte do pai ou da mãe". Naturalmente, na época, todos esses detalhes eram desconhecidos de Martin. Mas ele supôs, de maneira correta, que devia ter havido alguma correspondência e insistiu na questão:

Martin: Em todo esse tempo, nenhum cartão-postal? Nenhuma carta? Nunca… algum contato dele com você?

Mengele: Não que eu saiba.

Martin: Ou com Karl Heinz? Antigo enteado dele?

Mengele: Não. Provavelmente para meu pai [Alois] ou… ou… Não tenho ideia. Mas não para Karl Heinz e não para mim. [617]

A entrevista levantava mais perguntas do que respondia. Havia um nítido conflito entre a sugestão de Dieter de que o tio estivesse morto e a afirmação do promotor Hans-Eberhard Klein de que estava vivo. A OSI americana também acreditava que estivesse vivo. Como os Mengele tinham um inerente problema de credibilidade acumulado durante quatro décadas de silêncio, o veredito oscilou entre os alemães ocidentais e os americanos. Para Dieter e Karl Heinz, tudo estava de volta à estaca zero.

Em 23 de março, Rolf foi convidado a se juntar a Dieter e Karl Heinz num encontro em Günzburg para discutir o próximo movimento. Dieter se desculpou com Rolf, que estava irritado por não ter sido consultado ou sequer informado antes da entrevista de Dieter na ABC. “Tentei falar com você antes da entrevista”, mentiu Dieter, “mas não consegui entrar em contato. Tive de tomar uma decisão rápida porque a coisa estava muito feia, havia câmeras de TV na fábrica e por aí vai. Mas não se preocupe, mantive o nosso segredinho”. O segredinho se referia ao acordo da família Mengele para não revelar a morte de Josef. Dessa vez, porém, Dieter foi direto ao ponto, como Rolf explicou:

> Ele disse que não queria mais conviver com aquilo. Não era bom para os negócios e devíamos pôr um ponto-final no assunto. Disse que tudo viria de novo à tona em dez anos, no quinquagésimo aniversário de Auschwitz. Ele também se preocupava com a segurança da filha, temendo que alguém pudesse tentar prejudicá-la. Dieter queria que a história vazasse, mas não queria uma declaração ou qualquer coisa que vinculasse a família à ajuda prestada a meu pai. [618]

No encontro em Günzburg, Karl Heinz se colocou a favor de outra tentativa de um vazamento controlado, mas se preocupava com a possibilidade de os Bossert, os Stammer e Sedlmeier serem comprometidos. A solução de Dieter foi um projeto macabro e temerário. Ele sugeriu que os ossos de Mengele fossem trazidos de São Paulo e depositados na porta do escritório do procurador Klein, em Frankfurt, com um bilhete anônimo: “Estes são os restos mortais de Josef Mengele”. Rolf descartou a ideia de imediato. “Eu disse: ‘E quem vai pegar os ossos? Sou eu, suponho, porque aquilo era meu pai. Não obrigado’”. Rolf se opunha a qualquer vazamento, argumentando que proteger a segurança dos que tinham ajudado o pai era fundamental. “Depois de os Bossert e Sedlmeier

morrerem, poderemos revelar tudo", disse ele aos primos. Como filho de Mengele, era a opinião de Rolf que em última análise prevalecia.[619]

Em Bonn, nesse meio-tempo, três pistas para a morte de Mengele eram enterradas nos arquivos do escritório do procurador Hans-Eberhard Klein. A primeira era a indicação que Klarsfeld lhe dera em fins de 1984, sugerindo que Rolf fizera uma viagem ao Brasil com um passaporte falso em 1977. A segunda era uma carta interceptada de um alemão identificado como Gert Luk, que vivia no Paraguai, a um presidiário da Alemanha Ocidental, Manfred Röder, líder de um movimento neonazista chamado "Grupo de Ação Alemã". Röder estava cumprindo uma pena de treze anos por ataques a bomba contra imigrantes.[620]

Cartas para presidiários são lidas pelas autoridades como uma questão de rotina. A carta de Luk informava que "o Tio" havia morrido numa praia brasileira. Desconfiando que fosse uma referência a Mengele, os alemães ocidentais fizeram contato com seus colegas brasileiros e perguntaram se eles podiam dar algum esclarecimento acerca da mensagem. A resposta brasileira não foi muito útil. "Que praia?", teria respondido um funcionário. "Temos muitos milhares de quilômetros de praias."[621] Como os alemães ocidentais não foram atrás de seu pressentimento tentando localizar Luk no Paraguai, a pista não recebeu a atenção que merecia. Durante vários meses, nada foi feito.

A terceira pista foi o indício trazido pelo professor de uma universidade alemã ocidental. Quando estava de férias em Munenstertal, no final do outono de 1984, ele acompanhara Sedlmeier e a esposa, Renate, num jantar no Spielweg Hotel. No decorrer de uma conversa animada, regada a conhaque e vinho, Sedlmeier deixou escapar que enviara, durante anos, dinheiro a Mengele. O professor, de Giessen, passou a informação à polícia. "Acho que ele [Sedlmeier] julgou que, como meu pai já havia morrido há cinco anos, aquilo sem dúvida não tinha mais importância", disse Rolf. "Ele simplesmente abriu a guarda."[622]

Das três pistas, a mais importante era, sem dúvida, a do professor. Klein sempre suspeitara que Sedlmeier estivesse intimamente envolvido na proteção a Mengele, mas isso nunca fora provado, embora com que determinação os alemães ocidentais tentaram fazê-lo ser objeto de debate. Uma batida da polícia, em 1964, na casa de Sedlmeier, em Günzburg, não produziu resultado. Uma declaração de Sedlmeier em 1971 fora uma torrente de mentiras. Em ambas as

ocasiões, Sedlmeier estivera bem preparado, e um amigo policial lhe avisara da batida de 1964. Como resultado do alerta do professor, Sedlmeier foi interrogado pela terceira vez em dezembro de 1984. Mas de novo não entregou nada além da admissão de que vira Mengele no Brasil em 1962. Por certo não contou a Klein que Mengele havia morrido. Na ausência de evidências mais concretas, Klein disse que fora impotente para acionar Sedlmeier.

No final de 1984, os alemães ocidentais não estavam mais perto que em outros momentos de resolver o mistério de Mengele. Foi nesse ponto que a investigação recebeu o importante apoio de que com tanto desespero precisava. Por sugestão dos americanos, os israelenses e alemães ocidentais concordaram em partilhar suas informações sobre a caçada. Esse arranjo singular deu nova esperança aos que tinham medo de que Mengele estivesse morto ou nunca fosse capturado. Estimulou Klein, normalmente cauteloso, a dizer: “Tenho certeza de que ele está vivo e estou confiante de que será capturado”. Neal Sher, diretor da Divisão de Investigações Especiais, o mais velho americano engajado de forma ativa na caçada, deu eco ao otimismo de Klein. “Sim, acho que vamos pegá-lo”, disse ele. “Tenho 99% de certeza disso.” [623]

Em 10 de maio de 1985, 15 representantes dos três governos se reuniram em Frankfurt numa conferência para formalizar seu novo esforço conjunto. O encontro foi mais simbólico que substantivo, já que todos os detalhes principais tinham sido anteriormente acordados. As equipes incluíam algumas figuras de grande influência: assistentes dos procuradores-gerais de Washington e Jerusalém, o diretor-assistente do U.S. Marshals e o comissário da polícia criminal alemã ocidental.

Klein presidiu o encontro, já que a busca por Mengele fora, antes de qualquer coisa, uma responsabilidade da Alemanha Ocidental. Estava ansioso para assumir a liderança. Nesse sentido, o novo esforço coordenado e o medo de serem passados para trás pelos americanos dera uma boa cutucada em Bonn. Embora tenha preferido não revelar a denúncia feita pelo professor da indiscrição cometida por um Sedlmeier embriagado, Klein anunciou que seria solicitado um mandado para uma busca em sua casa. Com os americanos integrados à caçada de Mengele e o total compromisso dos israelenses representados pelo simpático superintendente de polícia (mas que só trabalhava

meio expediente) Menachem Russek, não fora difícil para os alemães ocidentais tomarem a iniciativa.

De início, a tentativa dos promotores de persuadir um juiz a emitir um mandado de busca com base na evidência do professor fracassou. Mas foram bem-sucedidos quando retornaram uma segunda vez com a carta interceptada de Gert Luk.

A quase 10 mil quilômetros de distância, o rastro também ficava mais quente. Do Paraguai veio o primeiro indício de que Mengele podia de fato ter morrido. A ironia era que isso ocorreu bem debaixo do nariz de Beate Klarsfeld e de uma equipe americana de TV, quando eles estavam tentando encontrar a trilha perdida de Mengele. Em 24 de maio, a equipe do programa *Sixty Minutes,* da CBS, se deparou, no sul do Paraguai, com um homem idoso chamado Alfonz Diercks. O que esse fotógrafo e agricultor de 65 anos contou ao produtor Barry Lando teria levado ao maior furo de sua vida se ele tivesse lhe dado crédito. Diercks disse que, alguns anos atrás, Alban Krug lhe contara que Mengele havia morrido num acidente ao nadar no Brasil. Diercks disse também que tirara muitas fotos de Mengele no breve período em que Mengele morou com Krug no Paraguai. Depois de saber da morte de Mengele, Krug pediu que Diercks destruísse as fotos e os negativos. Diercks zelosamente obedeceu. Para Lando e sua equipe, era apenas mais uma história de verificação impossível, provavelmente dúbia, como muitas que então assolavam aquela região do Paraguai. Não obstante, no dia seguinte, a declaração de Diercks foi publicada no jornal pró-governamental *Hoy*, quando Beate Klarsfeld se preparava para partir depois de acusar publicamente o presidente Stroessner de proteger Mengele. Como Lando, ela também achou que a história era simplesmente falsa.

Ao mesmo tempo, em Frankfurt, portando um novo mandado de busca, a Polícia Federal estava prestes a dar uma batida na casa de Sedlmeier, no número 3 da Nordstrasse, em Günzburg. Na sexta-feira, 31 de maio, quando teve certeza de que ele e a esposa estavam em casa, a polícia entrou em ação. Dessa vez, Sedlmeier não contou com o aviso de seu amigo informante da polícia, e a equipe de busca teve a vantagem da surpresa. “Agora a investigação tinha chegado alto demais no esquema policial – ninguém podia ajudar Sedlmeier”, comentou Rolf. “Não acredito que a polícia local tenha sido informada da

batida.” A polícia efetuou uma busca completa e eficiente. A certa altura, Sedlmeier tentou agarrar uma jaqueta pendurada num armário, mas um policial chegou lá primeiro e encontrou uma agenda contendo alguns números de telefone e endereços em código.

Uma nova busca descobriu fotocópias de cartas para e de Mengele que Sedlmeier pensava que haviam sido destruídas. Para angústia e perplexidade de Sedlmeier, sua esposa, que fora uma grande amiga de Mengele antes da guerra, as escondera no guarda-roupa. “Como pôde fazer isso?!”, veio o grito angustiado de Sedlmeier. “Oh, meu Deus, que idiota!”

Sedlmeier foi colocado em prisão domiciliar enquanto a polícia tentava decodificar os endereços e números de telefone. Ele se recusava a falar ou a dar qualquer informação. Mas a polícia já suspeitava que Mengele estivesse morto porque uma das cartas encontradas por eles era de Wolfram Bossert anunciando “com profundo pesar a morte de nosso amigo comum”. Embora alguns números de telefone não tivessem código de área de país ou cidade, horas depois a polícia concluiu que outras entradas diziam respeito a São Paulo. As autoridades brasileiras foram notificadas de imediato.

Quem assumiu o comando da investigação em São Paulo foi o chefe de polícia da cidade, Romeu Tuma, um homem vigoroso de 53 anos e origem árabe, formado em direito. Ele ascendera com rapidez na hierarquia, tornando-se o temido chefe do serviço secreto em 1972. Em março de 1983, foi nomeado superintendente da polícia de São Paulo. Tuma estivera à frente de outro caso envolvendo um grande fugitivo nazista. Em 1978, prendeu Gustav Wagner, subcomandante austríaco do campo de extermínio de Sobibór, que desde 1952 vivera tranquilamente em São Paulo. Wagner havia organizado a construção de um tosco, mas eficiente centro de matança empregando vapores de monóxido de carbono de um tanque soviético apreendido. O centro produziu 250 mil vítimas num período de quinze meses. Também há relatos de que Wagner encontrava um prazer especial em matar pessoas, de forma brutal, com as próprias mãos.[624] A captura de Wagner foi aplaudida e despertou o interesse da mídia. Tuma, um homem simpático e acessível, apreciou a atenção que recebeu. Desta vez a mensagem de Bonn pressagiava um evento ainda maior.

As investigações de Tuma concentraram-se em dois endereços. Um foi arrolado como “Guararapes, nº 650”. Não havia tal número nessa rua. Mas o ponto onde ele teria estado era diretamente cortado pela rua Missouri. Os residentes do número 7 eram um casal austríaco, Wolfram e Liselotte Bossert. Encontrar os Stammer foi mais fácil. A agenda de endereços de Sedlmeier listava o que parecia ser uma caixa postal, “C.P. 7.448”. Ela estava registrada no nome de Geza e Gitta Stammer.

Tuma despachou de imediato equipes de vigilância para as casas dos Bossert e dos Stammer. Durante quatro dias, seus homens mantiveram ambas as casas 24 horas sob vigia. Quando ninguém semelhante à descrição de Mengele foi visto, a casa dos Bossert foi invadida. Lá dentro encontraram Wolfram e Liselotte Bossert, os dois filhos deles e um relicário de Mengele. Sobras de seus pertences pessoais, alguns escritos e dezenas de fotos estavam perfeitamente preservados num armário. Tudo aquilo fora ocultado de Rolf na viagem que ele fizera em 1979 para recolher os pertences pessoais do pai. Entre os papéis havia um ensaio mais ou menos autobiográfico com um título em latim, *Fiat Lux*, ou “Que Haja Luz”,[625] escrito por Mengele quando ele viveu na fazenda dos Fischer, perto de Rosenheim, depois da guerra. Outro ensaio trazia o título *Verbum Compositum*, ou “Obra Reunida”, descrito de maneira adequada pelo *The New York Times* como uma coleção de “rabiscos descuidados sobre evolução”.[626] A polícia também encontrou um cartão de Natal de 1983 dirigido aos Bossert por Rolf, com uma foto dele com a esposa, Almuth, e a jovem filha dos dois.

As autoridades alemãs ocidentais despacharam dois agentes alemães da Polícia Criminal Federal, a LKA, para ajudar na investigação.[627] A princípio os Bossert afirmaram que não sabiam que o nome de seu amigo era Mengele. Sustentaram que era Peter Hochbichler, da Suíça. O casal foi interrogado em conjunto por interrogadores não alemães. Liselotte sempre interrompia o marido, em alemão, quando achava que ele estava prestes a dar alguma resposta comprometedora. Duas horas depois, no entanto, encerraram a farsa. Os Bossert disseram à polícia brasileira que os restos mortais de Mengele poderiam ser encontrados num cemitério numa encosta de Embu, a 40 quilômetros de São Paulo. “Não imaginei que vocês conseguissem nos achar com tanta rapidez”, admitiu Wolfram.

No dia seguinte, Gitta Stammer foi levada para interrogatório. O marido, Geza, estava a caminho de Cingapura a bordo de um petroleiro comandado por um de seus filhos, oficial da marinha mercante brasileira. Gitta Stammer se mostrou muito mais difícil de dobrar que os dois Bossert. Alegou ignorar por completo a identidade de Mengele. Os homens de Tuma não conseguiram que dissesse uma só palavra verdadeira durante o dia que passou sob custódia.

Notícias dessa reviravolta tinham agora vazado para o jornal alemão *Die Welt*. Na quinta-feira, 6 de junho, o jornal informou que era quase certo que o corpo de Mengele tivesse sido encontrado no Brasil. Os americanos e israelenses, que somente há três semanas haviam firmado um pacto de total cooperação em Frankfurt, ficaram furiosos ao tomar conhecimento das notícias sensacionais transmitidas no início da manhã com base na reportagem do *Die Welt*. O que mais enfureceu os americanos foi a reação descontraída de Bonn a tudo que se passava. Atualizados com rapidez ao telefone, os americanos instigaram os colegas alemães a entrevistar Gert Luk, o paraguaio que fora a fonte original da informação de que o "tio" havia morrido. O escritório de Klein disse que não havia pressa – Luk devia chegar do Paraguai em quatro semanas e poderia então ser entrevistado.

Neal Sher, o chefe americano da OSI, retornou a seu escritório de Washington depois de uma cerimônia de premiação em Boston, a grande fanfarra que três meses atrás lançara a caçada dos EUA ainda ressoando nos ouvidos. "Se fôssemos nós que tivéssemos sido informados da reviravolta, a teríamos compartilhado com os outros países antes de torná-la pública", disse Sher, desapontado.[628] Começara a parecer que os alemães ocidentais haviam roubado o *show*. O senador Alfonse d'Amato, que tanto insistira para que a caçada tivesse início, via as coisas dessa forma. Perguntou, num tom retórico, a Sher quando ele estava planejando se unir aos colegas alemães no Brasil. Naquela noite, Sher embarcou num jato no aeroporto Kennedy. "Vamos com um saudável grau de ceticismo", disse. Extraoficialmente, seu pessoal estava de fato bastante cético. "Nossos relatórios de inteligência sugerem que ele continua vivo", disse um agente da OSI. "Há muitos sinais de ter sido visto recentemente."[629]

Simon Wiesenthal, que por coincidência chegava ao Aeroporto Kennedy em Nova York para uma turnê de palestras que começariam na tarde daquela quinta-feira, disse que a história era uma farsa: “Com 99% de certeza não é ele”, foi sua opinião abalizada. Era o velho Wiesenthal:

> Esta é a sétima morte de Mengele. Só no Paraguai já morreu três vezes, sempre com testemunhas dizendo que foi ele. Numa dessas ocasiões, encontramos o corpo de uma mulher. Se Mengele realmente tivesse morrido, o mundo inteiro teria sido informado cinco minutos depois, não cinco anos. A esposa, os filhos, os parentes, além de amigos e simpatizantes, teriam feito tudo para anunciar a morte de Mengele para poderem passar o resto de suas vidas em paz. [630]

Em retrospectiva, a declaração mostra como Wiesenthal se achava mal informado sobre as maquinações internas do clã de Günzburg. Mas Wiesenthal não estava de modo algum sozinho. De início, a maioria dos peritos em Mengele concordaram com ele, incluindo os autores deste livro. Beate Klarsfeld, que acabara de voltar do Paraguai onde poucos dias atrás havia acusado Stroessner de proteger Mengele, disse:

> Se fosse verdade, o governo de Alfredo Stroessner teria todo interesse em informar o mundo da morte de Mengele. Desse modo o país estaria livre da imagem de abrigo para nazistas. É estranho que isso venha à luz quando há uma quantia recorde de 3,4 milhões de dólares para quem der informações que levem à captura de Mengele. Além do mais, Stroessner tem uma viagem preparada para julho [para a Alemanha Ocidental]. É compreensível que esteja tentando se livrar de Mengele antes dessa visita. [631]

Beate Klarsfeld não sabia, mas Stroessner já havia cancelado a viagem. Nenhuma explicação pública fora dada. A informação foi transmitida numa nota diplomática confidencial ao embaixador alemão ocidental em Asunción, Konrad Gacher. Mas era óbvio que, enquanto o destino de Mengele continuasse sendo um mistério, qualquer viagem de Stroessner à Alemanha Ocidental seria transformada de uma visita de chefe de Estado num interrogatório televisivo sobre Mengele.

Enquanto isso, no cemitério na encosta de Embu, uma parafernália de câmeras de TV, fotógrafos, curiosos, policiais e violadores de sepulturas havia se reunido. Wolfram e Liselotte Bossert se encontravam imóveis como pedra ao lado do

chefe de polícia Tuma, cujo lustroso terno preto cintilava no radiante sol de outono. Os Bossert estavam lá para garantir que fosse aberto o túmulo correto. Durante quase uma hora, três coveiros com enxadas e pás cavaram 1,20 m antes de atingirem o caixão. A tampa estava presa e a polícia ordenou que um dos coveiros a quebrasse. Sua picareta estraçalhou a tampa de madeira, revelando pedaços de roupa e ossos tingidos de lama. Os braços de Mengele tinham sido postos ao lado do corpo, tradicional postura funerária para os homens da SS, não com as mãos cruzadas sobre o peito, como é o costume brasileiro. Curvando-se sobre o túmulo aberto, o dr. José Antônio de Mello, diretor-assistente do laboratório de medicina legal, pegou o crânio e o ergueu bem alto para o que, sem dúvida, seria uma das mais sinistras fotografias do mundo. Dando uma olhada ele observou que os dentes ainda tinham obturações e os ossos estavam muito bem preservados. “Devemos conseguir identificar a raça, a altura e cor sem grande dificuldade”, acrescentou. Então os ossos foram despejados desordenadamente num invólucro de plástico branco e levados para um laboratório, onde ficaram sob a proteção de guardas armados.

O interrogatório de Gitta Stammer continuou após a exumação e, aos poucos, ela começou a ceder. “Tivemos de extrair fio por fio”, disse um agente. Gitta contou à polícia que Wolfgang Gerhard tinha lhes apresentado Mengele e que, dois anos depois, este admitira sua identidade. Lentamente, as peças iam se encaixando, embora os israelenses continuassem céticos. Um porta-voz do consulado de Israel em São Paulo disse que seu governo decidira não enviar um representante. O superintendente da polícia, Menachem Russek, que chefiava a caçada israelense, afirmou que considerava o incidente uma elaborada cortina de fumaça erguida pela família para permitir que Mengele vivesse em paz seus últimos anos de vida. “Ele agora deve estar se sentindo encurralado”, disse Russek. “Sabe que as polícias americana, alemã e israelense estão cooperando e que o círculo está se fechando à sua volta.” Isser Harel, ex-chefe do Mossad cujos esforços para sequestrar Mengele tinham fracassado, foi ainda mais áspero: “Encaro todas as histórias vindas do Brasil com grande ceticismo”. [632]

Só a ciência forense poderia dizer se aquilo não era uma farsa e havia dúvidas se mesmo ela produziria uma resposta definitiva. As técnicas de identificação tinham atingido um patamar de extrema sofisticação, mas no caso Mengele uma

pista vital para identificar esqueletos estava ausente. Raios X dentários, tão confiáveis quanto impressões digitais, não existiam.

Uma formidável equipe de peritos estava sendo reunida. Três cientistas forenses foram enviados a São Paulo em nome do Centro Simon Wiesenthal: o dr. John Fitzpatrick, diretor interino do departamento de radiologia do Cook County Hospital, de Chicago; o dr. Leslie Lukash, médico-legista chefe do Condado de Nassau, Nova York; e o dr. Clyde Colling Snow, consultor de antropologia forense do instituto médico-legal do estado de Oklahoma, Cidade de Oklahoma. Três outros especialistas foram enviados por conta do Departamento de Justiça e do gabinete do U.S. Marshal: o dr. Ali Hameli, chefe de medicina legal do laboratório de ciência forense do estado de Delaware; dr. Ellis Kerley, do departamento de antropologia da Universidade de Maryland; e o dr. Lowell Levine, consultor de odontologia forense de Huntington Station, no estado de Nova York.

A tarefa deles era ver como características físicas conhecidas e fotografias confirmadas de Mengele combinavam com os restos mortais encontrados em Embu. Para a verificação do crânio foi usado um processo chamado “superposição eletrônica”. Envolvia o uso de duas câmeras de vídeo e um vídeo mixer para sobrepor o que sobrou do crânio a uma foto verificada, em escala real, da cabeça de Mengele. A equipe também conseguiu encontrar uma impressão digital parcial e cabelos da nuca ficando grisalhos, por meio dos quais esperavam descobrir o tipo sanguíneo do esqueleto. Algumas pistas também puderam ser extraídas dos registros médicos de Mengele em sua pasta da SS. Ele quebrara o osso de um dedo na mão esquerda e também sofrera de osteomielite quando garoto. Nenhuma das pistas, considerada individualmente, seria decisiva. Em conjunto, no entanto, poderiam ser significativas. [633]

Durante um breve final de semana, os céticos mantiveram suas posições. Uma dentista de São Paulo, Maria Helena Bueno Vieira de Castro, disse que, segundo suas fichas, ela havia tratado do senhor cuja foto apareceu nos jornais brasileiros em março ou abril de 1979 – dois ou três meses depois da data em que se supunha que Mengele havia morrido. Além disso, Arnaldo Santana, o caseiro que trabalhava nos fundos da casa de praia dos Bossert, disse que, quando viu o corpo na praia, não havia bigode. Ninguém que conheceu Mengele em São Paulo

conseguia lembrar-se dele sem um bigode. Depois havia o médico-legista, dr. Jaime Edson Mendonça, que havia assinado o atestado de óbito. Como poderia um homem tão experiente ter deixado de reparar que o corpo que examinou sob o nome de "Wolfgang Gerhard" era 15 centímetros mais baixo e tinha muito mais que os 53 anos indicados no cartão de identidade? Por fim, um importante cirurgião plástico, Roberto Farina, disse à Associated Press que as fotos de arquivo de Mengele mostravam "diferenças substanciais" daquelas que a polícia havia liberado para publicação nos jornais. Havia inclusive um rumor de que o coveiro, Gino Carita, tinha visto o corpo no caixão e o reconhecera, pela visita anterior que Gerhard fizera ao cemitério, como o verdadeiro Wolfgang Gerhard.

Um por um, esses argumentos foram derrubados. A dentista não tinha certeza dos fatos quando interrogada pela polícia. Tinha havido uma confusão em seus registros. Santana estava errado, já que no cadáver foram encontrados pelos de bigode. O legista, conforme ele próprio admitiu, não havia submetido o cadáver a um exame muito completo. O cirurgião plástico havia simplesmente cometido um erro. O coveiro foi contestado por Liselotte Bossert, que disse que seu choro falso assegurou que ninguém abriria o caixão. Ela o vira tampado na cova. Em menos de uma semana, mesmo Wiesenthal mudara de tom. "Acho que há 50% de possibilidades de ser ele", disse.

Uma pessoa que tinha condições de fornecer prova da morte de Mengele era seu filho, Rolf. Mas Rolf não tinha ideia do que estava acontecendo. Estava de férias com a esposa e a filha, viajando pela Espanha com um *trailer*, desligado há quase duas semanas de jornais e TV. Como não tinha um itinerário definido, a família Mengele não dispunha de meios de entrar em contato com ele.

No fim da tarde de 7 de junho, uma sexta-feira, Rolf retornou à sua casa em Freiburg, ligou a televisão e viu as últimas notícias. Pelo noticiário vindo do Brasil, soube que o segredo do pai fora revelado:

> Pensei, "isto é sério". Achei que Dieter devia ter vazado a história. Como tínhamos chegado a um acordo de que nenhum de nós agiria sem consultar os outros, fiquei um pouco surpreso. Da última vez que nos encontramos em março, Dieter se mostrara muito ansioso para liberar a história, mas sem envolver os Stammer, os Bossert ou a família. Achei, então, não só que Dieter fora responsável pelo vazamento, mas que tudo tinha dado errado. [634]

Uma mensagem da governanta na mesa de jantar de Rolf dizia que Dieter já havia telefonado várias vezes. Uma chamada telefônica logo deixou claro que Dieter não fora a fonte do vazamento. Com a história se difundindo com rapidez, o fundamental era encontrar o melhor meio de reparar o prejuízo. Uma equipe da NBC tinha acampado na frente da casa de Rolf e repórteres de jornais estavam batendo na porta e telefonando sem parar para o seu escritório. Rolf propôs a Dieter e Karl Heinz que a família desse uma declaração. "Não vi mais possibilidade de evitarmos isso", disse Rolf. "Os Stammer estavam falando, os Bossert estavam falando. Mais cedo ou mais tarde tudo viria à tona." Mas Dieter e Karl Heinz, numa última, mas inútil tentativa de ocultar os elos que mantiveram com o tio, se recusavam a fazer qualquer declaração. "Todos em Günzburg estavam simplesmente paralisados. Ninguém tinha ideia do que fazer", disse Rolf. "Ficaram tão paralisados que ninguém havia sequer telefonado, depois da batida na casa de Sedlmeier, para avisar os Bossert ou os Stammer de que a polícia poderia dar uma batida na casa deles."

Para pedir um conselho sobre como lidar com a imprensa, Rolf recorreu a um jornalista amigo de sua secretária, Sabine Hackenjos, que acabara de se casar com seu meio-irmão, Jens. Era Herbert Bauermeister, um repórter *freelancer* que conhecera Sabine de seus dias como *socialite* de Munique. Bauermeister aconselhou Rolf a diminuir a tensão. Rolf concordou que alguma explicação era necessária. Mas também viu a oportunidade de ganhar uma bela soma de dinheiro. No domingo, 9 de junho, telefonou para a revista *Stern*, fazendo-se passar por seu meio-irmão, Jens, e ofereceu cartas, diários e fotos de Mengele. Rolf não conseguiu nada porque lhe deram os telefones residenciais dos chefes de edição. Como ninguém estava em casa naquela noite, desistiu de tentar.

Bauermeister então aconselhou Rolf a procurar a revista *Bunte*, em Munique. Conhecia algumas pessoas da equipe e garantia a integridade delas. Bauermeister também o aconselhou a esquecer a tentativa de ganhar dinheiro. Em vez disso, devia entregar o material à *Bunte* sob a condição de que parte dos lucros e direitos de uma circulação extremamente aumentada fosse doada às vítimas de campos de concentração.

Na noite daquela segunda-feira, 10 de junho, Rolf se encontrou com os principais executivos da *Bunte* na Floresta Negra e fechou o acordo. No dia

seguinte, deu uma declaração admitindo que fora ao Brasil, em 1979, para confirmar “as circunstâncias da morte de meu pai” e que havia, até então, mantido silêncio “em consideração às pessoas que estiveram em contato com meu pai nos últimos trinta anos”. [635]

A decisão de Rolf de revelar detalhes do contato da família com Mengele durante toda a sua vida de fugitivo abriu uma ferida entre o lado materno da família e os günzburger, uma ferida que ainda tem de cicatrizar. Rolf explicou:

> Dieter e Karl Heinz se opuseram por completo a um comunicado e, em particular, objetaram contra eu ter feito uma declaração pública por meio da *Bunte*. A posição deles ainda era que a família não deveria ser associada de maneira alguma àquilo. No fim disseram: “Tudo bem, faça do seu jeito. Mas, de um modo ou de outro, não nos envolva nem envolva a empresa”. Assim, naquele estágio, em particular porque respeitava o que Karl Heinz e Sedlmeier tinham feito pelo meu pai, não revelei a extensão do envolvimento deles. [636]

Não houve, portanto, qualquer menção às cinco viagens aéreas de ida e volta que Sedlmeier fizera por conta da empresa, disfarçadas nas contas.

Sedlmeier ficou furioso com a decisão tomada por Rolf de tornar a coisa pública. E só falou uma vez sobre seu envolvimento no caso Mengele. Entrevistado por um repórter do *The New York Times* que passara o dia inteiro na frente de sua casa, Sedlmeier entrou em seu pior momento de descomedimento:

> Bem, naturalmente eu sabia, porque recebi uma carta dos Bossert. Minha esposa cometeu a estupidez de guardá-la. Estupidez. Não sei por que fez isso, mas foi o que acabou nos metendo em complicações. Vieram aqui e encontraram a carta. Poderia contar a você o que Mengele fez, o que ele fez no período de Auschwitz, o que fez depois de Auschwitz. Mas você não acreditaria. O jornal não publicaria a verdade porque ela não interessaria aos judeus […]. Lamento que tenha vindo até aqui por nada. Mas me recuso a falar sobre o caso Mengele. Os jornalistas já escreveram tantas mentiras e o que a imprensa judia tem afirmado […]. [637]

Como relatou o *The Times*, Sedlmeier não acabou a frase, ao que parece sufocado pela extrema irritação. Muitos moradores de Günzburg pareciam compartilhar os sentimentos dele. Uma equipe britânica de filmagem recebeu ordens da polícia de se afastar da casa de Dieter. “Nos deixem em paz”, um

homem gritou para eles. O jornal local dedicou exatamente dois parágrafos, numa página interna, ao seu mais notório filho nativo.

Quanto aos Mengele, permaneceram céticos acerca das acusações mais horrendas contra Josef.

Rolf, seu falecido irmão Alois e Sedlmeier tinham proporcionado a Mengele a chance de provar que tinha sido alvo de uma terrível injustiça. “Conte por escrito tudo o que aconteceu em Auschwitz”, disseram a ele. Mas a resposta de Mengele foi sempre a mesma: se fosse encontrado pela polícia, o manuscrito revelaria sua identidade.

Insatisfeito com essas respostas evasivas, três anos após a morte de Mengele, Karl Heinz procurou a resposta por si mesmo. Por sugestão de Sedlmeier, em dezembro de 1982, Karl Heinz visitou o dr. Hans Münch, um dos antigos amigos do tio em Auschwitz, para lhe pedir sua versão do que acontecera lá. O dr. Münch era um jovem tenente da SS quando conheceu Mengele. Trabalhava numa estação de pesquisa biológica num subcampo de Auschwitz. Disse a Karl Heinz que, sim, o tio estivera envolvido nas seleções para as câmaras de gás. Mas algum dia ele tinha matado alguém com as próprias mãos? Improvável, disse o dr. Münch, pois a disciplina do campo era muito estrita. Tinha realizado experimentos? Nesse caso dependia do tipo de experimento. A eventual punção ou injeção na coluna vertebral poderia muito bem ter sido executada pelo tio. Mas autópsias em gêmeos propositalmente mortos, experimentos com choques elétricos, conectar os suprimentos sanguíneos de gêmeos? Improvável, disse o dr. Münch e, de qualquer modo, ele pessoalmente nunca tinha visto.

E assim alguma racionalização havia ocorrido entre os günzburger. Era importante, na visão deles, ser “objetivo” sobre um campo de extermínio. Foi por isso que Dieter disse a John Martin, na entrevista para a ABC, que achava que algumas das acusações contra Mengele tinham sido “exageradas”. Rolf explicou:

> Era importante para a família que meu pai não estivesse envolvido no ato de matar com as próprias mãos. Não estavam tão preocupados sobre ele ter sido um pequeno dente de engrenagem numa grande máquina como Auschwitz porque era a guerra e, na visão deles, as coisas aconteciam assim. [638]

Para Rolf, a mera presença do pai em Auschwitz era imperdoável. Para o restante dos Mengele, fora uma tarefa repugnante que ele não pudera evitar. Hoje as duas facções dos Mengele não se falam, divididas de maneira irreconciliável sobre o julgamento que fazem dos crimes de Josef.

E quanto ao próprio Rolf? Ele nunca resolveu de todo seus sentimentos acerca do pai. Pois ainda existem muitas incoerências no papel de Rolf. Disse que encara Auschwitz como "abominável", mas guardou silêncio sobre o pai devido "ao dano que um julgamento teria causado à família". E, no entanto, o dano permanente à família, agora que a verdade sobre a colaboração deles é conhecida, tem sido ainda maior.

"Se ele era culpado, aconselhei meu pai a se entregar", disse Rolf. "Não logo de início, porque não teria um julgamento justo. Mas depois, mais tarde, ele devia ter se entregado." Um julgamento, no entanto, foi o que Rolf, por seu silêncio, se esforçara ao máximo para evitar.

Em termos morais, a história julgará de maneira correta como obscenas as tentativas que fizeram os günzburger de racionalizar a presença do tio em Auschwitz. Mas Rolf, de certo modo, não conseguiu se convencer de que o pai fosse um monstro. Nunca sequer pensou em trocar de nome. "Não me importei muito com isso, mas é provável que ainda troque de nome por causa dos meus filhos", disse. Essa atitude também é desconcertante. Embora o gabinete do procurador-geral da Alemanha Ocidental tenha compilado um mandado de prisão apresentando os crimes de Mengele em todos os mínimos e grotescos detalhes, Rolf, o advogado, ainda exige mais provas. Ainda quer o debate de que o pai se recusou a participar. É por isso que o constrangimento de Rolf tem ficado tão claro – talvez numa penitência subconsciente pelo que fez o pai, cuja magnitude só teria começado a se definir para ele com a revelação de sua morte.

A vida, a época e a morte de Josef Mengele foram sórdidas do começo ao fim. E que fim desonroso isso teve. Em 21 de junho de 1985, seus ossos, o crânio, seus restos mortais foram exibidos diante de uma ávida audiência no vigésimo andar da sede da polícia de São Paulo. Tudo combinava: o dedo esquerdo quebrado, a estatura (l,74 m), uma fenda reveladora entre os dois dentes superiores da frente. Num canto da sala estava exposto o crânio; em outro ocorria um debate sobre a coluna em degeneração. "Isso estava presente na parte

inferior da coluna", dizia um especialista, apontando para as vértebras que se esmigalhavam. Em outro lugar um médico tentava dar esclarecimentos sobre o quadril de Mengele. "Vemos aqui uma montagem dos ossos do quadril", dizia ele. "Quero mostrar o que encontramos…" E assim por diante.

"Existe alguma dúvida, dr. Levine, de que este seja Josef Mengele?", perguntou John Martin, da ABC News.

"Absolutamente nenhuma", respondeu o odontologista forense de Nova York.

Em nome da paz de espírito do mundo civilizado, esses cientistas tinham executado um experimento digno em torno de uma vida sem valor.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos

Appleman, John Alan. *Military Tribunals and International Crimes*. Nova York: Bobbs-Merrill Co., 1954.

Arendt, Hannah. *Eichmann in Jerusalem*. Nova York: Viking, 1963.

Bar-Zohar, Michael. *The Avengers*. Tradução de Len Ortzen. Londres: A. Baker, 1968.

_____. *The Hunt for German Scientists*. Londres: Barker, 1967.

Bower, Tom. *Blind Eye to Murder*. Londres: Granada, 1983.

_____. *Klaus Barbie*. Londres: Michael Joseph, 1984.

Brand, Joel. *Adolf Eichmann*. Munique: Ner-Tamid Verlag, 1961.

Brockdorff, Werner. *Flucht vor Nurnburg*. Munique: Verlag Welsermuhl, 1969.

Byhan, Inge. "Keiner fragte nach seinen Taten", *Bunte* (Munique), 4 de julho de 1985.

_____. "So Entkam mein Vater", *Bunte* (Munique), 20 de junho de 1985.

_____. "So viele halfen ihm", *Bunte* (Munique), 27 de junho de 1985.

Cecil, Robert. *The Myth of the Master* Race: Alfred Rosenberg and the Nazi Ideology. Nova York: Dodd, Mead, 1972.

Clarke, Comer. *Eichmann: The Man and His Crimes*. Nova York: Ballantine, 1960.

Cohen, Elie. *Human Behavior in the Concentration Camp*. Traduzido por M. H. Braaksma. Nova York: Norton, 1953.

Cohn, Norman. *Warrant for Genocide: The Myth of the Jewish World Conspiracy and the Protocols of Zion*. Londres: Eyre & Spottiswoods, 1967.

Conot, Robert E. *Justice at Nuremberg*. Nova York: Carroll & Graf, 1983.

Conway, John S. *The Nazi Persecution of the Churches, 1933-1945*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1968.

Davidson, Eugene. *The Trial of the Germans: An Account of the Twenty-Two Defendants Before the International Military Tribunal*. Nova York: Macmillan, 1966.

Dawidowicz, Lucy. *The War Against the Jews*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

Deutschkron, Inge. *Bonn and Jerusalem: The Strange Coalition.* Filadélfia: Chilton Books, 1970.

Dicks, Henry V. *Licensed Mass Murder: a Socio-psychological Study of Some SS Killers*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1972.

Donat, Alexander. *The Holocaust Kingdom: A Memoir*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1965.

Eban, Abba. *The Final Solution: Reflections on the Tragedy of European Jewry.* Londres: Council of Christians and Jews, 1961.

Farago, Ladislas. *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*. Nova York: Simon & Schuster, 1974.

Ferencz, Benjamin B. *Less Than Slaves*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

Friedman, Filip. *To jest Oświçim?* Varsóvia: Panstwowe, 1945.

Friedman, Tuviah. *The Hunter*. Londres: Gibbs & Phillips, 1961.

Friedrich, Otto. "The Kingdom of Auschwitz" [O Reino de Auschwitz], *The Atlantic Monthly*, setembro de 1981.

Frye, Alton. *Nazi Germany and the American Hemisphere 1933-1941*. New Haven: Yale University Press, 1961.

Gollancz, Victor. *The Case of Adolf Eichmann*. Londres: V. Gollancz, 1961.

Gunther, John. *Inside South America*. Nova York: Harper & Row, 1966.

Harel, Isser. *The House on Garibaldi Street*. Londres: Andre Deutsche, 1975.

Harmon, Jeff B. "Bowling with Dr. Mengele" [Jogando com o Dr. Mengele], *Harper's*, julho de 1982.

Hart, Kitty. *I Am Alive*. Londres: Abelard-Schuman, 1962.

_____. *Return to Auschwitz*. Nova York: Atheneum, 1983.

Hausner, Gideon. *Justice in Jerusalem*. Nova York: Harper & Row, 1966.

Higham, Charles. *Trading with the Enemy*. Nova York: Dell Books, 1983.

Hilberg, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Chicago: Quadrangle Books, 1961.

Höss, Rudolf. *Commandant of Auschwitz*. Tradução de Constantine Fitzgibbon. Londres: Pan Books, 1961.

Höhne, Heinz. *The Order of the Death's Head*. Tradução de Richard Barry. Nova York: Ballantine, 1971.

Hudal, Alois. *Die Grundlagen des Nationalsozialismus*. Leipzig: Günther Press, 1937.

Irving, David. *Hitler's War 1939-1942*. Londres: Macmillan, 1977.

_____. *Hitler's War 1942-1945*. Londres: Macmillan, 1977.

_____. *The War Path, Hitler's Germany 1933-1939*. Londres: Macmillan, 1977.

Kahn, David. *Hitler's Spies: German Military Intelligence in World War II*. Nova York: Macmillan, 1978.

Kanfer, Stefan, com Carlson, Peter. "I Knew Josef Mengele" [Eu Conheci Josef Mengele], *People*, 24 de junho de 1985.

Kempner, Robert M. W. *Eichmann und Komplizern*. Zurique: Stuttgart/Wein, 1961.

Kent, George O. "Pius XII and Germany. Some Aspects of German-Vatican Relations,

1933-1943" [Pio XII e a Alemanha. Alguns Aspectos da Relação da Alemanha com o Vaticano], *American Historical Review*, 1964.

Kessel, Sim. *Hanged at Auschwitz*. Tradução de Melville e Delight Wallace. Nova York: Stein & Day, 1972.

Klarsfeld, Serge, org. *The Holocaust and the Neo-Nazi Mythomania*. Paris: Beate Klarsfeld Foundation, 1978.

Knieriem, August von. *The Nuremberg Trial*. Tradução de Elizabeth D. Schmidt. Chicago: H. Regnery Co., 1959.

Koehl, Robert L. *RKFDV: German Resettlement and Population Policy 1939-1945*. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

Kraus, Ota, e Kulka, Erich. *The Death Factory: Document on Auschwitz*. Tradução de Stephen Jolly. Oxford, N. Y.: Pergamon Press, 1966.

Langbein, Hermann. *Auschwitz und die junge Generation: Zusammengassung von Vorträgen an deutschen Schulen*. Viena: Europa Verlag, 1966.

_____. *DieStärkeren: Ein Erblebsnisbericht aus Auschwitz*. Viena: Europa Verlag, 1962.

_____, com Adler, H. G. e Lingens-Reiner, dra. Ella. *Auschwitz-Zeugnisse und Berichte.* Viena: Verlag, 1962.

Leiber, Robert, S. J. "Pius XII and the Third Reich" [Pio XII e o Terceiro Reich], *Look*, 17 de maio de 1966.

Lengyel, Olga. *Five Chimneys*. Tradução de Paul Weiss. Londres: Granada Books, 1972.

Levi, Primo. *The Reawakening*. Tradução de Stuart Woolf. Boston: Little, Brown, 1965.

_____. *Survival in Auschwitz*. Tradução de Stuart Woolf. Nova York: Collier, 1969.

Lewinska, Pelagia. *Twenty Months at Auschwitz*. Tradução de Albert Teichner. Nova York: Lyle Stuart, 1968.

Lifton, Robert J. "What Made This Man Mengele" [O que Fez Este Homem Mengele], *The New York Times Magazine*, 21 de julho de 1985.

Lingens-Reiner, Ella. *Prisoners of Fear*. Londres: Victor Gollancz, 1948.

Linklater, Magnus; Hilton, Isabel; e Ascherson, Neal. *The Nazi Legacy*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1984.

Luna, Felix. *Dialogis con Frondizi*. Buenos Aires: Editoriale Desarollo, 1963.

Mengele, Josef. *Rassenmorphologiche Untersuchung des vordem unterkiefabschnittes bei vier rassichen grupen*. Leipzig: Hedrich, 1937.

_____. *Sippenuntersuchungen bei Lippen-Kiefer-Gaumenspalte*. Frankfurt: Würsberg, 1938.

_____. Resenha de livro em "Grundzuge der Erbkunde und Rassenpflege" [Noções Básicas de Cuidado de Herança e Raça], *Der Erbarzt* (Frankfurt), 1940.

_____. Resenha de livro em "Ueber Vererbung angeborener Herzfehler" [Hereditariedade e Defeitos Cardíacos Congênitos], *Der Erbarzt* (Frankfurt), 1940.

Mengele, Karl. *Die Voelkerrechtilche Stellung des Fürstentums Liechtenstein; Zugliech ein Beitrag zur Lehre von der Völkerrechtspersönlichkeit*. Leipzig: R. Noste, 1928.

Mitscherlich, Alexander, e Mielke, Fred. *Doctors of Infamy: The Story of the Nazi Medical Crimes*. Tradução de Heinz Norden. Nova York: Henry Schuman, 1949.

Mollo, Andrew. *To the Death's Head True; the story of the SS*. Londres: Thames/Methuen, 1982.

Müller-Hill, Benno, *Todliche Wissenschaft: Die Aussonderung von Junden, Zigunem und Geisteskranken 1933-1945*. Hamburgo: Rowohlt, 1984.

Naumann, Bernd. *Auschwitz*. Londres: Pall Mall Press, 1966.

Newman, Judith Sternberg. *In the Hell of Auschwitz*. Nova York: Exposition, 1964.

Nyiszli, Miklos. *Auschwitz: A Doctor's Eyewitness Account*. Tradução de Tibere Kremer e Richard Seaver. Londres: Granada Books, 1973.

Parker, John J. "The Nuremberg Trial" [Julgamento de Nuremberg], *Journal of the American Judicature Society* 30 (dezembro de 1946).

Perl, Gisella. *I Was a Doctor in Auschwitz*. Nova York: International Universities Press, 1948.

Perlman, Moshe. *The Capture and Trial of Adolf Eichmann*. Nova York: Simon & Schuster, 1963.

Perón, Eva. *Historia del Peronismo*. Buenos Aires: Ediciones Mundo Peronista, 1952.

Perón, Juan Domingo. *The Perón Doctrine of Political and Social Philosophy*. Buenos Aires: Editorial Fidelius, 1947.

Przewoznik, Enrique. *Yo Sobrevivi Mis 789 Dias Con Joseph Mengele*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1980.

Reitlinger, Gerald. *The Final Solution*. Londres: Valentine Mitchell, 1953.

_____. *The SS: Alibi of a Nation*. Nova York: Viking, 1968.

Samuels, Getrude. "Wanted: 1000 Nazis Still at Large" [Procura-se: 1.000 Nazistas Ainda Continuam à Solta], *The New York Times Magazine*, 28 de fevereiro de 1965.

Sassen, Willem Antonius Maria. Entrevista em *La Razón*, 12 de setembro de 1960.

Schreiber, Flora. "The Satanic Dr. Mengele" [O Satânico Dr. Mengele], *The New York Times Syndication Service*, 4 de maio de 1975.

Sereny, Gitta. *Into That Darkness*. Nova York: Vintage Books, 1974.

Shirer, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich*. Nova York: Fawcett Crest, 1960.

Snyder, Louis B. *Encyclopedia of the Third Reich*. Nova York: McGraw-Hill, 1976.

Stein, George H. *The Wafen-SS*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1966.

Steven, Stewart. *Spymasters of Israel*. Nova York: Ballantine Books, 1980.

Szmaglewska, Seweryna. *Smoke over Birkenau*. Tradução de Jadwiga Rynas. Nova York: Henry Holt, 1947.

Tettens, T. H. *The New Germany and the Old Nazis*. Nova York: Random House, 1961.

Turkow, Jonas. *In the Struggle for Life*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1949.

Varon, Benno Weiser. "Living With Mengele" [Vivendo com Mengele], *Midstream*, dezembro de 1983.

Weiss, Reska. *Journey Through Hell*. Londres: Vallentine, Mitchell, 1961.

Wiesenthal, Simon, *Ich Jagte Eichmann: Tatsachenbericht*. Munique: S. Mohn, 1961.

_____, com Wechsberg, Joseph. *The Murderers Among Us*. Londres: Heinemann, 1967; Nova York: McGraw-Hill, 1967.

Relatórios do Governo e Estudos Publicados

Cole, Hugh M., e McDonald, Charles E. *The U.S. Army in World War II, Europe: The Last Offensive* [O Exército Americano na Segunda Guerra Mundial, Europa: A Última Ofensiva]. Washington, D.C.: Gabinete do Coordenador de História Militar, Departamento do Exército, 1963.

Comissão Investigadora de Atividades Antiargentinas. Informação volume número 5, Buenos Aires, 1941.

Ellis, Maj. L. F., *The Defeat of Germany* [A Derrota da Alemanha]. Londres: Gabinete de Imprensa de Sua Majestade, 1968.

Informe Confidencial de Atividades Nazistas na Argentina. Buenos Aires: Comitê Contra o Racismo e o Antissemitismo na Argentina, 1941.

Jackson, Robert H. (preparado por). *Relatório do Representante dos Estados Unidos à Conferência Internacional sobre Tribunais Militares.* Washington, D.C.: Departamento de Estado, 1949.

Murphy, Raymond; Stevens, Francis B.; Triners, Howard; e Roland, Joseph M. *National Socialism Basic Principles, Their Application by the Nazi Party's Foreign Organization and the Use of Germans Abroad for Nazi Aims* [Princípios Básicos do Nacional-Socialismo, sua Aplicação pela Organização no Exterior

do Partido Nazista e o Uso de Alemães no Exterior para Objetivos Nazistas]. Washington, D.C.: Escritório de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1943.

Nazi Conspiracy and Aggression [Conspiração e Agressão Nazistas], 10 vols. Washington, D.C.: Escritório de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1947.

Taylor, Telford. *Final Report to the Secretary of the Army* [Relatório Final ao Secretário do Exército]. Washington, D.C.: Escritório de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1949.

Relatórios do Governo e Estudos Não Publicados

Report of the forensic experts concerning the remains discovered at Embu, Brazil, June 1985, in possession of Office of Special Investigations [Relatório dos peritos forenses relativo aos restos mortais descobertos em Embu, Brasil, em junho de 1985, em poder da Divisão de Investigações Especiais], Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Washington, D.C.

Arquivos-Fontes

Centro Documental de Berlim, Berlim Ocidental; Biblioteca Nacional, Asunción; Biblioteca Britânica, Londres; Bundesarchiv, Koblenz; *El Clarín*, Buenos Aires; *La Nación*, Buenos Aires; *Gazeta do Povo*, Curitiba, Brasil; Hoover Institution of War, Revolution and Peace, Stanford, Califórnia; arquivo da Interpol, Asunción*; Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro; *La Prensa*, Buenos Aires; *La Razón*, Buenos Aires; Latin American Reuters, Buenos Aires; *Manchete*, Rio de Janeiro; Ministerio del Interior, Archivo General de la Nación, Buenos Aires; *O Globo*, Rio de Janeiro; arquivo da Policia Federale, Buenos Aires; arquivo da Seguridad Federale, Buenos Aires; Coleções Especiais, Universidade de Boston; Yad Vashem, Jerusalém; WAST Records Center, Berlim Ocidental; Biblioteca Wiener, Londres; Zentralstelle der Landesjustizverwaltungen, Ludwigsburg, Alemanha Ocidental.

Lei da Liberdade de Informação

Foram feitos pedidos a agências do governo dos Estados Unidos de documentos relativos a “Josef Mengele”. Os documentos foram recebidos da: Agência Central de Inteligência (CIA), Washington, D.C.; Agência de Inteligência da Defesa, Washington, D.C.; Departamento do Exército, arquivos da Inteligência Militar em Ft. Meade, Maryland; Bureau Federal de Investigações (FBI) em Washington, D.C., e da sucursal em Miami, Flórida; Federal Records Center [Arquivo Federal], em Suitland, Maryland; National Archives and Records Services – Modern Military Branch [Aquivo Nacional – Divisão de História Militar Moderna], em Washington, D.C.; National Personnel Records Center, Military Branch [Centro Nacional de Registros de Pessoal, Divisão Militar], em St. Louis; Office of Special Investigations [Divisão de Investigações Especiais], Departamento de Justiça, em Washington, D.C.

Diários Não Publicados e Escritos Pessoais

Diário de Josef Mengele (maio de 1960 – janeiro de 1979), em poder da família Mengele.

Diário de Irene Mengele (1944), em poder de Irene Mengele.

Autobiografia de Josef Mengele, em poder da família Mengele.

Cartas (1973-1982) de Josef Mengele, Hans Sedlmeier, Rolf Mengele e Wolfram Bossert, em poder da família Mengele.

Cartas (1975-1982) de Wolfgang Gerhard e Hans-Ulrich Rudel, em poder da família Gerhard.

Transcritos de Tribunais

Julgamentos de Criminosos de Guerra perante o Tribunal Militar de Nuremberg, sob a *Control Council Law* [regulamentação da punição aos crimes de guerra], nº 10, vol. V, Washington, D.C.; Gabinete de Imprensa do Governo dos Estados Unidos, 1950.

Tribunal Militar Internacional, Julgamento dos Principais Criminosos de Guerra, transcrição publicada do julgamento, volumes I, IV, V, VI, VII, XI.

Transcritos do Julgamento de Adolf Eichmann, Jerusalém, 1961.

Transcritos, da promotoria do estado de Hesse, de réus do campo de concentração de Auschwitz, Frankfurt, 1964-1965.

CADERNO DE FOTOS



Josef Mengele aos 25 anos, na época dos exames médicos do Estado, em Munique, 1936.



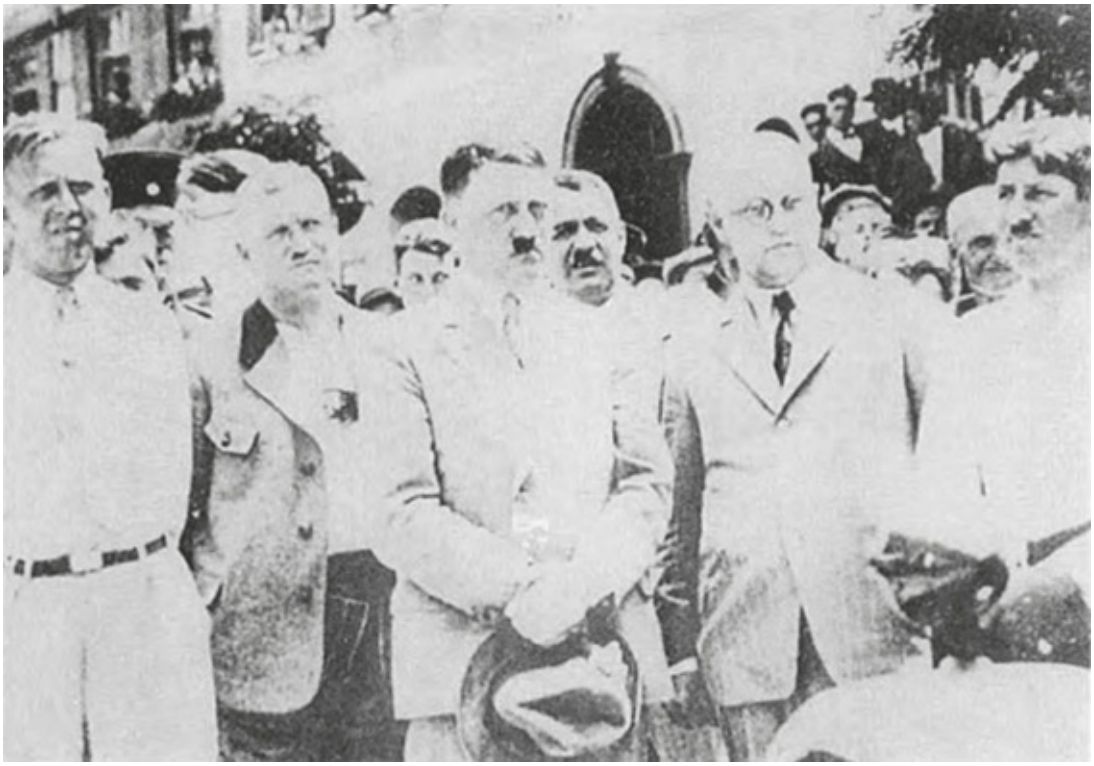
Fotos oficiais de Mengele, da SS, grampeadas na frente de sua pasta no Partido Nazista.



Logo depois de receber o diploma de médico em 1938, Mengele relaxa na companhia dos sogros (sentados) e de um amigo da faculdade, dr. Kurt Lambertz.



A suntuosa festa de casamento em julho de 1938. Walburga e Karl Mengele estão à esquerda do filho.



Adolf Hitler durante uma visita, em 1932, a Günzburg e à fábrica Mengele. Karl Mengele está à esquerda de Hitler.



Mengele conduzindo uma entrevista sobre “pureza racial” com um casal polonês idoso. Essa foto, tirada em Posen, em setembro de 1940, é a única fotografia conhecida de Mengele cumprindo uma de suas tarefas médicas na SS.



De licença, em 1942, um Mengele relaxado, pedalando nos arredores de Günzburg.



Mengele, agora membro da *Waffen-SS*, pouco antes de sua partida, em 1942, para a frente oriental.



Uma rara foto de Mengele (esquerda) em Auschwitz. Na época em que essa foto foi tirada, ele já estava no campo de concentração há quatro meses.



Mengele de licença em outubro de 1943, alguns meses após a designação para Auschwitz. A Cruz de Ferro é exibida com destaque no bolso da frente do uniforme.



Essa é uma das poucas fotos da SS que mostram a rampa de seleção em Auschwitz. Os internos foram separados em grupos de homens e mulheres, enquanto os médicos da SS estão à espera para selecionar quem vai viver e quem vai morrer. O oficial com o casquete na ponta direita foi identificado por sobreviventes do campo como Mengele. Ele tem um cigarro na mão, algo não fora do comum para um fumante inveterado.



Uma rara fotografia do período em que Mengele estava escondido na Alemanha. Essa foto do marido e do filho, Rolf, foi tirada por Irene Mengele durante um de seus encontros secretos perto de Rosenheim em 1947.



A primeira foto conhecida de Mengele após a fuga bem-sucedida para a América do Sul, tirada em dezembro de 1949, três meses depois da chegada a Buenos Aires.



Uma foto no Natal de 1950 com Mengele e um gato de estimação em seu primeiro endereço permanente em Buenos Aires, na Calle Arenales, 2.460, no elegante bairro de Florida da capital argentina.



A única foto conhecida das duas esposas de Mengele interagindo, tirada em Günzburg, em 1950. Martha, que se casaria com Josef oito anos depois, está à esquerda; Irene, à direita. Hoje as duas não são amigas.



Hans Sedlmeier, protetor e amigo de longa data de Mengele, em Günzburg, com um de seus filhos, no início dos anos 1950.



Josef e Martha se encontrando nos Alpes suíços em 1956, durante a primeira viagem de Mengele à Europa desde a fuga de 1949 para a América do Sul. A foto foi tirada por Hans Sedlmeier.



Mengele na Suíça, posando como “tio Fritz”, com o filho de 12 anos, Rolf.



Karl Heinz, enteado de Mengele, e Martha, segunda esposa de Mengele, numa rara fotografia tirada na Argentina em 1958. O cachorro de Mengele foi rebatizado de Heinrich para manter uma tradição ariana.



Hans Ulrich Rudel, Ás dos ases de Hitler, amigo e protetor de Mengele no pós-guerra (ponta esquerda), relaxando após o esqui aquático com o capitão Alejandro von Eckstein (ponta direita), um dos patrocinadores da concessão de cidadania paraguaia a Mengele. O condutor da lancha (centro) é hoje um político no Paraguai. Essa foto de 1963, tirada na estância paraguaia de San Bernardino, foi dada aos autores por Von Eckstein, de seu álbum pessoal de recortes.



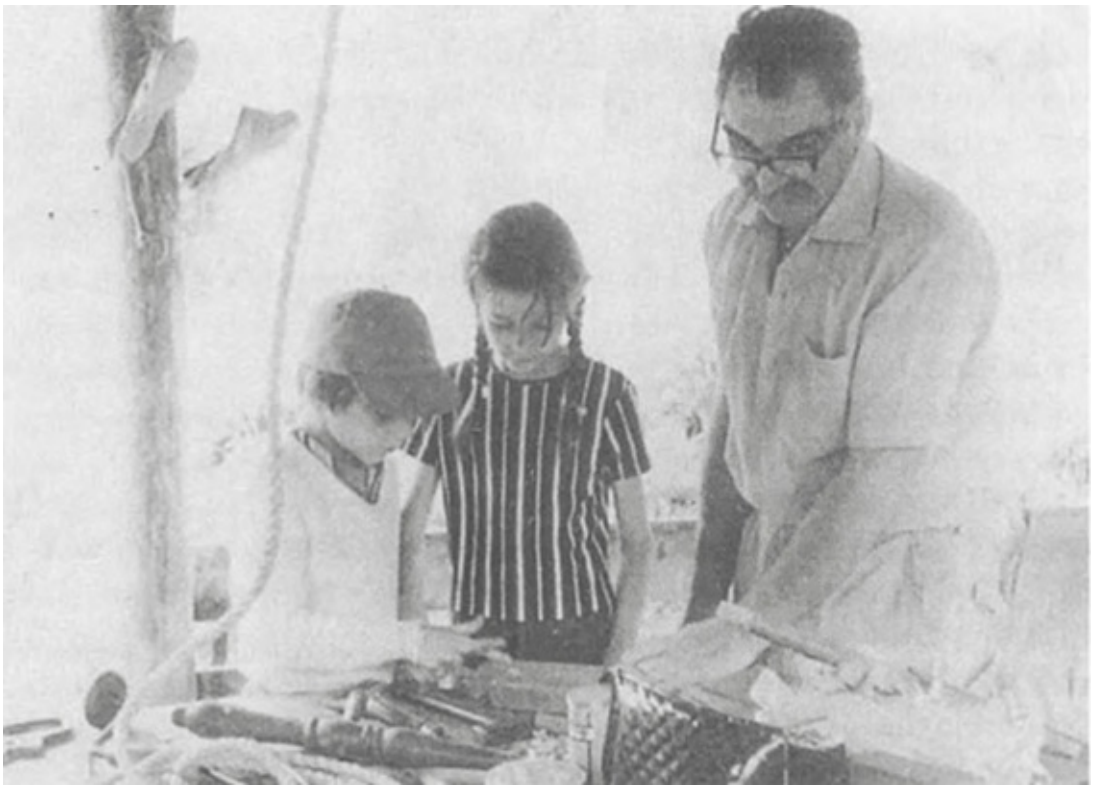
Dr. Eckart Briest, embaixador alemão ocidental no Paraguai durante o início dos anos 1960. A foto foi tirada em Asunción no período em que Briest, sem saber que Mengele já tinha fugido para o Brasil, continuava pressionando o governo Stroessner a entregá-lo.



A foto, que teve a mais ampla circulação no pós-guerra, de um homem que se acreditava ser Mengele. Ela ajudou a confundir os perseguidores de Mengele por quase vinte anos.



Gitta Stammer, numa foto tirada logo depois que Mengele começou a trabalhar na fazenda Stammer.



Mengele mostrando a Sabine e Andreas Bossert sua oficina em Caieiras, São Paulo, Brasil.



Mengele entre seus dois protetores no Brasil, Wolfgang Gerhard, à direita de Mengele, e Wolfram Bossert, à sua esquerda.



Hans Sedlmeier, mensageiro de Mengele e dono da caixa postal na Alemanha Ocidental, perto do fim da caçada.



Alois Mengele, irmão mais novo de Josef e diretor da empresa de máquinas agrícolas Mengele, em Günzburg.



Karl Heinz, enteado de Mengele, executivo e coproprietário da empresa Mengele durante os anos 1970.



Rolf e Josef Mengele em São Paulo durante a visita de Rolf, em 1977, ao Brasil. Foi a primeira vez que Rolf encontrou o pai depois de se tornar adulto.



Josef e Rolf Mengele, ao lado de Liselotte Bossert e seus filhos, Sabine e Andreas, durante o encontro em 1977 de pai e filho.



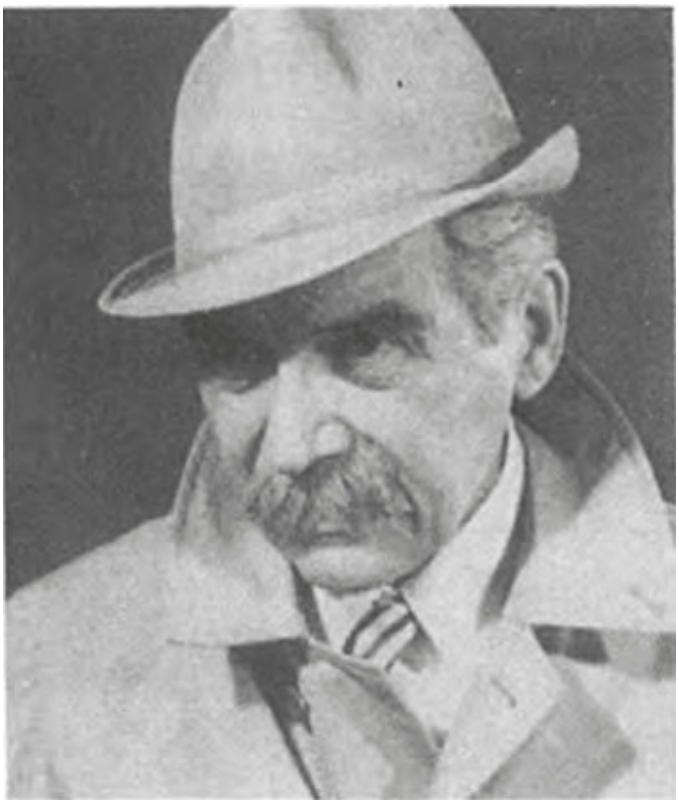
Elsa Gulpian de Oliveira, empregada doméstica de Mengele, coberta por um xale de lã que ganhou dele. Mengele se apaixonou por ela e entrou em depressão depois que Elsa rejeitou sua oferta de morarem juntos.



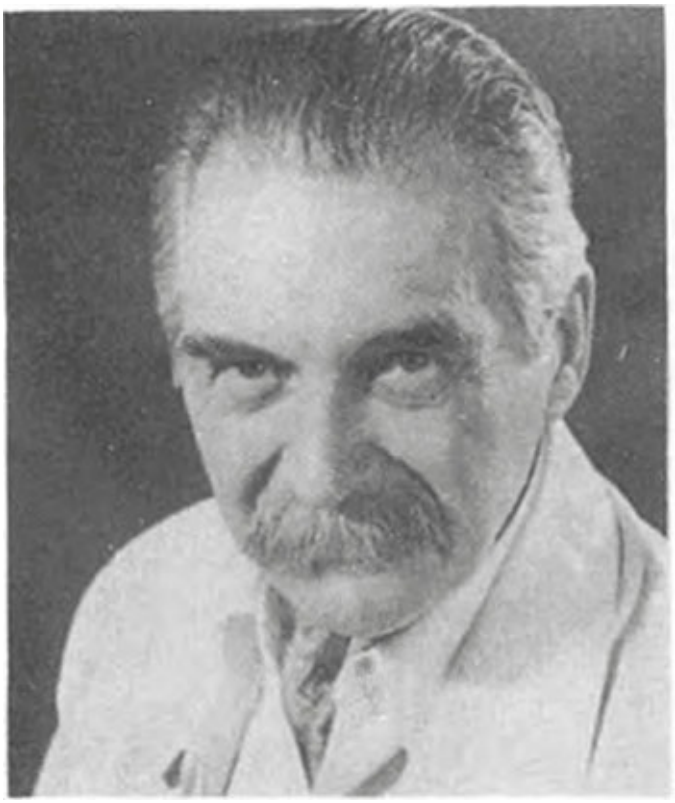
Mengele em Bertioga, a praia onde se afogaria em 1979. A foto foi tirada por Rolf Mengele durante a visita que fez ao pai em 1977.


Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRANSITO
CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO
N.º 525.951 2A. Via Pront. 525.951
Nome - WOLFGANG GERHARD -
Nacionalidade Austriaco Naturalidade Leibnitz-Aus
Nascido a 03 de Setembro 1923 Profissão Tec.Ultrasco
Cor branca Cabelos Cris. Identidade N.º 1.367.267-
Olhos Azuis - Exame prestado em 2 dezembro 1955
Para dirigir autos de pass.- AMADOR
São Paulo 20 de abril de 197 1
DELEGADO DE POLICIA
Res. 143/63 do Cons. Nac. de Trânsito

Cartão brasileiro de identidade de Wolfgang Gerhard. Mengele cobriu a foto de Gerhard com uma fotografia sua e depois selou o cartão numa capa de plástico.







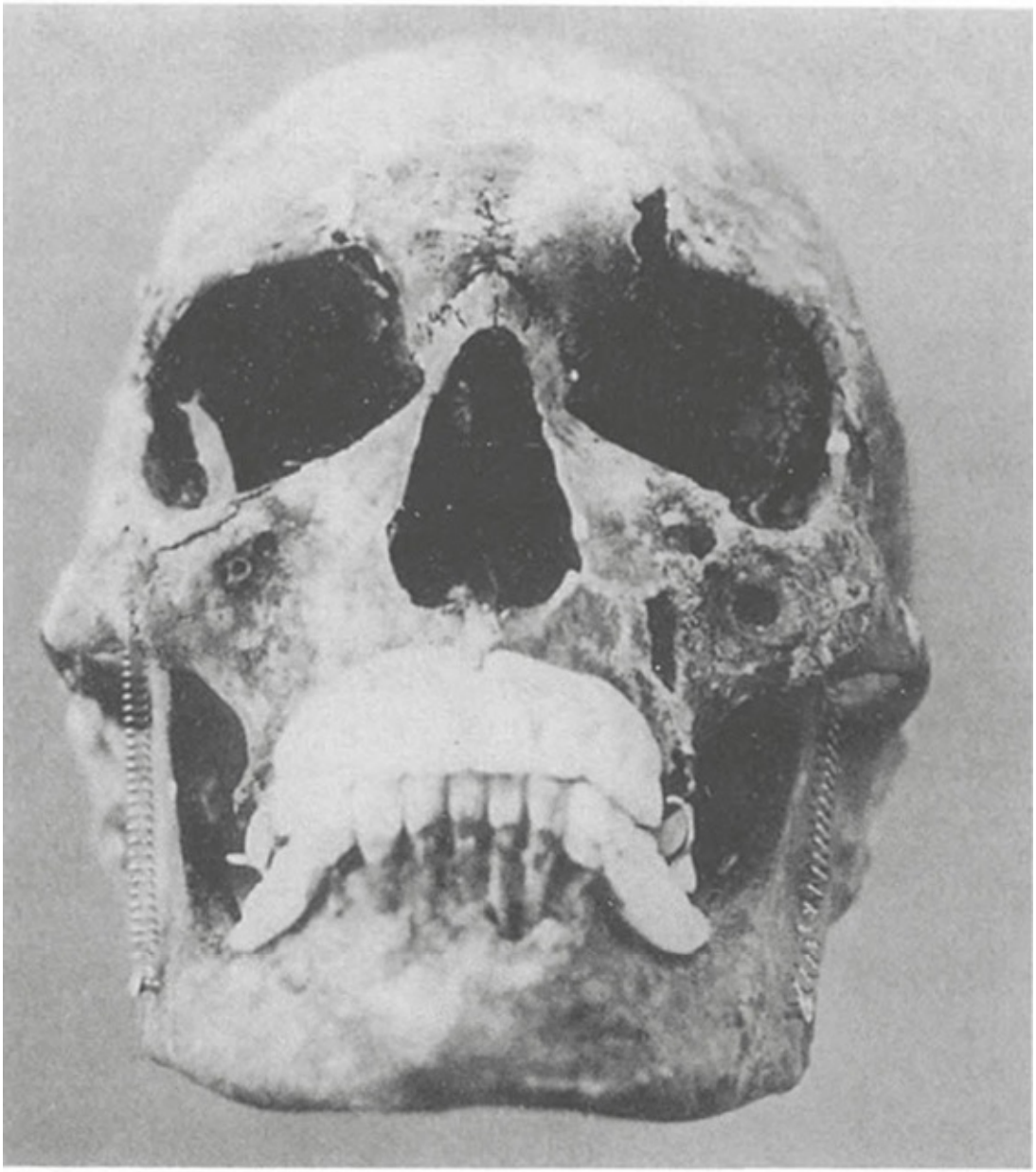
Wolfram Bossert, um fotógrafo amador, tirou essas três fotos de Mengele para chegar a uma apropriada para o cartão de identidade.



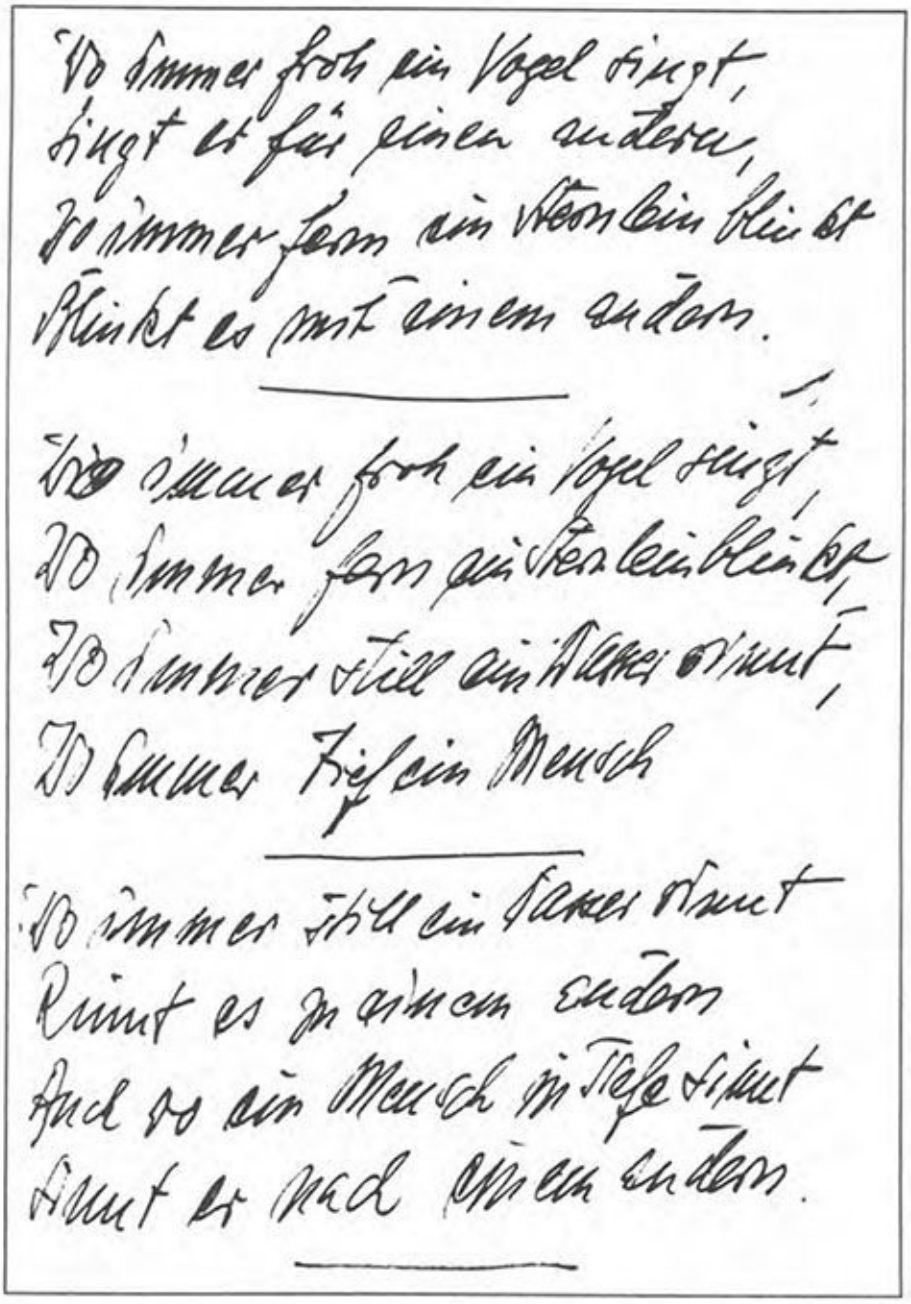
O coveiro reabrindo o túmulo de Mengele em 6 de junho de 1985. O chefe de polícia de São Paulo, Romeu Tuma, está à direita, de terno preto. À esquerda de Tuma estão Wolfram e Liselotte Bossert, trazidos ao local para identificar o túmulo correto.



Um assistente de medicina legal de São Paulo, José Antônio de Mello, mostrando o crânio de Mengele ao grupo de repórteres.



Crânio de Mengele, incluindo uma reconstrução da arcada dentária realizada para o exame forense no Brasil, durante o verão de 1985.



Uma das mais de 5 mil páginas de escritos pessoais de Josef Mengele colocados à disposição dos autores. Escritos à mão, em folhas soltas e cadernos de espiral, constituem o maior acervo literário deixado por um criminoso de guerra nazista.

NOTAS

[1] Do alemão, *muselmänner*, era uma gíria usada entre os prisioneiros dos campos de concentração nazistas da Segunda Guerra Mundial para se referir àqueles que sofriam, em um estágio final de inanição, de uma combinação de fome e exaustão e que estavam resignados a sua morte iminente. (N. do E.)

[2] Juiz Horst von Glasenapp, entrevistado por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), novembro de 1978.

[3] Julius Diesbach, entrevistado em *Siete Dias* (Buenos Aires), 26 de março de 1980, p. 24.

[4] Dr. Norman Stone, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[5] Josef Mengele, autobiografia, em poder da família Mengele.

[6] *Ibid*.

[7] *Beppo* é um derivativo (de origem italiana) do nome *Josef*. (N. do T.)

[8] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[9] Durante o exame forense, em junho de 1985, dos ossos desenterrados em Embu, Brasil, nenhuma evidência de osteomielite foi encontrada. Alguns céticos atribuíram a essa inconsistência menor uma importância desproporcional ao peso de outras evidências consistentes, que indicavam que o esqueleto era de Josef Mengele. Importantes peritos forenses concluíram que um caso leve de osteomielite numa criança de 15 anos não deixaria marcas no esqueleto mais de cinquenta anos depois.

[10] *Kommunistiscbe Arbeiterzeitung* [Folha do Trabalhador Comunista], nº 203-04, 23 de outubro de 1985, p. 14.

[11] Essa foi a segunda visita de Hitler a Günzburg, tendo a primeira ocorrido em 1930. Heinrich Himmler, *Reichsführer* da SS e ex-criador de galinhas, também visitou a cidade em 1930 e fez um discurso sobre agricultura.

[12] *Mengele-Post* (ver nº 1).

[13] Prof. Hans Grebe, entrevista pessoal de S. Jones e K. Rattan, maio de 1985.

[14] Arthur Gutt, Ernst Rudin e Falk Ruttke, *Gesetz zur Verhutung erbkranken Nachwuchses* [Lei para a Prevenção da Propagação da Doença Congênita] (Munique: Lehmann Publishing, 1936), p. 60.

[15] Heinz Höhne, *The Order of the Death’s Head* [A Ordem da Caveira] (Nova York: Ballantine, 1971), p. 742.

[16] Foi a recomendação de médicos da clínica de Leipzig de que um bebê nascido cego, “um idiota – pelo menos parecia ser um idiota”, sem uma perna e sem parte de um braço deveria ser morto que persuadiu, por

fim, Hitler a assinar um decreto legalizando a eutanásia em 1º de setembro de 1939.

[17] Carta: Mengele para Rolf e Almuth Mengele, 1978.

[18] Ulrich Volkstein, na revista *Stern* (Hamburgo), 20 de junho de 1985, p. 16.

[19] Essa foi a primeira oportunidade que Mengele teve de ingressar no NSDAP [Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães] depois de Hitler levantar o embargo de quatro anos sobre a filiação ao partido. A intenção do embargo fora atender ao medo de Hitler de que a corrida para ingressar no Partido Nacional-Socialista após a vitória na eleição de 1933 colocasse a base de poder do partido a favor de um regime mais liberal.

[20] Benno Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft: Die Aussonderung von Junden, Zigunern und Geisteskranken 1933-1945* [A Ciência Mortal: A Seleção de Judeus, Ciganos e dos Mentalmente Enfermos 1933-1945] (Hamburgo: Rowohlt, 1984), p. 39.

[21] Helmut von Verschuer, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[22] Flora Schreiber, “The Satanic Dr. Mengele” [O Satânico Dr. Mengele], *The New York Times Syndication Service*, 4 de maio de 1975.

[23] O coronel da SS Walter Rauff, que organizou o desenvolvimento e a produção de furgões que serviam como câmaras de gás móveis e que se estima terem matado 97 mil judeus e russos, a princípio não foi aprovado no teste de hereditariedade da SS porque sua noiva tinha sido casada com um advogado judeu. Por fim, o gabinete de Himmler aceitou a arguição da noiva de que seu primeiro casamento fora “um equívoco” devido ao fato de que ela “não havia estudado biologia racial… e estava inconsciente das consequências desse casamento”. Rauff morreu de câncer no pulmão em Santiago, Chile, em maio de 1983, depois que várias tentativas de conseguir sua extradição fracassaram.

[24] Arquivo do Centro de Documentação de Berlim: *SS Ahnentafel* [Avaliação de Árvore Genealógica da SS].

[25] Resenha feita por Josef Mengele, em *Der Erbarzt*, 1940, do livro *Grundzuge der Erbkunde und Rassenpflege* [Fundamentos de Genética e Higiene Racial], de L. Stenel-von Rutkowski.

[26] Resenha feita por Josef Mengele, em *Der Erbarzt*, 1940, de *Ueber Vererbung angeborener Herzfehler* [Problemas Cardíacos Hereditários], extraído de *Vererbungs- und Konstitutionslehre* [Princípios de Hereditariedade e Constituição], Bd. 23, S. 695, de G. v. Knorre.

[27] Andreas Hillgruber, entrevistado na revista *Bunte* (Munique), 20 de junho de 1985.

[28] Carta: Irene Mengele para Herrn Wahl, 15 de agosto de 1941, em poder de S. Jones e K. Rattan.

[29] Robert L. Koehl, *RKFDV*: *German Resettlement and Population Policy 1939-1945* [Reassentamento Alemão e Política Populacional 1939-1945] (Cambridge: Harvard University Press, 1957), pp. 64-5.

[30] Arquivo do Centro de Documentação de Berlim sobre Josef Mengele.

[31] Os registros oficiais da Quinta Divisão Panzer da SS, “Viking”, listam os nomes de oficiais médicos e médicos de campo, com apenas uma exceção: Josef Mengele. É evidente que seu nome foi omitido devido à notoriedade pós-guerra associada a ele.

[32] Benno Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft: Die Aussonderung von Junden, Zigunern und Geisteskranken 1933-1945* [A Ciência Mortal: A Seleção de Judeus, Ciganos e dos Mentalmente Enfermos 1933-1945] (Hamburgo: Rowohlt, 1984), pp. 112-13.

[33] *Ibid*.

[34] Miklos Nyiszli, *Auschwitz, A Doctor's Eyewitness Account* [Auschwitz, Relato de um Médico como Testemunha Ocular] (Londres: Granada Books, 1973), p. 23.

[35] Himmler escolhera o homem certo para o trabalho ao indicar Höss. Ele havia sido condenado por assassinato antes da guerra.

[36] Rudolf Höss, *Commandant of Auschwitz* [Comandante de Auschwitz] (Londres: Pan Books, 1961), p. 126.

[37] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 36.

[38] Höss, *Commandant*, p. 216.

[39] Adolf Eichmann era *Obersturmbannführer*, tenente-coronel, encarregado do Departamento IV-B-4, a seção do Escritório de Segurança Central do Reich em Berlim, responsável pela deportação dos judeus. Ele foi enforcado em Israel, em 31 de maio de 1962.

[40] *Ibid*., p. 218.

[41] Os diretores da IG Farben, que visitavam o campo regularmente e recebiam relatórios mensais sobre sua operação, testemunharam mais tarde em sua defesa no tribunal militar de Nuremberg que nunca tinham reparado em nada de errado e, além disso, que estavam apenas fazendo o que era "necessário" e estavam "cumprindo ordens".

[42] Benjamin B. Ferencz, *Less Than Slaves* [Menos que Escravos] (Cambridge: Harvard University Press, 1979), p. 24.

[43] Nesse dia 981 judeus foram levados do campo em Drancy, na França, para Auschwitz. Desse número, 16 homens e 38 mulheres foram admitidos no campo como prisioneiros. O restante foi gaseado.

[44] Dois transportes de judeus da Eslováquia e Drancy, na França, foram gaseados depois das seleções no final da linha.

[45] *KL Auschwitz, Seen by the SS* [Campo de Auschwitz, Visto pela SS], 2ª ed. (Polônia: Museu Panstwowe em Oswiecimin, 1978), pp. 215, 218.

[46] Höss, *Commandant*, pp. 175-76.

[47] Auschwitz era originalmente uma instalação militar para o exército polonês. Himmler construiu outro campo nas proximidades, em Birkenau, em 1941. Depois disso o conjunto ficou conhecido como Auschwitz-Birkenau.

[48] Durante o exame forense no Brasil, em junho de 1985, os médicos determinaram que o esqueleto havia sofrido uma fratura do quadril que era compatível com o tipo de fratura que pode resultar de um acidente de moto. Simon Wiesenthal, o caçador de nazistas baseado em Viena, especulou que o acidente de Mengele em Auschwitz poderia ter resultado num quadril quebrado. Os arquivos da SS, normalmente meticulosos ao relatar detalhes de acidentes, omitem qualquer menção a isso. Irene Mengele não recorda de o marido ter algum dia falado sobre um quadril quebrado. A lesão descoberta no exame de 1985 deve, portanto, ter resultado de um acidente pós-guerra de que nenhum dos amigos de Mengele tem conhecimento.

[49] Arquivo do Centro de Documentação de Berlim sobre Josef Mengele: *Einstellungsverfugung, SS-und Polizeigericht XV Breslau* [Ordem de Suspensão dos Procedimentos Judiciais pela Corte da SS em Breslau], 28 de setembo de 1943.

[50] O próprio Mengele contraiu malária em junho de 1943.

[51] Mandado de prisão e indiciamento emitido em Frankfurt am Main, em 19 de janeiro de 1981, pela *Landgericht 22. Strafkammer* [Corte Número 22 do Estado], arquivo número (22)50/LJs340/68.

[52] Arquivo do Centro de Documentação de Berlim sobre Josef Mengele: *Rasse-und Siedlungshauptamp, Aerztlicher Untersuchungsbogen* [Questionário do Centro de Raça e Reassentamento].

[53] Dra. Ella Lingens, entrevista pessoal feita por S. Jones e K. Rattan, 14 de fevereiro de 1984.

[54] Arquivo do Centro de Documentação de Berlim, em Josef Mengele: *Beurteioung des Standortarztes* [Avaliação do Médico de Distrito da SS].

[55] A doença de Mengele foi tão severa que ele se afastou durante algum tempo de Auschwitz para se recuperar.

[56] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 111.

[57] Olga Lengyel, *Five Chimneys* [Cinco Chaminés] (Londres: Granada, 1972), p. 152.

[58] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 52.

[59] Flora Schreiber, “The Satanic Dr. Mengele” [O Satânico Dr. Mengele], *The New York Times Syndication*, 4 de maio de 1975.

[60] *Ibid*.

[61] Lengyel, *Five Chimneys*, p. 153.

[62] Michael Bar-Zohar, *The Avengers* [Os Vingadores] (Londres: A Baker, 1968), p. 234.

[63] Ella Lingens, *Prisoners of Fear* [Prisioneiros do Medo] (Londres: Gollancz, 1948), p. 77.

[64] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[65] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[66] Dr. Hans Münch, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[67] Irene Hizme, entrevistada na revista *People*, 24 de junho de 1985, p. 65.

[68] René Slotkin, entrevistada na revista *People*, 24 de junho de 1985, p. 65.

[69] Dra. Martina Puzyna, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[70] Grupo Internacional de Crimes de Guerra, Depoimentos sob Juramento, Volume IV, arquivo número 000-50-37708, 2 de outubro de 1947, preservados em National Archives, Washington, D.C.

[71] Bernd Naumann, *Auschwitz* (Londres: Pall Mall Press, 1966), p. 272.

[72] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 23).

[73] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[74] Como aconteceu com vários outros médicos nazistas, foi dado a Schumann o benefício da dúvida quando, em 1970, seus advogados afirmaram que ele estava muito doente para comparecer a um tribunal. O Schumann “doente em fase terminal” sobreviveu mais treze anos num abastado subúrbio de Hamburgo, jamais tendo passado um dia na cadeia por seus crimes.

[75] Entrevista com Münch (ver n. 24).

[76] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[77] Benno Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft: Die Aussonderung von Juden, Zigunem und Geisteskranken 1933-1945* [A Ciência Mortal: A Seleção de Judeus, Ciganos e dos Mentalmente Enfermos

1933-1945] (Hamburgo: Rowohlt, 1984), p. 23.

[78] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 28.

[79] *Ibid*., p. 37.

[80] Vexler Jancu, depoimento sob juramento prestado ao juiz Horst von Glasenapp, arquivo do procurador de Frankfurt sobre Josef Mengele, 13 de março de 1973.

[81] Vera Kreigel, entrevista pessoal feita pelos autores, 16 de novembro de 1985.

[82] Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft*, p. 164.

[83] Vera Alexander, entrevistada pela Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], outubro de 1985.

[84] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[85] Entrevista com Puzyna (ver n. 27).

[86] *Ibid*.

[87] Entrevista com Vera Alexander (ver n. 40).

[88] Depoimento de sobrevivente não identificado perante o tribunal de seis jurados em um julgamento simulado de Josef Mengele, Jerusalém, fevereiro de 1985.

[89] *Ibid*.

[90] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 53.

[91] Prof. Yehuda Bauer, entrevistado pela Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office 'The Search for Mengele", outubro de 1985.

[92] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 54.

[93] Robert Jay Lifton, "*What Made This Man Mengele*" [O que Fez Este Homem Mengele], *The New York Times Magazine*, 21 de julho de 1985, p. 22.

[94] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 55.

[95] Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft*, p. 114.

[96] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 132.

[97] Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft*, p. 83.

[98] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 126.

[99] Entrevista com Münch (ver n. 24).

[100] Lengyel, *Five Chimneys* [Cinco Chaminês], p. 152.

[101] Eva Kor, entrevistada pela Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], fevereiro de 1985.

[102] Entrevista de Puzyna (ver n. 27).

[103] Ernst Michel, entrevistado na revista *People*, 24 de junho de 1985, p. 68.

[104] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[105] Entrevista com Puzyna (ver n. 27).

[106] Schreiber, “The Satanic Dr. Mengele” [O Satânico Dr. Mengele] (ver n. 17).

[107] Annani Silovich Pet’ko, depoimento sob juramento ao procurador-geral, Moscou, setembro de 1973.

[108] Gisella Perl, *I Was a Doctor in Auschwitz* [Eu Era Médica em Auschwitz] (New York: International Universities Press, 1948), pp. 110-11.

[109] *Ibid*., p. 122.

[110] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[111] Lifton, “What Made This Man Mengele” [O que Fez Este Homem Mengele], p. 23.

[112] Transcrito da Sessão 68 do julgamento de Adolf Eichmann, Jerusalém, 6 de julho de 1961.

[113] Indiciamento alemão ocidental (ver n.10).

[114] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[115] *KL Auschwitz* [Campo de Auschwitz], pp. 278-79.

[116] Relatório de Avaliação sobre Josef Mengele, Gabinete do Comandante da Guarnição, Auschwitz, 19 de agosto de 1944, preservado como parte do arquivo sobre Josef Mengele do Centro de Documentação de Berlim, Berlim Ocidental.

[117] Nyiszli, *Auschwitz*, p. 75.

[118] Relatório de Avaliação (ver n. 73).

[119] As duas irmãs acreditavam que o visitante fosse Himmler, mas estão equivocadas. A última visita registrada de Himmler a Auschwitz foi em 1942.

[120] Irene Mengele, depoimento escrito passado aos autores, setembro de 1985.

[121] Os aviões Aliados estavam envolvidos em reconhecimento e limitadas missões de bombardeio contra algumas das instalações industriais nos arredores de Auschwitz-Birkenau. Os Aliados nunca responderam satisfatoriamente por que deixaram de bombardear o campo, embora no final de 1944 já tivessem prova conclusiva do que estava acontecendo lá e pudessem facilmente ter usado as intensas labaredas dos crematórios como seus alvos. Não só centenas ou milhares de vidas poderiam ter sido poupadas durante os últimos meses da guerra, mas as baixas de internos, que estavam alojados longe dos crematórios, teriam sido ínfimas. Os Aliados nunca tentaram sequer bombardear as linhas ferroviárias que levavam ao campo, o que teria cortado os meios de transportar pessoas para a máquina de matar.

[122] Indiciamento alemão ocidental (ver n. 10).

[123] Carta do oficial comandante da Guarnição da SS em Gross Rosen ao Departamento III, Seção de Economia e de Administração da SS, declarando que Mengele está em Gross Rosen desde 7 de fevereiro de 1945; preservada nos Bundesarchivs, Koblenz, República Federal da Alemanha.

[124] Mengele fora transferido para Gross Rosen junto com vários outros médicos de Auschwitz, incluindo seu amigo dr. Münch. Mesmo durante os espasmos finais da guerra, a hierarquia da SS tentou manter suas máquinas de matar em operação e plenamente equipadas.

[125] Benno Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft* (Hamburgo: Rowohlt, 1984), pp. 24-5.

[126] Autobiografia de Josef Mengele, em poder da família Mengele.

[127] *Ibid*.

[128] *Ibid*.

[129] *Ibid.*

[130] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[131] Lista de Crimes de Guerra das Nações Unidas, número 8, preservada pela Divisão de Investigações Especiais, Washington, D.C.

[132] Em fevereiro de 1985, Walter Kempthorne, um ex-soldado do exército, afirmou que tinha visto um médico chamado Mengele no campo americano Idar Oberstein, a cerca de 320 quilômetros de onde se sabia que Mengele fora mantido preso. Kempthorne disse que colegas soldados lhe contaram que o estavam "deixando em forma para ser enforcado. Este sujeito é Mengele, o safado que esterilizou 3 mil mulheres em Auschwitz". Também em fevereiro de 1985, Richard Schwarz, um advogado trabalhista aposentado de Washington, D.C., que também era soldado do exército em Idar Oberstein em 1945, afirmou que tinha "deixado exausto com exercícios" um médico alemão extremamente parecido com Mengele. Thomas Berchtold, um ex-membro da SS, lembra um "Mengele da Baviera" num campo britânico de prisioneiros em Schleswig-Holstein, a cerca de 650 quilômetros do local da verdadeira captura de Mengele. Mengele não esteve em nenhum desses campos. É muito provável que cada soldado tenha confundido outro médico num campo de concentração com Mengele.

[133] Os papéis de soltura em seu nome real nunca foram encontrados, apesar de o governo dos Estados Unidos ter conduzido uma busca em centenas de bicicletas velhas na Baviera, já em 1985.

[134] Documentário de TV sobre Josef Mengele, transmitido pela WDR-TV, Colônia, República Federal da Alemanha, 27 de junho de 1985.

[135] Detalhamento de Alvo, Instruções de Base para Günzburg, registros de guerra dos Aliados, 13 de janeiro de 1945, preservado em National Archives, Washington, D.C.

[136] O casal de Munique são as únicas pessoas, fora de um pequeno círculo de conspiradores da família, que sabiam que Mengele estava morto antes da descoberta pública em 1985. Irene havia confidenciado a morte ao farmacêutico e à esposa que, fiéis ao velho camarada, não revelaram o segredo.

[137] Farmacêutico de Munique, entrevista pessoal feita por Rolf Mengele, junho de 1985.

[138] Capesius foi posteriormente acusado de cumplicidade em assassinatos em massa em pelo menos quatro ocasiões distintas, com 2 mil mortes cada. Foi sentenciado a nove anos de trabalhos forçados.

[139] *Ibid.*

[140] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[141] No fim dos anos 1950 e início dos 1960, no Paraguai, Mengele usou "Fischer" como um de seus nomes falsos.

[142] Alois Fischer, entrevista pessoal feita pelo dr. Günther Deschner, julho de 1985.

[143] Maria Fischer, entrevista pessoal feita pelo dr. Günther Deschner, julho de 1985.

[144] Entrevista com Alois Fischer (ver n. 14).

[145] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[146] Entrevista com Maria Fischer (ver n. 15).

[147] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[148] Entrevista com Alois Fischer (ver n. 14).

[149] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[150] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[151] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[152] *Ibid.*

[153] Carta: Irene Mengele para S. Jones e K. Rattan, 14 de abril de 1984.

[154] O ano já começara mal para ele com a morte da mãe em janeiro.

[155] Louis B. Snyder, *Encyclopedia of the Third Reich* [Enciclopédia do Terceiro Reich] (Nova York: McGraw-Hill, 1976), p. 167.

[156] Tribunal Militar Internacional, Nuremberg, sessão matinal, volume XI, 1946, preservado em National Archives, Washington, D.C.

[157] Müller-Hill, *Todliche Wissenschaft*, p. 83.

[158] *Ibid.*

[159] Von Verschuer morreu em agosto de 1969 depois de permanecer em coma desde setembro de 1968, quando foi atropelado por um veículo ao atravessar uma estrada na chuva.

[160] Helmut von Verschuer, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[161] Snyder, *Encyclopedia*, p. 70.

[162] Ernst Grawitz, um amigo de infância de Himmler, explodiu a si mesmo e à sua família com várias granadas de mão no final da guerra.

[163] Intervenção final da promotoria contra o acusado Gebhardt, “Julgamentos dos Criminosos perante os Tribunais Militares de Nuremberg”, volume I.

[164] Robert E. Conot, *Justice at Nuremberg* [Justiça em Nuremberg] (Nova York: Carroll & Graf, 1983), p. 291.

[165] Autobiografia de Mengele (ver n. 3).

[166] Carta: Gisella Perl para o coronel Damon M. Gunn, Seção de Crimes de Guerra, Divisão de Assuntos Civis, Washington, D.C., novembro de 1947.

[167] Carta: coronel Edward H. Young, diretor da Seção de Crimes de Guerra, para Gisella Perl, 8 de dezembro de 1947.

[168] Carta: Telford Taylor para o Coronel Edward Young, 19 de janeiro de 1948.

[169] Carta: coronel Edward Young, diretor da Seção de Crimes de Guerra, para Gisella Perl, 12 de fevereiro de 1948.

[170] A fonte dos relatos foi um sobrevivente de Auschwitz, Mordka Danielski. Quando contatado em 1985, Danielski não conseguiu se lembrar sequer de ter ouvido que Mengele fora capturado. Ele não tinha ideia de como fora apontado em documentos como fonte da informação errada.

[171] Carta: Agente Especial Benjamin J. Gorby para o oficial comandante, 430ª Unidade do Corpo de Contrainteligência, Viena, abril de 1947.

[172] Os documentos foram desclassificados pelos autores em resposta a um requerimento baseado na Lei de Liberdade de Informação em seguida a um apelo administrativo ao Departamento do Exército, em 31 de agosto de 1983. Gerald Posner foi convocado pelo Senado para testemunhar sobre os documentos e a eventualidade de Mengele ter sido detido por forças americanas.

[173] David Marwell, historiador, Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Divisão de Investigações Especiais, em depoimento prestado perante o CANDLES (Crianças Sobreviventes dos Experimentos de Laboratório Nazistas de Auschwitz), Tribunal Internacional da Verdade sobre Mengele, Terre Haute, Indiana, 15 de novembro de 1985.

[174] *Mengele-Post* (Mengele & Sons newsletter), nº 3/72, # 5 , novembro de 1972.

[175] Julius Diesbach, entrevista pessoal feita por Ricardo Rivas, fevereiro de 1980.

[176] Alois Fischer, entrevista pessoal feita pelo dr. Günther Deschner, julho de 1985.

[177] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[178] Só foram descobertas as identidades de dois dos cinco homens. Um deles era Hans Sedlmeier, um amigo de infância de Mengele, do tempo de escola, e executivo da empresa Mengele. Outro era Adolf Steiner, irmão de Franz Steiner, diretor da subsidiária Karl Mengele em Merano, Itália.

[179] Em dólares, 7 mil dos marcos alemães novos em folha, não muito tempo após a reforma monetária do pós-guerra, não era muito – mas representava uma pequena fortuna na Europa.

[180] Inge Byhan, “This Is Josef Mengele” [Este é Josef Mengele], revista *Bunte* (Munique), 27 de junho de 1985, p. 32.

[181] *Ibid.*

[182] Rolf acredita que a mala talvez contivesse suas anotações de Auschwitz. Complementando isso, a autobiografia de Mengele menciona que um pacote de Sedlmeier continha duas lâminas de vidro com uma amostra de sangue entre elas – também possivelmente de Auschwitz. Sabe-se que Josef Mengele tinha a mala consigo quando entrou na América do Sul, porque ele menciona na autobiografia que os funcionários da alfândega argentina o interrogaram sobre a mala e seu conteúdo. Isso nunca é mencionado de novo. O paradeiro da mala é desconhecido.

[183] Autobiografia de Josef Mengele, em poder da família Mengele.

[184] O arquivo da Cruz Vermelha Internacional sobre Josef Mengele ficou envolto em segredo durante quarenta anos depois da guerra. Só depois de um dos autores, Gerald Posner, testemunhar diante do Senado americano que a Cruz Vermelha Internacional em Genebra se recusava a liberar o arquivo, os Estados Unidos decidiram agir. Com base numa requisição por escrito do secretário de Estado George Shultz, a Cruz Vermelha por fim tornou público o arquivo de Mengele e a informação que ele continha ajudou a esclarecer alguns dos detalhes das providências finais de Mengele para fugir da Europa.

[185] *Ibid.*

[186] Passaporte de Josef Mengele da Cruz Vermelha Internacional, número 100501; arquivado na sede da Cruz Vermelha Internacional em Genebra, Suíça.

[187] Autobiografia de Mengele (ver n. 7).

[188] *Ibid.*

[189] Inge Byhan, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[190] Autobiogradia de Mengele (ver n. 7).

[191] *Ibid.*

[192] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelo professor Norman Stone, junho de 1985.

[193] Autobiografia de Josef Mengele, em poder da família Mengele.

[194] Todas as cartas de Josef Megele para a família e amigos antes de 1973 foram mais tarde queimadas pela família porque eram escritas à mão, e a família temia que sua descoberta identificasse Mengele como autor. Após 1973, as cartas de Mengele eram datilografadas e foram conservadas pela família. Os conteúdos das primeiras cartas foram atestados por Rolf e Irene Mengele.

[195] A atitude de superioridade da Argentina na América Latina é melhor evidenciada por sua ulterior recusa em permitir que o Corpo da Paz operasse no país. Um funcionário argentino disse a um diplomata americano: “Por que a Argentina deveria ter um Corpo da Paz? Vocês mandam algum para a França?”.

[196] Comissão lnvestigadora de Atividades Antiargentinas, relatório número 5, Buenos Aires, 28 de novembro de 1941.

[197] John Gunther, *Inside South America* [Dentro da América do Sul] (Nova York: Harper & Row, 1966), p. 181.

[198] *Buenos Aires Herald*, dezembro de 1945.

[199] Tribunal Militar Internacional, Nuremberg, volume XIII, p. 581, preservado em National Archives, Washington, D.C.

[200] *Seguridad Federal*, *Dirección Coordinación Federal* [órgão argentino de inteligência interna], “Despacho para o Exterior”, Internal Memorandum, Buenos Aires, abril de 1946.

[201] Memorando de Niceforo Alarcon para o ministro da marinha, “Desembarque Alemão em San Clemente del Tuyu”, 18 de abril de 1946, ficha número CF-OP-2315, Federal Coordinación archives, Buenos Aires.

[202] Durante sua estadia na casa de Malbranc, Mengele comprou um cachorro, que a esposa, Irene, pediu que ele chamasse de “Harry Lyons”, em homenagem a um dos parentes americanos dela. Mengele achou que “Harry” não soava como um nome ariano e assim batizou o cachorro de “Heinrich Lyons”.

[203] Willem Sassen, entrevistado por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), november de 1978.

[204] *Ibid*.

[205] Werner Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[206] Arquivos do Corpo de Contrainteligência dos EUA sobre Hans Ulrich Rudel, memorando interno, agosto de 1950.

[207] Arquivo da Agência Central de Inteligência (CIA) sobre Josef Mengele, memorando interno, 18 de julho de 1972.

[208] Dieter Mengele, entrevistado por John Martin para “World News Tonight”, da ABC, 13 de março de 1985.

[209] O Paraguai teve o primeiro partido nazista da América Latina, formado em 1932, e o último a ser dissolvido, em meados de 1946.

[210] Werner Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985; coronel Alejandro von Eckstein, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[211] Entrevista com Jung (ver n. 15).

[212] Entrevista com Von Eckstein (ver n. 15).

[213] Agora artigo 79 da constituição de 1969.

[214] Stroessner foi deposto em 1989 por um golpe de Estado. (N. do T.)

[215] *Ibid.*

[216] Entrevista com Jung (ver n. 15).

[217] Margaret Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[218] Essa estada de vários meses na Calle Tacuari foi a única vez em que Mengele residiu dentro dos limites da cidade; todos os outro lugares em que morou ficavam em subúrbios vizinhos predominantemente alemães.

[219] Elsa Haverich, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[220] José Stroher, entrevista pessoal feita pelos autores, novembro de 1984.

[221] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[222] Hans Sedlmeier, depoimento sob juramento ao juiz alemão ocidental Horst von Glasenapp, 9 de dezembro de 1971.

[223] Empresário judeu, entrevista pessoal feita por John Ware, programa *World in Action*, Granada Television (Londres), junho de 1978.

[224] Gabinete do procurador alemão ocidental, Ficha Técnica Resumida, Frankfurt.

[225] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelo dr. Günther Deschner, junho de 1985.

[226] O *Belgrano* foi afundado pela marinha real britânica na Guerra das Malvinas, em 1983, com a perda de mais de 368 marinheiros argentinos.

[227] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[228] *Ibid.*

[229] Wolfram Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[230] Carta: Marc Turkow ao Congresso Judaico Mundial, Nova York, 12 de agosto de 1960.

[231] Serge Klarsfeld, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[232] Werner Junkers, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[233] Werner Schattman, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[234] "Josef Mengele", documentário da AOR-Television (Colônia, República Federal da Alemanha), 27 de junho de 1985.

[235] Simon Wiesenthal, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1984.

[236] Heinz Truppel, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[237] Elsa Haverich, entrevista da Central Television (ver n. 21).

[238] Tribunal Militar Internacional, Nuremberg, volume 5, p. 412.

[239] Hermann Langbein, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1985.

[240] *Ibid.*

[241] Ficha técnica do indiciamento alemão ocidental, anexada ao mandado de prisão com a data de 5 de junho de 1959, fichário número 22GS 77/59, Frankfurt.

[242] Werner Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[243] Hans Sedlmeier, depoimento sob juramento ao juiz Horst von Glasenapp, 9 de dezembro de 1971.

[244] Margaret Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[245] Entrevista com Langbein (ver n. 2).

[246] *Ibid*.

[247] Ficha técnica do indiciamento alemão ocidental (ver n. 4).

[248] Elsa Haverich, entrevista de base da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], outubro de 1985.

[249] Jeff B. Harmon, "Bowling with Dr. Mengele" [Rolando a Bola com o Dr. Mengele], *Harper's*, julho de 1982.

[250] Coronel Alejandro von Eckstein, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[251] Diário de Josef Mengele, entrada de 12 de março de 1960, em poder da família Mengele.

[252] Entrevista com Von Eckstein (ver n. 13).

[253] Mandado de prisão alemão ocidental para Josef Mengele, com a data de 5 de junho de 1959, Corte Número 22. Emitido pelo juiz Robert Müller.

[254] Relatório da Agência Central de Inteligência sobre Josef Mengele, memorando interno, 18 de julho de 1972.

[255] Cesar Augusto Sanabria, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[256] Entrevista com Von Eckstein (ver n. 13).

[257] Entrevista com Werner Jung (ver n. 5).

[258] Michael Bar-Zohar, *The Avengers* [Os Vingadores] (Londres: A. Baker, 1968), p. 248.

[259] Dr. Otto Biss, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[260] Entrevista com Werner Jung (ver n. 5).

[261] Exame, feito pelos autores, do arquivo da Interpol paraguaia sobre Josef Mengele, Asunción, dezembro de 1984.

[262] O juiz Miltos foi mais tarde nomeado representante paraguaio no Vaticano.

[263] Uma série de subsequentes notícias sensacionalistas de jornal disseram que Mengele de fato compareceu ao funeral usando elaborados disfarces, incluindo um hábito de freira. Petra Kelly, atual membro do Partido Verde no parlamento da Alemanha Ocidental, foi criada em Günzburg. Ela disse: "Todos na cidade falam sobre como Mengele assistiu ao funeral de seu pai. É uma cidadezinha um tanto reacionária. Fui informada por uma freira que Mengele tinha de fato ficado em minha antiga escola no convento, o Instituto Inglês". Informe sobre um avistamento de Mengele veio de Adolf Rogner, que tinha vivido em Auschwitz, onde durante quatro anos trabalhara como engenheiro. "Eu sei de fato que Mengele esteve aqui", disse ele.

Embora o mito em torno da "visita" de Mengele tenha crescido no decorrer dos anos, a evidência esmagadora, incluindo seus próprios diários, é que ele não compareceu ao funeral devido ao pontual

informe que a polícia passou à sua família.

[264] Exame, feito pelos autores, do arquivo da Polícia Federal argentina sobre Josef Mengele, Buenos Aires, novembro de 1984.

[265] Arquivo da Interpol paraguaia (ver n. 24).

[266] Relatório da Secretaria do Tesouro sobre a Interpol, compilado pelo senador Joseph Montoya, 10 de abril de 1975, p. 12.

[267] Certificado de Naturalização de José Mengele, número 809, arquivos da polícia de Asunción.

[268] Isser Harel, *The House on Garibaldi Street* [A Casa na Rua Garibaldi] (Londres: Andre Deutsche, 1975), p. 19.

[269] Sob o comando de Menachem Begin, Irgun planejava manter um grande estoque de armas a ser compartilhado com o exército regular israelense. No último minuto, Begin mudou de ideia sobre compartilhar as armas porque encarava os termos do cessar-fogo que estava sendo negociado pelo governo de Ben-Gurion como muito favorável aos árabes. Por fim, os soldados de Begin prometeram lealdade ao Estado, mas se tornaram uma vigorosa oposição política, transformando-se no Likud dos dias atuais.

O grupo Stern, ainda mais extremista, permaneceu contrário a qualquer acordo de paz e, em 4 de setembro de 1948, assassinou um mediador da ONU depois de ele ter proposto que os árabes ocupassem o deserto de Negev. O assassinato provocou a grande *blitz* de Harel.

[270] *Ibid*., p. 9.

[271] *The House on Garibaldi Street*, Londres: Andre Deutsch, 1975.

[272] Como acontece com todos os nomes de agentes do Mossad dados por Harel na Operação Eichmann, “Nahum Amir” é um pseudônimo.

[273] *Ibid*., p. 219.

[274] Isser Harel, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[275] Os caçadores de nazistas Simon Wiesenthal e Tuvia Friedman, para grande irritação de Harel, reivindicaram diversas vezes que lhes fosse creditada a localização de Eichmann.

[276] *Ibid.*

[277] Seu nome verdadeiro era Klaus, mas ele gostava de dizer que se chamava Nicholas. Dois outros filhos de Eichmann, Horst e Dieter, também costumavam usar seus sobrenomes verdadeiros. Só Adolf Eichmann usava um nome falso, “Ricardo Klement”.

[278] Harel, *The House on Garibaldi Street*, p. 41.

[279] *Ibid*., p. 46.

[280] *Ibid*., p. 219.

[281] *Ibid*., pp. 219-20.

[282] Entrevista com Harel (ver n. 4).

[283] Zvi Aharoni, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[284] Harel, *The House on Garibaldi Street*, p. 220.

[285] *Ibid*., p. 221.

[286] *Ibid*., p. 223.

[287] *Ibid*., p. 224.

[288] *Ibid*., p. 225.

[289] Entrevista com Harel (ver n. 4).

[290] Harel, *The House on Garibaldi Street*, p. 252.

[291] Parte dos documentos foram publicados no livro *Aftermath*, de Ladislas Farago, juntamente com papéis que ele afirmava terem sido escritos pelo SIDE relativos a Bormann e Mengele. Quando da publicação do livro, o governo argentino disse que os textos sobre Bormann e Mengele eram falsificações, mas não fez referência aos que afirmavam que a equipe do Mossad tinha sido detectada.

[292] *Ibid*., p. 288.

[293] Arquivos históricos de *La Nación*, *El Clarín* e *La Prensa* consultados pelos autores, Buenos Aires, novembro de 1984.

[294] Nicholas Eichmann, entrevistado em *La Razón* (Buenos Aires), 27 de dezembro de 1965, p. 2.

[295] Josef Mengele, diário, entrada de 10 de junho de I960, em poder da família Mengele.

[296] Flora Schreiber, “The Satanic Dr. Mengele” [O Satânico Dr. Mengele], *New York Times Syndication Service*, 4 de maio de 1975.

[297] “Josef Mengele”, documentário, ZDF Television, República Federal da Alemanha, 28 de junho de 1985.

[298] Arquivos do juiz federal Jorge Luque relativos ao pedido alemão ocidental de extradição de Josef Mengele, cópias autenticadas da Corte Número 1, Buenos Aires, em poder dos autores.

[299] *Ibid*.

[300] *International Herald Tribune*, edição de Paris, 30 de junho de 1960, citada pelo Congresso Judaico Mundial (Londres), consulta número 2253.

[301] *Ibid*.

[302] Coronel Alejandro von Eckstein, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[303] Margaret Jung, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[304] Werner Schubius, entrevistado por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), novembro de 1978.

[305] Empresário judeu, entrevista pessoal feita por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), junho de 1978.

[306] v

[307] Peter Bensch, entrevista pessoal feita pelos autores, maio de 1985.

[308] Arquivos do juiz Luque (ver n. 5); carta do Ministério do Exterior argentino enviada à embaixada alemã ocidental em Buenos Aires, novembro de 1970.

[309] Juiz Jorge Luque, entrevista pessoal feita pelos autores, novembro de 1984.

[310] *Ibid*.

[311] Arquivos do juiz Luque (ver n. 5); memorando de Carlos Guillermo Daneri, secretário da Polícia Federal, para o juiz Jorge Luque, 2 de julho de 1960.

[312] Vega estava mais interessado em encher os bolsos com propinas que em caçar nazistas. Em 8 de setembro de 1960, ele e cinco outros oficiais de alto escalão da Polícia Federal foram detidos sob uma variedade de acusações de corrupção e participação em organização criminosa. Ao ser levado para a prisão, ele gritou: "É melhor ter policiais levemente corruptos que não ter nenhum policial!".

[313] Comunicado da Polícia Federal argentina, 19 de julho de 1960, arquivos da Polícia Federal, Buenos Aires.

[314] Diário de Josef Mengele, entrada de 18 de setembro de 1960, em poder da família Mengele.

[315] Ex-informante da inteligência israelense, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[316] Diário de Josef Mengele, entrada de 23 de novembro de 1960, em poder da família Mengele.

[317] Inge Byhan, "Joseph Mengele", *Bunte* (Munique), 11 de julho de 1985, p. 33.

[318] "Em seus Últimos Dias na Áustria, Gerhard estava vivendo da Assistência Social", *O Estado de São Paulo*, 11 de junho de 1985, p. 13.

[319] Gitta Stammer, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[320] Segundo os documentos no registro de imóveis local, os Stammer nunca foram donos da fazenda em Nova Europa. Ela foi comprada por um casal austríaco, Anton e Edeltraud Wladeger, em 20 de maio de 1953. Quando foi "vendida" pelos Stammer a Jorge Miguel Marum, em 1962, a escritura foi transferida diretamente dos Wladeger, e os Stammer não aparecem em parte alguma nos registros de imóveis.

[321] Gitta Stammer, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto 1985.

[322] Diário de Josef Mengele, entrada de 15 de janeiro de 1961, em poder da família Mengele.

[323] *Ibid.*

[324] *Ibid.*

[325] Gitta Stammer, entrevista da Central Television (ver n. 3).

[326] "Empregados Testemunharam a Operação", *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), 11 de junho de 1985, p. 5.

[327] *Ibid.*

[328] *Ibid.*

[329] Entrevista com Gitta Stammer (ver n. 2).

[330] "Operação", *Jornal do Brasil*.

[331] Rafi Eitan virou assunto das manchetes nos Estados Unidos em novembro de 1985, mas não por seu trabalho sobre Mengele. Na realidade, foi identificado como chefe da unidade de inteligência israelense que espionara o governo dos Estados Unidos. A investigação que daí resultou terminou na prisão de um oficial militar americano, Jonathan J. Pollard, e num pedido público de desculpas por parte de Israel.

[332] Zvi Aharoni, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[333] Carta: Hans Ulrich Rudel para Wolfgang Gerhard, 3 de fevereiro de 1961, em posse da família Gerhard.

[334] Isser Harel, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[335] Arquivo sobre Josef Mengele da CIA, memorando interno, 1961.

[336] Peter Bensch, entrevista pessoal feita pelos autores, maio de 1985.

[337] "Agente Secreta Caçando o Nazista Mengele Assassinada na Argentina", *La Razón* (Buenos Aires), 13 de março de 1961, p. 12.

[338] Arquivos do juiz federal Jorge Luque relativos ao pedido alemão ocidental de extradição de Josef Mengele, cópias autenticadas da Corte Número 1, Buenos Aires, em poder dos autores; memorando de Vicente Victor Fimiani, comissário da delegacia da Polícia Federal em La Plata, Argentina, para o juiz federal Horacio Raul Rios Centeno, Corte Número 3, Buenos Aires, 11 de maio de 1961.

[339] Arquivos do juiz Luque (ver n. 19); carta da embaixada da República Federal da Alemanha para o ministro das relações exteriores e da cultura, Ministério do Exterior argentino, 24 de julho de 1961, arquivo número DAJ 1263/28521/959 da embaixada alemã ocidental.

[340] Arquivos do juiz Luque (ver n. 19); memorando da sede central da Polícia Federal, Buenos Aires, para o juiz federal Jorge Luque, Corte Número 1, San Martin, Buenos Aires, 15 de dezembro de 1961.

[341] A imprensa sul-americana esteve repleta de histórias sensacionais, mas falsas, acerca de Mengele pelo restante de 1962. A mais imaginativa afirmava que Mengele fora sequestrado por agentes israelenses e estava num vapor carregado de bananas a caminho de Haifa. O vapor atracou em Israel diante de uma representação completa da imprensa. Estava cheio de frutas exóticas mas, infelizmente, sem Mengele.

[342] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto 1985.

[343] Diário de Josef Mengele, entrada de 19 de agosto de 1962, em poder da família Mengele.

[344] Gitta Stammer, entrevista da Central Television (ver n. 3).

[345] *Ibid.*

[346] Entrevista com Gitta Stammer (ver n. 2).

[347] Gitta Stammer, entrevista da Central Television (ver n. 3).

[348] *Ibid.*

[349] Diário de Josef Mengele, entrada de abril de 1962, em poder da família Mengele.

[350] *Ibid.*

[351] Dieter Mengele, filho do irmão mais novo de Mengele, Alois, era nessa época o único garoto com o nome Mengele que vivia com o pai.

[352] Professor Norman Stone, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[353] Em 1985, quando perguntaram a Gitta Stammer se ela daria novamente abrigo a Mengele, sabendo o que então sabia, ela disse: "Acho que… sim… em geral, politicamente falando, ajudamos todo mundo".

[354] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 10 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[355] "A Romance in Serra Negra" [Um Romance em Serra Negra], *O Estado de S. Paulo*, 12 de junho de 1985, p. 16.

[356] Entrevista com Gitta Stammer (ver n. 2).

[357] Wolfram Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a podução da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[358] Diário de Josef Mengele, entrada de 1º de junho de 1962, em poder da família Mengele.

[359] “Exhumation of the Enigma” [Exumação do Enigma], *Veja* (São Paulo), 12 de junho de 1985, p. 22.

[360] Consulta pelos autores do arquivo da Interpol paraguaia sobre Josef Mengele, Asunción, dezembro de 1984.

[361] Ex-informante da inteligência israelense, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[362] Adolf Eichmann, gravado e transcrito por Willem Sassen, 1959; transcrições em poder de *Time-Life, Inc*.

[363] Zvi Aharoni, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[364] *Ibid*.

[365] *Ibid*.

[366] *Ibid*.

[367] Stewart Steven, *Spymasters of Israel* [Mestres da Espionagem de Israel] (Nova York: Ballantine Books, 1980), p. 144.

[368] Isser Harel, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[369] *Ibid*.

[370] Entrevista com Aharoni (ver n. 2).

[371] *Ibid*.

[372] *Ibid*.

[373] Entrevista com Harel (ver n. 7).

[374] Steven, *Spymasters of Israel*, p. 159.

[375] Entrevista com Harel (ver n. 7).

[376] Steven, *Spymasters of Israel*, p. 178.

[377] Entrevista com Harel (ver n. 7).

[378] *Ibid*.

[379] General Meir Amit, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[380] Ex-oficial da inteligência israelense, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[381] Alan Riding, “Nazi Hunter, In a Protest in Paraguay, Demands Mengele’s Arrest” [Caçadora de Nazistas, num Protesto no Paraguai, Exige a Prisão de Mengele], *The New York Times*, 25 de maio de 1985, p. 23.

[382] É indiscutível que os caçadores mais amadores olhavam a maior parte do tempo para o Paraguai. Mas também havia atividade policial em países vizinhos Em 1964, a Polícia Federal argentina irrompeu num complexo instalado na selva do norte do país e prendeu um excêntrico médico húngaro, de 71 anos, sob a suspeita de que fosse Mengele. No Brasil, circularam relatos na imprensa de que um agente israelense

que seguia Mengele de perto fora morto. E, no Rio de Janeiro, uma ex-interna de Auschwitz desmaiou quando viu um homem que pensou ser Mengele. Não obstante, o Paraguai continuou a ser o foco da caçada.

[383] Philip S. Gutis, “Bonn Said to Have Tried to Buy Mengele Extradition” [Bonn Disse que Tentou Comprar a Extradição de Mengele], *The New York Times*, 10 de junho de 1985, p. 3; “Paraguay Keeps Mengele” [Paraguai Protege Mengele], *La Nación* (Buenos Aires), 26 de novembro de 1970, p. 34.

[384] “Mengele in Paraguay, Say Germans” [Mengele no Paraguai, Dizem os Alemães], *La Prensa* (Buenos Aires), 8 de fevereiro de 1964.

[385] Embaixador Benno Weiser Varon, entrevista pessoal feita pelos autores, maio de 1978; coronel Alejandro von Eckstein, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1984.

[386] “An Offer for the Capture of Mengele, Who is Hiding in Paraguay” [Uma Oferta pela Captura de Mengele, que Está Escondido no Paraguai], *El Clarín* (Buenos Aires), 7 de julho de 1964.

[387] Bernd Naumann, *Auschwitz* (Londres: Pall Mall Press, 1966), p. 93.

[388] “Mengela Reward” [Recompensa por Mengele], *O Globo* (Rio de Janeiro), 9 de julho de 1964.

[389] No meio dessa agitação diplomática entre Paraguai e Alemanha Ocidental, um repórter da revista *Bild Zeitung* visitou Günzburg para escrever sobre a cidade natal de Mengele. Em 8 de julho ele ficou inconsciente ao ser espancado por um grupo de jovens. Não foram feitas prisões.

[390] “The German Prosecutor Insists that Mengele Is Hiding in Paraguay, and that the Authorities of That Country Are Not Doing Anything to Find Him” [O Procurador Alemão Insiste que Mengele Está se Escondendo no Paraguai e que as Autoridades desse País Não Estão Fazendo Nada para Encontrá-lo], *La Razón* (Buenos Aires), 10 de julho de 1964, p. 2.

[391] “German Prosecutor Says Mengele Hiding in Paraguay” [Procurador Alemão Diz que Mengele está se Escondendo no Paraguai], *El Clarín* (Buenos Aires), 1º de julho de 1964.

[392] “The Story that Israeli Commandos Are Trailing Mengele in Fantasy, Says Paraguay” [A História de que Comandos Israelenses Estão no Rastro de Mengele é Fantasia, diz Paraguai], *La Razón* (Buenos Aires), 23 de setembro de 1964.

[393] De fato a correspondência particular de Mengele mostra que ele e Rudel mantiveram contato pelo resto de suas vidas. Rudel, inclusive, pretendia visitar Mengele em 1978, mas teve que adiar a viagem devido a um tratamento médico na Clínica Mayo, nos Estados Unidos.

[394] *Der Spiegel*, Cartas ao Editor, 19 de agosto de 1964.

[395] Em 31 de maio de 1985, a Polícia Federal alemã ocidental deu uma batida na casa de Sedlmeier e descobriu cartas de Mengele, que levaram diretamente aos protetores sul-americanos e ao túmulo no Brasil. Segundo Rolf, a batida de 1985 foi bem-sucedida porque não só o contato de Sedlmeier na polícia local tinha se aposentado, mas o caso Mengele chegara a um nível tão alto na hierarquia do governo federal que a polícia local não podia mais interferir.

[396] Carta: Divisão de Registro, Johann Wolfgang Goethe University (Frankfurt) aos autores, 7 de junho de 1985.

[397] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, 1974, em poder da família Mengele.

[398] “Paraguayans Consistent – Mengele Not Here” [Paraguaios Insistem – Mengele Não Está Aqui], *El Clarín* (Buenos Aires), 1º de junho de 1966.

[399] Hubert Krier, entrevistado por Felix Kuballa para o documentário “Mengele” da ADR Television, República Federal da Alemanha, 27 de junho de 1985.

[400] Coronel Alejandro von Eckstein, entrevistado por John Martin para “World News Tonight”, da ABC Television, 2 de abril de 1985.

[401] The *New York Times*, Obituário, 2 de julho de 1968, p. 26.

[402] Entrevista com Varon (ver n. 4).

[403] Benno Weiser Varon, “Living with Mengele” [Vivendo com Mengele], *Midstream*, dezembro de 1983, p. 28.

[404] *Ibid*., pp. 25-6.

[405] *Ibid*., p. 27.

[406] Benno Weiser Varon, entrevistado por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), novembro de 1978.

[407] Benno Weiser Varon, “Living with Mengele” [Vivendo com Mengele], *Midstream*, dezembro de 1983, pp. 27-8.

[408] *Ibid*., p. 28.

[409] *Ibid*., p. 26.

[410] “Wiesenthal’s Last Hunt” [A Última Caçada de Wiesenthal], *Time*, 26 de setembro de 1977, pp. 36-8.

[411] *The Murderers Among Us* (Londres: Heinemann, 1967).

[412] Simon Wiesenthal, *The Murderers Among Us* [Os Assassinos entre Nós] (Londres: Heinemann, 1967), p. 151; (NovaYork: McGraw-Hill, 1967).

[413] *Ibid*., p. 152.

[414] Ottmar Katz, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[415] Boletim de Simon Wiesenthal, item 13, edição de 1978.

[416] Benno Weiser Varon, “Living with Mengele” [Vivendo com Mengele], *Midstream*, dezembro de 1983, p. 24.

[417] *Midstream*, Cartas ao Editor, maio de 1984.

[418] *Ibid*., junho de 1984.

[419] Tom Bower, “What Next for the Mengele Industry” [O que Vem Agora na Indústria de Mengele], *Times* (Londres), 14 de junho de 1985, p. 14.

[420] Michael Bar-Zohar, *The Avengers* [Os Vingadores] (Londres: A. Baker, 1968), pp. 200-01.

[421] Tanto Wiesenthal quanto Friedman afirmam ter encontrado Adolf Eichmann. Wiesenthal diz que provou que Eichmann ainda estava vivo; Friedman diz que as primeiras palavras de Eichmann para os sequestradores israelenses foram: “Qual de vocês é Friedman?”. Isser Harel, chefe da equipe do Mossad que capturou Eichmann, nega que algum dos dois caçadores de nazistas tenha desempenhado algum papel na localização de Eichmann.

[422] Varon, “Living with Mengele”, pp. 26-7.

[423] *Ibid*., p. 26.

[424] William Orbello, entrevista pessoal feita pelos autores, outubro de 1984.

[425] “Nazi Murder Investigation Heats Up” [Investigação de Assassinato de Nazista Ganha Fôlego], *La Razón* (Buenos Aires), 12 de março de 1965, p. 1.

[426] Jack Anderson,“How Search for Mengele Uncovered Herbert Cukurs” [Como a Busca por Mengele Revelou Herbert Cukurs], *United Feature Syndicate*, 28 de agosto de 1977.

[427] Ex-oficial da inteligência israelense, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, dezembro de 1985.

[428] Wiesenthal, *Murderers*, pp. 158-59.

[429] Bar-Zohar, *Avengers*, p. 246.

[430] Coronel Alejandro von Eckstein, entrevista pessoal feita pelos autores, novembro de 1984.

[431] “Nazi Mengele Caught on Film” [Nazista Mengele Captado em Filme], *Crónica* (Buenos Aires), 1º de outubro de1966; “Brazilian Takes Mengele Picture” [Brasileiro Tira Foto de Mengele], *La Razón* (Buenos Aires), 20 de janeiro de 1967.

[432] “The Trail of Mengele” [O Rastro de Mengele], *Gente* (Buenos Aires), 25 de agosto de 1967, p. 34.

[433] “Ex-Nazi Pinpoints Bormann and Mengele” [Ex-nazista Localiza Bormann e Mengele], *Crónica* (Buenos Aires), 2 de janeiro de 1967, p. 1.

[434] “Mengele Not in Cascavel” [Mengele Não Está em Cascavel], *La Prensa* (Buenos Aires), 6 de julho de 1967.

[435] *Ibid*.

[436] “Mengele Captured in Brazil” [Mengele Capturado no Brasil], *La Razón* (Buenos Aires), 7 de maio de 1966.

[437] “Bormann Alive Says Ex-Nazi” [Bormann Está Vivo, diz Ex-Nazista], *The New York Times*, 1º de janeiro de 1968, p. 31.

[438] Erich Erdstein, entrevista pessoal feita pelos autores, setembro de 1984.

[439] *Ibid*.

[440] *Ibid*.

[441] Arquivo da CIA sobre Josef Mengele, memorando interno, novembro de 1970.

[442] *Ibid*.

[443] Em suas cartas, Mengele se queixava com frequência de que a família não estava lhe fornecendo dinheiro suficiente. Tanto Mengele quanto Geza Stammer acharam o carro muito pequeno e barato. Stammer acabou reunindo um dinheiro extra e comprou um carro maior. Mengele escreveu uma carta amarga para Günzburg contando sobre o novo e “luxuoso” carro, comprado sem a assistência da família.

[444] Diário de Josef Mengele, entrada de 7 de junho de 1962, em posse da família Mengele.

[445] Gitta Stammer, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[446] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[447] Diário de Josef Mengele, entrada de 6 de fevereiro de 1961, em poder da família Mengele.

[448] “Employees Witnessed the Operation” [Empregados Testemunharam a Operação], *Jomal do Brasil* (Rio de Janeiro), 11 de junho de 1985, p. 5.

[449] Os escritos de Mengele apresentam opiniões conflitantes com relação a Hitler. Numa carta para Rolf datada de 17 de agosto de 1975, Mengele se referia a Hitler como o “Homem do Século” e comparava seu regime “aos de Alexandre o Grande, Carlos XII da Suécia, Frederico o Grande (da Prússia) ou Napoleão”. Contudo, numa entrada do diário em 27 de julho de 1962, Mengele não foi tão elogioso. Escreveu que Hitler “foi uma mistura de inteligência brilhante com uma pequena soma de educação superficial, o que necessariamente levava a ideias falhas e equivocadas”.

[450] Gitta Stammer, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[451] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 3).

[452] “Mengele Remembered by Employees” [Mengele Lembrado por Empregados], *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), 11 de junho de 1985, p. 5.

[453] *Ibid*.

[454] Wolfram Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[455] Liselotte Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[456] Wolfram Bossert, entrevista da Central Television (ver n. 10).

[457] *Ibid*.

[458] Manfred von Conta e Hans-Werner Hübner, “The Complication” [A Complicação], *Stern* (Hamburgo), 27 de junho de 1985, p. 55.

[459] *Ibid*., p. 58.

[460] Codinome dado por Mengele a Wolfram Bossert.

[461] Diário de Josef Mengele, entrada de 18 de agosto de 1969, em poder da família Mengele.

[462] Gitta Stammer, entrevista da Central Television (ver n. 2).

[463] Liselotte Bossert, entrevista da Central Television (ver n. 11).

[464] Embora as cartas de Mengele para a família tenham começado no início dos anos 1950, a família conservou apenas as cartas de 1973 em diante. As primeiras cartas eram escritas à mão e a família temia que, se fossem descobertas pelas autoridades, a caligrafia pudesse ser identificada como a de Mengele. As cartas de 1973 em diante são datilografadas (a máquina de escrever encontrada na casa de Mengele pela polícia brasileira em 1985 combina com os tipos nas cartas enviadas para a família durante a década de 1970). Mengele assinava as cartas com o codinome “Dein”. Segundo Rolf, depois que começou a datilografar as cartas, Mengele escreveu muito mais para a família do que nos quize anos anteriores.

[465] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 10 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[466] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 6 de janeiro de 1978, em poder da família Mengele.

[467] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 4 de agosto de 1978, em poder da família Mengele.

[468] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, fevereiro de 1986.

[469] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, por volta do início de 1973, em poder da família Mengele.

[470] *Ibid*.

[471] *Ibid*.

[472] Carta: Wolfram Bossert para Wolfgang Gerhard, citando Mengele, 17 de agosto de 1972, em poder da família Gerhard.

[473] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, em meados de 1973, em poder da família Mengele.

[474] Mengele se referia com frequência a Karl Heinz como filho porque fora seu padrasto na Argentina e, pelo menos em teoria, continuava a ser, já que ele e a mãe de Karl Heinz nunca haviam se divorciado.

[475] *Ibid*.

[476] Manfred von Conta e Hans-Werner Hübner, "The Complication" [A Complicação], *Stern* (Hamburgo), 27 de junho de 1985, p. 54.

[477] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, março de 1974, em poder da família Mengele.

[478] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, por volta do início de 1974, em poder da família Mengele.

[479] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, em meados de 1974, em poder da família Mengele.

[480] *Ibid*.

[481] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, outono de 1974, em poder da família Mengele.

[482] Gitta Stammer, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[483] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele (ver n. 16).

[484] Wolfram Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office "The Search for Mengele" [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[485] "German President Says Mengele in Paraguay" [Presidente alemão diz que Mengele está no Paraguai], *El Clarín* (Buenos Aires), 10 de novembro de 1970; "Extradition Difficult in Mengele Matter" [Extradição Difícil no Caso Mengele], *La Opinión* (Buenos Aires), 3 de fevereiro de 1976.

[486] "Paraguayan Ambassador Denies Reports on Mengele" [Embaixador Paraguaio Nega Relatórios sobre Mengele], *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), 19 de novembro de 1970.

[487] Se a Alemanha Ocidental tivesse oferecido essa quantia ao público, não sob a forma de ajuda extra ao governo paraguaio como fizera o ex-chanceler Konrad Adenauer, poderia muito bem ter conseguido levar Mengele aos tribunais. Embora fosse improvável que os Bossert e os Stammer pudessem ser comprados, havia duas outras pessoas que ficaram conhecendo a verdadeira identidade de Mengele em São Paulo antes que ele morresse e ambas disseram que a tentação de uma soma significativa teria sido muito grande. Quando recompensas particulares e do governo totalizaram, 3,5 milhões de dólares, em 1985, Mengele já estava morto há seis anos.

[488] "Reward for Capture of Mengele" [Recompensa pela Captura de Mengele], *La Nación* (Buenos Aires), 21 de janeiro de 1971.

[489] Zvi Zamir, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1978.

[490] "Megele's Wife Prefers Silence" [Esposa de Mengele Prefere Silêncio], *Novella* (Buenos Aires), 11 de fevereiro de 1971.

[491] Hans Sedlmeier, depoimento sob juramento ao juiz alemão ocidental Horst von Glasenapp, 9 de dezembro de 1971.

[492] *Ibid*.

[493] Horst von Glasenapp, entrevista pessoal feita pelos autores, maio de 1985.

[494] *Ibid*.

[495] *Ibid*.

[496] Carta: Ian McColl para Ladislas Farago, 27 de abril de 1973, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[497] *Ibid*.

[498] Carta: Ladislas Farago para Ian McColl, 3 de maio de 1973, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[499] Ladislas Farago, *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich* [Na sequência: Martin Bormann e o Quarto Reich] (Nova York: Simon & Schuster, 1974), p. 10.

[500] Carta: Hugh Trevor-Roper para Ladislas Farago, 3 de janeiro de 1973, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[501] Carta: Hugh Trevor-Roper para Ladislas Farago, 1º de abril de 1974, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[502] Fotocópia de cheque pessoal de Ladislas Farago datado de 18 de janeiro de 1973; memorando de Ladislas Farago para Joel Weinberg, advogado, janeiro de 1973, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[503] Entrevista com Von Glasenapp (ver n. 8).

[504] Carta: Horst von Glasenapp para Ladislas Farago, 9 de abril de 1973, Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[505] Carta: Horst von Glasenapp para Ladislas Farago, 19 de agosto de 1973, Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[506] Rascunho do manuscrito de *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*, p. 520, em poder de Coleções Especiais, Universidade de Boston.

[507] Arquivo sobre Josef Mengele da CIA, memorando interno, 7 de junho de 1974.

[508] Horst von Glasenapp, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[509] Horst von Glasenapp, entrevistado por John Ware para “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), novembro de 1978.

[510] Carta: Josef Mengele para Wolfgang Gerhard, por volta de 1976, em poder da família Gerhard.

[511] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, por volta de fevereiro de 1975, em poder da família Mengele.

[512] *Ibid*.

[513] “Mengele on the Run: Two Protectors Speak” [Mengele em Fuga: Falam Dois Protetores], *International Herald Tribune*, 11 de junho de 1985, p. 1.

[514] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, início de 1975, em poder da família Mengele.

[515] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, meados de 1975, em poder da família Mengele.

[516] *Ibid.*

[517] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, por volta de. 17 de agosto de 1975, em poder da família Mengele.

[518] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, por volta de setembro de 1975, em poder da família Mengele.

[519]

[520] Carta: Wolfram Bossert para Wolfgang Gerhard, por volta de 1976, em poder da família Gerhard.

[521] "'Santiago' Identified as Mengele Helper" ["'Santiago' Identificado como Ajudante de Mengele"], *Folha de S. Paulo*, 12 de junho de 1985, p. 15.

[522]

[523] Bossert foi um amigo que não ficou surpreso por Mengele ter sofrido um derrame. Ele escreveu mais tarde a Sedlmeier: "Estou convencido de que o derrame foi devido a uma obstrução interna porque ele não tem vida profissional […]. Sua natureza explosiva é imposta às pessoas com quem vive. O repentino isolamento após dez anos de relativa segurança […] juntamente com o estresse generalizado e a preocupação com a sobrevivência […] provocaram o derrame".

[524] Um dos principais problemas com que se defrontaram os cientistas forenses que examinaram os ossos exumados do túmulo no Embu, perto de São Paulo, em junho de 1985, foi a ausência de registros médicos recentes de Mengele. O Hospital Santa Marta foi incapaz de auxiliar, pois destruíam os registros depois de cinco anos. Só o que estava disponível era a ficha de internação de Mengele com o nome falso que ele usava – Wolfgang Gerhard –, o tempo em que ficou internado, a doença e o nome do médico responsável pelo tratamento.

[525]

[526] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 14 de janeiro de 1977, em poder da família Mengele.

[527] Ernesto Glawe, entrevistado por John Quinnones para "World News Tonight", da ABC Television, junho de 1985.

[528] *Ibid.*

[529] "Santiago", *Folha de S. Paulo*.

[530] Carta: Josef Mengele para Wolfgang Gerhard, por volta de 1976, em poder da família Gerhard.

[531] Carta: Mengele para Sedlmeier (ver n. 15).

[532] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 6 de janeiro de 1978, em poder da família Mengele.

[533] Ernesto Glawe, entrevista na ABC (ver n. 16).

[534] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 10 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[535] James M. Markham, "Mengele 'Double' Called Fervid Nazi" ["'Sósia' de Mengele se autodenominava Nazista Fervoroso"], *The New York Times*, 13 de junho de 1985, p. 5.

[536] Carta: Mengele para Sedlmeier (ver n. 13).vv

[537] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, por volta de 1976, em poder da família Mengele.

[538] Desde agosto de 1984, Karl Heinz foi listado como sócio comanditário na Mengele & Sohne Maschinenfabrik & Eisengiesserei Gmbh & Co., com ações no valor de 3,5 milhões de marcos alemães, aproximadamente 1,25 milhões de dólares.

[539] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 14 de junho de 1977, em poder da família Mengele.

[540] Inge Byhan, “No Regrets” [Sem Remorsos], *Bunte* (Munique), 18 de julho de 1985, p. 114.

[541] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 8 de julho de 1977, em poder da família Mengele.

[542] Carta: Mengele para Sedlmeier (ver n. 15).

[543] Jaime dos Santos, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[544] Carta: Mengele para Sedlmeier (ver n. 29).

[545] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 10 de agosto de 1978, em poder da família Mengele.

[546] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 18 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[547] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 1º de setembro de 1977, em poder da família Mengele.

[548] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, em meados de 1975, em poder da família Mengele.

[549] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, abril de 1977, em poder da família Mengele.

[550] *Ibid.*

[551] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 4 de maio de 1977, em poder da família Mengele.

[552] *Ibid.*

[553] *Ibid.*

[554] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 27 de maio de 1977, em poder da família Mengele.

[555] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 30 de junho de 1977, em poder da família Mengele.

[556] Carta: Hans Sedlmeier para Rolf Mengele, 8 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[557] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 10 de agosto de 1977, em poder da família Mengele.

[558] Carta: Hans Sedlmeier para Josef Mengele, 1º de setembro de 1977, em poder da família Mengele.

[559] Carta: Sedlmeier para Mengele (ver n. 10).

[560] Embora Busse fosse um amigo, Rolf não o deixou a par de sua viagem secreta. Meses mais tarde, Busse mencionou a Rolf que tinha perdido misteriosamente o passaporte. Rolf fingiu ignorância, solidarizando-se com ele.

[561] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[562] *Ibid.*

[563] *Ibid.*

[564] *Ibid.*

[565] *Ibid.*

[566] Liselotte Bossert, entrevista de apoio na Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[567] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, por volta de fins de 1977, em poder da família Mengele.

[568] Carta: Josef Mengele para Rolf e Almuth Mengele, 6 de janeiro de 1978, em poder da família Mengele.

[569] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[570] Carta: Josef Mengele para Rolf Mengele, por volta de fins de 1977, em poder da família Mengele.

[571] Elsa Gulpian de Oliveira, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[572] *Ibid*.

[573] *Ibid*.

[574] *Ibid*.

[575] Carta: Josef Mengele para Hans Sedlmeier, 3 de outubro de 1978, em poder da família Mengele.

[576] *Ibid*.

[577] *Ibid*.

[578] Carta: Josef Mengele para Rolf e Almuth Mengele, 23 de junho de 1978, em poder da família Mengele.

[579] Inez Mehlich, entrevista pessoal feita pelos autores, junho de 1985.

[580] Wolfram Bossert, entrevista de apoio da Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[581] *Ibid*.

[582] “Anonymous Tourist at the Beaches of Bertioga” [Turista Anônimo nas Praias de Bertioga], *O Estado de S. Paulo,* 12 de junho de 1985, p. 16.

[583] Rolf Mengele, entrevistado pela ZDF Television para o documentário “Mengele”, República Federal da Alemanha, 27 de junho de 1985.

[584] Carta: Wolfram Bossert para Hans Sedlmeier, fevereiro de 1979, em poder da família Mengele.

[585] Liselotte Bossert, entrevistada pela Central Television (Londres) para a produção da Home Box Office “The Search for Mengele” [A Busca de Mengele], agosto de 1985.

[586] Carta: Bossert para Sedlmeier (ver n. 2).

[587] *Ibid*.

[588] “Wiesenthal’s Last Hunt” [A Última Caçada de Wiesenthal], *Time*, 26 de setembro de 1977, pp. 36-8.

[589] Carta: Douglas J. Bennett, Jr. para o senador Alan Cranston, 19 de janeiro de 1978; pasta do Departamento de Estado sobre Josef Mengele.

[590] Telegrama do Departamento de Estado para a embaixada dos Estados Unidos em Asunción, 25 de abril de 1978; pasta do Departamento de Estado sobre Josef Mengele.

[591] Embaixada dos Estados Unidos, Asunción, telegrama para o Departamento de Estado, Washington, D.C., 26 de abril de 1978; pasta do Departamento de Estado sobre Josef Mengele.

[592] Robert White, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1985.

[593] “The Hunt for Dr. Mengele” [A Caçada ao Dr. Mengele], programa *World in Action*, Granada Television (Londres), novembro de 1978.

[594] Resolução do Senado dos Estados Unidos # 184, 19 de junho de 1979.

[595] Entrevista com White (ver n. 10).

[596] *Ibid.*

[597] Empresário de Nova York, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, outubro de 1984.

[598] Memorando legal, em poder da sra. Sheila Dekel.

[599] Jerome Sanford, "How Close Was Mengele to Being Nabbed in Miami" [Quão Perto Mengele Esteve de Ser Capturado em Miami], *Jewish Floridian,* 27 de abril de 1984, p. 1.

[600] *Ibid.*

[601] Dieter Mengele visitou Miami várias vezes no final dos anos 1970; dizia que tinha uma namorada judia lá. Disse a John Martin da ABC News que, quando voltou em 1983 com a esposa e Rudi, um amigo idoso de Günzburg, o FBI confundiu Rudi com seu tio fugitivo. O FBI fora alertado por um casal de meia-idade que os Mengele tinham se encontrado na praia. Dieter dera ao casal seu nome verdadeiro e, durante a conversa, falou da empresa na Alemanha. No dia seguinte, o FBI chegou ao quarto de hotel de Dieter e o interrogou sobre o amigo Rudi. O casal da praia era judeu e os dois disseram ao FBI que achavam que Rudi poderia ser o próprio Mengele.

[602] Arquivo de Josef Mengele na CIA, memorando interno, 31 de julho de 1972.

[603] Memorando da CIA para Louis Bachrach, chefe de operações de inteligência da Drug Enforcement Agency [Agência de Combate às Drogas], 30 de novembro de 1973; arquivo sobre Josef Mengele na CIA.

[604] O agente de Klarsfeld pode ter encontrado o passaporte de Busse, mas perdeu um troféu muito mais importante. No apartamento de Rolf havia duas malas com quase 15 quilos dos escritos pessoais de Mengele. Elas foram desprezadas na busca supostamente completa.

[605] Serge Klarsfeld, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1985.

[606] Peggy Caldwell, relatório escrito relativo à comparação de fotos de possíveis suspeitos de serem Mengele, março de 1985, em poder dos autores.

[607] Serge Klarsfeld, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1985.

[608] Investigações mostraram que Mengele não esteve sob custódia americana em abril de 1947. Mas esteve em mãos americanas, usando seu nome verdadeiro, durante o verão de 1945. Ver Capítulo 3.

[609] William French Smith, citado pela Associated Press, 6 de fevereiro de 1985.

[610] Stephen Trott, declaração perante a Subcomissão de Justiça Juvenil do Senado dos Estados Unidos, 19 de março de 1985.

[611] O U.S. Marshals acreditava que o melhor meio de encontrar Mengele era usar um grupo de informantes, mesmo que de reputação duvidosa, por toda a América do Sul. À custa de contribuintes americanos, chegaram mesmo a empregar, como consultor, o correspondente alemão que, seis meses antes, fora o principal defensor da tese de que Mengele estava vivo e vivendo bem no Uruguai.

[612] Dan Patir, entrevista pessoal feita pelos autores, abril de 1985.

[613] Ex-oficial da inteligência israelense, nome não mencionado a pedido, entrevista pessoal feita pelos autores, julho de 1985.

[614] Dieter Mengele, entrevistado por John Martin para “World News Tonight” da ABC Television, 13 de março de 1985.

[615] Dieter estava se referindo a Karl Jr. Na realidade, ele morreu aos 39 anos de idade.

[616] *Ibid.*

[617] *Ibid.*

[618] Rolf Mengele, entrevista pessoal feita pelos autores, agosto de 1985.

[619] *Ibid.*

[620] Ralph Blumenthal, “Mengele Trail: Clues of Paper, Then of People” [Rastro de Mengele: Pistas de Papel, Depois de Pessoas], *The New York Times*, 23 de junho de 1985, p. 16.

[621] *Ibid.*

[622] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 9).

[623] Neil Sher, citado pela Associated Press, 21 de abril de 1985.

[624] O pedido de extradição de Wagner foi rejeitado pelo Supremo Tribunal Federal Brasileiro depois de Wagner ter pleiteado com êxito estar protegido pelo estatuto das prescrições penais. Ele cometeu suicídio em 1980, enquanto estava na prisão.

[625] O ego de Mengele está evidente na escolha do título para esse livro autobiográfico. “Que Haja Luz” é também o nome do primeiro livro do Gênesis na Bíblia.

[626] Blumenthal, “Mengele Trail”.

[627] Embora a polícia encontrasse uma substancial quantidade dos papéis de Mengele com os Bossert, não acharam algumas páginas do diário, um certo número de fotos e duas gravações com as vozes de Mengele, Wolfram Bossert e Wolfgang Gerhard, que estavam escondidos no sítio onde os Bossert passavam os fins de semana. Repórteres da revista *Stern* persuadiram os Bossert a se desfazerem desse material por um valor declarado de 80 mil marcos alemães, cerca de 30 mil dólares, antes que a polícia ficasse sabendo de sua existência.

[628] Neil Sher, entrevista pessoal feita pelos autores, novembro de 1985.

[629] Analista da Divisão de Investigações Especiais, nome não mencionado a pedido, junho de 1985.

[630] Simon Wiesenthal, entrevistado em “Nightline”, da ABC Television, 7 de junho de 1985.

[631] Beate Klarsfeld, entrevistada em “Nightline”, da ABC Television, 7 de junho de 1985.

[632] Isser Harel, citado pela Associated Press, 9 de junho de 1985.

[633] Os peritos trabalhavam com base na suposição de que Mengele tinha quebrado o quadril. Essa informação veio de Simon Wiesenthal, que disse que Mengele havia fraturado o quadril num acidente de moto em Auschwitz. Seu registro na SS mostrava que ele teve um acidente e que ficou ferido, mas não havia registro de fratura. Por coincidência, os cientistas de fato encontraram uma antiga fratura de quadril que fora curada. Rolf Mengele e sua mãe disseram que Josef Mengele não quebrou um quadril em Auschwitz e que o devia ter quebrado depois de deixar a Europa em 1949.

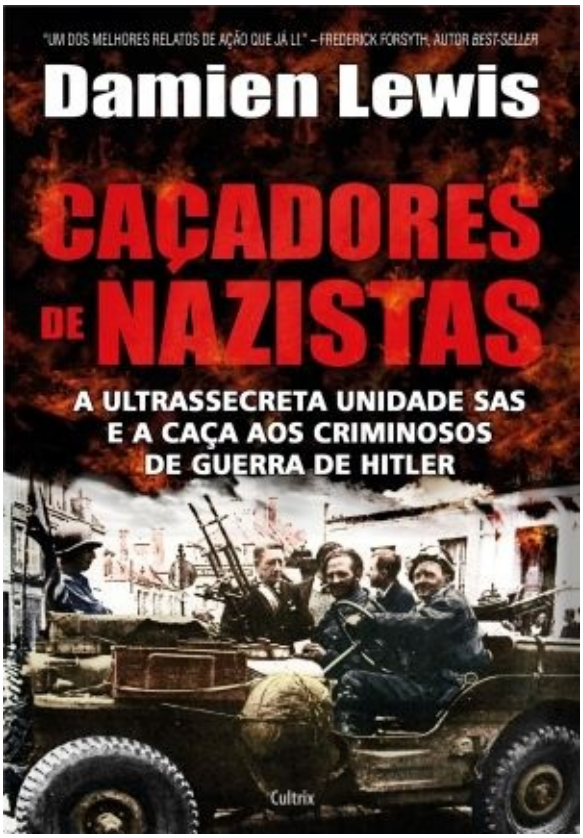
[634] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 9).

[635] James K. Markham, “Mengele’s Son Asserts Body Is His Father’s” [Filho de Mengele Afirma que Corpo é o de Seu Pai], *The New York Times*, 12 de junho de 1985, p. 1.

[636] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 9).

[637] “Go-Between Tells of Trips to Brazil” [Intermediário Fala de Viagens ao Brasil], referindo-se a Hans Sedlmeier, *The New York Times*, 13 de junho de 1985, p. 1.

[638] Entrevista com Rolf Mengele (ver n. 9).


"UM DOS MELHORES RELATOS DE AÇÃO QUE JÁ LI." – FREDERICK FORSYTH, AUTOR BEST-SELLER
Damien Lewis
CAÇADORES DE NAZISTAS
A ULTRASSECRETA UNIDADE SAS E A CAÇA AOS CRIMINOSOS DE GUERRA DE HITLER
Cultrix

Caçadores de Nazistas

Lewis, Damien
9788531613609
392 páginas

Compre agora e leia

Damien Lewis nos conta uma história incrível, até então inimaginável, do capítulo mais secreto da história do Serviço Aéreo Especial (SAS) britânico. Oficialmente, o SAS foi dissolvido no final da Segunda Guerra Mundial e não voltou à ativa até a década de 1950. Lewis nos revela que, na realidade, o SAS nunca foi extinto. A unidade continuou existindo sob o comando do próprio Winston Churchill e foi mantida em segredo até mesmo do governo, sendo paga e equipada graças a um orçamento clandestino. Os Caçadores perseguiram os criminosos de guerra e os comandantes da SS e descobriram, antes de todos, os horrores do regime de Hitler e alguns dos mais tenebrosos segredos da nova guerra: a Guerra Fria e a

crescente ameaça da Rússia de Stalin.

Compre agora e leia

SUSAN DAVID, Ph.D.

Agilidade Emocional

Abra sua Mente, Aceite as Mudanças e Prospere no Trabalho e na Vida



"Susan David combina, nesta obra, pesquisas convincentes, um estilo envolvente e uma sabedoria prática para mostrar como criar uma mudança significativa em nossa vida para sermos mais felizes e realizados."

PETER SALOVEY, psicólogo e presidente da Universidade Yale

Cultrix

Agilidade Emocional

Ph.D., Susan David

9788531614552

296 páginas

Compre agora e leia

O caminho em direção à realização pessoal e profissional nunca é uma linha reta. Mas o que separa aqueles que vencem os desafios daqueles que fracassam? Para a renomada psicóloga e professora da Escola de Medicina de Harvard, Susan David, a resposta é uma: Agilidade Emocional. Depois de estudar por mais de 20 anos as emoções e autorealização, Susan descobriu que, por mais inteligentes ou criativas que as pessoas sejam, é a maneira como lidam com seu mundo que determina o quanto serão felizes e bem-sucedidas em todas as áreas da vida. Primeiro lugar na lista dos mais vendidos do The Wall Street Journal, Agilidade Emocional apresenta, com sagacidade e empatia, uma abordagem revolucionária

para lidar com as reviravoltas da vida para atingir seus objetivos mais importantes com sucesso.

Compre agora e leia


OS
HOMENS
EXPLICAM
TUDO
PARA
MIM
REBECCA SOLNIT
Cultrix

Os homens explicam tudo para mim

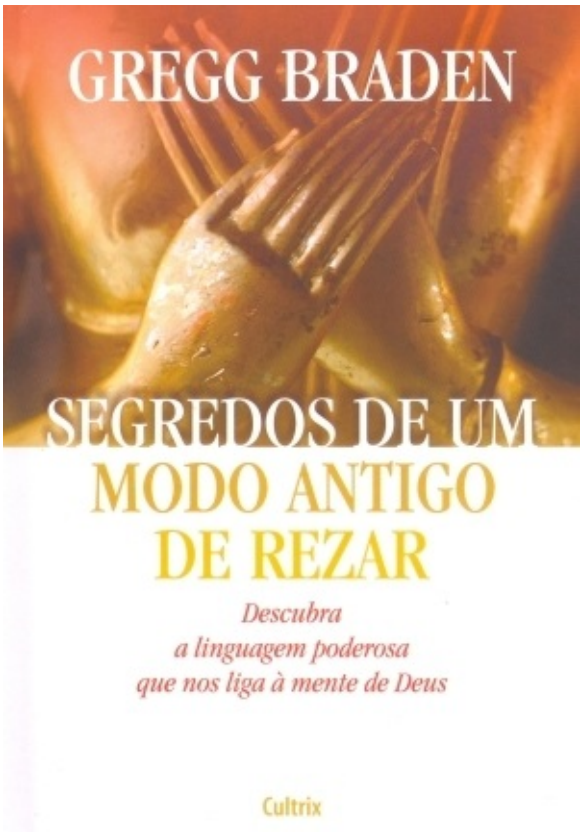
Solnit, Rebecca
9788531614231
208 páginas

Compre agora e leia

Em seu ensaio icônico "Os Homens Explicam Tudo para Mim", Rebecca Solnit foca seu olhar inquisitivo no tema dos direitos da mulher começando por nos contar um episódio cômico: um homem passou uma festa inteira falando de um livro que "ela deveria ler", sem lhe dar chance de dizer que, na verdade, ela era a autora. A partir dessa situação, Rebecca vai debater o termo mansplaining, o fenômeno machista de homens assumirem que, independentemente do assunto, eles possuem mais conhecimento sobre o tema do que as mulheres, insistindo na explicação, quando muitas vezes a mulher tem mais domínio do que o próprio homem. Por meio dos seus melhores textos feministas, ensaios

irônicos, indignados, poéticos e irrequie-tos, Solnit fala sobre as diferentes manifestações de violência contra a mulher, que vão desde silenciamento à agressão física, violência e morte. Os Homens Explicam Tudo para Mim é uma exploração corajosa e incisiva de problemas que uma cultura patriarcal não reconhece, necessariamente, como problemas. Com graça e energia, e numa prosa belíssima e provocativa, Rebecca Solnit demonstra que é tanto uma figura fundamental do movimento feminista atual como uma pensadora radical e generosa.

Compre agora e leia


GREGG BRADEN
SEGREDOS DE UM
MODO ANTIGO
DE REZAR
Descubra
a linguagem poderosa
que nos liga à mente de Deus
Cultrix

Segredos de um Modo Antigo de Rezar

Braden, Gregg

9788531614248

162 páginas

Compre agora e leia

Poderiam os nossos sofrimentos mais profundos revelar a chave para uma forma de oração que se perdeu há 17 séculos? O que podemos aprender hoje do grande segredo das nossas mais veneráveis tradições? "Existem belas e impetuosas forças dentro de nós." Com essas palavras, o místico São Francisco de Assis descreveu o que antigas tradições consideravam a força mais poderosa do Universo – o poder da oração. Durante mais de 20 anos, Gregg Braden esteve procurando evidências de uma forma esquecida de oração, que se perdeu no ocidente depois das edições bíblicas realizadas nos primeiros séculos da Igreja Cristã. Na década de 1990, ele encontrou e documentou essa forma de oração, ainda

sendo usada em mosteiros remotos do Tibete central. Descobriu-a também sendo praticada em ritos sagrados nos desertos do sudoeste da América do Norte. Neste livro, Braden descreve essa antiga forma de oração feita sem palavras ou expressões externas. E, pela primeira vez em forma impressa, ele nos conduz numa jornada que tem por objetivo descobrir o que as nossas experiências mais íntimas nos dizem sobre as nossas crenças mais profundas. Com histórias ilustrativas e depoimentos pessoais, Braden revela a sabedoria desses segredos atemporais e o poder que está à espera de cada um de nós...

Compre agora e leia

Medo

Entenda e Aceite
as Inseguranças da Vida



OSHO

dicas para uma
nova maneira
de viver

Cultrix

Medo

Osho
9788531614453
224 páginas

Compre agora e leia

Osho leva o leitor passo a passo a uma jornada por tudo que faz os seres humanos terem medo, desde a reação reflexa de "lutar ou fugir" do perigo físico até os medos racionais e irracionais da nossa mente. Só levando a luz do entendimento aos cantos mais sombrios do medo, diz ele, podemos começar a nos aventurar para fora dos limites da nossa zona de conforto e aprender a conviver, e ainda apreciar, a insegurança inerente ao fato de estarmos vivos. O livro termina com uma série de experiências de meditação destinadas a ajudar os leitores a vivenciar uma nova relação com o medo e começar a vê-lo não como um obstáculo, mas como um trampolim para uma maior autoconsciência e confiança na vida.

Compre agora e leia